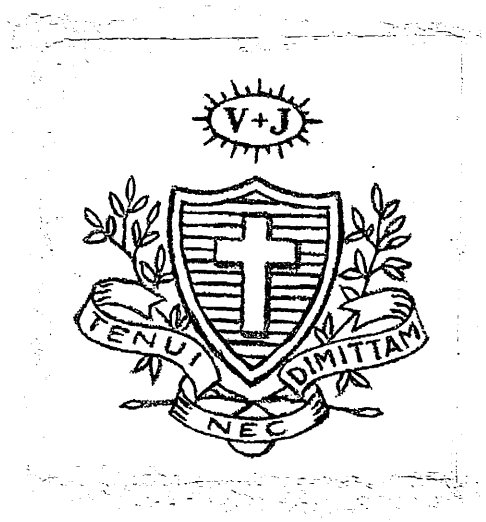
C A P Í T U L O S

do Reverendíssimo Padre LUÍS BRISSON O.S.F.S.



Capítulos 1888 - 1892

2

Paróquia Stº Antônio - Palmeira das Missões - RS - janeiro 1988

ÍNDICE - CAPÍTULOS 1888 - 1892

pág.

CAPÍTULOS 1888

A Reta Intenção - Comissões Auxiliares..... 1
O Ofício Divino..... 3
Processo de Canonização da Boa Madre - A "Vida" da Boa Madre - Nossa Aprovação - A Questão da Senhora Boursetty..... 8
O Caminho..... 19
A Paz..... 23
A Reta Intenção..... 26
O Ofício Divino..... 30
Como se deve participar da Santa Missa..... 33
O Modo de celebrar o Santíssimo Sacrifício da Missa..... 37
O Exame de Consciência - A Ação de S. Francisco de Sales no mundo.. 41
A Refeição..... 44
A Santa Missão Nossa..... 47
O Espírito da Boa Madre - O Espírito de Caridade - Abstenção da Política - A Perfeição do Estado de Vida..... 49
O Recreio..... 55
Alegria na Cruz..... 58
Renovação de Compromissos..... 61
História da nossa Aprovação - Fim do Instituto: A Vontade de Deus - Eficácia pela Santidade Pessoal..... 63
Uniformidade interior e exterior - O Traje..... 68
O Trabalho Manual..... 72
A Santificação Pessoal - A Admissão Inicial..... 77
A Atitude Exterior - A Oração pelos Noviços - Promoção Voacional... 82

CAPÍTULOS 1889

A Oração pelas Vocações - O Apego à Congregação - A União Mútua.... 86
Oração pelas Vocações - Promoção Vocacional - Os Votos..... 90
A Pobreza..... 94
A Pobreza..... 96

A Obediência..... 102
A Maneira de praticar a Obediência..... 109
A Maneira de praticar a Obediência..... 113
O Voto de Castidade..... 117
O Voto de Castidade..... 121
A Observância fiel dos Exercícios Religiosos..... 124
A Observância Externa..... 129
O Superior..... 131
O Ecônomo Geral - A Pobreza - O Respeito pelas Coisas Materiais.... 135
O Mestre de Noviços - Cultivar o Bem na Pessoa - Os Irmãos Coadjutores..... 139
As Diversas Modalidades de Apostolado..... 143
A Observância Fiel - As Diversas Modalidades de Apostolado..... 147
As Diversas Modalidades do Apostolado..... 152
A Direção Espiritual..... 155
A Direção Espiritual - Férias..... 158
Confiança e Coesão..... 162
O que se deve observar cada dia..... 165
O que se deve observar cada dia..... 168
O que se deve observar cada dia..... 170
Assimilação e Aplicação do Espírito - Espírito de Comunidade..... 173
Formação de Cristãos..... 177
Entendimento com outros Responsáveis..... 181
O Silêncio - O que se deve observar cada dia..... 185
A Prática do Diretório - A Oração de Preparação para o Dia..... 189
A Visita ao Santíssimo Sacramento..... 192
O que se deve observar cada dia..... 197

CAPÍTULOS 1890

O que se deve observar cada semana..... 201
O que se deve observar cada dia..... 205
O que se deve observar cada semana..... 209
O que se deve observar cada semana..... 213
O que se deve observar todos os meses..... 217
O que se deve observar cada ano..... 221

A maneira de agir para com nós próprios..... 225
A maneira de agir para com nós próprios..... 229
As Relações Mútuas entre os Oblatos de S. Francisco de Sales..... 231
Os Relatos dos Capítulos - Relacionamento Mútuo entre os Oblatos de S. Francisco de Sales..... 235
Relacionamento Mútuo entre os Oblatos de S. Francisco de Sales..... 239
O que se deve observar cada semana..... 243
O que se deve observar cada mês..... 248
O que se deve observar cada ano..... 251
A maneira de agir para com nós próprios..... 254
A maneira de agir para com nós próprios..... 258
O Relacionamento Mútuo entre os Oblatos de S. Francisco de Sales... 263
O Relacionamento Mútuo entre os Oblatos de S. Francisco de Sales... 266
O Relacionamento Mútuo dos Oblatos de S. Francisco de Sales..... 271
O Modo de Agir para com as Pessoas de fora..... 275
A Maneira de Agir para com as Pessoas de fora..... 279
A Maneira de Agir para com as Pessoas de fora..... 283
Dedicação..... 287
Os Doentes..... 290
Os Deveres do Instituto perante a Igreja e a Santa Sé..... 294
A Observância das Constituições em Geral..... 298
Conformidade com a Vontade de Deus..... 301
Empenho pelo Progresso da Congregação..... 304
Intenções Gerais dos Oblatos de S. Francisco de Sales..... 307
A União com Deus..... 310

CAPÍTULOS 1891

Associados..... 314
Vida de União com Deus..... 317
Costumes..... 320
O Processo da Boa Madre - Uma Palavra de Apoio e Esperança..... 323
O Processo da Boa Madre - A Quaresma..... 326
O Diretório - Intenções Gerais..... 328
Aspirações Especiais - A Humilde Glória dos Oblatos de S. Francisco de Sales..... 331

O Levantar-se - A Meditação..... 338
O nosso Método de Meditação..... 341
A Meditação..... 344
A Direção da Intenção..... 347
O Ofício Divino..... 350
O Espírito Santo..... 354
Como se deve assistir à Santa Missa..... 356
O nosso Estudo Teológico..... 359
O que se deve observar cada mês..... 363
O Zelo pelas Almas - A Caridade..... 366
Férias..... 370
A Boa Madre e os Oblatos de São Francisco de Sales..... 373
A Orientação Sobrenatural da nossa Vida..... 376
O Bem-estar social e material dos Colégios..... 379
A maneira de celebrar devotamente a Santa Missa..... 383
A maneira de celebrar a Missa..... 386
O Exame de Consciência..... 389
Fidelidade..... 394

CAPÍTULOS 1892

A Refeição..... 397
O Recreio..... 400
O Silêncio..... 404
A Tentação..... 408
O Deitar-se..... 412
A Penitência..... 416
Administrar santamente o Sacramento da Penitência..... 418
A Santa Comunhão..... 424
A Administração do Sacramento da Penitência..... 428
A Administração do Sacramento da Penitência..... 437
A maneira de administrar o Sacramento da Penitência..... 443
A Pregação..... 448
A Pregação..... 455
A Homilia..... 459
Parecer sobre o Diretório..... 463

As Missões no Cabo - A Boa Madre e o nosso Espírito..... 465
Ensinamentos muito úteis..... 470
A Promoção Vocacional..... 471
Parecer sobre o Diretório..... 475
Ensinamentos sumamente úteis..... 478
Ensinamentos sumamente úteis..... 484
Ensinamentos sumamente úteis..... 488
O Diretório e suas Conseqüências Exteriores..... 491
O Advento e a Extensão do Reino..... 494
A nossa Identificação com Cristo..... 497

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 4 DE JANEIRO DE 1888

A RETA INTENÇÃO - COMISSÕES AUXILIARES

"Os Irmãos que quiserem prosperar e fazer progresso no caminho do Senhor devem, no começo de todos os seus atos, tanto interiores como exteriores, pedir-lhe a graça e oferecer à divina bondade tudo o que fizerem de bem, preparando-se assim a suportar toda a dificuldade e mortificação que aí encontrarem. Com paz e tranqüilidade de espírito, as aceitem como provindas das mãos paternas do bom Deus e Salvador, cuja intenção santíssima é de fazer com que os Irmãos ganhem méritos, para depois recompensá-los com a abundância de seu amor." Entre nós, a reta intenção tem a finalidade de unir a alma a Deus e ao Salvador. Para o Oblato de São Francisco de Sales, a reta intenção é um grande meio de santificação, até, eu diria, o único meio. Para entrar bem nesse caminho, a reta intenção é-nos absolutamente necessária. Nalgumas Ordens religiosas, a mortificação e a pobreza serão a luz que orientará as pessoas no caminho onde o Salvador as quer; em outras Ordens, essa luz será a contemplação; para nós, repito, a tocha que deve guiar-nos através das trevas, que deve mostrar-nos o caminho para o qual o Salvador nos chama, essa luz é a reta intenção, isto é, a íntima união da nossa alma com Deus.

A pessoa que pratica fielmente a reta intenção encontra-se, afirmo-lhes, num estado de graça habitual muito particular; pois ela está como o Salvador a quer, e Deus lhe dá todas as graças, não lhe recusando nada; essa pessoa é a mais querida de todas, aos olhos de Deus.

Através da reta intenção, o religioso torna todos os atos de sua vida meritórios perante o Salvador; e São Francisco de Sales, fazendo praticar esse exercício tão frutífero, não teve outro fim a não ser o de traçar-nos o caminho da santidade. Tratemos, pois, essa reta intenção com grande respeito, amor e devoção. Sejamos fiéis a ela e corresponderemos às graças do Salvador.

Pratiquemo-la com esmero em todas as nossas ações, sejam estas agradáveis ou desagradáveis. Pois, não é o Apóstolo São Paulo que

nos diz: "Quer comais, quer bebais, ou façais qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus"? (1 Cor 10,31; cf. Col 3,17). Não é isso exatamente a reta intenção em todas as nossas ações?

Segundo a teologia, concluímos que, ao praticarmos bem esse exercício, santificamos cada um dos nossos atos, e a nossa vida inteira, que somente se compõe da seqüência de cada um desses atos, torna-se um ato contínuo de complacência para com o Salvador. Poderá haver santidade mais completa?

***

Pensei que precisava fundar a Congregação sobre bases sólidas; por isso formei várias Comissões que terão a finalidade de cuidar dos interesses gerais da Congregação, pois não é possível que o Superior Geral, nem mesmo o seu Conselho, dêem bem conta de tudo, enquanto sozinhos. Os membros dessas Comissões serão encarregados de estudar os problemas de sua competência. O Conselho, depois de informado pelas Comissões, decidirá, em última instância, o que julgar conveniente para o interesse comum.

Nomeei, pois, quatro Comissões.

A primeira trata das vocações religiosas. Ela se compõe dos Padres Rollin, Seguin e Pernin.

A segunda Comissão ocupar-se-á de tudo o que diz respeito ao Processo de Beatificação da Boa Madre e, em geral, a todas as questões que se relacionam à Santa Sé. Os Padre Rolland, Pernin e De Mayerhoffen formarão essa Comissão.

Também estabeleci uma Comissão de Finanças: os Padres Deshairs, Perrot e Lebeau fazem parte dela e ocupar-se-ão dos bens materiais da Congregação; cuidarão da manutenção e, numa palavra, tratarão de todos os assuntos financeiros.

A quarta Comissão é a dos Estudos. Esta é formada pelos Padres Rolland, Rollin, Latour e Poupard.

Que cada membro dessas Comissões colabore com toda a boa vontade possível e se desempenhe religiosamente de seu cargo, como verdadeiro Oblato de São Francisco de Sales.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE JANEIRO DE 1888

O OFÍCIO DIVINO

"Os Irmãos que não têm obrigação de rezar o Breviário, recitarão normalmente o Ofício de Nossa Senhora." Não posso recomendar suficientemente o pequeno Ofício. Está todo cheio de encanto, de piedade e de ternura. Os Irmãos que o rezam farão bem recitando-o em francês para se dar conta disso e penetrarão no sentido dos salmos, das antífonas e das leituras. É verdadeiramente magnífico. Deixa na alma uma coisa tão boa, tão agradável que, aqueles dentre nós que tiveram a oportunidade de rezá-lo nos tempos passados, devem de lembrá-lo muito bem e manter disso uma impressão indelével. Há nele uma coisa especial, uma unção, uma piedade, um não sei o quê arrebatando a alma, não só nas palavras que se pronuncia, mas particularmente na graça ligada a essas palavras. Nossa Senhora comunica aí uma graça toda maternal como só ela sabe dar, uma graça de afeição, não só "gratis dadas", como afirma em algum lugar o nosso Santo Fundador, mas das graciosíssimas e que deixam na alma um fundo de muita piedade. Certos religiosos acrescentam a seu Ofício o Ofício de Nossa Senhora; outros, o Ofício dos Defuntos, segundo as devoções das diversas Congregações. Recomendo aos Irmãos uma grande e especial devoção à recitação do pequeno Ofício. Aí nutrir-se-ão o espírito e encontrarão um maná escondido; saturar-se-ão o coração com aquela unção que Nossa senhora, marcada e nitidamente, aí depositou. Nosso Santo Fundador escolhera o pequeno Ofício para a Visitação, não só porque é o mais curto, mas sobretudo e exatamente devido à unção que ela encerra.

"Mas aqueles que não puderem rezá-lo, substituí-lo-ão da seguinte forma: no lugar das orações da Prima e Terça, da Sexta e Nona dirão doze vezes um pai-nosso e uma ave-maria e o creio, no fim. Em vez das Vésperas e Completa, sete pai-nossos e sete ave-marias, e para as Matinas e Laudes, dez." Ao todo, isso dá vinte e nove pai-nossos e ave-marias e um creio. Muita gente respeitável, a miúdo, veio perguntar-me: "Por que o Senhor não faz rezar um terço, ao invés dos pai-nossos?" Por quê? Porque é essa a idéia do nosso Santo Fundador; e isso basta; não quero que se mude. Muitas pessoas se têm santificado rezando esses

vinte e nove pai-nossos e ave-marias. Mas por que vinte e nove e não trinta? Não sei. Nosso Santo Fundador marca vinte e nove. Deve-se acreditar que há alguma coisa nos números. Sem querer exagerar, lembrem o que Santo Agostinho afirma na "Cidade de Deus", quanto aos números e a seu significado. Ele era um pouco pitagorista... Se Santo Agostinho atribuía um valor ao número, São Francisco de Sales também o fazia. Além disso, quanto ao terço, o que é que foi revelado e trazido por parte do céu para São Domingos? Por que esse número fixo? E olhem quantas graças foram ligadas a esse número determinado de pai-nossos e ave-marias. É a grande devoção da Igreja atualmente e a de Leão XIII, como a de todos os cristãos. Certamente há nisso a força do número. E nós, por que não ficar com nosso número? Por que não teríamos um terço especial para os nossos Irmãos? Contas maiores para os pai-nossos e menores para as ave-marias, e para o creio alguma coisa especial? Esse número de vinte e nove foi consagrado através de uma longa tradição. Tem servido já faz duzentos anos, com muitos frutos espirituais. Daqui a algum tempo, se a Congregação se espalhar, poder-se-á fazer enriquecer esse terço com indulgências. O terço atual data de São Domingos; mas antes dele, já havia outros terços. São Jerônimo nos relata que no deserto, os monges, como recurso para suas orações, serviam-se de correias de couro ou de cordas nas quais tinham feito um certo número de nós e rezavam usando esses terços, ao caminhar, indo e vindo, e durante o trabalho.

Fiquemos, pois, com esse número. É do nosso Fundador. Observem também: por que as novenas, os tríduos? E lembrem aquela lição do Breviário onde Santo agostinho explica o número doze, dos doze Apóstolos; é o número perfeito, porque se compõe de três e de quatro: as três Pessoas da Santíssima Trindade e as quatro partes do mundo. Manteremos, então, também nós o nosso número.

"Os Irmãos considerarão a simplicidade e a pronta obediência como lhes especialmente recomendadas; encaminhem-se, logo que o sinal para o Ofício soar, apressando-se à voz de Deus que chama... Também poderão observar esse método em todos os outros exercícios seus para vir a eles com o espírito convenientemente preparado." Há aí uma recomendação que ocupa um lugar importante, segundo as idéias do Santo Fundador. A respeito da pontualidade no Ofício, ele nos faz recomendações como para todos os outros exercícios; iguala-os ao Ofício Divino. Todos os demais exercícios, ao seu ver, têm também algo de sagrado, de venerável, de elevado. Compara-os ao próprio Ofício Divino. Cada um dos exercícios re-

ligiosos, de fato, é comparável com os sacramentais: tanto as refeições, os recreios, os estudos, como a meditação e o Ofício, todos têm uma índole santa e sagrada e todos são igualmente santificantes para a alma. Desde que são mandados pela Regra e, portanto, são expressão da Vontade de Deus, qualquer um deles é o que há de mais santo. São Luís Gonzaga, no Colégio romano, estava jogando xadrez com um personagem importante, durante o recreio. - "O que fariam se recebessem o aviso de que dentro de quinze minutos iriam morrer?" - perguntou-se aos jovens noviços. Um respondia uma coisa, outro afirmava outra. - "E você, Irmão Luís?" - "Ficaria onde estou e continuaria a jogar, porque estou onde a Regra , conseqüentemente, onde o próprio Deus me quer.

Sirvamo-nos desse pensamento para ajudar-nos à prontidão na obediência em cada ação e aproveitemos o ensinamento de São Bernardo que nos ajudará para isso.

"Nos exercícios que dizem respeito imediatamente à honra e ao serviço de Deus, precisa-se um espírito humilde, humilhado, grave, devoto e seriamente piedoso." Não basta que o nosso espírito tenha esses sentimentos, mas o próprio corpo nisso participe. Tenhamos um porte muito condizente. É praxe que não nos apoiemos na igreja, a menos que estejamos doentes; pois não nos firmamos nos cotovelos, mas mantemos o corpo reto, quando ajoelhados. Sentados, não nos arrimamos no encosto da cadeira. Observemos isso cuidadosamente, especialmente durante a preparação à santa Missa e durante a ação de graças. Não cruzemos as pernas ao estarmos ajoelhados. Mantenhamo-nos sempre numa posição muito conveniente. O soldado que está de sentinela na frente da porta do príncipe observa a postura adequada. Os pajens que rodeiam o rei durante a sagração deste, devem, segundo o cerimonial, permanecer imóveis, sem mexer-se, de corpo duro, feitos umas estátuas. Durante a sagração de Carlos X, três desmaiaram que não conseguiram suportar a fadiga dessa continência exagerada.

Que os Oblatos se distingam através de sua conduta modesta e conveniente. Não se ponha as mãos no bolso, que se caminhe normalmente, sem esticar as costas, nem bambolear-se. Não tenhamos tampouco uma conduta rija, do tipo inglês, mas, mais uma vez, simples, conveniente, modesta, que inspira respeito.

Essa atitude devemos assumi-la, sobretudo na oração; esses defeitos que assinalei devemos evitá-los sobretudo na igreja.

"Um espírito humilde." É muito desejável que pratiquemos essa virtude da humildade. Essa virtude não consiste somente em ter conceitos modestos sobre si mesmo... Não é tão fácil de explicar... É antes de mais nada a respeito do próximo, em relação a ele que devemos praticar a humildade. Não se deve imitar aquela senhora que meditava sobre a paciência e que, irritada pelo fato de a empregada vir incomodá-la, lhe deu um sopapo. Pode-se fazer longas meditações sobre a humildade e não por isso ficar mais humilde, sobretudo em nossas relações com o próximo. Importa aceitar os outros tais como são - não tendo responsabilidade sobre eles - tais como o bom Deus os fez. Cada um tem seu lado bom e seus aspetos imperfeitos; não reparemos estes últimos; nunca recusemos a nossa estima ao próximo. Sejam quais forem as misérias do nosso próximo, não nos comparemos nunca com ele, dizendo: Sou melhor do que ele. Isso desagrada sobremodo ao bom Deus. O Evangelho recriminou essa falta numa parábola notável (cf. Mt 7,1-5). É necessário manter-nos nessa disposição habitual, em relação ao próximo. E, chegando para rezar o Ofício, não estando mais ao lado do próximo, mas sim frente a Deus, então sobretudo se vê bem o que se vale, o que a gente é, mais ainda o que seria, se Deus não nos tivesse rodeado com a sua graça. Ser humilde é colocar-se no lugar que a gente deve ocupar, na verdade, conhecendo-nos bem e avaliando acertadamente a nós mesmos. Se houver algo de bom em nós, quem o colocou? (cf. 1 Cor 4,7). Não é propriamente nosso; nada podemos fazer sem a graça (cf. Lc 12,27.28; 17,9). Se tivermos alguma coisa a mais que os outros, é uma razão para humilhar-nos ainda mais, para descer um tanto mais. Quanto mais nos foi doado, tanto mais nos será exigido (cf. Lc 12,48). Quanto mais descermos, mais também receberemos: Quia respexit humilitatem ancillae sua (Lc 1,48) (Porque olhou para a baixeza de sua serva), a profundidade, a humildade, o aniquilamento de Nossa senhora, e fecit mihi magna qui potens est (Lc 1,49) (fez em mim grandes coisas o Todo-Poderoso). Devemos ter esses sentimentos. Esses devem nos acompanhar e seguir-nos em toda a parte. Teremos, então, o verdadeiro espírito **"humilde, modesto, grave"**. É suficiente ver as coisas nas suas proporções verídicas. **"Devoto"**. A devoção segue necessariamente a humildade. **"Seriamente piedoso"**. Não será uma piedade superficial, leviana, ridícula, esquisita; não, estará fundamentada sobre a doutrina; os exercícios religiosos encontrar-nos-ão bem recolhidos e todos dispostos à Vontade de Deus.

"Antes de iniciar o Ofício, portanto, os Irmãos incitarão o espírito a afetos parecidos; depois do ato de adoração, oferecerão a Nosso Senhor este ato em sua honra, para a glória da Bem-aventurada Virgem, Nossa Senhora e Mestra, e para a salvação de todas as criaturas." Eis um dizer especial: **"para a salvação de todas as criaturas"**. Rezemos nosso Ofício, não só por nós, pela Congregação, pela Igreja, mas por tudo o que é criado. Não só pelas criaturas inteligentes, mas por todas as criaturas. Em nossa oração, intercedemos não só pelo mundo sobrenatural, mas também pelo mundo natural e por tudo o que existe; pedimos que tudo isso, que todo o criado chegue ao fim, querido por Deus. O Ofício, portanto, associa-nos à atividade dos anjos, faz-nos cooperar em tudo o que Deus opera, na ordem sobrenatural e na ordem natural. Eis por que o benefício estava ligado, na Igreja, à recitação do Ofício. A entrega era feita no coro; e somente os religiosos e os beneficiários eram obrigados ao Ofício. Observem a união que existe na realidade entre a ordem espiritual e sobrenatural, e a ordem temporal. Rezemos não somente para a glória de Deus, mas para o bem-estar de todas as coisas criadas, de tudo aquilo que Deus faz. Olhem ainda uma vez a importância do Ofício. Ele nos faz ocupar o nosso lugar, a saber um lugar de honra na ordem estabelecida por Deus no mundo.

Entremos no plano divino e contribuamos para a conservação do que Deus criou. Rezemos, pois, com muito respeito o nosso Ofício, seja qual for, quer o Ofício dos pai-nossos, quer o pequeno Ofício de Nossa Senhora, ou o grande Ofício. A próxima vez, veremos como se deve rezá-lo.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE FEVEREIRO DE 1888

PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DA BOA MADRE
A "VIDA" DA BOA MADRE
NOSSA APROVAÇÃO - A QUESTÃO DA SENHORA BOURSETTY

Meus Amigos, domingo passado, contei aos alunos diversas coisas para pô-los a par da situação e dos resultados de minha viagem a Roma. Não lhes disse tudo e os Senhores não estavam em casa. Acho necessário voltar ao assunto mais extensivamente. As questões pendentes em Roma e que me levaram a empreender a viagem são quatro: a canonização da Boa Madre, o livro de sua Vida, nossa aprovação e a questão da Srª Boursetty.

* * *

O assunto da canonização da Boa Madre tem andado, até agora, em condições favoráveis. Em Roma, os trabalhos atuais consistem na tradução para o italiano dos diferentes processos dos Bispos locais. Acredito que os processos de Paris, de Friburgo e de Bâle estejam traduzidos e que só falta a tradução do processo de Troyes. O Padre Rolland, na qualidade de presidente da Comissão da Causa de Beatificação, está encarregado de ir ativamente atrás desse assunto; deverá, quanto antes, pôr-se em contato com o Postulador da Causa, em Roma. Não pude visitá-lo durante a minha viagem; ele se encontrava na França, naquele tempo. O Padre Rolland deve escrever-lhe para apressar as coisas.

Encontrei, em Roma, Dom Mermillod que me disse que seria bom pensar agora nos "postulata" ou cartas de recomendação ao Santo Padre. Isso já foi feito pelos Bispos da Suiça. Recomendou-me, quanto aos Bispos da França, não deixar com que cada um em particular elabore esse "postulatum", mas enviar a cada Bispo um modelo idêntico para assinarem. O Padre P. procurará uma fórmula conveniente, em latim, alguma coisa breve e clara, na qual serão expostos, sucintamente, os motivos da instância apresentada em Roma.

A gente ocupar-se-á, ativamente, também dos "postulata" da Visitação. Mais outras pessoas virão em ajuda: há um rei, figuras importantes, altos personagens da Corte de Baviera que poderão mandar sua petição à parte. Dom Mermillod dizia-me que era simplesmente um assunto

de formalidade; nem se lê essas súplicas, mas é necessário fazê-las. O que importa continuar é o trabalho das traduções; há pressa com isso. Em Roma, visitei o nosso advogado. Não há por que duvidar sobre o bom andamento dessa causa.

Pedi a Com Mermillod para que falasse com o Papa sobre isso e fizesse instâncias para a Beatificação da Boa Madre: - Amanhã o Papa nos receberá - respondeu-me; - meu requerimento já está escrito e foi entregue ao Papa, faz dois dias. Não posso acrescentar nada, pois tudo deve ser submetido ao Papa com antecipação; sinto muito. - Só pode ser que ele refletiu durante a noite e mudou de idéia, pois modificou o texto do seu requerimento, inserindo o pedido formal da Beatificação da Boa Madre. Os suíços presentes à romaria resolveram, naquele momento, organizar uma comissão para solicitar "postulata", por toda a parte. Vi Dom Mermillod após a audiência: - O Papa acaba de me dizer que fui muito eloqüente; mas - acrescentou - por que não me destes antes o que me escrevestes no vosso requerimento? Eu teria respondido a tudo. - Foi uma observação bem graciosa do Papa que assim se desculpava por não ter falado sobre a Boa Madre na sua resposta, porque não tinha sido avisado de que se trataria dela.

O Cardeal Relator, o Cardel Vigário, está inteiramente devotado à Causa. Os Senhores sabem o que ele me disse na minha última viagem e estão a par da dedicação à Causa que me prodigalizou. Ele e os outros Cardeais ficaram muito satisfeitos com os retratos que lhes foram enviados da Visitação.

* * *

Quanto ao livro, os Senhores sabem que recebi, no mês de julho, uma carta da Congregação do Índice na qual se declarava que ninguém tinha o direito de censurar esse livro e que, estando a apreciação dos fatos sobrenaturais submetida à Santa Sé, ninguém pode condená-lo, a não ser a Santa Sé. A Congregação do Índice assegurou-me, com maior ênfase do que nunca, que o livro está incontestável.

* * *

Em relação à aprovação das nossas Constituições, formou-se, no mês passado, em Roma, uma espécie de coalizão para fazer com que a Santa Sé revogue sua decisão. Diversas personagens eminentes julgaram que deviam envolver-se na questão e esse assunto causou muito barulho em Roma. Houve iniciativas insistentes junto ao Papa procurando a ade-

são dele ao movimento. Respondeu-se, em Roma, que não se voltava ao que já tinha sido resolvido com conhecimento de causa, e não se voltou, apesar do barulho feito a respeito e não obstante as delegações de Bispos e Cardeais. As Congregações ficaram firmes e censuraram, através de uma ata oficial, a conduta dos queixosos. Como todo o passado deve ser esquecido, não voltarei mais a tratar desse assunto. Nossos Padres não sabiam dessa ata?... Não?... Tive que enviá-la a todos os Bispos da França. O conteúdo desse documento era que a oposição de alguns não impedia o valor das aprovações dadas e, além disso, que nenhuma acusação séria tinha sido formulada contra nós. Em suma, nós fomos vitoriosos inteira e absolutamente. Em si, essa luta não foi séria. Os que a tinham começado, ignoravam completamente a questão e não nos conheciam de forma alguma. Como a árvore, quando sacudida, lança em número maior e mais profundamente suas raízes, assim todas essas provações só tiveram o resultado de fortalecer-nos mais. Chegou-se a dizer que era absolutamente necessário, para o bem da Igreja, anular a aprovação concedida, e essa solicitação insistente apoiava-se sobre motivos não bem defenidos. Isso já foi muita coisa.

Acrescento, nesse contexto, que recebi da Congregação testemunhos de profundo afeto e estima e eis a conclusão de tudo isso, que me foi dada por um eminente Prelado: - Padre, a Congregação que vós fundastes prestou grandíssimos serviços à Igreja. Ela tem bases sólidas que não se encontram em outros lugares. Bem podereis ainda encontrar provações, mas estai certo de que vossa Obra se estenderá e produzirá um bem imenso. Isso vem de Deus, não pode haver maneira mais evidente.
Isso me foi dito na presença do Padre Deshairs

* * *

O assunto da Senhora Boursetty. Agora que a paz se estabeleceu, posso falar mais livremente. Cheguei a Roma com a intenção bem determinada de não começar um processo, de não pleitear. O Bispo de Troyes tinha tomado suas medidas: trouxera um dossiê extenso, tinha entrado em contato direto com um advogado. Tudo ia ser impresso, traduzido e distribuído a todo o mundo. Ele me atacava por dois lados: queria que lhe rendesse conta do dinheiro que me foi dado e ele afirmava que eu o tinha caluniado e reclamava, por esse motivo, contra mim todas as censuras da Igreja. Esta última acusação é muito estranha, eu nunca disse nada dele, a não ser algumas palavras aqui; tenho a obrigação, pois, de manter a comunidade a par do que lhe interessa de tão perto. Ele, pelo con-

trário, não teve receio de tornar público e de comunicar a todo o clero documentos que ninguém deveria conhecer, a não ser a Igreja; e isso provocou um grande escândalo em toda a diocese de Troyes.

A devolução do dinheiro da Senhora Boursetty e a imposição de punições canônicas por tê-lo caluniado, esse foi o duplo resultado que ele esperava do processo. Quando vi isso, eu logo disse: - Não pleitearei, não quero advogado... Sou filho da Igreja; o Papa é meu Pai; apelo ao julgamento dele e submeto-me de todo o coração à sua decisão.

- Mas não é o Papa que vos julgará - responderam-me. - O assunto está nas mãos dos Tribunais e cabe aos Tribunais pronunciar-se.

Eu não queria tribunais, nem pleitos, porque previa um escândalo espantoso. Essa minha decisão de aceitar a decisão do Papa, sem fazer processo, foi sumamente bem acolhida pela Congregação. O Cardeal que devia julgar, vendo com agrado que eu não queria processo, disse-me então: - Quereis um encontro com o Bispo de Troyes para explicarem-se mutuamente, cada um apresentando suas razões e tentando uma conciliação?

- Com muito prazer, Eminência!

Era sábado; a reunião se deu segunda-feira. O Bispo de Troyes tinha preparado um arranjo.

Eu não tinha visto ainda o Bispo. Chegando em Roma, tinha o visitado; ele retribuira a visita, mas não nos encontramos.

Chegando em casa, sábado ao meio dia, encontrei um dos secretários da Congregação que me disse: - Trago-vos os documentos do processo que o Bispo de Troyes quer fazer-vos, para que tomeis conhecimento disso.

- Não quero. Quero entender-me a todo o custo; não quero encontrar nesse dossiê coisas que me entristeceriam e me dificultariam a reconciliação.

O secretário insistiu: - Seria talvez necessário que tomásseis conhecimento das reclamações contra vós.

- Leve-o de volta, não quero saber disso!

- Mas é por ordem do Cardeal que vos trago este dossiê, que não deveria, como todos os outros documentos, sair nunca do ambiente da Sagrada Congregação...

O Padre Deshairs insistia e queria tomar conhecimento. O secretário foi mais longe ainda: - Seria conveniente folheardes o dossiê na sua totalidade e conhecerdes todas as peças relativas ao processo;

isso ser-vos-ia muito útil, veríeis de que se vos acusam...

O Padre Deshairs desejava muito ver tudo isso. Continha tudo o que o Bispo fizera ou tinha mandado fazer contra nós.

O Padre Deshairs dá uma olhada e logo vejo que fica branco como a cal da parede: - Só o diabo pode fazer coisas assim!

Leio, por minha vez, e começo a rir às gargalhadas. Essa leitura me fez um bem imenso. Muitas vezes eu experimentara, durante esse litígio, não ódio ou ressentimento, não, graças a Deus, mas muita pena e tristeza. Tudo isso desapareceu, quando vi de que se me acusava. Se o Bispo B... me tratava de ladrão e dizia, para reforçar sua acusação, que eu pus a torre da catedral no bolso, como é que querem que eu me agite e lhe guarde rancor? Ora, todas as acusações levantadas contra minha pessoa eram desse porte. Como fiquei satisfeito, então, pela atitude tomada de não querer processo. Todos esses debates, uma vez processados seriamente, essas acusações reveladas e sustentadas, teriam ocasionado um processo escandaloso e verdadeiramente horroroso. Teria sido necessário, depois, processar os caluniadores e isso levaria ao criminoso: teria sido espantoso.

Meus amigos, tudo isso forneceu-me uma experiência que não tinha ainda com respeito a nosso pobre ser humano. Desejo que esta reflexão lhes sirva e por essa razão é que lhes estou contando tudo isso. Quando forem atacados, coloquem-se do lado de Deus, pois nada têm a esperar dos homens; pelo contrário, as coisas mais inesperadas podem lhes sobrevir por parte deles. "Homo sum, nihil humani alienum puto" (sou homem, e de todo o humano me considero capaz): cuidemos para não nos deixar nunca levar pela paixão. Admitamos e aceitemos o fato de que os homens são capazes de tudo, sujeitos a cair em todas as tentações possíveis. Declaro oficialmente que, após aquele momento, não tenho mais o mínimo desgosto no coração contra todos aqueles que me acusaram nessas últimas questões. Vi o dossiê, fornecido pelo Cardeal S...; querem saber em que se apóiam todos os ataques? Invariavelmente é a mesma fórmula: - Mas sendo que o Bispo de Troyes diz que não é verdade...! Chegamos a contar, o Padre Deshairs e eu, encontrando essa prova quinze vezes seguidas. Afirmo, portanto: fiquei satisfeito e consolado por passar por essas peças; isso completou minha experiência e minha filosofia, não me ficando o mínimo restinho de desgosto ou dissabor contra qualquer um dos que contribuíram para essas questões. Estou de coração tão livre

em relação a eles, como estou, neste momento, a respeito de cada um dos Senhores..., inclusive o Padre Latour!...

Finalmente, o momento solene chegou. Comparecemos diante da Congregação, o Padre Deshairs e eu, de um lado, o Bispo e o Padre D..., seu secretário, do outro lado. O Bispo começa imediatamente o ataque:

- Padre Brisson, vós me caluniastes!

E aí cai numa espécie de ataque nervoso.

- Exijo que me peça perdão.

- Excelência, não há por que pedir-vos perdão e não vo-lo pedirei nunca. Foi vossa Excelência que me insultou nas cartas que escreveu a todos os Bispos da França.

Então, ele me recrimina uma frase que eu tinha escrito à Sagrada Congregação, nestes termos: - Lamento vivamente que o Bispo de Troyes, em suas cartas que escreveu à Sagrada Congregação, não tivesse mais cuidad com a verdade, pois há pelo menos vinte assuntos inexatos que encontro nelas...

- Vós me tratais de mentiroso, ofendendo-me!

Não respondo nada; os Cardeais não dizem nada; olham para mim e eu, para eles como para dizer: - Não estou compreendendo bem o valor desse ataque a toda a brida... Ele continua da mesma forma e apresenta uma outra acusação mor que o irrita muito. Um dia, eu me opus a que ele recebesse, no seu palácio, religiosas cujos votos ele tinha recebido pela manhã e às quais ele queria dizer que seus votos não as obrigavam. Ele estava muito indignado também porque eu tinha dito que, certamente, ele teria sempre entrada livre no orfanato, mas sob meu controle. Nisso viu um ataque contra seus costumes e se enfureceu tremendamente...

- Não, Excelência - diziam-lhe os secretários da Congregação - não, não significa isso...

- Eu acreditava que devia dizer ao nosso Santo Padre, o Papa, o que a minha consciência me exigia; mas nunca tive a intenção de insultar o Bispo de Troyes. Se o Bispo se queixa de que certas coisas se espalharam, quem é que tem a culpa? É ele que fez contar e comentar tudo isso frente a todos os padres de sua Diocese.

Neste ponto, o Padre Deshairs, no fim de sua paciência, disse: - Mas foi o nosso Padre que foi insultado por vós, perante todos os Bispos e perante todos os Padres de vossa Diocese; volto a acusação contra vós. O que o nosso Padre disse ao Papa, não o tinha dito a nós; nós não sabíamos nada dessas coisas e vós as dissestes a toda a vossa Diocese.

vós escrevestes a todos os Bispos uma carta onde apresentáveis nosso Padre como um velhaco, um hipócrita, um mentiroso...

O Cardeal, vendo que as coisas se envenenavam, tentou pará-lo:

- Calai-vos! Pois digo: calai-vos.

E, virando-se para mim: - O que pensais?

- Tudo o que disserdes, estará bem dito e eu estarei satisfeito; mas, peço-vos, que se acabe tudo isso e que a questão seja totalmente eliminada.

- Quereis terminar isso hoje?

- Sim, hoje.

- Esta manhã?

- Esta manhã, conjuro-vos; já são doze anos que isso tem durado.

- Pois bem - disse então o Cardeal - quem é que assume o orfanato?

- Eu - disse o Bispo.

- Mas, vossa Excelência - respondi eu - o orfanato deve de ter trinta e sete crianças, mais outras três devido à nova casa, e tudo isso com tais e tais condições...

- As condições serão atendidas.

- Mas, como vossa Excelência fará?

- Isto não é de vossa conta - disse-me o idoso Cardeal - desde que ele quer encarregar-se.

- Mas ele não conseguirá.

- Precisais de calar-vos; isso não vos diz respeito; deixe isso com ele!

- Peço-vos para poder insistir, Eminência, mas desejo que a obra se mantenha...

- Isto não é mais de vossa conta, portanto não tendes mais o que desejar!

- Bem, o Senhor Bispo não me fará mais guerra?

- Não - gritou ele - prometo afeto e proteção ao Padre Brisson, a suas Obras, aos Oblatos e às Oblatas, em relação a tudo que fazem e tudo o que fizerem!...

- Excelência, isso é lindo demais!...

Todo o Tribunal riu.

O Bispo toma, então, o seu papel e diz sob quais condições ele assume o orfanato. Assume-o tal como está. Pagará as despesas que se tem feito, importando essas 25 mil francos; mas pede para que eu dê uma quantia que seria fixada com base na prestação de contas que eu fiz

e reconheci perante o procurador judicial e o advogado dele.

- Isso não, Excelência.

O Bispo insiste.

- Vossa Excelência está falando de contas; não houve contas a prestar. Quando, antes da morte da Senhora Boursetty, um tabelião e um procurador vieram, por parte dela, dizer-me que devolvesse os 300 mil francos, o procurador judicial da Senhora Paris perguntou-me, no decorrer da conversação, quem era a Senhora Boursetty; ele não a conhecia e não sabia nada do assunto... Consultei o nosso Conselho, visitei homens da lei. Como é provável que haverá um testamento contra o Senhor, disseram-me, convém tomar uma posição, e, frente ao tribunal que julgar, o Senhor será como o "rerum gestor" (intendente) da quantia que lhe foi confiada pela Senhora Boursetty. Fiz, então, uma relação financeira para poder responder ao tribunal civil, mas em consciência e perante a lei canônica, não tenho contas a prestar e não as presto a seja quem for. O dinheiro é meu e não admito contas.

O presidente do tribunal olha para mim: - Mas vós dareis, mesmo assim, um pouco de dinheiro, nos primeiros anos?...

- Quereis que eu dê 50 mil francos?

O Cardeal, então, levantando a voz, dirige-se a Bispo: - Quereis 50 mil francos?

- Quero 70 mil.

Depois abaixa para 68, até 60 mil francos.

O Cardeal consulta-me, mais uma vez, baixinho.

- Entregarei a decisão à palavra de vossa Eminência.

- Se colocássemos 55 mil?

- Concordo, Eminência.

Ficou então em 55 mil, mas pagáveis em quantos anos? O Bispo queria em quatro anos e eu, em sete; ficou combinado para cinco anos. Foi nesse momento que o Padre Deshairs me puxou pela manga, sussurrando:

- Vós tendes o ar demasiado contente! Ajeitai um pouco vosso aspeto, de acordo com a circunstância; senão isso vai estragar tudo!

De fato, eu estava muito contente, pois o resultado superou muito o que eu pretendia propor: tomar o orfanato, com 50 mil francos de despesas de um lado e 30 mil do outro lado, perfazendo 80 mil. Eu via que com isso, sem pagar nada, iríamos fazer uma economia de 15 mil por ano, sobre o que nos custou o orfanato. Por isso que o Padre Deshairs me disse baixinho: O Bispo voltará ao que foi resolvido; procurai,

pois, mostrar uma outra atitude!

Tudo estava concluído; só faltava encerrar com uma pequena frase final, para dar um pouco de satisfação ao Bispo, da qual fazia questão: - Quero que conste que o Padre Brisson me pediu perdão.

- Excelência, já tive a honra de dizer-vos que jamais vos pedirei perdão!

Daí o Padre Deshairs se encolerizou: - Vossa Excelência está invertindo os papéis! Cabe a vós perdir perdão, pois fostes vós que caluniastes o nosso Padre!

- Calai-vos, calai-vos - dizia o Cardeal ancião, vou pô-lo para fora.

Finalmente, se chegou a um entendimento e a frase redigida ficou assim: "O Padre Brisson declara que nunca teve a intenção de caluniar nem de injuriar o Bispo de Troyes. Mas, se no decorrer dos debates, alguma palavra lhe pudesse ter escapado contrária à honra e à dignidade episcopal, declara retratá-la."

O Bispo queria que ainda se escrevesse isto e aquilo; o secretário, o Padre D... se intrometeu; o Padre Deshairs rebateu; fizeram-nos calar...

- E vós, o que pensais? - perguntou-me o Presidente.

- Eminência, que se escreva tudo o que se quiser, menos que eu peço perdão, o resto me é totalmente indiferente.

Ficou nisso.

- Mas - disse eu ao Cardeal - isso vai ser documentado, muito bem; e se, de volta na França, o Bispo ou eu, não fizermos caso?

- Não vos preocupeis, vamos fazer com que ele assine tudo.

De fato, ele assinou.

O Bispo, então, levantou-se solenemente, fazendo as coisas com grandeza. - Agora, Eminência, o que falta fazer? Só me resta abraçar de coração o Padre Brisson!...

E abraçamo-nos mutuamente. Foi uma cena comovente e magnífica.

Foi essa a história.

Daí, a Congregação tem atualmente 15 mil francos a menos de gasto por ano. Ligo pouco a glória e o que se possa dizer sobre isso; mais aprecio as cifras. Minha viagem a Roma teve, portanto, um bom resultado.

Em Roma, todos nos manifestaram o mais vivo afeto. Vendo que

eu não queria pleitear e que desejava arranjar as coisas, todo o mundo ficou em nosso favor.

- É preciso visitar o Papa agora - disseram-me na Congregação - ide dizer-lhe que a paz se concretizou.

Mas não foi fácil visitar o Papa em particular. Duas vezes o vimos numa audiência geral e uma vez numa audiência semi-privada. Não creio que, entre todos os Bispos que estiveram em Roma neste inverno, haja muitos que foram mais privilegiados do que nós. Na primeira vez, fomos recebidos junto com as Conferências de São Vicente de Paulo. O Papa foi magnífico na resposta que fez à mensagem que lhe foi lida. No dia seguinte, tivemos uma audiência mais particular; estavam presentes o pároco de M... e três Padres de Dijon, entre os quais o Padre Ch... que pôde entrar graças a meu cartão: até o dia antes de sair de Roma não conseguira visitar o Papa. Colocaram-nos de lado, o Padre Deshairs e eu, no vão de uma porta. O Papa deixou tudo e veio até nós. Ele estava muito cansado: - Ó Padre Brisson - me disse - vós sois o homem da paz; isso é bom! Fazei bem tudo o que puderdes para que a paz seja mantida e que ela seja séria.

O Papa era tão bom que eu esquecia que era o Papa e não lhe pedi a benção; eu estava ali como se estivesse ao lado do Padre Gilbert.

À noite, jantamos na casa do Coronel dos guardas papais, com Dom Mermillod e muitos oficiais da guarda do Santo Padre. Dom Mermillod foi muito bom. Estava muito contente da nossa conciliação.

- É - ele me disse - uma coisa boa e feliz.

Naquele dia, tive um só contratempo, isso é, o capelão da guarda pontifícia, saindo da mesa, enganou-se e levou meu chapéu novo, deixando-me um velho com o qual fui obrigado a fazer todas as minhas visitas.

Recomendo-lhes a maior discrição sobre tudo o que acabo de dizer-lhes. Tive que dizê-lo à comunidade, mas que isso fique por aqui. Façam como eu fiz. Esqueci-me de tudo; de minha parte a reconciliação é perfeita. Não me sobrou um miligrama de peso no coração. E, repito, é a leitura que realizei de tudo o que se escreveu contra mim que mais me ajudou a afastar qualquer desgosto e a melhor entender a natureza humana. O que de mim se dizia era tão incrível. Tratavam-me de ladrão, de mentiroso, de sacerdote escandaloso. Desde a minha admissão às Ordens Menores, parece que sou o escândalo da Diocese. E tudo isso foi escrito e assinado por homens que rodeiam o Bispo. Que lição de filosofia prática!

Quando a gente fica velho e se tem a cabeça enfraquecida, então o homem é uma coisa engraçada, capaz de coisas bem estranhas. Que isso nos sirva para o futuro. Desconfiemos de nós mesmos e admitamos que o homem é capaz de fazer qualquer tipo de coisas, com toda a verdade. No caso que lhe contem coisas que lhe sobem na imaginação, sendo uma imaginação enfraquecida e o coração não sendo forte, enquanto principalmente o estômago é sensível - e isso é facilmente o lugar vulnerável: primo vivere, deinde bene vivere (primeiro viver e depois viver bem) - se cativa esse homem por aí e se manda ele fazer muitas coisas. Tudo isso que acabo de dizer, essas ponderações que estou lhes fazendo devem ficar entre nós, pois tudo está esquecido.

Em síntese, nossa viagem foi abençoada. Tivemos como comensais, onde nos hospedamos, os nossos melhores amigos da Suiça. Sempre encontramos tudo como se desejava. Em dez dias, fizemos o trabalho de dez meses, de dez anos.

Em tudo, eu quis pedir conselho à Boa Madre, como faço sempre. Quando tudo estava terminado, tive uma conversa prolongada com ela como jamais depois de sua morte. Ela me parecia sumamente contente de que tudo estivesse arrumado; assim ela teria feito ela mesma. Cumprimos bem com as suas intenções e Deus continuará abençoando-nos como o predizia o excelente prelado cujas palavras, há pouco, citei.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE MARÇO DE 1888

O CAMINHO

Hoje, em vez de tomar o Diretório para explicar um dos seus capítulos, acho que seria mais acertado falar-lhes sobre minhas viagens, sobre o que encontrei a respeito do espírito, das graças da Madre Maria de Sales. Parece-me mais oportuno levar os Senhores mais do que nunca ao apego a este fundo, que para nós deve ser a base da nossa doutrina espiritual, de tanta aplicação prática. Numa palavra, hoje vou falar-lhes sobre o que a Boa Madre intitulava de "o caminho".

Pode-se interpretar o Evangelho de modos diferentes, em vários sentidos, pois há no Evangelho o aspeto doutrinal, a visão moral, a aplicação pessoal. Por essa palavra de "caminho" também pode-se entender diversas coisas, sujeita como está a explicações diversas. A Boa Madre, falando sobre "o caminho", entendia muitas vezes seu próprio caminho pessoal e particular, os dons especiais que ela recebia de Deus, as graças que ela recolhia, não somente para ela, mas para todos aqueles e aquelas que entrariam generosa e corajosamente nesse caminho e o seguiriam até o fim. É uma promessa que ela fez às almas generosas, promessa esta na qual devemos acreditar; eu creio nela total e absolutamente. Isso vale para cada um em particular.

Agora é bem verdade que, segundo a nossa vocação, somos nós especialmente os encarregados de assentar esse caminho, fazendo com que outros entrem nele por atrairmos as pessoas para as quais Deus o destinou desde toda a eternidade. Essas palavras eu lhas digo não como palavras misteriosas, mas falo às claras, enquanto, sem dúvida, isso não se conte aos quatro ventos: muita gente escandalizar-se-ia, ficariam admirados não entendendo esse caminho. Mas falemos sobre isso com toda a prudência e discrição, enquanto muito conscientes de que há nele uma graça especial, uma graça de escol, à qual nós somos chamados e à qual estamos encarregados de chamar os outros. Eu lhes digo isso, pois vejo que as almas se dirigem a nós, atraídas por esse fundo, por essa graça, muito convencidas como estão desta grande verdade que, nas coisas que a Madre Maria de Sales disse, há visões, percepções e graças ainda não experimentadas por elas. Muitos me disseram: É isso que eu pressentia e necessi-

tava; não estava definido e claro, mas este modo de ser e viver era uma verdadeira necessidade que experimentávamos e nenhum livro, direção alguma podia satisfazer essa precisão inata que sentíamos sem nos dar conta.

Essa graça é tão grande, tão divina que, sejam quem forem, padres, religiosos, homens ou mulheres do mundo, entregando-se a esse caminho, não experimentam o que lhes acontece ao ler a vida de uma santa, desanimando-se, enquanto dizem: Não posso imitar isso, minha condição é diferente, isso me é impossível. Lendo a Vida da Boa Madre, cada um se acha seguro de sua salvação e vê que é capaz na situação em que se encontra, e isso é um sinal de graça especial. Nenhum Fundador de Ordem, Padre da Igreja algum a não ser São Francisco de Sales, jamais tratou dessa questão. Todos os que falaram sobre a perfeição, sobre a vida perfeita, atribuem essa perfeição a tal ou tal estado, enquanto a Boa Madre não admite que seja quem for não possa chegar à mais elevada perfeição, independente de sua vocação e do seu lugar no mundo. É uma revelação muito importante na Igreja e que atrai uma quantidade de pessoas que sentem a necessidade de pertencer a Deus e de viver segundo Deus.

Desejo que se compreenda bem isso e, se não sou claro, que me façam perguntas.

Essa graça não deve ser a partilha de umas poucas pessoas; mas todos os que querem pertencer ao bom Deus sentirão isso, compreende-lo-ão e chegarão à perfeição como a dos maiores santos, cada um no seu estado.

É isso nosso patrimônio espiritual. Como todos os homens são humanos, também na ação o humano se faz sentir. Sem dúvida, em qualquer outro modo de fazer, o homem está bem mais presente, ele age, opera, é eficaz. Fala-se aos outros em zelo, em apostolado; ergue-se assim os ânimos: a ação do homem é eficaz e leva a resultados consideráveis. No caminho da Boa Madre, o meio de ação é uma grande fidelidade pessoal, a fidelidade de cada um, e essa só é que opera. Caminhamos num terreno onde a ação humana desaparece por completo - ou melhor - a ação humana não desaparece, uma vez que assume a forma de fidelidade e que é esta que opera.

A Boa Madre não se lançou agindo e falando; ela viveu na clausura; e a multidão acorre a ela e quer compreendê-la; em que consiste a atividade dela? Na sua vida especial, particular, de fidelidade a Deus. Nós, seus filhos, operaremos do mesmo modo, pela nossa fidelidade.

Atuaremos cada um segundo o grau que o bom Deus quiser. Quem não compreende muito de tudo isso e tem dificuldade em crê-lo e acompanhá-lo, eu posso entender bem a ele; eu, pessoalmente, nunca teria querido acreditar nisso tampouco; mas que ele aja então com fidelidade, cumprindo a Regra, obedecendo com pontualidade. Num relógio há engrenagens que se movem lentamente, que fazem só uma volta por dia, no entanto são necessárias e cooperam no movimento geral. Cada um de nós, no seu cantinho, mesmo em meio a sua miséria, será constante e generosamente fiel e todos faremos a obra de Deus.

Recebi, na minha viagem, testemunhos que me impressionaram vivamente. Não acreditava que gente do mundo, que se dedicam aos negócios, à política, pudessem entrar nessas finezas de Deus de um modo tão completo; e muitos chegam lá pela fidelidade.

Olhem o que se passa na região do Cabo. Recebi uma longa carta do Padre Simon e vejo mais uma vez que o que realizará alguma coisa no Cabo, como em toda a parte, é a fidelidade às graças da Boa Madre. Os nossos Padres me escrevem que lêem a Vida dela com muito proveito e que são bem contentes do que Deus opera entre eles.

O que é que sustenta ao Padre Davi e reanima-lhe a confiança? É a mesma coisa: ele mo reafirma em todas as cartas.

Isso dispensa comentários. Isso se impõe como um fato. É assim mesmo. O bom Deus não se contenta com todas essas coisas que dão testemunho até muito eloqüente de sua Vontade em nosso favor. Ele nos afirma a sua proteção especial por atos muito evidentes. O bom Deus faz para nós coisas sumamente significativas. Assim, a nossa viagem de Roma é um testemunho altamente convincente; descreveremos o seu desenrolar e será uma história muito interessante da proteção palpável de Deus em nossos assuntos; pois a quem devemos esses resultados? À influência imensa que tem o caminho da Boa Madre. Tudo o que há de mais inesperado assim nos aconteceu e produziu um resultado total, completo, tão perfeito que satisfez plenamente o coração do nosso Santo Padre, o Papa, e de todos os que o cercam. Desde que uma graça ganha os corações e os une, é evidentemente uma graça de Deus. Nenhum poder humano pode chegar a isso; precisa-se de Deus.

Agora um outro fato que aconteceu anteontem e que não qualifico; deixo à Santa Igreja o encargo de apreciá-lo. É a cura repentina, instantânea da Irmã Ana Tereza que estava muito mal. Esse fato que é a continuidade de outros análogos, bastante numerosos e que presenciamos

de perto, tem um sentido claro. O Padre Rollin tinha pedido que essa cura fosse um testemunho de que Deus esteve conosco em todos os nossos empreendimentos, nos que recém passaram e nos que estão acontecendo ainda. Outros rezavam também para pedir outra coisa. A cura se produz, instantaneamente, na hora. Estamos diante de um fato que é um testemunho muito evidente do bom Deus. Mas vou repreender o Padre Rollin: ele faz o bom Deus errar!... O Padre Rollin estava com dor de cabeça, naquele dia; ele queria que não tivéssemos mais adversários, nem dificuldades no mundo: "Se tivemos razão em nossos assuntos, se fizemos completamente a vossa Vontade, se fizemos tudo por Vós, meu Deus, se..., se..., fazei que isto, que aquilo..." Isso é ridículo! O bom Deus atendeu ao Padre Rollin, teve um fraco por ele... Entretanto o fato está aí. É uma prova de que o bom Deus está conosco. Repito freqüentemente, meus caros amigos, que nunca vi ninguém tão crente em todas essas coisas - apesar de que não se deve nunca pôr a pessoa do Papa à frente - nunca vi ninguém tão impressionado, tão profundamente convencido como o nosso Santo Padre, o Papa Leão XIII. Agora, em Roma, tudo o que há de pessoa eminente partilha esses pareceres. Mencionei-lhes as palavras de um Prelado que tem muitíssima autoridade na Corte Romana e que me dizia antes de nos despedir dele: " O que fez a Madre Maria de Sales é uma grande coisa. Vós sois chamados a prestar imensos serviços à Igreja. Estai bem certos de que o que a Madre Maria de Sales disse é verdade e se realizará; é minha convicção profunda e tenho motivos bem sérios para acreditar nisso." Esse Prelado é um homem extremamente enérgico e também muito prático. Não se vai perder em considerações místicas e meditativas; é muito sincero e diz abertamente o que pensa e como pensa. É a convicção dele que lhe surgiu espontaneamente.

Há uma harmonia muito significativa e consoladora em tudo isso: no que nos disseram em Roma, no testemunho das almas fiéis e ainda no que o próprio Deus nos fez. São provas de que ele está contente conosco e conosco está.

A conclusão que se tira de tudo isso é que nós, que devemos ser os apóstolos desse caminho devemos viver como os Apóstolos e que não faremos nada a não ser através de nossa grande fidelidade.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE MARÇO DE 1888

A PAZ

Hoje volto a um pensamento que me ocupa muito. Trata-se das palavras que o Papa Leão XIII me disse, na última audiência. Insistiu tão forte e vivamente na paz, na obrigação que temos de procurar a paz. Os frutos que alcançaremos da paz e os que Deus ligou a ela são tão numerosos que voltaremos ainda a essa recomendação do Santo Padre e que falaremos mais uma vez sobre a paz.

Esforçar-nos-emos por manter a paz em todas as circunstâncias e em relação a todos. A paz primeiramente conosco mesmos, com a nossa consciência. Não nos ressentiremos de nada que possa nos perturbar, reconheceremos todas as nossas faltas, evidente; mas, em nossas perturbações, nas nossas inquietações, abrir-nos-emos francamente com o nosso Mestre de Noviços, com o nosso confessor, para viver sempre bem em paz conosco mesmos. É a primeira condição para a paz. Quando não estamos em paz com o de fora de nós, é muitas vezes porque não começamos a estar em paz no interior de nós mesmos. Quando a gente não está bem equilibrado, não estamos bem no lugar onde Deus nos quereria, está feita a perturbação interior e experimentamos a tendência de levar essa perturbação para fora.

A paz com o nosso Diretório, com as nossas Regras e Constituições. Não compremos briga com a nossa Regra. Sejamos-lhe fiéis e a tudo o que prometemos, aos nossos votos, à pobreza, à castidade, à obediência. Às vezes, a gente não está bem quanto à pobreza: isso é muito sério. Estamos obrigados à prática de nossos votos sob pena de pecado grave. Leiam os teólogos a esse respeito: há entre eles alguns que afirmam coisas, às vezes, extraordinárias sobre isso; mesmo os mais moderados, os mais comedidos dizem coisas capazes de assustar. A gente não se dispensa da prática da pobreza a não ser por meio da obediência: fora disso é uma coisa extremamente difícil. Prestem bem atenção a isso; confessem-se fielmente das mínimas faltas a respeito. Mais uma vez, não comecem uma guerra contra o Diretório ou as obrigações religiosas. E não se considere os votos como de pouca importância. O religioso que hoje falta a seus votos, amanhã desrespeita os mandamentos da Igreja, depois de ama-

nhã violará os mandamentos de Deus e vai descendo direto para a condenação: isso mesmo constitue um estado de reprovação. Compreenderemos isso se estudamos um pouco a teologia nos livros ou na prática da direção espiritual.

A paz con todos os que nos cercam; pois isso é bem de acordo com a vontade de nosso Santo Padre, o Papa, voz de Nosso Senhor. A paz com os nossos coirmãos, os nossos Padres, com todos com os quais estamos normalmente em contato. Façamos bem todos os sacrifícios que pudermos fazer, todos os sacrifícios imagináveis. São Francisco de Sales, na sua teologia tão segura e prática, afirmava que a prática da caridade é suficiente para substituir os votos religiosos de pobreza, de castidade e de obediência. Ele quereria fundar uma comunidade sem outras ligações a não ser o vínculo da caridade, pois este é mais forte do que a morte e mais resistente do que o inferno (cf. Ct 8,6); nada pode rebentá-lo. É esta, então, a melhor ligação que possa unir as almas. Para reforçar esse liame, façamos todos os sacrifícios possíveis: Pax Dei quae exsuperat omnem sensum custodiat animas vestras et corpora vestra...(Fl 4,7) (A paz de Deus, que sobrepuja todo o entendimento, guarde vossos corações e vossos pensamentos...)

A paz em relação às obediências dadas pelos Superiores. Submetam-se, entreguem-se, dêem-se a si mesmos. Que o seu coração, que sua inteligência não vá de encontro, mas que se submeta a este grande e indiscutível princípio que os Superiores possam se enganar ao dar-lhes uma ordem, mas que os Senhores não errarão nunca ao obedecer. A paz com seus Superiores, em relação às ordens deles, uma paz afetiva que os levará a obedecer sempre generosamente.

A paz com seus alunos. Importa compreender bem essa paz; precisa-se pedir a luz de Deus para julgar bem a esse respeito. Deus é todo-poderoso, então como é que nem todo o mundo é perfeito? Deus naõ deu a graça da perfeição a todos e nem a exige tampouco de todo o mundo, e se nós queremos que os outros sejam perfeitos, somos injustos. Não se deve pedir 100 mil francos a quem não tem mais do que 100 tostões no bolso. Sejam suficientemente ajuizados a ponto de não pedir mais do que cada um pode dar e supram o resto pela caridade, pela bondade. Sejam assim para com os alunos; não por isso faltarão à firmeza. Que toda a sua conduta se desenrole assim no espírito de paz, de conciliação, enquanto se mantêm dispostos a suprir tudo o que faltar.

A paz com as outras Congregações, com as pessoas religiosas.

Saibamos fazer todos os sacrifícios possíveis para conservar a paz. Pode haver mesmo motivo de queixas; por mais legítimas que lhes pareçam, evitem-nas cuidadosamente. Não quero condenar, de maneira alguma, certas brincadeiras inocentes, mas evitemos bem que jamais se diga que os Oblatos são contra estes ou aqueles. É a idéia de nosso Santo Padre. Nunca falemos mal de ninguém, nem dos Jesuítas, nem dos Dominicanos; defendamo-los. Não contradigamos a ordem formal de nosso Santo Padre, o Papa. Será uma mortificação pequena, mas essa destacará favoravelmente aquele que tiver a coragem de fazê-la e de fazer reinar a paz em torno de si. Examinar-nos-emos todos nesses pontos e nos ajudaremos mutuamente; veremos se estamos bem em paz com Deus, com a nossa consciência, com o Diretório, as Constituições, os votos, com os nossos coirmãos, nossos alunos e com as pessoas de quem fomos encarregados.

Volto aos alunos. Não quero dizer que não se deve repreendê-los ou dar-lhes castigo; façam tudo isso, mas em paz; não os tomem de ponta; tenham suficiente juízo para não pedir mais do que a criança pode dar. "Educação" vem de "edificar", e se edifica pedra por pedra.

Conservem, pois, a paz com todo o mundo, com todas as pessoas com as quais entram em contato; não falem mal deste ou daquele, de tal ou tal Congregação; isso aparece e se torna seminarium odii, sementeira de ódio e de afastamentos. Falando assim, estou cumprindo a missão que nosso Santo Padre, o Papa, me deu. Prego a paz; quero ser o homem da paz, homo pacis. "In fines tuos pacem" (S 147,14) (a paz em tuas fronteiras).

* * *

Recomendo-lhes muito que rezem pelo Cardeal Czacki: era um dos nossos grandes protetores e sempre foi muito bom para nós. Queria bem as nossas obras. Deu-nos muitos conselhos para os nossos colégios, nossas Obras da Juventude, Foi ele que nos incitou a formar operários para os nossos colégios, a realizar o ideal das antigas abadias, onde tudo se fazia em casa e pelos próprios moradores. Deu-nos ainda muitas outras idéias, apresentadas nas longas conferências que com ele tivemos, o Padre Deshairs e eu. Rogaremos a ele que continue dando-nos a sua proteção, agora que está perto de Deus.

Rezaremos também por Dom Fiala, Bispo de Bâle, que está muito doente. Sempre tem sido muito devotado à causa da Boa Madre. Várias vezes nos manifestou muita benevolência, particularmente nos dias do Congresso Eucarístico de Friburgo: é o Bispo da Canonização.

É também o aniversário da morte do Padre Bellaing. A mãe dele

me escreveu para recomendá-lo às orações da comunidade; ela deseja que rezemos não somente por ele, mas ainda por toda a sua família, que se considera, assim ela diz, como fazendo parte, um pouco, da nossa Congregação, uma vez que ela teve um filho que foi tão feliz de morror como Oblato de São Francisco de Sales.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE MARÇO DE 1888

A RETA INTENÇÃO

("A elevação da intenção nos exercícios")

"Os Irmãos que quiserem prosperar e fazer progresso no caminho do Senhor devem, no começo de todos os seus atos, tanto interiores como exteriores, pedir-lhe a graça e oferecer à divina bondade tudo o que fizerem de bem, preparando-se assim a suportar toda a dificuldade e mortificação que aí encontrarem. Com paz e tranqüilidade de espírito, as aceitem como provindas das mãos paternas do bom Deus e Salvador, cuja intenção santíssima é de fazer com que os Irmãos ganhem méritos, para depois recompensá-los com a abundância de seu amor."

A direção da intenção...; isso parece simplesmente um exercício piedoso, como todos os outros exercícios de devoção. Não se enganem; há uma razão teológica muito profunda neste ensinamento do nosso Santo Fundador. A reta intenção tem por objetivo não fazer com que executemos um exercício de devoção, uma prática de piedade qualquer, mas sim de tomar toda a nossa vida e ligá-la a Deus, de consagrá-la a ele. É uma idéia grandiosa.

Sem dúvida, cada um dos diversos Fundadores de Ordens, os mestres da vida espiritual proporcionaram meios para chegar a Deus, mas, posso bem dizê-lo, nenhum deles deu uma fundamentação tão profundamente teológica. A reta intenção fielmente praticada leva necessariamente a uma vida toda unida a Deus e, pode-se dizer, é este o ensinamento mais fundamental das Escrituras. Tomem o antigo e o Novo Testamento: a dou-

trina mais ensinada nesses livros, que se encontra a cada passo, é esta instrução de viver com Deus, não só entendido como dependência própria da criatura, mas antes como companhia de Deus, na intimidade com ele. Deus diz a Abraão: "Anda em minha presença (Gn 17,1). Quando recebe as visitas de Deus (cf. Gn 18,1), é na sua tenda, no seu lar, na sua intimidade; Deus está com ele, fala a ele, aconselha-o e o dirige. No sacrifício a que Abraão se dispôs é Deus que manda e que intervém (cf. Gn 22, 2.12). Abraão é o pai da fé e o pai da prática religiosa entre os hebreus, é o modelo a seguir; e sua vida estava toda unida a Deus. Observem Moisés. Ele também anda na presença de Deus. Recebe ordens dele; faz os trabalhos, elabora a legislação com Deus; está com Deus na própria morte e, segundo as expressões das Escrituras, Deus então apóia os lábios sobre os de Moisés e atrai para si a alma dele.

Os profetas, os filhos destes, os recabitas vivem com Deus. Os recabitas eram quase como religiosos, no entanto sem fazer votos, nem ter expressamente práticas religiosas. Eles contemplavam Deus incessantemente e em todas as coisas; caminhavam sem cessar na presença dele; ele era o modelo deles e o seguiam em tudo.

Olhem os Macabeus, vejam os livros sapienciais, os salmos. Em todos os versículos do salmo "Beati immaculati" (S 118,1) (Felizes cuja vida é pura), que a Igreja nos faz recitar todos os dias, repetem-se duas vezes os mandamentos, as ordens, a palavra de Deus.

Mais tarde, sem dúvida, virão as devoções e o mundo e a Igreja cultivarão essas devoções, pois são necessárias para nos distrair das preocupações diárias, porque cansam menos do que o pensamento contínuo em Deus. A reta intenção para nós não será uma devoção, um ato passageiro, mas será uma coisa constante, perpétua, que nos ocupará o espírito totalmente. Isso será para nós o resumo de todos esses ensinamentos da Sagrada Escritura. E toda Bíblia, então, está encerrada nestas poucas linhas do Diretório. O assunto parece simples, foi mesmo preciso que o Santo Espírito o inspirasse.

Por isso mesmo São Francisco de Sales foi proclamado Doutor da Igreja. A doutrina dele é essencialmente a de Nosso Senhor. Com ele vivemos entre os familiares de Nosso Senhor, no meio dos Apóstolos, tomando parte no trabalho dele, nos sofrimentos e na comida dele; pois é para nós o Emanuel, o Deus-conosco, o Deus sempre presente. É uma doutrina que me impressionou muito, desde o meu primeiro ano de teologia. Um dos meus professores me disse: "Olhe a doutrina de São Francisco

de Sales, como é uma doutrina da teologia mais perfeita. A Encarnação é Deus feito homem, mas não há a não ser um só homem, o Homem-Deus, destinado a formar uma unidade com a Divindade. No plano divino, não só a Divindade se une a um homem determinado para formar o Homem-Deus, mas ela deseja realizar uma como encarnação em relação a todos; ela quer comunicar-se com toda a humanidade e encarnar-se em todos, claro, não hipostaticamente, no entanto de um modo eficaz, em todos os que concordarem e por isso colaborarão para que se realize. A nossa reta intenção, posta em prática, é como uma encarnação de Deus em nós. Nosso Senhor é Deus e vive conosco, age conosco.

Devemos todos nós chegar a esse estado de união com Deus, uns mais, outros menos. Se formos fiéis a essa prática, ela nos santificará valiosamente e nos aproximará grandemente do bom Deus. Faremos, então, certamente o que o bom Deus quer de nós desde sempre. Tenhamos, pois, muita estima pela reta intenção; consideremo-la corretamente. Não se trata de uma devoção, é um estado que nos faz participar, de certo modo, na Encarnação, em todas as graças da Encarnação e que faz o Salvador vir a nós, não acidentalmente, não por um modo indeterminado, não raras vezes e de passagem, mas como uma conseqüência vital, existencial, que faz com que Deus se torne realidade, por assim dizer, e estabelece uma morada dentro de nós. É essa a nossa doutrina, nosso patrimônio espiritual. Para nós, está tudo nisso aí, absolutamente tudo. O bom Deus certamente fará com que o compreendamos; importa lembrar-se disso e praticá-lo. Façam a reta intenção com muita pontualidade. É uma realidade importante na vida espiritual, e é um grande evento também na vida natural; todos os acontecimentos exteriores de maior destaque se dão sempre através de impulsos espirituais, fora da matéria e do mundo físico. A que se deve a eficácia? Que é realmente eficiente? A voz de Deus. Então é por esse meio, unindo-nos a Deus pela reta intenção, que realizaremos uma coisa e será muito. Eis por que devemos estimar tanto a reta intenção.

Este capítulo é o requinte da doutrina e do espírito da Sagrada Escritura, desde o "In principio" (Gn 1,1) (No princípio) até o "Veni, Domine Jesus" (Vem, Senhor Jesus) que encerra a Apocalipse (22,20). Está tudo aí. É o âmago. Tenhamos, pois, a maior estima por esse meio.

"Eles não devem negligenciar isso em coisas pequenas e nas que lhes possam parecer de pouca importância, e até com referência a coisas muito agradáveis e condizentes com a vontade e necessidade pessoais, co-

mo beber, comer, descansar, recrear-se e coisas semelhantes. Seguindo assim o conselho do Apóstolo, farão tudo em nome de Deus e para seu agrado exclusivo." (cf. 1 Cor 10,31; Cl 3,17).

Deixemo-nos bem afeiçoar, transformar por essa vida de união com Deus. Apeguemo-nos a ela com todas as forças da alma. Façamos empenho por nos lembrar esse meio que faz pôrmos os pés nas pegadas do Salvador; que nos lembremos desse meio que manda andarmos como Abraão na presença de Deus no caminho da perfeição; não esqueçamos esse meio que nos dá o espírito de Deus como os profetas o receberam e nos fornece a inpiração celeste, como os Apóstolos e os Evangelistas a tiveram. Repito dizendo: é o cerne todo inteiro da religião; a prova disso é que as pessoas que praticam essa vida de união a Deus chegam onde Deus as quer.

Recomendo muito às orações da comunidade os Padres que estão na região do Cabo e os de Riobamba. Hoje quase não tenho tempo de ler para os Senhores as cartas deles; as notícias são muito animadoras. Rezem para que Deus nos envie operários; lá se precisa deles. Nossos Padres que estão ali são muito bons e bem edificantes. Como realizam tanto bem? Pelo meio que acabamos de mencionar.

Certamente, todos os que falam pensam falar melhor do que ninguém; os que trabalham julgam trabalhar melhor do que qualquer outro... Deve ser assim, para que cada um seja incentivado na sua tarefa. No entanto, quando se vêem frutos como se produzem em nossas missões, sem dúvida a gente se anima a continuar. Na região do Cabo, o que é que produz todos aqueles resultados? A fidelidade de nossos Padres à reta intenção. Em Riobamba, segundo o que me escreve o Padre Davi, conforme as relações também que li sobre esse país, é bem este espírito que ali convém.

Acabo de fazer o pequeno retiro das Obras; 250 a 300 moças nele participaram. Asseguro-lhes que houve lá provas palpáveis do bom Deus. Esse caminho é bem frutífero. Todas essas moças, não sendo chamadas a ser religiosas mas a viver no mundo, sentiam a necessidade de pertencer a Deus, de se aproximar dele; não vinham só para purificar a consciência, mas impelidas por esta necessidade de união, por este desejo de ter Deus consigo, Emanuel. Aí se encontra o que é verídico, como dizia a Boa Madre; é a base, é tudo. Há outras coisas boas; tendo uma, é bom; havendo duas, melhor ainda; mas nisso possuímos tudo.

Pratiquemos cuidadosamente, então, a reta intenção; sejamos bem fiéis a nosso livrinho.

Vão entregar-lhes as Constituições impressas. Guarda-las-ão com

muito cuidado. Pode-se mostrar o Diretório ainda àqueles que manifestam o desejo de vê-lo..., mas não se deve comunicar as Constituições a pessoa estranha alguma, sem a autorização do Superior Geral.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE ABRIL DE 1888

O OFÍCIO DIVINO

O Ofício Divino é a ocupação principal do religioso, segundo as idéias da Igreja; daí o nome de ofício: é o encargo, a tarefa principal, todo o resto não passa de acessório em relação ao Ofício. Os anacoretas dos primeiros séculos, as grandes Ordens, os Cartuxos particularmente, têm um Ofício muito extenso. Empregam cinco, seis, sete horas por dia cantando louvores a Deus. Todas as forças do indivíduo, toda a sua atividade concentram-se nisso; o resto é só um descanso, uma distração, uma preparação ao Ofício.

Quanto a nós, não podemos dedicar tanto tempo ao Ofício, mas as outras ocupações devem ser para nós verdadeiramente um Ofício Divino; devem ser o louvor a Deus, a glória de Deus: é o cargo de religioso. Bem que o Ofício em si não ocupe mais o mesmo lugar na nossa vida, conservemos-lhe este nome igual; que essa oração do Ofício seja a grande e importante obrigação de nossa vida, o ofício que prestamos a Deus como religiosos. Ainda que o Ofício dure menos tempo, não deixa de ser a coisa principal, a coisa mais sublime que temos que fazer. A idéia da Igreja, a dos Fundadores de Ordens, na instituição do Ofício, era de dar na terra a Deus o louvor contínuo, perpétuo, igual ao dos anjos.

"Os Irmãos que não têm obrigação de rezar o Breviário, recitarão normalmente o Ofício de Nossa Senhora." Enviei a Roma o terço dos pai-nossos e das ave-marias, a fim de que o nosso Santo Padre, o Papa, o enriqueça de indulgências.

"Os Irmãos considerarão a simplicidade e a pronta obediência como lhes especialmente recomendadas..." O nosso Fundador fala aí sobre a obediência. A Obediência é tanto mais necessária, quanto mais importante o ato a executar. O lugar que deve ocupar a obediência, a exatidão é, portanto, extremamente importante, quando se trata do Ofício.

"Encaminhem-se, logo que o sinal para o Ofício soar, apressando-se à voz de Deus que chama..." Esta é a prática que se deve observar: interpelar-se a si mesmo e perguntar-se o que se pretende fazer, a quem se vai falar.
Não me detenho longamente sobre o Ofício; poderia ser assunto de conferências demoradas. Tenham o cuidado de considerar o Ofício ou o Pequeno Ofício de Nossa Senhora não somente como um dever, mas como uma oração a realizar, a qual requer piedade, fervor, e inteligência também. É um meio importante de alimentar a devoção. Não digo que seja necessário fazer um estudo do seu Ofício, mas se pode tirar muitas reflexões, que alimentam o espírito. Nas narrativas sobre os santos, há muitas coisas dignas de nota. Nas palavras da Escritura, aplicadas a tal ou tal festa, há coisas bem notáveis para se aproveitar. A liturgia é uma fonte altamente fecunda em meditações. O nosso Santo Fundador tirava muito dessa fonte; ela é muito aproveitada na Itália; não suficientemente na França, isso está errado. É a palavra da Igreja e a palavra do Espírito Santo; essa nos servirá muito na catequese, em nossas palestras; acharemos nela muitas luzes, descobertas, que não imaginávamos. O Espírito de Deus é inteligência e luz. Mais uma vez, não lhes peço para que façam um estudo do Ofício, para que demorem em rezá-lo, mas lhes peço para que o recitem com uma atenção especial e constatarão que quase nunca o rezarão sem achar alguma coisa de proveito, seja na vida dos santos, seja na homilia, nas antífonas ou na leitura breve, particularmente nas orações. Encontrarão aí instruções aproveitáveis tanto para si mesmos, como para os outros. Os Senhores servir-se-ão delas na meditação e nas suas alocuções aos fiéis; a sua palavra ocasionará graça, pois será a palavra do Espírito Santo e da Igreja. Apeguem-se a isso com muita devoção e atenção. Os salmos estão repletos de tesouros. Não nos alimentamos suficientemente da Sagrada Escritura. O conjunto do Ofício é um magnífico ensinamento teórico e prático; é uma doutrina completa que pode preencher uma vida toda. Recomendo-lhes encarecidamente essa lei-

tura atenta e piedosa do Ofício. Os que recitam o Pequeno Ofício de Nossa Senhora também o acharão admiravelmente piedoso e instrutivo. Encontrarão nele muitas graças e esclarecimentos; haverá aí para os Senhores uma fonte superabundante.
Para quem resmunga seu Ofício não sobra nada para o espírito e o coração: a inteligência e a piedade nele nada acham. Os pregadores italianos e espanhóis - verifiquem os Senhores nos sermões deles - sempre têm feito muito uso da liturgia. É uma instrução rezada e cantada que complementa o ensinamento da pregação; é o ensino dos olhos, dos ouvidos e do coração.

"Também poderão observar esse método em todos os outros exercícios seus para vir a estes com o espírito convenientemente preparado." Com respeito à atitude, importa lembrar-se de que na igreja, durante a oração, não devemos apoiar-nos, mas devemos nos manter de corpo erguido, os pés um ao lado do outro, sem cruzá-los, numa postura piedosa. Não temos austeridades: edifiquemos pelo menos os fiéis e os anjos de Deus, que nem sempre vêem os nossos pensamentos. Em vez de roupa áspera e cilício, usamos sim a piedade, a gravidade, a simplicidade, uma atitude digna e condizente.

"Nos exercícios que dizem respeito imediato à honra e ao serviço de Deus, precisa-se um espírito humilde, humilhado, grave, devoto e seriamente piedoso." É preciso que nossas orações sejam humildes, que sintamos bem nossas misérias. É muito bonita a humildade, ela nos coloca bem em nosso lugar, ela serena a alma, a põe novamente no devido lugar, ela nos sossega completamente o espírito, o coração e a consciência; a humildade nos obtém o perdão dos pecados e a paz. Devemos ser extremamente humildes. Peçamos a Deus para que nos revele o que é a humildade e que ele nos faça entender bem o quanto devemos nos abaixar, reconhecendo-nos cobertos de pecados, de imperfeições, de defeitos, de coisas que desagradam aos outros, ao bom Deus e a nós. Como diz o Apóstolo São João: quando nos acusamos a nós mesmos, estamos na verdade e a verdade está em nós (cf. 1 Jo 1,8).

"Ao dizer: 'Deus, vinde em meu auxílio', eles pensarão que Nosso Senhor lhes responde: 'Estai também atentos a meu amor.' " O pen-

samento que o nosso Santo Fundador nos oferece é que dizemos o Ofício com os anjos; eles recitam um versículo e nós intercalamos com um outro; é uma idéia que faz muito bem a muitos sacerdotes e religiosos. Ela nos é de tanto maior proveito, pois nos é recomendada pelo Diretório.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0

CAPÍTULO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1888

COMO SE DEVE PARTICIPAR DA SANTA MISSA

"Enquanto o Padre se prepara, importa colocar-se na presença de Deus..." Este Capítulo refere-se principalmente aos Irmãos e àqueles dentre nós que ainda não são sacerdotes; refere-se também aos que rezam a missa, tendo o encargo de direção espiritual, para que comuniquem e ensinem às pessoas o verdadeiro sentido da devoção à santa missa e o modo como se deve acompanhá-la.

Os nossos Irmãos e os coirmãos não sacerdotes devem conformar-se exatamente a este Artigo do Diretório. Para os que devem de ser sacerdotes um dia, é um excelente meio de preparar-se a esta grandiosa atividade da vida sacerdotal.

Na direção espiritual, os nossos sacerdotes terão um cuidado muito particular, insistindo sobre a santa missa e sobre os meios de acompanhá-la bem. Levarão as pessoas a uma confiança muito grande no santo sacrifício, a uma devoção toda especial pela santa missa. A grande característica do cristianismo é a devoção à santa missa. Todos os adversários da Igreja têm começado por atacar a missa. Lutero e Calvino publicaram tratados contra a missa: Lutero disse que se tratava de uma invenção do diabo. Os Judeus perseguem a missa com ódio. Em contrapartida, havia entre todos os cristãos (não é já a mesma coisa hoje em dia) uma imensa confiança na santa missa. Faziam rezar missa em todas as circunstâncias. Até às vezes abusavam fazendo rezar missas por coi-

sas não permitidas. Hoje em dia, de onde vem o enfraquecimento da fé? Será que não depende em grande parte do pouco cuidado que tiveram os sacerdotes - e isso é uma censura que todos nós devemos fazer a nós próprios - o pouco cuidado de instruir os fiéis sobre a eficácia do santo sacrifício, sobre a utilidade de assistir à missa e sobre os meios de fazê-lo bem? Não se faz mais rezar missas, a elas não se assiste mais. A missa não é mais nada e, no entanto, ela é tudo.

Devemos partir, portanto, da verdadeira doutrina. A antiga lei girava inteiramente em torno do sacrifício; era o pólo, o centro da religião. Os filósofos, de Maistre, de Bonald e outros, o demostraram claramente. O sacrifício é uma parte essencial da adoração de Deus. Ao holocausto se referiam, na antiga lei, todos os outros sacrifícios: o sacrifício da manhã, o sacrifício da tarde, a oblação de propiciação pelos pecados. Havia um só dogma, uma só prática: o sacrifício.

O culto de Deus não se mudou. O sacrifício da cruz domina toda a religião e o sacrifício da missa é a representação do sacrifício da cruz; e os sacrifícios que nos pede a religiaõ todos os dias, o sacrifício das nossas paixões, de nossas más inclinações, tudo isso não tem valor senão pela força do sangue de Nosso Senhor, que se encontra, em toda a sua plenitude, no santo sacrifício da santa missa. Este representa tudo.

Prestem muita atenção a isso. Que a Congregação professe sempre a maior fé no santo sacrifício da missa. Que se assista bem a ela; que se o faça de modo a inspirar aos fiéis a maior fé, a maior confiança na santa missa, seja nas instruções, seja na direção espiritual. Que a Congregação ensine a pôr a missa no lugar que ela deve ocupar na vida cristã. É bem esta a doutrina da Igreja; é, por excelência, a doutrina de nosso Santo Fundador; era a doutrina e a prática da Boa Madre Maria de Sales. Durante a missa, ela parecia toda transfigurada, e era nesses momentos que Deus lhe dava tudo o que ela recebia.

Que a Congregação faça profissão toda especial de honrar o santo sacrifício da missa, de celebrá-lo com devoção, com toda a devoção possível, de assistir a ela nas condições que nos assinala o nosso Santo Fundador e de fazer com que ela seja realmente o pólo, o centro, a vida de todos os nossos exercícios espirituais. É uma coisa bem fácil de se ver: quando se abandona a missa, é porque não há mais fé, nem religião. Onde se assiste à missa, a fé é a instrutora; sei muito bem que

é por causa desta fé que se assiste à missa, mas também está certo que o não recorrer à missa provém, por uma grande parte, da perda de fé, do desfalecimento espiritual de hoje.

Que todos, pois, que não rezam a missa, se apliquem inteiramente a este Artigo do Diretório. É supérfluo explicá-lo detalhadamente, pois é fácil de compreender. Não farei senão uma única advertência. O nosso Santo Fundador quer que, na consagração, a gente se ofereça a Deus Pai, assim como Nosso Senhor; que se lhe ofereça o coração, o corpo, os sentidos, a vontade, que a gente se ofereça inteiramente. Aceitemos nesse momento todos os sofrimentos, todas as provas, todas as expressões da Vontade divina, tudo o que compraz a Deus enviar-nos; e, ao mesmo tempo, entreguemo-nos a Deus na mesma medida como também Nosso Senhor o fez. Essa palavra é suficiente para explicar toda a doutrina de nosso Santo Fundador sobre a missa.

Chamo muito a atenção da Congregação sobre a importância do santo sacrifício da santa missa.

Os confessores e os que pregam não se contentarão de instruir uma ou duas vezes a esse respeito, mas voltarão muitas vezes ao assunto; farão com que se compreenda bem a excelência da missa; ensinarão a maneira de acompanhá-la bem; levarão as pessoas ao pé do altar; pois lá compreenderão, ali falar-lhes-á o próprio Deus.

O método que o nosso Santo Fundador indica é muito bom. No início, querendo, se pode rezar um pouco do terço; se a gente prefere fazer outras orações, agradecer a Deus pelas graças recebidas, se pode.

Que os nossos Irmãos, que os nossos Padres se compenetrem bem deste Artigo. Que principalmente os dentre nós que ainda não são sacerdotes, os clérigos, se aferrem a ele com todo afinco. Não se reza bem a missa a não ser depois de saber bem assisti-la, depois de ter-se preparado bem a isso e com o máximo cuidado possível. Assim se adquire amor a ela, devoção, que se transmite aos outros.

Nosso Santo Fundador recomenda fazer a comunhão espiritual. Era também uma grande devoção de Santo Afonso de Liguori. O nosso Santo Fundador, pois, volta muitas vezes a esse assunto nas suas obras. A comunhão espiritual consiste num ato de desejo da santa comunhão, que se suscita no coração; pouco importa a fórmula usada. Quanto à fórmula, pode-se recitar o ato de desejo antes da comunhão de nosso Santo Fundador; podem-se tomar também várias fórmulas de Santo Afonso de Liguori,

estas têm uma grande aceitação na Igreja.

Deve-se receber a bênção do sacerdote com a mesma devoção como se a gente a recebesse do próprio Nosso Senhor.

Cuidem bem de não se apoiar durante a missa, de não cruzar as pernas, mas mantenham o corpo erguido, sem rigidez, com simplicidade, mas de um modo que expresse muita reverência, de maneira que os fiéis compreendam pelo recolhimento, pela atitude, que os Senhores crêem profundamente na presença de Deus e que o adoram realmente.

Dom Mermillod me contava um dia uma história a esse respeito. Uma senhora protestante muito estimada entrou uma vez na catedral Notre Dame de Genève (Nossa Senhora de Genebra); vendo-se sozinha, ela se escondeu num confessionário para melhor observar os católicos. O Senhor Bispo entrou na igreja. "Eis o Bispo", disse consigo mesma a senhora, "ele pensa estar sozinho; vou ver o que ele vai fazer." Ela viu o Bispo usar água benta, fazer uma genuflexão profunda e uma prece diante do tabernáculo, saudar respeitosamente ao passar as estátuas dos altares laterais e retirar-se recolhido depois de ter terminado o que ele veio fazer. Fez, antes de sair, o que estava acostumado a fazer quando sozinho, e o que fazia, em caso igual, o nosso Santo Fundador: beijou respeitosamente o degrau do altar. A senhora não resistiu mais. Ela correu atrás do Bispo:-"O Senhor Bispo não me viu na igreja?" - "Não havia ninguém." - "Sim, é que eu estava; pois desde algum tempo tenho a vontade abalada e procuro me tornar católica. Pensava que os padres católicos não acreditavam em tudo o que ensinavam. Vejo que são sinceros na sua fé. Quero ser católica, receba minha abjuração e diga-me o que terei que fazer." Cuidem, pois, de seu porte. Se os Senhores têm em frente um reclinatório, a não ser que estejam cansados ou doentes, apóiem somente as mãos.

Façam o sinal da cruz bem feito, quando o Diretório ou a praxe o indica. Podendo, observem religiosamente ficar de joelhos durante todo o tempo da missa, ou pelo menos desde o "Santo" até o fim da missa. Essas prescripções acarretam como uma graça sacramental; fazem muito bem a nós e aos outros.

Guardem tudo o que eu lhes disse neste Capítulo, quanta importância devem dar à santa missa. É a continuação do sacrifício da cruz; toda a religião está aí, deve ser a base religiosa dos Senhores, a de sua fé, toda a sua doutrina, toda a moral... Vamos pensar bem nis-

so, e toda nossa prática particular esta semana primeiramente - continuaremos depois - será de assistir bem à missa.

Recomendo muito particularmente a suas orações a missão do Cabo da Boa Esperança. O Padre Simon me escreve que lhe oferecem uma pequena moradia para comprar do outro lado do Orange onde queremos nos estabelecer apesar da oposição dos ministros protestantes. Teríamos ali uma nova base, um centro de ação. Rezem para que uma pessoa caridosa queira bem nos ajudar a realizar essa aquisição, para que tenhamos nesta ocasião algum auxílio da "Propagação da Fé". Iríamos assim fixar nossa tenda no outro lado do Orange, em pleno terreno da tribo dos Hottentotes.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 2 DE MAIO DE 1888

O MODO DE CELEBRAR O SANTÍSSIMO SACRIFÍCIO DA MISSA

"Para celebrar digna e frutuosamente o santíssimo sacrifício da missa, os Padres, algum tempo antes da missa, recolher-se-ão..." Esta primeira oração aparecerá necessariamente no Livro dos Costumes por uma fórmula de orações vocais que fará lembrar facilmente esses atos prescritos pelo nosso Santo Fundador. Esses atos são altamente recomendáveis. Devemos gostar de fazê-los, como preparação à santa missa, porque são atos que fazemos com toda a comunidade; é uma homenagem prestada ao nosso Santo Fundador, que nos prescreve essa prática que ele mesmo observava. É inútil demorar muito em cada um desses atos.

"No segundo lugar determinarão em favor de quem querem oferecer a missa e por quais pessoas ou necessidades querem rezar, recomendando-as a Deus." Então, o formulário que terão em mãos será para os Senhores um lembrete desses pensamentos. É um meio muito eficiente de

se pôr na disposição querida por nosso Santo Fundador. Esse formulário não será uma coisa facultativa, como os diversos livros de devoção que manuseamos, mas será uma parte de nossas obrigações. Convençam-se bem disso; é muita vantagem para nós submeter-nos assim; tomem uma fórmula por exemplo que recitamos, não maquinal, mas piedosa e atentamente; colhemos ali muita doutrina e muita luz. O Padre não é papagaio. Recitando uma instrução decorada, fazemos como caturritas, não inspiramos amor a ninguém, não chegamos a nada. Mas quando o que dissermos é tirado de nós mesmos, do nosso fundo pessoal, do propriamente nosso, então isso é vivido, tem vida e é prático, somos nós, ou melhor, é Deus em nós.

É por isso que devemos dar muita importância às fórmulas indicadas pela obediência e que produzirão nos Senhores tudo o que acabo de dizer. Depois dessa preparação **"eles poderão acrescentar a oração tão cheia de vários e de tão bonitos sentimentos devotos, cheia de atos muito edificantes e meritórios de Tomás a Kempis na 'Imitação de Cristo' (Vol. IV, cap. 9)."**

Quero dizer ainda uma palavra sobre as fórmulas. Não devemos cuidar só da nossa educação, mas favorecer nossa instrução com todas essas fórmulas cuja recitação volta a todo o momento. Devemos tirar daí doutrina, nossa fundamentação. Se meditamos bem no seu sentido, nossa inteligência esclarecer-se-á e quando tivermos que falar, falaremos de acordo; quando tivermos que exortar, exortaremos nesse sentido. Aí teremos sempre uma coisa em reserva, tirada 'in thesauro bono' (do bom tesouro), alguma coisa tirada de nosso coração, como diz a Sagrada Escritura (cf. Mt 12,35). A nossa palavra, o nosso coração, nossa pessoa agirão. Nunca a nossa oração seja sem uma certa atenção afetuosa. Rezando a missa, recitando o Ofício, se alguma coisa nos chama a atenção, devemos conservá-la, fazendo dela o nosso patrimônio particular; será o fundo mais rico e o mais original. Não procurem tanto nos livros e não falem do que acharam nos livros, mas do que os Senhores mesmos assimilaram. Essa teologia se pratica todos so dias: presta-se atenção ao que se reza, recolhem-se as luzes, os ensinamentos que nos sobrevêm. Desse modo todos os Oblatos se parecem na direção espiritual, na doutrina; não serão arrastados por tal ou tal onda de doutrina; não se encontrarão na incerteza, mas se movem bem no sentido e no caminho de nosso Santo Fundador.

"Depois das orações indicadas acima, recomendar-se-ão ainda à Bem-aventurada Virgem Maria, ao recitar alguns dos belos hinos ou orações, compostos em sua honra. Depois, recomendar-se-ão da mesma forma a todos os anjos e todos os santos do céu, particularmente aos de sua devoção especial, pedindo para que eles os ajudem a oferecer um sacrifício tão grande a Deus." Aqui me permito uma pequena discussão com o nosso Santo Fundador; era um homem admirável, mas se exigia tanto e se sobrecarregava tanto que se desgastou a cabeça, morreu de uma congestão cerebral... Quero dizer com isso que os que não conseguem fazer todas essas práticas na sua totalidade e essas orações múltiplas antes da missa, não estão estritamente obrigados a isso. Aliás, é bem o pensamento de nosso Santo Fundador que, com referência ao Diretório, também julga que, depois de um certo tempo, pode-se transformar numa unidade a multiplicidade dos atos; mas continua a verdade que, no início, é bom manter o espírito submisso. Nem sempre, porém, é uma obrigação rigorosa, quanto a todas essas orações em preparação à missa. Que cada um faça como puder, segundo a capacidade de seu espírito. Estando bem em união com o bom Deus, em vez de dizer, por exemplo, o hino à Nossa Senhora na sua íntegra, pode-se muito bem dizer apenas alguns versículos. Um grande banquete está aí preparado pelo nosso Santo Fundador; os que não podem comer de tudo devem servir-se do que melhor lhes convier.

"Depois de recitar essas orações ou outras semelhantes, eles irão à igreja em companhia do anjo da guarda, pedindo-lhe ajuda; ao avançarem poderão rezar o 'Tende piedade' (S 50), **pedindo perdão dos pecados."** Todas essas fórmulas serão redigidas no Costumeiro e se as aproveitará especialmente quanto à doutrina, para fins de esclarecimento nas instruções, para as aplicações que devemos fazer a nós mesmos e aos fiéis. É preciso que saibamos transferir para o bem das pessoas o conteúdo aproveitado por nós pessoalmente. A oração não é mais uma simples oração, é como um estudo; é mais do que um estudo, é - eu desejaria que a palavra fosse francesa - é uma unificação, uma identificação, uma incorporação do conteúdo da fórmula que fazemos nosso e que entregamos.

"Depois de entrar na igreja, se aí se conserva o Santíssimo Sacramento, irão adorá-lo, recitando três vezes um Pai-nosso e uma Avemaria. A primeira será em honra da Divindade, a segunda dirigida à Alma

santíssima de Jesus Cristo e a terceira em honra do santíssimo Corpo de Nosso Senhor, presente no altar; ou então rezarão uma oração em veneração da mui santa Paixão." Esses pensamentos do nosso Santo Fundador são excepcionalmente bonitos e teológicos. Oferecem a oportunidade de suscitar santos afetos e receber grandes luzes. Quando se atende a confissão depois da missa, no caso que se tenha que dar uma instrução, reencontramos isso. É a abelha que colhe o mel nas flores e o entrega puro, depois de tê-lo feito seu. Não devemos ser rotineiros, máquinas resmungando orações. Tudo o que os Senhores fazem, especialmente as orações, façam-nas de todo o coração, com inteligência, com atenção, para não somente receber daí a unção, mas a luz para si e para os outros. Fazendo as orações dos santos passar pelo coração dos Senhores, os lábios terão esse efeito. Em síntese, pois: todas essas fórmulas constarão no Costumeiro que teremos dentro de algum tempo. É uma obra grande a fazer: o Costumeiro não se pode originar antes do surgimento dos costumes. Apegar-nos-emos a essas fómulas, mas sem causar-nos uma indigestão...; aproveita-las-emos na medida do tempo, da força e da inteligência que Deus nos conceder, e acharemos nelas duas coisas, a edificação e a direção: a edificação para nós, a direção para os outros. Seremos religiosos não somente para nós, mas para o próximo e a Santa Igreja.

Tudo o que vem de São Francisco de Sales contém, sob a aparência de simplicidade, uma doutrina muito profunda. Devemos fazer disso nosso patrimônio, de modo que nos assemelharemos todos e nos pareceremos todos com nosso Santo Fundador, e - segundo a palavra da Boa Madre - "ver-se-á o Salvador a caminhar sobre a terra".

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE MAIO DE 1888

O EXAME DE CONSCIÊNCIA

A AÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE SALES NO MUNDO

"Os Oblatos se devem examinar a consciência duas vezes por dia, a saber à noite e ao meio dia. À noite deste modo..." Os Senhores reconheceram, no que nos diz nosso Santo Fundador, a oração da noite, tal como a recitamos. (cf. "Nossa Oração" nº 3 - tr.) Ele nos indica o modo de fazer esse exame, repassando, uma depois da outra, todas as nossas ações e observando as faltas cometidas em cada uma delas. Conclui-se pelo "Eu ,pecador" e um bom propósito que se faz com toda a devoção e afeto possíveis. É um exercício da Regra, deve-se, portanto, fazê-lo o mais completa e o mais perfeitamente possível, com muito arrependimento, por amor à Regra e um grande amor a Deus. Esse ato feito assim terá o poder de perdoar as faltas cometidas. Ponhamos sempre nesse ato, pois, o desejo de obter o perdão de nossas faltas, a fim de que, se chegássemos a morrer durante a noite, nossas faltas não nos seriam imputadas, não teríamos que dar conta delas e pagar por elas diante da justiça de Deus.

São Francisco de Sales considera também o caso muito raro que não achamos nada para nos censurar. A nossa vida se compõe de muitas ações. Certamente há muitas destas, que não são feitas com toda a perfeição desejável; há muitas falhas, muitos defeitos. Se, por acaso, essas falhas nos escapam totalmente, devemos fazer a oração do salmista: Ab occultis meis muda me (S. 18,13). (Purifica-me das faltas que me são ocultas.) E seria bom fazer sempre essa oração, mesmo depois de dar-nos conta de faltas, porque há sempre muitas em nós que não enxergamos, pois somos obcecados pelas paixões, nossa auto-estima, nossa valorização pessoal, pelo apego a nossos sentimentos, a nossos juízos. Somos suscetíveis: irritamo-nos por uma falta de consideração, por uma palavra irrefletida ou uma sem mesmo ocasião suficiente para nos ofender... A Boa Madre dizia que o pecado original tinha feito danos maiores na inteligência do que na vontade e que a maior marca desse pecado era a ignorância.

"Para facilitar-lhes o exame será de grande proveito que, ao cair em algum erro durante o dia, imediatamente, analisem um pouco por qual motivo o fizeram, e, humilhando-se diante de Deus, gravem isso na memória para submetê-lo ao exame da noite." Nunca se deve deixar de fazer isso e, quando caímos, sempre, com humildade profunda, se ponha essa queda na lista de nossas faltas. Esse método é excelente por si mesmo e, além disso, é um meio dado pelo nosso Santo Fundador, um meio de nossa Regra, que não devemos esquecer.

"O exame do meio-dia não precisa ser tão formal, mas se olhe um pouco como a gente se comportou durante a manhã e, ao encontrar alguma falta, se a acrescente às anteriores e se faça o ato de contrição com o firme propósito de emendar-se." Esse exame se refere ao levantar, à meditação, à preparação da missa e à ação de graças, ao café da manhã, à aula, ao estudo; pode-se fazer isso em três minutos.

"Além desse exame geral, os Oblatos poderão fazer o particular, que se ocupa com a prática de uma virtude especial, que seja a mais apropriada, diretamente oposta às imperfeições de maior inclinação pessoal." O exame particular é facultativo para nós, segundo a Regra. Nos seminários costumam fazer o exame particular. É muito bom, a gente se examina sobre um determinado defeito, sobre tal falta que se comete habitualmente e o hábito destrói-se pelo costume contrário. Muito bem se pode aconselhar o exame particular a qualquer pessoa, como meio de extirpar as tendências más. O nosso Santo Fundador aconselha apontar em algum lugar o número de nossas faltas; pode-se fazê-lo, é muito bom. É particularmente necessário quando sentimos certas inclinações dominantes, quando tendemos ao ódio, ao ciúme, ao orgulho, à negligência.

Além do exame que recomendo com muita insistência gostaria de dizer-lhes hoje que na medida que o tempo avança, cada vez mais eu reparo que a ação de São Francisco de Sales, por meio da Boa Madre, produz grandes efeitos no mundo. Não passa um só dia que eu não receba cartas, visitas que me afirmam o poder da Boa Madre: é o sopro de Deus. Cabe a nós ser dignos disso. Nós somos os depositários dessa graça; compete a nós utilizá-la, fazer ela produzir. O que fará dependendo das nossas disposições pessoais: não é como os sacramentos que produzem "ex

opere operato" (por eficácia própria). Não difundiremos o espírito da Boa Madre a não ser que tenhamos o espírito religioso; é só sob esta condição que conquistaremos as pessoas. Essas graças dependem essencialmente da disposição das pessoas, do estado no qual nos encontramos. Recebi testemunhos muito numerosos e eloqüentes. Desejo também que esta semana, que é a oitava, a semana do Espírito Santo, digo eu, desejo que façamos uma novena, que cada um diga o Veni Creator (Vem Criador), com algumas jaculatórias ao Espírito Santo durante o dia, para pedir o Espírito de Deus sobre as nossas Obras, sobre a Congregação, o espírito generoso, "spiritu principali confirma me" (S 50,14) (sustentai-me com um espírito generoso). Que não haja nada em nós do espírito do homem, nada de pequeno, de mesquinho, desse espírito que relaciona todas as coisas a si mesmo e não vai mais além. Apaguemo-nos pessoalmente o mais possível em todas as circunstâncias: Pro Deo legatione fungimur (cf. 2 Cor 5,20) (Desempenhamos o encargo de embaixadores em nome de Deus).

Que isso se faça sobretudo em favor das missões. Tomem os Atos dos Apóstolos; suponham que estivesse com São Paulo um farsante, um homem obedecendo a seu espírito próprio:

- Meu anjo, dizia São Paulo, - me diz que eu vá para cá ou para lá.
- Seu anjo, teria respondido o outro, - mas quem o viu? Que jeito tem?

E que poderia fazer São Paulo? E suponham que esse homem se tivesse metido a escrever os Atos dos Apóstolos em vez de São Lucas, com seu espírito próprio, o que teria sobrado da figura de São Paulo? Um aventureiro, um discursador, um artesão a fazer tendas em Corinto, um cara fogoso que chegou a Jerusalém para insistir nas leis e ritos judaicos e que se desbocou, com perdão da palavra. Devo dizer-lhes, por parte do bom Deus, que a missão por nós recebida é tão santa quanto a dos Apóstolos. Jesus é o mesmo hoje como no tempo dos Apóstolos; os Senhores servem à obra dele como o faziam os Apóstolos, com menos graças, sem dúvida, numa extensão mais reduzida, mas a palavra de Nosso Senhor é a mesma, o caráter divino da missão é o mesmo. Quando o Papa me disse: "Sou eu que vos envio", não usou a palavra de Nosso Senhor a São Pedro e aos outros Apóstolos? Eis o ponto donde devemos partir. Não somos crianças, não somos seminaristas, gente qualquer; somos religiosos no pleno sentido da palavra, acreditando como São Pedro em tudo o que diz e manda Nosso Senhor; doutro modo não seríamos dignos de ser sacerdotes, de ser religiosos, de ser Oblatos. Façamos tudo com muita ponderação, com grande atenção: é assim que cativamos o coração dos fiéis e o cora-

ção de Deus. A Boa Madre mo repetia mil vezes: "Isto é para vós," ela me dizia, "é para aplicá-lo às almas, é tarefa vossa, é encargo vosso." "Isso me aborrece," eu lhe respondia. Agora, porém, me vejo obrigado a reconhecer que ela tinha razão. A voz do Santo Padre, dos teólogos, do povo cristão inteiro atestam que é o espírito do bom Deus que falava através dela. É a palavra de Deus, é o Evangelho. Deve-se reimprimir o Evangelho, dizia a Boa Madre; não se deve mudar o Evangelho, mas fazer dele uma nova edição, com tipos que se possa ler e compreender, pois muitos não o captaram; é preciso reimprimi-lo para esses e sois vós que o deveis fazer.

Compreendam a fé e com que seriedadade os Senhores devem dedicar-se à sua missão. Façamos, então, para esse fim a nossa novena ao Espírito Santo e peçamos que cada um de nós compreenda bem o que deve ser: spiritum rectum innova in visceribus meis (S 50,12) (renova-me o espírito de firmeza). Como é bonita, como é apropriada essa oração! Senhor, renovai em mim o espírito de retidão, de verdade; minhas ocupações, minhas paixões, minhas fraquezas muitas vezes fizeram eu desviar-me. Dai-me esse espírito que faz e julga corretamente e que me dá a apreciação exata que devo a todas as coisas.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 30 DE MAIO DE 1888

A REFEIÇÃO

"Os Oblatos não vão ao refeitório somente para comer, mas também para obedecer a Deus e para participar da vida comunitária. Se houver alguns por natureza delicados ou ávidos demais no comer, devem, ao entrar, fazer..." Entrando no refeitório, deve-se sempre dizer ao bom Deus que se entra aí para fazer a santa Vontade dele, para obedecer à Regra. Deve-se também, como diz o Diretório, pensar nos defeitos aos quais, possivelmente, a gente esteja propenso. Para um será a avidez,

para um outro a gula; importa pedir ao bom Deus que nos ajude a corrigir-nos. Ao se encontrar algum prato que não seja do gosto pessoal, que se ofereça essa repugnância ao bom Deus e se suba com ele ao Calvário, pensando um pouco no fel, que lhe foi oferecido no auge de suas dores. Como é que fazem os santos que operam milagres? Graças às suas mortificações contínuas. É preciso, pois, que nos conformemos a esta vida de morte a nós mesmos. Nosso Senhor Jesus Cristo é nosso modelo, a imagem que devemos copiar; aí está o âmago de nosso ser, a nossa vida; como tomava ele as refeições?

Podemos pensar, lembrando os jejuns rigorosos e as mortificações dos padres do deserto, recordando nossos missionários do Cabo da Boa Esperança e do Brasil, e unir-nos a eles nos seus sofrimentos. O Padre Davi me dizia ainda numa das suas últimas cartas: "Quando, pois, poderei comer sopa? Quando será que vós nos enviareis Irmãs para comer, afinal, um prato francês?..." Unamo-nos às privações de nossos Padres. Essa participação nas privações, nas mortificações fará a nossa força. Numa comunidade se realiza a comunhão dos santos. Isso já é alguma coisa, é a força das almas. Não vivamos isolados; que vivamos em comunhão de mortificações e de orações. Não passemos nossa vida como seminaristas, - não quero absolutamente censurar de forma alguma a vida dos seminaristas - mas precisamos viver como religiosos; é preciso que tenhamos nosso modo, nossa maneira especial; é imprescindível que formemos um corpo, que não sejamos membros desconjuntados, mas que constituamos um conjunto.

Que tudo o que fazemos seja feito com a sabedoria de Deus, como diz o Apóstolo, "in mensuram Christi" (Ef 4,13) (atingindo a estatura da maturidade de Cristo). Devemos assumir essa norma de São Paulo. Não saiamos nunca da mesa sem ter feito alguma mortificação, seja negativa, aceitando de bom grado o que não apreciamos, seja positiva, privando-nos um pouco do que gostamos muito.

No refeitório, tenhamos sempre uma atitude irrepreensível; nada de rígido, de afetado; mas relaxamento tampouco. Comamos com asseio; evitemos fazer barulho com a boca ou com os talheres. Não nos apoiemos nos cotovelos; não nos inclinemos sobre o prato; enfim, pratiquemos todas as regras que se observava há uns trinta anos. Fazendo isso, praticamos a obediência. Faço com que todo o mundo se lembre que somos os seguidores de Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiros apóstolos e que, por conseguinte, devemos praticar a mortificação onde a encontrarmos;

e, apesar de que não valemos nada, o Salvador nos olhará com complacência. Mortifiquem a sensualidade; um ou outro, igualmente, seu modo de ver, de julgar, de pensar: é penoso às vezes, mas nisso está o mérito. Se estivessem no mundo, o nosso Salvador lhes permitiria todas essas pequenas coisas, das quais os Senhores devem se abster. Somos religiosos; são essas as nossas cruzes, correspondentes a nós, Oblatos de São Francisco de Sales. Observem bem tudo o que acabo de lhes dizer e os Senhores atrairão sobre si as bênçãos e as graças mais abundantes de Deus.

Certas cartas de prestação de contas me dizem que se esqueceram, às vezes, da mortificação do refeitório. Prestemos atenção, pratiquemos bem a Regra: um verdadeiro religioso jamais se esquece disso. Certamente nem tudo o que nos servem é de nosso gosto; e todos temos um estômago diferente e o prato que convirá a um não agradará a outrem. Lembremo-nos, pois, do nosso Diretório e pratiquemos cuidadosamente a mortificação, é essa a oportunidade. Sejamos bem fiéis observando em tudo, à mesa, as tradições antigas das boas maneiras; não tenhamos esses modos tão pouco polidos que a gente tende a permitir-se em nossos dias. A Congregação estende-se, as Obras ampliam-se, atendamos bem a obra de Deus. Seria bem triste não compreendermos as coisas que todos entendem. Ainda ontem ouvi um bom pároco, que está em relação com todo o clero de sua diocese e que me afirmava que o caminho da Boa Madre é a vereda na qual deviam andar todos os homens. Para ele em particular, me dizia ele, a "Vida" da Boa Madre foi uma verdadeira revelação. Vamos, meus Amigos, compreendam bem o que acabo de lhes dizer, sobretudo pratiquemo-lo com afinco. Peçamos à Boa Madre que nos esclareça e nos dê suas luzes para compreendermos o que ela tão bem sabia pôr em prática.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE JUNHO DE 1888

A SANTA MISSÃO NOSSA

Na última vez, insisti sobre a idéia de que nós todos desempenhávamos uma missão que é verdadeiramente uma missão apostólica, pouco importa o que tenhamos que fazer. O que fazemos, é o que tinham que fazer os Apóstolos; a missão deles não era mais santa do que a nossa. Eles a receberam de Nosso Senhor, e é este que nos chamou a nós e nos deu a nossa missão; somos verdadeiramente os sucessores dos Apóstolos; claro, não em dignidade, em poder, em santidade, mas somos seus sucessores no serviço, pela colaboração na obra de Nosso Senhor.

Insisto muito nesse ponto. Os apóstolos realizaram uma coisa santa; nós temos que fazê-la também, uma coisa completamente santa. Num sentido, evidente, a nossa missão não é tão grande, tão vasta, tão universal, e nesse sentido não somos os sucessores dos Apóstolos no mesmo nível como os bispos nas suas dioceses, os párocos nas suas paróquias. O religioso, todavia, no quadro da obediência, do ambiente de sua ação, tem uma atividade idêntica à dos Apóstolos. Ele faz o que fizeram São Pedro e São João, o que fizeram os Apóstolos, enquanto vivendo com Nosso Senhor, ao serem enviados dois a dois para curar os doentes, sem poderem levar bastão, nem calçados... (cf. Mt 10, 8.9) A missão é idêntica e deve ser encarada com o mesmo respeito, igual atenção e mesmíssimo cuidado. É essa a doutrina geral da Igreja, sem dúvida, mas era uma doutrina mui particularmente querida ao coração da Boa Madre Maria de Sales, que nós éramos a continuação da Igreja primitiva, que nós continuávamos a obra dos Apóstolos, a obra do Salvador; desempenhamos na terra a ação deste, a sua influência, a sua missão. Assumamos todos esse ponto de vista. Toda a obra da Boa Madre foi para chegar a isso. Agora que Roma se encarregou do Processo, essa doutrina será submetida proximamente ao julgamento da Igreja. Ela já se pronunciou de certo modo, aceitando sem reprovação alguma tudo o que foi escrito na "Vida"; isso vale uma aprovação implícita. A Igreja, pela Sagrada Congregação do Índice, teria reprovado o que tivesse julgado contrário aos ensinamentos da Igreja. Tal foi, então, o ensinamento da Boa Madre. Depois de

viver 35 anos perto dela, dia após dia, hora após hora, se pôde ver as manifestações da Vontade de Deus a respeito dessa doutrina e a garantia dessa verdade. Depois de ter ouvido a Irmã Maria Genoveva, como duvidar? Quando esta vinha dizer: Sim, é isso que o bom Deus quer; ele me mostrou que faria tal ou tal coisa; e ao mesmo tempo, como os antigos profetas, ela dava um testemunho; ela anunciava às Irmãs o que ia acontecer com elas; ela predizia o próximo desfecho de um assunto, mesmo tratando-se de política, de tal ou tal acontecimento que, de certo, não se podia prever por vias naturais. Esse testemunho corroborava os prenúncios que ela fazia sobre a obra da Boa Madre, sobre as fundações e os trabalhos desta.

Podemos então aplicar a nós estas palavras de São Paulo: "Fundati et radicati super fundamentum Apostolorum" (cf. Ef 2,20; 3,17) (arraigados e fundados sobre o fundamento dos Apóstolos). É essa a nossa obra, são esses os seus limites, é essa a base assentada: cabe a nós construir e avançar.

Não somos alheios ao que acontece na Igreja, no céu. Não estamos isolados. Eis o positivo de nossa situação, pouco importam as circunstâncias, as coisas acidentais, o resto. Tenhamos, pois, fé nessas coisas; tenhamos um grande respeito por tudo que temos que fazer: demos muita atenção, tenhamos muito cuidado a tudo o que nos é confiado: é uma parte de nossa missão. São Paulo trabalhava com as mãos, confeccionava tendas; os diáconos da Igreja primitiva trabalhavam; o próprio Nosso Senhor o fazia durante a maior parte de sua vida. Tendo que nos ocupar de coisas temporais, façamo-lo com fé e amor. Uma pedra menos aparente num edifício, por isso mesmo será menos útil? Serve para sustentar as outras e protegê-las; é ela que, realmente, faz o edifício. Consideremos, pois, com atenção a obra que temos que fazer, seja ela material, ou espiritual; tenhamos muito respeito por ela; que cada um faça apaixonadamente bem o que tem que fazer, segundo a palavra do nosso Santo Fundador, e permaneçamos bem na esfera do plano estabelecido e querido por Deus. Ao termos esse cuidado, essa atenção, digo-o mais uma vez, o menor detalhe, o encargo mais humilde, seja qual for, servirá para a santificação das almas.

"Pro Deo legatione fungimur" (cf. 2 Cor 5,20) (Desempenhamos o encargo de embaixadores em nome de Deus). Deus não vem ininterruptamente à terra. Veio uma vêz. Cabe a nós agora realizar sua obra, fazen-

do as vezes dele. Ele se serve de nós, de nossos órgãos, de nossos membros: ele mesmo é a Cabeça. É a Cabeça que faz os membros agirem; experimenta-se que a atividade dos membros provém desse princípio, não tem outro motor. Queremos partir de coisas reais. Nosso caminho está bem traçado. Entre nós tudo deve contribuir para a nossa santificação. Tudo, conseqüentemente, tem algo de divino e deve ser tratado com o mesmo respeito, com a mesma veneração com a qual se trataria um sacramento, se me permitem falar assim.

Peçamos à Boa Madre esse espírito e levemo-lo a toda a parte.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE JUNHO DE 1888

O ESPÍRITO DA BOA MADRE
O ESPÍRITO DE CARIDADE - ABSTENÇÃO DA POLÍTICA
A PERFEIÇÃO DO ESTADO DE VIDA

Interrompo hoje a explanação do Diretório para apresentar-lhes alguns aspetos gerais de grande importância.

O que impressiona na vida da Boa Madre é um espírito muito amplo, de muita caridade e benevolência: todos acorrem a ela e todos voltam confortados e satisfeitos. A verdade, pois, está com ela; porque só a verdade pode ter essa amplidão e essa extensão. Todos, pois, que procuram a verdade, que querem encontrá-la, acha-la-ão junto a ela e de um modo que será muito útil à alma. É preciso, já que somos seus filhos, entrarmos nesse caminho.

Insisto ainda mais nisso, pois vários de nossos Padres vão nos deixar para levar ao longe o espírito da Boa Madre. É preciso, pois, que a Congregação se impregne bem dele para que ninguém o deixe de lado.

Em todas as relações que a Boa Madre tinha com as várias comunidades religiosas, ela sempre era caridosa e muito amável. Ela fazia

isso com cada Ordem religiosa, com toda a comunidade, para com toda a pessoa religiosa e cada sacerdote. Pela simples razão de que esses atendiam assuntos do bom Deus, eram queridos aos olhos da Boa Madre, apesar de o espírito deles muitas vezes ser bem diferente do seu. Ela podia ter suas preferências; mas era cheia de caridade e de união cordial para com todos, perante cada um dos operários do Evangelho, ante cada um que procurava expandir o amor e a glória de Deus.

Um dia eu fazia uma observação sobre certos religiosos, que realmente tinham faltado à caridade em várias circunstâncias: "Sim,"me disse ela,"mas eles fazem com que se ame ao bom Deus." Era razão suficiente para, por parte dela, merecerem caridade e afeição.

Olhem, pois, qual será também a nossa maneira de ser em relação a cada sacerdote, a toda a Congregação religiosa. Censura-se em geral aos religiosos por serem pouco caridosos para com os sacerdotes diocesanos: "Tal pároco vive à grande, tem móveis luxuosos, tem boa mesa, não é assim que vivia Nosso Senhor". Não se deve fazer isso. Os párocos não são obrigados a praticar a pobreza como os religiosos. Em Roma, os Cardeais não são pobres, nem o Papa; um Bispo, um pároco podem ser rodeados de um certo luxo, sem que nisso haja coisa errada alguma. Se eu fosse um pregador religioso, eu diria aos meus ouvintes o que penso a esse respeito; eu lhes diria que a simplicidade e a frugalidade são virtudes eminentemente sacerdotais; mas o fato de que essas virtudes não são praticadas ostensivamente, não justifica ser acusado por aqueles que, por vocação, têm obrigação de praticá-las. Sejamos muito reservados nos juízos. Vejamos em cada sacerdote o que Deus pôs nele, o que nele pertence a Nosso Senhor, o que por conseguinte pertence a nossa família. Tenhamos muito respeito para com os sacerdotes diocesanos; sejamos atenciosos com eles; não nos permitamos censurá-los ou julgar-lhes a conduta. Nem sempre esses julgamentos estão isentos de um certo amor-próprio, de um certo orgulho: fulano faz tal ou tal coisa e eu não a faço, portanto valho mais do que ele.

Quanto aos religiosos, amemo-los com maior afeição ainda, porque tanto mais são nossos irmãos. Cada Ordem tem seu modo de ser e de ver. Os que caminham num caminho espiritual diverso, têm forçosamente uma maneira de ser diferente da nossa e que não condiz tanto conosco: evitemos cuidadosamente julgá-los. Em nós também, certamente, há muitas coisas que não lhes agradam: em nosso espírito, em nossa motivação mais

profunda há coisas que não atraem muitos; acharão que somos místicos, pensarão que não temos muito zelo; dirão que não somos abertos, que não dizemos tudo, que não puxamos à frente como outros. Assim julgar-nos-ão e assim mesmo poderemos compreender como é fácil julgar indevidamente os que não se conhece perfeitamente. Tenhamos, pois, muito respeito e uma grande afeição para com todos; isso é tanto mais necessário já que a Congregação, forçosamente, deve ter relações com muitas outras Instituições religiosas. Assim, em Riobamba, as Irmãs da Caridade atendem as Oblatas como suas primas, dizem elas. Os Padres Jesuítas, os Lazaristas, toda a gente procura viver de maneira muito cordial conosco. Importa cultivar essas boas relações; esta harmonia, simples e digna, é bonita, mesmo simplesmente do ponto de vista filosófico e humano; ela manifesta grandeza de espírito. Isso fica bem para um religioso, quando se vê que ele tem respeito, benevolência para com os outros.

Portanto, observem isso sempre com muito cuidado. O que digo em relação aos homens, afirmo-o, com mais razão ainda, referente às mulheres. É mesmo o cúmulo de inconveniência ouvir-se religiosos julgarem severa e publicamente a religiosas. Nunca se pode fazer isso; deve-se deixar de fazer isso por virtude, por mortificação: não temos outras mortificações, nós fazemos esta. Somos os últimos na Santa Igreja; saibamos ficar em nosso lugar.

Perante a gente do mundo, quais são os nossos deveres? Em primeiro lugar existem as questões políticas que necessariamente apaixonam muito. Na hora atual não há outra política senão Nosso Senhor. É inevitável ser a favor dele ou contra ele. Os que governam o mundo arrumam qualquer tipo de governo: presidente da República, rei da Itália, pouco importa, contanto que seja judeu ou maçon. Evidente que se pode preferir esta ou aquela forma de governo, porque protege mais a religião. Mas quanto a nós, não devemos entrar nessas questões. Meu grande desejo é que não se leia jornais; é tempo perdido.

Vamos deixar de lado, então, as questões políticas. Não digo que se aprove tudo o que se faz. Não, atualmente tramam-se manobras de uma falsidade incrível. Por exemplo, vota-se uma lei que mandará aos patrões liberar um dia por semana, à sua escolha. A lei do domingo era, outrora, a lei do país: substituem-na a critério do patrão. É muito mal isso. Roguemos a Deus que tudo isso não se realize. Sendo bons religio-

sos, atrairemos as bênçãos divinas e faremos mais bem do que escrevendo jornais ou passando o nosso tempo na sua leitura. Isso rebaixa o sacerdote. Tratemos todas essas questões a partir da fé.

Outra questão: Olhem como a Boa Madre capta verdadeira, simples e naturalmente o sentido da situação, da vida de cada um; ela compreende a vida das pessoas casadas, dos comerciantes, das pessoas que negociam, dos que estudam. Ela via cada um na sua vocação. Era uma visão cabal, completa. Ela ensinava que em todas essas vocações não somente se podia praticar a vida cristã, mas que se podia chegar à perfeição do seu estado. Não há dúvida, a perfeição da vida religiosa é mais fácil, mas os outros estados não são obstáculos para a perfeição; seja quel for o estado da gente, devemos tender à perfeição. A Boa Madre tinha muito respeito para com os magistrados, porque aplicam a justiça, para com os militares que defendem o país, referente aos negociantes que manuseiam as coisas materiais, com relação aos artesãos que enfrentam muito trabalho. Em cada uma dessas situações, ela via um meio de santificação e dava bons conselhos a cada um, de acordo com o estado; ela ensinava a respeitar cada estado de vida. Aproximemo-nos de todo o mundo com essa mentalidade; façamos as pessoas compreenderem que, nesta ou naquela situação, com tal ou tal problema, pode-se chegar à santidade. As pessoas às quais se comunica essa doutrina descobrem o verdadeiro sentido da Vontade de Deus e avançam alegre e corajosamente.

As condições de família também são meios de santificação: marido, esposa, pai, filhos; tudo isso é querido por Deus, tudo isso é a ordem de Deus. Devemos favorecer a autoridade do pai, fazer com que se a respeite, a não ser que ela se oponha a Deus. É fácil dar bons conselhos quanto a isso e não devemos deixar de recomendar freqüentemente a caridade, a condescendência. Particularmente, não tirem nunca proveito - e é uma coisa em que insisto muito junto a todos os nossos religiosos - nunca tirem proveito, digo eu, de uma situação difícil em que se encontra uma senhora, uma moça, um jovem com relação ao chefe da família para atrair essa pessoa à custa dos laços legítimos. É uma coisa horrível aos olhos de Deus. Não aproveitem nunca do mal-estar em que se encontra uma pessoa para prendê-la contrariamente à ordem de caridade estabelecida pelo próprio Deus. Isso é um ponto muito importante na direção espiritual e nas relações com o mundo.

Suponhamos, por exemplo, um mercador totalmente envolvido no seu nogócio, o qual ele atende honestamente e ao qual se dedica. Que a direção que o Senhor lhe der parta dali. Se o Senhor somente lhe fala sobre Pai-nossos e Ave-marias, esse homem não leva nada. Se o Senhor conseguir conduzi-lo a realizar seus trabalhos com fé, a voltar seu espírito a Deus no meio de suas atividades, a valer-se de Deus no seu negócio, ele o compreenderá; o Senhor terá sucesso. É um assunto muito vasto; não basta atacar por um pontinho só; os Senhores devem abordá-lo em toda a sua extensão. É preciso que esse homem tenha fé no bom Deus, que se lembre dele, que trabalhe com ele e adquira com seus recursos materiais; que Deus tenha parte em tudo isso; que esse homem aprenda a santificar suas ocupações pela oração, pelos sacramentos, sem dúvida, mas isso não é suficiente; isso é só passageiro e é preciso que a sua vida cristã seja perpétua, contínua. Deus é nosso Deus em relação a todas as coisas. Falem com esse homem assim e ele os compreenderá e os negócios dele tornar-se-ão algo santo e sagrado. É claro que não se deve dizer isso de saída; convém levar as pessoas pouco a pouco nesse caminho. É isso nossa finalidade, o nosso santo-e-senha. Deus Pai criou o mundo da matéria; devemos render-lhe o devido culto através da mesma matéria. A obediência às leis do Evngelho e da Igreja é o culto que rendemos a Deus Filho. A fidelidade à graça é a homenagem prestada ao Espírito Santo.

Nosso Senhor passou somente 33 anos sobre a terra e disse, voltando para o céu, que ele não estando entre nós, o compreenderiam melhor, que o Espírito Santo viria e ensinaria todas as coisas. Entendam-me bem. É um engano reduzir toda a religião a somente o ato da Redenção; isso não está completo, não é a verdade. Nosso Senhor mesmo o afirma, como acabamos de dizer. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, os três fazem parte da religião; e quando, pelas práticas religiosas, honramos somente Deus Filho e Deus Espírito Santo, não temos um meio completo de santificação.

Se alguém não me compreendeu bem, poderia me fazer perguntas. Que hoje todos entendam bem que todos os estados de vida, todas as circunstâncias nas quais nos encontramos, todos os tipos de existência merecem um grande respeito; que se deve ajudar as pessoas em todas as circunstâncias em que se encontram. Para santificar as pessoas, não se deve buscar dificuldades onde não as há; não devemos procurar a janta na

América enquanto a mesa está servida à nossa frente: "In ipso veniemos et mansionem apud eum faciemos" (Jo 14,23) (viremos a ele, e nele faremos nossa morada). Nosso Senhor estabelece ali sua moradia e afirma assim que o estado, a situação de cada cristão está completa não só pela graça da Redenção, mas também pela ação do Pai e do Espírito Santo. Tudo está presente na Redenção, é claro, mas os meios especiais da Redenção, a oração e os sacramentos não são suficientes para preencher as obrigações da vida cristã. São momentos de reforço, fontes de graça: a fonte não é o rio.

Temos alunos para cuidar. Uns têm mais meios, mais boa vontade; outros têm menos. Estes deve-se descuidar? Eles têm o que o bom Deus lhes deu, ou então o que concedeu nos desígnios de sua justiça. Importa ter muita condescendência e muita compaixão para com eles. Deve-se testemunhar-lhes afeição, caridade. Não se deve solicitar deles a não ser o que são capazes de dar e ajudá-los, quando não conseguem dá-lo. Somos os auxiliares de Deus frente a eles.

A resolução a ser tomada é que devemos ter muito respeito perante qualquer situação; que devemos ajudar as pessoas, a nós confiadas, a aproveitarem os meios de ser fiéis à bondade de Deus. Devemos encaminhá-los para que a sua vida seja repleta de obras de valor religioso; que não se restrinjam à missa do domingo e às suas orações de cada dia. A vivência religiosa deve ir mais longe, deve estender seu reino sobre as coisas materiais como as espirituais. O que disse Nosso Senhor? "Panem nostrum quotidianum da nobis hodie" (Lc 11,3) (Dai-nos hoje o nosso pão necessário ao nosso sustento).

O que devemos dizer aos outros, comecemos por incuti-lo a nós mesmos. Assumam esse espírito: é esse no qual somos fundados; é por esse caminho que devemos levar as pessoas das quais estamos encarregados.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE JUNHO DE 1888

O RECREIO

"Ao recrear-se, os Oblatos pedirão a Nosso Senhor a graça de não dizer nada que não servir para a glória dele." Antes de ir ao lugar do recreio o Oblato de São Francisco de Sales deve, pois, fazer a reta intenção, pedir a Deus a graça de passar bem este tempo de descanso e ver um pouco as faltas nas quais ele cai facilmente; um faltará freqüentemente à caridade: antes de fazer o recreio, ele pedirá a graça da condescendência e se exercitará cuidadosamente a respeito. Um outro é propenso ao orgulho, só fala sobre si próprio e não aprova a não ser o que ele mesmo faz: este pedirá a Nosso Senhor a humildade, a humildade que deve ser a nossa virtude preferida e que ele observará cuidadosamente ao falar. Os Senhores vêem que aí também há o que fazer, e que preparar-se ao recreio é uma coisa importante, um grande trabalho para o religioso que deseja praticar o Diretório.

Devemos fazer, pois, a reta intenção, ao passarmos o recreio com nossos alunos e também quando o fazemos com as pessoas de fora. Ali também nossos mesmos defeitos se apresentam e somos obrigados a nos corrigir; deve-se estar atento a isso, especialmente junto às pessoas do mundo que sempre esperam do religioso algumas boas palavras de edificação.

Nosso Santo Fundador recomenda trazermos um rosto aberto aos recreios. Se, pois, alguém entre nós está aflito ou aborrecido, que não o mostre a seus irmãos; que não o manifeste sobretudo às pessoas de fora. Mostremo-nos sempre afáveis e muito corteses. Tenhamos muito respeito a cada pessoa: é a grande regra da caridade, esse respeito bem entendido pelo próximo. Devemos ver o próximo no bom Deus e ver o bom Deus no próximo, como neste também as qualidades, as virtudes que o bom Deus nele depositou. É a lição e o exemplo do nosso Santo Fundador.

Observemos, pois, com fidelidade e sempre, essa grande regra do respeito perante o próximo: frente às crianças, diante das moças, como ante os homens e as mulheres do mundo. É para nós uma boa oportunidade de fazer as coisas como Nosso Senhor de nós requer. Esse respei-

to inspira respeito. Pessoas tímidas são encorajadas por verem em nós essa atitude de profundo respeito por elas; encontram-se à vontade conosco, a nossa presença as edifica. As pessoas por demais audaciosas são retidas, e esse respeito é como um freio que as pára, como um muro que elas não passarão. Entre nós também, guardemos bem esse respeito e não nos tratemos jamais com a familiaridade ou o atrevimento como entre estudantes. Respeitemo-nos, sem assumir, porém, uma postura afetada e rígida que nos tornaria ridículos. Observemos, ademais, nosso Santo Fundador e regulemo-nos por ele, Mas voltarei a este assunto daqui a algum tempo ao dar-lhes o Costumeiro que vos dirá detalhadamente tudo o que se deve fazer. E, já que a ocasião se apresenta, passo a citar-lhes uma palavra bem conhecida do Senhor Guizot: "A Igreja católica é uma grande escola de respeito". Importa que tenhamos esse respeito no recreio e em toda a parte. Nos recreios, se deve sempre ter alguma coisa boa para dizer, por exemplo relatar algum detalhe que tivermos encontrado nas leituras pessoais ou que nos tiver impressionado na leitura no refeitório. No entanto, não conviria lançar-se como pedagogo; seria mais do que ridículo. No recreio cada um tem sua liberdade, ninguém ocupa lugar de destaque e todos devemos contribuir da sua parte para que a conversa seja interessante. O recreio, no entanto, não deve ser a comunicação do barulho de fora; evite-se dizer o que ficamos sabendo ou o que vimos, quando não são coisas bem edificantes. Nós deixamos a outros a preocupação de fazer política: o Oblato de São Francisco de Sales não deve ocupar-se disso.

Durante o retiro entregaremos, se for possível, o Costumeiro que indicará a cada Oblato o meio de observar fielmente a Regra, de modo que pratiquemos fielmente o Diretório em conjunto e a Regra a risco. Executaremos com muita exatidão cada um de seus pontos. E assim estaremos mais unidos de coração e de espírito, e superaremos mais facilmente as dificuldades que encontrarmos e aceitaremos com maior disposição os sofrimentos que o bom Deus nos enviar.

O têrmino do recreio é o momento de pedir as diversas coisas de que se precisa no seu serviço.

Uma virtude que eu recomendaria ainda para os recreios é a caridade nas palavras. Deve-se evitar comentários sobre este ou aquele, especialmente se for em seu desfavor. Se há algum ressentimento contra tal ou tal, devemos guardar isso e dizê-lo a Nosso Senhor antes de ir

no lugar do recreio. Evitem também falar dos Superiores, da direção da casa: essas coisas não nos dizem respeito e é meter-nos em muito aborrecimento caso tocarmos a autoridade dos Superiores, por mais de leve que seja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

Segue ainda o Capítulo do dia 27 de agosto de 1888, realizado em Foicy, em continuação do Primeiro Capítulo Geral de 1888 e que só contém as decisões capitulares, as quais acharemos novamente entre os Capítulos Gerais.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE OUTUBRO DE 1888

ALEGRIA NA CRUZ

Hoje não seguiremos a seqüência normal do comentário do Diretório e das Constituições; quero lhes fazer uma recomendação geral no início deste ano letivo. Este conselho baseio-o sobre estas palavras de Nosso Santo Fundador.

"Os Irmãos que quiserem prosperar e adiantar-se no caminho de Nosso Senhor devem, ao começar todas as atividades, tanto exteriores como interiores, pedir a graça dele e oferecer à divina Bondade tudo o que fizerem de bem, preparando-se assim para suportar com paz e simplicidade de espírito toda a pena e mortificação que encontrarem, como vindas das mãos paternas do nosso bom Deus e Salvador. Pois toda a sua intenção é, dessa forma, fazer com que ganhem méritos e depois sejam recompensados com a abundância de seu amor.

É a tradução fiel da palavra de São Paulo: "Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem" (Hb 12,2) (Em vez do gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz). Eis a vida interior de Nosso Senhor, o segredo de toda a sua vida, de todas as suas ações: preferiu a cruz à felicidade que lhe era oferecida.

Durante este ano tomemos nós também esse pensamento, penetremo-nos dessa palavra, compreendamo-la bem. Diante de cada ação que nos custa porque nos traz cansaço, contrariedade, porque exige trabalho, aplicação contínua, ou porque nos põe em relação com um próximo do qual não gostamos, - sendo essa verdadeira prática da caridade - diante de cada ação, digo eu, é preciso que haja sacrifício, senão nem seria mais caridade, não haveria mérito; antes de cada ação, pois, frente a tudo o que nos custar, devemos nos propor a alegria, a satisfação interior. Nas aulas, nos trabalhos manuais, nas relações com o próximo, em mil encontros, temos que sofrer: entreguemo-nos de bom grado a cada coisa que nos é proposta, acolhendo-a em paz, com uma verdadeira e sincera alegria interior. Façamos, do mesmo modo, em cada uma das nossas ações. Essa disposição de acolher em paz, com alegria, a dificuldade de cada ocorrência, tem uma influência imensa sobre o nosso caráter; ela nos

prepara favoravelmente a qualquer coisa, a qualquer pessoa; seja qual for o caráter difícil, a circunstância enfadonha que encontrarmos, estamos estabelecidos num estado de paz, de serenidade muito favorável à alma; tornamo-nos motivo de grande edificação para o próximo. Aos olhos de Deus, é um grande mérito que adquirimos; e essas pequenas dificuldades que aceitamos sem resmungar nos são grandemente proveitosas.

Que tudo, portanto, cada pessoa, cada contrariedade nos encontre sempre de espírito alegre e repletos de paz interior: "Proposito sibi gaudio sustinuit crucem" (Hb 12,2) (Em vez de gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz).

Era uma virtude muito destacada de nosso Santo Fundador. Era praticada com perfeição pela Boa Madre Maria de Sales. Por que é que ela tinha tanta influência durante sua vida e mesmo agora? É que ela renunciava a si mesma; é que ela gostava e acolhia como muito aprazível o que não era agradável em absoluto.

Que essa seja a norma de todas as nossas ações. Isso fixará em nós seguramente virtudes; isso conduzirá forçosamente a um avanço na perfeição. É a maneira de agradar muito aos outros, e de ser muito agradável a Deus, pois não é uma das coisas das mais fáceis sacrificar assim a vontade, os gostos naturais, o caráter. Serão atos tanto mais agradáveis a Deus, quanto mais nos custarem. Não somente aceitamos a cruz, mas vamos além ao dizermos como Santo André: "O bona cruz diu desiderata" (Ó boa cruz há tanto almejada). E nós temos, no coração, essa disposição tão excelente a qual a Igreja louva em Santo André como a mais bela que se pode encontrar no momento da morte.

Não o esqueçamos; somos obrigados não somente a atender nossas tarefas, mas também a executá-las bem, cumprindo os diferentes serviços a nós confiados, não somente de um modo passável, mas também no sentido como nós, Oblatos, pretendemos e para o qual Deus nos dá sua graça. Todas as vezes, portanto, que temos alguma coisa que suportar, empenhemo-nos de todo o coração ao dizer: Deo gratias (graças a Deus) e lancemo-nos generosamente. A alegria de espírito adoçará a amargura, facilitar-nos-á a ação e torna-la-á mais agradável aos olhos de Deus.

"Proposito sibi gaudio sustinuit crucem" (Hb 12,2) (Em vez

do gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz); guardemos essa palavra na vontade e no coração; que ela seja como base, o alicerce do edifício espiritual deste ano.

Quase todos os santos avançaram nesse caminho; e a obra que tem sido mais durável, é dos que caminharam nele com maior perfeição, e mais se acercaram dele e, ao mesmo tempo, mais se aproximaram de Nosso Senhor, tornando-se mais semelhante à imagem dele. Pois assim é que era Nosso Senhor; ele era dessa maneira. Tenhamos, pois, muito respeito de cada expressão da Vontade divina e sejamos muito atentos a cada ordem ou consentimento de Deus; aceitemos, recebamos bem tudo o que nos acontecer de desagradável, não somente porque não há outra maneira, mas "Proposito sibi gaudio..." (Em vez do gozo...) (Hb 12,2).

Começando assim nosso ano, creio que poderíamos fundamentar bem a eficácia de nosso ministério, seja qual for: "Alius sic, alius autem sic (1 Cor 7,7) (Uns de um modo, outros de outro), diz o Apóstolo; seja o minstério da palavra, o da aula ou o do trabalho manual; em toda a parte há sofrimento, por tudo há sacrifício.

Limitemo-nos a isso, esta manhã. Eu desejaria apoiar firmemente todo o ano dos Senhores nisso: "Proposito sibi gaudio sustinuit crucem" (Hb 12,2) (Em vez do gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz). O coração à frente, sempre alegre, porque em toda a parte encontramos a complacência de Deus, e que o próximo o perceba! Certamente não será o semelhante que nos causará essa alegria, mas sim a nossa boa vontade.

Deus seja bendito!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 31 DE OUTUBRO DE 1888

RENOVAÇAO DE COMPROMISSOS

Devemos nos lembrar de que somos religiosos para nos preparar a ir para o céu e para fazer com que vá para o céu uma grande quantidade de pessoas. E iremos para lá, e um grande número de almas conosco, se formos santos religiosos. Convém que as grandes festas, e principalmente a de Todos os Santos, venham-nos renovar a motivação, as determinações da vontade e toda a nossa conduta. É importante renovarmos, ante o bom Deus, as nossas promessas do retiro e sermos mais fiéis, praticando mais pontualmente o Diretório ao sermos mais mortificados, mais unidos ao bom Deus nas orações e em todas as nossas ações. A vantagem não será somente nossa, mas todos os fiéis tirarão proveito disso. E não é somente à guisa de caridade que devemos ajudar assim os fiéis, mas também a título de justiça; não é facultativo: é nossa missão, nossa tarefa, nosso ofício. Compenetremo-nos bem disso; não pensamos suficientemente em todas as nossas obrigações. Se cumprimos mais ou menos e de qualquer maneira todas as nossas obrigações maiores, julgamos que tudo está feito: não, tudo não está feito. Importa fazermos mais ainda; especialmente agora que os esforços de satanás são inúmeros e que ele parece alcançar a vitória por todos os lados.

Faz pouco fizeram-me a observação que muitos homens virtuosos, cheios de zelo, experimentavam um grande desânimo, um tremendo cansaço, vendo-se sozinhos, abandonados, confrontados com duras lutas a sustentar.

Se a luta é grande, os meios à disposição para sustentá-la são grandes também; mas esses meios não podem ser utilizados senão a partir de nossa fidelidade. Quase todas as Ordens religiosas são reduzidas à impotência; o clero secular tem os braços atados. Uma só força pode agir: a que a Boa Madre chamava de "a força dos méritos do Salvador". Pois bem, essa força dos méritos do Salvador age ao encontrar religiosos dispostos a dedicar-se. Não é lançando-nos irrefletidamente na refrega, na imprensa, na pregação que faremos grande coisa; não so-

mos pregadores, nem jornalistas: o verdadeiro meio de salvação se encontra, diz o Apóstolo, "in virtute Dei" (1 Cor 2,5) (no poder de Deus), acha-se na união com ele, no que fazemos com ele: "Pater meus usque modo operatur, et ego operor" (Jo 5,17) (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também). É aí que encontramos a força, a atividade. Essas não são idéias especulativas; é a nossa tarefa, o nosso código; é o que devemos fazer literal e rigorosamente, é nossa lei. Deve esta lei encontrar seu cumprimento: a lei da caridade, da união com Deus por meio dos exercícios da vida religiosa e da união com nossos irmaõs.

Façamos desse modo para ir para o céu e para fazer irem para lá muitas almas.

Os Israelitas diziam ao Profeta: "Omnes te expectant" (Todos te aguardam). É verdade ainda hoje. Todo o mundo espera uma renovação. Muitas pessoas declaram que há, na doutrina da Boa Madre, uma renovação; é a idéia, o fato que há de renovar o mundo. Não é que tenhamos nós a pretensão de renovar o mundo por nós mesmos: o Salvador resgatou o mundo por sua vida, pela sua morte e sua paixão. Ele continua querendo resgatá-lo e, sendo que sua Humanidade não está mais entre nós, ele quer servir-se de nós, e é por nossa vida, nossa morte e nossa paixão que ele quer resgatar o mundo. Não podemos escapar-nos disso.

Frente a esta multidão de Bem-aventurados protetores, encorajemo-nos a fazer o que fizeram, a dar o que deram; se tivermos que combater, não é que Nosso Senhor tem doze legiões de anjos, como ele disse (cf. Mt 26,53), a nossa disposição?

Compreendamos bem isso à luz divina, que esclarece os Santos do Paraíso. "Et erat lux indeficiens. Agnus illorum lux est" (cf. Ap 21,23) (E era uma luz inextinguível. O Cordeiro lhes é a luz). Vejamos estas verdades às claridades do céu, à luz da fé. Tornemos-nos profundamente religiosos. Aprendamos a conformar-nos sem cessar à Vontade divina.

Que cada um faça um exame sério para ver se está dando tudo o que deve; que cada um arrume bem sua conta para o Paraíso; é o momento favorável; é o momento das boas e firmes resoluções. O exército imenso dos Bem-aventurados do céu nos observa e nos abençoa; que nos dêem

a inteligência necessária para compreender essas coisas.

Bendito seja Deus.

CAPÍTULO DO DIA 7 DE NOVEMBRO DE 1888

HISTÓRIA DE NOSSA APROVAÇÃO
FIM DO INSTITUTO: A VONTADE DE DEUS
EFICÁCIA PELA SANTIDADE PESSOAL

Começamos a explanação das Constituições.

Hoje a situação do Instituto dos Oblatos de São Francisco de Sales está assegurada; recebemos a aprovação da Santa Sé. Essa aprovaçaõ é tanto mais notável já que foi outorgada depois de poucos anos de existência. Percorremos rapidamente todas as etapas. Antes do Breve laudativo mesmo, tínhamos recebido uma Carta especial de Sua Santidade, Pio IX, carta de encorajamento que ele enviou por própria conta, sem que a tivéssemos solicitado, mas em conseqüência de uma carta de recomendação que eu tinha dado a uma família cristã, que desejava visitar o Santo Padre. Essa família falou com Pio IX sobre as Obras empreendidas pelos Oblatos nascentes, e, espontaneamente, o Santo Padre nos mandou uma carta de parabéns e de encorajamento.

Em 1875, eu fui a Roma com o Padre Lambey, no mês de março ou de abril, levando as Constituições e, no mês de dezembro, para o Natal, recebemos a Carta laudativa.

Depois do exame das Constituições, após algumas correções solicitadas por Roma, que tratavam mais da forma do que do conteúdo, foram enviadas novamente a Roma para ser submetidas ao estudo. Foram aprovados no mês de dezembro próximo passado e a aprovação das Constituições inclui a aprovação da Congregação. Esta não precisa de mais nada. Certamente, está aprovada para dez anos somente: nunca se concede a aprovação definitiva desde o início. Depois de dez anos não teremos

outras formalidades para preencher, senão a de pedir a continuação do mesmo favor; isto é sempre deferido, a não ser que haja desordens ou escândalos, o que, creio eu, nunca se tem visto; a Igreja não avança para recuar; ela é assistida de forma demasiadamente especial e age com tanta prudência que é difícil supor que ela se engane nesse particular. Esta aprovação é, ordinariamente, o fruto de longos anos: estranharam, em Roma mesmo, ao constatar que nós a tínhamos obtido em tão pouco tempo; às vezes leva um século e até mais.

Constituições dos Oblatos de São Francisco de Sales

Fim do Instituto

"Os membros do Instituto, colocando-se sob o patrocínio de São Francisco de Sales, propõem-se praticar as virtudes sacerdotais e religisoas, segundo o espírito do santo Doutor."

Somos um Instituto, não somos uma Ordem; há poucas Ordens masculinas na França, e mesmo no mundo: Os Beneditinos, os Dominicanos, os Franciscanos e algumas outras. Cada Congregação de sacerdotes regulares leva ordinariamente o título de Instituto.

Não somente colocamo-nos sob o patrocínio de São Francisco de Sales, mas sua doutrina deve ser a nossa; seus exemplos são nossos modelos; queremos viver segundo seu espírito. Não é que o mesmo espírito reina em todo o lugar. O espírito de São Francisco de Assis é o amor de Nosso Senhor, a pobreza especialmente. "A pobreza," diz São Francisco a seus filhos, "deve ser a nossa companheira..." Outros têm a pregação; mais outros, a mortificação exterior. São Francisco de Sales não se declara exclusivamente pela mortificação, nem pela pregação, nem pela pobreza, mas antes por conformar-se com a Vontade divina. Ele não diz: "Ad maiorem Dei gloriam" (para maior glória de Deus), mas: "Fiat Voluntas tua sicut in coelo et in terra" (Seja feita a vossa Vontade, assim na terra como no céu). É esse o fundo do seu espírito; é o que teremos que procurar adquirir. Para nós, a virtude consiste em conformar-nos com os desígnios de Deus, em obedecer às ordens de Deus, de sua Providência. Fazemos profissão de obediência total e absoluta à Vontade de Deus e, por conseguinte, à vontade de nossos Superiores: é isso o nosso espírito.

Nos primeiros tempos que eu estava na Visitação, eu interrogava a Madre, que era uma Senhora muito capaz, companheira e amiga da Boa Madre: - Quais são as virtudes da Visitação? - Não procedemos, aqui, por virtudes, respondeu-me ela. - Não temos mortificações exteriores extraordinárias: o fundo de nosso espírito é a obediência; é a nossa única virtude: a obediência mais completa.

Todas as Ordens religiosas têm a mortificação corporal que os leva à prática da caridade; para nós, é a mortificação interior, a mortificação do espírito, a da vontade que é nosso meio de praticar a caridade. Claro que austeridades, jejuns não nos são proibidos; pode acontecer que o bom Deus dê uma graça especial, uma inspiração particular a um ou outro Oblato, experimentando este grande desejo de mortificação. Que ele trate disso com seu Diretor espiritual, com seu Mestre de Noviços, com o Superior Geral. Deve-se examinar isso: "Nolite extinguere Spiritum Sanctum" (1 Tes 5,19) (Não extinguais o Espírito). A prudência do Superior indicará o rumo por onde seguir. Mas essa vida de mortificação é uma exceção, ou melhor é uma via particular, pessoal. O espírito comum, geral, é a simples obediência, a dependência de seus Superiores. Essa obediência, essa dependência é certamente algo muito grande, muito meritório, mais custoso do que os jejuns, que mortifica muito mais a natureza e a sujeita muito mais rapidamente.

A doutrina de São Francisco de Sales é extremamente ponderada. Suponha uma pessoa com sua índole, suas aptidões; ela é assim porque o bom Deus a fez assim. Será que ela pode ser um bom Beneditino, um bom Franciscano? Sim, se a feição de seu espírito, de sua vontade pode adaptar-se à Regra. Há a tendência de uma forma ou outra em todas essas Regras; a escala não está estabelecida rigorosamente; isso penderá para o lado das obras exteriores de caridade, da pregação, da mortificação. E é uma coisa boa; pode-se fazer um bem imenso tirando partido da índole de cada um. Para nós, não há uma tendência determinada assim: tudo está extremamente ponderado; não se vai tomar no homem, entre tudo o que sua personalidade oferece, o que é preciso para determinar sua voacação; toma-se isso em Deus. O homem não aparece a não ser para harmonizar-se com Deus, para fazer sua Vontade divina. Fulano gostaria mais, sem dúvida, um ministério mais ativo, a pregação, isso combinaria melhor com seus gostos; nós temos um só gosto: a Vontade de Deus, manifestada pelas circunstâncias, pela Regra, pelas ordens de nossos Superiores.

A gente se faz Capuchinho por gostar muito de caminhar de pés descalços; torna-se Dominicano, porque gosta muito de pregar: essas vocações são muito boas: segue-se a atração, a inclinação da tendência natural, de acordo com a queda pessoal. O Oblato não tem isso: sua escala e única grande motivação é a Vontade de Deus: é esta o seu centro de convergência e como a gravidade é a lei universal de todos os corpos, - as coisas sobrenaturais têm muita analogia com as coisas naturais - a atraçaão da Vontade divina age em tudo e sobre tudo.

Portanto, o nosso espírito é alguma coisa muito ampla, muito profunda, muito segura. Em geral, para ser um bom Oblato, é preciso um bom juízo, capacidade, um espírito muito reto, não original, não raro, uma vontade ampla que se estende a toda a expressão da Vontade divina, que não visa somente esta ou aquela virtude, mas a todas elas em geral, uma vez que a Vontade de Deus as engloba todas. É esse o espírito da Boa Madre, é esse o espírito de nosso Instituto, eis porque fomos fundados.

Nem todos sentem a atração a uma Ordem militante, a uma Ordem de sábios, a uma Ordem orante, a uma Ordem mortificada; é verdade, mas nossa atração é a de toda pessoa que procura Deus por Deus e quer abandonar a si mesma para estar inteiramente nas mãos da ação divina.

Compreendam-no bem. Longe de considerar-nos inferiores às outras Ordens, isso nos aproxima mais de Deus. Entre nós, é preciso santificar-se com tudo, e é mais difícil do que fazê-lo com uma só coisa, por exemplo com a mortificação externa. Precisamos de uma vontade bem reta, bem sincera, bem simples; e para que nossa vontade seja dócil, é necessário uma grande capacidade intelectual; os Senhores podem observar isso todos os dias, no meio dos seus alunos, que, quanto mais inteligência e juízo eles têm, tanto mais dóceis são; e, ao invés, quanto menos capazes são, tanto mais rebeldes também.

São essas as condições para ser Oblato; é esse o caminho por onde andar.

"Empenhar-se-ão seriamente por santificar-se a si próprios para depois ajudar mais eficazmente na santificação do próximo pela educação cristã da juventude, pelas missões em países heréticos e pagãos, e

pelas funções do sagrado ministério."

É esse um princípio acertadíssimo, que a santificação pessoal, a santidade da obediência é capaz de ser eficaz. O que é que, de fato, opera em nosso Instituto? Não será a mortificação externa, nem tampouco o zelo pelas almas - sem dúvida, devemos ter zelo, mas será um zelo particular, pessoal -; não é a palavra de ordem entre nós... Qual o meio através do qual nós operamos então? É santificando-nos a nós mesmos; será a santificação própria que operará. Por sinal, é isso mesmo o que de nós se espera. Olhem, eu lhes digo de voz baixinha: há um religioso que foi motivo de escândalo no país aonde o tínhamos enviado: não lhes mencionarei o nome dele. Por quê? Porque se portava de modo incorreto, punha as mãos no bolso, se apoiava na janela para olhar os transeuntes, ria e fazia suas reflexões olhando para eles; permitia-se tal ou tal prazer aqui ou ali. "Os Oblatos são assim," disseram. "Não vale a pena que se incomodem, vindo de tão longe para cá." E, contudo, esse religioso talvez não tivesse cometido nem uma falta venial; mas são coisas que se sentem; é preciso que a gente se mortifique em todas essas coisinhas.

Observemos São Paulo e São Barnabé que chegam em Listra. Tinham eles as mãos no bolso? Riam eles das pessoas que encontravam? Que impressão teriam causado? A multidão se reúne em torno deles. "Deuses em figura de homens baixaram a nós." (At 14,11). E chamaram Barnabé de Júpiter e Paulo de Mercúrio, "porque era ele que dirigia a palavra" (At 14,12) (quoniam ipse erat dux verbi). E a cidade em peso quer oferecer-lhes um sacrifício como a Mercúrio e Júpiter. Olhem o que devem ser os nossos missionários; não devem ser homens comuns. Quando se vai para as missões, deve-se fazer grande empenho pela santificação pessoal, para ajudar na santificação dos outros; e essa santificação pessoal deve ser tão abundante que apareça para fora.

Estamos na quarta linha de nossas Constituições e já nos foi dito o que se exige de nós. Devemos pensar bem nisso. Não somos pessoas como outras; não somos uns engraçados; devemos apresentar, em todo o nosso ser, a dignidade do que somos. O que é São Paulo? Não era da elite de Corinto; era um artesão que fazia tendas. São Barnabé era um bom Galileu, um pescador provavelmente. Eis, então, um pescador e um arte-

são entrando numa cidade grande, uma das mais civilizadas da Ásia; eis dois operários da mais baixa condição que, pela sua dignidade, a sua santidade, provocam a afirmação: "São Deuses!"

Faz pouco, uma pessoa muito versada em assuntos de missões me disse sobre missionários: "Se fosse possível transmitir santidade a cada missionário, e essa santidade aparecesse, ainda que fosse um pouco, para fora, com dez vezes menos pessoal, ter-se-ia dez vezes mais efeito.

Precisamos rezar muito pelos nossos missionários: para os que recém partiram; rezemos bem e façamos bem os nossos sacrifícios.

Bendito seja Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 14 DE NOVEMBRO DE 1888

UNIFORMIDADE INTERIOR E EXTERIOR - O TRAJE

"Empenhar-se-ão seriamente por santificar-se a si próprios para depois ajudar mais eficazmente na santificação do próximo pela educação cristã da juventude, pelas missões em países heréticos e pagãos, e pelas funções do sagrado ministério."

Na nossa última palestra, já dissemos algumas palavras sobre nossos missionários. Estão isolados num país estrangeiro; devem pregar por palavras e mais ainda por exemplos. Eu lhes lembrei os primeiros Apóstolos, pregando antes de mais nada por exemplos, pregando pela edificação que ocasionavam, e que era tal que, em Listra, consideravam São Paulo e São Barnabé como deuses. A santidade brilhava em todas as suas ações e na pessoa inteira. É o que compete fazer ainda hoje. É absolutamente necessário que os nossos missionários tenham uma grande influência pessoal; é preciso que a sua pessoa inspire o respeito, a confian-

ça. Outras disposições lhes aniquilariam as obras e a atuação. Ora, essa influência não a terão por si mesmos; encontra-la-ão somente por sua generosidade, pela fidelidade aos deveres e sobretudo ao Diretório.

As funções do sagrado ministério: É de suma importância que nós ajamos do mesmo modo nas funções do sagrado ministério. Não convém que um faça isto e outro aquilo. Então seria inútil formar uma Congregação religiosa. Valeria mais exercer o sagrado ministério por conta, a capricho próprio. Requer-se uniformidade na vida interior; depois também, uniformidade na vida exterior, nos estudos, na obediência; acontecerá, então, que os fiéis serão impressionados ao verem que o que um afirma, o outro também diz; que são as mesmas idéias, os mesmos modos de ver, a mesma doutrina. Nossas palavras serão de grande peso. Deve-se, pois, evitar bem a familiaridade, a esquisitice, as coisas raras no exercício do santo ministério; é preciso que palavras e ações, modos de ser e conselhos na confissão, bem como as instruções, sejam os mesmos. Todas as vezes que nisso descobrimos algum pequeno detalhe de originalidade, deve-se escutar a voz da consciência e fazer tudo voltar à uniformidade. Não é para nossa pessoa que desempenharemos alguma função no exercício do sagrado ministério; faremos o que ocasionará a presença do bom Deus; não serão nossa maneira de ver, nossos esforços, nossa aplicação pessoal; será a obediência, a indicação recebida que agirá; isso tem uma eficácia enorme; nosso esforço renderá o cêntuplo e teremos grandes resultados.

O que digo sobre a vida exterior, sobre a obediência e a dependência exterior, com mais razão ainda devo afirmá-lo referente às disposições de nosso espírito. Não se pode converter as almas a não ser com uma alma bem fiel a Deus. Os Diretores de seminários, na medida que eram santos, deixaram uma impressão indelével de santidade em todos os sacerdotes que formaram. Ponham um santo pároco numa paróquia, sentir-se-á por muito tempo a influência salutar. Logo mais vamos nos estabelecer em Chaource. Essa paróquia é ainda boa, e há fé: isso se deve a um santo sacerdote, a um mártir da Revolução, o Padre Martinet. Sua ação, por motivo de sua santidade, foi tão profunda e forte que se encontram nessa região convicções bem fundadas, uma prática fiel, por demais raras em nossos dias.

Não há dúvida, como diz Santo Agostinho, quando Pedro batiza,

é Jesus Cristo quem batiza... Isso se aplica à graça sacramental, que age "ex opere operato" (por eficácia própria); mas no exercício do santo ministério, na pregação, na confissão, na direção espiritual, há outras graças que a graça sacramental; certamente a santidade do ministro influi; e, além da graça essencial do sacramento, há graças acessórias que dependem de quem o administra.

Pensemos bem nisso; somos responsáveis diante de Deus pelos frutos que ocasionamos nas almas. Sendo fiéis à observância, à união interior com Deus, teremos tanto mais influência sobre as almas; e essa influência não é um efeito pessoal, mas ela é toda divina e totalmente celeste.

São esses motivos muito sérios para sermos fiéis ao nosso Diretório.

Duas classes de Oblatos: Padres e Irmãos Coadjutores.

"Os membros da Congregação se distinguem em duas ordens: os clérigos que levarão o título de Padres e os Irmãos Coadjutores que têm o título de Irmãos."

"Os Padres usarão o vestuário eclesiástico completo, a batina e a faixa; os Irmãos, o hábito eclesiástico de viagem, a sobrecasaca com outra roupa preta, que os distinguirão dos leigos, sem dar ocasião de confundi-los com os Padres ou outros clérigos."

Os Padres vestirão o traje clerical completo. Nunca se deve aparecer com outra roupa, menos nos países, onde não é possível usar roupa clerical, como no Cabo da Boa Esperança ou nos países protestantes; para isso precisa-se pedir licença, a permissão do Superior Geral. O nosso vestuário será bem uniforme; submeter-nos-emos bem ao que já foi e ao que for ainda decidido a esse respeito, a fim de que haja, na medida do possível, unidade, sem aglomerado de cores disparatadas. A esse respeito há ainda certas questões a serem tratadas sobre as quais lhes falarei proximamente. Assumamos bem a uniformidade; se houver algum sacrifício a fazer, façamo-lo corajosamente; se fôssemos Capuchinhos, teríamos uma quantidade de outros sacrifícios para fazer a respei-

to do vestir.

Exteriormente, pois, a roupa será toda parecida: se alguém precisar alguma coisa de roupa interior mais quente, devido à idade, às enfermidades ou necessidades especiais, certamente não ultrapassará os limites da Regra ao pedir o que necessita e usando-o com permissão. Mas, para o vestuário de cima, é outra coisa. "Come-se para si," diz um provérbio inglês, "mas a gente se veste para os outros." Observemos essas normas, essa uniformidade que edifica o próximo.

Os Irmãos, para o trabalho, usarão roupa comum, de cor. Nos domingos, e quando eles têm que sair, usarão a sobrecasaca e o chapéu pretos; não seria necessário que essa roupa fosse bem da última moda; mas não deve ser tampouco de forma estranha. Deve ser semelhante ao que se usa normalmente, um pouco por tudo.

Precisa-se cuidar muito da roupa, tratá-la bem, como fazem os pobres, para que dure o mais possível, como a gente faz que não tem meios de renová-la freqüentemente.

Para terminar, repito o que lhes disse diversas vezes: "Regnum Dei intra vos est..." (Lc 17,21) (O Reino de Deus está no meio de vós). Não é pelos meios exteriores que realizaremos alguma coisa, é pela pureza de coração, pela fidelidade aos deveres e ao Diretório. Não é pelo barulho e o fragor que se produz, que se chega a alguma coisa; "opiniones bellorum", dizia Nosso Senhor (cf. Mc 13,7); não é por inúteis ruídos de batalhas; isso não leva a nada; seremos fortes e vitoriosos com Nosso Senhor, unindo-nos a ele pela fidelidade à sua graça: "Regnum Dei intra vos est." (Lc 17,21).

Bendito seja Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE NOVEMBRO DE 1888

O TRABALHO MANUAL

"Os Irmãos desempenharão os serviços que se referem aos aspetos materiais da casa. Ocupar-se-ão, normalmente, dos trabalhos manuais."

Segundo a Constituição, os Irmãos gozam exatamente dos mesmos privilégios como os Padres; eles têm parte em todas as vantagens e benefícios espirituais da Congregação; e, no que diz respeito às coisas materiais, são tratados exatamente como os Padres. Isso quer dizer que os Padres e os Irmãos compõem juntos uma só e mesma comunidade e que há para todos um só e idêntico espírito; não há duas Ordens diferentes, mas uma só e igual Ordem.

É preciso, agora, que cada um compreenda bem o seu papel e preencha seu cargo. Tendo os Irmãos, segundo a Constituição, parte em todos os bens materiais e espirituais da Congregação, na alimentação, no vestuário, nos cuidados temporais, bem como nos sobrenaturais, devem eles, do seu lado, fazer também como fazem os Padres.

Tomem, por exemplo, um professor; ele trabalha de todo o coração, aplicando todo o cuidado no seu encargo; não facilita em nada no tocante a seu dever, pois sabe que trabalha para o bom Deus e deseja atender seu cargo. Um professor de retórica, de filosofia, com muito esforço, prepara seus alunos para a formatura; passará todo o seu tempo corrigindo os deveres deles; até se verá forçado, talvez, a pedir licença de deitar mais tarde, passando uma parte da noite a trabalhar para cumprir com sua tarefa.

Que os Irmãos estejam pelo trabalho como os Padres estão pelo deles. Assim como os Padres trabalham dia e noite quando necessário, da mesma forma também, segundo a precisão, que os irmãos se dediquem, sabendo sacrificar o descanso, quando for necessário. Que façam como os Padres que são professores, que são encarregados de disciplina; como

os que atendem o sagrado ministério. Os que ouvem as confissões em Tauxelles, por exemplo, voltam, às vezes, à meia noite. O serviço dos Padres é bem mais fatigante e cansativo e, no entanto, eles se lançam à obra de todo o coração. Que cada membro da Congregação, cada um no seu cargo, trabalhe bem para a glória de Deus, seja no ensino, seja na direção das almas, seja pelos trabalhos manuais.

O trabalho manual contém alguma coisa grandiosa; deve ser santificado para nós. Os Irmãos trabalham como Deus trabalhava nos dias da Criação: "Pater meus usque modo operatur, et ego operor" (Jo 15,17) (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também). Os Irmaõs não devem considerar-se como empregados domésticos; eles não são criados; são titulares, iguais aos Padres; são religiosos como os Padres; claro, não são análogos aos sacerdotes, quanto ao caráter sacerdotal; mas são idênticos como religiosos. Importa, portanto, que se entreguem à sua tarefa; devem trabalhar com amor, dedicação, constância, generosidade. Assim como os nossos Padres não temem de comprometer-se a saúde, a vida mesma, para levar o trabalho a bom termo - vejam por exemplo o Padre Rollin - do mesmo modo, os Irmãos também devem encorajar-se, gostar do seu serviço e dedicar-se a ele. Assim é que se deve encarar o trabalho religioso; é uma honra, um mérito diante de Deus. Nosso Senhor, vindo na terra para resgatar os homens, trabalhou durante trinta anos para ganhar o sustento de sua vida, a de São José e a de Nossa Senhora. Não encontramos muitos Irmãos; eu não quero mesmo nenhum, se eles não têm espírito religioso. Se um Irmão vem conosco e trabalha para passar o tempo, buscando sua tranqüilidade e a satisfação de seus gostos, o exercício de sua profissão, ele não serve para religioso; que vá para outro lugar! E se quer ter sua tranqüilidade e nunca ser incomodado, que nem se torne religioso!

Que os Irmãos se elevem bem à dignidade do estado religioso. A coisa mandada é tão sagrada, tão santa quanto o exercício do santo ministério. Em que consiste o valor, a dignidade da atuação, é a ação de Deus, e a sua graça. A gente come, se veste; fazendo-o com a graça de Deus, é um ato sobrenatural e muito meritório. Se a graça de Deus está conosco no trabalho, e de um modo contínuo, nosso trabalho será muito meritório.

Desejo que os Irmãos compreendam como é importante trabalhar com dedicação, com o pensamento na grandeza da missão que desempenham. O serviço que os Senhores fazem é um trabalho santificante e abençoado. Os Senhores trabalham em favor da Comunidade: todas as pessoas que compõem a comunidade trabalham pelas mãos dos Senhores; esse trabalho acarreta bênção; é como as relíquias dos Santos. O trabalho de um verdadeiro religioso é uma relíquia viva que traz consigo a graça:

Perguntavam para o último Abade de Claraval, que faleceu em Troyes, não faz muitos anos ainda, como se conseguiu que a sua Comunidade permanecera tão edificante até a Revolução (francesa - tr), enquanto o desânimo tinha tomado conta de tantas outras Comunidades. Ele respondeu que era assim, pois havia, em Claraval, um bom Mestre de Noviços e que o cozinheiro era um santo. O Mestre de Noviços formava a juventude; e o cozinheiro ajudava a manter as pessoas no caminho que lhes era traçado, estendendo graças de Deus sobre os alimentos, que nutriam os corpos e santificavam as almas. Precisa-se muito respeito e cuidado, uma grande devoção em relação àquilo que nos dão para fazer. Meu desejo é que os nossos Padres dêem instruções sobre isso e que se faça compreender bem a cada um o que significa santificar-se no seu estado, na sua vocação.

No X ou XI século, na Ordem de São Bento, em Vallombrosa, se foi obrigado a criar Irmãos, porque todos os grandes, os príncipes, que entravam no mosteiro, pediam como uma graça que lhes confiassem os ofícios mais humildes: lavar roupa, fazer a faxina, limpar o estábulo. Faziam muitas insistências para chegar ao seu fim; recorriam a Bispos e movimentaram pistolões. Não se quis que isso continuasse assim. Surgiu a distinção entre os ofícios do Coro e os cuidados materiais; era preciso escolher entre os dois e abster-se de um, querendo o outro; estabeleceu-se Padres e Irmãos. Essa distinção se realizou pela primeira vez em Vallombrosa para não ter mais que sofrer exigências fora da Regra. Mas dêem se conta da idéia que levou a essa criação: a compreensão da grandeza e da dignidade das coisas materiais; varrer os quartos, esvaziar as latrinas... é pouca coisa. Cada uma dessas, feita a partir do ponto de vista religioso, é uma grande coisa, porque atrai grandes graças sobre a pessoa que a faz e sobre toda a própria Comunidade. Os Ir-

mão sabendo compreender e cumprir bem sua missão, atraem mais graças sobre a Comunidade do que os outros, pois levam a vida que levaram Nosso Senhor, Nossa Senhora e São José; e essa vida é mais agradável a Nosso Senhor do que a que nós levamos, nós com nossa erudição e nossos estudos.

Que os Irmãos, pois, sejam os religiosos mais fervorosos da Comunidade; isso é absolutamente necessário. As coisas com que eles se ocupam, em que consomem seu tempo, têm um efeito imediato sobre cada um. Quem ensina a eloqüência só tem que ver com seus alunos da matéria; quem faz pão se relaciona com todo o mundo; as graças que Deus, por causa dele, terá ligado ao pão, comido por cada um, serão de proveito a todos. Se eu pudesse fazer com que os Senhores compreendessem bem isso, e o quisessem, se pudesse fazer com que isso entrasse no espírito e no coração de cada um, a bênção de Deus estaria conosco de um modo incomparável.

Os Irmãos prestarão um serviço imenso à Congregação ao fazer assim. Não o realizando, fazem com que se perca uma abundante fonte de graças, desperdiçadas para sempre pela omissão deles.

Não há dúvida, que o demônio comuncia o mal pelas coisas materiais: por que abençoa-se a água? As coisas materiais servem para transmitir a influência do demônio. Do mesmo modo, também a ação divina, atraída pelos méritos de um bom e santo religioso, transmite-se pelas coisas materiais. Ela não se dá de passagem, acumula-se a cada instante por todas as coisas que ele manipula. Digo isso não somente aos Irmãos, mas também aos Padres, a toda a Comunidade. Que cada um trate as coisas materiais com muito respeito, com cuidado extraordinário. Que isso não seja considerado vulgar; não há nada de trivial na vida religisosa: tudo é celeste, tudo é divino. Isso é tão verdade, que a própria vida religiosa começou assim.

Olhem os Padres do Deserto, em meio ao mundo romano, tão ativo e tão corrupto, imediatamente depois das perseguições. Qual era o grande vício da época? Santo Agostinho nos diz que, no seu tempo, ouviam-se raramente blasfêmias em palavras contra Deus e seu Cristo; mas que a blasfêmia dos atos e da vida era freqüente. O mundo de então valia

mais do que o de agora. Os primeiros cristãos sentiam nesse mundo desorganizado alguma coisa instável, pouco segura; e o deixavam para retirar-se ao deserto. Os primeiros religiosos, os discípulos de São Paulo e de Santo Antônio, que faziam eles? Não cantavam o Ofício; trabalhavam com as mãos: faziam esteiras; iam vendê-las em Alexandria e ganhavam assim o seu pão. O trabalho, a partir de então, era considerado como o âmago da vida religiosa.

Aqueles de nossos Padres, pois, que às vezes têm que ocuparse de trabalhos manuais, fazendo uma coisa ou outra, - e é bom que haja alguma coisa manual a fazer - devem considerar o seu trabalho a partir dessa visão elevada. Deus Pai é Deus Criador, dizia a Boa Madre, e nós o honramos trabalhando pelas mãos.

Com que cuidado a Boa Madre tratava as coisas materiais, sobretudo no fim de sua vida! Importa muito assumirmos este ponto de vista, dando-nos conta, freqüentemente, da honra que temos ao fazer o que Nosso Senhor fazia. Olham como, a partir desse modo de ver, tudo se torna venerável e respeitável, como não há condições de inferioridade, como os Irmãos não são inferiores aos Padres, do ponto de vista religioso. Aqueles têm direito aos mesmos tratamentos, à mesma mesa, aos mesmos cuidados. A Comunidade, por conseguinte, tem direito aos mesmos serviços sobrenaturais por parte dos Irmãos, como dos Padres. Assim como um Padre agiria de um modo sumamente impróprio, se não atendesse seu cargo de maneira sobrenatural, o mesmo valeria também para os Irmãos nos seus trabalhos.

Há, na Grande Cartuxa, uma coleção famosa de quadros de um pintor da época de Luís XIV, Lesueur, que deixou gravada a história inteira de São Bruno. Não me lembro ter visto, nessa coleção, Cartuxos em oração: a gente os vê em todos os tipos de trabalhos e ofícios, carregando argamassa, fazendo construções, cuidando do gado, e, no entanto, os Cartuxos são uma Ordem eminentemente contemplativa. O Bispo de Cabo da Boa Esperança escreveu a nosso Santo Padre, o Papa, que os Oblatos de São Francisco de Sales eram bem como devia ser para evangelizar as regiões da África; eles eram, dizia ele, como as antigas Ordens monásticas que não somente falavam e rezavam, mas trabalhavam com as mãos. Tiremos muito proveito dessa palavra e ponhamos todo o coração, a nossa piedade e nossa santidade no que fazemos. - Deus seja bendito.

CAPÍTULO DO DIA 5 DE DEZEMBRO DE 1888

A SANTIFICAÇÃO PESSOAL - A ADMISSÃO INICIAL

Volto a falar muitas vezes sobre as mesmas idéias; tenho a impressão que digo sempre as mesmas coisas; mas é que esses assuntos são realmente necessários em nosso tempo. Temos que nos entender bem, todos. Entender-se é alguma coisa. Nosso Senhor disse que, quando duas ou três pessoas obrariam de acordo, não importa em que, com exceção, evidente, de coisas más, ele estaria no meio delas (cf. Mt 18,20). Estejamos bem de acordo, nesse sentido. Não faremos o bem senão pela nossa santificação pessoal. O resultado de nosso zelo e de nosso ministério depende essencialmente da prática das Constituições e, sobretudo, do Diretório. Digo **sobretudo** porque a prática do Diretório é mais assunto de hábito, é mais contínua; porque o Diretório é como um vigamento, o esqueleto de nossa vida religiosa.

Digo-lhes isso, porque vejo o mal desenvolvendo-se no mundo de uma maneira extraordinária. Uma moça de Tauxelles estava se preparando para o Batismo; depois, olhem, ela muda de repente e escreve a seu tutor uma carta que demostra até onde se estende a influência da Maçonaria. Não é de pouca importância o que estou lhes dizendo; é necessário que vejamos bem o mal, a fim de trabalharmos bem, todos unidos, no mesmo sentido e de um modo que seja eficaz. Essa moça tem dezesseis anos. "Tenho o prazer de te informar," escreve ela a seu tio, que ao mesmo tempo é seu tutor, "que me deram o meu salário de duas semanas na fábrica onde trabalho. Um fiscal me incomodou; insultei-o e estou muito contente disso; pelo menos mostrei caráter. Daqui a três meses, terei dezesseis anos e meio. Faltam-me, portanto, só três meses para ser livre e pretendo gozar minha liberdade. Penso que não esqueceste a promessa que meu pai te pediu que fizesses, e que juraste cumprir, enquanto ele no leito da morte. Eu te lembraria a ela, se a tivesses esquecido: "Alberto, ele te disse, confio-te minha filha; tu sabes que ela não vai te pertencer por muito tempo e que aos dezesseis anos e meio ela deve entrar no... Não a contraries até lá e deixa ela fazer o que quiser". Não

penso que sejas tão vil de esquecer o juramento que fizeste a meu pai. Além disso, tu sabes o que meu pai, morrendo, me deu, aquele frasquinho de veneno que eu guardo como preciosidade, e do qual precisaria só duas ou três gotas para eu morrer. Ele me recomendou de recorrer a esse meio, se quisessem me fazer infeliz ou me colocar numa casa religiosa..."
Eis a educação maçônica. O que se pode fazer? Procurar converter essa gente? No mais das vezes, seria tempo perdido.

Nas escolas de meninas, dá-se agora a educação maçônica. Os maçons são, decididamente, os professores. Nossos Padres sentem isso fortemente em Pella.

O único recurso para o combate é a santidade. Tentaremos Obras? As obras são todas excelentes; a boa pregação é excelente; o apostolado, o zelo apostólico não poderiam ser louvados em demasia. Tudo isso deve ser feito; mas somente isso, a que levaria? Dêem bons jornais a essa moça; o que é que isso lhe fará? A santidade, a graça de Deus e só estas tornarão eficazes o trabalho de nossas mãos, a palavra de nossos lábios, a nossa oração mesma; contribuirão mais do que todo o resto para a volta dessas pobres almas.

A Boa Madre tinha muita devoção a estas palavras da Sagrada Escritura: "Vias tuas, Domine, demonstra mihi" (S 24,4) (Senhor, mostrai-me vossos caminhos), particularmente durante este tempo de Advento. Este não é somente de maior recolhimento, de maior união a Deus, mas é também o tempo de aspirações, de votos, de comunhões espirituais. Convém comungar espiritualmente, com freqüência, aguardando a chegada do Messias em nós, a vinda de Nosso Senhor em nosso coração. Não basta comungar somente no Santo Sacrifíco da Missa; mas comungar por desejo em todo o instante, pedindo a Nosso Senhor que nos venha à alma, que seja de novo o Salvador de Israel. Para conseguir o que pedimos, para que a nossa oração seja frutífera, é imprescindível santificarmo-nos, devemos passar nosso Advento numa atitude de oração mais habitual e mais fervorosa, com um desejo mais ardente da vinda de Deus e de seu Reino em nossas almas. Façam atentamente esta oração do Pai-nosso: "Adveniat regnum tuum" (Venha a nós o vosso Reino). Que o Reino de Deus venha a nós, para que de nós passe a outros. Este é o desígnio da Providência, em termos

gerais. Como se poderá comunicar aos outros a santidade, se a gente mesmo não a possui? É esse o fim que precisamos visar e não outra coisa. Que se propale bem isso e que se escreva a todos os nossos Padres. Desse modo contrabalançaremos a ação diabólica, que, cada vez mais, se estende no mundo. O que é que poderá superá-lo? Se queremos ver qual dos dois lados há de ser mais fino, verificamos que é o diabo o mais fino enganador; é ele que, atualmente, tem todo o dinheiro, toda a força e poder; é ele que é o dono da terra e tem os poderes públicos nas mãos; não se iludam. Tudo isso se resume em Paulina, a moça da carta de há pouco. Paulina está nos últimos limites da sociedade, na escória da sociedade, que se mexe a certos momentos; depois a escuma sobe e cobre tudo. Para reagir não é preciso fazer política, ler jornais; basta santificar-se; ir para frente, fazendo o que fez Nosso senhor; cultivar o campo que ele nos confiou, por nossa dedicação, por nossa caridade, e entregando-nos à obra de todo o coração e com toda a generosidade.

Mais uma vez, o que acabo de dizer está longe de ser inútil; é o desafio que lhes apresento para este tempo de Advento:

* * * * * * *

"A ADMISSÃO INICIAL DOS QUE DESEJAM PERTENCER À CONGREGAÇÃO E A ENTRADA DOS NOVIÇOS."

"Não se receberá na Congregação a não ser os que alcançaram pelo menos a idade de dezesseis anos e que manifestam um grande desejo da perfeição cristã."

Isso não quer dizer que se possa fazer votos com dezesseis anos; mas com essa idade se pode ser admitido ao Noviciado.

"O que o postulante deverá fornecer para seu sustento, será fixado segundo as necessidades da casa e a ajuda que o postulante pode lhe proporcionar."

O Direito Canônico não admite que se possa receber alguém que não traga nada como seu dote: seja em talentos, seja em recursos materiais. Os que não trazem dinheiro, devem contribuir com seu trabalho, por sua dedicação, talentos, através dos quais suprem o que não oferecem em termos financeiros: sendo Irmãos, trabalhando com as mãos; se são Padres, prestando serviço e, por seu trabalho, procurando recursos para

a casa.

"Segundo as necessidades da casa" dizem as Constituições, pois se a casa é rica, ela pode, graciosamente, pedir menos para o sustento.

Os postulantes devem, em consciência, fazer todo o possível para não ser um peso quanto ao seu sustento e sua alimentação, indenizando a casa dos gastos, que ela faz por eles. Trabalhando nesse espírito, a gente torna-se um bom e santo religioso. Entre homens, aliás, isso se vê mais facilmente do que entre mulheres. É mais difícil para a mulher ganhar; a mulher se ocupa, mais geralmente, da lida caseira, da arrumação; seu trabalho aparece menos; e ela compreende dificilmente que possa contribuir com outra coisa do que com sua pessoa. Todavia, provinda de uma casa bem ordenada, onde há bem-estar e prosperidade, ela o compreende mais facilmente. Conheci, na Visitação, uma jovem nobre, que tinha trazido um valioso dote e que se contentava sempre com lavar a louça da casa. Aquela que é de boa família e foi bem educada, tendo uma verdadeira vocação, aplica-se, de boa vontade, aos trabalhos manuais mais difíceis; é uma coisa notável.

"O postulante acompanhará por algum tempo como pessoa de fora os diversos exercícios da casa e quando o Superior julgar que chegou a hora, isso é depois de dois ou três meses de prova, o postulante lhe fará o pedido de sua admissão, dirigida ao Superior Geral." Eis então a primeira condiçaõ do Noviciado: a idade; a segunda é que, entrando, o postulante forneça, ou em dinheiro, ou por seu trabalho, do que pagar sua pensão.

"O postulante acompanhará por algum tempo..." Esse **algum tempo** é, às vezes, oito dias, às vezes mais; depois de que o postulante é admitido aos exercícios do Noviciado, é essa a prova. Na Visitação não é permitido seguir os exercícios do Noviciado a não ser depois de dois meses de prova, em geral, e isso não ultrapassa três meses.

"O Noviciado durará um ano inteiro..." A razão desse limite, marcado para a duração do Noviciado, é exatamente para impedir que a Congregação seja demasiado onerada por membros não ativos, que não lhe prestam serviço. Poder-se-ia estender por mais tempo essa preparação como no caso dos Seminários; mas o Direito Canônico quer que os Noviços, ao verem que têm somente um tempo limitado à frente, se apressem por che-

gar ao grau de perfeição exigido para professarem e possam assim prestar serviço à Congregação imediatamente e, professando, ajudá-la, seja no exercício do santo ministério, seja - tratando-se de Irmãos - pelos seus trabalhos manuais.

É preciso que todos nós tomemos isso a peito. Nunca vi uma pessoa que fosse um santo religioso e que não tivesse esse desejo muito vivo, a aspiração de ajudar a Comunidade, de ser-lhe útil e trabalhar em benefício dela... Se esse pensamento não nos penetrou a mente ou se nos deixamos desviar dele, se ainda não refletimos bastante nele, empenhemo-nos totalmente e de boa vontade.

"Antes da admissão à vestição e antes da admissão à profissão, os postulantes deverão fazer exercícios espirituais durante dez dias."

Pode-se dividir esses dez dias em duas parcelas, de acordo com o parecer do Mestre de Noviços e do Superior Geral, no caso que se julgue que esses dez dias consecutivos seriam demasiado penosos. Uns descansam durante o retiro e outros agonizam. Esta última categoria teria que sofrer demais durante dez dias de retiro ininterruptos; pode-se, então, dividir o retiro em duas partes, contanto que as duas não sejam a intervalos demasiado grandes. Esta interpretação que estou dando da Constituição é totalmente segundo a idéia de São Francisco de Sales; é assim que ele resolvia as coisas. Mas é preciso que haja um nexo moral entre as duas partes do retiro.

Não deixem de repetir, durante este tempo de Advento, a oração que a Boa Madre gostava de fazer: "Vias tuas, Domine, demonstra mihi et semitas tuas doce me" (S 24,4) (Senhor, mostrai-me os vossos caminhos e ensinai-me as vossas veredas). Será bom que os, que rezam o Ofício, releiam o versículo depois da primeira lição do primeiro domingo do Advento; esse responso é bem dovoto, bem bom e verdadeiramente magnífico. Creio que se pode fazer muito bem a meditação sobre esse responsório durante o Advento.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE DEZEMBRO DE 1888

A ATITUDE EXTERIOR - A ORAÇÃO PELOS NOVIÇOS PROMOÇAO VOCACIONAL

"O Noviciado durará um ano inteiro, segundo a norma do Santo Concílio e Constituições Apostólicas."

Esse tempo de um ano não é demasiado longo; durante o Noviciado há muitas coisas para fazer. Para formar um militar, a gente do ramo afirma que três anos são necessários. Aos soldados ensina-se primeiro a figura: manter uma atitude conveniente, é todo um empreendimento, ter um comportamento próprio de um praça. É bom que no Noviciado se faça alguma coisa mais. É necessário que ali se aprenda a manter uma atitude correta, a caminhar como convém; e é preciso que essas coisas permaneçam. O espírito de São Francisco de Sales é amplo; ele exige antes de mais nada que não haja esquisitice no modo de comportar-se; que a gente não seja afetado, extravagante, que não se tenha ares estranhos no rosto, nos olhares, mas que se proceda muito simples e modestamente.

A água serve para todas as finalidades; não deve ter um gosto próprio, que se faça notar; entretanto, é boa a água. Do mesmo modo, nós; que possam dizer de nós: este é um Oblato, ele é parecido com todos os Oblatos; isso é bom e muito bom.

Evitemos cuidadosamente singularidades nas atitudes, os modos afetados ou amaneirados e também modalidades demasiadamente livres, que indicam a má educação e a falta de bom procedimento. Isso vem, no fundo, da sensualidade, de uma certa sem-vergonhice que provém do apego e da procura de suas comodidades da vida. Evitem tudo o que cheira à ostentação, o desejo de aparecer; sejam bem ponderados nas maneiras. Não ponham, por exemplo, as mãos nos bolso. Mencionava-se muito esse traço singular de uma grande personagem, que tinha chegado ao Seminário Maior de Troyes e que falava aos alunos com as mãos no bolso. Por que não dizer seu nome: era um digno e santo Bispo, Dom de Belley, um homem de destacado mérito: ele tinha esse defeito ao chegar em Troyes. Na sua primeira visita ao Seminário, ele fez uma introdução dessa maneira e tudo era

desse estilo, mesmo as p... com as quais enfeitava seu discurso... Era uma singularidade da qual ele se corrigiu. Dom de Belley foi sumamente bom para nós. Foi com ele que, por sugestão da Boa Madre, abordei a questão da Liturgia Romana: - Senhor Bispo, eu rezo a Missa, usando o Missal Romano, não poderia eu recitar também o Breviário Romano? - É o direito de cada sacerdote, salvas as defesas particulares dos Bispos. - Senhor Bispo, quereis que eu lhe carregue a consciência com esse pecado? Ele me dá um soco como única resposta. Depois de algum tempo encontro o Padre Robin: - Olhe este livrinho de orações diárias bem bonito, gostaria de aproveitá-lo para rezar meu breviário. - É muito extenso, me responde o Padre Robin, - logo estareis enjoado. Quando se é jovem, a gente é fervoroso... Vistes as orações para o sábado?
Eu vi que não se opunham a meu intento, ainda que tivessem gostado de ver que se atrasasse um pouco.

A ordenação na festa da Santíssima Trindade aproximava-se. Eu era estimulado na minha tentativa pelo Padre Chevalier, professor no Seminário Maior e Vigário Geral. Ele me indicou o caminho a seguir. Fui visitar o Bispo quinze dias antes da ordenação: - Senhor Bispo, se aos subdiáconos que estais para ordenar em breve permitisseis rezar o Breviário Romano...? - Ah, baixinho!... Aonde quereis me levar? - A um arcebispado, Senhor Bispo. - Credes nisso?- Estou bem certo disso. - Ides complicar-me a vida com tudo isso...! Falarei com o Diretor, o Padre Roger e quando o momento tiver chegado, falaremos nisso.
E quando o momento chegou, ele tratou disso com o Padre Roger, que lhe disse: - Mas não haveria talvez nenhum inconveniente nisso...
Eis como o Breviário Romano foi introduzido na diocese de Troyes.

Esse desvio lhes mostra que se pode ser um homem muito bom, tendo certas maneiras singulares. Não se deve imitar nisso Dom de Belley, que, aliás, mudou pouco a pouco seu modo de agir.

Acostumemo-nos a não exibir-nos, a não chamar a atenção a nós, a nada ter nem fazer que não seja religioso. Não saiamos à rua com uma bengala. Nossos Padres que precisam de uma por estar cansados podem bem pedir licença; mas, fora disso, que ninguém leve uma. Façamos bem conforme o que diz o Evangelho: "Sine pera, sine baculo" (Lc 10,4) (sem

alforje, nem bastão).

Diante das mulheres, evitem bem a liberdade demasiada, a despreocupação nos modos. Diante de uma mulher convém estar sempre um pouco constrangido. É um grande erro tratar com uma mulher de igual para igual. Sempre deve-se observar para com elas uma certa reserva, respeito, e então elas nos respeitarão. Sempre deve haver entre elas e nós uma como linha de demarcação, inexistente para com os homens, com as jovens particularmente. Estando diante de uma mulher, tenham o cuidado de não se sentar mal na cadeira, de não apoiar-se numa só perna... Isso não é nada... E é enorme, é tudo! Que se anote bem isso, a fim de que todos os nossos Padres assumam essa linha de conduta. Diante de mulheres, portanto, que se conserve um porte muito conveniente, muito digno, sem ter nada de singular. Que não se esteja totalmente à vontade, como no seu quarto; sempre se deve estar um pouco constrangido. Isso está, aliás, totalmente na linha das prescrições dos santos cânones; é a prática das normas da modéstia religiosa; é a imitação de Nosso Senhor. São Paulo conjurava os Corintios: "per modestiam Christi" (2 Cor 10,1) (pela compostura de Cristo). Em relação aos homens devemos agir francamente e sem segunda intenção; somos o que somos; para as mulheres, somos o que elas julgam. É preciso, por isso, que elas nos creiam sempre reservados, mortificados; então, para elas, os Senhores serão santos sem iguais. E nisso elas têm razão até certo ponto.

Cada um tem, um pouco, o seu modo próprio de agir, de comportar-se. Cada um tem, um pouco, sua mania, seu modo de agir natural. Evitem bem isso ante as mulheres. Entrem todos no mesmo molde; ajam todos do mesmo modo. O Padre de M... me dizia, faz pouco, que várias pessoas lhe afirmavam que, lendo os Anais, se constatava que os Oblatos eram todos do mesmo jeito.

Devemos prestar bem atenção a isso. Seremos invulneráveis, observando bem isso. A formação interior é uma conseqüência da exterior. Ela depende muito da graça de Deus. É preciso que os Professos rezem muito nessa intenção. Eu rezo todos os dias pelo Noviciado, para que Deus nos envie Noviços e que os forme para serem bons. Todos nós estamos encarregados disso diante do bom Deus. Nós é que devemos obter para os Noviços a graça de Deus, que unicamente ilumina. O Padre Rollin me diz isso seguidamente: "Fulano não tem a luz; beltrano não entende!"

O que é que dá essa luz? A graça. Quem é que dá a graça? Quem é que pode pedir a Deus essa graça? Os próprios Noviços?... Mas ainda nem sabem de que se trata... Como Santo Agostinho dizia referente aos Catecúmenos que ele instruía: "Rezai por eles; eles nem sabem do que precisam; não sabem pedi-lo "cum amore et pertinacia" (com amor e insistência). Nosso papel, então, é de rezar fervorosamente pelos Noviços, para que sejam iluminados. Lembrem o Sábado Santo e a vigília de Pentecostes e as orações que a Igreja faz pelos Catecúmenos, para que sejam iluminados. Recordem-se que todos somos responsáveis do Noviciado diante do bom Deus. É o que há de mais duro, em termos de teologia. Que se lembrem muito dos Noviços na Santa Missa, na hora da Comunhão, nas provas que se apresentarem e nos sacrifícios a fazer para o bom Deus. Qual é nossa outra obrigação em relação ao Noviciado? Somos obrigados a procurar Noviços, pela oração, pelo nosso zelo pessoal. Não há dúvida de que cada religioso deve atrair à sua Congregação um bom número de vocações. Um bom pároco na sua paróquia sempre tem em mira dirigir para o Seminário os que ele considera aptos a isso. Ele faz isso, pois gosta do seu estado, o qual estima e porque deseja ver outros abraçarem o mesmo. O pároco que me enviou a mim para o Seminário me escolheu por esse motivo e me mandou para o Seminário depois de sete lições de latim. Era um santo sacerdote. Quando dava a Santa Comunhão, percebia-se nele a sensação profunda da presença de Nosso Senhor: suas mãos comunicavam a fé. Que cada religioso se esforce, portanto, a procurar Noviços. Observem a Sagrada Escritura, os Padres da Igreja, os Doutores, como aplicam o que se diz sobre os Patriarcas da antiga Lei e das bênçãos que Deus dava às suas famílias numerosas, à família espiritual. Cada um deve ter o dom de formar uma família espiritual, de atrair almas. Em meio aos alunos, deve-se fazer o que se pode. Claro, não se precisa de imprudências; mas é preciso alimentar as vocações que começam a apontar. Que os confessores, os diretores espirituais, os professores dêem bem atenção a isso. Como? Não sei; por uma palavrinha às vezes, um pequeno estímulo. Meu professor da terceira me disse, um dia, uma palavrinha como essas, que me causou uma profunda impressão; é uma palavra que nunca me esqueci. No entanto, ele não se ocupava muito de vocações...Ele me disse: "Capriche bem nos seus deveres de francês, assim você poderá ser útil às almas." Essa palavra do Padre Josse me calou profundamente: é uma palavra que nunca me esqueci; ela me dirigiu a meu caminho. Que cada um pense bem

nisso. Somos professores, é verdade; mas não seremos sacerdotes senão através do zelo pela salvação das almas. Notem bem que os, que atraem almas para o bom Deus, se tornam os amigos particulares de Nosso Senhor; podem contar com o amor dele. Pensemos bem nisso; consideremos isso uma das obrigações a atender todos os dias.

Peçamos à Boa Madre que nos envie operários: precisaríamos de muitos.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 2 DE JANEIRO DE 1889

A ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES - O APEGO À CONGREGAÇÃO A UNIÃO MÚTUA

À última vez, falei-lhes das obrigações que tínhamos em relação ao Noviciado. Hoje acrescento a recomendação que, nas suas orações, por seu zelo e seus cuidados, peçam bons Noviços ao bom Deus, a fim de que a Congregação possa cumprir com as obrigações impostas pelas Obras já existentes. Precisar-se-ia gente em Riobamba, na região do Orange, nos Colégios...

Nosso Senhor, vendo as lavouras branquear para as colheitas que já estavam próximas, disse a seus Apóstolos: "Rogai ao Senhor da messe, que mande operários à sua videira" (cf. Mt 9,38). Nosso Senhor bem poderia ter feito ele mesmo essa oração; já que era todo-poderoso, poderia ter chamado um número maior de Apóstolos. Não o faz, encarrega os Apóstolos de pedi-lo: "Rogate..." (Rogai). É verdade que para ser Oblato precisa-se de uma vocação toda especial que só o bom Deus pode dar. O subdiácono tem uma outra vocação; é também o bom Deus que a dá para ele, mas há motivos humanos, certos estímulos naturais, que podem facilitar esse assunto. Os nossos encorajamentos, os nossos recursos,

nossos motivos são totalmente sobrenaturais, ancorados em Deus. Que os Senhores procurem harmonizar bem com esse modo de ver. Precisamos de muita gente; temos coisas tão grandes para fazer. Olhem Namaqualand; sou um pouco humilhado ao comunicar à Propaganda, em Roma, o número inexpressivo de missionários que temos acolá. Sei bem que não se pede muito de nós... Nem todos somos missionários; mas, na realidade, devemos sê-lo um pouco. É toda a Congregação que está encarregada da Missão do Orange; e toda inteira, ela deve cooperar nisso pelas suas orações e ajudando de uma forma ou outra. Desejo que cada um se considere comprometido a isso. Não devemos restringir a visão a nós mesmos, limitando-nos a assuntinhos de caráter pessoal, mas é preciso que nos interessemos nas ocupações dos outros, em nossas Missões especialmente. Isso deve perfazer a base da Congregação. Olhem aos Padres Jesuítas, como são apegados à Sociedade deles, como realçam cada coisa, como mostram bem todos os "admiranda"... (coisas admiráveis). Não quero dizer que devemos fazer assim; mas é preciso que tenhamos nossa Congregação a peito, que amemos a ela acima de tudo, segundo o nosso Santo Fundador, como cada um gosta do seu lar. Isso não significa que o acharemos maior, mais bonito do que o dos outros; estimaremos muitíssimo o que se faz alhures, mas nos afeiçoaremos sobretudo a nossa família própria. Relembro esses grandes pontos da vida religiosa, porque são absolutamente essenciais. Amando-se os interesses da Congregação, a gente apegando-se a tudo o que se faz, há, então, entre os membros, um espírito de conjunto e de união notável; há o aspeto de família; não estamos mais sozinhos, isolados; marcamos todos o mesmo passo; dirigimo-nos todos ao mesmo fim.

Apeguemo-nos bem, portanto, a tudo o que se faz na Congregação. Os Anais são feitos um pouco com essa finalidade. É muito difícil comunicar a cada casa tudo o que acontece. Os Anais o suprirão. Encontremo-nos todos na mesma convivência agradável, nesse festim de santa caridade e amor, onde cada um receba e comunique aos outros a alegria e a felicidade. Intressem-se muito nisso.

Uma coisa que muito contribuirá também a essa união, é a uniformidade nas atitudes, na maneira de ser. As Visitandinas são idênticas por toda a parte, porque, em todos os lugares, têm amor à sua Regra,

ao Diretório, às suas observâncias; essa afeição as tem formado como num molde, tem imprimido em todas este cunho admirável de uniformidade. É uma coisa muito notável.

Recomendo muito às suas orações as nossas Missões e todas as Obras que se atendem, não somente as Obras de juventude, mas também os Colégios. Tudo isso é obra do bom Deus, não podendo prosperar a não ser pela graça: "Rogate Dominum messis ut mittat operarios in messem suam" (Mt 9,38) (Rogai ao Senhor da messe que mande operários a sua messe). É o próprio Mestre que mandou.

Dediquemo-nos com ardor - sempre volto a insistir nisso - a tudo o que se realiza em torno de nós, com a afeição de uma criança que se apega a tudo o que se faz na casa paterna. Nos Colégios, aprendamos a gostar do serviço que presta o nosso Irmão. Não digamos nunca: Não tenho nada que ver com isso, não me meto nem com o pontinho do dedo. Não devemos meter o dedo, mas o coração, contribuindo à tarefa do nosso Irmão, na medida do necessário, com um apoio afável e compassivo. A seiva, a vida está nisso; o resto é casca. O movimento da seiva quase não é perceptível; a respiração das folhas é invisível; são essas as duas causas que não se vêem e que, no entanto, mantêm toda a vida da planta; é uma coisa despercebida, misteriosa que opera. Que assim seja entre nós.

Não sejamos homens superficiais, tenhamos profundidade. Que a seiva tenha boa circulação entre nós. Vão buscar na caridade do Salvador o que é necessário para que essa vida aja nos Senhores. Isso não aparece, mas é muito real.

Quando se realiza uma nova fundação, tratemo-la com respeito, rezemos, unamo-nos bem à Vontade do bom Deus. Isso acabará criando em nós um costume, uma situação contínua de união a nossos irmãos e a Deus.

Observem aos sacerdotes diocesanos, que diferença haverá entre eles e nós, se não temos essa união habitual, esse fundo de caridade? A vida diária deles é diferente da nossa? Se só isso vale, para nós como para eles, para que serve ser religioso? Eles têm exercícios de piedade; é bom, mas isso não os leva a muita coisa. Se os Senhores fazem

assim...; depois de realizar a meditação e após recitar o Ofício, muito bem...; mas se isso é tudo, não é muita coisa para o conjunto de sua vida. São como um marceneiro que faz uma gaveta; depois uma outra; isso, afinal, não perfaz mais do que duas gavetas: o que vai fazer com elas? Mas se ele fez um móvel onde as gavetas devem ocupar seu lugar, um conjunto, um todo, então ele fez uma coisa útil. Que haja também em nossa vida um conjunto de respeito e de amor da Vontade de Deus, de respeito e de caridade mútua que faça um todo de nossa vida e que nos una a todos estreitamente uns aos outros. A gente se torna bem forte, fazendo assim; nada resiste a essa união. Os maus são bem-sucedidos, porque é assim que agem. A base é má e se alimentam desse fundo, seja qual for o papel que desempenham na terra, quer comerciantes, quer droguistas, quer envenenadores de um modo ou de outro. Estão unidos entre si pelo laço desta vida preternatural, diabólica, que é a contrapartida da vida de Deus. Esses são os nossos inimigos; não podemos lutar contra eles senão desse modo. Importa lutar com o sopro, com a vida de Deus. Empenhem-se por concentrar nisso os pensamentos e a sua vontade. Sejam verdadeiros religiosos diante de si mesmos, religiosos de verdade perante seus irmãos e ante Deus; que as suas orações, que o seu trabalho sejam sempre feitos nesse sentido. Unam-se e isso será o êxito de tudo o que fizerem, de tudo o que empreendermos. Volto muitas vezes às mesmas idéias. Sou como São João: "Filiolo mei, diligite alterutrum" (cf. 1 Jo 3,23) (Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros). Tudo está nisso.

* * * * *

Recomendo a suas orações uma santa prima que eu tinha e que entrou no Carmelo, em Troyes. Mais tarde enviaram-na para Compiègne para fundar ali um mosteiro. Morrendo, ela se recomendou às nossas orações; foi como o seu testamento. Anteontem, eu soube de sua morte, notícia essa que chegou no dia de São João. Ela tinha pedido à Superiora que se nos comunicasse sua morte para recomendá-la às orações da Comunidade. Peço aos Padres um breve momento para ela no Ofício e na Missa. Era uma alma bem santa. Gostava muito de São João; ela terá pedido morrer nesse dia; esteve doente dois dias apenas.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 9 DE JANEIRO DE 1889

ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES - PROMOÇÃO VOCACIONAL - OS VOTOS

"Quando o Noviço tiver terminado o tempo estabelecido para o Noviciado e mostrar as condições consideradas convenientes, ele será apresentado para ser admitido à profissão e será aceito por maioriados votos."

Quanto a Noviços, hoje mais uma vez, recomendo muito o cuidado, o zelo, a oração pelo recrutamento da Congregação. Volto, ainda uma vez, a esta palavra: "Rogate Dominum messis... (Mt 9,38) (Rogai ao Senhor da seara). O bom Deus muito bem pode enviar ele mesmo, mas quer que seja através de orações dirigidas a ele. Se formos bons religiosos, em conseqüência, teremos companheiros de nossa felicidade, faremos com que outros gozem as vantagens da vida religiosa. Não há, digo-o mais uma vez, nenhum pároco de paroquiazinha do interior que, sendo verdadeiramente bom pároco, não envie algum jovem para o Seminário. Geralmente um pároco, sendo bem exemplar, sempre toma isso a peito. Por que? Porque, achando seu estado melhor do que todos os outros, ele procura proporcionar a outros as vantagens espirituais do sacerdócio. Sei muito bem que temos ocupações que nos distraem, quase não permitindo pensar em outra coisa. O que temos que fazer basta - e mais do que isso - para absorver-nos as forças, as faculdades da mente, do coração e do corpo.

No entanto, precisamos encarar como uma de nossas primeiras tarefas ocupar-nos de vocações; é a ordem do Salvador. Ele o diz aos Apóstolos e a nós também através deles. Precisamos muitíssimo de bons, de santos operários, fazendo como dizia São Paulo aos primeiros fiéis: "Pro vobis sanctifico meipsum" (cf. Jo 17,19) (Santifico-me por vós) a fim de que minha santificação se derrame sobre vós e vos cubra completamente. O Noviço é aceito por maioria dos votos; a maioria de uma voz é suficiente para a admissão. Nesse caso, entretanto, se a voz do Superior Geral e a do Mestre dos Noviços era contra a admissão, seria talvez prudente adiar ainda essa aceitação. Será preciso tomar nota disso.

É um assunto muito sério. O parecer do Mestre de Noviços, o do Superior Geral têm muito peso, pois eles julgam com pleno conhecimento de causa. Seria bom, então, no caso em que houvesse só uma maioria bastante contestada, não deixar o Noviço passar a primeira vez. Não se deveria mandá-lo embora já já, sem dúvida, mas seria bom prolongar a sua prova.

É preciso que os religiosos estejam bem à altura de sua vocação. Outrora era a quantidade que se visava; agora é o valor das pessoas.

"A profissão inclui os três votos simples de Pobreza, de Castidade e de Obediência."

Nossos votos são simples e não solenes. Os votos solenes são os que são aceitos e protegidos pela Igreja e as prescrições do Direito Canônico. Algumas Ordens religiosas antigas têm ainda votos solenes: os Beneditinos, os Dominicanos, os Franciscanos, os Trapistas; as outras Ordens são consideradas Institutos pios e têm somente votos simples. As vantagens dos votos solenes são pouco consideráveis hoje em dia, já que nenhuma legislação civil reconhece ainda o Direito Canônico. No tocante à consciência e à verdadeira obrigação, deve-se pôr os votos simples no mesmo nível como os votos solenes.

"Esses votos serão feitos durante os cinco primeiros anos ad annum (por um ano). **Depois de cinco anos os votos serão perpétuos."** Faz-se votos **ad annum** para não admitir na Congregação pessoas que se tornariam uma carga pesada, gente de pouca piedade ou de um espírito singular, com tendências particulares.

Na prática, tornando-se Oblato, a gente não se deve doar por um ano ou por cinco e dizer: depois estarei livre; é para doar-se para sempre. Isso não quer dizer que obrigo o Noviço a fazer os votos perpétuos imediatamente; mas importa entregar-se ao bom Deus já ; é uma prática muito recomendada. No fim do ano, se a gente não está satisfeito, diante da Igreja e perante a Comunidade, se é desligado dos votos; ante a consciência é outra coisa.

O que acontece com o religioso infiel que deixa a Comunidade? Certamente, a Congregação que o tinha recebido não tem obrigações a respeito dele, a não ser em virtude da ordenação. Ela pode muito bem livrar-se desse elemento, dirigindo-o a um Bispo: "Eis uma pessoa que

se ordenou em nossa Congregação. O Senhor quer tomá-lo?" - "Sim." - "Está bem." Mas a Comunidade não lhe deve nada. Ele se obrigou por um ano para com ela; estão livres os dois. Isso, às vezes, pode constituir um grande problema para a pessoa. Não se deve professar quando não se está disposto a fazê-lo para toda a vida.

A Comunidade, portanto, está livre, quando alguém se retira. Deve-se procurar e encontrar um Bispo que queira bem acolher o elemento. É essa a questão que originou uma Circular muito clara do nosso Santo Padre, o Papa, há cinco ou seis anos. O voto é, por natureza própria, perpétuo: os votos dos religiosos e das religiosas sempre o têm sido; a gente não se doa a Deus por seis meses, por um ano. E é só para evitar males piores e diante do foro externo, que a Igreja faz pronunciar os votos anuais. Ao pronunciar esses votos, é preciso, pois, ter a intenção de entregar-se totalmente.

Um postulante vem e faz votos durante dois ou três anos, unicamente para ser ordenado; os Superiores que vêem isso não devem, em consciência, aceitar essa pessoa. Ele não pode ser um bom religioso, especialmente com o estilo de vida que é nosso. Praticar nossa Regra, o Diretório, a observância, tudo isso não se faz num ano, para abandoná-lo depois. Se nossa Regra fosse mais exterior, isso talvez pudesse fazer-se mais facilmente.

O Senhor quer fazer os votos de um Oblato por um ano? Um Oblato faz profissão de unir-se a Nosso Senhor, de trabalhar com ele; isso se faz para um ano? É como o casamento, a gente não se casa para um ano. A vida religiosa, como o casamento, é indissolúvel; é uma união sem volta, em conseqüência do hábito, das relações, dos relacionamentos que se estabelecem entre o homem e Deus.

É impossível, mais do que em qualquer outra parte, entre nós fazer votos por um ano. Seria verdadeiramente ridículo. Se o Senhor se dá somente para um ano, o que é que fará? O Senhor não atenderá o Diretório, pois este abrange sua conduta, sua vida inteira, para incutir nela alguma coisa da vida de Deus. Será que o Senhor pode desbatizar-se? A gente pode descasar-se?

"Fórmula dos votos temporários: Senhor Jesus Cristo, por amor

de Vós e abraçando a vossa Cruz, faço voto de Obediência, Pobreza e Castidade, de acordo com as Constituições da Congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales.

Ajudai-me, Senhor, pela Bem-aventurada Virgem, vossa Mãe. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Fórmula dos votos perpétuos: Eu,..., por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e abraçando sua Cruz, faço voto a Deus todo-poderoso e prometo a vós, reverendíssimo Superior dos Oblatos de São Francisco de Sales, e a vossos sucessores, que - para sempre - eu observarei a Obediência, a Pobreza e a Castidade, de acordo com as Constituições dos Oblatos de Saõ Francisco de Sales

Ajudai-me, Senhor, pela Bem-aventurada Virgem, vossa Mãe. Em nome do Pai e do filho e do Espírito Santo. Amém.

Estas palavras são as do nosso Santo Fundador, na Regra da Visitação. Nós aceitamo-las como uma fórmula sumamente conveniente, pois é essa a que o Espírito Santo inspirou a nosso Santo Fundador.

A fórmula dos votos perpétuos é diferente da dos votos temporários. É uma promessa feita diretamente ao Superior Geral. Dos três votos religiosos é o voto de Obediência que mais efeito tem. A natureza dos outros dois votos e os limites de sua observância são regidos pela obediência. A obediência é igualmente envolvente para os votos ad annum (para um ano).

* * * * *

Recomendo muito a Missão do Orange às orações de toda a Comunidade. O Padre Simon me escreve que eles têm grandes dificuldades: sempre os começos são trabalhosos. Os nossos padres são corajosos e as provas não os assustam.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE JANEIRO DE 1889

A POBREZA

"Os Professos não poderão apropriar-se do que adquirirem pela atividade pessoal ou em consideração à Congregação, nem guardá-lo, mas deverão juntá-lo aos bens da Comunidade, para a utilidade da Congregação."

Os Professos, os que estão encarregados de algum serviço que rende alguma coisa, como atividades hortifrutigranjeiras, a confecção, um ofício qualquer, não podem guardar nada para si e devem depositar tudo na caixa da Comunidade.

O que se diz dos ganhos deve ser entendido também dos presentes que se pode receber; seja da mão para mão, seja de outro modo: dinheiro, móveis, terras, casas, etc... Tudo o que é dado ao religioso não pode ser guardado por ele; deve entregá-lo à Congregação. Mesmo quando dão para ele uma coisa qualquer para seu uso pessoal, ele deve entregá-la às mãos do seu Superior, que julga o que ele pode e deve fazer com isso.

"Os Professos poderão reter o domínio radical (a propriedade nua) de seus bens; mas é proibido eles mesmos administrar, dispor dos lucros e usá-los."

"Devem, pois, antes da sua profissão, ceder, por ato mesmo particular e a quem lhes aprouver, - e se assim o preferirem, ao Instituto - essa mencionada administração, esse usufruto ou esse uso, com a possibilidade de acrescentar ao ato da cessão a condição que este poderá ser revogado mais tarde; mas o Professo só poderá usar licitamente dessa faculdade depois de obter o consentimento da Santa Sé."

Um Professo que tem uma fazendo deve antes de sua profissão ceder essa fazenda. Pode fazê-lo em favor de quem lhe prouver. Pode também ficar com a propriedade nua dessa fazenda, isto é, ser ele mesmo o proprietário diante da lei, ter o título de proprietário; mas não pode ficar nem com a administração, nem o usufruto, nem com o uso. Ele deve determinar a quem é cedida a administração, o uso e o usufruto des-

sa fazenda: "Fulano será o administrador e o usufrutuário dela e eu guardo a propriedade nua." Ele pode acrescentar a essa cessão a cláusula que aquela poderá ser revogada mais tarde: "A cessão da administração e do usufruto de minha fazenda pode ser revogada por mim, quando bem me parecer." Mas se o Professo quer aplicar essa cláusula e revogar efetivamente para dar a cessão da administração e do usufruto a outrem, ele deve recorrer à Santa Sé. Se ocorrer uma herança durante o curso da vida religiosa, deve-se seguir o mesmo processo e agir da mesma forma.

Pergunta do Padre P...: Fiquei com a propriedade nua de uma fazenda e cedo a administração e o usufruto a minha irmã ou a outrem qualquer; esta pessoa morre; será que é preciso recorrer à Santa Sé para designar outro administrador ou usufrutuário? Parece que se deve considerar esse caso como um de sucessão. O usufruto sobrevém como uma hérança e deveria-se designar um outro administrador e usufrutuário com a autorização do Superior Geral, sem precisar recorrer a Roma.

O Padre Rollin não é dessa opinião. A questão deve ser estudada, bem como muitas outras, ligadas a este assunto.

"Eles poderão, todavia, dispor da propriedade nua seja por testamento, seja com autorização do Superior Geral, por atos entre viventes. Mas neste último caso, a cessão, feita por eles, da administração, do usufruto e do uso cessa automaticamente..." É evidente. Desde que a propriedade nua muda de dono, o usufruto e a administração, - estes sendo elementos acessórios - seguem o patrimônio.

"a não ser que, apesar da cessão da propriedade nua, eles não confirmem um e outro por um tempo que lhes parecer conveniente."

À cessão da propriedade nua pode-se acrescentar esta cláusula que a administração, o usufruto e o uso permanecerão o tempo que se julgar oportuno nas mãos dos a quem já foram entregues.

"Não é proibido fazer, com a licença do Superior, todos os atos de propriedade que correspondem às prescrições da lei civil."
O espírito da Igreja, fazendo com que o religioso emita o voto de Pobreza, é que ele esteja morto em relação a qualquer bem, a toda a posse, a qualquer propriedade. Devido às exigências da lei civil, a Igreja per-

mite, sim, ao religioso ficar com o título de propriedade, mas ela quer que ele tenha somente o nome, para o foro externo. Ele não deve ter nenhum gozo, nem de administração, nem de uso. Deve comportar-se como se não possuísse a propriedade. É assim a prática do voto de Pobreza. E se num determinado caso a Igreja permitir que, baseado nessa propriedade nua, nesse domínio nominal conservado por causa da lei, ele faça um ato que cheire a proprietário, ele deve recorrer à própria Santa Sé para fazê-lo licitamente.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE FEVEREIRO DE 1889

A POBREZA

"O Oblato de São Francisco de Sales não terá para o seu uso qualquer coisa que seja, sem o conhecimento do Superior e sem a licença deste e deve estar pronto a entregá-la, dando-a para outrem a partir de uma simples senha do Superior." Não devemos ter posse de nada. Pode-se guardar, é claro, o livro do Ofício, o vestuário, - não se pode ter a roupa de outra pessoa - o Diretório, apesar de que as Visitandinas não podem ficar com o seu e devem trocá-lo todos os anos. Elas podem fazê-lo facilmente, pois vivem em Comunidade; seria impossível para nós que vivemos em âmbito de Congregação.

Qualquer coisa, além dessas, de nosso uso particular, deve poder ser deixada e cedida a outro por um simples sinal do Superior. Se não cuidamos disso, logo nos teremos apegado, ligando-nos a ninharias, a pequenos objetos, a pequenas lembranças. Tendo licença para guardar esses tipos de coisas, fiquemos com elas; se nos mandem dá-las, entreguemo-las generosamente. Todos esses objetos, quando estamos aferrados a eles, nos tornam proprietários e nos fazem faltar à fidelidade à graça de nosso voto de Pobreza; eles nos impedem, pois, dar-nos plena-

mente; obstruem-nos o recebimento da recompensa completa da nossa doação. "Propter amorem tuum" (por amor de ti) dizemos na fórmula dos votos; se houvesse alguma coisa à qual nos agarramos, que apreciamos mais do que a nós mesmos, seria a esta coisa que nos devotamos e consagramos nossa vida. Entregamo-nos a essa coisa amada acima de nós mesmos e acima de tudo, "propter amorem tuum" (por teu amor). O amor de Jesus Cristo e, por conseguinte, o doação de tudo o que temos a Jesus Cristo; eis o motivo que temos ao fazer os votos; é isso o que nos propõe a Regra a seguir e a não esquecer.

O bom Deus nos pede tal sacrifício; será que o fazemos e, deste modo, amamos bem a Deus acima de todas as coisas? À Medida que o vaso de nosso coração está vazio, Deus o preenche. Essas delicadezas da vida religiosa são alguma coisa e nos comunicam muito do bom Deus.

Eu visitei, há alguns anos, a cela do Mestre de Noviços da Grande Cartuxa, meu colega antigo de Seminário, uma capacidade, que gostava muito de ser livre, viver bem, fazer tudo à grande. Eu vi espalhados sobre papel alguns cachinhos de groselhas que ele tinha juntado jardinzinho para não deixá-las se estragar. - O que é isso? - perguntei-lhe. - Vós vedes - disse-me -, como a vida religiosa me tornou mais tacanho. Junto umas groselhas por espírito de pobreza.

É assim que temos que ser. Viemos para procurar o bom Deus; e uma bagatela pode nos conquistar o coração de Deus. Sejamos bem pobres. As permissões recebidas, façamos com que no-las renovem pelo menos cada ano, a fim de não acostumar-nos a ter coisas que consideraríamos como nossas, mas para lembrar-nos que elas pertencem a Deus. Devemos ter bem presente essa idéia que não somos livres para usar as coisas que manuseiamos desta ou de outra maneira; é alguma coisa emprestada, a nós confiada por Deus; devemos prestar muita atenção a nunca nos considerar como proprietários de tudo isso.

"Ele não poderá dar nada, nem receber, nem emprestar, nem trocar, nem pedir sem a autorização do superior."

Ele não poderá pedir nada. Suponham um religioso que tem suas obras, obras que a obediência lhe manda atender; pode ele pedir alguma

ajuda? Deve obter a autorização antecipadamente e não pode pedir nada senão depois desta autorização geral.

O próprio direito civil, outrora, compreendia perfeitamente a pobreza religiosa. O religioso estava morto no que diz respeito aos bens terrenos; ele não tinha mais poder de movimentação desses bens do que têm os mortos. Essa legislação tornava bem mais fácil a prática exterior da pobreza. Hoje não é mais assim; não temos mais senão o auxílio da Regra e da obediência.

Depois de obter **"a autorização"**, pois, se pode solicitar ajuda; mas não se deve pedir a não ser nos limites da maior prudência. Eu prefereria muito que a Congregação ganhasse seu sustento em vez de pedi-lo; desejo antes que sejamos Padres trabalhadores do que Padres mendicantes. Ambiciono que a Congregação se sustente antes pelo trabalho, pela boa organização do que pelas esmolas que poderá receber. Pedir não deve ser por demais o nosso modo de agir. Verdade é, que precisamos de esmolas, os nossos compromissos ultrapassam atualmente os nossos recursos; precisamos esmolas para nossas missões, para nossas obras. Mas é preciso que em cada casa recorramos primeiramente aos meios comuns de ganhar a vida. Somos como gente pobre que trabalha com gosto, que são um pouco orgulhosos e que gostam mais de esforçar-se por ganhar a vida do que ir estender a mão. Não percebemos que Nossa Senhora, que São José tenham jamais mendigado; é mais perfeito fazer como eles.

Eu não critico as Ordens mendicantes. Elas têm sua virtude própria e a sua razão de ser na Igreja de Deus. A vida delas é bem bonita. É heroísmo possuir tão pouco que sejam obrigadas a mendigar para viver. A Igreja tinha combinado bem tudo isso e não se tinha enganado. A sociedade cristã precisa desse exemplo. Se houvesse Capuchinhos em todas as cidades da França, caminhando descalços na neve, os Senhores acham que os operários, que teriam esse espectáculo diante de si, se revoltariam contra seus patrões e que muitos bons operários não achariam nisso um meio de santificação? A sociedade moderna quis de tudo o que o cristianismo contribuiu para o bem-estar e, em seguida, rejeitar a Igreja; e tudo vai de mal a pior. Se o Papa fosse soberano senhor e mestre, os Senhores acham que a Itália iria à bancarrota e que a França estaria

no estado en que se encontra, gastando milhões e milhões para um exército do qual não precisaria?

Não é preciso que sejamos inimigos do nosso tempo e da sociedade na qual vivemos; mas é imprescindível que tenhamos as nossas convicções, as quais preservaremos bem no fundo do coração e que nos servirão para a condução da vida. A grande desgraça do Clero e das Comunidades religiosas, em 89, foi desprender-se dos verdadeiros princípios para deixar-se levar por opiniões fugazes. Se houvesse mais firmeza nas convicções, certamente não teria acontecido que 400 a 500 malandros decepassem a cabeça do rei e transtornassem e saqueassem tudo.

Quanto a nós, cremos no Evangelho; nós cremos que o bom Deus é Soberano Senhor e Mestre de todas as coisas: no temporal como no espiritual. Não se sobe no púlpito para apregoar isso aos quatro ventos; gritaríamos no deserto e nos exporíamos inutilmente o pescoço. Não travaremos lutas para fazer predominar as nossas idéias: a luta seria desastrosa e a que conduziria ela? Se João Batista voltasse, com a sua túnica de pelo de camelo e sua palavra austera, e que pregasse nas praças públicas, teriam-no por louco; o procurador da república se ocuparia desse assunto; São Batista, convicto de delito ou de contravenção, seria apresentado em tribunal de polícia correccional: e o resultado seria nulo.

Devemos viver bem no tempo em que nos encontramos: a Igreja deve atravessar os séculos e preservá-los um após o outro: "Vos estis sal terrae" (Mt 5,13) (Vós sois o sal da terra). Isso não quer dizer que tudo se deveria mudar em sal; não se poderia comer mais nada.

O voto de Pobreza é uma coisa muito respeitável, muito sagrada no sentido de que, convencidos que tudo pertence a Deus, usamos de tudo com desapego, desprendimento, deixando a Deus o domínio. Os homens apoderam-se das criaturas, as fazem propriedade, desviam-nas do seu destino para satisfazer-se as paixões culpáveis; o demônio tem parte nisso, "princeps hujus mundi" (Jo 12,31) (o príncipe deste mundo). Ele chegou a tentar Nosso Senhor mesmo: "Prosterna-te diante de mim e "haec omnia tibi dabo" (Mt 4,9) (tudo isso te darei). O demônio agarrou muito poder

sobre as coisas materiais. O meio de impedir que satanás exerça esse poderio é sermos verdadeiramente pobres e, por uma conduta prudente e sábia, restituirmos a Deus e à sua Igreja o que lhes pertence.

"Ele não se apossará do que serve para o uso alheio, nem do que um outro tiver deixado, nem do que está reservado para os diversos serviços da casa." Dou um exemplo: não se deve assenhorear-se dos livros da biblioteca, guardá-los consigo, considerá-los como próprios.

"Terá muito cuidado de que nada se perca, nem se estrague do que lhe é confiado."

Tenhamos esse cuidado quanto à roupa, livros, no tocante a tudo o que está à nossa disposição, o material de escritório; deve-se tratar tudo isso com a máxima economia, de modo a sentirmo-nos pobres; os pobres nem sempre têm o que precisam. Sintamos sempre a pobreza de alguma maneira, sem o que não seríamos Oblatos, não teríamos oblação para oferecer.

"Ele não procurará obter coisas supérfluas, curiosas." Não se deve fazer coleções para si, para o seu próprio uso, mas sim é permitido colecionar para o museu do colégio, para a biblioteca, já que as coisas recolhidas pertencem à Comunidade.

"Empenhar-se-á por afeiçoar-se a uma comida simples e frugal." Faremos como fazia nosso Santo Fundador. Do que nos agrada, muito bem, comeremos; o que nos agrada menos, será ocasião de uma oblação, de uma prática de mortificação. Quando estivermos obrigados a comer na casa de outros, não nos esqueceremos de que somos religiosos; faremos sempre algumas práticas. Quando obrigados a participar de uma refeição, bem se pode praticar uma mortificação um pouco maior do que de costume.

"Ele gostará de sentir os efeitos da pobreza em tudo o que lhe destinam para seu uso, o seu pequeno mobiliário, seu vestuário, sua cama, seu quarto, particularmente quando se lhe dá o que é menos bonito e menos bom." É uma grande atenção do bom Deus, quando os outros têm alguma coisa e nós nada. Sempre encontramos o bom Deus do lado daquilo que nos falta.

"E para que entre nós nem a mínima coisa fira o espírito de pobreza, os quartos das casas conventuais não serão chaveados; não se terá móveis fechados sem permissão." Precisa-se pedir licença quando, devido ao cargo ou a circunstâncias, se crê necessário ou prudente ter móveis ou um quarto fechados à chave.

Apeguemo-nos bem ao voto de Pobreza pelo motivo que lhes estou apresentando, razão ensinada pela teologia, a saber que as coisas pertencem a Deus e que cabe a nós, religiosos, devolver a Deus o que o mundo lhe tira. Nós mesmos queremos usar essas coisas somente como pertencentes a Deus, devolvendo-lhe, na medida que possamos, a criação, ao cumprirmos suas intenções para conosco, segundo as nossas possibilidades. Como conseqüência dessa posição, acontecerá que, se Deus quiser utilizar-nos para uma coisa ou outra, ele o fará, a serviço de sua Igreja, para liberar as almas das garras do diabo; teremos a graça, mas lembremo-nos que só teremos essa graça à medida da perfeição com a qual tivermos cumprido nosso voto de Pobreza.

Eu conheço, com referência ao voto de Pobreza, exemplos bem notáveis, muito numerosos das bênçãos que Deus dá aos que cumprem fielmente as prescrições desse voto, e também dos castigos extremamente severos que Deus impõe às Comunidades, que não o observaram à risca.

Importa gostar da observância do voto de Pobreza; devemos querê-lo bem. Isso nos faz semelhantes a Nosso Senhor; isso apraz sumamente a Deus; isso nos une ainda mais com ele "propter amorem tuum" (por amor de ti). Peçamo-lhe fervorosamente a compreensão da Pobreza, essa percepção do coração, que sente as menores finezas, as pequeníssimas insignificâncias.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE FEVEREIRO DE 1889

A OBEDIÊNCIA

"Em honra à obediência que Nosso Senhor Jesus Cristo rendeu, na terra, à Nossa Senhora, a São José e às pessoas constituídas em dignidade, fossem boas ou más, obedeceremos a todos os Superiores, vendo-os em Deus e este, neles."

Começa-se este Capítulo dando os motivos da obediência, pois o voto de Obediência é seguramente aquele que oferece mais dificuldades e em relação ao qual se é forçado a superar mais a natureza. Sendo generoso, sacrifica-se com bastante boa vontade os bens da terra, os prazeres corporais; mas é a vontade que morre mais custosamente em nós e ela fica até o fim. Seja o que for que fizermos para sujeitá-la, ela sempre nos acompanha. Pode-se dizer que a vontade é invencível. E vale mais, em vez de tentar de desmontá-la e destruí-la, tratar de inverter os esforços e subjugá-la.

É por isso que, no início deste Capítulo, se dá os motivos da obediência. Dominem a sua vontade para seguir o exemplo da obediência que Nosso Senhor prestou, a quem ele devia rendê-la.

Humanamente falando, de certo não há nada que seja mais humilhante do que a obediência. Todos os maus jornais, os maus livros falam contra a obediência agora: não querem reconhecer aos pais o direito de impôr obediência às crianças. A palavra de satanás está em toda a parte: "Non serviam" (não quero mais ser dominado). É a palavra da qual o demônio se serviu e que sugere aos outros, porque sabe bem quão grande influência ela tem; sabe muito bem que Deus respeita a vontade, a liberdade do homem, que esta é para Deus uma coisa sagrada e que não há obras meritórias ou culpáveis diante dele, senão em conseqüência da vontade, com a qual foram executadas.

Se queremos considerar a obediência como sendo o aniquilamento, a extinção da vontade, cometemos um erro grave, sério. Pelo contrário, a obediência é o exercício supremo da vontade.

Olhe aqui uma coisa contrária a meus gostos, minhas idéias, minhas inclinações; eu me submeto a isso por um ato de minha vontade, que é superior a todos esses gostos, essas inclinações, essas idéias. Submeto-me, porque quero submeter-me. Nesse sentido, a obediência é aceitável, é digna; mais uma vez, é o ato do poder supremo da vontade: é, por assim dizer, um ato de real independência da vontade. Eis o verdadeiro sentido da obediência; é este o ângulo sob o qual se deve considerá-la.

Sem dúvida, essa é uma consideração filosófica; mas eu a coloco no início, porque ela é sumamente virídica e só nisso se encontra o sentido verdadeiro da obediência. Seguramente, para nos encorajar à obediência, podemos recorrer a motivos mais fortes, mais concludentes: os motivos sobrenaturais. Não deixa de ser verdade, filosoficamente falando, que a obediência é o ato mais elevado da vontade e que esta consideração - por mais natural que seja - pode nos ser de grande utilidade. Freqüentemente não sentimos bem claramente em nós a unção da graça; as razões da ordem sobrenatural não nos aparecem sempre de um modo bem perceptível. A nossa vontade, ao contrário, é uma coisa sumamente manifesta, definida, nítida. Como vencer a vontade nessas condições? Este pensamento que lhes sugiro, com a graça de Deus sem a qual nada se pode, ajudará a triunfar.

"Rationabile obsequium vestrum" (Rm 12,1) (vosso culto razoável), que sua obediência seja razoável; é o que São Paulo diz. Que ela seja razoável, isto é que ela exclua toda a idéia de pusilanimidade, de fraqueza. Nem sempre estamos em condições de nos apoiar unicamente em considerações de uma outra ordem. Pensemos nesta reflexão filosófica; tratando-se de obediência, ajamos com determinação, como dizia a Boa Madre. Não demos atenção aos obstáculos, ao que nos diz a vontade, às reclamações das nossas inclinações, das nossas sensibilidades; vamos à frente como faz a gente determinada. Volto sempre a este pensamento filosófico e, ao mesmo tempo, teológico. Não há nada mais livre do que a obediência. Por que se obedece? Porque se quer obedecer, porque a gente se coloca acima de si mesmo, para obedecer apesar de si. A razão nos fornece tantos motivos de julgar, de censurar a obediência dada! Mas nossa razão, na sua parte superior, não quer admitir essas considerações: "Eu fiz o voto de obediência, obedecerei mesmo assim; quero empregar

minha vontade inteira no que é mandado; quero pôr-me acima de tudo o que é vontade própria." É a renúncia heróica de si mesmo, é o martírio, é o ato supremo da vontade, superior a todos os atos voluntários possíveis. O martírio, o heroísmo são admiráveis; a obediência o é da mesma forma.

Com isso se assentou a condição primeira da obediência; o próprio São Paulo no-la proporciona. Mas não se deveria ficar unicamente nessa ponderação. Temos outras razões que é preciso submeter à nossa apreciação. O maior destes motivos é a imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo "propter amorem" (por amor), dizíamos na nossa última reunião. Obedecendo com essas condições, nada faltará à nossa obediência; obedeceremos a partir de uma determinação assumida de modo generoso, de forma elevada; e a graça de Deus, que nos terá ajudado a nos servir dessa consideração, nos sugerirá outros motivos exclusivamente sobrenaturais, e, acima de tudo, o amor para com Nosso Senhor, o desejo de imitar em nossa vida o que ele mesmo fez.

"...e às pessoas constituídas em dignidade, fossem boas ou más.." Verdade é que não obedecemos a tal ou tal pessoa, mas, em realidade, ao nosso voto, à nossa própria pessoa; obedecemos a nós mesmos, porque é em conseqüência da promessa de obedecer, que nos fizemos a nós mesmos.

"... vendo-os em Deus e este, neles." É uma consideração bem bonita, grandiosa, que nos leva a um grande respeito, à confiança em nossas obediências. Como cada cristão obedece a Deus, com todo o respeito e toda a docilidade, submetendo-se por uma obediência absoluta e obedecendo também imbuído na fé nos mistérios - tanto no que não compreende quanto no que vê claramente - do mesmo modo também nós devemos agir na obediência aos nossos Superiores. E o que é razão do mérito da nossa fé, da fé nos mistérios revelados por Deus, é motivo também do mérito da nossa obediência, ao sermos respeituosos e dóceis. E essa obediência, quando é perfeitamente respeituosa e dócil, produz santos, faz milagres.

Ontem celebramos a festa de São Froberto, nosso vizinho, e mais do que vizinho, pois moramos em terrenos, que pertenciam a seu

mosteiro. É lastimável que não possamos solenizar essas festas; celebremo-las bem, pelo menos interiormente.

Enquanto noviço, seu Mestre lhe pediu um dia que lhe trouxesse uma "molaria": era um pequeno compasso a carretilha, o que chamam ainda agora de "molette"; mas molaria significa também mó de moinho. O jovem religioso desce. Vê no pátio uma mó velha, que servia como marco na entrada da granja; ele toma essa mó no ombro e a leva à cela do Mestre de Noviços. Vejam como sua obediência foi potente.

Depois de voltar para Troyes - pois isso aconteceu em Luxeuil - São Froberto desejava viver na solidão; ele pediu que pudesse estabelecer-se na ilha de Germaine, situada entre o riacho de São Martinho com sua nascente em Echenilly e o Vienne. Construiu ali o mosteiro de Moutier-la-Celle.

Ao obedecermos aproveitemos bem esses motivos. Digo mais uma vez: estimo muito a razão filosófica; ela é sumamente apropriada. Sirvamo-nos dela primeiro e depois façamos o maior empenho pelo seguinte motivo, melhor sem dúvida, mas que nem sempre nos toca tanto, a saber, fazer o que fez Nosso Senhor, propter amorem (por amor).

Evitemos que nossa obediência seja uma sujeição demasiadamente rigorosa da vontade. São Paulo proíbe os pais de família exigirem este tipo de obediência dos filhos. Ele lhes veda de tratar os filhos com dureza, a fim de não reduzir-lhes a inteligência e prejudicar-lhes a liberdade. Ele quer que os pais se cuidem de apagar essa sensação de liberdade, mas que se esforcem a guiá-la, a esclarecê-la. De fato, não fazemos ato bom algum, ato verdadeiramente humano a não ser quando atuando no pleno gozo de nossa liberdade. Compreendam assim a obediência e façam com que os jovens assim a compreendam; isso suscita generosidade e resolução.

"...vendo-os em Deus e este, neles." Essas duas palavras dizem tudo. Seguindo essa recomendação das Constituições, a obediência torna-se algo santo e profundamente religioso; é o ato importante e essencial da vida religiosa. Os bons religiosos o compreendem; assim o consideram e assim a obediência torna-se agradável. Depois de um ato heróico, com abnegação de nossa vontade, esta consideração que é a Deus mesmo e por Deus somente que obedecemos, nos dá um grande conforto. É a motivação da obediência a ser mais recomendada aos religiosos, mas

isso sem descuidar do primeiro motivo indicado. É bom ter dois cavalos para a carroça; um estando doente, emprega-se o outro.

"Todos os membros do pio Instituto obedecerão a nosso Santo Padre, o Papa, e aos Superiores do mencionado pio Instituto."
Esta obediência que todos os fiéis, os sacerdotes e religiosos devem ao nosso Santo Padre, o Papa, nós lha prestaremos de forma total, absoluta e bem filial; estamos obrigados a isso em conseqüência do nosso voto de obediência.

Agora, no que diz respeito à obediência devida aos Superiores eclesiásticos da diocese no qual nos encontramos, convém que essa obediência seja muito reverenciosa. Chamo-a de reverenciosa, porque não é uma obediência estrita, além dos assuntos pertencentes à jurisdição deles. Essa obediência será muito respeitosa; evitará cuidadosamente todo o tipo de choque; ela fará com que se preste grande respeito a todos aqueles a quem se o deve e fará com que as relações sejam marcadas pela maior caridade, cordialidade e reverência.

"Todos os membros da Congregação obedecerão ao Superior Geral pronta, alegre e perseverantemente."
Prontamente, pois é a Deus que obedecemos; alegremente, pois o Superior mandando alguma coisa, dá a ocasião a fazer um ato muito meritório e santificante e nos proporciona o meio mais enérgico de nos santificar a alma e de ter êxito nas obras a nós confiadas. A pobreza, sem dúvida, a castidade nos ajudam, mas é sobretudo a obediência que acarreta a graça. O melhor religioso não é o mais pobre, nem o mais casto, mas é o mais obediente, porque a obediência impõe mais sacrifícios, e é este que perfaz o valor e o mérito de uma obra. Perseverantemente: é preciso sustentar a vontade, prolongar a resolução de ir adiante todo o tempo que dura a obediência. Um missionário parte alegremente, mas após um certo tempo, depois de ver de perto o povo do país, experimentar dificuldades e desgostos, a perseverança lhe faz falta. Importa rezar a Deus no desânimo, rezar e continuar apesar dos obstáculos.

"Submeter-lhes-ão o julgamento e a vontade."
Como sujeitar o julgamento? O Superior lhe mostra este livro; ele não enxerga muito bem. Ele lhe afirma: a capa é branca. O Senhor a vê preta.

Deve o Senhor abandonar sua idéia e dizer: a capa é branca? Não, não é isso o que se lhe pede. A submissão do julgamento, é a submissão do julgamento prático. Façam e ajam como se capa fosse branca, submetendo-se, no que diz respeito às conseqüências práticas, à obediência que supõe que a capa seja branca e vai de encontro ao seu julgamento que a vê preta. Na prática, portanto, nos encargos, nos serviços, obedeçam docilmente ao que lhes é dito contrário ao seu julgamento. É essa a submissão de julgamento que se lhes pede.

O Senhor é literato. Seu Superior não gosta de literatura e lhe diz: a literatura é uma coisa sem importância, algo insignificante; proíbo-lhe ocupar-se com isso. O Senhor submete o julgamento. Quer isso dizer que esteja obrigado a crer que a literatura, realmente, seja inútil? Não, pode bem ficar com sua convicção pessoal, que é a verdade, enquanto que o Superior se engana; mas, na prática, o Senhor deve obedecer à ordem expressa que lhe foi dada de não mais ocupar-se com a literatura, submetendo o seu julgamento à obediência manifestada e a todas as conclusões dela derivadas.

A autoridade do Superior estende-se até o ato, até o impulso da vontade que realiza esse ato, mas não vai além. E cada vez que o Senhor submete os seus atos, a sua vontade - independente de seu julgamento - o Senhor terá, desse modo, praticado a obediência, a submissão do julgamento, do julgamento prático, a única que lhe é solicitada.

O que o nosso julgamento nos dita e o que vai de encontro ao julgamento do nosso Superior, o guardaremos para nós, a fim de manter a paz, a caridade, a união. Evitaremos todo o tipo de comentários sobre a obediência, evitando arvorar-nos em juízes de nossos Superiores, o que enfraquece extremamente a obediência.

O que acabo de dizer sobre a submissão da vontade aplica-se também à submissão do julgamento. Fiz o voto de obediência. Meu julgamento me diz que a obediência dada está enganada, mas eu não escuto meu julgamento; julgo antes de mais nada que devo submeter-me, obedecer mesmo assim. E também que eu submeti minha vontade, porque tenho uma vontade anterior e superior a essa, à qual somente eu obedeço; do mes-

mo modo, submeto meu julgamento, em virtude daquele julgamento supremo, anterior a tudo, ao qual - depois do voto de obediência feito - devo e quero obedecer.

Compreendida assim, a obediência não tem nada de aviltante, nada que cheire a medo e nos torne apreensivos, como diz São Paulo: timido; ela não tem nada de desonroso. Pelo contrário, é o ato mais enérgico e mais elevado da vontade e do julgamento, o ato mais correto, o mais verídico, o mais completo. Encaremos a obediência assim.

Esta consideração será para o espírito, para a ponta mais alta da vontade. Para o coração, tomaremos um outro motivo: sermos semelhantes a Nosso Senhor obediente, agradando a ele ao fazermos o que ele fez. Com esses dois móveis, a nossa obediência será invencível, será completa e perfeita.

Muito se deve pedir a graça da obediência à Boa Madre, Maria de Sales. Eu era testemunha disso durante longos anos. Nunca vi a mínima infração contra a obediência em todo o tempo em que estava na Visitação de Troyes: deve-se excetuar talvez umas cabeças confusas, às vezes: era a conseqüência de uma situação, de uma doença física, de um cérebro que não estava sempre em condições de ver corretamente. Há, de vez em quando, impossibilidades insuperáveis em certas pessoas. Compreenderão bem que 2 mais 2 é igual a 4, mas nunca conseguirão entender que 4 mais 2 é igual a 6. Mas essas exceções tão extraordinárias não provam nada contra minha tese. Além dessas causas físicas, pois, nunca vi, em toda a Comunidade, a mínima vontade, o mínimo julgamento destoante daquele dos Superiores; e isso por aproximadamente dez anos. É um fato muito significativo. É o testemunho de uma santidade muito avançada por parte daquela que conseguiu obter isso da Comunidade: "Entre nós, dizia ela, toda a virtude exterior resume-se unicamente na obediência."

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE FEVEREIRO DE 1889

A MANEIRA DE PRATICAR A OBEDIÊNICA

"Todos os membros da Congregação obedecerão ao Superior Geral pronta, alege e perseverantemente. Submeter-lhes-ão o julgamento e a vontade."

Volto a essa sujeição do julgamento.
Submeter o julgamento, será que isso quer dizer que o religioso seja obrigado, segundo seu voto de obediência, a sujeitar, isto é a desfazer seu julgamento para torná-lo conforme àquele do Superior? Não. Não se trata de destruir, mas de subordinar. Será que a gente submete o julgamento próprio, enquanto, no seu interior, alimenta voluntariamente pensamentos contrários à obediência e os comunica aos outros? Não. Mas se submete o julgamento próprio, quando se age e quando se fala, no foro externo, conforme a obediência e quando, no foro interno, submetemos a nossa vontade à obediência, dizendo: "Fiz voto de obediência, obedeço, pois, de boa vontade; faço, apesar da apreciação própria, o que se me pede; não estou responsável das conseqüências, isso não é de minha conta." Deve-se obedecer sem argumentar, não escutando o que nos diz o julgamento próprio e submeter não o assunto em questão, mas a nós mesmos em relação ao que foi mandado.

Não só importa sujeitar o que se faz, mas subordinar também o gosto e a inclinação. E o meio de tornar essa obediência perfeita, segundo os mestres da vida espiritual e conforme São Francisco de Sales, é de resignar alegremente o julgamento próprio; isso suaviza a dificuldade da obediência e a torna frutuosa; nisso se encontra proveito, tanto para si como para outros.

"Essa obediência deverá ser prestada aos outros Superiores, tanto locais, quanto provinciais."

Deve-se render cuidadosamente essa obediência segundo o nível de sua aplicação e da autoridade dos Superiores, tanto locais, quanto provinciais. Não convém distinguir entre os Superiores e querer obedecer a uns e não a outros. Não há degraus na obediência; ela é total ou

não o é. A fim de que haja a verdadeira obediência, é preciso prestá-la do mesmo modo a todos os mencionados na Regra. Uma obediência distinta não seria nem digna nem verdadeira; seria a obediência de escravo que obedece a este ou àquele amo, um pouco mais a este do que àquele. Os Senhores pensam ter um ou outro motivo de obedecer antes a este do que àquele; essas razões não valem nada e isso degrada: os Senhores prometeram obediência, obedeçam. Os Senhores estragam sua atuação, agindo de outra maneira; não estão mais livres, os Senhores servem com respeito humano, "ad oculum servientes" (Ef. 6,6; Cl 3,22); é um rebaixamento moral. Os Senhores recebem a obediência de Deus, executam-na em nome de Deus.

Quanto à obediência, é preciso agir bem generosamente, isso engrandece. Pôr ponderações humanas na obediência, isso diminue a obediência e o mérito dela. Por conseguinte, desse modo, a gente mesmo mingua. Deixem isso às mulheres que obedecem a esta porque é ela e àquela porque não é aquela outra... Necessita-se um coração magnânimo. Convém lembrar-se bem: é a Deus que quero obedecer e, a partir daí, obedecerei a todos os meus Superiores. Se o Superior me manda alguma coisa boa e agradável, muito bem; senão, melhor ainda. É preciso evitar bem o servilismo na obediência. A muita gente falta virilidade nesse sentido. Buscar a si mesmo na obediência rebaixa, faz decrescer e enfraquecer a sensibilidade para a graça e desorienta. Nosso Santo Fundador não gostava de tolos; não estimava nada tanto, quanto a virilidade de espírito e de caráter. Obedecendo como dizemos, a gente é forte, sente-se bem fundamentado e sustentado.

"Os Oblatos de São Francisco de Sales obedecerão, com exatidão, ao som do sino como à voz do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo.

Todos os Padres da vida espiritual comprazem-se de dizer muita coisa sobre a pontualidade em relação ao toque do sino. Essa exatidão é um grande auxílio, ela nos ajuda a não nos seguir os caprichos e as fantasias; é uma prova de generosidade para com Deus, um verdadeiro ato de amor à voz de Nosso Senhor que chama.

"Não se dará ordem alguma a quem for que seja, nem se repreen-

derá ninguém, a não ser depois de encarregado pelo Superior ou de ser obrigado a isso em conseqüência do próprio cargo."

Nunca se deve dar ordens ou alguma admoestação, a não ser na execução da própria tarefa ou na aplicação de um encargo recebido do Superior. Que cada um respeite seus irmãos. Vendo alguma coisa errada e repreensível, importa com toda a caridade avisar o Superior, a fim de que ele corrija. No mundo, a caridade faria o mandamento de admoestar o próximo; aqui, é o Superior que deve aconselhar. Os Senhores vivem juntos; logo iam criar gosto desse tipo de repreensões, e a caridade seria prejudicada. Não se deve ficar com uma mentalidade colegial, mas importa ver nisso um benefício. O que é que os Senhores querem, tornando-se religiosos? Santificar-se, cumprir os votos. Se lhes ocorre uma correção, tanto melhor; esta visa ajudá-los na santificação e no cumprimento dos votos; se essa censura pesa, só será para o bem maior.

Assim como não se deve admoestar, não se pode julgar tampouco. Não se deve tomar a decisão e fazer parar. Padre fulano fez mal... Ninguém deve encarregar-se da conduta dos outros, nem repreender e julgar tampouco. Que cada um siga o seu caminho, sem tentar emendar os outros.

"Ninguèm deverá intrometer-se no ofício ou no ministério de outrem; mas se alguém é solicitado a dar uma mão, especialmente num dos ofícios inferiores, atenderá cordialmente, se não estiver impedido. Se for um assunto demorado, será preciso avisar o Superior e pedir licença."

Quando se tem que prestar um servicinho, que se o faça com muito prazer; importa gostar de nos tornar úteis ao próximo, ajudando-o. No caso de se tratar de um assunto que leva tempo, será preciso avisar o Superior e conseguir a permissão.

"Ninguém receberá nem enviará cartas sem ter recebido a licença do Superior, a quem todas as cartas serão entregues para ser distribuídas, enviadas ou guardadas, segundo ele julgar conveniente. Poder-se-á escrever, livremente e sem controle, à Santa Sé e as comunicações desta aos membros do Instituto são igualmente isentas de todo o controle. Da mesma forma, cada membro poderá escrever livremente ao Superior Ge-

ral e ao Superior Provincial e deles receber a resposta sem que o Superior local possa intervir na correspondência.

Não há reserva, quanto ao sigilo da correspondência, senão em relação ao Papa, ao Superior Geral e ao Superior Provincial; qualquer outra carta, seja qual for, ainda que dirigida a um Bispo, o Superior de casa tem o direito de abri-la, de enviá-la ou de guardá-la, se lhe parecer bem. Donde se deriva que não se pode escrever a quem for que seja ou enviar as cartas sem a permissão, com exceção dos dois casos mencionados nas Constituições.

"Antes de publicar qualquer espécie de livros ou de escritos, os membros da Congregação têm obrigação não só de pedir a autorização do Superior Geral, mas também a aprovação do Bispo do lugar onde se realiza a impressão."

Não se trata aqui de obras clássicas ou de trabalhos científicos que não se referem à fé nem aos costumes. Neste caso, naturalmente, só seria necessário a permissão do Superior Geral e de modo algum a do Bispo.

"Os Irmãos Coadjutores precaver-se-ão contra a tentação de passar a um outro estado, sabendo que a parte, que Nosso Senhor, no seu amor, lhes destinou, é muitas vezes preferível à concedida a outros religiosos. Que saibam - no caso que lhes surgir a idéia de fazer esse pedido - que não poderão renovar essa solicitação a não ser depois de três anos; então competirá aos Superiores examinar por que motivo o Irmão foi induzido nesse caminho e se há cabimento para considerar o requerimento dele ou para adiá-lo ainda ou então para declarar que deve desistir disso terminantemente.

Às vezes, é ocasião de uma grande tentação; só se vê bem o mal da situação em que a gente se encontra. Um que estuda pensa que os que trabalham materialmente, menos se cansam, que o trabalho material seria melhor. Um que trabalha é aliciado a invejar a sorte dos que estudam. Observando as coisas do ponto de vista sobrenatural, está muito claro que os Irmãos imitam mais a vida externa de Nosso Senhor.

É um fato incontestável, bem histórico que os Irmãos, querendo tornar-se santos, o conseguem facilmente; basta-lhes querê-lo um

pouquinho. É bem mais difícil para os Padres. Um Irmão que tem um pouco de boa vontade, que tem a quarta parte da boa vontade de um Padre, chegará mais rápido à santidade do que esse Padre que tem quatro vezes mais de boa vontade. É o que leio na vida dos Santos, é o que vejo na prática de todos os dias. Nosso Senhor diz (cf. Mt 19,23) que é mais difícil um rico entrar no céu do que um camelo passar pelo furo da agulha; um homem intelectual, uma capacidade que se dedica à ciência, tem uma grande corcova nas costas e não lhe é fácil de passar por tudo, enquanto o pobre burrinho se safa por onde quiser, sem machucar-se o lombo.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1889

A MANEIRA DE PRATICAR A OBEDIÊNCIA

"Ninguém receberá nem enviará cartas sem ter recebido a licença do Superior..." (cf. pág. 111).

Aqui só se faz essa recomendação no que diz respeito a cartas. O Livro dos Costumes indicará de que maneira e até que ponto a permissão poderá ser concedida de escrever cartas de direção espiritual, a fim de que a correspondência, de um lado, seja inteiramente submetida à obediência e, de outro lado, se possa salvaguardar o sigilo do próximo. Formularemos sobre isso algumas normas na explicação das quais não julgo oportuno entrar hoje. Essas regras farão parte do Costumeiro.

O Costumeiro dirá também em que estilo devemos escrever. Nosso Santo Fundador deu sobre isso normas admiráveis, sobre os termos a empregar, sobre o gênero a adotar, e desde quase trezentos anos essas normas são hoje ainda aplicáveis de ponta a ponta.

Restrinjo-me a dizer-lhes hoje que, em geral, sua correspondência respire gravidade religiosa. Não se deve deixar entrar nela nem brincadeiras zombeteiras, nem gracejos; entre amigos, sem dúvida, podem bem permitir-se uma palavrinha espirituosa; mas não façamos graças, ainda que divertidas. Que as nossas cartas sejam verdadeiramente cartas de religiosos: "Scripta manent" (o escrito fica). A grande norma da nossa correspondência deve ser que escrevamos conscientes da presença de Deus e como na presença de todo o mundo. Assim os Senhores sempre escreverão de um modo piedoso, edificante. Como na conversação, convém muito evitar sempre cuidadosamente que se diga tudo o que se teria a dizer, mas importa também tratar só de coisas edificantes; nas nossas cartas, outrossim, devemos abordar somente coisas capazes de levar ao amor do bom Deus. O conteúdo de cartas deve ter sempre um cunho religioso. A carta começa com "Jesus Viva" e termina por "Deus seja bendito". Entre essas duas aspirações, não deve haver lugar, nem para piadas, nem para coisas estranhas, raras, contrárias à gravidade religiosa. Podendo pôr um pouco de espirituosidade, de finura, está bem, apesar de que seja bastante difícil, nessa matéria, de não desviar-se. Que as nossas cartas sejam, pois, razoáveis, sérias, religiosas, lembrando-nos de que devemos observar a Regra em toda a parte, onde estivermos e em todo o lugar, onde nos encontrarmos. Que as cartas escritas para fora, especialmente, sejam bem comensuradas. Recomenda-se muito escrevê-las na presença do bom Deus e como diante dos Superiores; devem ser escritas como se fosse para serem lidas por todo o mundo. Por acaso isso lhes impediria de dizer o que julgarem bom, necessário, apropriado para a pessoa a quem os Senhores escrevem, até nas cartas de direção espiritutal? Não, os Senhores dirão tudo isso, e em termos que transpiram piedade, unção e caridade. Toda a carta que escreverem, concebida de tal modo que se possa perdê-la na rua, lê-la em plena praça diante da prefeitura e, ao mesmo tempo, exalando piedade e caridade, certamente produzirá seus frutos. A vida do religioso, suas palavras, sua conduta, seus relacionamentos, tudo isso deve poder ser visto ou sabido por todo o mundo. O filósofo da Antiguidade dizia que moraria com gosto numa casa de vidro; assim deve ser com o religioso. As cartas devem ser escritas num estilo simples, mas sempre digno, que convenha a um religioso.

"A fim de que a saúde até de nosso corpo possa aproveitar o

benefício da obediência, ninguém poderá comer ou beber algo fora da hora da refeição, sem a devida licença."

Os que precisam de alguma coisa especial devem pedi-la simplesmente. Cada um age, então, conforme seu dever: aquele que pede, faz a vontade do bom Deus ao pedir o que lhe é necessário e o Superior faz o seu dever, concedendo o que lhe é pedido. Não é agradável pedir, é claro; gostaríamos mais ficar no ritmo comum; é muita dependência, por conseguinte meritória aos olhos do bom Deus. Não se deve recusar essa sujeição

Muito lhes recomendo, os Senhores tendo alguma necessidade particular no tocante à comida, que o digam simplesmente; quanto a mim, reconheço-lhes que não poderia dispensar-me de tomar alguma coisa às quatro horas da tarde, um pouco de leite, algumas vezes mesmo às dez horas da manhã; claro, fora dessas necessidades é importante sermos religiosos à risca. Os jovens particularmente, no que toca à alimentação, devem encher-se de coragem, comer de tudo, ser generoso, sobretudo no que se refere ao que não apetece. Que se coma de acordo com o próprio apetite, sem esquecer a mortificação; deve-se comer tranqüila e simplesmente, evitando bem o supérfluo e o requinte e não tomar nada fora das refeições. Não bebemos café. Mas, evidente, um professor que precisaria de uma xícara de café para não dormir durante a aula, deveria expor o assunto ao Superior, a seu Mestre de Noviços, e se o café for verdadeiramente necessário, permiti-lo-ão a ele. Faço um apelo a sua paciência, ao fundo religioso de cada um. Devemos ser muito felizes por observar a Regra e importa mortificar-nos determinadamente, em todos os assuntos do gosto e que são desnecessários. Convém muito mortificar-nos neste ponto que assinala a Regra; é um dos grandes meios do demônio, que prende e seduz pelo atrativo da sensualidade e da gula; assim é que ele tentou Eva.

O nosso voto de pobreza também será beneficiado por esta observância da Regra. Todas essas particularidades necessárias nos serão, portanto, sempre concedidas; a obediência santificará as despesas e não seremos homens restritos à matéria, que andam à toa no caminho de Deus. Perseguimos um fim mais elevado, "propter amorem Dei" (pelo amor de Deus); eis o nosso alvo; "sive vivimus..., sive morimur..., pro Deo..."

(se vivemos..., se morremos..., para Deus...). Devemos sempre permanecer por aí; qualquer outra maneira de fazer colocar-nos-ia fora da nossa morada e do nosso ambiente.

"Nunca se entrará na cela de outrem sem permissão. Jamais se abrirá a porta sem antes bater e ouvir a resposta."

Suponham um antigo aluno que vem visitar o Senhor; é imprescindível a permissão do Superior para levá-lo a seu quarto; não façam jamais alguém entrar sem autorização. Um determinado aluno vem se confessar; isso é outra coisa... Sobretudo, não façam senhoras entrarem, não recebam aí visitas, nem de jovens. Os Senhores têm a sala de visitas, o jardim: o quarto não é lugar de conversação.

"Os Irmãos Coadjutores precaver-se-ão contra a tentação de passar a um outro estado..." (cf. pág. 112).

Eu já disse uma palavra sobre os Irmãos Coadjutores, a respeito da graça que eles têm, podendo avançar bem mais fácil e mais seguramente nas sendas da santidade. Basta que eles o queiram, que caminhem com determinação. Apegando-se à prática pontual da obediência, obterão muitas e preciosíssimas graças. Eu vi isso na Visitação; a Irmã mais santa, depois da Boa Madre, era a Irmã Maria Genoveva, uma Irmã de véu branco, que limpava as verduras para a cozinha.

Eu fazia retiro na Grande Cartuxa e me confessava com o Padre Retournat; era um homem muito santo. Ele me escrevia cartas admiráveis, cartas extensas, de doze a quinze páginas. Emprestei essas cartas e, naturalmente, não mas devolveram; nunca pude reencontrá-las. Um dia, o Padre Retournat me disse: - O Senhor encontrou alguma coisa de Deus no mosteriro? - Sim. - O Senhor observou alguma coisa em particular? - Não muitas. - Todavia eu pedi ao bom Deus que lhe fizesse sentir alguma coisa. Não notou nada em particular? - Bem, sim, olhe, experimento uma certa atração do bom Deus ao passar diante da porta da cozinha. - Por que isso? - Um destes dias, o Irmão cozinheiro abriu a janelinha, quando eu passava; deu-me a impressão de ser um santo. - Isso mostra que o bom Deus acolhe favoravelmente as orações que lhe fazem; de fato, eu tinha pedido que ele lhe fizesse sentir alguma coisa. Deveras, esse Irmão é um santo. Estou bem consolado e confortado por o bom Deus ter-lhe

dado essa sensação.

Faz vinte ou trinta anos que isso me aconteceu na Grande Cartuxa. É bem certo que o ministério exterior é muito agradável ao bom Deus. Era assim mesmo a doutrina da Boa Madre. A nossa atividade sobre a terra deve se desenrolar em nome de Deus, em nome da Santíssima Trindade. Agimos em nome do Pai, pelo trabalho manual; em nome do Filho, a Inteligência, a Palavra de Deus, pelo ensinamento, pela pregação; em nome do Espírito Santo, pela direção espiritual. Temos que encará-lo assim, que o trabalho manual nos une a Deus Pai: "Pater meus usque modo operatur" (Jo 5,17)(meu Pai continua agindo). O trabalho dura sempre; sem cessar, Deus continua sua obra de criação e de conservação; ele nos dá a vida, a capacidade de ação, o movimento de cada ser. Compenetremo-nos bem dessas idéias que revelam a dignidade do trabalho e animam. Será esse o assunto de nossa reflexão, nesta semana.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE MARÇO DE 1889

O VOTO DE CASTIDADE

"A castidade sendo um dos principais ornamentos da vida religiosa, os Oblatos a conservarão com um cuidado todo especial."

A castidade é um dos principais adornos do estado religioso. É através dela que no mundo percebem e reconhecem o religioso; captam e sentem o sacerdote. Espera-se deles não somente a castidade negativa, aquela que se limita a abster-se do mal, mas espera-se a castidade positiva: "Christi bonus odor sumus" (" Cor 2,15) (Somos o perfume de Cristo). É preciso que manifestemos ao nosso redor, no meio do mundo, a impressão da castidade não somente essencial, mas completa. Não devemos dar a impressão de nos buscar a nós mesmos, procurando nossas como-

didades, o nosso bem-estar; é altamente recomendável praticarmos a mortificação e a castidade nas palavras, nos atos, no comportamento. Não devemos, é claro, ter uma atitude artificial, desajeitada, ridícula, ou um olhar raro e um aspeto engraçado; seria contrário a nosso espírito. Mas sem ter um porte constrangido, devemos saber restringir-nos na postura; manter-nos retos, caminhar como gente bem-educada, que não tem nada de estranho, de forçado, de descuidado ou relaxado.

Na maneira de nos comportar à mesa, também devemos mortificar-nos, não parecer despreocupados; mas é imprescindível que nos esforcemos para isso e não o deixemos aparecer; que só se veja em nós a simplicidade e a boa educação. Essa simplicidade é a perfeição, e nada custa mais à natureza do que a simplicidade e a maneira de ser que convém, quod decet (cf. Ef 5,3; 1 Tm 2,10). Para chegar a ser simples, se necessita de muito mais esforço do que para chamar a atenção... É isso a genialidade da simplicidade.

Sua castidade, pois, não compreenderá somente o interior, mas também o exterior do religioso: "Christi bonus odor sumus" (2 Cor 2,15) (Somos o perfume de Cristo). Não se pode julgar ninguém, senão pelo exterior. Uma aparência simples, recolhida é uma pregação eloqüente. "Vamos pregar," disse São Francisco de Assis ao Irmão Leão, e percorreram, em silêncio, as ruas da cidade. Quando estavam de volta, o Irmão Leão estranhou. "Pregamos, sim," disse São Francisco, "e fizemos uma pregação mais eficaz do que através de palavras." Bons religiosos realizam muito mais de bem, por sua apresentação do que pelo que dizem.

Que não haja nenhum exagero em nada, absolutamente. Manifestemos em nós a mortificação de Nosso Senhor, sem dar a impressão de estar incomodados, sem que ninguém o perceba. Essa modéstia era um dos grandes desejos de nosso Santo Fundador; ele a recomendava freqüentemente, particularmente aos seus sacerdotes, nos sínodos.

"Observarão a maior modéstia em todas as suas ações, não se permitindo qualquer coisa que ofenda essa santa virtude."

Quando a tentação nos atormenta, devemos recorrer à oração e também à distração que, então, é talvez melhor ainda do que a oração.

É importante, de fato, nesse caso que a oração seja acompanhada por alguma coisa exterior, alguma ocupação que dê um outro sentido aos pensamentos. A mortificação, a penitência é também muito útil nessa ocasião; não devemos esquecê-lo. Mortifiquemo-nos muito e sempre sem que isso apareça. Por exemplo, alguma coisa que nos contraria, ninguém o perceberá, apressemo-nos a tirar proveito disso. Precisaríamos, a nosso serviço, duma quantidade destes pequenos recursos para fazer alguma coisa para Deus; poderiam ser-nos de grande utilidade.

"Vigiar-se-ão os olhares com uma atenção permanente, nunca fitando os olhos num objeto perigoso."

É preciso abster-se cuidadosamente de qualquer olhada maliciosa; a consciência nos faria disso um dever, ainda que a Regra religiosa não o proibisse explicitamente.

"Cuidar-se-ão das palavras, nunca se permitindo uma conversação, nem mesmo uma expressão, capaz de ferir a santa virtude."

Os religiosos devem ser muito honestos nas palavras; nunca deve haver nos seus diálogos palavras ambíguas, elementos perigosos ou imprudentes; sua conversação deve ser imaculada. O mínimo desvio disso seria um escândalo muito grande. "Nugae in ore saecularis, nugae," dizia São Bernardo, "in ore sacerdotis, blasphemiae" (Conversa à toa na boca de um leigo, é conversa à toa, na boca de um sacerdote é blasfêmia). Há muitas coisas que, nas prosas de gente do mundo, não são pecados, mas que seriam censuráveis para religiosos; muitas expressões podem ser permitidas, até um certo ponto, aos leigos, mas que seriam simplesmente inadmissíveis em nossa boca.

"Vigiar-se-ão todos os pensamentos, nem se permitindo o que possa ter a aparência do pecado."

Nunca se deve demorar em imaginações culpáveis que conduzem ao mal e por si só são um grande mal. Quando esses pensamentos são insistentes e reaparecem contra a vontade, não devemos inquietar-nos; não convém lutar, mas fugir; é este o conselho de todos os mestres da vida espiritual. É melhor deixar seu manto, como José, e fugir (cf. Gn 39,12) do que tentar de resistir. Procurem, então, ocupar-se com outros pensa-

mentos, dando atenção a outros afazeres, se puderem.

"Estejam atentos a seus corações, não se apegando a não ser a Deus ao fazer zelosamente empenho por não admitir senão esse único amor."

É preciso vigiar-se muito as afeições; são coisas muito delicadas. Que estas sejam sempre de acordo com Deus e só para ele; que nunca cheguem a prender-nos o coração. Tão logo que percebamos alguma perturbação, alguma inquietação, é prova que existe aí uma inclinação perigosa; necessita-se evitar o perigo. Procurem, então, distrair-se um pouco dessa preocupação, não lutando diretamente, mas evitando a ocasião e fortificando-se pela oração e a mortificação contra essa tendência. Geralmente se faz grandes ilusões nessa questão das afeições. Muitas vezes, quando se crê amar alguém ou alguma coisa, é a si mesmo que se ama; a afeição parte de nós e volta para nós, mais ou menos consideravelmente aumentada. A Regra nos obriga a amar em Deus e só por Deus e a nos apegar somente a ele.

A castidade assim compreendida é, de verdade, o ornamento da vida religiosa; representa também sua alegria e felicidade: "Beati mundo corde" (Mt 5,8) (Bem-aventurados os puros de coração); isso não é verdade só para o céu. Todas as Bem-aventuranças já tem sua realização cá na terra; consituem a felicidade do homem completamente, quer dizer na terra e no céu. Tendo puro o coração, vê-se a Deus desde agora, distingue-se a vontade, percebe-se o amor dele; reconhecer-se-á a felicidade no céu, a qual partilharemos nesta visão de Deus, que é a bem-aventurança eterna.

Sejamos, então, verdadeiros religiosos, levando a toda a parte, por nossa modéstia, a edificação e o perfume de Jesus Cristo (cf. 2 Cor 2,15; 10,1 Col 3,12).

* * * * *

Recomendo insistentemente às suas orações o falecido Dom Zitelli, sub-secretário da Propaganda, um de nossos amigos devotados. Desejo muito que cada sacerdote, se não o fez ainda, reze três Missas na sua intenção, a fim de testemunhar-lhe gratidão por todos os serviços a nós prestados.

CAPÍTULO DO DIA 27 DE MARÇO DE 1889

O VOTO DE CASTIDADE

"A castidade sendo um dos principais ornamentos da vida religiosa, os Oblatos a conservarão com um cuidado todo especial."

A castidade é a glória do estado da vida religiosa; ela é o que mais distingue o religioso do mundo. Neste, vive-se facilmente pobre, submisso a um tipo ou outro de obediência: todos os empregados, todos os militares obedecem. A castidade é o privilégio mais próprio dos religiosos e dos sacerdotes. Devemos, portanto, dar muita importância ao voto de castidade.

Esse voto, para nós, abrange não somente o cumprimento da lei de Deus, que proíbe toda a falta contra a santa virtude; mas nos obriga também a várias coisas que não são explicitamente prescritas pela lei de Deus; esse voto nos faz abster de outras coisas, que não são proibidas de maneira alguma pelo Decálogo. Essas diversas observâncias são próprias à vida religiosa; são destinadas a proteger o voto de castidade mesmo.

"Controlar-se-ão todos os sentidos, tanto interior como exteriormente, com uma vigilância sempre renovada."

Por sentidos interiores entende-se aqui a imaginação; é claro, filosoficamente falando, a imaginação não é um sentido; mas é o nome que lhe dão os mestres da vida espiritual e os teólogos.

"Observarão a maior modéstia em todas as suas ações, não se permitindo qualquer coisa que ofenda essa santa virtude."

Devemos, em todas as ações, não somente não fazer nada que escandalize ou que ofenda ao próximo, mas devemos agir de modo que tudo em nossa maneira de ser, em nosso procedimento, conserve o cunho dessa modéstia religiosa, que tanto edifica. É preciso resguardarmos, nos relacionamentos ministeriais com as mulheres e moças, uma solicitude muito grande de estar sempre dentro dos limites da modéstia religiosa.

Levem muito em conta a delicadeza da mulher e da moça; não somente a delicadeza, mas também a sensibilidade delas. Geralmente, um sacerdote ou um religioso tendo maneiras demasiadamente familiares, ele, dando a impressão de se pôr à vontade, escandaliza as mulheres; e as mulheres nisso têm razão.

A norma dos Oblatos deve ser de nunca se encontrar com uma mulher sem estar um pouco constrangido. Não quero dizer que se deve parecer atrapalhado; mas não convém pôr-se à vontade, é bom sentir algum incômodo. Que isso seja um princípio invariável. Uma vez que o Senhor tiver se posto à cômodo na presença de uma mulher, não será mais um sacerdote pare ela; ela não sentirá mais uma distância entre si e o Senhor. Não se deve exagerar nada; não quero afirmar que, então, o seu ministério se tornaria inútil; mas não há dúvida, que essa mulher não terá mais o mesmo respeito, a mesma confiança para com o Senhor.

Observem Nosso Senhor, quando ele fala à Samaritana (Jo 4): os discípulos estranham vendo-o a falar com uma mulher... Olhem como a palavra dele é grave, séria, mantendo essa mulher à distância, de tal modo que ela exclama: Que coisas bonitas; mas nós, nós esperamos o Messias. Imediatamente, ela assume um tom sério, fala de coisas que lhe parecem das mais sérias e importantes. Esse modo de agir tem conseqüências muito grandes, inspira logo a confiança. O sacerdote, o religioso que age assim não é mais um homem como um outro qualquer: "Sempre mortificationem Domini nostri Jesus Christi in corpore vestro circumferentes" (2 Cor 4,10) (Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus); é particularmente numa ocasião como essa, que devemos levar em nós a mortificação de Nosso Senhor.

No que diz respeito ao exterior, pois, cuidem para não sentar de um modo desleixado, estendendo as pernas ou cruzando-as. Outrora, essas normas de decoro eram fielmente observadas entre o clero de então, retomemo-las; elas atrair-nos-ão o respeito, a confiança. Insisto: com mulheres, estejam sempre um pouco alerta; que não haja negligência; sejam bem reservados no comportamento, sem ser afetados nem exagerados.

"Vigiar-se-ão os olhares com uma atenção permanente, nunca

fitando os olhos num objeto perigoso."

A morte, diz o Espírito Santo, assomou às nossas janelas. (Jr 9,20). Sejamos muito reservados nos olhares. O Senhor Arcebispo de Paris me contava que, quando era Auxiliar, ele saía de vez em quando, de batina preta e chapéu da mesma cor, e perambulava pelas ruas de Paris. Freqüentemente, diante de vendedores de quadros, via sacerdotes parados e lhes dava, ao passar, um toque de leve, com a bengala ou o guarda-chuva. O sacerdote se virava, pouco cortesmente, algumas vezes: O que queria dele este sacerdote velho? Queria dar-lhe uma lição?... Mas reconhecia logo ao Bispo Auxiliar e safava-se de orelhas baixas. Convém evitar essas coisas, isso escandaliza muito. Em todas as esquinas de ruas há anúncios feitos, muitas vezes, para corromper o povo e perverter os costumes; é um escândalo ver eclesiásticos pararem na frente deles. É uma coisa muito importante. Lembrem-se desta recomendação. Os Senhores ouvirão, às vezes, pessoas do mundo dizer-lhes: O que se tem diante dos olhos, quadros, gravuras, estátuas, não é tão perigoso; em Paris vêem-se muitos outros e não só por isso se é pior. É uma questão de experiência: nunca vi uma criança casta - não digo um menino, refiro-me mesmo às meninas - nunca vi uma criança casta, não sendo reservada nos olhares, não tendo esta modéstia que faz desviar os olhos dos objetos perigosos.

"Cuidar-se-ão das palavras, nunca se permitindo uma conversação, nem mesmo uma expressão, capaz de ferir a santa virtude."

Precisa-se evitar toda a espécie de brincadeira ambígua e tudo o que pode levar os pensamentos a objetos perigosos. Que a nossa conversa, portanto, seja toda imaculada, toda pura. Evitemos com cuidado qualquer expressão, não só contrário ao nosso voto, mas mesmo à boa educação. Acautelem-se também das leituras. Qualquer leitura perigosa não é sem pecado, sem falta. O demônio serve-se disso; ele evoca a lembrança dela, importuna a mente com imagens perigosas e muitas vezes acaba por minar a vontade.

"Vigiar-se-ão todos os pensamentos, nem se permitindo o que possa ter a aparência do pecado."

É preciso evitar até a aparência do pecado. Acolher um pensamento mau é, por isso mesmo, uma falta grave, mortal, segundo a opinião

de todos os teólogos. Se os Senhores têm que lidar com pessoas escrupulosas e quando se trata de formar a consciência das crianças, evitem formar-lhes uma consciência confusa. Procurem ver o fundo da alma e ensinai-lhes a distinguir, como disse nosso Santo Fundador, entre o sentimento e o consentimento. Há precauções na direção que devemos observar cuidadosamente. No que diz respeito a nós pessoalmente, ponhamos termo logo a qualquer tipo de pensamentos que possam ser perigosos.

"Estejam atentos a seus corações, não se apegando a não ser a Deus ao fazer zelosamente empenho por não admitir senão esse único amor."

Toda a afeição deve provir de Deus e voltar a ele. Não se deve admitir dileção alguma, senão a dele. Temos que amar os pais, os amigos, as pessoas de quem somos encarregados para levá-las a Deus; mas importa evitar com cuidado qualquer apego do coração, toda a afeição sensível, toda a amizade proibida; isso seria diretamente contrário ao nosso voto de castidade. Esses ligames de coração são sempre desastrosos; é imprescindível evitá-las bem; sempre acabam mal; desviam pouco a pouco de Deus e terminam por levar a quedas terríveis. Precisamos colocar todas as afeições, todas as nossas simpatias no amor que temos por Deus. A caridade deve voltar pura a Deus, como dele pura desceu.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE ABRIL DE 1889

A OBSERVÂNCIA FIEL DOS EXERCÍCIOS RELIGIOSOS

Quarta-feira Santa. A importância da Semana Santa absorve toda nossa atenção; ela reclama necessariamente uma palavra edificante sobre a maneira como devemos passá-la. As solenidades da Igreja, os mistérios da Paixão a meditar, as leituras, as palestras espirituais são coisas boas; mas não é muita coisa, quando a ação não corresponde

às leituras ou às meditações. Nosso Senhor mesmo nos remiu não somente por um ato de vontade, mas pela sua paixão e morte. Ele foi cravado na cruz por pregos; de lá não desceu, morreu ali, mesmo quando os fariseus lhe gritavam: "Descei daí e creremos em vós (cf. Mt 27,40-42).

A melhor maneira de santificar esta semana e as que a seguirão, é a observância pontual. Levamos uma vida desorganizada; estamos um pouco de um lado e um pouco de outro; a atividade da Comunidade não aparece muito. Os nossos quartos não são contíguos como as celas; os exercícios exteriores da Comunidade quase não são possíveis. Por conseguinte, esses exercícios exteriores faltarão logo, se a fidelidade de cada um não é irrestrita. Comete-se um grande erro, sendo infiel? Sim, o Sangue de Nosso Senhor se inutiliza para a alma. Nenhuma obrigação bem estreita nos compromete; não estamos muito preocupados, até agora, em dar uma forma exterior bem definida à Comunidade; até este momento não éramos muito numerosos... Mas é extremamente necessário que cada um, pessoalmente, faça disso uma questão de consciência.

Em geral, os homens não têm consciência. Achar alguém que tenha consciência é coisa sumamente rara. É preciso, no entanto, que todos tenhamos consciência; é o único meio à nossa disposição que faça observarmos a Regra.

Tenhamos consciência. Quanto a mim, meus Amigos, não creio ter passado jamais um só instante de minha vida sem ter pesando nos braços e no coração as obrigações do meu cargo, quando era seminarista, professor ou no santo ministério. Não entendo que se possa existir independente disso. É provavelmente por causa disso, que nunca me veio a idéia de tomar medidas externas para fazer observar a Regra...

Por exemplo: a hora de levantar-se: a gente não se levanta. Há pecado nisso? Sim, um bem grande e, no final de algum tempo, a falta torna-se um crime: de fato, perde-se a vocação! O Senhor não faz meditação; isso é um pecado muito grande, pois isso o põe num estado de frieza e de indiferença para com Deus e de sua vocação; isso lhe rouba as graças, ao Senhor destinadas; não tendo mais graças para si, como poderá partilhar com outros?

Qual é a árvore que Nosso Senhor amaldiçoou no Evangelho? (Mt 21,18-22). Ele não execrou um carvalho; este não produz frutos, bons para comer. Não maldisse a palmeira; esta não tem frutos ao alcance de todo o mundo. Ele condenou a figueira por não dar frutos que devia oferecer ao transeunte. A figueira é o religioso. Ele não carrega frutos, não alimenta o viandante; ele será amaldiçoado e a praga o secará.

Recomendo terem muito medo, meus Amigos, da maldição da figueira... Eu me incomodei, pois soube que entre os Senhores havia alguns que negligenciavam a Regra, que não se levantam na hora, que não fazem meditação... Como é que os Senhores fazem assim? Mas, nem como seminarista, eu nunca teria querido agir assim. Eu estou velho, doente muitas vezes, não posso praticar a Regra de cabo a rabo; mas faço o que posso. E estranho profundamente ao saber que haja entre os Senhores tais relaxamentos. Que me mandem um seminarista, uma figura insignificante, se quiserem; tomarei as medidas necessárias para fazer com que ele caminhe; se ele precisar de "schlague" (laço), ele o terá e, pelo menos, irá bem.

Estou um pouco emocionado, meus Amigos, não o lamento. Essas coisas atraem a maldição de Deus. Elas originam uma apatia moral, um estado de aniquilamento completo. Olhem os países protestantes, a não ser que haja ali, junto aos católicos, um bom pároco, vigilante, ativo, zeloso, a gente não sabe bem qual é a fé da gente com a qual se trata: é uma mistura de catolicismo e de protestantismo. É a mesma coisa com a vida religiosa. Os outros religiosos não sustentam seus esforços, a indiferença toma conta de tudo.

O Padre Lambey - e, na sua ausencia, o Padre Lambert - estará encarregado, daqui em diante, de vigiar o cumprimento da Regra nos seus aspetos exteriores. Se a gente está doente e não se levanta na hora, está bem. Mas que se aplique aí um pouco de esforço. Há pessoas que estão enfermos a vida toda e, no entanto, acham a força de cumprir com seu dever. São Luís Gonzaga, Santo Afonso de Liguori sempre estavam doentes. O nosso Santo Fundador sofria consideravelmente; isso não o impedia de ser fiel ao regulamento que se tinha traçado. Sem dúvida, é preciso ter um pouco de pena dos doentes; mas é preciso também que os doentes saibam não ser frouxos.

Eu desejo que, durante a Semana Santa, estejamos todos apegados à observância. Nosso Senhor carrega sua Cruz, seu Sangue se derrama; que este não esteja perdido e que, recolhido por nós, possa ser aplicado às almas que, de nós, devem recebê-lo.

Certamente, não nos damos bem conta do que existe. Se a Comunhão dos Santos se estende a toda a Igreja, a comunhão dos bens espirituais existe também entre os religiosos. É essa a fonte, a força, o nervo de todo o cristianismo e de toda a vida religiosa. Se, numa Comunidade de religiosos, nem todos contribuem sua quota de esforço e de trabalho, o que vai ser da Comunidade? Devemos santificar-nos para nós e para os outros. Sejamos santos; que a nossa santidade aja sobre a pessoa de nossos irmãos e sobretudo sobre as pessoas que Nosso Senhor nos destinou, desde sempre, a serem salvas por nós. Sem isso, não vale a pena sermos religiosos. Devemos partir desse ponto de vista; qualquer outra maneira de encará-lo seria falsa e perniciosa.

Todo o mundo pode levantar-se na hora, de manhã. É preciso ser implacável e não admitir excessão alguma. Os que podem ir para a meditação em comum, devem ir; não podendo, devem pedir licença e prestar as contas ao Padre Lambey sobre o modo da substituição.

Quanto à prática da Regra, que haja fidelidade no dizer e fazer juntos o que está prescrito. O Padre Perrot afixará a lista desses exercícios no corredor dos religiosos. Nunca um religioso deve ficar uma hora sem sentir nos ombros o fardo: O que tenho que fazer? O que devo fazer agora? Tudo isso se reclama tanto mais seriamente, sendo que os Oblatos têm obrigação - como o dizia a Boa Madre - de fazer com que os outros compreendam esse caminho de fidelidade a Deus e de fazer com que os outros nele entrem. O que fazer, se os Senhores não compreendem os princípios de seus exercícios, de seu Diretório, da fidelidade? Será que um marceneiro é bom profissional, porque ele foi passear numa oficina, porque ele observou os outros trabalharem, sem ele fazer outra coisa do que prosear? Como os Senhores aprenderão a viver a vida religiosa, se não se dedicam por completo, se não sentem nos ombros o peso da carga e da obrigação?

O que eu disse sobre o levantar, afirmo-o também com referência à oração da manhã, à meditação, à Missa, também a respeito das leituras, dos exames de consciência e da oração da noite. Nisso tudo há o suficiente para ser um bom e santo religioso. Nosso Santo Fundador não se tornou santo de outra maneira; a Boa Madre não ficou santa de modo diferente. Repito: isso deve ser um fardo a todo o momento. Tomemos todos a resolução de levar esse peso decididamente, de ser perfeitamente fiéis à observância, de fazer como o Salvador que fica pregado na Cruz, a fim de que nós possamos receber todas as graças que Deus nos destina para nós e para outros.

Com mais razão ainda, vamos fazê-lo fielmente, já que todos vamos assinar os documentos da postulação para a Beatificação e a Canonização da Boa Madre. Canonizando a Boa Madre, não se canonizará os Oblatos, mas canonizar-se-á o exemplo, o modelo; ela é a madrinha do Instituto e o modelo de cada religioso.

Hoje eu disse coisas bem fortes, mas as sustento. É para que cada um se compenetre dessas verdades, para que cada Oblato chegue a observar exata e completamente a regra exterior, para que cada um leve continuamente o jugo do Senhor, perguntando-se a cada instante: O que tenho que fazer? Que obrigação me cabe? Devo ser verdadeiramente religioso, ligado em todas as ações à Vontade de Deus, no momento presente.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE MAIO DE 1889

A OBSERVÂNCIA EXTERNA

Terminamos a explanação do voto de castidade. Relembro-lhes que esta palavra castidade, que quer dizer comedimento, abrange não somente a fuga das faltas opostas à santa virtude, mas também a nossa atitude, o nosso exterior, na igreja em primeiro lugar. Recomendo-lhes muito não se acotovelar, não se apoiar, não cruzar um pé sobre o outro enquanto ajoelhados, mas manter o corpo reto, a cabeça um pouco inclinada, os olhos modestamente abaixados. Não devem nunca afastar-se dessas práticas, é nisso que a gente reconhecerá os Oblatos.

É importante também cuidar bem de não ter nada de extraordinário, de extravagante, de singular no andar e no modo de se vestir. Deve-se
caminhar sem artificialidade, evitando tanto a precipitação como a lentidão demasiada. Não levem os olhos à direita e à esquerda para observar todas as pessoas que passam. Isso é o indício certo de um espírito que não tem nada por dentro com que se ocupar e que busca sua vida por fora. Esse escândalo nos modos na rua deve-se evitar muito. O mundo é tão mau que a gente interpreta mal até as coisas melhores. Vamos dócil e simplesmente, dedicando-nos sempre àquilo que nos é recomendado.

Nas relações ligadas às funções ministeriais junto a moças, tenham cuidado de nunca tratá-las como irmão e irmã ou como colega. Mantenham sempre uma certa distância. Evitem cuidadosamente, nas cartas principalmente, tudo o que cheira ao mundo, que, ao contrário, tudo esteja repleto de gravidade religiosa, de santidade. A carta de um religioso nunca se deve assemelhar a uma de outra pessoa. Pode-se escrever aos amigos com bastante liberdade, mas que sempre se fique nos limites da modéstia e da ponderação religiosas. Todas as vezes que se escreve a uma mulher, que a carta seja concebida de tal modo que ela possa ser lida por todo o mundo. Pode haver nelas, sem dúvida, coisas secretas, assuntos de consciência; mas ainda assim que essas coisas se-

jam tratadas de tal modo que nada seja chocante, nem escandalize as pessoas que poderiam lê-las.
Considero essa recomendação de capital importãncia.

Os Senhores observarão, portanto, a mortificação em toda a parte, evitando um comportamento relaxado, excessivamente livre e descuidado. Cuidem-se bem. Mais uma vez: é essa a nossa praxe, assim é nossa principal observância religiosa; não nos privamos de nada, não temos austeridades; devemos assumir como modelo nosso Santo Fundador. Ele mesmo se modelava por Nosso Senhor. Este constrangimento, que é conseqüência desse esforço contínuo sobre si mesmo, certamente vale a pena. "Per modestiam Christi" (2 Cor 10,1) (pela compostura de Cristo), eu vos conjuro, dizia São Paulo aos primeiros cristãos; eu vos conjuro por uma coisa muito admirável, algo que vos é caro e cuja lembrança apreciam muito, por esse comportamento modesto e reservado, por esse conjunto de dignidade e de simplicidade que se irradiava da pessoa do Salvador! Essas coisas devem ser observados por um motivo sobrenatural. Ao agirmos de forma natural, está bem, sem dúvida; se é o resultado do nosso trabalho pessoal, do controle que nos impusemos a nós mesmos, não há nada a reclamar; Mas se é por virtude sobrenatural que agimos, se é para o Bom Deus, isso será bem mais meritório.

Que, na prática externa de Regra, tenhamos sempre um grande espírito de simplicidade e de exatidão. O que não podemos fazer devido a uma impossibilidade física, está bem; mas sempre obtenhamos permissão, nesse caso; se não há meio no momento, fa-lo-emos à medida do possível.

Façamos esse esforço sempre e em toda a parte; o fardo da lei de Deus deve pesar sobre todo o nosso ser; será a salvaguarda da nossa virtude, da nossa dignidade pessoal, de tudo o que devemos fazer e cumprir em meio ao mundo.

O Padre Lambey fica encarregado de zelar pelo cumprimento das várias observâncias externas da Regra. O Padre Lambert o substituirá na ausência do primeiro. Faço um apelo à fé, à piedade de todos, para que todos contribuam à ordem externa da Comunidade. É para nós a melhor maneira de fazer o bem. Mas que não se deixe passar nada.

Todos os Mestres da vida espiritual dizem a esse respeito coisas muito impressionantes. Nosso Senhor, assim nos chama à atenção, permanece na coluna, pregado na cruz, até chegar a hora de glorificar o Pai pela morte.. Quando o momento marcado chegou, gritou: "Consummatum est" (Jo 19,30) (Tudo está consumado)... Está nisso o Oblato. É essa a fisionomia que ele deve ter, a influência do comportamento externo sobre a vida religisosa. A seiva da árvore sobe no interior e na parte externa; mas a do lado de fora é mais necessária ainda do que a do interior. Aquela seiva circunda a àrvore e guarda e protege o tronco inteiro.

Que cada um se aplique bem a isso. Quando os Senhores saem de viagem, em missão, que mantenham isso consigo; é a nossa herança, é nosso modo de ser; é o melhor para nós. Que cada um deixe generosamente sua natureza pessoal; que cada um se corrija e procure chegar a um certo nível; isso será, para cada um em particular, uma ocasião de mérito e uma força muito grande para toda a Comunidade. Com esmero, levemos conosco a imagem do nosso Santo Fundador, que por sua vez é o reflexo de Nosso Senhor.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE MAIO DE 1889

O SUPERIOR

"O Superior fará observar exatamente todas as Constituições. Ele não mudará nada nem fará inovações."

Nem o próprio Superior Geral pode mudar, inovar ou modificar nada por sua autoridade pessoal. No entanto, o Capítulo Geral pode provisoriamente admitir leves modificações nas Constituições, por razões absolutamente necessárias e sérias, e dependendo da aprovação da Corte de Roma, à qual o assunto deve ser submetido; essas modificações, por outro lado, só podem ser temporárias.

As Constituições são a fé fundamental da Congregação; são nos dadas pela Igreja e assim como os simples fiéis não podem dispensar-se da leis da Igreja, do mesmo modo a Congregação não pode desobrigar-se de suas Regras.

"Ele mesmo observará as Constituições e não se dispensará delas a não ser por motivos consideráveis e evidentes."

É muito certo que o Superior é obrigado a observar as Constituições. Quando ele precisa de dispensa, como não há ninguém que a possa dar para ele, cabe a ele julgar em consciência até onde ele pode ir e se pode isentar desta ou daquela obrigação.

"Ele será a alma e o coração de sua Congregação, animando-a com sua caridade, vivificando-a com seu zelo..."

Devemos nos lembrar, em relação a essa recomendação das Constituições, que nós todos somos um pouco superiores, de alguma maneira. É preciso que todos os que têm algum cargo, alguma incumbência, se considerem como sendo, de certo modo, encarregados de almas. Um antigo Vigário-Geral de Paris me dizia: "No clero de Paris, há duas categorias de sacerdotes: os párocos ou vigários têm zelo; eles andam à frente, sentem o peso do fardo pelas almas; os empregados são gente boa e honesta, que dirigem seu carrinho de mão diante de si." Meus Amigos, não devemos ser empregados, gente honesta, desempenhando-se mais ou menos de sua tarefinha; somos, como religiosos e sacerdotes, a parte viva e militante da Igreja. O cargo a nós confiado não é um lugar onde viemos ganhar o nosso sustento ou tentar fazer fortuna. Todos, portanto, somos superiores nesse sentido, superior do ofício que temos que atender em favor das almas, das quais somos encarregados; certamente, não somos superiores no sentido absoluto da palavra, mas, no exercício de nosso cargo, devemos assumir a disposição que as Constituições aqui nos recomendam e temos que animar por nossa caridade as pessoas a nós confiadas. "Sicut aes sonans aut cymbalum tinniens" (1Cor 13,1) (Como bronze que soa ou como o címbalo que retine), eis o que somos sem essa caridade.

"Vivificando-a com seu zelo..." O zelo é fogo, é uma coisa ativa e ardente, não é carvão apagado. Estejamos bem em brasa de zelo e não mornos: "Utinam frigidos esses aut calidus, sed quia tepidus es, incipiam te evomere ex ore meo... (Ap 3,16) (Mas como es morno, nem frio

nem quente, vou vomitar-te). Importa ter um zelo ardente, dando todo o coração à tarefa que nos é confiada. Os indecisos, diz São Francisco de Sales, para que servem? Que nada seja tão bem feito quanto a nossa aula, quanto o nosso estudo, e nosso trabalho manual; dediquemo-nos por completo, de corpo e alma. Não há ato indiferente para quem é religioso. Como discípulos de Nosso Senhor, devemos caminhar seguindo suas pegadas; pois bem, ele veio trazer fogo à terra: "Ignem veni mittere in terram" (Lc 12,49).

"Mantendo-a na paz, na concórdia..."

Isso é um ponto importante, uma coisa essencial. Sempre que estamos encarregados de alguém, devemos ter muito cuidado de nunca falar mal dele. É uma coisa que é severamente proibida aos párocos em relação a seus paroquianos; por mais razão ainda deve ser proibido a um irmão falar mal de seu irmão, dos que estão sob as suas ordens. Que façam suas observações a quem precisa, com toda a cordialidade; mas que não se vá além disso. Toda casa dividida contra si mesma perecerá (cf. Mt 12, 25).

"E esforçando-se por mantê-la no espírito de São Francisco de Sales..."

Na direção espiritual, devemos evitar tudo o que afasta do nosso espírito, tudo o que lhe é alheio. Temos nossas Constituições, os escritos da Boa Madre, as Obras de São Francisco de Sales, os capítulos que lhes dou: é essa a doutrina. E todo o resto, diz nosso Santo Fundador, "por melhor que pareça ser, e de fato seja, para eles não o será. Isso lhes asseguro." (Diretório: Ensinam. altam. úteis)

Uma Comunidade que mantém seu espírito tem sempre seu lugar na Igreja de Deus; aquela que sofre modificações é aniquilada com muita rapidez.

Cada um estando no seu cargo, conservemos bem o espírito de São Francisco de Sales, **"tanto no que diz respeito à prática, quanto à doutrina..."** A razão por que a Visitação nunca teve que sofrer reforma, é que sempre tem observado fielmente sua Regra e mantido suas tradições e seu espírito.

A prática é a Regra, o Diretório, a observância. É preciso sermos tão fiéis ao espírito, quanto à doutrina. Essa doutrina foi reconhecida e aprovada pela Igreja. Não adotemos maneiras de fazer e de agir fora disso, independentes de nosso Santo Fundador. Somos os guardas da sua doutrina e não os da doutrina de outros; mantenhamo-la com muita fidelidade e grande energia. Está bem certo que a doutrina de nosso Santo Fundador é uma doutrina aplicável a todos os tempos. Foram feitas predições sobre a Visitação; disseram que ela duraria até o fim do mundo; não há nada de estranho nisso; que causa poderia surgir, pois, a qual tornaria inútil o que o nosso Santo Fundador ensinou?

Insisto nestas condições que devemos ter presentes em nosso ofício: a caridade, o zelo, a concórdia, o apego a nosso espírito; não façamos nada com moleza ou indiferença; não façamos as coisas para nos livrar delas, mas para alcançar o alvo, o qual Deus nos pede que alcancemos; a coisa em si mesma não é nada, é só um meio. A finalidade a atingir pela coisa é tudo; é ao efeito que devemos chegar. A paz, a concórdia - volto de novo a isso - é a condição absoluta, necessária da vida e de existência de uma Ordem, da nossa Congregação mais particularmente, pois somos fundados sobre a caridade e a nossa grande tarefa é praticá-la. Deve-se evitar atentamente tudo o que pode dividir os corações e os espíritos. Interpretem sempre favoravelmente o que se diz, o que se faz; pratiquem bem esta virtude que os Padres gregos chamaram de eutrapelia, a interpretação benévola, a explicação propícia. Quando um Padre comete uma falta, um erro e se vê escusado, interpretado favoravelmente, isso o liga ainda mais a seus irmãos, à Comunidade. Deus permite muitas vezes essas faltas que podem produzir como conseqüência um bem maior.

"...o espírito de São Francisco de Sales, tanto no que diz respeito à prática, quanto à doutrina..." Que nada jamais nos faça modificar essa doutrina de São Francisco de Sales. Apliquemos sempre essa doutrina em todas as circunstâncias; ela conduzirá as almas à vida interior e lhes ocasionará as graças mais abundantes.

* * * * *

Relembro-lhes que estamos no tempo pascal e que precisamos estimular nossa piedade durante esse tempo. Nosso Senhor visita ao Apóstolos e lhes traz a paz, mostra-lhes e faz tocarem as chagas, entregou-lhes a missão e os envia por todo o mundo, faz descer sobre eles o Espí-

rito Santo. Leiam os trechos do Evangelho de São João que se referem a esse tempo de Páscoa.

A Igreja nascente vive unicamente do Senhor ressuscitado; ele está na terra somente para os Apóstolos. Unamo-nos a eles e peçamos a Nosso Senhor as graças que lhes concedeu. Os que amam a Nosso Senhor o encontram, no tempo de Páscoa de maneira mais fácil do que em outras épocas.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 5 DE JUNHO DE 1889

O ECÔNOMO GERAL - A POBREZA
O RESPEITO PELAS COISAS MATERIAIS

"O Ecônomo Geral cuidará de todos os bens da Congregação e comunicar-se-á, de quando em vez, com o Superior Geral, sobre todas as necessidades do Instituto, para receber as ordens e instruções dele."

O Ecônomo Geral deve se comunicar com o Superior Geral, a fim de que este decida e resolva as questões nos assuntos de sua alçada. O Ecônomo deve agir em plena obediência, numa grande dependência do Superior Geral, de outra maneira quase não pode cumprir a missão da qual está encarregado. É um ponto muito importante. É preciso, para quem tem esse encargo, desfazer-se das idéias pessoais, dos julgamentos próprios.

Uma outra consideração referente ao Ecônomo. Outrora o voto de Pobreza fazia com que se renunciasse a todos os bens; de bom grado o religioso não se ocupava mais das coisas de ordem material; essas coisas não lhe diziam mais respeito. Agora não é mais assim, o religioso não pode mais desinteressar-se das coisas materiais, a situação de sua Congregação estaria comprometida. Convém compreender bem agora até onde

vai o voto de Pobreza. Esse nos obriga a conservar cuidadosamente o que temos, agindo sempre em espírito de pobreza, como fazem os pobres que evitam toda a despesa, na medida que podem. Que na Congregação cada membro se considere obrigado à economia, como encarregado dos bens da Comunidade. Tendo precisão de alguma coisa, não devemos considerar-nos isentos de qualquer preocupação em relação à pobreza. Se os Senhores necessitam de alguma coisa no seu serviço, peçam o que precisam, mas tenham atenção à pobreza, comportando-se como fazem os pobres em circunstância semelhante. No seu trabalho, os Senhores visem a pobreza para as coisas de sua atividade, como fariam para o que se refere a sua pessoa. Tratem com respeito as coisas materiais e estas comunicar-lhes-ão o Bom Deus. Essa maneira de ser a agir nos põe no caminho acertado; ela dá a cada um seriedade e segurança nos critérios e nos julgamentos.

Não somos perfeitos senão quando fazendo o bem em toda a parte, quando realizando tudo no espírito do Diretório. Não sejamos, portanto, mais gastadores nos assuntos de nossas atividades do que com referência a nossa pessoa. Os bens temporais pertencem a Deus. Assim como não gostaríamos de profanar objetos bentos, tratemos as coisas materiais com respeito, com moderação: é isso o cumprimento de nosso voto de Pobreza. Poupemos a roupa e o que é de nosso uso; gastemos o menos possível; vivamos em todo o lugar segundo o espírito de pobreza. Isso comunica alguma coisa de bem sério. Não lhes peço um espírito calculador, mas o respeito diante da criação, perante o que o Bom Deus fez e nos alcança. Manuseiemo-lo com parcimônia, pois é o meio de observar o nosso voto de Pobreza.

O nosso Santo Fundador, no que ele destina a cada Visitandina para o vestuário e mobiliário, ficou nos moldes da maior simplicidade. O que mais me impressionou na Visitação de Troyes, quando eu entrei lá pela primeira vêz, foi o ambiente de pobreza e também de limpeza, de ordem, que brilha por tudo em casa. Que essa pobreza resplandeça também entre nós. Conservemos em nós e em nosso redor a pobreza da Cruz. O mundo perde-se pelo uso das coisas materiais; ajudemos a reformá-lo pela pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo: "Instaurare omnia in Christo," como dizia São Paulo, "sive quae in coelis, sive quae in terra sunt" (Ef 1.10) (Recapitular todas as coisas em Cristo, as que estão nos céus e as que estão na terra). O material trata-se materialmente; manifestando sempre

esse respeito, essa atenção, essa devoção, os Senhores terão um fundo verdadeiramente religioso que se irradiará a seu redor; farão com que outros apreciem isso e os Senhores estabelecerão esse modus vivendi (modo de viver).

Em outras Congregações, o Ecônomo Geral pode ter mais liberdade de ação do que na nossa. Lembremo-nos que não administramos os nossos assuntos, mas os do Bom Deus.

Insisto muito nesta idéia que o uso das coisas materiais pode ser santo e abençoado; que tudo pode nos levar ao Bom Deus. É isso a finalidade da criação. Numa Comunidade, onde se trata as coisas materiais, o trabalho, com respeito, com dedicação, com fé, tudo o que se toca, tudo o que se faz, contribui para a santificação pessoal e à santificação dos outros.

É com esse fim, aliás, que a Igreja abençoa coisas materiais, que ela roga a Deus, na liturgia, que ele proteja e ajude os que fizerem uso das coisas benzidas.

Que o Ecônomo Geral, sobretudo ele, encarregado da gerência e cuidado dos bens materiais, trate o material com muito respeito. É uma grande responsabilidade que a Regra lhe impõe; ele terá graças também, cumprindo bem o seu cargo.

"Ele fiscalizará as despesas gerais das casas, as construções, a manutenção, etc."

Precisamos pedir muito ao Bom Deus que nos envie alguém que, pelos seus conhecimentos, por suas capacidades, possa dirigir as nossas construções. É um ponto muito importante. Muitas Congregações ou casas religiosas se viram em apuros ou quebraram por causa disso. Os Superiores não entendiam de construções ou não queriam envolver-se nisso. Os arquitetos agiam a seu modo e tudo foi a pique por causa deles. Precisamos rezar muito a Deus para que ele nos envie alguém que, por seus estudos e suas capacidades, seja apto a tomar a direção de nossas construções. Dentro do possível, façamos nossas construções como preparamos nossos alimentos e tratamos nossa roupa. Muito lhes recomendo

essa intenção. Façam algumas jornadas de fidelidade com esse fim. Numa Comunidade, é preciso que cada um seja desapegado, mas não deixe por isso de interessar-se pelo bem comum. Não pretendemos administrar o que não nos compete, mas não por isso nos desafeiçoamos do que realizam nossos irmãos. Sejamos como crianças de uma família, que se interessam pelo que fazem o pai ou os irmãos maiores. O Reino dos Céus é prometido sobre a terra aos que a elas são parecidas (cf. Lc 18,16).

A Congregação está se tornando considerável. É necessário que tudo seja bem regulado e organizado. Eis a razão de todas as prescrições que as Constituições encerram a respeito do Ecônomo Geral e dos Ecônomos Locais, prescrições essas, às quais os Senhores precisam ser bem fiéis.

Que os Ecônomos, então, tenham esse respeito, essa fé religiosa, referente às coisas materiais; e o que farão os Ecônomos, que cada um o faça também. Claro, não se deve levar as coisas ao extremo, nem ser Jansenista. Não vamos calcular o ponto exato e justo onde a graça encontrará a natureza, nem o grau preciso de eficácia, existente no emprego de tal coisa material ou as condições certinhas, necessárias para que a coisa material acarrete graça, e para que a graça opere.

A Boa Madre sempre tinha esse respeito, essa atenção às coisas materiais. Que seja uma coisa sagrada para os Senhores; que isso seja a sua base, o seu ponto de partida, a sua vida, a expressão da Vontade de Deus, que seja a doutrina que os Senhores sigam e difundam. A Boa Madre era muito inspirada; não creiam que essa doutrina das coisas materiais seja um acessório desnecessário. A compreensão dessa grande verdade carece muito. Observam as teorias do Padre Ludovic: é a doutrina da Boa Madre sob outra forma; no fundo, é a mesma idéia: recolocar o Bom Deus no seu lugar, fazer com que ele volte ao que é dele, donde foi afastado.

* * * * *

Acrescento uma palavra às reflexões que acabo de fazer sobre as Constituições. Não quero que leiam jornais. Fui muito humilhado ao saber que em nossas casas havia assinaturas de jornais. Por melhor que seja, um jornal não é para nós. Temos outra coisa para fazer do que nos ocupar de questões políticas.

Uma Comunhão bem feita, a prática fiel das nossas observâncias, é o que fará mais efeito do que se escrevêssemos todos os jornais.

Mais tarde, ao termos Padres de grande capacidade, que podem prestar serviços à Igreja, na redação de algum jornal, poder-se-á dar-lhes essa obediência e o farão bem. Mas, por enquanto, tenhamos mais preocupação pela nossa liberdade de espírito, da nossa independência de julgamento. Nada deturpa tanto as idéias quanto a leitura dos jornais; quer queira quer não, a gente se torna escravo do seu jornal, além de perder tempo. Vamos buscar a nossa inspiração, não no espírito dos jornais, mas no espírito de lá de cima.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE JUNHO DE 1889

O MESTRE DE NOVIÇOS - CULTIVAR O BEM NA PESSOA OS IRMÃOS COADJUTORES

"O Mestre de Noviços é escolhido pelo Capítulo Geral.

O cargo de Mestre de Noviços é um dos mais importantes para o futuro da Congregação. Aquele que for designado para esse serviço, deve ele mesmo praticar com perfeição todas as virtudes , especialmente as requeridas para o Instituto: a caridade, a discrição, a humildade, a amabilidade, energia moral, constância."

A preocupação do Mestre de Noviços deve ser a de inculcar bem o espírito de São Francisco de Sales. Duas idéias predominam no espírito de São Francisco de Sales: a obediência para com os Superiores e a caridade com os irmãos. As Constituições que ele deu à Visitação, as regras que ele traçou, os princípios de vida interior que ele esboçou, tendem a isso. Sem dúvida, nas Ordens, a obediência também é uma coisa sagrada; a obediência é, no entanto, a característica dos Oblatos de São

Francisco de Sales, devendo ser total, cordial e simples. Não representa para nós uma montanha a superar, não haverá grandes dificuldades para vencer; não será necessário ficarem tesos para obedecer; obedeceremos porque obedecer é conosco, com grande simplicidade e cordialidade, e de maneira toda filial, sem fazer grande espalhafato em torno da obediência, sabendo sofrer corajosa e simplesmente o martírio da obediência como fazia Nosso Senhor, segundo este texto de São Paulo que lhes cito muitas vezes: "Ex illis quae passus est, didicit oboedientiam" (Hb 5,8) (Aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve). Não admitimos que se digam palavras pomposas em torno da obediência, mas obedeceremos de todo o coração. Que a gente não se poupe, mas também que não se faça alarde de sua obediência.

O Mestre de Noviços deverá formar os religiosos muito particularmente na obediência. Não convém ao Mestre de Noviços aplicar idéias de outras Ordens religiosas, na sua direção; por melhores que sejam outros meios de dirigir os Noviços, não o seriam para nós, como diz nosso Santo Fundador no Diretório. É preciso manter-se bem nos moldes dos conceitos de São Francisco de Sales, da convicção da Boa Madre e da persuasão minha. Esse espírito é bastante amplo, bastante aberto; todos os que são chamados a ele, aí sentir-se-ão completamente em casa. O espírito interior de São Francisco de Sales é, aliás, muito magnânimo e combina com muitíssima gente.

"Ele terá para todos os mesmos cuidados e uma mesma afeição, independente do que foi a situação deles no mundo, quais são as qualidades pessoais e qual o lugar que devem ocupar entre as duas classes do Instituto."

Nunca deve haver preferências pessoais. O que se diz sobre o Mestre de Noviços deve aplicar-se a todos os que têm algum cargo e que se ocupam da direção espiritual. Sobretudo nos cargos que se referem à educação e à formação de jovens; isso é um dever sumamente importante. Na educação da juventude, é sempre necessário que se tenha uma grande percepção de Deus, muita fidelidade à consciência e aos pensamentos do Diretório, a fim de poder formar as pessoas, não absolutamente desta ou daquela maneira que agrada mais, mas importa empenhar-se por compreendê-las, a cativá-las, como diz o nosso Santo Fundador, a valorizar

o mínimo bem que se consegue descobrir nelas. Olhem o Padre Garnier de Caen que esteve aqui, a semana passada. O que é que ele faz? Procura aproveitar o mínimo bem onde ele o encontrar. Em nossos alunos, nas pessoas que temos que dirigir, precisa-se procurar o dom de Deus e fazer com que frutifique. A correção é difícil, muito difícil; por mais que se corte a grama, ela desabrocha mais indômita. A maneira é agarrar a ponta por onde possamos conduzir a pessoa ao Bom Deus. Isso exige muita atenção, requer uma grande sagacidade e muitas luzes. Recomendo isso. Há uma palavra bem forte de Santo Afonso de Liguori: é uma direção inteligente que salva os que estariam perdidos infalivelmente e é uma direção ininteligente que perde a quem já se tinha ganhado.

Devemos levar a sério nossas comunicações com as pessoas e ser ponderados no que diz respeito aos nossos relacionamentos na qualidade de, por exemplo, prefeito de colégio ou, mais ainda, como professor; tenham muito respeito do dom de Deus; não espezinhem as pérolas preciosas; pelo contrário, deve-se vender tudo o que se tem para adquiri-las, livrando-se totalmente de si e de sua vontade. Há uma força imensa nisso. Depois de uma criança ver que o Senhor estimou alguma coisa nela, ganhou a confiança; procure pegar essa pequena pérola que Deus colocou nela. É um elemento mau; pouco importa. Não digo que sempre serão plenamente exitosos e que farão milagres, mas afirmo que os Senhores terão uma atividade valiosa. Observem bem o que vem de Deus, seja um dom natural ou sobrenatural; que a criança sinta que o Senhor a aprecia por causa disso.

Escutemos São Francisco de Sales. O Padre Clemente me dizia que esse Santo era o maior estrategista da vida espiritual. Ora, São Francisco de Sales nunca abordou uma pessoa senão pelo lado por onde podia cativá-la. Devemos rezar muito a fim de que aproveitemos o dom do Bom Deus, para que não deixemos que o enterrem como o talento que o servidor escondeu no lenço e ocultou num canto do jardim. Cada Ordem religiosa docente tem seus meios para ganhar o coração dos alunos, o coração das pessoas com as quais está em contato. Esses meios são bons, pois têm por finalidade a Vontade de Deus e a ele agradam. O meio de Saõ Francisco de Sales é mais seguro, mais certo ainda de agradar a Deus. Os Senhores tomam o que o Bom Deus colocou na pessoa de seus alu-

nos. O Senhores o põem em evidência, em ação; por seu talento, sua influência, os Senhores ativam tudo o que pode obter sucesso e um bom resultado.

Não negligenciaremos a mínima parcela do dom de Deus; recolhe-la-emos pacientemente, envolve-la-emos com nossos cuidados, nosso respeito, nossas adorações, tudo tão bem como se o dom estivesse mais inteiro e mais completo. É esse o segredo de nosso Santo Fundador, na direção espiritual; é esse o meio dele que não devemos jamais esquecer. Importa rezar, precisa-se pedir compreensão; a gente não olhe se existem assuntos a tratar com fulano ou com beltrano. Logo que se percebe alguma coisa boa, por mais enterrado ou escondida que esteja, mesmo se isso apenas se percebesse, convém ressaltá-lo e cultivá-lo. Assim cativaremos nossos alunos, dirigir-lhes-emos o espírito; somente por esse meio poderemos atraí-los.

* * * * *

"Os Irmãos estarão a serviço da casa nos trabalhos manuais."

Não voltarei ao que já disse muitas vezes sobre o trabalho manual. Nós, Oblatos, temos para o trabalho manual uma veneração toda especial. Consideramo-lo uma coisa santa, santa como a oração e como a água benta, quando realizado em união com Nosso Senhor. Nossa mão trabalha com a dele; nossos olhos enxergam pelos dele; nosso suor se mistura com o esforço dele. É importante compreendermos bem a santidade do trabalho. Nas Ordens religiosas antigas, o trabalho manual unia singularmente a Nosso Senhor. Eu conheci um Padre Jesuíta idoso, bem original, o Padre Cotet; faleceu há muito tempo. Antes de lhes contar a opinião dele sobre a questão da qual estamos falando, vou relatar-lhes uma das suas originalidades. Eu o encontrei na beira do Canal: - Parece que o Padre Luís Chappuis está aqui, disse-me ele. Oh, que homem engraçado! Foi meu Mestre de Noviços; ele nos tratava com dureza, surrava-nos... - O Senhor deve de ser-lhe bem grato, disse eu. - Sim, sim, sim! - O Senhor vai visitá-lo? - Oh! Por isso, não!

Ele, por sua vez, me interpelou: -Parece que o Senhor está fundando um Instituto religioso? - Sim. - O Senhor terá aí Irmãos Coadjutores? - Sim. - Ah, o ,Senhor terá Coadjutores... Gostaria muito de saber o que o Senhor fará de seus Coadjutores. - Mas com a graça de Deus? - Sim, sim, com a graça de Deus, o Senhor fará deles ou santos ou malandros.

Eis a palavra final: é inevitável que nossos Irmãos sejam gente dedicada ou... nulidades, santos ou... marotos. Os padres podem ainda ter um meio-termo; os Irmãos têm que ir ao extremo, de um lado ou do outro.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE JUNHO DE 1889

AS DIVERSAS MODALIDADES DE APOSTOLADO

"Os Oblatos de São Francisco de Sales dedicar-se-ão às obras do ministério sacerdotal, da educação da juventude e das missões."

Explanaremos, uma por uma, as diferentes funções da Congregação. Creio que seja necessário, hoje que essas diversas atividades da Congregação alcançaram um certo desenvolvimento, que sejam atendidas somente por membros da Congregação, por verdadeiros Oblatos. Devemos tomar a sério os nossos afazeres; sem isso não faremos nada. Eu não poderia compreender o Oblato de São Francisco de Sales que não observasse o Diretório, a Regra, as Constituições, com esmerada pontualidade. Volto muitas vezes às mesmas idéias, é porque se trata de algo de capital importância. Eu tenho uma longa experiência, meus Amigos; refiro-me aos anos de seminário. Quais os sacerdotes que realizaram alguma coisa no santo Ministério? Os que eram bons seminaristas; os que observavam o regulamento. Entre eles conheci alguns de muita distinção, aos quais foram confiadas incumbências de escol; eles acabaram mal. Outros que ficaram com cargos mais modestos nem sempre levavam uma vida de muita influência santificante para as almas.

Quais são os que tiveram êxito? Os que se levantavam ao primeiro toque do sino, que guardavam o silêncio, os que sempre obedeciam, que arrumavam o cabelo e vestiam a batina, de acordo com o que diziam

os Superiores; estes, sim, fizeram alguma coisa. Um religioso, meus Amigos, que não é de uma obediência pontual, é um elemento ingrato para a Igreja. Ele ocupa o lugar de um outro; ele assiste ao banquete mas não tem a veste nupcial (cf. Mt 22, 11-13); que seja lançado fora. Mas em que consistem essas negligências? Não é nada, porém é tudo. Encontrei, faz pouquinho, um dos nossos alunos que vai entrar em "Saint Cyr":
- A gente dá importância, ele me dizia, - a coisinhas de nada, a um botão, a um sapato... - Estão tão enganados assim, eu lhe perguntei?
Ele pensou um pouco, depois me disse: - Estão certos; os que ligam essas coisas, cumprirão bem todos os outros deveres.

O que temos que fazer é a obra de Deus; ele não precisa de nós; ele pode servir-se de pedras para fazer delas filhos de Abraão (cf. Mt 3,9); de pedras que se deixam talhar e formar, é com isso que se faz o clero, que se forma Comunidades, que se salva almas. Não é uma vida que torna a gente tonto, meus Amigos, é a verdadeira liberdade. Com toda a sinceridade e em consciência, eu lhes afirmo diante de Deus que eu, que lhes falo, não estaria de consciência tranqüila, se eu não observasse pontualmente a Regra e o Diretório. Tenho o direito de falar sobre mim, porque sou eu que devo formá-los. Não me lembro ter faltado voluntariamente ao regulamento, enquanto no seminário. "Age quod agis" (Capricha no que fazes), isso é de importância capital, isso é tudo. Está bem certo que a graça de Deus acompanha somente isso; não é a ciência, a doutrina que garantem o resultado; são necessárias, sem dúvida; são o esqueleto do corpo da Igreja; o que representa a vida, o que configura o sentido da Igreja, é a obediência, a submissão, a impossibilidade absoluta e radical, a impossibilidade de efetuar qualquer coisa sem elas. Suponham dois párocos: um realiza alguma coisa, o outro não chega a nada. Aquele que não rende nada, prega, confessa, talvez tenha capacidade para ser Vigário-Geral; por que não tem sucesso? Porque não se dedica suficientemente à oração, porque não dá a devida atenção ao Ofício, à Missa, é por causa disso! E o sacerdote que cumpre bem todas as suas obrigações obterá resultados maravilhosos. Querem os Senhores que eu cite nomes? Olhem Padre Cardot, o pároco de Villeneuve. Ele chega numa paróquia má; ele renova essa paróquia e faz ali um bem imenso. Por que? Porque vive continuamente segundo as normas. É por isso.

A observância da Regra sendo a condição essencial para ser bem exitoso no ministério paroquial, muito mais fundamental ainda o é para obter sucesso nos serviços de religioso. É tudo, absolutamente tudo. É tão certo, tão seguro que, examinando bem o resultado que cada um obtém, se chega a esta conclusão: o resultado final não se consegue pelo trabalho realizado na aula, mas pelo esforço pessoal de renúncia que o professor faz sobre si mesmo. Devemos deixar que o Bom Deus aja; isso custa, mas é a única maneira de garantir eficácia no trabalho.

Trabalhando assim, não se guiando por critérios próprios, a gente é conduzido pelo espírito de Deus: "Quicumque spiritu Dei aguntur, hi sunt filii Dei" (Rm 8,14) (Os que são movidos pelo Espírito de Deus, estes são filhos de Deus). O espírito de Deus nos toma pelos ombros e nos conduz à direita e à esquerda. São esses a quem Deus escuta, os que ele abençoa e cuja vontade ele atende. Eu me decepciono profundamente ao ver o espírito de falsa liberdade, de independência que pouco liga certas coisas; quando esse espírito reina em alguma parte, falta tudo. A que se deve que a construção se conserva? Depende da cal, da areia. O que os Senhores diriam sobre quem achasse isso ridículo? O que é a cal? Pó fino; não serve para nada; a pedra..., bem; a areia..., vai ainda. E, todavia, a cal é tudo. E o que é minúsculo e fino como a poeira, é tudo também, tanto no terreno físico, como no moral.

A Congregação precisa se estender, criar raízes; não podemos reservar só para nós o patrimônio recebido; em consciência, temos a obrigação de fazer ele valer. Não podemos esconder o talento num lenço e enterrá-lo no jardim (cf. Mt 13,44). Todos nós temos que contribuir para isso. É imprescindível que nos dediquemos inteiramente a essa tarefa. "Christi bonus odor sumus" (2 Cor 2,15) (Somos o perfume de Cristo). Essa fragrância consiste em nossa vontade totalmente unida ao Salvador. Se, em vez de levar esse aroma às pessoas, lhes oferecemos o cheiro de uma alma na inação, na leviandade, no desgosto por seus deveres, na pouca vontade de ser pontual e fiel... Cabe a nós, meus Amigos, compete a cada um de nós atrair, em redor de nós, pessoas para Nosso Senhor. Os Apóstolos atraíram multidões; os religiosos nos primórdios atraíam as pessoas em seu redor. É porque eram coesos, pois submetiam e mortificavam o julgamento próprio, porque estavam unidos a Nosso Se-

nhor, pois estavam imbuídos do espírito dele e eram generosos nas suas atividades. "Mundamini qui fertis vasa Domini" (Is 52,11) (Purificai-vos, vós que levais os vasos do Senhor). Purifiquem-se sem cessar, carreguem os vasos do Senhor com misericórdia perfeita, com rigorosa fidelidade às suas obrigações.

Se fôssemos santos, seríamos mais numerosos; e para tornar-nos mais numerosos, sejamos santos. Pois bem, nunca devemos lançar a culpa sobre isto, sobre aquilo; acusemos a nós mesmos. Quando alguma coisa não saiu bem, não digam: Não disponho dos meios para isso; não é verdade. Eu desafio os que se desculpam assim a dizer se eles não conseguiram, enquanto não faltavam a suas obrigações numa coisa ou outra. Sejam fiéis ao Diretório e certamente alcançarão os seus fins: "Regnum Dei intra vos est" (Lc 17,21) (O Reino de Deus está no meio de vós). Olhem a indecisão de um, os escândalos de tal outro, até verdadeiros traições: "Regnum Dei intra vos est". Sejam o que devem ser e não culpem nunca razões externas para desculpar-se por não ter observado o interior. Olhem, se, por esse lado, não há alguma coisa para dizer, se o Bom Deus não os convence de falta de razão aqui ou ali. E não somente quanto ao interior, mas também, no que aparece, importa trazerem os traços da morte de Nosso Senhor, isso é, nas mãos, no modo de andar, na roupa (cf. 2 Cor 4,10).

* * * * *

Falando sobre roupa, creio conveniente voltar a uma questão já tratada anteriormente. Refiro-me ao mantelete, ao capelo. Nenhuma Ordem religiosa usa mantelete, nem capelo. Está muito certo que, no verão, quando faz calor demais para vestir uma capa acolchoada, é bom, às vezes, ter alguma coisa para pôr nos ombros. Nesse caso, poder-se-ia talvez tolerar que alguns dos nossos Padres usem o capelo. Mas nunca se deve sair com isso. No pátio, no quarto, pode-se aceitar o uso dele em caso de necessidade, como se usa a manta no inverno; mas isso não pode ultrapassar os limites da tolerância. Portanto, se alguém precisa disso, porque já tinha esse costume de antes, não queremos expô-lo a resfriados; mas lembrem-se que o capelo é tolerado somente neste caso e que este não pertence a nosso vestuário, a nosso traje de rigor.

Volto sempre a nossa atitude, enquanto ajoelhados; não devemos apoiar-nos os cotovelos na cadeira ou no genuflexório, nem cruzar as

pernas. Evitemos, na rua, o andar que cheira a orgulho, a singularidade; sejamos simples e acima de tudo "semper mortificationem Christi circumferentes" (2 Cor 2,10) (trazemos sempre os traços da morte de Cristo). Levemos por toda parte esse jugo de Nosso Senhor; será que é cansativo? Não, "tomai meu jugo sobre vós; meu jugo é suave e meu peso é leve" (Mt 11,29.30). Carreguemos esse jugo, quando estamos com nossos irmãos e quando a sós. Nem sempre somos chamados a viver numa Comunidade grande; estaremos mais ou menos sozinhos. Vivam com essa carga e o Bom Deus estará com os Senhores. Temos muitos motivos para estar na altura de nossa vocação; a gente nos observa, espera-se muito de nós. Essa doutrina é muito fecunda, é capaz de produzir frutos preciosos. Qual será o resultado? A gente vai vê-lo, sob a condição de que sejamos o que devemos ser. "Non multi potentes, non multi nobiles" (cf. 1 Cor 1,26)(Não há entre vós muitos poderosos, não muitos nobres), a nobreza, a potência, a inteligência, a ciência, tudo isso está bem, mas o que frutifica, é a fidelidade.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 3 DE JULHO DE 1889

A OBSERVÂNCIA FIEL
AS DIVERSAS MODALIDADES DE APOSTOLADO

Recomendo novamente e com muita insistência a observância fiel. Pela prática da observância, entendo não somente os exercícios de cada dia, mas tudo o que se encontra nas Constituições. Assim, por exemplo, um Superior lhe recusa uma coisa e o Senhor dirige-se a um outro, sem mencionar a recusa e o porquê; isso é um ponto essencial, que nunca se deve esquecer. Em nossas diversas atividades, nas aulas, estando fora de casa, mantenhamo-nos numa dependência total, numa obediência absoluta. Para sair do colégio, não se esqueçam de pedir licen-

ça. Olhem, as férias se aproximam; o fim do ano acarreta uma sobrecarga; tomemos cuidado, muitas faltas poderão se enfiar em nossa obediência.

Futuramente, advertências serão dadas, quero preveni-los; essas repreensões serão aplicadas aos Padres professos, no Capítulo, a fim de que as próprias faltas sirvam e tenham sua utilidade; para que nos tornem mais cautelosos; isso servirá também de lembrete aos outros, quando tiverem por bem repreender os que cometem erros. Não vamos começar hoje, embora não seria importuno fazê-lo; mas o faremos futuramente. O espírito do Capítulo é não somente a instrução geral, a aplicação vaga dos preceitos da vida religiosa, mas também a instrução pessoal, a aplicação dela a cada um; é daí que vem a expressão popular: "chapitrer quelqu'un" ("capitular alguém" = repreender alguém em capítulo). Quero comprometê-los a cuidar-se muito, para não incorrerem nessa medida.

Mais uma vez - pela milésima - tudo o que fazemos, tende a isso, ao amor da fiel observância. O que é que se faz para construir uma parede? Será que três ou quatro fiadas de pedras, sem argamassa, bastam para uma parede sólida? Bem, quando vier uma rajada de vento, tudo será derrubado. O edifício religioso dos Senhores deve ficar sólido. Tratando-se de uma falta pessoal que o Senhor cometeu, que não atinge o edifício religioso, confesse-se e faça a penitência correspondente; mas se o erro alcança a Comunidade religiosa, o Instituto, ele deve ser reparado diante do Instituto. Mais uma vez, quero que sejam religiosos e não que qualquer um , por uma liberdade falsa, tenha a faculdade de dizer tudo, de fazer tudo e de comportar-se como bem entender. É preciso que sejamos sempre mortificados, que estejamos sempre na presença do Bom Deus; é essa a nossa incumbência, que nunca seja abandonada.

* * * * *

"AS DIVERSAS MODALIDADES DE APOSTOLADO - Nas obras, no que diz respeito ao fim e aos meios, servirá de orientação o plano do nosso bem-aventurado Pai, no empenho de fazer e conservar cristãos sinceros, generosos, fortes na fé e fundamentados no desprendimento de si mesmos, na humildade e mansidão cristãs."

É lendo nosso Santo Fundador que assimilamos o seu espírito,

o seu modo de ver, seus métodos. o que é que deve formar nosso patrimônio, nossa maneira de ver e de apreciar as coisas e as pessoas. Devemos reapresentar nosso Santo Fundador em toda a parte, nas cartas, nas palavras, em nossas obras, nas palestras e sobretudo na prática fiel da observância. É isso que nos dará o verdadeiro entendimento, prestando bem atenção. Deus - é bom lembrar-nos disso - nos pedirá contas, não somente de nossos pecados, mas também das omissões. Ele veio ao mundo, não somente para nos ensinar a evitar o pecado, mas também a fazer o bem.

Devemos aumentar a fé de nossos alunos. Para comunicá-la a eles é imprescindível que nós a tenhamos. O melhor meio de dá-la a eles é tê-la. Que não seja uma fé apenas especulativa, mas uma fé que atue em nós, que lance fogo e ardor: "Ignem veni mittere in terram" (Lc 12,49) (Vim lançar fogo à terra). O Espírito Santo no-lo dará, se o invocamos freqüentemente. Rezemos, do fundo do coração, o "Veni Sancte" (Vinde Espírito Santo); que o professor o recite com muita devoção; ele, sobretudo, precisa do Espírito Santo.

Roguem fé para os seus alunos; peçam que a sua vida espiritual lhes comunique a fé; e essa fé, apreciai-a acima de tudo. Anelem a ela, suspirem por ela, tenham fome e sede dela, retenham-na, desejem-na ardentemente e inspirem a ela aos outros; é o meio mais eficaz. A graça é uma coisa intangível, que se comunica por meios a nós desconhecidos. O manto de Elias realiza milagres, não por causa de sua contextura, mas porque ele cobriu os ombros de Elias (cf. 2 Rs 2,14); sua alma tão santa, tão agradável a Deus, passou ali, tocou, por assim dizer, esse objeto material e deixou aí uma força. Por que a veste de Nosso Senhor realiza milagres (cf. Mt 9,20)?

Assim será com os Senhores, em certa medida, tendo muita fé. Escrevendo uma carta com fé, pensem que essa carta ocasionará uma graça, uma luz, uma santificação. Tenham fé, pois, em tudo o que fazem para o Bom Deus e comuniquem essa fé aos outros.

"...cristãos sinceros..." Ensinem bem a sinceridade às pessoas; muita gente se orgulha de ser sincero e eles estão muito longe de praticar essa virtude. É necessário sermos sinceros para com Deus e com a

consciência própria. Não devemos fazer-nos uma consciência falsa, condescendente. É preciso ser sincero também com o próximo. Não é necessário dizer sempre a todo o mundo tudo o que se pensa. Olhem o próprio Nosso Senhor. Na companhia dos discípulos de Emaús "finxit longius ire" (fez como se quisesse passar adiante) (Lc 24,29). Mas não devemos ser falsos; importa que nossas maneiras de agir se dirijam direta e simplesmente ao interesse e ao bem do próximo e da paz; que não haja nada de fingido, mas que tudo seja direito e sincero. Inspirem diligentemente essa sinceridade a seus alunos.

Façam muito empenho também para que seus alunos se acostumem a respeitar os outros, os pais, os revestidos de autoridade. É uma grande desgraça, quando a autoridade está nas mãos dos que não são dignos dela. (É uma calamidade e um castigo de Deus sobre seu povo; "adolescentes deterão o poder sobre eles" se lê na Sagrada Escritura (Is, 3,4); "adolescentes", quer dizer, alguém que não tem bom senso, nem juízo, nem força, nem coragem. Mas lembremo-nos que devemos, mesmo assim, respeitar a autoridade. Os jornais ensinam a fazer o contrário. Eu proíbo novamente de lerem jornais. Os jornais travam batalhas... Nós não temos combates a travar senão contra os demônios e as nossas paixões; toda a nossa ambição deve ser a de ganhar almas. Lê-se jornais... Com quem a gente está? Com este, com aquele; e quais são os princípios dessas pessoas que "observam" a Regra? Esses princípios, eu não os tocaria nem com a pinça.

Obedeçam aos que têm autoridade; eles são os depositários do poder de Deus: "Obedite etiam dyscolis" (cf. 1 Pd 2,8)(Sede obedientes também aos de caráter difícil). Os Senhores podem talvez não estar de acordo com os pareceres deles ou compartir-lhes as opiniões, mas não devem revoltar-se contra eles.
Impregnem-se bem de respeito perante as autoridades civis. Respeito sobretudo ante a autoridade eclesiástica; respeito para com os pais e as mães; é alguma coisa que quase não se conhece mais. Achei, no meio de papelada velha, uma carta do Senhor Vosdey, meu vizinho, que contava a seu pai o incêndio do Teatro Francês, era por volta de 1784 ou 1785. Toda essa carta estava escrita num tom de maior respeito. "Cometi um erro," escreve ele ao pai, "vou confessá-lo perante o Senhor. Eu estava

em casa do Senhor fulano e me mudei. Desculpe-me por não lhe ter pedido licença para isso; agora, eis por quais razões eu tive que fazê-lo..." Observem com que tom os jovens escreviam a seus pais. Eles eram devotados e o egoísmo ainda não estava na moda. Não tinham adotado ainda o lema dos Estados Unidos: Cada um por si, Deus por todos.

O religioso, mais do que qualquer outro, deve ser devotado à sua família, deve comunicar Deus à sua família. Reparem bem quanto o Bom Deus protege as famílias dos bons Padres, quanto ele rodeia essas famílias com cuidados, com felicidade, com ventura e êxito. Importa rezarem muito por suas famílias e fazerem por elas práticas de renúncia. Isso lhes proporcionará dez vezes mais benefícios do que os Senhores poderiam ganhar para eles, materialmente falando. O amor ao pai, à mãe, aos irmãos e irmãs, a verdadeira afeição é aquela que se dá e não aquela que recebe; e a dileção quase não pode ser perfeita, quando seu único motivo é o de receber. O verdadeiro meio de amar é dar e, sobretudo, dar-se.

Depois do apego à sua família, vem a dedicação à pátria. Isso necessitaria de uma explanação extensa que não podemos dar aqui. A dedicação à pátria se encaixa perfeitamente no espírito religioso, no espírito da Igreja, no Antigo como no Novo Testamento.

A coragem que surge da união com Deus, fonte de toda a força, a fidelidade a seus compromissos, a constância nas dificuldades e, em fim, um apego inviolável aos dogmas e às práticas da nossa santa Religião! Tudo está contido nesse apego à Religião; o homem nunca está completo, faltando-lhe a fé prática; ele não pode dar nunca uma garantia total.

Peçamos ao Sagrado Coração de Nosso Senhor e à Boa Madre a luz e a força para realizarmos essa tarefa em nossa pessoa e nos outros.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE JULHO DE 1889

AS DIVERSAS MODALIDADES DO APOSTOLADO

Continuamos a explicação das Constituições sobre as diversas modalidades do Apostolado da Congregação.

"Para o ensino serão observados os métodos mais aprovados e se admitirá autores pagãos de acordo com o estabelecido por parte de diversos Bispos e, sobretudo, do Santo Padre, o Papa Pio IX."

Há vinte ou trinta anos, uma escola de católicos fervorosos pretendia eliminar completamente o ensino dos autores pagãos. Dom Gaume encabeçava a campanha. Fazia valer razões que eram bem fundamentadas. Nosso Santo Padre, o Papa Pio IX, interveio na discussão; ele era da opinião de conservar os autores pagãos, por causa da perfeição da forma: norma dicendi; mas importa prevenir os alunos contra as idéias falsas e más, que se escondem sob essa forma. A língua corrente do povo romano, a língua dos artesãos, tinha um cunho de perfeição admirável, que não se deve negligenciar; mas, estudando essa língua, é preciso precaver-se contra as idéias que ela encerra. Dom Gaume sustentava, não sem razão, que uma das causas da Revolução francesa era o entusiasmo universal pelos autores pagãos.

Quando se visita o Instituto Católico de Paris, a antiga casa dos Carmelitas que servia de prisão às vitimas dos massacres, lê-se ainda, nas paredes, versos de Terêncio ou sentenças de Sêneca. Durante o Império, a Universidade continuou essas tradições e contribuíu a perpetuar a admiração pelas nudezas e divindades pagãs. Não há sombra de dúvida que essa educação teve uma grande influência sobre as idéias correntes.

O Santo Padre decidiu que se precisava manter os autores pagãos por causa da sua arte de eloqüência aprimorada. Os Santos Padres, os escritores eclesiásticos, falaram e escreveram para o povo que tinham diante de si: tiveram que falar a língua desse povo. Quando se encontra em Santo Agostinho locuções de mau gosto, é que o povo, ao qual ele se

dirigia, falava assim. É preciso escrever e falar, não para os mortos, mas para os viventes. Os Padres gregos falam a linguagem pura dos autores clássicos. São João Crisóstomo, pela pureza e a beleza de sua língua e pela elevação das idéias, é superior a qualquer outro. Recomendo muito a leitura de São João Crisóstomo a todos que falam, a todos que dão catequese. Santo Agostinho é, sem dúvida, muito notável; ele fala com seu espírito cintilante; discorre metodicamente, discute. São João Crisóstomo é outra coisa. Ele se faz presente, sua linguagem dirige-se continuamente aos que estão aí. Ele os interroga, ele os faz participar, e tudo isso de forma inimitavelmente interessante. Eu me considerava entusiasta de São João Crisóstomo... Cada vez que o tenho nas mãos, é a mesma admiração que se apodera de mim. Tomem o que os Senhores encontrarem de São João Crisóstomo no Ofício, abram-no às cegas. Olhem, eis as leituras do Sábado na oitava da festa do Corpo de Deus:

"É necessário, meus bem-amados, estudar o milagre dos mistérios, por que é que nos foi dado e qual é a sua utilidade. Tornamo-nos um só Corpo com Jesus Cristo; os membros, ele nos diz, de sua carne e de seus ossos. Nós, que estamos iniciados, sabemos o que significam essas palavras... É, então, semelhantes a leões, respirando chamas, que devemos retirar-nos desta Mesa; ficamos terríveis ao demônio; meditando interiormente no poder daquele que é nossa Cabeça e no amor que ele nos manifesta. Muitas vezes, os pais e as mães entregam os filhos a outras pessoas para criá-los e alimentá-los. Eu, diz ele, não farei assim: eu alimento meus filhos de minha carne, eu me entrego a mim mesmo a vós; eu quero que vos torneis todos uma raça ilustre; quero vos assegurar a esperança dos bens futuros; pois se aqui eu me confiei a vós, bem mais o farei no futuro. Eu quis me tornar vosso Irmão; por causa de vós, assumi vossa carne e vosso sangue e vos devolvo esta Carne e este Sangue através dos quais me fiz um de vós..."

Vejam como ele faz Nosso Senhor falar na Eucaristia, como ele se dirige a cada um de seus ouvintes, como a sua linguagem é viva. Outras vezes, e freqüentemente, ele os interroga, ele os faz responderem. Não aceitarei nunca a injúria que a língua dos Padres gregos é inferior à linguagem dos autores clássicos, enquanto as idéias daqueles são muito superiores. São João Crisóstomo trata com ouvintes mais inteligentes, mais espirituais, que falam uma linguagem mais elevada, mais fácil, mais simples do que os ouvintes de Santo Agostinho.

Sim, conservemos os autores pagãos, mas não menosprezemos os autores cristãos. Por exemplo, Santo Agostinho, que tem defeitos, mas idéias tão belas. Além dele, São Leão, Santo Ambrósio; pode-se falar como eles, sem receio de ofender o idioma. Santo Ambrósio era Prefeito de Milão; ele estava acostumado a falar às multidões; a sua palavra era elevada, seu estilo apurado. Certamente sua linguagem não é inferior à dos autores melhores da decadência, e em certos momentos, ele tem trechos que são seguramente tão eloqüentes quanto os de Cícero.

"A educação nunca será separada da instrução."

Roma dá muita importância ao ensino; é a vida e o futuro que se prepara. Parece que, na barafunda dos negócios, a gente se esquece talvez dos princípios recebidos na educação, mas as convicções da juventude ficam no fundo da alma e se apagam muito dificilmente. Aproveitemos bem de todas as circunstâncias favoráveis que se apresentam para dizermos uma palavrinha. Façam-no pelo menos uma vez por semana, enfiem uma palavrinha apropriada. Invoquem o Espírito Santo para que os ilumine e os ajude nisso.

"Seguir-se-á, quanto mais possível, o modo de pensar de São Francisco de Sales na direção espiritual dos alunos, nos exercícios religiosos e nos meios de progredir na virtude."

Procedamos, na direção dos alunos, como pedem as Constituições. Para cumprirmos bem com o que elas nos aconselham, é imprescindível identifiar-nos com nosso Santo Fundador. É isso o que dará forma à nossa obra e a tornará fecunda.

Toda a Casa que tem suas práticas próprias e se encaminha rumo a determinado fim, tendo uma fundamentação positiva, acaba por comunicá-la ao seu redor e fica alguma coisa.

"Cada Diretor submeter-se-á, na obediência mais completa, às prescrições e aos pareceres do Superior no que diz respeito à ordem e disciplina dentro da casa, e todos os professores conformar-se-ão, com pontualidade religiosa, aos programas e às indicações do Prefeito dos estudos."

É preciso que cada religioso se lembre bem que é um dever de consciência para ele fazer o que é dito, o que é estabelecido.

"Para a direção espiritual, com a ajuda de Deus, a gente se identificará, quanto mais possível, com as idéias, com os métodos de nosso bem-aventurado Pai, na convicção do que o feito, dito e ensinado por ele é o mais conveniente para as pessoas que nos são enviadas; estamos certos de que, exatamente por esses meios, podemos intermediar-lhes graças."

Precisamos muito estudar o nosso Santo Fundador. É coisa boa cada um ter suas fichas, sua coleção de leituras, embora não pudéssemos trabalhar muitas vezes nisso. Tenham uma caixa, cheia de folhas soltas, colocadas em ordem alfabética... Em pouco tempo, os Senhores terão juntado material suficiente, serão capazes de falar com fruto e ser interessantes; não estarão faltos. Isso ajuda muito a memória. Os Senhores terão aí sua ferramenta, seu equipamento. A todo o momento, os Senhores estarão prontos. O Senhor escreveu alguma coisa há dez anos, o Senhor o reencontrará; isso lhe lembra tudo novamente; a idéia que os Senhores registraram traz consigo uma quantidade de outras; tudo lhes está tão presente como naquele tempo. Cada um de nós fazendo isso, acumularemos uma soma de conhecimentos, de recursos consideráveis; não nos exporemos a repetições fastidiosas, ou, antes, não nos arriscamos a não dizer absolutamente nada.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE JULHO DE 1889

A DIREÇÃO ESPIRITUAL

" Para a direção espiritual, com a ajuda de Deus, a gente se identificará, quanto mais possível, com as idéias, com os métodos de nosso bem-aventurado Pai, na convicção de que o feito, dito e ensinado por ele é o mais conveniente para as pessoas que nos são enviadas; estamos certos de que, exatamente por esses meios, podemos intermediar-lhes graças."

Precisamos nos compenetrar bem da doutrina de São Francisco de Sales pela leitura de suas obras. O seu "Tratado do Amor de Deus", as suas cartas são uma fonte bem clara e abundante de doutrina; lendo isso e praticando-o, nos penetramos dessa doutrina. A leitura não basta, precisa-se praticar. É sobretudo pela observância que os Senhores porão a base de sua doutrina e que adquirirão a ciência da direção espiritual. Só se ensina depois de praticar as coisas que se quer transmitir.

É necessário, portanto, fazermos um estudo completo do espírito e dos atos de nosso Santo Fundador; é imprescindível compreendê-lo para fazer com que os outros o compreendam. Os tempos não mudaram nada deste tipo de coisas. São Francisco de Sales era de seu tempo, mas ainda muito mais o é do nosso. A sua doutrina agora é aceita por toda parte; ela entrou em todos os seminários; ela está na boca e no pensamento de todos. Importa aplicar-nos a agir como São Francisco de Sales e não somente a falar como ele. É preciso dedicarmo-nos sobretudo a reencontrar seus sentimentos de paternidade espiritual, de caridade para com as pessoas, de paciência para conduzi-las a Deus, para levá-las aonde Deus as chama. As almas não nos pertencem, são propriedade de Deus, não é sem crime que nós as tiraríamos de Deus, que as raptaríamos daquele a quem pertencem. Chama muitíssimo a atenção o fato de que os que querem iludir as pessoas, os que pretendem dirigi-las por si mesmos, caminham sempre um pouquinho fora do caminho reto. Deve-se ter pouca incidência pessoal sobre as pessoas; deve-se mudar essa ação pessoal em ação de graças.

São Francisco de Sales é um hábil estrategista. Ele ensina a confiar-se a Deus e depois a deixar que Deus aja, não a gente cruzando os braços, mas favorecendo a ação de Deus em nós. "Pro Deo legatione fungimur" (cf. 2 Cor 5,20) (Desempenhamos o cargo de embaixadores em nome de Deus). Somos os embaixadores de Deus. Não somos plenipotenciários; mas somos os intermediários entre outra pessoa e Deus. Por isso, é necessário buscar em Deus o que daremos às pessoas. O Bom Deus não quis que os cristãos se perdoassem a si mesmos, se dirigissem a si próprios. Deu-lhes guias para conduzi-los a ele, a quem, com exclusividade, compete perdoar e dirigir. Apenas são guias. Importa compreendê-lo bem na direção espiritual; é preciso relembrar-nos disso na prática. Não se deve pôr a pessoa própria nessa obra toda divina. Necessita-se fazer executar o que

é mandado, porque é mandado; a grande ciência da direção espiritual consiste em ensinar a outra pessoa a escutar a Deus, a deixar ele agir e a seguir seu impulso.

É isso todo o sistema de São Francisco de Sales na direção espiritual, como na direção das coisas. O ponto mais importante é de fazer com que cada um veja o que tem que fazer, o que Deus pede dele; e, se agrada a Deus, conduzir a pessoa por outro caminho do que o de preferência do diretor, deve-se deixar que vá por ali. Para conduzir bem as almas, precisa-se muitíssimo o dom de sabedoria; peçamo-lo insistentemente ao Bom Deus: "Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam... ut mecum stet et mecum laboret" (Sb 9,4) (Dá-me a Sabedoria que partilha vosso trono... para que fique e opere comigo). Essa sabedoria consegue-se pela oração e pela fidelidade à graça. Essa fidelidade que dá a sabedoria é de enorme importância para um religioso. Se este age segundo esse princípio, agirá bem; se, por falta de capacidade, acontece que ele se desvia, se ele é um bom religioso, o Bom Deus não permitirá nunca que haja resultados infelizes.

Devemos fazer tudo a partir dessa base. Recomendem-se bem a Deus, tendo muito respeito de seus desígnios a respeito das pessoas que ele lhes envia; aproveitem, para uma ação de graças, os recursos que essas almas apresentam; tirem proveito deles para ensinar a elas a escutar a voz de Deus e a deixar ele agir na alma.

É esse, na sua totalidade, o ensinamento de nosso Santo Fundador, todo o conteúdo de sua moral.

É isso mesmo também o que ele praticava de forma eminente. Era grandemente também o modo de ser e de agir da Boa Madre. Por isso é que ela via tão claro, ela acertava com tanta exatidão; ela não se intrometia nos desígnios de Deus, e Deus lhe dava a sabedoria e dirigia por meio dela as pessoas e as coisas. É um ponto de capital importância; por isso fizeram um artigo especial nas Constituições a respeito. Esforcemo-nos muito, então, por adquirir essa sabedoria, essa prudência e, sobretudo, essa generosidade de nos desprender de nós mesmos, de nossas idéias, de nossos pareceres, de nossas opiniões pessoais para deixar só Deus atuar.

Compenetremo-nos bem disso. Tudo o que fazemos deve ser marcado com este selo: é a característica própria do Oblato: "Non multi potentes" (1 Cor 1,26) (Não muitos poderosos). Não carece os Senhores serem potentes, mas precisam ser sábios, sábios pela sabedoria de Deus; é preciso que um bom juízo presida os seus atos e os ajude a dirigir corretamente tanto as almas, quanto as coisas. Importa, sobretudo na direção espiritual, que ajam com um respeito supremo, mantendo-se a si próprios e as almas bem atentos às inspirações de Deus. O que é que Deus quer? É isso a preocupação constante.

Mais uma vez, é extremamente importante compreender essas coisas e guardar bem o que acabo de lhes dizer; não agir segundo o seu humor, segundo seu capricho, mas esquecer-se a si mesmo para pensar somente na Vontade de Deus. No contato com as pessoas e as coisas, a primeira condição indispensável é um completo desprendimento de si próprio.

* * * * *

Eu lhes recomendo que continuem rezando pelos nossos missionários do Cabo da Boa Esperança e de Riobamba. Eles se recomendam às orações da Comunidade. Não devemos esquecer-nos deles, mas ter todos juntos um só coração e uma só alma.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 31 DE JULHO DE 1889

A DIREÇÃO ESPIRITUAL - FÉRIAS

Mais uma palavra sobre o modo de dirigir as almas segundo os pensamentos e métodos de nosso Bem-aventurado Pai.

Quanto à direção nas Obras, na direção espiritual, nunca se deve dar razão a um inferior contra seu Superior, a uma religiosa contra a sua Mestra, a um filho contra seu pai, a uma filha contra sua

mãe, a uma esposa contra seu marido. É preciso que tudo fique ordenado.

"Nas obras, no que diz respeito ao fim e aos meios, servirá de orientação o plano do nosso Bem-aventurado Pai, no empenho de fazer e conservar cristãos sinceros, generosos, fortes na fé e fundamentados no desprendimento de si mesmos, na humildade e mansidão cristãs."

Devemos empenhar-nos por recomendar aos jovens, às moças, em primeiro lugar as virtudes que nos indicam as Constituições, segundo São Francisco de Sales.

Antes de tudo a sinceridade. Ser sincero é ser verdadeiro, primeiramente com Deus, verídico consigo mesmo e veraz também com o próximo. Em nossas relações com Deus, sempre bem verdadeiros; que a nossa consciência seja bem reta.

Não devemos estragar-nos, lisonjeando-nos a nós mesmos. Todas as vezes que estamos descontentes, que alguma coisa saiu atravessada, em vez de resmungar e de nos queixar, perguntemo-nos primeiramente: Como tenho praticado o Diretório? Quando as ocupações não se desenrolam como desejaríamos, nossa primeira idéia deve ser a de tomar cuidado de nós mesmos: tenho verdadeiramente o direito de queixar-me? Tiremos a limpo nossa situação com relação a Deus... Tenho cumprido a lei? Como a tenho atendido? O resto virá depois...

Sinceridade com o próximo. Julguemos antes a nós mesmos com severidade e não julguemos o próximo: "Qui es qui judicas?" (Rm 14,4) (Quem es tu que te fazes juiz?) Comecem por fazer o que os Senhores têm que fazer. Apliquem a justiça aos Senhores mesmos, antes de querer fazer justiça aos outros: "Omnis homo mendax" (S 115,11) (Todo o homem é mentiroso). Tomem cuidado para não mentir a si mesmos primeiro e depois ainda mentir e enganar os outros.

A sinceridade gera a paz, porque com ela tudo está ordenado. Ensinem bem essa doutrina; ensinem bem aos jovens essa sinceridade que fará com que amem e pratiquem o que é justo, o que é ordenado; instruam-nos a respeitar sempre a autoridade, como dizíamos há pouco, sejam quais forem os atos dos representantes dela. Se um pai tem uma influência má sobre o filho, lembrem a este último os deveres; façam com que ele compreenda que o pai agiu por ignorância, tendo boas intenções, que é preciso sempre amá-lo e respeitá-lo, mesmo acautelando-se da influência

deplorável e os conselhos dele.

É necessário ser generoso. A gente o é, quando se sabe sacrificar os gostos, as opiniões à obediência e à caridade. Trata-se de um serviço a prestar, de um pouco de bem a fazer; não pensemos em nós mesmos, dediquemo-nos ao próximo. Salomão pedia a Deus um coração amplo como o mar, isto é, um coração generoso no serviço ao próximo. Esforcemo-nos por nós ter esse coração vasto como o mar.

Importa ser forte na fé. Essa é um dom sobrenatural que vem, portanto, diretamente de Deus. É preciso que a tenhamos nós primeiro. O sacerdote deve ter mais fé do que qualquer outro para poder comunicá-la aos demais. Façamos como a Boa Madre; ponhamos em nossa vida e em todas as nossas ações essa fé confiante que fazia ela repetir sem cessar: "Confio-me a vós, ó meu Deus!" Para ser forte na fé, é preciso estar instruído, deve-se conhecer a Sagrada Escritura e a história; esta, de fato, bem como a Escritura, é a base da fé. A história do povo de Deus nos mostra a ação de Deus sobre a terra, o seu Amor e a sua Providência... Peçamos freqüentemente, no altar, essa fé forte e prática; roguemo-la nas orações da manhã e nas da noite, junto ao Santíssimo Sacramento.

O desprendimento de si, que segue depois, obtém-se pelo apego a Deus. O grande meio de libertar-se de si mesmo é de se entregar inteiramente a Deus. Ao perceberem que os Senhores se prendem demais ao julgamento próprio, façam práticas de amor à Vontade de Deus, manifestada pela obediência. Desliguem-se bem de si mesmos para poder ensinar esse desapego aos outros.

A humildade. Tomemos o exemplo de Nosso Senhor para nos encorajar na prática dessa virtude e confiemo-nos à sua graça. A prática da humildade consiste em aceitar o que há de humilhante na vida: as humilhações que se encontram. A meditação da virtude de humildade é coisa boa e bonita, mas a melhor meditação e a mais prática é a de colocar a mão na massa e exercitar-se a aceitar bem, uma por uma, cada humilhação que topamos.

Um dia, uma Senhora recebeu de seu confessor a obediência de

meditar sobre a paciência. Essa boa Senhora fez uma tão bela meditação que ela ficou emocionada a ponto de derramar lágrimas... A sua empregada veio incomodá-la desgraçadamente, por duas vezes, no meio desses arrebatamentos de amor pela paciência. A Senhora, indignada dessa incomodação, levanta-se de seu genuflexório e vem assentar uma bofetada à desajeitada, pobre moça...

Façamos nossas meditações sobre a humildade de um modo mais prático, aceitando bem as humilhações que nunca faltam.

Por fim, a mansidão cristã, a qual não se adquire senão através de esforço. Não se pode ensinar aos outros um ofício que não se conhece pessoalmente.

* * * * *

Estamos de férias, meus Amigos, devemos repousar-nos em Deus.

Para os Irmãos, o regulamento é quase o mesmo como durante o ano; a necessidade de férias não se impõe da mesma forma ao trabalho manual, como ao trabalho do estudo.

Que os Padres não percam tempo. Que estudem em particular; que preparem as aulas de modo que tenham no reinício uma parte de sua tarefa feita. Um professor que ensina a contragosto comunica seu desgosto aos alunos. Ora, para dar aula com gosto, é preciso que ela seja bem preparada; deve-se dominar bem a matéria.

* * * * *

Recomendo às orações da Congregação nossa nova missão em Naxos. A Propaganda voltou à carga, depois de vários anos; e, contrário ao que ela costuma fazer, quase ordenou que nos encarregássemos dessa obra. Por que? Não são nossas obras que lhe inspiram essa confiança, pois não temos nada feito ainda. Mas a Propaganda, mas Roma tem confiança que trabalharemos no espírito de São Francisco de Sales, no espírito da Boa madre; é isso que ela de nós espera; esforcemo-nos por justificar a confiança da Santa Igreja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE AGOSTO DE 1889

CONFIANÇA E COESÃO

Para fazer o bem é preciso entender-se. É a condição essencial para que as nossas obras tenham êxito. São obras de Deus; também são nossas... A Comunidade é um corpo; se um membro sofre, todo o corpo sofre...

Precisamos tomar a peito tudo o que se faz na Congregação, no colégio onde estamos. De outra forma, não seríamos religiosos. Religioso quer dizer estar ligado, ligado à Comunidade e ligado a Deus. Um professor, que desempenha sua tarefa ao deus-dará, não é um religioso, é um indivíduo, é um particular.

Podemos ajudar a Comunidade primeiramente pela oração, pela afeição às coisas que lhe dizem respeito, os Senhores tendo que ajudá-la em alguma obra por seu trabalho concreto.

É preciso os Senhores ter confiança no que fazem, porque o realizam para Deus e trabalham com ele. Compete ao Bom Deus dar êxito à obra dos Senhores e ele o fará certamente, se forem bons religiosos.

Os que dizem: isso não dá!..., essas pessoas são umas não-valenadas. Apóiem-se no Bom Deus e vai dar certo. Por exemplo, numa casa, num colégio onde há só a décima parte do que se precisa para andar bem; o bom religioso diz: este décimo é a parte de Deus; este é todo-poderoso, com esta décima parte, que é dele, Deus pode fazer tudo. Vivamos bem nesse espírito todo sobrenatural. Se fazem de outra forma, são mercenários.

As coisas sempre acontecem como nós queremos, quando unidos ao Bom Deus.

Nossas funções, os nossos serviços, façamo-los todos de um modo sobrenatural. Coloquemos, por conseguinte, toda a nossa confiança na fidelidade aos meios sobrenaturais. É tão impossível não ter êxito para quem pratica o Diretório, quanto ao sol avançar no sentido inverso. Então, para cumprir a missão, os cargos a nós confiados pela Igreja ou pela obediência, a condição essencial é a prática do Diretório. Estare-

mos na altura de atender a nossa tarefa todas as vezes que formos fiéis ao Diretório, porque este é o grande ato da vida sobrenatural, da vida de união a Deus. Devemos ter fé nisso. O Bom Deus não pode nos fazer caso omisso, porque não pode faltar a si mesmo. É isso, para cada um em particular.

No que diz respeito aos outros, não basta ajudá-los por orações, devemos auxiliá-los por convicção e afeição.

É preciso que nossa fé religiosa seja bastante grande para que tenhamos resultado. Todas as vezes que dois ou três estão reunidos em meu nome para entender-se, diz Nosso Senhor, "de quacumque re" (cf. Mt 18,19.20), sobre qualquer coisa que seja, estarei no meio deles. Por conseguinte, ter fé que a obediência nos levará a alcançar o alvo; isso é Evangelho.

É imprescindível essa convicção, precisa-se também a afeição. Tudo o que a Congregação empreende deve interessar-nos. Um professor que diz: Eu dou minha aula, do resto não me ocupo, esse não é um religioso. "Unicuique Deus mandavit de proximo suo" (Eclo 17,12) (Impôs a cada um deveres para com o próximo). Será que os que trabalham e os que dão aulas não são nossos irmãos? Esta linguagem é ditada sempre por um fundo de orgulho. Devemos, portanto, ter interesse no serviço dos outros, ajudá-los não somente pelas orações, mas por nossa afeição, por nosso interesse, por uma boa palavra.

Tudo o que se faz em Comunidade, ajudem a fazê-lo pela convicção, pela fé que isso vai dar bem. Há sempre alguma coisa boa numa obra, como numa alma, alguma coisa que é o dom de Deus. Cabe a nós engrandecê-lo, esse dom de Deus, cabe a nós desenvolver o seu Reino.

Olhem os Padres Jesuítas; tudo o que eles fazem é perfeito; tudo o que passa pelas mãos deles não tem igual... Será que por isso seriam mentirosos? De forma alguma. Eles dizem e crêem. Essa fé em si mesmos provém de sua grande afeição à sua Comunidade. A sua tática tem resultados surpreendentes, mas essa tática é muito honesta.

Digam aos alunos que tudo vai bem, eles o acreditarão, mas, por isso, acreditem-no os Senhores mesmos e comecem por fazer o sacrifício de seus gostos e de seu julgamento.

A Visitação é estimada por todos. Durante quarenta anos, eu era capelão ali. Nunca ouvi dizer: Tal coisa não vai bem; determinada Irmã tem um tal caráter... Nunca me permiti dizê-lo eu mesmo... Não façam como esse bom capelão que se queixava diante do Bispo que as Visitandinas não esquentavam bastante o café dele; tiraram disso a conclusão que as Visitandinas não são caridosas...

Para acertarmos é preciso, então, que primeiramente pratiquemos em tudo a reta intenção; devemos ter confiança na obediência; importa estarmos unidos entre nós; é necessário que sejamos um só coração no que diz respeito à Comunidade e quanto a nós. Precisamos sempre falar bem sobre a Comunidade e em relação a nós. Sempre falar favoravelmente sobre a Comunidade; numa família, digam-me, se há alguma penúria, se há algum aperto de dinheiro, será que vão dizê-lo a todo o mundo? E a gente será tachado de mentiroso, porque a gente não o diz? Depois, não nos desinteressemos da Comunidade. Se fôssemos bem humildes, não nos encerraríamos nessa isolação, que faz com que a Congregação só tem membros desconjuntados. Creiam que iremos bem; para isso façam abstração do julgamento próprio e vai dar bem.

Temos as promessas da vida eterna; temos as promessas da Boa Madre, Maria de Sales. Tomemos o Evangelho, tomemos os escritos da Boa Madre e desconfiemos dessa prostração de espírito religioso que faz com que se duvide, que a gente definhe, que não se ocupe de nada. Somos culpados disso diante de Deus.

A criança crê tudo o que se lhe diz. Ela ama, prefere a mãe, mesmo vestida de farrapos, a uma rainha coroada com diadema. A infância espiritual também tenha, então, essa fé, essa confiança, esse amor; ela faz participar do poder de Deus.

Peçamos à Boa Madre que compreendamos essa doutrina e a ponhamos em prática.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 14 DE AGOSTO DE 1889

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA

"A ordem do dia será observada em cada casa com a maior pontualidade."

Ao constatarmos que estamos faltando à Regra ou ao Diretório, não devemos nos desculpar. Um como outro devem ser atendidos com a maior exatidão. Não se deve falar no tempo do silêncio; não se deve mudar o horário dos exercícios sem necessidade; quando houve impedimento de fazer as leituras, o exame de consciência, deve-se aproveitar do primeiro momento à disposição para reparar a omissão. É preciso sermos bem fiéis à oração da manhã e à oração da noite.

Que, em cada casa, os exercícios se façam com a maior pontualidade. Se algum religioso habitualmente não pode realizar um exercício na hora fixada, com a permissão do Superior ou do Mestre de Noviços, ele o transferirá para um outro momento mais conveniente. Um religisoso não deve passar o dia sem ter cumprido todos os pontos da Regra; esses não são tão numerosos. Que cada Superior, que cada assistente dê importância à observância rigorosa. Ao me escreverem, que não se esqueçam de prestar-me as contas do estado espiritual. As grandes bibliotecas de outrora estavam sempre arrumadas do mesmo modo. Nas primeiras seções, colocava-se a Sagrada Escritura ou os Santos Padres. Sempre se começava por aí; Deus era a base. Que seja assim também em suas cartas. Os assuntos temporais, está bem; mas comece sempre, relatando o estado espiritual da casa da qual o Senhor está encarregado. Nossos Padres missionários fazem assim; eu os acostumei a isso. Que essa prestação de contas tenha um lugar importante em suas cartas; é uma questão vital. Que cada um se disponha a essa exatidão, a essa pontualidade: "Ordo ducit ad Deum" (A ordem conduz a Deus). Essa ordem incomoda a liberdade; daí é uma coisa excelente, precisamos de méritos, pois aí estão as nossas austeridades.

A Constituição diz que o horário, para uma mudança geral e notável, não poderá ser modificado senão pelo Superior Geral. Atenhamo-nos sempre bem aos termos da Constituição. Há muita vantagem em ter assim uma Regra prática e geral, que santifica cada ação pela obediência e não

deixa a natureza de cada um agir a seu bel-prazer.

"Que cada um observe exata e afetuosamente o Diretório no que diz respeito às atividades de cada dia. São Francisco de Sales mesmo o observava com tanto fruto para si e a edificação da Santa Igreja."

Temos seguidamente a ocasião de falar sobre o Diretório, de maneira que eu não me demoro muito nesse tema. Eu lhes recomendo, entre as outras práticas do Diretório, a reta intenção. O Diretório dá impulso à nossa vida; ele faz com que queiramos, compreendamos e cumpramos a nossa missão. O amor ao Diretório era o dom todo especial da Boa Madre, Maria de Sales; é preciso que seja o nosso dom. Os Oblatos estão destinados deste modo a prestar grandes serviços nas Visitações, ensinando a prática e o amor do Diretório. Este é um ponto importante da vida religiosa; é uma coisa bem oportuna, destinada a fazer um grande bem na Igreja. Devemos apegar-nos ao Diretório, devemos praticá-lo nós mesmos, pois o faremos compreender e querer somente sob a condição de nós próprios penetrar-nos dele.

"Que cada um ofereça atentamente a Deus todas as suas ações, praticando assim o Diretório que nos foi dado por São Francisco de Sales. Que renove suas intenções no início de suas atividades principais. Que tenha cuidado todo especial de agir somente com a intenção muito pura de corresponder à Vontade de Deus."

O Artigo 4 deste Capítulo das Constituições explicita bem a obrigação nossa de praticar o Diretório. Devemos começar desde o levantar, oferecendo a Deus as primícias do dia. Tenhamos muito cuidado em praticar a reta intenção. É uma coisa muito delicada. Trabalhamos sempre para o que amamos. Se é a nós mesmos que queremos, trabalhamos para nós mesmos; se é Deus, então trabalhamos para ele.

"Durante o resto do dia, dedicar-se-á ainda um quarto de hora a uma Visita ao Santíssimo Sacramento."

Importa compenetrarmo-nos bem do sentido da Visita ao Santíssimo Sacramento. Santo Afonso de Liguori compôs um livrinho ótimo sobre as Visitas ao Santíssimo Sacramento. Os que quiserem poderão servir-se dele. Há ali muita unção e sentimentos muito aproveitáveis para a alma. Santo Afonso era muito devoto a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e colocou

no seu livrinho toda a devoção de sua alma. Os fiéis, os sacerdotes, que dele se servem, experimentam aí muita ajuda. Eu o aprendi a apreciar por experiência própria; todos os que resolverem servir-se dele adquirirão muito respeito por Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento e uma imensa confiança nele. Muito lhes recomendo esse livrinho.

"Eles devem esforçar-se por manter-se, em todo o tempo e em todo o lugar, na presença habitual de Deus."

Será que isso quer dizer que se deve ter o pensamento habitualmente fixado em Deus, a mente ocupada com ele? Não, isso não se poderia. A presença habitual que se nos pede consiste neste ato interior da vontade que não quer separar-se de Deus e que faz tudo por ele. Está nisso a presença de Deus; e é isso o que é, em geral, tão mal entendido. A presença de Deus não deve ser uma grande aplicação mental contínua a Deus; não é verdade, não é assim que se deve compreender o que se lê na vida dos santos; não é isso, em absoluto, a presnça de Deus. Não é o ato do pensamento que origina a presença. Eu penso em Cristo, exposto na Eucaristia; será que por isso estou na presença de Cristo exposto? O que faz e produz a verdadeira presença de Deus é o fundo da vontade que trabalha para Deus, que se una a Deus; é a reta intenção, renovada de vez em quando; é lançar bem o espírito no Bom Deus, é recorrer a ele muitas vezes.

No paraíso, teremos a verdadeira presença de Deus, a visão beatífica; não é um esforço mental, não é um ato da vontade própria, é um dom sobrenatural de Deus. A vida na terra é semelhante à do paraíso. Aqui na terra fazemos aprendizagem do céu, conservando a presença habitual de Deus, ao trabalhar para ele e com ele.

Devemos compreender bem o que deve ser a presença de Deus. É uma prática que a gente fez difícil, impossível, propondo a ela como uma tensão do espírito ou da imaginação. Se algumas pessoas conseguiram viver assim, constantemente pensando em Deus, deve-se reconhecer que é um privilégio que Deus concedeu a essas almas e que, em geral, não se pode contar com isso.

É um ponto muito importante na direção espiritual. Pratiquem bem o Diretório; ensinem às pessoas a fazer a reta intenção e elas, como os Senhores, estarão na presença habitual de Deus. A presença de Deus

será o fruto, não do esforço da vontade que tiverem feito, mas será o dom de Deus, o começo deste dom de si mesmo que ele faz no céu e que é a visão beatífica.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE AGOSTO DE 1889

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA

"A ordem do dia será observada em cada casa com a maior pontualidade."

Não se pode ser dispensado a não ser por motivos graves. Se não se pode fazer os exercícios prescritos na hora indicada pela Regra, deve-se supri-los depois, e se o caso se apresentasse habitualmente, precisar-se-ia, então, a permissão do Superior Geral.

Somos obrigados à prática do Diretório, principalmente à reta intenção, aos pensamentos das horas e às aspirações durante o dia. Esses meios, fielmente observados, tornam-se um descanso para o espírito e o coração, em vez de ser um constrangimento e um incômodo. É o Diretório que fez São Francisco de Sales um tão grande santo.

Devemos examinar-nos sobre isso à noite e tomar boas resoluções: o dia em que se for fiel a isso, a gente será um bom religioso. Quanto às aspirações a fazer, não devem passar de meia hora. Tendo algumas pessoais e de proveito particular, que se as observe. Eu recomendo muito acrescentar a essas aspirações a comunhão espiritual, que é uma prática altamente eclesiástica. Acolhendo um estranho de destaque, não se o deixa sozinho o dia todo; de manhã recebemos Nosso Senhor, ocupemo-nos com ele, sobretudo renovando a nossa comunhão. Santo Afonso diz que a alma tem duas asas para voar ao céu: a devoção ao Santíssimo Sacramento e a devoção a Nossa Senhora. Testemunhemos a nossa de-

voção ao Santíssimo Sacramento pela freqüência e o ardor das nossas comunhões espirituais.

Uma Santa perguntava um dia a Nosso Senhor como ele estimava as comunhões espirituais. Nosso Senhor mostrou-lhe dois vasos, um de ouro, contendo as comunhões sacramentais, o outro, de prata, compreendendo as comunhões espirituais.

Com relação ao Diretório, lembremo-nos bem que temos a obrigação expressa de praticá-lo, sob pena de não sermos religiosos. Não podemos ser alguma coisa a não ser pelo Diretório; eis a nossa característica, é essa nossa índole própria.

Somos religiosos somente pelo Diretório; importa muito adquirir esse hábito, porque é a manifestação da Vontade de Deus, minuto após minuto.

É preciso que eu lhes diga, por fim, meus Amigos, que fiquei contente do jeito do Retiro, da simplicidade da obediência de nossos Padres, do desejo deles de fazer o bem.

Continuemos a andar nesse caminho; e, querendo obter do Bom Deus o que desejamos, lembremo-nos que não são as novenas que devemos multiplicar, mas antes os dias de fidelidade.

* * * * *

Recomendo insistentemente a fundação de Naxos às suas orações e às de toda a Comunidade; os Jesuítas converteram outrora, nessa ilha, 33 mil almas... Rezemos fervorosamente também para esta fundação de Chaource.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 9 DE OUTUBRO DE 1889

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA

Continuamos a explanação das Constituições.

"Que cada um ofereça atentamente a Deus todas as suas ações, praticando assim o Diretório que nos foi dado por São Francisco de Sales. Que renove suas intenções no início de suas atividades principais. Que tenha cuidado todo especial de agir somente com a intenção muito pura de corresponder à Vontade de Deus."

Este Artigo 4 é importante para nós. Afirma a obrigação nossa de praticar o Diretório e, sobretudo, a reta intenção. Deve-se, portanto, compreender bem que o Diretório é verdadeiramente o meio principal para santificarmo-nos. Se, antes de cada ação, recorremos a Deus, pedindo-lhe atentamente auxílio, ele não nos abandonará. Se estamos acossados de agir por alguma paixão, por um arrebato de raiva, por um sentimento de ódio do próximo ou de sensualidade, basta fazermos a nossa reta intenção e a paixão cederá lugar à razão, à Regra, ao amor de Deus.

A reta intenção proporciona um meio muito seguro, muito eficaz de não se deixar dominar pela paixão, de realizar sempre as nossas ações segundo as normas da razão e da fé. A reta intenção pode se praticar facilmente, depois de adquirir o costume. Deve-se fazer a reta intenção cada vez que se muda de ocupação: ao receber alguma visita, no início da aula, no meio, como no fim, de modo que todo o conjunto de nossos atos seja colocado nas mãos de Deus, e não possamos agir independente dele, fora de sua graça e da sua santa Vontade. Cultivemos bem esse hábito. Algumas vezes temos uma tarefa que nos contraria e que nos despista, outras vezes é a ocupação que nos agrada muito, que nos apaixona, na qual nos jogamos impetuosamente, ou então é a faxina da qual não gostamos e da qual nos afastamos quanto pudermos. Agimos assim de maneira natural. O grande remédio é a reta intenção. É por ela que verdadeira luz nos iluminará os passos, e avançará à nossa frente, fazendo com que evitemos o que é pecado, o que é contrário à razão, en-

quanto nos mostrará o que é o bem, o que é a caridade, o que é que temos que fazer.

São Francisco de Sales, pois, recomenda muito particularmente a reta intenção. Nossa santa Madre diz, em algum lugar, que o dirigir da intenção é como um guarda à direita e um à esquerda, como um muro que nos protege, como um movimento, um impulso que nos faz chegar direto ao fim. Ensinem a reta intenção às pessoas que os Senhores dirigem, façam disso a sua doutrina. Chamem isso de reta intenção ou dêem-lhe outro nome, pouco importa; denominem isso, se preferirem, a oferenda das ações ao Bom Deus, mas introduzam essa prática, quanto mais possível, nos costumes das pessoas que os Senhores dirigem. É a intenção que determina o mérito do ato. Fazer bem a reta intenção é, portanto, um meio seguro de caminhar rumo ao céu e de fazer com que outros encontrem o mesmo caminho.

"Durante o resto do dia, dedicar-se-á ainda um quarto de hora a uma Visita ao Santíssimo Sacramento."

Essa expressão "Visita ao Santíssimo Sacramento" é um termo bastante novo na Igreja e eu o aprovo plenamente. Não sei se ele se encontra nos manuais de teologia ou nos autores de piedade antes de Santo Afonso de Liguori. Mas essa expressão dá bem o sentido do que deve ser esse ato de devoção. Não é somente um de adoração, não é apenas uma meditação, é uma visita. Ao fazermos uma visita, tratamos de assuntos que podem interessar as pessoas visitadas, assuntos que podem chegar a ser um benefício nosso ou que são o meio de sustentar relacionamentos úteis ou agradáveis. Em nossas Visitas ao Santíssimo Sacramento, façamos uma verdadeira visita. Ao aproximar-nos do Bom Deus, cumprimentemo-lo, demo-lhe um bom dia de todo o coração, de toda a nossa alma. Tendo alguma coisa a lhe dizer do dia que passou, será sempre muito apropriada: Senhor, olhe o que eu fiz, onde estáveis e por que me deixastes tão sozinho, tão entregue às minhas forças próprias? É o momento de entrar em conversação com o Bom Deus. Ele está tão pertinho, ao alcance da mão. Os Senhores têm graças espirituais ou temporais a pedir; têm dificuldades nos estudos, na direção espiritual; têm problemas consigo mesmos ou em relação aos outros; digam isso a Nosso Senhor.

Vão visitar alguma personagem importante, têm alguma coisa a pedir-lhe, não acham o que dizer-lhe? São religiosos e ficam lá diante do Santíssimo Sacramento, com os braços cruzados, quebrando a cabeça? Não lhes ocorre nada?...

Se eu fosse um santo, bem me viria alguma coisa à memória! É verdade, mas entre nós não há grandes santos, somos demasiadamente insignificantes, somos muito miseráveis. É por isso que devemos dirigir-nos ao Bom Deus com muita simplicidade, visitando-o com afeição, com amor. Se o coração nos leva a sentimentos de adoração, de amor para com Nosso Senhor, entreguemo-nos a esses sentimentos, está muito bem; é muito bom. Não encontrando sentimentos, é talvez que tenhamos certas faltas a nos fazer perdoar; humilhemo-nos então; temos confusões a esclarecer, uma situação difícil a normalizar, lembremo-nos de tudo isso em nossa visita. Assim é que a Boa Madre fazia a Visita à noite. Ela falava ao Bom Deus do presente e lhe falava do passado. A Visita, realizada assim, longe de ser uma sobrecarga ou um cansaço, ou uma coisa difícil, apazigua, acalma e sossega o espírito. Acaba-se de trabalhar, de fazer vigilância, de experimentar alguma contrariedade, que tipo de oração vamos fazer a respeito? Os Senhores vão experimentar e fazer esforços sobrehumanos para ficar com Deus na contradição. Não o conseguirão. Contem isso a Nosso Senhor com toda a simplicidade. Que essa abertura de coração não seja um exercício penoso, que não seja um exercício de piedade, semelhante a todos os outros. Deixemos que o coração fale; teríamos verdadeiramente muito pouco amor, se não achássemos nada a dizer.

Devemos sempre terminar a nossa Visita ao Santíssimo Sacramento, recomenda Santo Afonso de Liguori, com a comunhão espiritual, com um ato de amor para com Nosso Senhor, manifestando-lhe o desejo de recebê-lo no coração, renovando a nossa Comunhão da manhã, ou se não tivemos a felicidade de comungar realmente, renovando a nossa comunhão espiritual da Missa; não devemos nos considerar ali, ao pé do altar, como estranhos; ele está aí conosco. É ele, realmente presente: "Ave verum Corpus natum de Maria Virgine" (Saúdo-vos verdadeiro Corpo, nascido de Maria Virgem). Já que é ele, ocupemo-nos com ele. Que não seja imaginariamente; que não seja nem pelo raciocínio, através de um método... Hoje o Senhor está mal disposto, não consegue dizer nada, fique aí e

diga: Senhor, não sou capaz de dizer nada. Fique como um pobre à porta do rico. Confiem muito em suas Visitas ao Santíssimos Sacramento. Fazendo-as como digo, elas ser-lhes-ão de grande proveito.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE OUTUBRO DE 1889

ASSIMILAÇÃO E APLICAÇÃO DO ESPÍRITO ESPÍRITO DE COMUNIDADE

"Para a direção espiritual, com a ajuda de Deus, a gente se identificará, quanto mais possível, com as idéias, com os métodos de nosso bem-aventurado Pai, na convicção do que o feito, dito e ensinado por ele é o mais conveniente para as pessoas que nos são enviadas; estamos certos de que, exatamente por esses meios, podemos intermediar-lhes graças."

Para identificar-se com os pensamentos e os métodos de nosso bem-aventurado Pai, duas coisas são necessárias: saber e fazer; precisa-se o estudo e a prática. Se estivéssemos estado num meio parecido a um seminário, onde nos tivessem ensinado essas coisas como uma espécie de ciência, nós teríamos o conhecimento infuso desses pensamentos, desses métodos; não tendo essa ciência infusa, torna-se absolutamente necessário estudarmos o nosso Santo Fundador. A Regra quer que nós leamos um pouco dele todos os dias. Anotemos bem tudo o que nos impressiona e nos interessa nessas leituras. Creiam-me, esse sistema de anotações nos servirá muitíssimo para nós mesmos e para os outros. Leamos com muita atenção e releamos o nosso Santo Fundador para aprender a ciência da direção espiritual. O seu método é muito simples: ele não discute, ele expõe. É, aliás, o método do Evangelho; é o estilo, o gênero do Evangelho. Ele fala direta e simplesmente; não há mistério no seu ensinamento. Ele respondia às primeiras Visitandinas que lhe

perguntavam o que se deveria responder às pessoas que lhes pediam o seu Diretório: - Dêem-no, dizia ele, - e eu gostaria de poder dá-lo a todo o universo. - Mas o Diretório é para nós, respondiam elas. - Eu desejaria, insistia o bom Santo, - que todo o mundo fizesse como vós, que toda a gente praticasse o Diretório.

Penetrem-se bem dessa doutrina. Estudem São Francisco de Sales. Não se deve excluir os outros autores; eles têm o seu mérito, têm seu valor. Estudem-nos a eles também, mas à maneira de relacionar tudo à doutrina de São Francisco de Sales, de modo a servir-se de tudo para fortalecer e aumentar as suas convicções em relação à doutrina de nosso Santo Fundador. Certamente, como me dizia o Padre Clemente, o secretário de Dom Mermillod, São Francisco de Sales é o mais hábil estrategista da vida espiritual: ele emprega meios simples que todo o mundo tem ao alcance da mão e ele chega ao seu fim. Não grita, não faz barulho, nem confusão, não sobreexcita a imaginação; a obra que ele realiza é, por isso, tanto mais segura e duradoura.

Quanto à superexcitação da imaginação que costuma acompanhar as grandes, grandes mortificações, é preciso tomar cuidado. As grandes mortificações são uma coisa muito boa e grandiosa; mas é preciso empregá-las discretamente; importa ter a força para suportá-las; deve-se cuidar muito de não impôr essas mortificações a seres fracos de constituição, que não seriam capazes de agüentá-las; a gente expor-se-ia a coices horríveis da natureza.

O método de nosso Santo Fundador é, portanto, muito simples, muito direto, sem meios extraordinários. Reparem bem que eu não reprovo as grandes mortificações; são úteis e mesmo, às vezes, verdadeiramente necessárias; mas o que eu digo, é que não devemos fazer uso delas senão com prudência e juízo.

O espírito de mortificação próprio nosso é de aceitar, em cada ação, a dificuldade que nela encontramos. Pois todas as nossas ações devem ser marcadas com o cunho da mortificação; devem ser realizadas no espírito de nosso Santo Fundador, num espírito de dependência de Deus, de obediência. Meus Amigos, uma força muito grande nos é proporcionada

através desse modo de ser e agir. Por esse caminho conduziremos as almas diretamente à vida sobrenatural, à vida espiritual. E essa conduta deve ser observada tanto nas coisas materiais, quanto nos atos da vida espiritual. Não sei mais quem me falava, nestes últimos dias, de meninos que eram educados de maneira muito dura, fora desse princípio de nosso Santo Fundador. Apesar dos cuidados e da vigilância dos quais estavam cercados, todos, menos um ou dois, acabaram mal, até hoje. Agindo segundo o espírito de nosso Santo Fundador, os resultados são totalmente diferentes; sem dúvida, não se pode esperar que todo o mundo será vitorioso em todos os sentidos; mas se conservará e desenvolverá no coração da criança, nas pessoas que nos são confiadas, tudo o que há de grande e de nobre; obter-se-á dessa forma o que não se poderia conseguir por outros meios.

Até agora, quais são as regiões na França que ficaram melhores, mais cristãs? É a Sabóia e o Oeste. A primeira que foi formada na escola de São Francisco de Sales e a segunda que foi evangelizada por Fénelon. A doutrina de Fénelon difere bem pouco da doutrina da São Francisco de Sales. É uma doutrina bem suave, mas que formou os defensores da Igreja; essa gente brava, esses homens de coragem e de coração, eram os discípulos de Fénelon. A doutrina deste como a de São Francisco de Sales, dir-se-á às vezes, é moleza, mas essa moleza faz soldados, leões, gente que persevera e que resiste a tudo.

São Francisco de Sales é um hábil estrategista. Isso não parece ser nada, no entanto é tudo... No campo de Física, fazem com que metais se precipitem, pratica-se a galvanoplástica; não é nada, não se vê nada. Examinem atentamente com lupa, os Senhores perceberão uma pequena parcela de metal que se desprende, que se precipita sobre a peça que está em baixo. Isso não é nada, mas quando a operação está feita, o metal assim aplicado é duro e aderente como se o tivessem sobreposto à força de grande peso, como se tivesse sido prensado. Se durante a operação se chega a mexer o recipiente, não se produzirá nada. É preciso ter uma confiança imensa no espírito de São Francisco de Sales; embora não tendo a aparência de nada, ele lhes oferece a mais resistente e a mais sólida de todas as formas. É ainda como a cal hidratada; tomando-a sozinha, não é nada; misturando-a com areia, ainda não é nada; mas deixem ela secar e o con-

junto tornar-se-á duro como pedra. Assim a doutrina de nosso Santo Fundador. Não parece ser nada, e com isso formam-se os bravos homens da Igreja, produzem-se os santos.

Que essa doutrina esteja muito presente em nosso modo de agir com relação a todo o mundo. Que os Irmãos que trabalham com Irmãos jovens usem sempre com eles de amabilidade, de mansidão, paciência, é assim que se forma trabalhadores, homens capazes de resistir a tudo com paciência e simplicidade. Da amabilidade e da paciência surgem a força e a energia que se comunicam e que ficam. Na direção espiritual, não se deve inventar outros meios do que os que são indicados por nosso Santo Fundador: importa empregar esses meios com amor, com fidelidade e apegar-nos a eles.

* * * * *

Mais uma vez - e com isso vou terminar - eu desejo que se compreenda bem que é preciso aferrar-se à doutrina de São Francisco de Sales e para isso deve-se começar por praticá-la bem, pessoalmente; é importante serem homens dedicados e não temer o sacrifício das idéias próprias, da natureza; é preciso sabermos penetrar no pensamento dos outros, compenetrando-nos da obediência; isso é um ato muito generoso, sublime e que nos capacita para fazer alguma coisa. Não sejamos egoístas. Saibamos dar-nos à Comunidade, à obra do conjunto. O que nos falta, não é exatamente a caridade, mas é o espírito de Comunidade. O que faz o Padre fulano não nos diz respeito... Essa mentalidade é comum entre nós, devemos nos desfazer dela. É preciso que tudo o que fizer o Padre Rollin nos toque, que tudo o que está fazendo o Padre Lambey nos interesse... Não basta restringir-nos ao espírito de caridade ou de união, devemos ter o espírito de Comunidade. Não nos alegramos suficientemente do bem dos outros; não tomamos bastante parte das suas aflições. Encontramo-nos como justapostos... Olhem, parecemos um pouco a títeres que dançam, pendurados de barbantes, um ao lado do outro, mas sem se tocar e bem independentes; se a perna de uma está quebrada, isso não pára os outros que continuam fazendo como se nada houvesse... Não devemos ser assim. Precisamos ser unidos com a nossa Comunidade, de corpo e alma; pouco interessa onde se encontre cada um de nossos Padres, a qual casa ou a qual missão ele pertença, devemos interessar-nos pela obra dele. Gente sem pôr o coração, dizia nosso Santo Fundador, ou os que empregam

somente um meio-coração, para que servem? Peçam a Nosso Senhor que lhes dê cálido interesse. O Padre Harmel, esse homem que faz tanto bem no meio da classe operária e que fala tanto e tão bem do Bom Deus, não pára de repetir: Ponham-se à obra de todo o coração! Tenham sempre interesse!... Empenhando-se de verdade, se faz tudo, realiza-se tudo.

Interessemo-nos de todo o coração por cada um de nossos Padres; ao vermos que não chegam a vencer seu trabalho, ajudemo-los através de nossas orações, pela nossa cooperação. Não digamos: Isso não me concerne. Sim, isso lhes diz respeito: "Mandavit unicuique de proximo suo" (Eclo 17,12)(Impôs a cada um deveres para com o próximo), e com tanto mais razão ainda essa palavra deve aplicar-se a uma Comunidade. Evitamos sobretudo o espírito de censura e crítica. É fácil julgar, isso dispensa adesão aos irmãos. Peçamos ao Bom Deus esse verdadeiro espírito de São Francisco de Sales, esse coração interessado de uns para com os outros, de modo que cada um queira bem tudo o que fazem os outros, in nomine Domini (em nome do Senhor). Amém.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 30 DE OUTUBRO DE 1889

FORMAÇÃO DE CRISTÃOS

"Nas obras, no que diz respeito ao fim e aos meios, servirá de orientação o plano do nosso bem-aventurado Pai, no empenho de fazer e conservar cristãos sinceros, generosos, fortes na fé e fundamentados no desprendimento de si mesmos, na humildade e mansidão cristãs."

O objetivo de nosso bem-aventurado Pai era o de formar **cristãos sinceros.** O diabo é o pai da mentira, e em toda a parte onde exerce sua influência, ele traz a mentira, ele elimina a sinceridade. O que falta mais aos cristãos de nossos dias, aos que empreendem a vida religiosa, é a sinceridade, uma consciência sincera.

Devemos ser sinceros com nós próprios, para que possamos ensinar a sinceridade aos outros, a fim de que disponhamos de graça para comunicá-la. Tem-se graça, de fato, somente devido ao que se fez bem a gente mesma. É um dom que se obtém somente a esse preço. Devemos, portanto, julgar bem a nós mesmos, olhar bem o que somos, fazer bem os nossos exames de consciência de manhã e à noite, não nos sobreestimar. Façamos nossos exames despretensiosa e simplesmente, lançando um olhar sobre o campo de nossas atividades, sobre nossos pensamentos, nossos atos. Não há necessidade de fazer um esforço de humildade; observemos somente a verdade. Sendo sinceros com a consciência própria, ensinaremos a sinceridade aos outros.

Mais uma vez, o número de cristãos sinceros é pequeno, e a sinceridade que devemos ensinar ao povo cristão deve partir de nossa sinceridade com nós mesmos. É preciso, sem dúvida, evitar ofender os fracos. Há, as vezes, preconceitos que devemos tratar um pouquinho com certas atenções para alcançar o objetivo. Nesses casos, façamos o que nos diz a prudência, vamos até onde a lei de Deus o permite. E, à medida que ganharmos terreno, levemos as pessoas, pouco a pouco, a essa sinceridade completa, a não se fazer ilusões, a ser verdadeiros frente à lei e às obrigações. Que seja essa nossa índole própria, a simplicidade, uma sinceridade extrema para que possamos ensinar aos outros a ser bem sinceros. Peçamos fervorosamente ao Bom Deus esse espírito totalmente sincero. Evitemos com cuidado rejeitar as pessoas que não nos apresentam essa sinceridade completa; isso provém da fraqueza ou da paixão; algumas vezes é o resultado de um enfraquecimento corporal, a gente não tem força física de aderir constantemente à verdade. Usem de paciência, de jeito para chegar ao fim que nos mostra o nosso Santo Fundador, para alcançar, pouco a pouco, essa sinceridade completa. Recomendo-lhes esse modo de agir com os alunos. Façam com que eles compreendam que a sinceridade é um dever para eles; que não devem acostumar-se a ocultar uma coisa ou a não reconhecer uma outra...; que eles devem caminhar franca e abertamente, admitindo as faltas que cometem e acusar-se delas com toda a simplicidade. "Omnis homo mendax" (S 115,11; Rm 3,4) (Todo o homem é mentiroso): reparem como a sinceridade é rara. E observem também como é o fim que persegue o nosso Santo Fundador. Ele ergueu todo o seu edifício de vida espiritual sobre isso;

sua base é bem sólida e bem acertada. Pode haver outros meios de mortificação; todos os meios são bons, sem dúvida, mas a maneira de avançar muito mais rapidamente é através dos meios de nosso Santo Fundador. Corre-se o risco de chegar cem anos depois dele.

"Generosos." A generosidade consiste em ter o coração bem aberto para todo o próximo e, para quem disto dispõe, sacrificar o bolso em seu favor; mas o único bem propriamente nosso como religiosos, a única coisa que temos para sacrificar é a nossa inclinação, a nossa vontade; ofereçamos generosamente, então, ao próximo as nossas inclinações, os gostos, as opiniões pessoais. Ora, meus Amigos, dando alguma coisa, a gente não a tem mais e isso custa. Demos sem calcular e sem levar em consideração a nós mesmos, o que é melhor para o bem da paz e da caridade; deixemos nossos pareceres de lado e cuidemo-nos de não insistir neles, não havendo nenhuma razão que obriga, e desse modo seremos mais generosos do que se tivéssemos esvaziado o bolso.

Importa ensinar aos alunos a ser generosos, a dar esmolas, a dar à Igreja. Era uma prática importante na educação antiga. Todo o mundo dava o supérfluo; este hoje não existe mais; ninguém tem o necessário. Com 50 mil libras de rendimento anual, a gente faz dívidas, comendo o capital. Não falemos mais, portanto, do supérfluo, já que ninguém mais reconhece nisso sua situação. Recomendem, todavia, sem cessar, a generosidade, ensinando aos que têm muito para dar, que dêem muito, aos que têm pouco, que ofereçam o seu pouco de bom grado. Podendo levar as crianças, os jovens, a ser bem generosos, a sacrificar não somente do seu bolso, mas suas inclinações, seus gostos, suas preferências, ter-se-á realizado, então, uma obra excelentíssima.

"Fortes na fé." Para chegar a ter cristãos fortes na fé, é preciso dar-lhes a instrução indispensável a essa virtude. É imprescindível, então, a gente mesma ter uma fé bem viva e estabelecida sobre bases sólidas. A base mais sólida da fé é a história, a história da Religião. Essa história estando bem ensinada, bem compreendida, a fé se apóia sobre esse fundamento sério; as convicções são fortes e inabaláveis. Elas resistem a todos os ataques de fora. Dediquem-se bem, então, à instrução religiosa. Os Senhores, tendo que dá-la na aula, na catequese, na pregação, valham-se dos meios de fundamentá-la solidamente

sobre fatos claros e seguros, comunicando às pessoas o amor das coisas divinas, a fé inabalável. É bem isso o espírito de nosso Santo Fundador; é bem isso o que ele fez na vida; era assim que ele procedia e implantou bem solidamente a fé nas almas.

Reparem, quais são as populações que ficaram fiéis e fortes na fé. As que foram evangelizadas segundo a doutrina de São Francisco de Sales. Não houve muito barulho nessa evangelização, mas os resultados foram sólidos. Observem, segundo eu lhes dizia nestes dias, como a Sabóia e o Oeste da França ficaram cristãos.

"Fundamentados no desprendimento de si mesmos." Essa é uma grande virtude, um importante dom de Deus. É preciso esforçar-se por chegar aí, pouco a pouco. As circunstâncias não nos faltam para praticar esse desprendimento: o desapego do julgamento próprio, da sensualidade, do eu; esse desinteresse que leva a alma, sem obstáculos, rumo a Deus e em direção ao próximo, esse desprendimento sem o qual não há cristianismo; esse desapego que se baseia totalmente no sacrifício. Nas famílias bem cristãs, educa-se as crianças acostumando-as ao sacrifício; ensina-se-lhes a não dar ouvido às fantasias, a desprender-se de seus gostos, a não seguir-se a si mesmas, a não ser vaidosas, a não dar opinião nas coisas que não lhes dizem respeito; é assim que se formam homens sérios e cristãos. Se cada um segue o parecer próprio, não sabendo ceder, acontece que toda a sociedade não será mais do que uma aglomeração de indivíduos justapostos; não haverá mais força de coesão; cada um estará totalmente sozinho e agirá a sós, não haverá ninguém para ajudá-lo, para sustentá-lo. Será impossível a própria sociedade.

"A humildade e mansidão cristãs." Nosso Senhor nos dá esta grande lição de humildade e de mansidão cristã: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29). Nosso Senhor não podia ter a humildade de espírito; sendo Deus, não podia considerar-se como o último e o mais miserável dos homens; mas tinha esta humildade que fazia com que amasse a pequenez, o aniquilamento. Ele se humilhava diante de seu Pai, perante as autoridades deste mundo; humilhava-se na casa de Nazaré, obedecendo a Maria e José; encontrava suas delícias divinas nessa obediência. A humildade, de fato, não é uma coisa que rebaixa, que manifesta inferioridade de espírito ou de coração; não, pelo contrá-

rio. Como diz Santo Agostinho, o desejo, a cobiça reduz e restringe tudo a nós mesmos; a humildade relaciona tudo com Deus, eleva-nos a ele. Ela faz com que julguemos bem como o Bom Deus nos julga.

A mansidão cristã, a amabilidade é sinal de força; é sempre a história de Sansão, achando um favo de mel na boca do leão. A verdadeira força, a coragem, a energia se encontram na amabilidade. É através dela que sujeitamos e superamos tudo. Convém muito lembrarmo-nos destas palavras do Salvador: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração (Mt 11,29); devemos recordá-las nos relacionamentos com o próximo; desse modo as poremos em prática e poderemos ensiná-las aos outros.

Que o Salvador esteja conosco na prática dessas virtudes, pois não será uma obra tão pequena.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE NOVEMBRO DE 1889

ENTENDIMENTO COM OUTROS RESPONSÁVEIS

"Quanto aos retiros e às missões, cuidar-se-á de nunca aceitá-los a não ser a pedido expresso dos Párocos e Superiores."

Não se deve nunca ir a um lugar aonde não fomos solicitados. Há sempre grandes precauções a observar com os Senhores Párocos e Vigários. Para fazer as coisas bem feitas, é preciso que, lá como em toda a parte, nos conservemos bem pequenos, bem verdadeiramente Oblatos de São Francisco de Sales, por nossa amabilidade, mansidão e humildade. Isso resiste a tudo. Nada pode superar isso. A gente deixa passar as rajadas de vento, curva o lombo sob a tempestade, venha-se sempre com muita descendência, em todas as obras para as quais se é destinado e

se realiza o bem.

É um princípio importante que não devemos abandonar nunca; é que, quando enviados a algum lugar, chegamos aí para ajudar. Indo a uma paróquia, é para assistirmos o Pároco; se formos a uma Comunidade, será para auxiliar o Superior ou a Superiora; dirigindo-nos a uma obra, é para acudir o Diretor. O bem que fizermos será o complemento daquilo que eles tiverem feito; será precisamente o bem que eles não chegaram a fazer. É importante, pois, prestar nossa colaboração, nossa vontade e ajuda ao bem que já se está fazendo, por mais imperfeito que possa nos parecer. Isso deve ser nosso ponto de partida. Precisamos cuidar-nos deste orgulho ministerial que nos levaria a desprezar o trabalho dos outros para substituí-lo pelo nosso. São antes os outros que têm as graças do estado. É o Superior, é o Diretor que põe a base e nós somente os complementamos. Por exemplo, um Diretor de uma obra, vamos supor um leigo, ele invade as atribuições do sacerdote, do capelão; ele, no seu empenho zeloso, não aplica todo o discernimento desejável; o que é o resultado disso?... Se acontece que ele faz com que duas crianças a mais se confessem, não será uma coisa muito boa?

Façamos bem aquilo que o Salvador faz para nós. Ele remedia o que fizemos de mal, ele completa a nossa obra, ele passa depois de nós. Façamos assim e ponhamo-nos bem depois do Diretor, depois do Pároco, depois do Superior; conservemos e aperfeiçoemos, de todo o coração, de toda a alma, com toda a nossa apreciação, o que ele fez. Que isso seja a nossa característica; é isso mesmo o que fazia o nosso Santo Fundador, o que realizava a Boa Madre, Maria de Sales. Devemos favorecer o que está bem, não semear discórdia, e o Bom Deus abençoará de maneira singular o que tivermos feito.

Lembremo-nos ainda de que o sofrimento é o que é eficiente. A redenção das almas, como no dia da Paixão, é um mistério de sofrimento; é a história da nossa dedicação, da nossa abnegação, da nossa paciência. Importa compreender bem isso. E o que estou dizendo com relação às obras sociais, o afirmo também quanto aos colégios e às oficinas. Todos os que aí desempenham uma função de autoridade, os que presidem à obra, têm graça para isso mesmo; é preciso penetrarmos na men-

talidade deles, a não ser que essa seja claramente má. Não se deve contrariar-se mutuamente, não se deve ser entre si como vasos de barro que se chocam e se despedaçam. É uma regra de muita sabedoria e de grande prudência, mesmo do ponto de vista humano. É também sinal de muita capacidade dizer-se a si mesmo: nesse assunto é esta a minha parte, - do tamanho da cabeça de um alfinete talvez - mas ela me atrairá a graça de Deus.

O religioso não é um homem qualquer; ele não age por si mesmo, mas atua a partir da obediência. A sua atividade não deve ser pessoal, mas deve ser a realização da Vontade de Deus nele e por ele. Deve-se, portanto, combinar perfeita e totalmente com o Superior e ajudá-lo por uma participação que faça com que o bem se realize. Se isso lhes custa, tanto melhor: é isso nossa ocupação, assim é o nosso ofício. Há uma palavra no livro dos Macabeus que eu releio todos os anos no breviário e que é bem notável. Roma, assim reza, obteve o império do mundo "patientia et consilio" (1 Mc 8,3), pela longanimidade e a reflexão, sabedoria prudente, dando-se bem conta da situação reinante para tirar proveito dela. Nisso se resume toda a história de Roma.

Esse espírito, os Senhores precisam tê-lo presente nas palavras e nas intenções, nas afeições e no seu trabalho. É isso o verdadeiro sentido do trabalho religioso. Assim então, o religioso age respeitosamente no que concerne a sua atividade; realiza a ela com sabedoria, com moderação; ele enxerga o que as circunstâncias pessoais reclamam de sacrifícios dele. Ele se conforma a tudo o que Deus pede e até onde Deus o quer. Devemos compreender bem que isso deve ser o nosso caráter distintivo. Todos os nossos assuntos, os nossos relacionamentos com os de fora devem estar totalmente imbuídos nesse modo de agir. Com isso se pode ir a todo o lugar, ser encarregado de tudo e realizar tudo o que for. Não se precisa de outra ciência do que essa...; eu me refiro ao saber fazer. Uma quantidade de empreendimentos bem bons, excelentes, não chegam a nada por causa disso. Mas o que proponho, terá sempre resultados; este modo de agir é quase invencível e é inalterável por parte dos homens; sempre é imutável também do lado de Deus, pois se trata do que é sua Vontade.

As Constituições nos recomendam o entendimento com o Pároco, sobretudo quando se trata de uma obra a fundar. Isso é bem prudente. Agindo independente dele, ou mesmo contra o parecer dele, o dia depois de sua partida a coisa será varrida. Num caso assim, não se deve somente entender-se com o Pároco, mas precisa-se ver se ele mesmo não começou alguma coisa. Podendo ajudá-lo nesse sentido, apóiem as idéias dele, mesmo se elas não forem totalmente bem acertadas, bem lógicas; isso valerá dez vezes mais do que caminhar num outro rumo. Ajudem a ele no que ele quer fazer e terão mais êxito do que num campo onde ele nunca os ajudará.

Rezem freqüentemente a oração de Salomão: "Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam" (cf. Sb 9,4) (Senhor, dai-me a Sabedoria que partilha vosso trono). Dai-me, Senhor, a vossa Sabedoria que me assista e me dirija no meu trabalho. Olhem como precisam do Bom Deus, como está tudo nisso, como, por conseguinte, se deve fazer tudo com o Diretório. O que é que o homem faz?... Não se deve dizer que não realiza nada; ele produz tudo. Deus não age sem ele, mas é imprescindível que ele se entregue completamente às mãos de Deus; é somente sob a condição dessa entrega total que ele pode fazer alguma coisa.

O que acabo de dizer aplica-se às missões, bem como a todas as outras obras. Importa assumirmos bem esse método de nosso Santo Fundador; é necessário penetrar-nos bem da sua doutrina, do que ele recomendava aos seus Párocos, do que ele dizia nas suas cartas. Sigamos fielmente seu espírito também no modo de falar e de pregar. É muito útil estudarmos suas pregações. Sem dúvida, ele fez um pequeno sacrifício ao gosto e ao estilo da época; mas, fora disso, tudo está marcado pela maior sabedoria, ciência e verdadeira doutrina. Reparem como ele se serve da teologia, da Sagrada Escritura, dos Padres. Observem, sobretudo, como ele é fiel a este grande princípio que se deve falar para o seu auditório. Olhem como se dirige aos que estão diante dele. Em todas as circunstâncias onde ele dirige a palavra, nunca faz uma palestra para simplesmente fazê-la; ele muda de tom e de jeito, segundo as circunstâncias e as pessoas às quais se dirige. Haveria muitas coisas para dizer a respeito. Tomem-no por modelo; assumam esse princípio de nosso Santo Fundador por base da pregação dos Senhores. O sacrifício de nós

mesmos, a imitação bem entendida de nosso Santo Fundador, é essa a dupla recomendação que nos faz a Santa Igreja por meio das nossas Constituições.

Peçam fervorosamente ao nosso Santo Fundador, à Boa Madre, Maria de Sales, que os Senhores se compenetrem bem desse ponto importante de nossa vocação.

* * * * *

Recomendo muito às orações da Comunidade as nossas missões. Recebo cartas do Cabo da Boa Esperança, nas quais me contam que se está sofrendo muita fome.

De Riobamba também se recomendam às nossas orações; não há fome, mas os nossos Padres estão longe de ser ricos e também passam sofrimentos de todos os tipos; mas nem o Padre Davi, nem o Padre Simon não se desanimam, pelo contrário.

De Calvinia também, o Padre Ceyte me escreve de vez em quando. Ele tem muito que lutar nessa missão; precisa-se rezar bem por ele. Tem contra si não sei quantos ministros protestantes, muito bem pagos, e ele está lá sozinho com seu bom irmão que fuma da manhã até a noite...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE NOVEMBRO DE 1889

O SILÊNCIO - O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA

Na última palestra que fiz aos Noviços, eu lhes recomendei com muita insistência o silêncio. Evidente, se os Professos não observam o silêncio, os Noviços não o manterão tampouco e não aprenderão a guardá-lo. É uma coisa que eu lhes recomendo muito instantemente. Uma palavra que se deixa escapar, o que é isso? Não é quase nada, se quiserem; mas uma palavra que a gente guarda por amor de Deus, por respeito à Regra e à mortificação, pode valer um ato de amor a Deus. Os Senhores não es-

tão caminhando suficientemente nesse sentido. Compreendam bem que toda a nossa santificação deve levar-se a cabo por esses meios; não é preciso procurar outra coisa. Tudo está nisso, exatamente aí. Eu afirmo: não é por longas orações, nem por grandes mortificações que faremos alguma coisa eqüivalente a uma palavra retida por amor ao Diretório, por obediência. É preciso cuidar bem disso.

A vida religiosa não é uma vida de imaginação, nem repousa sobre os nossos meios, as nossas faculdades. Segundo o que expressa o próprio termo, é estar ligado, apegado, firmamente unido com Deus. Que todo o mundo observe religiosamente o silêncio em todo o momento, menos na hora do recreio; se uma palavra se diz, haja acusação disso na confissão, e os Confessores farão bem, dando uma boa penitência, para que a gente se lembre. Doutro modo nosso tempo será perdido, esbanjado, e não faremos nada.

Durante esta semana, pois, observaremos, com atenção especial, o silêncio. Todos os mestres da vida espiritual recomendam essa prática. Mais uma vez, uma palavra não tem, talvez, muita importância; mas o que é de importância capital é de fazer um ato de obediência voluntária, espontânea, generosa. É muito útil que eu pregue o silêncio aos Noviços, mas seria em vão, se os Senhores não dão o bom exemplo; eles dirão: para nós, sim, o silêncio é bom; é uma maneira de ser por um certo tempo; é um uniforme que se usa no Noviciado e que se deixa depois da profissão. Sejam grandes amantes do silêncio; acharão nele muita força e uma grande ajuda; a gente tem dentro de si tudo o que se precisa. E que cada religioso, na sua próxima confissão, não deixe de dizer: Padre, eu me acuso de ter faltado ao silêncio, por tal ou tal motivo.

É uma obediência que lhes dou.

* * * * *

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA. "A ordem do dia será observada em cada casa com a maior pontualidade."

De viagem, precisamos atender os mesmos exercícios como em casa; devemos fazê-los por conta, na mesma hora, com a mesma exatidão. Não os fazendo, faltamos essencialmente ao nosso dever, porque falseamos à Constituição, à lei, às nossas obrigações. Nós, tendo outra coisa para fazer, por exemplo, o estudo, uma aula, devemos procurar ser fiéis

aos exercícios mesmo assim; não é tão fácil de cumpri-los exatamente na hora; mas antes, depois ou durante, podemos sempre achar o tempo de aproveitar o pensamento da hora, de fazer aspirações. Importa que as intenções do Diretório sejam como um laço, uma rede que nos envolve e da qual não consigamos sair. Não é muito difícil de fazermos assim, uma vez acostumados. É preciso que a ordem do dia seja observada em cada casa como está dito nas Constituições; não pode ser modificada a não ser quanto ao horário. É necessário que observemos todos esses exercícios, é uma quantia que devemos pagar cada dia. Tomemos, portanto, as nossas precauções, ao prever um aumento de ocupações, um trabalho extraordinário. Nesse caso, não podendo cumprir tudo, é preciso pedirmos licença. A alma não deve ir ao deus-dará, mas deve ficar submissa ao jugo, à Regra. Se um dia, por acaso, não se pôde cumprir tudo e não foi possível solicitar a permissão, deve-se pedir essa licença ao Bom Deus e tomar as precauções para o caso que se prevê a situação se repetir. Será que é triste, que é mortificante estarmos assim subjugados? Bem-aventurado quem levará essas correntes; elas ligam suavemente ao Bom Deus; não podemos encontrá-lo de outra maneira.

"Que cada um observe exata e afetuosamente o Diretório no que diz respeito às atividades de cada dia. São Francisco de Sales mesmo o observava com tanto fruto para si e a edificação da Santa Igreja."

Exata e afetuosamente: a pontualidade leva ao gostar. Quer-se fazer bem o que se executa muitas vezes, o que chegou a ser um costume. Isso descansa. Esta semana, sejam os Senhores bem pontuais, atendendo o que dissemos quanto ao silêncio; pratiquem-no como combinado; os Senhores verão que esse jugo os conduzirá a uma paz profunda, a um grande fervor.

Que cada um tenha sua folhinha do Diretório; é a dívida a pagar. Aí o Senhor tem uma coisa anotada na sua folha, a qual não cumpriu num determinado momento, deve fazê-la num outro. Deixou de fazer dez aspirações, três pensamentos da hora: o Senhor tem 15 minutos à disposição, faça as suas aspirações, formule o seu pensamento da morte para as almas do purgatório. É a sua dívida, pague-a. O Senhor não deve ir deitar sem ter dado ao Bom Deus tudo o que lhe é devido. Não pôde fazer sua oração mental com a Comunidade; claro, não irá fazê-la às nove e

meia, às dez horas da noite ou mais tarde. Se não conseguiu fazê-la na hora fixada, procure se arrumar o tempo de realizá-la em outro momento. Se isso lhe é impossível naquele dia, faça-a, enquanto trabalhando em outra coisa; faça essa coisa, esse trabalho que se lhe impõe, essa obra manual, essa preparação de aula, em espírito de oração.

Nosso Senhor diz que o Reino dos Céus é semelhante a um negociante, "homini negotiatori" (Mt 13,45). Um comerciante põe os seus negócios em dia todas as noites; se ele deixa as suas contas acumular-se um dia, vários dias, vão embrulhar-se e esse homem acabará descuidando as suas obrigações e se arruína. Sendo pontuais no satisfazer as nossas obrigações, desempenhamo-nos bem dos nossos assuntos, os da Santa Igreja e os das almas que o Bom Deus nos destina. Ele nos confiou a todos um certo número de pessoas a salvar. Santa Teresa teve várias vezes uma revelação a respeito. É, aliás, o que diz a Sagrada Escritura: "Mandavit unicuique de proximo suo" (Eclo 17,12) (Impôs a cada um deveres para com o próximo). Essa palavra vale especialmente para nós, religiosos.

O silêncio, então, a exatidão no cumprimento das obrigações diárias e a fidelidade ao Diretório.

* * * * *

Desde o último retiro, os nossos Padres de todas nossas casas têm um hábito excelente. Nunca me escrevem sem fazer-me uma prestação de contas precisa de sua alma e da maneira como eles têm praticado o Diretório. Está nisso a nossa força, a nossa vida; que a gente se acostume bem a isso.

Sendo que temos sempre muita ajuda do Bom Deus em todas as coisas, será preciso invocar esta semana a Boa Madre para que ela nos dê o gosto de praticar bem tudo o que eu lhes recomendei. Mais uma vez, dediquem-se a isso e experimentarão que isso é bom, muito bom.

* * * * *

Rezem bem por nossos missionários. O Padre Davi recomenda-se às orações da Comunidade. Todos eles estiveram doentes, um depois do outro, vítimas de uma espécie de catapora de que sofreram muito; um Irmão que eles tinham levado do Brasil morreu disso.

O Padre Simon também esteve doente. Sofreu uma insolação por ter trabalhado no sol sem se cobrir a cabeça. Escrevem-me que está pas-

sando bem. É preciso rezarmos muito também para a missão do Cabo da Boa Esperança; é um país bem castigado pela miséria. Não colheram nada neste ano. Podemos enviar-lhes somente as nossas orações; não deixemos de fazê-lo. Isso ajudará talvez para alguma boa pessoa decidir-se a socorrê-los.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1889

A PRÁTICA DO DIRETÓRIO
A ORAÇÃO DE PREPARAÇÃO PARA O DIA

"Que cada um observe exata e afetuosamente o Diretório no que diz respeito às atividades de cada dia."

A Constituição nos impõe a obrigação de observar o Diretório. Observá-lo pontualmente não bastaria, é preciso praticá-lo afetuosamente. É importante apegar-se a ele. Não só deve-se fazer dele uma obrigação, mas também uma necessidade, um conforto.

Eu repito, depois de dizê-lo muitas vezes, o Diretório é o meio de santificação mais eficaz de que se possa dispor. Todo mundo pode acomodar-se segundo o modo de agir de São Francisco de Sales; ele era um hábil diretor espiritual. Seguindo os seus ensinamentos, cada um de nós chegará certamente onde Deus o quer. O meio que aproveitaremos nos ajudará. Teremos, cada um de nós, a nossa folhinha que nos serve de lembrete diário para nossas obrigações cotidianas. Assim poderemos mais facilmente nos dar conta da maneira como tivermos observado o Diretório, artigo por artigo. É um inventário espiritual que convém fazermos para nos dar conta se estamos em dia com o Bom Deus.

* * * * *

"O levantar é às 5 horas. O exercício da manhã e a meditação durarão uma hora."

No que diz respeito à meditação, não falarei muito hoje. Os Senhores sabem o que eu aconselho sobretudo aos principiantes, isto é, que preparem o dia com o Bom Deus. Precisa-se prepará-lo de modo positivo, prevendo os atos das virtudes a realizar, a maneira de desempenhar tal ou tal atividade; necessita-se também preparar o dia nos seus aspetos negativos, prevendo as faltas nas quais estamos sujeitos a cair mais facilmente. Pode-se tomar, um por um, todos os exercícios da jornada. Mas a meditação não deve tornar-se um exame de consciência, nem mesmo uma mera previsão analítica conjetural. Importa que seja um verdadeiro diálogo com o Bom Deus; é nisso mesmo que consiste essa oração matinal; é uma conversa afetuosa com Deus sobre as nossas necessidades, sobre os nossos interesses. Um negociante prevê seus lucros e perdas; um jardineiro trata do que colocará no seu jardim; ele se ocupa disso, mesmo durante a noite. Eu ofereci, há algum tempo, ao jardineiro, nosso vizinho, que ele se encarregasse do jardim de "São Bernardo": -Não, disse ele, - não posso; eu não dormiria mais. Já passo a metade da noite a pensar no que colocarei no meu jardim; se me ocupo também do vosso, a noite toda se vai nisso." Nós também, meus Amigos, ocupemo-nos um pouco do jardim de nossa alma; vale mesmo a pena. Eu recomendo aos diretores espirituais que empreguem bem esse método. Todo o mundo pode dedicar-se à oração assim; todos o devem ou, pelo menos, deveriam.

Significa isso que se deva sempre proceder assim com todo o rigor? Está aí um dia de festa; ou então uma circunstância particular, uma graça especial recebida, tratem disso com o Bom Deus na oração, agradeçam a ele. O essencial é envolvermos o Bom Deus em nossos interesses; e o melhor meio é ter o costume de falar com ele sobre isso.

Lendo a vida, as cartas de São Vicente de Paulo, vê-se que era assim que ele rezava. Conversava com o Bom Deus sobre as viagens que ele tinha que fazer a Troyes ou sobre as que ele queria fazer de Troyes a Arcis ou a Nogent para buscar cereais para os pobres. Ele preparava com o Bom Deus a sua atividade material; ele a sobrenaturalizava para que não fosse puramente material. A nossa vida é assim, misturada de material e de espiritual; não se deve querer confinar o Bom Deus no espiritual, importa espiritualizar o material. Um professor tem uma aula difícil para dar; ele explica coisas difíceis de compreender. Que pense

nisso durante a oração matutina: "Meu Deus, dirá ele, dai-lhes inteligência; estai comigo e com meus alunos. Amai-nos, ó meu Deus, e manifestai-nos o vosso amor nessa aula." É assim que nos comunicamos com o Bom Deus, que ele não é um estranho para nós. Dessa forma se reza verdadeiramente. O Senhor não está praticando bem o Diretório, está faltando neste ou naquele ponto; por que não pediria ao Bom Deus, na oração de preparação para o dia, a luz para ser mais fiel? Os nossos deveres, as nossas ocupações diárias, os acontecimentos que se apresentam, as provações que o Bom Deus nos envia, disso é que se trata durante essa preparação matutina do dia.

A meditação consiste no refletir numa verdade, num mistério. Se experimentamos alguma atração para fazê-la, façamo-la; é uma coisa boa. Olhem, a festa de Natal está se aproximando; sentindo-nos atraídos a meditar sobre o nascimento de Nosso Senhor, sobre sua humildade, sua caridade, dediquemo-nos à meditação; contanto que o nosso coração pertença ao Bom Deus, é só o que se precisa. Mas ensinemos aos principiantes a fazer a oração com a preparação do dia e lembremo-nos que o começo leva tempo. É essa a oração como deve ser feita e como devemos ensinar a todo o mundo a fazê-la.

"O exercício da manhã e a meditação durarão uma hora."

Não será demasiado demorado para nós, se empregamos o tempo como foi dito. Realizando a nossa oração matutina de outro modo, o mérito que teríamos ao fazermos tanto esforço seria talvez grande e belo, mas o resultado final e prático não valeria a pena. Eu volto sempre de novo a essa idéia; desejo que todo o mundo a compreenda bem.

Durante todo o tempo do meu ministério, eu tenho reparado seminaristas ao fazerem meditação; vi alguns sacerdotes, alguns religiosos, mas nunca leigos. Dois ou três homens, segundo eu sei, tentavam talvez fazê-la de manhã; quanto às mulheres, a não ser que sejam um pouco preparadas, um pouco entusiastas, e com isso um pouco originais ou fantasiosas, elas não a empreendem. É o que eu vi, é essa a minha experiência. Talvez meus contatos não fossem os mais felizes!...

Eu desejo que me compreendam bem. Eu não proscrevo a medita-

ção. Os que podem praticá-la, fazem um bom exercício; é um estudo excelente da religião; mas não é isso oração, se se fica na meditação; não é isso o que mais santifica a alma dos fiéis.

Ensinem aos fiéis a fazer a preparação do dia como oração; ensinem-lhes a não perder tempo,consumindo-se em esforços mentais estéreis, mas a conversar afetuosamente com Deus. Eles compreenderão os Senhores e gostarão apesar dos preconceitos da educação anterior. Eles praticarão o que fazia São Francisco de Sales, Santa Francisca de Chantal, São Vicente de Paulo, Santo Afonso de Liguori. São Luís Gonzaga, antes de entrar com os Padres Jesuítas, fazia assim sua oração; é só por obediência, ao entrar no Noviciado, que ele mudou a sua maneira de agir.

* * * * *

Recomendo-lhes que rezem muito por nossos Padres de Pella. Estão tendo grandes dificuldades neste momento. O Padre Simon esteve muito doente durante um mês. Também o Padre Bécoulet sofre grandes provações; precisamos muito lembrar-nos deles.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 11 DE DEZEMBRO DE 1889

A VISITA AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

No último Capítulo, eu lhes disse como se devia rezar de manhã; vejamos como convém fazer a Visita ao Santíssimo Sacramento, à noite.

Esta é uma visita a Nosso Senhor no tabernáculo. Ele está lá como estava na casa de Marta e Maria, como estava no Cenáculo, como no Jardim das Oliveiras. Ele está lá para nós, de uma maneira ainda mais assegurada. No Cenáculo, no Jardim das Oliveiras, os discípulos podiam

ainda ter alguma dúvida, alguma apreensão, a graça do Espírito Santo ainda não tinha descido sobre eles; a sua fé não era tão forte como deve ser a nossa. Nós não precisamos fazer a prece que eles faziam: "Domine, adauge nobis fidem" (Lc 17,5) (Senhor, aumentai-nos a fé). Nós sabemos que ele está, sabemos o que ele é. Vamos, então, e visitemos Nosso Senhor, como faziam os discípulos; vamos encontrá-lo, como foram os doentes, os cegos, os enfermos, que desejavam e procuravam a saúde. Vamos contar-lhe as nossas necessidades e pedir-lhe a cura. Se o Bom Deus nos chama à contemplação de seus mistérios divinos, das suas perfeições, das suas obras, sigamos a atração, sem dúvida; deixemo-nos levar à contemplação. Mas, não tendo esse dom, essa atração, visitemos bem simplesmente Nosso Senhor, digamos-lhe o que fizemos durante o dia, como se passou, o que é que houve de bem; o que, de mal. Não se deve fazer um exame de consciência propriamente dito, mas se recomenda falar afetuosamente com Deus sobre o que temos que fazer. Nossos alunos fazem mal os temas; eles não escutam os Senhores; temos que nos queixar deles; a quem confiaríamos tudo isso? A quem iríamos contar tudo o que nos diz respeito? Pode parecer engraçado conversar com o Bom Deus sobre tudo isso; mas, na realidade, isso não é nada estranho. Nosso Senhor não é Emanuel, o Deus-conosco? E onde ele está mais conosco do que no Sacramento do altar? "Vos autem dixi amicos, quia quaecumque audivi a Patre meo nota feci vobis" (Jo 15,15) (Chamei-vos amigos, pois vos ensinei tudo quanto ouvi do meu Pai). Não há separação entre os Senhores e mim no Tabernáculo: é Deus-conosco, Deus que é nosso Amigo, Jesus Cristo que nos revela tudo o que aprendeu do Pai. Devemos ir lá porque ele está ali. Batamos à porta do Tabernáculo como um mendigo à porta de um rico. Como é que a graça fica inútil e estéril num grande número de pessoas, num grande número de sacerdotes? É que não sabem tratar com o Bom Deus; é que o tratam um pouco como um estranho; fala-se a ele por intermédio de um embaixador, de um procurador. Vão diretamente a Nosso Senhor, digam-lhe tudo o que os Senhores têm para lhe dizer, tudo sem exceção,tudo o que lhes diz respeito, todos os aspetos do seu trabalho. Os santos não faziam de outra maneira. Era deste modo que Santo Afonso de Liguori fazia a sua Visita ao Santíssimo Sacramento. Assim fazia a Boa Madre. A meditação era para ela mais especialmente o tempo de contemplação; e era mais particularmente durante a Visita ao Santíssimo Sacramento que ela tratava com Deus de seus interesses. A

Boa Madre era elevada a um alto grau de contemplação. Quando chegarmos lá, faremos como ela, na meditação.

A contemplação é uma coisa muito linda; é a ocupação dos anjos do céu; é a sobremesa da alma; é o vinho de Champanha que Deus lhe alcança, depois de saciá-la com pratos comuns. Bebendo só champanha, corre-se o risco de não estar com boa saúde por muito tempo. Deve-se cuidar disso. O Bom Deus, sem dúvida, recompensa algumas pessoas com o dom da contemplação, é uma grande graça; mas é preciso distinguir bem se isso vem de Deus. Quando alguém que tem ficado muito puro ou que tem praticado virtudes muito elevadas, quando - digo eu - se sente atraído à contemplação, está bem; em qualquer outro caso, pode haver ilusões perigosas: o caminho não é sempre bem certo, seguramente. Dêem atenção a isso na direção espiritual. Vou dar-lhes um exemplo. Havia aqui um menino que parecia sumamente piedoso... Ele se tornou um péssimo elemento, um descarado da pior espécie. Para andar no caminho da contemplação, é preciso já ter bem compreendido o que é a virtude, o dever cumprido, a entrega de si à Vontade de Deus, o que é o despojamento do julgamento próprio, a humildade; quando tudo isso se preencheu, está bem. Fora disso, toda a tendência à contemplação é muito arriscada. Aproveitemos os meios que nos fornece o nosso Santo Fundador e as Constituições. Façamos bem a nossa Visita ao Santíssimo Sacramento, com todo o respeito, em profunda adoração, mas também com toda a amizade. Abramos bem o coração a Nosso Senhor e digamos-lhe tudo, no que diz respeito a nossos alunos, a nossas atividades, tanto com referência a uma tábua para aplainar quanto a uma aula a dar ou uma pregação para fazer, pouco importa. A Visita ao Santíssimo Sacramento, assim compreendida, é um meio eficaz de remediar as faltas do dia; nós pedimos perdão a Deus, purificamo-nos as almas, a noite se passe bem e, no dia seguinte, somos mais fiéis.

A Boa Madre, eu lhes repito, entregava-se freqüentemente à contemplação na reza da manhã, mas, à noite, a Visita ao Santíssimo Sacramento era uma conversa afetuosa com Nosso Senhor; ela lhe falava de tudo o que ela tinha feito, o que tinha que fazer. Era à noite, sobretudo, que ela recebia a luz para dar um conselho, para rezar por este ou aquele, para discernir as medidas a tomar nas circunstâncias difíceis.

Ela me dizia muitas vezes: "À noite, Nosso Senhor é verdadeiramente o Emanuel, o Deus-conosco. Ele penetra nos detalhes da nossa vida, de nossos atos, de nossos problemas, de tudo o que temos para fazer. Não nos deve ser uma coisa extraordinária estarmos diante do Bom Deus; deve ser para nós tão comum como encontrar-nos diante de nossa tarefa de cada dia, nisso não nos deve haver nada de excepcional. Não devemos, por assim dizer, mudar de maneira de agir e de ocupação. Quinze minutos que se passa lá, diante de Deus, não nos deve parecer tempo demasiado. Experimentem fazer assim a sua Visita ao Santíssimo Sacramento, e depois de ter experimentado, verão quanto isso nos une ao Bom Deus e que graças a gente aproveita disso, que proteção nítida por parte de Deus acompanhará todos os afazers dos Senhores. Sem dúvida, esses favores sensíveis de Deus, essas atenções que se fazem presentes nas mil ninharias de nossa vida diária, não os chamaremos de milagres, mas os consideraremos como presentes de sua caridade, de seu amor, que nos previne, nos acompanha e fortalece.

Mais uma vez, era à noite que a Boa Madre recebia a maioria das graças sensíveis de Deus, seus favores de ordem material, porque era à noite que ela conversava com Deus. Era à noite que ela teve as inspirações a respeito do canal; era à noite que ela recebia o necessário para a boa direção do mosteiro; ela reservava a oração à noite quando tinha que considerar um assunto difícil ou distribuir as tarefas; era à noite que ela falava com Deus sobre isso, que ela se ocupava disso com ele. Era à noite que rezava por sua família que se reencontrava espiritualmente com ela, ao pé do altar, e que ela sustentava e ajudava de longe. Era à noite que ela gostava de rezar pelas almas do purgatório. Era à noite, numa palavra, que ela falava com Deus sobre tudo o que lhe dizia respeito e tudo o que a interessava. Assim é que nós também devemos fazer nossas Visitas ao Santíssimo Sacramento.

Poder-se-ia bem fazer uma objeção; esta que surge na mente de todos os que começam a avançar no caminho traçado por São Francisco de Sales: "Não há nada em tudo o que o Senhor diz, não há nada para o espírito! Faça a sua meditação, sua Visita com um livro, cheio de idéias substanciosas, aí sim! Leia instruções repletas de doutrina, de Sagrada Escritura, de Santos Padres, isso eu admito! Mas o Senhor com esse seu livrinho, esse Diretório; é bonzinho, sem dúvida, mas não há nada

dentro..." O que responder senão:"O que há nos Santos Padres, está bem; o que existe na Sagrada Escritura, está bem. Precisa-se estudá-lo, necessita-se alimentar o espírito com isso. Mas quando tenho uma meia hora, um quarto de hora para falar, de coração a coração, com Nosso Senhor, será que esse é o momento de dar-me ao estudo, de fazer falar minha perspicácia? Eu tenho bem outras coisas para dizer a Nosso Senhor! Eu sei muito bem o que tenho a dizer-lhe, sem ir buscá-lo nos livros de teologia dogmática ou mística, por mais devotos e eruditos que sejam!

O Padre Clemente, beneditino, secretário de Dom Mermillod, me dizia que São Francisco de Sales é o maior estrategista da vida espiritual. É claro que os meios que ele ensina, por mais humildes que sejam, são os mais capazes de conduzir a Deus rapida, completa e seguramente. A teologia é uma coisa excelente. Importa estudar muita teologia. Mas dediquem-se à teologia na hora dela. E quando for hora de oração de preparação para o dia ou de Visita, dêem-se à conversa com Nosso Senhor; visitem-no como se visita um amigo. Ponham cada coisa bem no seu lugar. Consagram-se à oração de preparação para o dia, apliquem-se à Visita a Nosso Senhor e isso de bom grado e com ardor. Assim é que se realiza a união com Nosso Senhor; isso revela o verdadeiro sentido da Vontade de Deus sobre nós.

Santo Afonso terminava suas Visitas ao Santíssimo Sacramento pela comunhão espiritual. Convém sempre fazer assim. As fórmulas que Santo Afonso de Liguori oferece são excelentes; aproveitem-nas ou façam as suas que a piedade lhes inspirar. Depois de estar dez a onze minutos diante do Santíssimo Sacramento, recomenda-se, então, começar esse ato de comunhão espiritual, que dá o toque característico à nossa prece e à nossa união com Nosso Senhor.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE DEZEMBRO DE 1889

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA

"Os Oblatos de São Fancisco de Sales lembrar-se-ão que, a exemplo de seu bem-aventurado Pai, devem esforçar-se por manter-se, em todo o tempo e em todo o lugar, na presença habitual de Deus."

A presença habitual de Deus não quer dizer o pensamento habitual. Pode-se estar na presença de uma pessoa sem pensar nela. Cada vez que retomamos os pensamentos do Diretório, seja a reta intenção, ou todas as vezes que renovamos a resolução de não ofender a Deus, mas agradar-lhe, estamos conservando a santa presença de Deus. Esse tipo de presença de Deus é suficiente. Mas se pode fazer alguma coisa mais explícita; pode-se durante o trabalho recordar que a gente está junto a Nosso Senhor e lembrar-se disso tranqüilamente, sem fadiga nem esforço; é preciso que o pensamento de Deus para nós se torne como congênito. Vê-se às vezes na vida dos santos, na de São Luís Gonzaga por exemplo, esforços muito grandes, uma tensão mental cansativa, para chegar ao pensamento contínuo em Deus. Isso ocasionou-lhe violentas dores de cabeça. Não é essa a idéia de nosso Santo Fundador. Para ele, a presença de Deus está sobretudo no coração, na vontade que quer ficar unida a ele. Convém notar bem que tudo o que se faz assim, despretensiosa e simplesmente, é durável e sólido; o que, pelo contrário, é feito com esforço e tensão mental é pouco duradouro; qualquer esforço provoca uma volta ou outra ao ponto de partida. Pelo hábito da reta intenção, estamos sempre com Deus. Para que a sensação da presença seja bem constante, basta acrescentar, de vez em quando, a essa reta intenção algum ato de união com Deus, que surge do fundo do coração. Façam e ensinem isso. Ensinem essa presença de Deus pela vontade, é essa a verídica, pois "Deus autem intuetur cor"

(cf. S 7,10; Jr 17,10; Ap 2,23) (Deus, porém, sonda o coração).

Essa presença de Deus pela vontade era o estado habitual dos santos; assim vivia o nosso Santo Fundador, igualmente Santo Afonso de Liguori, São Vicente de Paulo, todos os santos. A presença habitual de Deus era-lhes o resultado de sua fidelidade a Deus; provinha do atender constantemente o que Deus queria.

"Eles farão dois exames de consciência por dia; o primeiro logo antes do meio-dia, o segundo na oração da noite."

O Diretório nos diz que o exame da manhã é mais breve. Convém fazê-lo perto do meio-dia. Examina-se o levantar, a meditação, a Santa Missa, o Ofício, o trabalho realizado; faz-se de tudo isso um exame sumário, muito rápido. À noite, a gente se examina mais detidamente; recorda-se o exame da manhã; se se cometeu alguma falta mais grave no dia que passou, a gente se lembra dela, acrescenta-se isso às faltas da manhã e do dia inteiro e de tudo isso se faz como um lembrete para poder confessá-lo. Não é necessário que o exame seja bem demorado: dois ou três minutos bastam para a manhã e quatro ou cinco para a noite. A maneira de fazê-lo está explicada detalhadamente no Diretório.

"Eles recitarão o Ofício com uma atenção e uma devoção das maiores, lembrando-se de que através dele fazem o serviço dos Anjos. Quanto ao horário, conformar-se-ão aos costumes da Congregação."

Atenta e devotamente, como diz a prece do Breviário. Recordemo-nos que ocupamos o lugar dos Anjos. Onde se reza neste mundo? Entre os sacerdotes e sobretudo nas famílias; os indivíduos não rezam mais, ninguém reza mais. Ora, está muito certo que na Economia da Salvação a conservação do mundo não se realiza senão pela oração. Toda a Sagrada Escritura está aí para comprová-lo. Observem a pregação de Jonas aos Ninivitas; olhem a de São João Batista. Se a oração cessasse na terra, Deus retirar-se-ia dela, a misericórdia não teria mais lugar; somente a justiça teria sua função. O Ofício é a oração oficial da Igreja, e é por isso que somos obrigados a recitá-lo com atenção e devoção. Dediquemo-nos a ele todo o tempo necessário, sem exagero. Sirvamo-nos dos pensamentos do Diretório para manter a atenção. Se às vezes estivermos cansados e tivermos um pouco de dificuldade para nos lembrar de todos os pensamentos do início, um ou dois

podem ser suficientes. Aproveitemos ainda os pensamentos ocasionais que nossa piedade sugerir. Se experimentamos alguma preferência pelos pensamentos do Diretório, fiquemos então com eles, pois esses acarretam uma graça particular para nós.

É muito desejável que as matinas sejam sempre rezadas na véspera, senão é difícil que não ocupem mais ou menos o lugar da meditação. Em geral é muito bom rezar o Breviário cedo. Os Senhores sabem que todos nós temos licença de rezar as matinas às 2 horas, em qualquer época do ano; e é bom que os, que podem aproveitar disso, o façam. Quando a gente reza o Breviário atrasado, à noite, se está distraído e cansado, a gente o recita mal. Eu sei muito bem que há certas ocasiões em que não se pode fazer de outro modo e que, diante de determinadas ocupações, a gente não pode dispor do seu tempo como deveria. Seja como for, coloquemos como princípio que é uma coisa muito boa rezar o Breviário o mais cedo possível. Em Roma, no Seminário Francês, os moradores ali rezam sempre as matinas às 2 horas. Sem dúvida, um professor não pode fazê-lo, pois é hora de dar aula; mas que a gente se aproxime tanto quanto possível. Rezem sempre seu Breviário cedo; o Bom Deus merece a preferência.

"Eles não passarão nenhum dia sem estudar. O tempo de seus estudos será proporcional às suas ocupações. Todos conformar-se-ão às prescrições da obediência, tanto no tocante à natureza quanto ao espírito de seus estudos."

É preciso que todo o mundo estude alguma coisa.
Os sacerdotes não devem negligenciar a teologia; devem manter-se a par do que lhes é necessário para o exercício de suas funções sacerdotais. É um dever pessoal e sagrado. Essas coisas se esquecem rapidamente; é preciso recolocá-las na memória muitas vezes.

Um outro tipo de estudos que nos diz respeito especialmente é o aprofundamento nas obras de São Francisco de Sales e as dos autores que mais se aproximam do seu espírito, de seu modo de ver. Precisamos formar em nós um patrimônio sério de tudo isso.

A propósito dos estudos, recomendo muito as coleções de folhas soltas. É um meio excelente e mais tarde os Senhores experimentarão a

utilidade disso. Se não nos empenhamos, aborreceremos, cansaremos os nossos ouvintes e não os instruiremos. Estaremos reduzidos a girar sempre de novo no mesmo círculo de idéias.

Qual é o tempo mais indicado para dedicar ao estudo? Regra geral: Não percamos tempo. Sempre que tivermos um pouco à disposição, empreguemo-lo estudando. Esse esforço terá para nós uma vantagem imensa. É o estudo que conserva o homem moral, fisica e religiosamente. Se não fizermos algum estudo sério, a nossa saúde sentirá os efeitos disso; os estudos moderados conservam a vida por muito tempo; fortalecem o corpo e o robustecem, ocupando e fortificando o espírito. Notou-se que na Retirada da Rússia, os oficiais da engenharia, homens de estudos e trabalho, tinham geralmente sobrevivido às misérias e às privações, enquanto quase todos os outros tinham sucumbido. No estudo há mesmo uma coisa favorável ao corpo e que chega a conservar a própria vida física. É preciso conformar-se, quanto ao espírito e à natureza desses estudos, de acordo com as prescrições da obediência. Precisa-se depender bem da obediência, nisso como em tudo. Os Superiores terão suficiente compreensão para deixar cada um trabalhar na esfera na qual será mais bem-sucedido. Submetamos bem, então, o nosso trabalho; nunca trabalhemos em coisas proibidas pela obediência. Dedicar-se a ciências proibidas pela religião ou pela prudência, como estudos práticos de hipnotismo por exemplo, seria uma coisa censurável e reprovada pela consciência.

"Durante a refeição se lê. Cuidar-se-á, como manda nosso bem-aventurado Pai, de não levantar da mesa sem ter praticado alguma mortificação."

Não se deve nunca esquecer essa mortificação, a pesar de que não seja necessário que ela seja muito grande. Pode-se fazê-la de dois modos, aceitando de bom grado o que não é de seu gosto. Essa mortificação produz um grande efeito; ela mantém a alma na dependência, na humildade; ela lhe tira a preferência pessoal, a vontade própria, para uni-la a Deus; não devemos nunca esquecê-la. Se deixamos de fazê-la uma vez, devemos impor-nos duas na refeição seguinte. Ela é sumamente útil para alimentar o espírito religoso.

"Tomar-se-á uma hora de recreio depois do almoço e uma após a janta."

Nosso Santo Fundador recomenda introduzir habilmente na conversa alguma palavra edificante. O recreio dos religiosos naõ deve ser absolutamente insignificante. Deve-se relembrar a presença de Deus duas ou três vezes. Que os recreios sejam alegres e animados, mas evitemos bem as incomodações e tudo o que possa ofender a caridade, tudo o que possa machucar. Façamos dos nossos recreios um ato de caridade que estreite a união dos corações, "uno ore et corde" (unidos na palavra e no bem-querer).

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE JANEIRO DE 1890

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA SEMANA

"Em cada casa os Oblatos de São Francisco de Sales reunir-se-ão com exatidão e devoção no lugar, indicado pelo Superior, para as conferências espirituais, que se realizarão ao menos uma vez por semana. Essas conferências visam especialmente a abnegação da vontade e do juízo próprios, o exercício de união com a Vontade de Deus em todas as ocupações, a união fraterna, o zelo pela santificação pessoal e o progresso nas virtudes a nós recomendadas e, sobretudo, a dedicação às pessoas que atendemos em nossas diversas obras."

"Em cada casa", contanto que ela seja bastante considerável. Se houvesse somente dois religiosos, por exemplo, seria bastante difícil.

"Com devoção." - Devemos vir à reunião com espírito devoto, piedoso. Começa-se pelas "Culpas"; é um ato eminentemente religioso; é a confissão pública dos primeiros tempos da igreja. As "Culpas", pronunciadas com as devidas disposições, acarretam o perdão das faltas que se acusa e ocasionam acidentalmente o perdão das outras faltas veniais. É um ato de humildade, de arrependimento, de contrição das faltas que, teoricamente falando, obtém de Deus o perdão das faltas. Podemos, pois, considerar nossas "Culpas" como um recurso a mais, além dos meios dos outros fiéis, para obtermos o perdão de nossos pecados. Façamos, então,

nossas "Culpas" com humildade, com devoção, com o desejo de ser perdoados. É, sem dúvida, uma sujeição, mas ela leva a um resultado excelente. Não negligenciemos esses pequenos meios. A vida não é senão uma seqüência de respirações, de pulsações do coração; cada uma delas não é nada, mas basta pararem, e tudo está acabado. A vida material, física, é a imagem da vida sobrenatural; é preciso que o nosso coração bata em uníssono com a Vontade divina; a mínima ação é a expressão e a condição da própria vida; as "Culpas", a prestação de contas, a reta intenção, cada uma dessas coisas é pouco em si mesma, mas compõem as circunstâncias de nossa vida; é através delas que nos santificaremos, como São Francisco de Sales se santificou. É preciso, portanto, fazer bom uso desses meios. Venhamos, pois, às reuniões do Capítulo, segundo indicam as Constituições, com fidelidade, exatidão e devoção. Essas reuniões devem realizar-se pelo menos uma vez por semana. É o Superior que deve presidi-las. Nessas reuniões devem ser tratados os assuntos indicados nas Constituições: a abnegação da vontade própria, a união à Vontade divina, a união fraterna, etc... O melhor meio para fazer bem isso, é tomar as Constituições e o Diretório e explicá-los artigo por artigo, para fazê-los compreender bem, captar-lhes o espírito e praticá-los bem, com respeito e carinho. Essas virtudes de abnegação, de união encontram-se nitidamente em cada página do Diretório e das Constituições. O Diretório é, antes de mais nada, o desapego da vontade e do juízo próprios; é duro isso, eu o disse mil vezes e continuo repetindo-o; mas é preciso que os religiosos sejam determinados. Um soldado que vai ao combate é determinado; ele avança e não se inquieta do que lhe possa acontecer, se vai ter uma perna quebrada ou a cabeça arrancada. Um religioso deve caminhar decididamente e não se inquietar, se terá os braços quebrados e a vontade esmagada e aniquilada. Está nisso o "sacramentum", o mistério da vida religiosa. Importa compreendê-lo bem. A gente é santa, pouco interessa o que se faça, contanto que da manhã até à noite se esteja bem unido à Vontade divina, se faça bem o que é do agrado de Deus, no meio das dificuldades, das vicissitudes, das adversidades da vida de cada dia. A complacência na Vontade divina, desapegando-se da vontade própria, eis aí a santidade. A obediência ao Superior, que representa Deus, a devoção às graças que provêm da obediência, está aí, mais uma vez, o <u>sacramentum</u>, o sacramento da vida religiosa; e é nesse sentido que cada vez que se obedece, a gente recebe, por isso mesmo, uma graça especial e como sacra-

mental. Por isso que as conferências do Capítulo devem tratar freqüentemente da abnegação da vontade e do juízo próprios, porque exatamente isso não é nada fácil e, de outro lado, nisso é que se realiza verdadeiramente o religioso.

Compenetrem-se bem disso; com isso os Senhores farão a obra de Deus e santificarão aos outros. No que toca à abnegação do juízo próprio, expliquei-lhes muitas vezes em que sentido se devia entender a Constituição. Não há por que se quebrar a cabeça, é muito simples. Olhe aí uma coisa que eu considero branca; o meu Superior me afirma que é preta. Não estou obrigado, de certo, a mudar o meu juízo e a me atormentar o espírito para ver preto o que enxergo branco, mas por obediência agirei como se fosse realmente preto. Desapegar-se do julgamento próprio não consiste em destruir o juízo, em negá-lo, mas em não tê-lo em conta, em agir conforme ao que solicita a obediência, independente do que opinar a idéia própria.

"O exercício de união com a Vontade divina em todas as ocupações."

Por que desapegamo-nos da vontade própria e do nosso juízo pessoal, se não é para nos submeter e nos unir inteiramente à Vontade de Deus?

"A união fraterna."

Façamos bem todos os sacrifícios que a união com nossos irmãos exige. O Bom Deus saberá nos recompensar bem. A medida, de que ele se serve em relação a nós, é exatamente aquela que ele vê que nós usamos para com os nossos irmãos; e ele derrama com maior ou menor abundância o vinho de suas graças divinas, segundo o recipiente maior ou menor que lhe oferecemos. Os dons sempre estão em relação com a capacidade de receber apresentada por nós.

"O zelo pela santificação pessoal."

Eu gostaria muito de saber quais são dentre nós que se preocupam ardentemente com essa virtude, que tanto nos é recomendada pelas Constituições. Talvez não se pense bastante nela. Não se deve levar o desapego até o ponto de não pensar mais em si mesmo e na santificação

pessoal; a preocupação pela salvação dos outros não faça com que negligenciemos a nossa. "Estote perfecti sicut Pater vester coelestis perfectus est" (Mt 5,48) (Sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito). Pensemos muito nisso. Tenhamos esse zelo pela noss santificação, o zelo na exatidão em todas as nossas observâncias. É fácil, aliás, compreender e dar-se conta de que se precisa de forças, que se deve estar ao nível do que o Bom Deus pede. Tenhamos, pois, um pouco mais de cuidado dos nossos interesses espirituais. Que não se possa dizer que nunca estamos em casa; fiquemos em nosso posto, atentos à nossa santificação. Mas é sobretudo **"a dedicação às pessoas que atendemos em nossas obras diversas"**
que nos é recomendada pelas Constituições. Tenhamos, portanto, sobretudo esse zelo. Rezemos pelas pessoas das quais ouvimos
a confissão, pelos nossos alunos; estamos empenhados na educação de jovens. Somos-lhes como pais e mães; não somos apenas vigias, mestres de estudos; deve haver um relacionamento de orações entre eles e nós; a qualquer título, não importando o motivo por que as crianças nos sejam confiadas, num certo sentido estamos encarregados de suas almas. O Irmão que tem um auxiliar no seu trabalho deve cuidar do crescimento espirtual de seu ajudante. Uma palavrinha, uma prece, a mínima coisa, realizada com fé, pode ter um grande efeito. Especialmente disso não nos esqueçamos e tomemos nota.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE JANEIRO DE 1890

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA DIA

"Eles farão dois exames de consciência por dia; o primeiro logo antes do meio-dia, o segundo na oração da noite."

Eu já expliquei a maneira de fazer o exame de consciência como indica o Diretório. Precisa-se empregar dois ou três minutos para o exame da manhã, antes do meio-dia; cada um deve fazer esse exame no lugar onde se encontra. Deve-se observar se se aproveitou bem os pensamentos da noite e os do levantar; deve-se olhar como se passou a meditação, como se participou da Santa Missa e começou o dia, inclusive os trabalhos realizados até o momento presente. Depois a gente relembra um pouco o exame do dia anterior e os exames anteriores, sobretudo se houve em algum deles uma falta um pouco maior. Assim fazia o nosso Santo Fundador. É muito útil retomarmos, em cada dia, as faltas anteriores, um pouco maiores. Deve-se concluir cada exame por um ato de contrição e preparar-se assim a fazer uma boa confissão quando chegar a hora. O exame realizado assim não é somente um lembrete das faltas cotidianas, mas torna-se também um exercício valiosíssimo de santificação, de purificação das faltas; somos, por conseguinte, mais aptos a receber graças para nós e para os outros. O ministério do confessor proporciona muito bem, sem dúvida, o perdão das faltas, mas se chegamos à confissão bem unidos a Deus, bem purificados, recebemos seguramente graças bem mais consideráveis.

O exame da noite deve fazer-se um pouco mais demoradamente, mas da mesma maneira; quando está terminado, é bom lembrar uma falta ou duas um pouco maiores do que as outras ou algum pecado costumeiro que se deseja muito corrigir, não de um modo geral, mas bem concretamente, em tal ocasião, em tal circunstância. O hábito que formamos disso, aliás, nos facilitará cada vez mais a execução desse exercício. Em seguida se faz o ato de contrição.

A pureza de consciência é uma coisa importantíssima: "Beati

mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt" (Mt 5,8) (Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus). Os que são puros de coração verão a Deus, não somente no céu, mas desde já sobre a terra, pelas consolações que ele lhes dará, pela paz que lhes reinará na alma, pela santidade que depositará neles. Demos, pois, muita importância à pureza de consciência; não é pouca coisa uma falta, por menor que pareça; isso desagrada ao Bom Deus e o afasta, o distancia e o torna inalcançável. O espírito, então, tem pouco gosto, pouca energia e força para manifestar fé e amor para com o Bom Deus. Que se ligue muito, pois, os exames cotidianos.

"Eles recitarão o Santo Ofício com uma atenção e uma devoção das maiores, lembrando-se que através dele fazem o serviço dos Anjos. Quanto ao horário, conformar-se-ão aos costumes da Congregação."

À medida do possível, é preciso conformar-se à hora designada para cada parte do Ofício e antes adiantar-se do que atrasar. Eu desejo que as Matinas e Laudes sejam sempre rezadas no dia anterior, para que, de manhã, se tenha tempo tranqüilamente para a meditação. Recitem as Matinas com calma, dedicando a elas o tempo conveniente e lembrando-se de não rezar somente para si. A Igreja deve resistir a Satanás e às obras dele: às sociedades secretas; o Santo Ofício é uma das armas espirituais por meio das quais a Igreja poderá destruir o império do diabo. Deve-se ligar muita importância ao nosso Breviário, não nos considerando somente como os filhos da Igreja, mas também como soldados que devem combater o bom combate. Santa Teresa dizia que era a oração que dava às pregações o seu efeito e sucesso. Ofereçamos à Igreja não somente o zelo pelas coisas exteriores, mas o que é essencial e lhe ocasiona eficacia, isto é, o zelo da oração. Sejamos daqueles que agem e rezam. Que o Breviário e o Ofício sejam para nós uma coisa séria e solene; para rezá-lo com atenção, sirvam-se dos meios do Diretório; sigam, além disso, a devoção pessoal. Os que podem atender todos os pensamentos do Diretório fazem bem; que os outros façam o melhor possível.

"Eles não passarão nenhum dia sem estudar. O tempo de seus estudos será proporcional às suas ocupações. Todos conformar-se-ão às prescrições da obediência, tanto no tocante à natureza quanto ao espírito de seus estudos."

Um sinal dos tempos é que a gente não gosta do estudo. Outrora não era assim. Isso depende da primeira educação. O Seminário onde fui educado era uma casa séria; os estudos eram melhor compreendidos naquele tempo do que hoje, e os temas eram menos extensos e melhor assimilados; nós gostávamos do estudo. Quando se forma, ao contrário, os alunos, fazendo com que eles encarem os estudos como um incômodo, como um esforço aborrecido, acontece que os alunos aspiram somente ao momento em que poderão se
ver livres de tudo isso. É essa a idéia predominante dos colegiais de hoje. Com isso não é fácil fazer homens de trabalho e de estudo. Nós devemos ser homens de estudo e de trabalho. Temos que ter sobre isso, sem dúvida, princípios bem amplos. Não queremos desrespeitar as inclinações, as aptidões que se possa ter para um determinado tipo de trabalho; pelo contrário, na medida do possível, convém tentar que cada um possa desenvolver seus estudos de acordo com os talentos que Deus lhe deu; uns têm queda para a filosofia, outros são mais aptos à teologia; é preciso, dentro do possível, que cada um siga seu gosto e a ordem da Providência, e sobretudo as decisões da obediência.

Quem não tem gosto para nada e não gosta de nada, que não se prende a nada em particular, é somente uma máquina que se mexe, um robô; é o coração, a afeição que completam o homem todo. Um sacerdote, um religioso que não tem amor ao estudo não é nada. Ele tem uma existência completamente inútil. Que cada um tome a peito, então, o trabalho que lhe é indicado. Os que estudam teologia que se prendam a ela; os que aprendem a eloqüência sacra ou se aprofundam na Sagrada Escritura, que se dediquem a elas com fervor. Os que se ocupam com trabalhos manuais, que também eles se empenhem aí de todo o coração; apeguem-se às coisas que o Senhores realizam e não sejam seres insignificantes e nulos que se tornariam perigosos para si e para os outros. Todo o talento, cada aptidão é um dom de Deus que deve ser cultivado e desenvolvido; lembrem-se da parábola dos talentos. Aquele que tinha escondido seu talento numa ponta de seu lenço e foi enterrá-lo num buraco no jardim, foi julgado rigorosamente: "Serve nequam" (Lc 19,22) (Servo mau). Nosso Senhor não o chama somente de servidor inútil, mas mau. Há uma coisa de mau e de perigoso no não-aproveitamento de faculdades que Deus concedeu.

"Durante a refeição se lê. Cuidar-se-á, como manda nosso

bem-aventurado Pai, de não levantar da mesa sem ter praticado alguma mortificação."

Precisa-se ser bem fiel a essa mortificação que consta na Regra. O nosso Santo Fundador diz em algum lugar que a mínima mortificação é suficiente. Isso é verdade, quando tudo, nas refeições, se faz bem e totalmente segundo a Regra; mas para nós que não estamos ainda completamente organizados, que a mortificação seja real e sensível. Comamos um pouco mais do que menos gostamos; comamos um pouco menos, pelo contrário, do que mais nos atrai e mais nos agrada. Mortifiquemo-nos bem fielmente; é o sal da vida religiosa, que conserva a alma e lhe dá força e energia para lutar contra a moleza. Nós não temos jejuns extraordinários, façamos bem pelo menos a nossa mortificação da refeição.

"Cada dia far-se-á duas leituras, uma de um capítulo da Sagrada Escritura e a outra das obras de São Francisco de Sales. A leitura durará cinco a dez minutos."

Quanto à leitura da Sagrada Escritura, lendo um capítulo cada dia, acabaremos por saber bem a Sagrada Escritura. É preciso que essa leitura não seja somente uma leitura piedosa, mas que seja para nossa instrução e sirva para nós e para os outros. Precisamos aos poucos chegar a ler o Antigo e o Novo testamento na sua totalidade e a conhecê-los com profundidade. É a palavra de Deus, e tudo está aí.

Precisa-se ler de caneta na mão e anotar o que chamar a atenção, os trechos dos quais se pode aproveitar alguma coisa para si ou para os outros. As citações da Sagrada Escritura ocasionam graças, impressionam e costumam tocar muito os ouvintes. Um dos meus colegas de aula me contava no semininário que ele reconhecia, lendo a Bíblia, uma por uma, todas as passagens que, quando criança, o tinham impressionado nas pregações do seu pároco; tudo o que tinha guardado, ele o reconhecia; seu pároco o tirara da Bíblia.

Importa fazer a mesma coisa, ao ler os escritos de nosso Santo Fundador, suas cartas, seus diversos tratados, suas pregações; encontrou-se uma que tocou, suponhamos que seja sobre a caridade para com o próximo; escreve-se esse pensamento ou a indicação da página onde se encontra, numa ficha de papel, marcada em cima com o título: Caridade; e no dia em que a precisarem, encontra-la-ão em seguida. Depois de algum

tempo, esse modo de estudar e de tomar notas vai formando um apoio muito sólido, fornece muita autoridade e torna tudo o que se diz sumamente interessante. Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE JANEIRO DE 1890

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA SEMANA

Além das conferências sobre a vida religiosa cada semana, haverá colóquios sobre dogma, casos de consciência e as diversas dificuldades que se apresentam no exercício do Santo Ministério."

Seria muito desejável que pudéssemos realizar essas conferências teológicas desde já; mas, sendo que em cada casa o número dos nossos religiosos não é suficiente para as tarefas, quase não é possível observar exatamente esse ponto das Constituições. Chegaremos a isso um pouco mais tarde. Precisa-se pensar nisso e tentar colocar-nos à altura dentro de pouco.

Essas conferências seriam uma coisa muito útil. Prega-se, confessa-se, dá-se catequese; se cada um faz isso segundo seu capricho, aí não é mais a comunidade que atua. No que diz respeito à pregação por exemplo: todos nós aprendemos no seminário - refiro-me aos mais velhos - a pregar como se pregava no século de Luís XIV. Já desde cem anos não se prega mais ao povo. As criancinhas têm a catequese, o povo não tem mais nada. Todos os sermões feitos desde cem anos, ninguém os escuta. No Concílio Vaticano (I - tr.) deviam ocupar-se desta reforma da pregação. Dom Mermillod devia ser um dos relatores, eu acho; deviam dar instruções práticas sobre o modo de pregar atualmente. Infelizmente, o Concílio não pôde ser terminado.

Os Padres da Companhia de Jesus compreenderam essa penúria das almas. Há algum tempo eles modificaram o seu método. Mas até há vinte anos, para quem se pregava e o que se ensinava aos ouvintes? O pregador

desenvolvia um tema, fazia sábias considerações teológicas, mas quem foi que compreendia? Quem escutava e, sobretudo, quem aproveitava isso? Tal mulher cristã, que não faltava nunca à missa dominical, não ouviu nunca talvez alguma coisa que lhe convinha, que lhe servia na prática e lhe ensinava a cumprir bem os seus deveres de esposa e de mãe de família. Durante esse tempo todo, o diabo falava; nos colégios e nas escolas, nos jornais, nos livros e em toda a parte, o demônio, sim, falava; a linguagem dele era inteligível e interessante; ele falava bem no sentido dele e encantava as pessoas em massa. É, pois, necessário que tenhamos conferências para aprender a pregar, a dar catequese, a dirigir as almas do mesmo modo e da maneira que mais útil for à salvação dos que nos são confiados. Deus permite que novas Ordens surjam, para que essas remediem as necessidades especiais dos tempos que as vêem nascer.

Os Padres Jesuítas tinham seu estilo próprio de pregar, apropriado às necessidades do tempo em que surgiram. Os Oblatos devem ser, num sentido análogo, os homens de seu tempo; devem combater as mentiras, as idéias errôneas atuais e não mais as mentiras e os maus pensamentos de Voltaire, de J.J. Rousseau ou então dos heréticos de outrora.

Olhem, quando São Paulo prega, como seus sermões são apropriados ao caráter e à natureza de seus ouvintes.
Ele prega no Areópago: "Será que existe no mundo um povo mais religioso do que vós, ó Atenienses?" (cf. At 17,22). Anuncia-lhes o Deus desconhecido para o qual eles tinham erguido um altar. Quando São Paulo se dirige aos Hebreus, aos Judeus reunidos em Roma, ele percorre a História Sagrada desde Adão até Nosso Senhor; a sua palavra é vigorosa, incisiva e impressiona seus ouvintes; não é um sermão frio, uma instrução exageradamente estilizada. Os sermões do 17º século eram bons para o tempo em que os fiéis eram instruídos, em que um certo número dentre eles tinham feito estudos teológicos. A gente ia à igreja para ouvir a pregação; a exposição das verdades cristãs, sabiamente levada a cabo e acompanhada de uma dicção irrepreensível, era escutada com interesse. No Vaticano fazem ainda todas as semanas discursos análogos para o Papa e os Cardeais. Os Senhores, assistindo a eles, aproveitariam coisas interessantes. Mas lembrem-se que, quando no púlpito, os Senhores não estão diante do Papa e que devem evitar bem dizer o que diriam ao Papa, aos poucos

homens, às poucas mulheres presentes diante dos Senhores.

Seria muito desejável, portanto, que tivéssemos conferências sobre a pregação. Eu encarreguei o Padre Bony de dar aos Noviços e aos nossos Padres jovens princípios de homilética. Creio que ele correspondeu bem à minha intenção. Que todo o mundo, pois, pregue bem da mesma maneira, como eu repeti tantas vezes, e que ninguém predique aventurando-se. O Padre P... pregou, faz algumas semanas, aos paroquianos de São Rémy; pregou para eles sobre a vida do padroeiro; explicou-lhes as pinturas da igreja dali; todo o mundo ficou contente e todos prestaram atenção. O bom pároco de São Nicolau, ao sair, disse ao pregador: "Nós temos andado pelo caminho errado, o Senhor tem a maneira acertada de pregar..."

Os Senhores querem pregar sobre a fé; será que vão fazer considerações belas e sábias sobre a fé? Ninguém os escutará. Digam a seus ouvintes o que é a fé, a necessidade absoluta de termos fé. Digam-lhes depois: Vós deveis crer nisso, naquilo; e não deve ser uma simples adesão intelectual, é preciso tomá-lo a peito, envolvendo a vontade como também o que se faz.É assim que se deve fazer, quanto à Missa com fé, para rezar com fé... Eis o fundo do sermão que os Senhores farão. Dêem a esse fundo uma forma conveniente, apropriada aos seus ouvintes; digam isso para eles de uma maneira que lhes convenha, apresentem-lhes isso de um modo que lhes agrade, que os toque. Eu tenho que pregar no 3º domingo depois da Epifania; será que recorro a um sermonário, um diário de pregações, para reproduzir-lhe as idéias, talvez as frases? É absurdo. Dêem seu livro a seus ouvintes, isso valerá mais! Quatrocentas pessoas assistirão ao seu sermão; talvez não haja duas que aproveitarão um dos pensamentos do seu livro que tiverem os Senhores recitado. Não estou dizendo que não se deva nunca servir-se de um sermonário; claro, que os Senhores podem aproveitá-los e, encontrando uma coisa boa, tomá-la e aplicá-la. Mas não quero que preguem os sermões dos sermonários. Assimilem o que há de bom, aquilo do que gostaram; mas façam-no propriedade sua e preguem do seu fundo pessoal e não daquele dos outros. Para pregar assim, os Senhores precisam empenhar-se; é imprescindível ter estudado teologia, a Sagrada Escritura, os Padres, a História. Não é absolutamente necessário ter estudado cada uma dessas coisas a fundo e regularmen-

te, a vida de um homem não seria suficiente. Compenetrem-se bem do que estudaram, recolham as suas observações pessoais, lembrem-se dos sermões que ouviram; tudo isso é muito bom. E, sobretudo, tomem notas. Os Senhores fazem uma leitura, suponhamos, no Tratado do Amor de Deus; aí aparece um bom pensamento, uma coisa nova, algo interessante que poderá ser-lhes útil; acrescentem-no às suas anotações. Olhem, acolá uma história amena e instrutiva, um trecho encontrado numa revista, ou durante uma semana religisosa, eu aproveito-os para minhas anotações. Depois de algum tempo, tenho ao alcance da mão um estoque de coisas interessantes e novas. Eu ordeno tudo isso em folhas soltas, colocadas numa caixa de papelão, por ordem alfabética, e tenho aí um material precioso. Suponham que me encarregam de pregar; se não sou demasiado jovem e tendo um pouco de juízo, traço eu mesmo meu plano; se desconfio de mim mesmo, vou consultar um de nossos Padres mais experientes. Ou eu tenho uma instrução para fazer sobre o Santo Nome de Jesus; não é necessário que eu apresente toda a Bíblia, toda a História da Igreja, toda a Teologia, com relação ao Nome de Jesus. Um de nossos Padres, domingo passado, invocou Napoleão como para demonstrar a eficácia do Nome de Jesus; havia um exagero de coisas no sermão dele. É o Nome de Jesus que eu quero pregar; vou mostrar inicialmente o que é um nome, a influência de um nome, quando é Deus mesmo que o dá; faço aplicações de tudo isso ao Nome de Jesus, mostro seu poder, sua eficácia; indico os santos aproveitando a invocação desse Nome para sua santificação, os mártires encontrando nele a força de morrer por Deus... Todo o mundo escuta, toda a gente compreende. O que disseram os feitores de sermonários é muito bom; aproveitem disso para servir a seus ouvintes, mas tomem daqui e dali, como com a ponta de uma faca e não sirvam a seus convidados um coelho, cozinhado há seis semanas ou faz dois séculos... Cada um tem o seu método de pregar; eis o método que nós devemos ter. Outrora cada sermão era uma parte de uma suma teológica; pregar teologia pura é absurda hoje em dia; o que os Senhores disserem, apresentando só teologia, ninguém o compreenderá. Que o método que eu lhes apresento seja o método da Congregação.

Havia em Troyes um homem ajuizado e de muitos conhecimentos, engenheiro das minas. Um dia me encontro com ele e lhe digo: - O Senhor não vem ao sermão? - Esses sermões de cidade, respondeu-me ele, - não gosto disso. Há um só pregador que me agrada. Quando eu vou a Marnay,

gosto de escutar o pároco Feuchot. - Mas, no entanto, não é um orador! - Exatamente por isso eu gosto dele! Ele, pelo menos, diz coisas sensatas e práticas!

Apontem, então, nas suas anotações, tudo o que os Senhores acharem de seu gosto nas suas leituras, ao lerem a Sagrada Escritura, quando recitarem o Breviário, ou estudando Teologia; anotem tudo o que os interessa, seja sagrado ou profano, encontrando-o num livro ou por ouvir falar, pouco importa, contanto que os Senhores possam aproveitá-lo. Então os Senhores cativam, não farão sermões rococó; a gente os escutará e tirará proveito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 5 DE FEVEREIRO DE 1890

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA SEMANA

"Além das conferências sobre a vida religiosa, haverá cada semana colóquios sobre dogma, casos de consciência, dificuldades diversas que se apresentam no exercício das funções sacerdotais. Nessas matérias seguir-se-á particularmente o ensinamento de São Francisco de Sales e se adoptará mais especialmente a doutrina dele nas questões por ele tratadas nas suas obras."

Estas conferências são necessárias sobretudo nas casas de missionários e de sacerdotes dedicados ao santo ministério. Elas são menos necessárias em outra parte. É preciso, pois, que nos colégios, nas obras de jovens e de crianças, haja uma direção uniforme e compreendida. As conferências sobre casos de consciência são absolutamente necessárias nas Congregações de sacerdotes missionários, chamados a exercer o santo ministério. Nós suprimos um pouco a isso, pelo momento, através de nossos cursos de Teologia no Noviciado. Deve-se cuidar, dando esse ensinamento teológico, de seguir bem a doutrina de São Francisco de

Sales. Quando formos mais numerosos, será muito desejável que tenhamos conferências regularmente. Peçam com insistência ao Bom Deus que ele nos envie gente. Em toda parte se reclama: na Grécia, na África, no Equador. Na direção externa e interna dos colégios, deve-se tomar cuidado de levar em conta o especto moral, a idéia filosófica ou teológica que seja o ponto em torno do qual gira tudo o que se faz e que esse ponto de referência seja um conceito de São Francisco de Sales, algum ponto de sua doutrina: as suas recomendações sobre a caridade, sobre o amor de Deus e do próximo, sobre o zelo pela salvação das almas. Assumam as idéias proporcionadas a respeito pelo nosso Santo Fundador e façam com que passem a seus atos e palavras. Digo de passagem que o professor e o vigilante precisam penetrar-se bem dessa doutrina e fazer bem o que está indicado no programa, no regulamento, executando-o nesse espírito. Então a gente não está só, mas faz parte de um movimento todo, penetra-se do pensamento de nosso Santo Fundador, do seu critério sobre a obediência, do sentido do esforço em conjunto, realiza-se a obra à qual se é chamado. Colocando-se fora disso, não se alcança o alvo. O que perfaz a força de uma Congregação, é todo o mundo agir no mesmo sentido. Suponham um veículo muito carregado; se todo o mundo empurra na mesma direção e simultaneamente, logo se vence a inércia e se consegue pô-lo em movimento, mas se um empurra à direita e outro à esquerda, não se chega a nada. Ainda fazendo pouca coisa, mas fazendo-o bem no sentido indicado, se consegue muito; fazendo-o na direção contrária, anula-se todo o movimento. É uma virtude essencialmente religiosa, a obediência, ou então a flexibilidade na obediência. Quanto mais se dá de si, nesse sentido, tanto mais efeito se produz; quanto mais se trabalha superando a natureza e a inclinação própria, tanto mais resultados se obtém.

A perfeição religiosa consiste nessa flexibilidade de uma entrega às mãos de Deus, à obediência, à Regra e à direção dada; é ser como uma massa mole que toma a forma que se lhe dá, e essa moldabilidade tem uma eficácia de longo alcance. A capacidade pessoal de cada um mede-se à base disso; é o termômetro, o pesa-licor; vê-se, através disso, até onde podem avançar as forças, a capacidade, a inteligência; observa-se isso pela facilidade que se tem de despojar-se de si mesmo para participar no movimento geral. A beleza, a força da vida religiosa está nisso.

É essa a razão por que se recomenda essas conferências, desti-

nadas a determinar bem por onde andar e em que sentido fazer esforço. Entre os Padres Jesuítas, essa direção se faz notar muito bem. Todos atendem as confissões e dão direção espiritual da mesma maneira. Precisamos fazer assim também. Não temos nada a temer e podemos avançar, pois nossa doutrina é a do Doutor Infalível. É uma doutrina que vai bem ao encontro das pessoas e que é fácil de compreender e praticar.

"Todos os sacerdotes deverão confessar-se duas vezes, ou pelo menos uma vez por semana, com um dos confessores da casa, designados para esse fim e não com outros sem licença do Superior..."

"Com um dos confessores designados..." Até confessores não têm sido muito numerosos. Cada um pode escolher o seu confessor entre os Padres que atendem confissões. Escolham a quem os Senhores considerarem, diante de Deus, mais apto a dirigi-los bem; que cada um siga nisso livremente seu parecer e atração, sem outra consideração do que seu interesse pessoal e espiritual.

Que suas confissões sejam claras, simples e breves, não a tal ponto que não digam tudo o que têm a dizer, mas de modo que o pecado seja acusado bem, tal qual é, franca e piedosamente. A confissão deve ser uma coisa santa, algo de sagrado, que se deve fazer com a maior piedade possível, pois o fruto da confissão é a aplicação real e segura da morte e da paixão de Nosso Senhor.

Convém recolher-se um pouco antes da confissão; não é necessária uma extensa preparação; alguns minutos bastam. Digam as coisas como são, como os Senhores as entendem. Dizendo-as, pensem quanto as suas ofensas decepcionaram o Coração de Nosso Senhor, logo por parte dos Senhores que receberam muito mais graças do que muita outra gente. A confissão bem feita é sumamente aproveitável à alma.

"Aproximar-se-ão da Santa Comunhão duas vezes por semana, além dos domingos e dias de festa, de acordo com o parecer do seu diretor espiritual."

A Santa Comunhão não nos deve ser uma coisa rotineira. Deve-se ganhar sempre a Santa Comunhão. Façamos para esse fim algumas práticas, alguma coisa para nos preparar, seja o dia anterior, seja de manhã. Não vamos ao encontro de Deus sem levar-lhe nossos dons e presentes. Era essa a prática de nosso Santo Fundador, e importa sermos fiéis

a ele. Que a Santa Comunhão nunca se torne um simples hábito, e por isso não vamos nunca a Deus de mãos vazias. O sacerdote no Antigo Testamento não se aproximava do tabernáculo a não ser com os pães da proposição nas mãos. Ofereçamos nós também ao Bom Deus alguma coisa de nossas preferências, da nossa vontade, ao aproximarmo-nos do seu sacrário.

"Cada semana praticarão um ou vários exercícios de penitência, como constam nas Constituições de São Francisco de Sales."

Quando um penitente, uma penitente pergunta na confissão, se pode praticar tal ou tal exercício de penitência, é preciso ver se essa prática é bem proporcionada às tendências más, às forças físicas, às inclinações perversas e também à atração pela penitência que o Bom Deus dá a certas almas. O nosso Santo Fundador gostava de praticar esses exercícios de penitência; ele o fazia de um modo muito conseqüente e sempre por obediência a seu confessor, o Padre Miguel. A penitência é necessária. A Sagrada Escritura no-la mostra, em numerosos lugares, como indispensável para a salvação. Que cada um, portanto, leve sua cruz. A cruz costumeira, a cruz de todos os dias, não é suficiente, deve-se acrescentar-lhe alguma coisa. É o segredo de muitos êxitos. Eu perguntava ao sobrinho do Senhor Harmel: - Como é que seu tio consegue fazer tantas coisas? - Venha ver seu quarto - me respondeu ele. Ali eu constatei que ele se deitava sobre tábuas. - Ele se levanta de noite para rezar - me diz seu sobrinho - e ele dorme muito pouco. Certamente por isso é que consegue realizar alguma coisa...!

O segredo da santidade do Pároco d'Ars estava na penitência. Da mesma forma com Dom Bosco. Um dos meus colegas de aula, o Padre Boaventura, certamente não sendo uma águia quanto à capacidade intelectual, fez muita coisa boa numa quantidade de paróquias e devia isso às suas mortificações. É esse o grande meio de realizar alguma coisa. Que cada um de nós, então, tenha alguma prática especial de mortificação, como a Regra o indica, alguma coisa determinada. As doenças, que sofremos corporalmente, podem ser oferecidas, sem dúvida; o Bom Deus apresenta a cada um uma participação, uma conta a pagar, mas isso não basta. É preciso acrescentar alguma coisa. Já não saiamos nunca da mesa sem alguma mortificação feita. E, além disso, vejamos o que podemos e devemos agregar a isso, após entendimento com nosso confessor e nosso Superior, para estar bem em dia com as Constituições e o Bom Deus, para equilibrar bem a re-

lação entre nosso "deve" e "haver". Não entraremos no céu sem que tudo esteja em dia.

"Na comunidade, respeitar-se-á sempre a praxe de servir-se de um só prato na janta das sextas-feiras."

É necessário conformar-se bem a esse artigo das Constituições, a saúde e as forças permitindo-o. A alimentação podendo ser suficiente com um só prato, é preciso restringir-se a esse; se ela seria insuficiente, pode-se comer um pouco de dois pratos. Mas eu acho que é bom ater-se, tanto quanto possível, ao que a Regra indica. Não passemos um dia de nossa vida sem sofrer efetivamente alguma coisa para o Bom Deus. O sofrimento moral é alguma coisa, mas o sofrimento físico, livremente aceito, é necessário. O nosso corpo deve sofrer para ser resgatado e o sofrimento corporal é indispensável à saúde da alma.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 12 DE FEVEREIRO DE 1890

O QUE SE DEVE OBSERVAR TODOS OS MESES

"Cada mês o Superior ou quem ocupar seu lugar deverá aplicar a correção fraterna a todos os Oblatos, seja em Capítulo seja particularmente, sobre as faltas no tocante às Regras e às Constituições."

Seria seguramente uma coisa excelente poder fazer a correção fraterna durante o Capítulo. É muito bom. Lembrem-se da palavra de Nosso Senhor: Não ponha um remendo de pano novo numa veste velha, pois a peça nova arrancará tudo; não se coloque vinho novo em odres velhos, pois fará com que estourem (cf. Mt 9,17). A prova mais segura para discernir os espíritos e certificar-se da vocação de um religioso é a correção em Capítulo. Quando formos suficientemente perfeitos para fazer isso, teremos feito um grande passo. Até que tivermos chegado aí, a correção fica a

cargo do Superior que, cada mês, deve distinguir, diante de Deus e de sua consciência, o que ele tem que dizer a cada religioso. O Superior deverá fazer a correção, segundo as Constituições, sobre as faltas ou defeitos relativos às Regras e Constituições. A correção não é o assunto mais cômodo do encargo do Superior.

"Cada membro da Congregação poderá prestar contas ao Superior, fora da confissão, sobre as faltas públicas que tiver cometido contra as Constituições, sobre o que puder ter perdido ou ganhado na prática da Observância e sobre as virtudes a ele recomendadas."

Eu teria gostado mais que a prestação de contas se tornasse obrigatória e a correção fraterna facultativa. A Regra foi feita diferentemente. A ela me submeto. Isso me oferece a oportunidade de dizer uma palavrinha sobre este artigo da prestação de contas. Eu prefiro cinqüenta vezes a prestação de contas à correção fraterna. Eu não me revolto contra a mudança aplicada na redação original de nossas Constituições; mas quando alguma coisa belisca a gente, muito bem se pode dizer: ai! A prestação de contas tem um feitio mais salesiano. O inferior se dirige ao Superior e lhe abre seu interior; presta-lhe contas simples e despretensiosamente, mostrando seu mal, como o doente ao médico, como uma criança ao pai. Na correção é o Superior que vem por cima do inferior...; não é muito fácil atacar um indivíduo e dizer-lhe: "Isso ou aquilo está mal no Senhor!" Eu não saberia como engajá-los suficientemente a praticarem bem a prestação de contas, com cordialidade e simplicidade, oferecendo assim ao Superior a ocasião de dizer-lhes as faltas e defeitos. Será importante fazer isso fielmente todos os meses; será preciso dizer em que pontos da Regra que se faltou ou quais são as inclinações, disposições e dificuldades. Uma quantidade de coisas penosas são suavizadas ou prevenidas pela prestação de contas. Os espíritos entendem-se melhor, os corações estão mais em uníssono. A candura nas relações com o Superior é seguramente o que mais merece ser recomendada.

"Este ponto é facultativo e de forma alguma obrigatório."

O que impressionou em Roma e fez acrescentar essa linha a nossas Constituições foi o abuso que em certas Comunidades se pôde fazer da prestação de contas. Esses excessos foram bastante graves; certos Superiores foram longe demais; esses fatos repreensíveis foram denunciados em Roma e ali se tomou uma medida geral. Mas uma coisa muito notável a

observar é o seguinte e que todo o mundo grave bem isso: na prestação de contas, como a prescreve São Francisco de Sales e continua sendo prática na Visitação, nunca se encontrou algo a censurar. Na Visitação, a prestação de contas é obrigatória. Se o confessor não atina bem com as coisas, ele poderá incomodar-se ao ver que a Mestra das Noviças ou a Superiora dá direção espiritual, que uma Diretora de pensionato proíbe a Comunhão a tal ou tal moça. "Isso não é da alçada dela, isso cabe a mim!" É muito importante obrar de acordo. Afinal de contas, que direito é que temos a fazer o quê? Temos o direito de fazer o bem e de salvar as almas e de ratificar tudo o que pode ser bom e útil às almas. No mundo, uma mãe de família que vê, o dia ou a manhã antes da Comunhão, que sua filha se comportou mal e está pouco preparada a receber Nosso Senhor, não hesitará e ninguém a recriminará; é natural e mais do que certo. Se o confessor pretende que dessa maneira o seu direito é lesado, se le se zanga, se irrita, ele está desatinado; não é mais uma questão de zelo ou de prudência, é assunto de amor próprio e de orgulho. É bem, sem dúvida, que o confessor tenha autoridade nesse tipo de coisas; ninguém pensa em questioná-la, mas não se deve exagerar essa autoridade e ultrapassar-lhe os limites. Que o Oblato confessor, capelão, se conforme bem a essa maneira de agir. "Mas então vou ficar inferior!" O Senhor está lá para ser superior ou inferior? O Senhor está lá para operar o bem maior das almas! Um sacrifício do amor próprio apresenta-se para o Senhor fazer, faça-o. Coloque aí um confessor, um capelão, bem ajuizado e muito capaz: - Eu estou ali, dirá ele - para o bem maior e esse bem será a paz e a concórdia. Não se trata de uma coisa contrária ao meu dever, por conseguinte não será contrário a meu direito. Meu único direito é fazer o bem, sacrificar e doar-me. E depois, humanamente falando, pensa o Senhor que age imprudentemente por sua condescendência nesses detalhes? Parece que o Senhor não insiste nos seus direitos ao ceder; obterá, na santa paz, dez vezes mais do que se os cobrasse <u>unguibus et rostro</u> (com unhas e dentes). Que seja isso o que distingue os Oblatos de São Francisco de Sales. Sejam bons. Os <u>bons</u> homens não são os mais tolos, acreditem-me. Um <u>bom</u> homem é muitas vezes um homem que tem caráter, tino e juízo. Dá-se tudo àquele que não exige nada; retira-se tudo de quem quer reclamar alguma coisa. Que seja bem essa a nossa maneira de agir. Em S.C..., há um Diretor que é um homem muito recomendável; mas dê-lhe um capelão intransigente no tocante a seus direitos e tudo estará exposto a perigo.

"Sem os Oblatos," me dizia M. L..., "o patronato teria expirado." O capelão, o Padre D... sobe ao púlpito para dar sua instrução. - Meus filhos, diz o Diretor, - eis o que o Padre tem para lhes dizer, isso, aquilo e mais outra coisa... E ele continua nesse estilo durante uma meia hora. Depois o bom Padre desce do púlpito sem abrir a boca. O Diretor, um leigo, desrespeitou os direitos do capelão? Trata-se disso mesmo! Ele disse coisas boas, está satisfeito, as crianças estão contentes e o capelão também está realizado, pois ele vê que o bem está sendo feito. Ele está mais satisfeito do que se tivessee pregado o mais belo sermão do mundo.

É uma tática bem importante a observar nas obras; o Senhor tem uma Comunidade de mulheres para dirigir; deixem que as que estão encarregadas, façam tudo o que não for mal, tudo o que não for demasiadamente enorme, mesmo não sendo pouco. Acreditem-me, não diminuiremos a nossa autoridade, bem pelo contrário. Façam assim mesmo, pois alem de nós não haverá talvez ninguém que o faça; pois bem, então será a nossa especialidade.

Sendo eu Oblato de São Francisco de Sales, prefiro apresentar a minha prestação de contas ao Superior a deixar-me atacar por ele; é mais cômodo para ele e para mim. Os Senhores assim obrigarão o Superior a cumprir o seu dever e o facilitam para ele; os religiosos fazem bem ao ajudar o Superior. Contem a ele o que lhes concerne simples e despretensiosamente: O Senhor esquentou a cabeça contra fulano, contra beltrano; é pouco cordial nisso, naquilo; diga-o. São Francisco de Sales prestava as contas todas as noites ao Padre Miguel e confessava-se humildemente. Animem-se bem a essa simplicidade, a esa candura; tenham todos os mesmos sentimentos e dediquem-se bem à prática da prestação de contas; eu os empenho a isso com insistência.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE FEVEREIRO DE 1890

O QUE SE DEVE FAZER CADA ANO

"Todos os Oblatos de São Francisco de Sales renovarão suas promessas e seus votos no dia 21 de novembro, festa da Apresentação de Nossa Senora."

A Apresentação é para nós uma grande festa; é um momento de renovação. Muitas comunidades religiosas dispõem-se a ela por meio de um retiro para preparar-se à renovação dos votos; é um costume muito bom.

"Cada ano farão os exercícios do retiro, prescritos por São Francisco de Sales. Esses exercícios durarão de cinco dias no mínimo a dez ao máximo. Conformar-se-ão ao método e aos ensinamentos oferecidos por São Francisco de Sales e por Santa Joana Francisca de Chantal e farão empenho por conservar o espírito desses Santos Fundadores, tanto no que diz respeito à Confissão quanto ao tocante à presença de Deus, ao tempo e ao método da meditação. A prática fiel desses exercícios conservará o espírito da Congregação e lhe porporcionará frutos abundantes."

Olhem o que dizem em Roma; a nossa Regra, pois, é aprovada em Roma. Não devemos admitir um tempo de retiro maior do que de dez dias; esses já representam um cansaço assaz grande.

Qual é o meio de fazer bem o retiro? É de observar bem o regulamento do retiro, de ir de um exercício a outro com simplicidade, como está prescrito; significa também preparar-se à tentação, porque sempre que a alma há de ser gratificada pelo Bom Deus com algum favor especial, sofre primeiramente penas espirituais. Também, ao fazermos nosso retiro ou dirigindo o de outros, precisamos cuidar muito de nos alimentar e nos animar com este pensamento de São Francisco de Sales de que o que produz o fruto do retiro são os próprios exercícios do mesmo; no retiro, não há necessidade de procurar outros meios de santificação do que fazer bem, um depois do outro, cada um dos exercícios que o compõem e de aceitar de bom grado cada um dos sofrimentos que aí se encontram. Nosso Senhor Jesus Cristo não nos resgatou por meio de pensamentos sublimes, por atos portentosos, mas por seus sofrimentos, por seu desamparo. Se o Bom Deus,

no retiro, lhes enviar luzes vivas, consolações sensíveis, será muito bom; os Senhores aceita-las-ão reconhecidamente; mas se não tiverem nada disso, se o espírito lhes ficar árido, esforçar-se-ão por unir bem sua vontade à do Bom Deus; se a alma lhes estiver até atormentada, gritarão a Nosso Senhor do meio das ondas e da tempestade: Domine. salva nos, perimos (Mt 8,25) (Senhor, salva-nos, que perecemos). Não devem formar-se uma idéia falsa do retiro e considerá-lo um tempo em que acontecerão coisas extraordinárias e raras. Façamos bem o retiro no espírito do nosso Santo Fundador; que não haja nada de forçado, de constrangido. Não quero dizer que se deva encarar o retiro bem descansadamente. Não, cabe ali exatamente a mortificação, mas vão ao Bom Deus simples e suavemente. Que o próprio retiro se realize a si mesmo. Descansem junto ao Bom Deus e nesse repouso receberão as graças e as luzes que lhes são necessárias para o resto do ano. Eu não reprovo os que fazem o retiro num espírito diferente; podem ter resultados excelentes; eu não os julgo, porque, diga-se de passagem, é bem difícil ver igualmente com bons olhos práticas completamente contrárias às nossas, um ensinamento que não é nosso, e por conseguinte é bem difícil julgar imparcialmente o que se faz noutro lugar. Quanto a nós, não ajamos diferentemente do que eu lhes disse. Exaltar-se excessivamente a imaginação com grandes verdades, impressionar-se por considerações assustadoras, é bom talvez, mas quanto tempo dura isso? Qual é o resultado permanente disso? O diabo se vinga e volta com sete outros espíritos piores (cf. Mt 12,45), e o estado do pobre paciente torna-se mais lamentável do que antes. Eu digo isso devido à minha longa experiência. Como São Paulo, eu não lhes direi que é preceito do Senhor, preceptum Domini (cf. 1 Cor 7,25); mas estou convencido do que é o espírito do Senhor, spiritus Domini.

De tudo isso podem os Senhores concluir como o retiro é uma coisa importante e séria; é o fundamento de todo o ano. É uma advertência valiosa que estou dando a todo o mundo: apeguemo-nos ao nosso espírito, aferremo-nos ao nosso Diretório. Tudo aí se encontra... Olhem o Padre B... pregando em Santo Urbano; ele aconselhou a nossa maneira de fazer meditação; o pároco de Santo Urbano e sua sobrinha que mora com ele, lhe dizem: "Agora sim, a meditação feita dessa maneira nós a compreendemos, é uma coisa boa, é prática, todo o mundo a compreende, não há quem não pode fazê-la... E daí, o Senhor Pároco sumamente contente.

Ora, o pároco de Santo Urbano não é um ignorante, nem um homem sem experiência. É esse o meio verdadeiro e e acessível de ir a Deus, como diz a Santa Igreja: Iter planum ac tutum (O caminho seguro e plano). Mas para pregar bem isso, é preciso compreendê-lo, e para compreendê-lo é preciso praticá-lo. Sejamos homens de Deus. Se Deus motiva todas as nossas obras, todas as nosss ações, todos os nossos pensamentos elevar-se-ão a ele; não é que se deva pensar constantemente em Deus, a gente ficaria louca; não tendo senão um só pensamento, uma ideía fixa, seria a loucura. Mas que tudo em nós rume para Deus, se eleve a ele. Certamente não seremos sempre fiéis, mas o Bom Deus perdoa muito. É uma coisa esplêndida esse meio que temos de elevar-nos assim incessantemente a Deus, pelo Diretório. A Boa Madre via nisso o meio de renovar o mundo. É preciso que compreendamos isso e que o façamos. Não convém sermos címbalos retinentes (cf. 1 Cor 13,1); o címbalo faz barulho, e é só. Não é o ruído que nós fizermos, não são as diligências da nossa vontade que produzirão algum bem. Deus não dará sua graça ao nosso estrépito e a nosso empenho. É preciso que o Bom Deus se torne nossa personalidade. Devemos sair de nós mesmos, de nossa pessoa, de nossa vontade. Sem isso não faremos nada. Eu volto muitas vezes às mesmas idéias; eu gostaria muito de ver os Senhores compenetrados delas.

Todas as cartas que eu recebo me mostram a confiança ilimitada que a gente tem para com os Oblatos de São Francisco de Sales. Admite-se a nossa doutrina sem nenhuma reserva porque se vê que é a verdadeira doutrina de São Francisco de Sales. Em toda a parte, agora se estuda mais São Francisco de Sales; a Igreja inteira, os Bispos, as Congregações religiosas sentem-se atraídos a ele. A gente nos observa. Olhem aí, dizem eles, pessoas que vêm dizer: A doutrina de São Francisco de Sales é a nossa doutrina e a nossa vida. Isso deve ser bem bonito. Mas se essa gente não está verdadeiramente compenetrada da doutrina de São Francisco de Sales, o que é que eles vêm fazer...? Sejam antes pedreiros, se é essa a sua profissão! Essa sensação generalizada que o pessoal tem para conosco nos obriga a uma grande vigilância. "Hilarem datorem diligit Deus" (2 Cor 9,7) (Deus ama a quem dá com alegria). Gozando liberdade de espírito e interiormente satisfeitos estamos bem e a gosto.

"Durante esses retiros não se poderá recorrer a nenhuma direção alheia..."

É Roma que diz isso. Ela não quer que durante os exercícios espirituais a gente se retire, por pouco que seja, da Comunidade e do seu modus vivendi (modo de viver); ela quer que, durante o retiro, a Confissão seja feita com um Oblato e que a gente se abstenha terminantemente de pôr-se, nesse tempo, sob a direção de um rligioso de uma outra Ordem, de um Padre Jesuíta ou de um Padre Capuchinho, independente dos conhecimentos ou da virtude que ele possa ter. É o retiro que dá o rumo ao ano inteiro, durante esse tempo não convém que a gente seja submetido a uma direção diferente daquela da Congregação.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE FEVEREIRO DE 1890

A MANEIRA DE AGIR PARA COM NÓS PRÓPRIOS

"Nós, Oblatos de São Francisco de Sales, assumindo como nossa profissão a imitação e a representação na terra da vida e dos atos de Nosso Senhor, devemos empenhar-nos por retraçar continuamente em nosso interior a imagem do Divino Mestre."

Retraçar a imagem do Divino Mestre é isso mesmo a missão que nos cabe. Entre as diversas Ordens religiosas, umas imitam a vida apostólica de Nosso Senhor, outras a pobreza dele, outras a mortificação ou sua vida solitária; nós nos comprometemos de forma especial a imitar as suas palavras, seus atos, sua maneira de ser e agir, a copiar em tudo as ações de sua vida. É esse o nosso objetivo. Não devemos fazer como os cristãos em geral, nem tampouco como os sacerdotes e os religiosos indistintamente, devemos imitar de modo especial a maneira de ser e agir de Nosso Senhor, devemos atuar segundo o que faz e conforme o que quer o Salvador. Essa idéia deve ser antes um pensamento habitual do que atual. Importa renová-lo de vez em quando e nos fazer esta pergunta: "Como é que Nosso Senhor quer que eu faça? Como faria ele no meu lugar?" É preciso que o crivo de nossas intenções, de nossos pensamentos, de nossas ações, seja esse critério. Não seremos Oblatos a não ser amoldando-nos segundo os pensamentos e a maneira de ver e agir de Nosso Senhor. A esse respeito eu quero lhes dar a todos uma advertência de suma importância. Essa obrigação de imitar Nosso Senhor, de nos manter unidos a ele pela prática do Diretório, é tal que, se a negligenciarmos decairemos pouco a pouco. A gente perderá o gosto, a sensibilidade, pelas coisas do Bom Deus, a qual acabará reduzida a nada. O diabo está ali, espreitando o momento; ele tenta, a gente quer fazer um esforço, mas, sendo que a vontade que se isolou de Deus está enfraquecida e abalada, a tentação é tanto mais temível e a gente cai. A vida do Diretório é uma garantia preciosa para a alma: "vasa lutea portantes" (cf. 2 Cor 4,7) (carregando vasos de barro). Que cada um pense bem nisso; que cada um se controle segundo esse princípio; que cada um veja qual a sua posição e se julgue.

"Abster-nos-emos dessa liberdade nos olhares que poderia evidenciar leviandade e falta de espírito de sacrifício, especialmente na igreja e durante as funções sagradas."

Importa cuidar dos olhares simples, conveniente e modestamente, sem nada de extraordinário, singular ou esquisito. Observem isso em toda a sua maneira de ser, bem como nos olhares. É preciso que a nossa mortificação tenha a aparência de muita naturalidade; que não apareça o esforço, que nada acuse constrangimento. Cuidem disso particularmente na igreja, nas reuniões e nas ruas. Os Senhores se observem quando estão na presença de gente. O pessoal é mau e está sempre disposto a interpretar mal o que vê nos Senhores. Julgam sempre muito severamente um sacerdote, um religioso, sobretudo quem não é modesto, pouco reservado nas olhadas. Devemos olhar naturalmente, sem chamar a atenção por fazê-lo, ou melhor, ver sem olhar. Na igreja e nas reuniões de mulheres e moças, tenham maneiras desacanhadas e muito simples, nem manifestem uma liberdade excessiva nos olhares. Isso seria uma qualificação muito lamentável com referência a um sacerdote ou um religioso. Hoje em dia há tantas coisas indecentes nas praças públicas, por toda a parte onde se vai, que convém não parar diante de vitrinas e cartazes.

"Evitaremos com cuidado as negligências, o desleixo nas atitudes, lembrando-nos que nos encontramos sempre sob o olhar de Deus."

Que não haja nada de afetado, nem de desajeitado ou de forçado em nosso modo de andar. Deve-se evitar relaxamentos, como andar bamboleando-se, movendo os pés, braços, a cabeça de um modo estranho, contrário à atitude correta. A Boa Madre dizia que há muita cortesia na França, mas que, para encontrar a polidez completa, é preciso ir em meio aos religiosos. Ali, tanto no comportamento, quanto nas palavras, a gente tem respeito para com os irmãos e os semelhantes; evita-se incomodá-los, a gente se esforça por ser-lhes agradável. Um bom religioso pratica isso com toda a naturalidade.

"O nosso caminhar, os gestos, nossa maneira de ser corresponderão em tudo à gravidade e modéstia religiosas."

O antigo Superior do Seminário Menor de Troyes nos educava com estas palavras do Concílio de Trento que ele repetia sem cessar: "Nihil

nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant" (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espírito religioso). Ele estava nas últimas e inconsciente, uma meia hora talvez antes de dar o último suspiro; cheguei perto de seu leito e, tomando-lhe a mão, eu disse ao ouvido, imitando a entoação de voz que tantas vezes eu tinha ouvido: "Nihil nisi grave..."
Essa palavra o fez voltar a si e ele apertou a mão com carinho. Se o Concílio de Trento estabeleceu essa norma de conduta para os clérigos, com mais razão ainda os religiosos deem observá-la.

"Nosso modelo será São Francisco de Sales cuja simplicidade e mansidão procuraremos imitar."

O que o nosso Santo Fundador sofreu para chegar a isso, só ele sabe. Imitemo-lo. Tudo o que fizermos nesse sentido fará com que avancemos em santidade e nos será creditado para o céu; isso certamente é a nossa mais bela recompensa. Não temamos, pois, de sofrer todos os dias, de renunciasem cessar a nós mesmos nesta luta contínua. Peçam insistentemente ao Bom Deus a graça de compreender isso.

"Observar-se-á na roupa a decência, a limpeza convenientes e manter-se-á afastados tanto o relaxamento e a falta de asseio, como o que cheira a afetação e o espírito mundano."

É preciso mantermos a roupa bem limpa, tanto por espírito de pobreza, quanto por espírito religioso. São Paulo conjurava os primeiros cristãos "per modestiam Christi" (2 Cor 10,1), pela compostura de Cristo, pela atitude, pela maneira de ser de Nosso Senhor, na sua conduta, no seu modo de andar, na sua roupa. Tratemos de imitar esse comedimento tão admirável que impressionara vivamente os primeiros cristãos.

Para manter a roupa limpa, há certos pequenos recursos que já indiquei. Para eliminar uma mancha de barro, não peguem uma escova, mas um pedaço de malha de lã ou de pano, a mancha estando seca; o Senhor conseguirá que desapareça pronta e completamente. A lã tem algo de penetrante e esponjoso; batendo levemente sobre a mancha, pondo um pouco de água se for preciso, consegue-se limpar a roupa perfeitamente, a não ser que se trate de manchas de óleo ou de graxa. É um pouco de sacrifício todos esses cuidados minuciosos; ofereçam-nos ao Bom Deus.

"Terão um cuidado todo particular de suas roupas, dos livros, dos móveis para seu uso, sabendo que os pobres mais do que os outros se vêem obrigados a conservar o que lhes é confiado."

O cuidado, a ordem, a boa arrumação das coisas é uma virtude religiosa; é uma qualidade que para uns é natural e para outros não o é de maneira alguma; estes devem esforçar-se por praticá-la porque são religiosos.

Se isso lhes custar, terão também o mérito correspondente.

"Na comida a gente evitará deixar-se dirigir pelo gosto e praticar-se-á a mortificação indicada pelas Constituições."

Nunca se deve tomar uma refeição sem mortificação. muitas vezes o repito; essa mortificação pode ser negativa ou positiva. Negativa, se a gente se priva um pouco de alguma coisa da qual gosta; positiva, tomando um pouco mais daquilo que menos agrada. Apliquem-se fielmente a isso para orientar-se à vida sobrenatural, à vida com Deus. Fortifiquem o espírito à custa da matéria; trata-se de uma prática que dá força e proporciona graças de maneira espetacular. Era o grande meio dos Santos Padres. Observem o que eles dizem sobre o jejum nas leituras do Ofício. O jejum, a privação na comida, dá energia espiritual e compreensão das coisas de Deus. Quando o nosso Santo Padre, o Papa, tem alguma questão importante a resolver, quando precisa da luz do Espírito Santo, ele prescreve jejuns. É um meio importante de obter luz. Privar-se de alguma coisa material é sempre recompensado por uma iluminação, por uma graça de luz; isso aproxima a gente de Deus e comunica idéias celestes.

Eu recomendo muito a todo o mundo o que acabo de dizer neste Capítulo. Vigiemos muito a nós mesmos, cuidando de nossos olhares; velemos sobre os olhos, as palavras, os gestos e nosso modo de andar; não nos deixemos levar pelas inclinações da natureza. Se não subirmos a correnteza com energia, seremos logo arrastados para longe e não teremos nada, nenhuma firmeza para nos manter.

A Quaresma está aí. Passemo-la bem com essa mortificação dos sentidos, do gosto, de nossa atitude. Façamos essa oferenda a Nosso Senhor. Desse modo seremos semelhantes a ele, seremos seus íntimos, seus amigos e ele nos oferecerá o que dá aos amigos.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 5 DE MARÇO DE 1890

A MANEIRA DE AGIR PARA COM NÓS PRÓPRIOS

"Terão um cuidado todo particular com suas roupas, livros, e móveis para seu uso, sabendo que os pobres mais do que os outros se vêem obrigados a conservar o que lhes é confiado."

Não só se precisa de cuidado em conservar o que nos está confiado, livros, roupa, mas se necessita também de devoção, de carinho. Não são coisinhas quaisquer que estou lhes dizendo, pois pertencem às condições de vida do bom religioso. Sem dúvida, elas nos subjugam muito, mas para nós é uma obrigação sujeitar-nos a elas. Devemos também contentar-nos com o que temos, não acrescentando nada ao que nos é absolutamente necessário. Somos obrigados à pobreza assim como à obediência e à castidade. Também devemos acautelar-nos para não nos deixar levar pelos gostos e desejos pessoais. Importa que falte sempre alguma coisa; então não falta Deus. Deus preenche o vazio que em nós se formou. Visitando o quarto de Dom Bosco, me chamou a atenção a pobreza que aí reinava. A mesma sensação se tem ao entrar na Visitação, pois ali não se vê nada a não ser o necessário. Para compreender bem isso é preciso tirar a experiência. Que cada um, então, tome, nesta semana, boas resoluções a respeito, que isso faz parte das nossas obrigações, como para o Cartuxo o dormir sobre tábuas.

"Na comida a gente evitará deixar-se dirigir pelo gosto e praticar-se-á a mortificação indicada pelas Constituições."

No refeitório nunca se deve esquecer a mortificação; se a gente faltou, deve-se reparar isso na refeição seguinte ou fazer uma outra penitência.

"Os Oblatos lembrar-se-ão que, devendo praticar o Diretório proporcionado por São Francisco de Sales, não se podem permitir que seus pensamentos andem dispersos, ocupando-se com assuntos inúteis e vãos, menos ainda perigosos; sua conversa deve ser celeste e não mundana, fútil e descomedida."

Não temos o tempo à disposição para os nossos pensamentos divagarem sobre assuntos perigosos, lógico, nem tampouco sobre coisas inúteis que não levam a nada; o Diretório o proíbe. Importa estarmos ocupados com as coisas que Deus manda, com os assuntos que nos podem ser úteis. Os pensamentos determinam a vida do homem; se as idéias giram em redor do amor próprio, da sensualidade, a vida sofrerá as conseqüências; pensando em Deus, refletindo com Deus, viveremos também para ele e com ele.

"Eles não esquecerão que o constrangimento que são obrigados a se impor para praticar integralmente as Constituições faz parte essencial das mortificações regulares da Congregação e que é assim que suprimos os exercícios de jejum e abstinência de muitas outras Ordens religiosas que edificam a Igreja pela penitência de sua vida."

Essa sujeição é uma exigência muito pesada, muito incômoda. É mais fácil fazer uma vez uma mortificação maior, apliclar-se às disciplinas do que dar-se constantemente alfinetadas. Não por isso que a nossa vida seja menos meritória, nem menos unida com Deus do que a dos outros religiosos. O hábito de sacrificar-se assim sustenta a vida. Aquele que sempre fica sentado num canto, fica com cãimbras nas pernas, torna-se duro de frio e se aborrece; é mais agradável e mais sadio escalar uma montanha. O Padre Capuchinho que presidia a última comissão, encarregada de revisar as nossas Constituições, achou que não havia bastante sacrifícios corporais em nossas Regras e ele queria acrescentar outros; a Santa Igreja, no entanto, julgou que a mortificação nas pequenas coisas era digna de aprecio e meritória, pois nada modificou a não ser que nos recomendaram pregar a penitência aos outros. São Francisco de Sales praticava pessoalmente duras penitências e essas austeridades não faziam com que diminuisse a sua mortificação contínua. Vamos tomar, pois, a boa resolução de observar bem a nossa Regra, apegando-nos cordialmente a ela e fazer o propósito de ser pontualmente fiéis a todas as pequenas submissões que ela nos pede. Passemos assim a nossa Quaresma, para que possamos corresponder às intenções divinas para conosco e para que nos surjam vocações. Tenhamos esta como intenção toda especial durante a Quaresma. Será bom que cada um renove todas as manhãs a sua intenção e seus bons propósitos.

Deus seja bendito.

CAPÍTULO DO DIA 12 DE MARÇO DE 1890

AS RELAÇÕES MÚTUAS ENTRE OS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

"A fim de conservar a caridade e a união fraterna todos os Oblatos terão muito respeito mutuamente e o manifestarão reciprocamente de uma maneira simples, cordial e afetuosa."

"Muito respeito", é essa a condição da caridade. Como se faz para ter muito respeito? Em cada um há alguma coisa de bom, alguma coisa que nós não temos e, nesse sentido, o próximo é superior a nós mesmos. O Bom Deus julga todos os corações. Quem se aprecia a si mesmo mais do que um outro, pelo menos é sumamente imprudente. Atos exteriores não bastam para nos servir de base para julgar; por mais defeituosos e repreensíveis que sejam em muitas oportunidades, isso não dá direito de julgar desfavoravelmente da intenção. Atos exteriores maus podem provir de ignorância, de falta de capacidade ou de reflexão; alguma vez pode ser uma permissão por parte de Deus, que deixa numa certa cegueira fulano ou beltrano, que normalmente têm um bom juízo. O Bom Deus não dá a todos as mesmas graças. É, pois, extremamente temerário julgar o próximo. Em termos gerais, julgar mal do próximo por motivo de um erro que se viu cometer é uma falta de caridade. Devemos respeitar cada um. Especialmente tenhamos muito respeito - digo de passagem - para com as pessoas das quais estamos encarregados. Respeitemos sempre as crianças, os alunos; respeitemos-lhes a inocência, isso é óbvio, tratemo-las sempre com fina delicadeza e coloquemos esse respeito como pano de fundo em todos os nossos relacionamentos com eles, com os jovens, com todas as pessoas com quem temos contato. É um meio infalível de relacioná-los com Deus e uni-los a nós. Esse acatamento que devemos manifestar a todo o mundo, com mais razão ainda devemos cultivar entre nós mutuamente. Eu repito: cada um dos outros tem alguma coisa que nós não temos, algo pelo qual ele nos supera. É, portanto, muito arriscado julgar mal do próximo; é uma grande imprudência. Os Senhores vão ver mais tarde; eu, que me aproximo da velhice, já vi muitas coisas, descobri que os que prontamente se permitem formar juízos desfavoráveis sobre outros, eles mes-

mos caem em erros bem grandes. Os Senhores, sem dúvida, são capazes de julgar os fatos que vêem, mas o mérito ou demérito real de cada um pode ser apreciado somente por Deus. Quando os Senores usurpam as atribuições de Deus, ele fica descontente e se prepara a julgá-los segundo a medida que aplicam para os outros. Isso, aliás, é a palavra de Nosso Senhor (cf. Mc 4,24). Que isso faça com que os Senhores quardem muito respeito com relação ao próximo; "respeito" é o termo da própria Regra. Isso não quer dizer que se deva tratar os inferiores com a deferência que se manifestaria diante de um Superior; mas tratem-nos de uma maneira simples, cordial, que faça sentir a apreciação, a simpatia. É nada menos do que a primeira página da história do cristianismo: "Vede como se amam," diziam falando sobre os cristãos (Tert. Apol. 39). É com isso que a Igreja converteu o mundo; os meios de outrora continuam sendo bons, não pensem em modificá-los.

"Eles evitarão ao mesmo tempo todo o tipo de amizade particular como também toda a espécie de aversão."

Um religioso deve querer bem todos os seus irmãos, como numa família se deve compartilhar com todos o amor. Que se experimenta um pouco mais de simpatia para um irmão mais virtuoso, é uma coisa natural; mas se essa preferência se dirige a um determinado qualquer, isso não é tão sobrenatural. No caso que o Senhor mais aprecia um dos seus irmãos porque o vê correto, piedoso, fiel a todas as observâncias, pontual, está bem; é porque o Senhor mesmo é fiel ou deseja sê-lo. Mas se a sua simpatia se dirige àquele que não é fiel, nem pontual, enquanto pouco piedoso, então é um mau sinal; isso primeiramente indica que o Senhor não vale mais do que a pessoa de sua preferência. Que cada um, portanto, queira bem os seus irmãos, mas sem que haja preferência acentuada, nem aversão; isso é totalmente contrário ao espírito de comunidade. Essa caridade para com todos não pode faltar. Aí se aplica novamente a palavra tantas vezes repetida que outra vez lhes repito: O que mais custa, mais vale. Se for preciso, que seja essa uma das nossas mortificações da Quaresma.

Com referência à Quaresma, eu lhes relembro a obrigação nossa de observá-la. A nossa Quaresma não é muito rigorosa no que diz respeito às mortificações externas; que seja rigorosa pela prática fiel da Regra. Isso não desagradaria ao Bom Deus, se passássemos a Quaresma pra-

ticando a caridade, a cordialidade para com os nossos irmãos; teríamos mérito dobrado, porque praticaríamos duplamente a virtude: a mortificação e a caridade.

"Todos respeitarão e honrarão aos Superiores; não passarão nunca por eles sem saudá-los, jamais os interromperão quando lhes falam e nunca os contradirão. Nas palavras e procedimentos sempre terão uns para com os outros a deferência e as conveniências devidas, especialmente para com os sacerdotes."

Tudo isso é elementar. Cada um deve respeitar os Superiores, não por causa de qualidades, virtudes ou talentos deles, mas porque são os nossos Superiores, porque estão revestidos de uma autoridade que vem de Deus. Não é o homem, é Deus que é o Superior; o homem somente representa a autoridade, o amor de Deus, o verdadeiro e único Superior. Fiquei muito impressionado no caminho a Pierre-qui-Vire; eu vinha vindo de Avallon a pé, subindo a montanha; uma parte do caminho acompanhei o Padre Prior. A um quilômetro mais ou menos do mosteiro, os Noviços nos vieram ao encontro; o respeito deles, a atitude que evidenciava sua alegria ao reverem o seu Padre me impressionou profundamente. Continuávamos caminhando e o tabelião de Quarré-les-Tombes nos encontrou. - Padre, disse ele ao Prior, - se não houvesse paraíso, o Senhor seria bem logrado, depois de tudo o que faz para ganhá-lo. - Para nós, o paraíso já existe aqui na terra. - Como? - Sim, olhe a felicidade desses jovens, observe como todos nos queremos bem e diga se não somos bem felizes desde já aqui na terra. O tabelião ficou um pouco vermelho: - É verdade, mumurou ele.

Mostremos muita deferência uns para com os outros. Quando não somos da mesma opinão - e não é fácil ser sempre da mesma convicção - evitemos bem o tom de contestação, ponhamos muita deferência nas palavras, nos procedimentos, de modo que, se estivesse ali um estranho, ele poderia edificar-se com isso; essa é a norma que sempre devemos observar; da mesma forma como nunca se deve escrever numa carta algo que não possa ser lido em praça pública.

"Os Oblatos não se aproximarão nunca para falar, nem se encontrarão sem saudar-se."

Não se trata de cumprimentar-se exageradamente, mas de forma

simples e cordial. Eu sempre tiro o meu barrete, quando encontro um dos nossos Padres. Façam isso, a não ser que se encontram juntos no mesmo serviço, tendo que passar constantemente um na frente do outro. Se o Senhor está impedido ou não tem tempo de descobrir-se, incline pelo menos a cabeça. Observem bem o seguinte. Quando dois se encontram, pouco importa aonde se dirigem, se precisam falar um ao outro, dêem-se conta de que outros observam imediata e mui atentamente a atitude que os Senhores assumem um frente ao outro e reparam a maneira com que os Senhores se tratam mutuamente. É espontâneo. A gente logo analisa isso e forma sua opinião.

"Ter-se-á o cuidado de manter continuamente o silêncio, menos na hora do recreio. Quando for necessário dizer uma palavra com referência a um trabalho, se o fará breve e baixinho, especialmente na igreja, na sacristia, no dormitório e no refeitório."

Não sei se somos lá grandes observadores do silêncio. Ponhamos isso um pouco no nosso orçamento da Quaresma: "Utamos ergo parcius verbis, cibis et potibus" (Façamos, pois, menos uso de palavras, de alimentos e de bebida). Sobre a entrada do claustro dos Cartuxos está escrito: "Sol, si, vi, permanet Carthus in vi", isto é "Solitudine, silentio et visitatione...; é pela solidão, pelo silêncio e pelas visitas que o Cartuxo se mantém no fervor e não precisa de reforma. Os Cartuxos observam continuamente o silêncio, com exceção dos dias de passeio. Um dos meus colegas de aula no Seminário, que morreu no segundo ano, não tinha dito nunca uma só palavra durante o tempo de silêncio, apesar de que se procurava que ele falassse; morreu como um santo. Seria bom controlarmos, durante nossos exames de consciência da manhã e da noite, como observamos o silêncio e fazer disso também um dos nossos pontos de atenção para a Quaresma: "In multiloqui non deerit peccatum" (Pr 10,19) (Não pode faltar o pecado num caudal de palavras). Nunca se deve falar na igreja, a não ser num caso de muita necessidade. Mantenhamos bem o silêncio na sacristia, no dormitório, no refeitório; tomemos a peito o silêncio. Entre os Padres do deserto, os anjos vinham falar com os religiosos fiéis ao silêncio. Observar o silência comunica a Deus, nutre e fortalece o espírito. Na prática do silêncio encontra-se a beleza, o esplendor da vida religiosa: "Regnum Dei intra vos est" (Lc 17,21) (O Reino de Deus está no meio de vós). Os Senhores terão o paraíso dentro de si.

CAPÍTULO DO DIA 19 DE MARÇO de 1890

OS RELATOS DOS CAPÍTULOS
RELACIONAMENTO MÚTUO ENTRE OS OBLATOS DE S. FRANCISCO DE SALES

Eu desejo muito que as redações dos Capítulos sejam feitas com a maior fidelidade e que sejam enviadas a todas as nossas casas, a fim de que a gente se conforme bem, em toda a parte, de acordo com o que digo aqui.

É muito importante que a gente se prenda bem firmemente ao sentido que eu dou às Constituições e ao Diretório. As nossas casas se desenvolvem. Olhem, escrevem-me de Riobamba que já há jovens postulantes. Não deve acontecer que o título de Oblato de São Francisco de Sales seja somente um nome, um rótulo: não se deve expor os nossos Padres das casas longe daqui, a seguir cada um seu próprio parecer. Se a nossa Regra exterior fosse severa e austera, seria mais fácil ser um bom religioso: enxergar-se-ia claramente os que praticavam a Regra, os que usariam meias ou sapatos em vez de caminhar de pés descalços, os que comiam em vez de jejuar. É imprescindível que nos esforcemos tanto a ponto de compenetrar-nos bem do espírito das nossas Regras. Se cada um vai seu caminho isoladamente, cada um, apesar de suas melhores intenções do mundo, correrá o risco de fazer com que a Congregação vá a pique.

Durante quarenta anos eu via de perto a Visitação, via como tudo era feito, eu via o espírito de obediência que reina ali. Não convém que cada um pense ter razão: é preciso escutar o Superior, importa agir por obediência; é o único meio de conservar o espírito da Congregação. E o que digo a respeito de mim, o digo com relação ao Superior que me suceder.

Será preciso que ele seja verdadeiramente Superior, que ele interprete a Regra e que todos se conformem às interpretações dele. Eu recomendo muito que o Superior não seja somente Superior de nome, que ele tenha mesmo todas as prerrogativas do Superior: que cada um trabalhe no sentido da obediência indicada. Não há por que preocupar-se; isso não é difícil: basta que cada religioso seja bem fiel o Diretório, às Constituições, à obediência. Deus dará a luz aos que ele encontrar

fiéis.

Será bom continuar a enviar, como já se está fazendo, os Capítulos do Superior Geral a todas as casas. para que o mesmo espírito reine em toda a parte. Não convém que haja entre nós Pequenas Igrejas, igrejas na Igreja de Deus. Na Igreja, tudo emana do Papa e retorna para ele. É preciso também que no Instituto tudo saia do Superior Geral e volte para ele.

Reparem o que fazem os nossos Padres nas Missões. Acabo de recebar uma carta extensa do Padre Davi, que me dá os mínimos detalhes sobre os fatos e feitos deles e me pede as mais minuciosas instruções, submetendo tudo à obediência. O Padre Simon faz a mesma coisa. É o meio para os nossos Padres que estão longe do centro da Comunidade de encontrarem algum apoio e algum conforto; é a maneira de não errar o caminho e de ser verdadeiramente fortes e alcançar os seus objetivos. Também os nossos Padres Missionários estão seguros de não desgarrar, e eu receio menos algum perigo para eles do que para os nossos Padres nos Colégios.

Será muito bom mandar adiante a redação exata dos Capítulos: que em cada casa a leiam bem fielmente, que ela constitua a base dos encontros semanais.

Em certos ambientes é muito difícil manter o espirito religioso, por causa da vida de dissipação na qual, às vezes, a gente se vê jogada. Assim eu constato que em Paris é muito difícil haver religiosas; eu observo isso com as Oblatas. Pouco a pouco perde-se de um lado o que se adquire de outro... Olhem os Padres Jesuítas, eles fazem bem isso, eles concentram a formação religiosa neste ponto: a obediência e o respeito por tudo o que vem do Superior. O sistema deles é este: tudo o que vem da Congregação está bem feito e é para o melhor.

Lança-se-lhes em rosto de ser exclusivos; a gente se engana um pouco, não é por serem exclusivos que são o que são. Tenhamos nós a firme convicção de que qualquer outra coisa que faríamos não seria tão boa, enquanto diverge do que diz o Santo Fundador; sem isto não cumpriremos a finalidade da Congregação. Nós somos obrigados a ser muito mais religiosos do que todos os outros religiosos, já que não temos os meios exteriores que os demais possuem.

Que o Secretário do Capítulo faça constar isso claramente na redação do Capítulo de hoje. Durante todas as reuniões, em cada uma das

nossas casas, a gente lerá o relato dos Capítulos do Superior Geral. Não são conferências redigidas, bem escritas, bem eloqüentes; é a instrução muito simples e bem familiar, é a explicação da Regra. Olhem, aliás, o próprio Evangelho: será que é um tratado, será que se trata de uma série de Conferências? São as palavras do próprio Salvador, são fatos, são ações e seus milagres. Olhem o Diretório de nosso Santo Fundador; não é um Código de moral e de conduta, elaborado em capítulos, com uma dedução lógica, rigorosa, de um artigo para outro, como nas obras de Moral e os livros devocionais. É muito notável que todas as legislações primordiais apresentaram essa forma simples e familiar: só mais tarde deram lugar a interpretações sábias e metódicas.

* * * * *

"Ter-se-á o cuidado de manter continuamente o silêncio, menos na hora do recreio. Quando for necessário dizer uma palavra com referência a um trabalho, se o fará breve e baixinho, especialmente na igreja, na sacristia, no dormitório e no refeitório."

A gente deve se acusar das faltas contra o silêncio nas "Culpas" e na Confissão e deve-se pedir por isso uma boa penitência. Não seremos religiosos enquanto não observarmos o silêncio; não se tem o Bom Deus consigo: In multiloquio non deerit peccatum. (Pr 10,19) (Não pode faltar o pecado num caudal de palavras.) A abundância de palavras manifesta um espírito leviano que não vale muito. Quando não se pode viver em silêncio, só com Deus, e a gente se vê obrigado a tagarelar para alimentar-se o espírito, é bem triste.

Se a gente necessita de dizer uma palavrinha na igreja, que seja brevíssima.

"Seja onde se falar, e mesmo durante o tempo de recreio, evitar-se-á gritaria e o tom de contestação, que proporcionariam pouca edificação aos irmãos e aos de fora."

É muito importante que se evite levantar a voz. Verdade é que a conversa pode se esquentar um pouco; mas não se grite; deve-se evitar altercações. Olhem o caso de surgir uma discussão entre o Senhor e um dos seus irmãos; o Senhor se dá conta; será que deve-se interromper abruptamente? Não faça isso, o Senhor poderia melindrar seu irmão; mas termine a conversa caridosa e cordialmente, ou desvie o assuto; finalize com uma palavrinha agradável; sobretudo, evitem cuidadosamente toda

a contestação; São Francisco de Sales dá máxima importância à cordialidade no relacionamento mútuo.

Evitem fazer barulho ao caminhar, abrindo ou fechando as portas. Deve-se caminhar de modo bem natural, de maneira muito simples, mas não de um jeito ridículo para
não fazer barulho: não convém tomar precauções infantilmente exageradas.

Na cela própria deve-se cuidar para não fazer barulho. No refeitório tenham movimentos bem calmos.
Um dia eu dei uma grande satisfação ao Padre Thibaut, Superior do Seminário Maior de Dijon. Ele me perguntou o que eu pensava sobre o comportamento de seus seminaristas. Era depois do jantar. Eu lhe disse que opinava que havia ali muita gente que tinha comido a sopa sem fazer o mínimo ruído. É sinal de um espírito recolhido.

Se seminaristas fazem isso, religiosos podem realizá-lo. Se não somos capazes de fazer pequenas coisas, não seremos aptos a executar as grandes. Quando a árvore não carrega flores, não terá frutos tampouco: A fructibus eorum cognoscetis eos (Mt 7,16) (Pelos frutos os conhecereis).

Poder-se-ia dizer que é ainda mais pelas flores, que se reconhece os religiosos - as flores, isto é, essas delicadezas, essas atenções para ser fiéis nas mínimas coisas.

Que me compreendam bem. Que se faça tudo com a perfeição da cortesia do mundo, acrescentando-lhe a noção da presença do Bom Deus, a caridade, o respeito do próximo, os costumes religiosos. Isso é o que eu chamo de flores; e quando elas aparecem, pode-se esperar frutos bem logo: flores fructusque perennes (flores e frutos duradouros).

Não há religioso sem isso. Apreciemos bem a palavra que o Santo Concílio de Trento diz com referência aos clérigos: "Nihil nisi grave, moderatum ac religiose plenum prae se ferant" (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espirito religioso). Se isso é norma para os clérigos, com maior razão ainda se aplica aos religiosos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE MARÇO DE 1890

RELACIONAMENTO MÚTUO ENTRE OS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

"Seja onde se falar, e mesmo durante o tempo de recreio, evitar-se-á gritaria e o tom de contestação, que proporcionariam pouca edificação aos irmãos e aos de fora."

Todas as vezes que os Oblatos de São Francisco de Sales se encontram juntos, é importante que se mostrem verdadeiros coirmãos e sinceros amigos em Nosso Senhor. Se há diferenças de caracteres, devem desaparecer diante da lei da caridade.

Não é que toda a discussão seja proibida: pode-se não estar de acordo e procurar entendimento sobre este ou aquele assunto. Em matéria de Letras ou de Ciências, o que é proibido é a crítica às pessoas; é também o caso nas discussões políticas.

Não leiamos jornais; há ainda Colégios onde são lidos. Eu o proíbo: que não sejam lidos. É muita perda de tempo essa leitura de jornais. O jornal político melhor não vale nada. É bom para a gente do mundo: é preciso, sim, que haja gente a combater dessa maneira pela boa causa, pois o jornalismo é tão influente hoje em dia. Se, mais tarde, alguém de nossos religiosos for encarregado pela obediência de colaborar num jornal político, ele o fará - exatamente como daria uma aula na sexta Série, ou então como plantaria cenouras ou repolhos, se o encarregassem disso. Mas eu quero terminantemente que, fora disso, se evite a leitura dos jornais políticos; é perda de tempo, repito, e sobretudo é uma grande humilhação. É o jornal que dirige os pareceres e as opiniões: a gente está à mercê do seu jornal. Não é verdade que a má imprensa dirige hoje o mundo? Há duas senhoras idosas ao lado de minha casa: elas estão sempre lendo o jornal quando eu passo. Lêem o Lanterne. Fariam melhor, rezando o terço. Alguns anos atrás, em vez de ler o Lanterne, durante a Quaresma, elas teriam lido o Evangelho. Mas os jornais conquistam tudo. Há um país que teria ficado muito bom e que está se perdendo de dia para dia: é a Suiça; essa nação se perde pelos jornais. Em Genebra cada homem inteligente tem quatro jornais, me dizia Dom Mermillod; ele redige um e

recebe três outros. O nosso recurso e nosso meio de ação, quanto a nós, não é a leitura dos jornais, é a oração e a nossa união com o Bom Deus. O Diretório, é esse o jornal nosso: aí é que nós aprendemos a ser sempre vitoriosos. Eu gostaria de inspirar-lhes horror ao jornal - isso em relação aos Senhores, entendam bem - pois seus penitentes precisam de jornais. Não tenham medo de aconselhar-lhes que leiam tal ou tal jornal bom. Mas, quanto a nós, mais uma vez, não os leiamos. Os Anjos de Paz se afastam, quando nós lemos jornais e não temos mais a assistência do Bom Deus. - Mas, Padre, o que o Senhor nos diz se parece muito a uma orientação para velhinhas... - Não, não para senhoras idosas, mas talvez para criancinhas. É uma linha de conduta muito conveniente, meus Amigos, a de fazer como crianças e de não nos meter no que não nos diz respeito.

Que haja, sim, em cada casa uma Revista. Os que precisam pregar, os que têm pessoas a dirigir, claro que não podem ignorar totalmente o que acontece e o que se diz. Que em cada casa haja, então, alguma coisa da imprensa local: "A Semana Religiosa" é suficiente, em geral, para informar-se sobre as coisas mais importantes do que acontece fora.

Mas não tenhamos nenhuma relação com jornais políticos, redigidos, na maioria das vezes, por gente pouco honesta; e como é bem aviltante vê-los tomar conta das nossas opiniões, invadindo a nossa vida.

"Não se deverá dizer ou fazer nada que possa ofender os outros, nem mostrar-se magoado por palavras ou atos deles."

Tanto espiritual como corporalmente há sempre algum aspeto mais fraco; quanto ao corpo, não somos muito fortes, sofremos umas vezes de um braço, outras da cabeça; espiritualmente também não faltam pontos menos desenvolvidos e assim com todos os que nos cercam. Há algum lado que fraqueja, seja na maneira de ver, nas opiniões, ou então na moralidade. Estando com seus irmãos, no que diz respeito às fraquezas deles, sejam atentos para evitar o que poderia causar-lhes desgosto. Se isso, mesmo assim, aconteceu, não deixem de dizer uma palavrinha para arrumar tudo de novo, uma palavrinha que os una ainda mais.

"Na conversação não se manifestará nunca repugnância nem patenteará dificuldades quanto à prática da Regra ou em relação à direção."

Isso seria uma grande falta. Devia-se confessar isso e acu-

sá-lo nas "Culpas" durante o Capítulo. Essas faltas comprometem a vocação e mesmo a salvação. Além disso, esse mal é epidêmico e uma queixa, confiada impropriamente, pode comprometer a vocação e a salvação de um outro. No primeiro ano em que eu estava no Seminário Maior, um dos meus colegas de curso, tocado pela graça, rezava com muitíssimo fervor. Um dia eu lancei uma gracinha a respeito no recreio. Não me lembro mais o que eu disse, mas não foi grande coisa. Padre Chevalier me repreendeu: "Nunca faça isso," me disse ele, "muito cuidado com isso, por uma palavra você pode destruir as atenções da graça divina numa alma e desfazer todos os seus efeitos." Essas palavras do Padre Chevalier me impressionaram muito e nunca as esqueci.

"Todos observarão o máximo sigilo sobre tudo o que for dito e feito no Capítulo, sobre as ordens dos Superiores e sobre assuntos da direção."

Ouvi comentários, de um certo lado, que se fala muito sobre uma coisa e outra, sobre o que foi dito, sobre o que foi feito, sobre o que se fará; não formulo disso, claro, uma repreensão amarga, pois pode ser o indício de um certo apego à casa, já que gostam tanto de falar sobre tudo o que lhes interessa. Mas, como a Regra proíbe esse tipo de conversa, é preciso falar de outra coisa. Sim, evitemos discorrer sobre isto ou aquilo, sobre esta ou aquela medida tomada, sobre a direção da Comunidade. Não são tanto os Professores que se ocupam desses assuntos, provém mais do lado do Noviciado. Eu vou dizer uma palavrinha, sexta-feira, sobre essa questão. Não é má vontade, eu o repito, fala-se sobre a Comunidade porque a gente está apegada a ela; mas respeitemos bem os limites indicados pela Regra.

"Ninguém causará o mínimo prejuízo à reputação dos Oblatos, especialmente dos Superiores. Proíbe-se toda a murmuração contra os irmãos, particularmente contra os Superiores. Evitar-se-á toda a censura e toda a reprovação do que se faz na Congregação. Observar-se-á essa norma também referente a outras Congregações Religiosas."

Está bem certo que os que prejudicam a boa fama dos seus irmãos são muito culpados. Esse tipo de faltas tem sempre um desfecho muito desastroso. Perde-se a vocação, o Bom Deus se retira. Por outro lado, a gente se retira dos que censuram e murmuram; que confiança, pois, po-

de-se depositar neles e que amizade séria pode-se manter com eles? Eu não vi um só religioso fazendo isso sem levar uma cruel punição. Não quero mencionar nomes, mas eu me lembro de dois u três Padres Jesuítas, por exemplo, que saíram do seu Instituto de uma maneira muito lamentável, e o início do seu afastamento eram os murmúrios e as queixas que faziam junto a sacerdotes ou leigos contra a sua Comunidade. O Bom Deus não abençoa nunca um filho que fala mal de seu pai ou de sua mãe. Se há alguma coisa que espinha a gente, procura-se o Superior; é muito raro que um religioso que tem um problema e que vem falar ao Superior com simplicidade, não encontre um grande conforto e uma orientação muito boa. Querendo seguir outro caminho, a gente se perde. Ontem recebi um anúncio impresso do Padre Gaittet, apresentando uma publicação: "Lembranças de um sacerdote romano que se tornou sacerdote ortodoxo russo". Ele elaborou um tratado para provar que a Igreja russa é a verdadeira. Era um homem distinto, um homem inteligente e de recursos, acima do comum; o que o levou até lá é o amor próprio, é o orgulho magoado. Ele teve que se queixar de vários coirmãos que julgaram que ele ia longe demais. Censuraram-no em Roma: não quis submeter-se e daí a rebelião aberta. Meus Amigos, é preciso serem muito fiéis.

"Ninguém indagará curiosamente acerca da administração da casa. Juntos não falarão sobre isso. Não se comentará a alimentação, nem a roupa, nem o cômodo para dormir. Esses assuntos não se tratarão nunca a não ser pelas pessoas encarregadas."

Devemos estar acima disso. Se a gente tem alguma coisa a reclamar, convém dirigir-se ao Ecônomo. Tomemos muito cuidado para não rebaixar-nos ao papel de um criado queixoso e dengoso.

"Evitar-se-ão as questões irritantes sobre política, sobre as diversas nações ou províncias. A gente acostumar-se-á a confiar unicamente na sabedoria e na onipotência de Deus nas coisas deste mundo."

Essa confiança em Deus é a prova de uma grande prudência: é retirar-se do vespeiro donde todo o mundo sairá picado pela exasperação própria da política; confiemo-nos àquele que só ele dirige tudo.

* * * * *

Enviando este Capítulo, o Secretário transmitirá a todos os

nossos Padres meus votos na ocasião da festa de Páscoa. Que cada um participe na Ressurreição de Nosso Senhor. Que cada um abandone o túmulo, a vida material, os estorvos, as misérias da natureza, tudo o que pesa e cansa o espírito e o impede de dirigir-se livremente a Deus.

Que Nosso Senhor dê a cada um de nós alguma boa aparição, para que possamos dizer com Madalena: Rabboni (Jo 20,16)! Depois da Ressurreição, Nosso Senhor dá de comer a seus discípulos, mas não lhes dá só pão seco: favus mellis (um favo de mel). Que ele faça com que experimentemos também algumas de suas consolações.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE ABRIL DE 1890

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA SEMANA

"Em cada casa, os Oblatos de São Francisco de Sales reunir-se-ão fiel e devotamente para as Conferências espirituais que se realizarão pelo menos uma vez por semana. Essas Conferências terão como finalidade especial a abnegação da vontade própria e da opinião pessoal."

As conferências semanais devem, de fato, tratar desses assuntos aí. Que se tome primeiro como texto para essas reuniões: a Regra e o Diretório, para que todos os nossos Padres saibam bem o que têm que fazer a cada instante. A prática da Regra e do Diretório é a execução de todas as virtudes recomendadas neste artigo. Depois de completar a Regra e o Diretório, pode-se tomar explicitamente a explanação dessas virtudes.

Todas essas virtudes são difíceis, mas são bem necessárias. Recomendo-lhes que se apliquem a elas. Estamos no início do Instituto, estamos abrindo caminho. Importaz marcharmos de passo firme.

"... a abnegação da vontade própria e da opinão pessoal..." É

uma virtude muito religiosa. Deve ser uma das mais estimadas na Congregação. É verdade, todas as Congregações religosas requerem mais ou menos as mesmas coisas, mas muitas outras têm meios exteriores que nós não temos. Tanto mais é preciso prendermo-nos à submissão da vontade e do juízo próprio.

"...o exercício da união à Vontade divina em todas as suas ações,..." Eu recomendo muito essa união à Vontade divina que se realiza sobretudo pela prática do Diretório. É preciso que o nosso recorrer a Deus seja contínuo, já que precisamos constantemente de sua ajuda.

"...a união fraterna, o zelo pela santificação própria e o progresso nas virtudes a nós recomendadas e, especialmente, a dedicação às pessoas às quais nos dirigimos em nossas diversas obras."

São esses os assuntos das Conferências. Todavia, quando o Superior percebe alguma coisa especial para tratar no que diz respeito à ordem da casa, uma virtude ou uma deficiência evidente, ele bem pode assumir essa questão particular e, em Capítulo, fazer as observações que ele julgar por bem, como as advertências relativas à obediência, à Regra ou ao Superior. Ele pode dedicar a isso o tempo todo da reunião de cada semana. Mas não seria bom que o Superior fugisse do programa que aqui lhe é traçado e que se pusesse a dar conferências sobre a Sagrada Escritura, sobre o exercício desta ou daquela virtude fora das indicadas, independente das virtudes próprias do nosso Instituto. Que cada um se conserve bem no nosso espírito; do contrário, não teria mais razão de ser no nosso meio. Uma ameixeira é uma ameixeira e não deve ser uma laranjeira, nem um pessegueiro. Que cada um ande bem no caminho que lhe é aberto para agir fielmente segundo os desígnios de Deus.

Eu repito: importa que as Conferências de cada semana se relacionem ao Diretório e às Constituições. Eis o tema de costume. Acidentalmente podem ter como assunto a prática de uma virtude mais particular, de uma observância. Não convém desviar daí. Que as Conferências sobre a vida religiosa sempre sejam feitas no sentido da vida religiosa propriamente nossa, do espírito dos Oblatos. Sejam bem fiéis a isso. Mantenham-se neste terreno; os Senhores não dispõem das graças para outra coisa: a sua missão, a sua jurisdição não vai além. Não digam que isso os estreita. Pelo contrário, nada é mais amplo e nada maior: os Senhores estão com o Bom Deus, já que a união à Vontade divina deve ser contínua; essas não são obras de um espírito humano estreito, as quais

os Senhores empreendem, mas a obra do próprio Deus.

"Além das Conferências sobre a vida religiosa, haverá cada semana colóquios sobre Dogma, Casos de Consciência, as dificuldades diversas que se apresentam no exercício das funções sagradas. O ensinamento de São Francisco de Sales será seguido especialmente nessas matérias e adotar-se-á particularmente a doutrina dele nos pontos por ele tratados nas suas obras."

Não chegamos ainda ao ponto de observar esse artigo das Constituições. Cada um está ocupado aqui e ali...

Estas Conferências dizem respeito às obras do Santo Ministério; e ainda não fizemos muita coisa nesse sentido. Quando formos mais numerosos, poderemos fazer isso. Da mesma forma, seria bom também que, de vez em quando, nos Colégios, se realizassem Conferências sobre o ensino. Eu desejo muito que nos tornemos bastante numerosos para ocupar-nos do Santo Ministério, para guiar as pessoas bem no espírito do nosso Santo Fundador. Ele tratou todas as questões teológicas, todos os aspetos da direção espiritual. Devemos apegar-nos à doutrina dele: ela é certa, ela é segura; não há nada a temer com ela. As pessoas que se fez entrar nesse caminho, compreendem e progridem. É, como diz a Santa Igreja, um caminho acessível e seguro. Estas Conferências, pois, seriam muito úteis, mas, de momento, quase não são possíveis. Que até lá cada um de nós se penetre da doutrina de São Francisco de Sales para a pregação, para a Confissão, para a direção espiritual. Estudem o que disse a Boa Madre e o que lhes digo eu mesmo. Não ajam fora dessa orientação. Como diz o Diretório: **"por melhor que pareça ser, e de fato seja, para eles não o será."** Nem para nós, nem para as pessoas que devemos conduzir.

"Todos os sacerdotes deverão confessar-se duas ou pelo menos uma vez por semana com um dos confessores da casa, designados para esse fim, e não com outros sem licença do Superior..."

A direção de um outro sacerdote, não sendo um dos confessores designados, não poderia levar a alguma coisa boa. Não convém ser como mulheres que não podem confessar-se com quem quer que seja. Podemos dirigir-nos sem distinção aos Padres da casa, designados para esse fim. Para ir a outra parte precisa-se licença. No entanto, que fique bem claro que as consciências permanecem sempre bem livres. Mas não se devia

tomar o hábito de confessar-se com sacerdotes fora do Instituto. Observem o que recomenda a Regra a respeito e o que, por conseguinte, é a lei da Igreja para nós, o sétimo Mandamento da Igreja para nós; e esse Mandamento tem tanto valor quanto os outros.

"Eles deverão celebrar a Santa Missa todos os dias, a não ser que haja um impedimento."

Se a gente está doente ou que uma viagem o impossibilita, não se pode celebrar a Missa; mas fora disso, não se deve nunca falhar. Tirar-nos-íamos um auxílio necessário; privaríamos os fiéis de edificação e a Igreja de uma ajuda da qual ela também tem grande necessidade.

Eu volto mais uma vez à Confissão... É uma obrigação para os Padres confessar-se com os Padres que estão designados para esse fim. É também uma obrigação para os Irmãos. Se, por acaso, um Irmão pede a permissão de confessar-se alhures, o Superior não lhe perguntará por quê.

Quanto à Confissão, é preciso deixar uma grande liberdade, aos Irmãos como aos Padres. Pedir licença não é uma sujeição violenta, é um ato de obediência exigido pela Igreja, exatamente para manter o espírito da Congregação. Os religiosos, as religiosas que não querem restringir-se a se confessar na sua Comunidade, que vão para fora, procedem mal; eles têm certamente alguma coisa às avessas no espírito; eles não têm a cabeça bem no devido lugar para viver em comunidade. É um vício anulante.

"Cada semana, todos praticarão um ou vários exercícios de penitência, como constam nas Constituições de São Francisco de Sales."

Já falamos sobre isso. Quanto às mortificações o refeitório, as que se destinam a humilhar não podem praticar-se nas casas onde não há refeitório da Comunidade. As outras se praticam na cela, de acordo com o parecer do Superior. Não convém sermos demasiado delicados para conosco. São Francisco de Sales praticava essas mortificações, dormia no chão, aplicava-se as disciplinas. Não nos esqueçamos desse aspeto de sua doutrina. Não oferecendo nada ao Bom Deus nesse sentido, isso comprova que apenas se o ama e, por um triz, não se é religioso. Que cada um pense bem nisso e se examine.

Quando doente ou debilitado, evidente que não se pode praticar

essas penitências; a maneira de substituí-las é oferecer ao Bom Deus, com grande fidelidade, os sofrimentos e as misérias, aceitando com resignação a Vontade de Deus. Desse modo paga-se a dívida com troco miudo, mas... ainda assim se paga; os que podem solver com dinheiro graúdo, são muito mais felizes.

* * * * *

Eu recomendo muito a toda a Comunidade que não esqueçam nas orações, sobretudo no memento dos viventes, todas as pessoas que recorrem às nossas orações, e essas são muitas. Da mesma forma é preciso rezarem pelos nossos Padres ausentes: é necessário sustentá-los nas suas provas, nas suas dificuldades e tentações, para formarmos todos uma verdadeira Comunidade; não somente uma por fora, mas interiormente e de coração; isso alegrará o Coração de Nosso Senhor.

* * * * *

Em Springbock, os Maçons travam uma guerra violenta contra nossos Padres e Irmãs. Parece que o diabo creia que ele alcançará a vitória: os inspirados por ele o imaginam e isso aumenta-lhes a fúria. Eu me lembro de uma carta de Padre Simon, que recebeu uma visita de gente do Governo.

A conversa chegou de improviso ao assunto de religião; um disse: "Eu sou Protestante"; um outro afirmou: "Eu não sou nada"; um terceiro: "Eu sou da religião dos Maçons". A religião dos Maçons?... É preciso rezar por eles.

No Equador vão bem: no Seminário a gente está contente. A paróquia de Padre Saunier está satisfeita com seu zeloso pároco, que ornamenta bem a igreja; mas precisaria um bom vigário, que não fosse beberrão...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 30 DE ABRIL DE 1890

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA MÊS

"Cada mês o Superior ou quem ocupar seu lugar deverá aplicar a correção fraterna a todos os Oblatos, seja em Capítulo seja particularmente, sobre as faltas no tocante às Regras e às Constituições."

Até agora ainda não chegamos a observar esse artigo das Constituições. Torna-se necessário fazê-lo. Eu o menciono aqui para que o recordem. Deve-se fazer essa correção em cada casa. Cabe a nós começar. A Regra autoriza o Superior a fazê-la em Capítulo ou particularmente: compete a ele julgar o que será mais oportuno. Vamos começar no mês que vem, o mês de maio; será um bom começo.

A correção fraterna é a correção das faltas e deficiências relativas à observância das Regras e Constituições. Começaremos, pois, na próxima vez e o que faremos, deverá desde então ser feito em todas as outras casas.

"Cada membro da Congregação poderá prestar contas ao Superior, fora da Confissão, sobre as faltas públicas que tiver cometido contra as Constituições, sobre o que puder ter perdido ou ganhado na prática da Observância e sobre as virtudes a ele recomendadas."

É uma coisa excelente a prestação de contas, quando bem feita; seria muito desejável que cada um a fizesse cada mês. A Igreja não nos faz uma lei da prestação de contas, porque nestes últimos tempos houve, provavelmente em certas comunidades de mulheres, abusos lamentáveis. Superioras foram talvez longe demais, não sei nada disso... Os confessores dessas Comunidades foram reclamar imperiosamente e fazer barulho em Roma, e foi o que motivou esta determinação geral das Cortes Romanas de considerar-se a prestação de contas somente facultativa. Se nós tivéssemos estado no lugar desses confessores, não teríamos levantado a voz.

Compreendam bem o que quero dizer. Num Instituto, numa Comunidade, cada coisa, cada pessoa deve ocupar o seu lugar próprio. A Superiora é Superiora, ela está encarregada da direção. Se o confessor abarca não somente o cuidado das consciências, mas também a direção, não há

mais lugar para a Superiora, na Visitação pelo menos, e noutra parte igualmente. Lembremo-nos de que vimos para consolidar e não para destruir. Gritou-se contra abusos que podem ter ocorrido: houve razão em queixar-se. Mas o fundo de tudo isso não é coisa boa e ofende o verdadeiro sentido do: pro Deo legatione fungimur (desempenhamos o encargo de Deus) (cf. 2 Cor 5,20): tomemos cuidado de não ocupar o lugar de Deus. Todas as vezes que encontramos uma Regra boa estabelecida, não devemos combater a Regra por causa de abusos que puderam insinuar-se; importa tentar corrigir os excessos, prefira-se contribuir para que o que sobra da Regra cresça e se aperfeiçoe.

Ajamos assim por onde formos, em toda parte onde encontrarmos uma Regra. Não tentemos substituí-la por nossas idéias particulares, nem arrumar as coisas desta ou daquela maneira: seria muita ousadia.

Suponham uma norma que a gente tem observado já faz dois ou três séculos; então se errou, então a gente estava enganada... Cuidado com esse mau hábito de querer reformar o que não se compreende. Esse costume é por demais universal; poucos sacerdotes, muito poucos religiosos sabem resistir-lhe. O que é mau não pode manter-se; mas o que existe há muito tempo, agradando-lhes ou não, se tem conservado porque era querido por Deus.

Isso é verdade sobretudo nos tempos atuais. Deve-se sempre preservar o princípio da autoridade. Deve-se manter o que tem sido feito, a não ser que se recebesse a missão do Papa ou do Bispo para reformar: então se está correto. Isso seja dito de passagem, para nossa conduta pessoal.

No que diz respeito à prestação de contas, não estou dizendo que ela seja necessária. Mas afirmo que deveria haver entre nós tanta cordialidade e em cada casa existir tanta simplicidade, que os Noviços fossem contar tudo a seu Mestre e os Professos ao seu Superior. Quando não se diz tudo, é que a gente tem alguma coisa a esconder. - Mas o Superior não me é simpático... Por que, então, o Senhor vai confessar-se? O Superior, bem como o Confessor, representam a Regra, a Igreja, Deus; não se deve olhar a pessoa. Percebendo uma inclinação natural, o Senhor está obrigado a combatê-la. Não estou dizendo que seja uma inclinação maldosa, mas é preciso dominá-la. Não temos licença de ceder às nossas tendências: estamos na presença de quem representa Deus na Comunidade. Sirvam-se dessa consideração; é uma questão de juízo. Peçam a Deus que

lhes conceda fé na direção, e Deus dar-lha-á.

Eradiquem, pois, de seus corações toda a sensibilidade vã. Certamente sobrar-lhes-á ainda bastante para fazer, dando vazamento a seu zelo e talento. Convém serem essencialmente conservadores. Tudo o que existe não se fez num dia. Façamos a nossa parte para edificar e não para demolir.

Assim também quando se vai pregar numa paróquia, quando se vai atender uma missão; deve-se estudar bem o terreno. Sem dúvida, a paróquia não é perfeita, o pároco não é perfeito tampouco. O pároco tem idéias às avessas: os Senhores não vão de encontro, não lhe roubem a confiança da paróquia dele. Não assumamos as obras, os assuntos dos quais não estamos encarregados. Passando pela rua, não temos o direito de tirar da mão do carpinteiro sua machadinha ou o formão para refazermos seu trabalho porque nos parece mal feito; da mesma forma não temos direito de tomar do pároco o confessionário, seus recursos, suas obras. Devemos ajudá-lo e não contradizê-lo.

Podemos lançar-nos como reformadores? Não. Estamos lá para trabalhar e não para destruir. Essa norma,que sempre se deve pôr em prática, fará com que a gente terá confiança em nós; é a chave de ouro que nos abrirá os corações, que nos abrirá as portas de cobre e bronze.

"Cada um relerá todos os meses as Constituições."

Fazendo essa leitura, deve-se gravar na memória, ou mesmo anotar a lápis num papelzinho, o que se tem negligenciado no mês que passou. Depois se deve fazer o propósito de não cair mais nisso.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE MAIO DE 1890

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA ANO

(No início deste Capítulo nosso Padre aplicou a correção pública dos defeitos de um dos Padres, que recebeu a repreensão e a penitência humildemente e de joelhos. Nosso Padre insiste em que este ponto da Regra seja observado no futuro em cada casa.)

"Todos os Oblatos de São Francisco de Sales renovarão suas promessas e seus votos no dia 21 de novembro, festa da Apresentação de Nossa Senhora."

Deve-se renovar nesse dia as promessas clericais, as promessas do Batismo e os votos, seja anuais seja perpétuos. Com referência aos votos anuais, não convém que, no fundo do coração, esses votos sejam apenas anuais; interiormente deve-se fazê-los para sempre: quem se dá a Deus, não se oferece por alguns meses.

Eu gostaria de salientar, no que diz respeito a esses votos temporários, que não se deve considerá-los de pouca importância. Suponham um religioso que pronunciou seus votos por um ano; depois desse ano, os Senhores acham que ele está livre para fazer o que quiser? Absolutamente. Observem qual é a disciplina da Igreja: um religioso sacerdote, com votos temporários, deixa a Congregação ao expirar o ano: ele fica suspenso, não pode mais rezar a Missa, nem exercer função alguma do Santo Ministério até que um Bispo consinta em encarregar-se dele e dar-lhe as faculdades necessárias. Nenhum Bispo tem direito de permitir a um Oblato que deixou a Congregação de desempenhar funções quaisquer e inclusive de rezar Missa, a não ser que o aceite, pelo fato mesmo, sob sua jurisdição e na sua diocese.

Um sacerdote, pois, não pode ser nullius, ele deve estar sob a jurisdição de alguém, ou ele está suspenso e não pode exercer nenhuma função eclesiástica. Dêem-se conta da importância e da seriedade dos votos, mesmo sendo só temporários. Antes de se comprometer, portanto, deve-se pensar; importa envidar todos os esforços para se tornar bons e ótimos religiosos.

No dia da Apresentação de Nossa Senhora, renovemos de todo o

coração a oferenda, a oblação que fizemos de nós mesmos ao Bom Deus: Mihi adhaerere Deo bonum est (S 72,28) (Para mim a felicidade é aproximar-me de Deus). É nesse espírito que devemos renovar os votos, não por pronunciar fórmulas com a boca, mas envolvendo-nos com o íntimo de nossa vontade e de nosso coração.

"Cada ano farão os exercícios do retiro, prescritos por São Francisco de Sales. Esses exercícios durarão de cinco dias no mínimo a dez ao máximo."

Os que não podem participar desses exercícios com todos os demais devem fazê-los em particular. Esses exercícios duram de cinco a dez dias. Cinco dias, em geral, podem ser suficientes. Não se deveria prolongar o retiro além de dez dias. Eu não reprovo o costume das comunidades onde se faz retiros mais extensos, mas não é o método dos Oblatos, e não convém fazê-lo. Um retiro prolongado cansa o organismo; sem dúvida, o Bom Deus abençoa os exercícios aos quais a gente se submete por ele, mas - do ponto de vista racional - não é uma coisa boa. Eu estou bem livre aqui para dizer o que penso: os retiros longos e extensos mesmo são normalmente seguidos por uma reviravolta violenta; minha experiência me ensinou que os retiros prolongados davam ocasião a tentações extremamente perigosas: a cabeça está enfraquecida, a vontade estafada, a saúde sofrida, e o diabo aproveita disso. Eu tenho medo dessas coisas. Que um Cartuxo em sua solidão fique trinta dias de retiro, bem; serão para ele trinta dias de fidelidade maior; no caso dele, não haverá uma mudança brusca nos aspetos exteriores de todo o seu ritmo de vida. Mas no que diz respeito a nós, no que se refere aos sacerdotes em geral e às pessoas cujas confissões nós atendemos, não deixemos fazer retiros de mais de dez dias. O animal que se cansa excessivamente, dá coice; a mola demasiadamente apertada salta com tanto mais força. Se durante o retiro de cinco a dez dias a gente se sente cansado, não convém extenuar-se: é preciso falar disso ao seu confessor e aliviar a carga, não para não levar nada, mas para levá-la mais completamente e mais longamente, para não esbarrar com uma parede intransponível.

"Durante esses retiros não se poderá recorrer a nenhuma direção alheia..."

Importa que o Confessor que se escolhe durante o retiro esteja

bem inteirado no espírito de São Francisco de Sales. Deve-se fazer a confissão a partir do ano anterior, dando-se conta talvez do terreno perdido e do que se ganhou. Precisa-se fazer contas claras, sinceras, nítidas, sem iludir-se. Não se deve dizer: Eu posso ir até lá, eu posso avançar até lá sem ofender a lei de Deus, sem violar evidentemente a Regra; essas interpretações são sempre lastimáveis. Sejamos sinceros, sejamos verdadeiramente bons filhos de São Francisco de Sales. Se é sim, digamos sim; se não, não (cf. Mt 5,37). Façamos dessa maneira, sobretudo na Confissão. Se a gente procura iludir-se, isso não pega. Não se pode ser feliz depois de enganar-se a si mesmo e o confessor. - Mas eu serei humilhado. - Tanto melhor! Não se deve fazer como certas pessoas que seduzem a si mesmas, desculpando suas faltas ao explicá-las e interpretá-las. Não se engana ao Bom Deus. O nosso Santo Fundador quer que as confissões sejam curtas, claras, cordiais e confiantes.

Há pessoas que vêm se confessar, sabendo muita teologia e conhecendo Santo Afonso de Liguori; estão cheios de si mesmas e fazem o balanço dos seus pecados como professores de teologia, arrumando, discutindo, julgando tanto a Lei de Deus, como os Mandamentos da Igreja e os deveres do estado. Essa maneira de fazer é muito mal-acertada. Quando nos confessamos, não somos advogados, mas acusadores e penitentes: "É assim mesmo que se deve proceder... O que faço, está muito bem..." É essa a conclusão de tudo o que eles dizem. Essa maneira de fazer não é a nossa. Quando os Senhores encontrarem pessoas assim, pedindo para ingressar com os Oblatos, os Senhores lhes dirão: "Vão plantar fava!"

Durante o retiro devemos fazer as meditações como estão indicadas no regulamento e não nos entregar a considerações de quinze a vinte páginas, que dispersam o espírito e ressecam o coração.

O retiro não deve ser uma coisa extraordinária, nem pelos exercícios, nem pelas idéias com as quais a gente se deve ocupar. O retiro deve ser a preparação do ano seguinte. As jornadas do retiro devem ser como as de todos os dias, porém mais perfeitos, mais completamente fiéis: "Eu vou fazer hoje o que continuarei fazendo amanhã, depois de amanhã e todo o ano; eu vou fazê-lo com capricho hoje para realizá-lo bem o ano inteiro." É isso todo o retiro. Mantenha-se suavemente unido com o Bom Deus, sem fatigar e seja-lhe fiel. A Constituição insiste nessa maneira de agir e de levar outros a fazerem retiro. A Igreja, portan-

to, nos delega a fazer isso e a levar outros a fazê-lo.

"Durante esses retiros não se poderá recorrer a nenhuma direção alheia..."

É uma coisa muito importante para conservar bem o verdadeiro espírito do Instituto. Seja dirigindo-se ao Padre fulano ou ao Padre beltrano, é sempre a mesma coisa; um pode se aproximar de um modo e o outro de outra maneira; um pode dispor de mais meios do que o outro, mas o resultado é sempre igual: eles têm o mesmo espírito.

Em última análise, quando é absolutamente necessário recorrer a um Confessor de fora durante o retiro **"será da alçada dos Superiores escolher ou indicar os sacerdotes, cujo espírito mais se aproxima da nossa maneira de viver e de julgar no tocante a assuntos espirituais."** Vejam que importância a Igreja dá à preservação do nosso espírito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE MAIO DE 1890

A MANEIRA DE AGIR PARA COM NÓS PRÓPRIOS

"Nós, Oblatos de São Francisco de Sales, assumindo como nossa profissão a imitação e a representação na terra da vida e dos atos de Nosso Senhor, devemos empenhar-nos por retraçar continuamente em nosso interior a imagem do Divino Mestre."

Esse parágrafo expressa tudo o que devemos ser. Cada Ordem religiosa tem uma finalidade própria: o apostolado, o atendimento de doentes, o ensino. O nosso objetivo é representar a atitude e a vida de Nosso Senhor. A Constituição nos confere todos os tipos de ministério: somos enviados a toda a terra para realizar a obra divina que a Providência solicitar; a nossa fisionomia, a nossa índole particular não provirá, portanto, da natureza das nossas ocupações, mas da conformidade com

Nosso Senhor que apresentaremos na nossa maneira de ser e de agir. Se nos destinam a trabalhos manuais ou ao estudo de Ciências ou da Teologia ou então à direção espiritual, ao ensino ou ao trabalho nas Obras, pouco importam as diferentes funções às quais designam o Oblato; ele as aceitará todas, segundo a obediência lhe assinalar; para ser verdadeiramente Oblato, ele tratará de fazer e de dizer em tudo isso o que teria dito e feito Nosso Senhor; esforçar-se-á por reproduzir em tudo isso a maneira de ser e de agir dele. Eis a grande tarefa, a preocupação mor que devemos ter; eis o nosso vínculo, a nossa obra comum em que nós consistimos e a qual nos faz Oblatos, a saber, a imitação toda especial de Nosso Senhor. Todas as Visitandinas se parecem: elas têm a mesma maneira de portar-se, porque todas praticam o Diretório e vivem todas unidas com Deus. É preciso que a nossa disposição espiritual e nossa determinação de vontade sejam suficientemente fortes para projetar-se para fora e dar a nota particular, a característica própria a tudo o que dissermos e fizermos, à nossa conduta e toda a nossa aparência.

"Abster-nos-emos dessa liberdade nos olhares que poderia evidenciar leviandade e falta de espírito de sacrifício, especialmente na igreja e durante as funções sagradas."

Que o nosso olhar seja simples e não afetado, modesto, mas não exagerado nem ridículo. Encontram-se, algumas vezes, pessoas mesmo de destaque, religiosos respeitáveis que têm uma certa maneira estranha e mesmo esquisita de olhar. Convém muito evitar isso. Sejamos simples: imitemos São Francisco de Sales. Ele era um pouco vesgo: "Eu olho o mundo um pouco de través," dizia ele, "mas no meu coração eu olho bem direito." E nós também, olhemos todo o mundo bem direito, não somente no coração, mas também com a vista, pois não temos os olhos de São Francisco de Sales.

Evitemos igualmente olhadas levianas; não olhemos nunca coisas inconvenientes. A liberdade nos olhares de um religioso pode causar grandes escândalos. Evitem mirar mulheres de uma certa maneira, com uma curiosidade que pode não ser muito maldosa em si, sem dúvida, mas que pode ser muito escandalosa. Considerem isso como muito culpável e muito perigoso. Um jovem poderá olhar uma mulher, uma moça, com interesse bastante sensual, isso impressionará talvez nem tanto; mas no caso que um sacerdote as olhe com uma certa curiosidade, o escândalo será muito grande. Te-

nham, pois, um olhar simples; façam de conta de não reparar nada, nem no traje, nem sobretudo na pessoa; sejam como crianças, diz Nosso Senhor. Um olhar curioso ou leviano por sua parte será muito mal interpretado, sobretudo por parte da gente do povo, mais do que um olhar provocador ou lúbrico por parte da gente do mundo.

Vêem-se, em toda a parte, estátuas e quadros perversos, hoje em dia. Em tudo o que se faz, sempre deve aparecer alguma figura pouco decente. Uma moça das Obras me trouxe nestes dias a sua pequena fortuna, que consistia num bilhete de loteria da Exposição Universal: é indigno; somente um porco pode imaginar semelhantes gravuras... Evitemos olhar essas coisas, nas praças públicas, nas vitrinas das lojas.

"Evitaremos com cuidado as negligências, o desleixo nas atitudes, lembrando-nos que nos encontramos sempre sob o olhar de Deus. Nosso caminhar, nossos gestos e maneira de ser serão em tudo conforme a gravidade e a compostura religiosas. Tomaremos São Francisco de Sales como modelo, cuja simplicidade e mansidão trataremos de imitar."

Caminhando, indo e voltando, é preciso termos um modo de andar simples, natural e despretensioso. É necessário que sejamos como água, que não é boa senão não tendo nenhum sabor e não apresentando gosto algum.

Evitemos o que pode cheirar à altivez, à voz de comando; evitemos também as negligências e o desleixo, caminhar balançando-se, bamboleando os braços, sentar-se com moleza, apoiando-se no encosto da cadeira diante de pessoas de respeito, estendendo ou cruzando as pernas. Tudo isso é julgado com muita severidade pelas pessoas do mundo. Sempre deve-se observar um certo decorum (decoro) na atitude, ficando ao mesmo tempo simples e comedida. O meio para chegar a isso é manter a consciência de se estar sempre diante de Deus.

São Francisco de Sales falava aos seus empregados com muito respeito; e nós devemos ter muita consideração para com todo o mundo. Incomodemo-nos um pouco para isso. Não cruzemos as pernas, não nos balancemos na cadeira, nã estendamos os braços; os homens qualificam isso como má educação, e as mulheres o criticam ainda mais severamente. As pessoas com quem nos encontramos só podem nos julgar pelo exterior. Por respeito à imagem de Nosso Senhor, que devemos representar, não recuem diante de um pouco de incômodo, reprimam toda a atitude relaxada ou pou-

co conveniente; é uma mortificação obrigatória para nós; sem dúvida, todos os religiosos estão obrigados a isso, mas nós que quase não temos outro sacrifício, nós devemos considerar isso como uma prescrição absolutamente necessária e imprescindível. Quando a gente está no quarto, cansado, e precisando repousar, pode-se bem pôr menos empenho quanto ao rigor no porte; mas diante de quem quer que seja, é necessário lembrarmo-nos do respeito que devemos ao próximo por Deus. É uma coisa de grande repercussão, quero dizer a compostura na vida religiosa. Eu vi na Cartuxa de Bosserville um príncipe, um primo irmão da Rainha da Espanha. Via-se que ele era um santo religioso, na sua maneira de se portar; era cortesia, a boa educação com toda a delicadeza. Junto a ele vi três jovens do interior: um fazia queijos, outro lavava roupa e o terceiro limpava as vacas e também outras coisas menos perfumadas ainda; vendo-os passar tão humildes, tão mortificados, tão respeitosos eles também, a gente dizia: Aí está passando a santidade. A mortificação religiosa tinha elevado ao mesmo nível de boa educação os três camponeses e o príncipe.

Nós também devemos representar o Salvador, "o Salvador caminhando na terra", dizia a Boa Madre e ela acrescentava: "Será bem bonito!"

"Observar-se-á na roupa a decência, a limpeza convenientes e manter-se-á afastados tanto o relaxamento e a falta de asseio, como o que cheira à afetação e ao espírito mundano."

Todos nós temos que examinar-nos um pouco sobre esse assunto, eu primeiro. A prática da santa pobreza é sem dúvida muito meritória; mas o relaxamento não é meritório.
Custa um pouco de esforço aí também. Per modestiam Christi (2 Cor 10,1): Eu vos conjuro pela compostura de Jesus Cristo, dizia o Apóstolo São Paulo. A compostura, quer dizer a ordem, a limpeza, modus, modestia. Façamos cada um nosso pequeno exame de consciência e tratemos de reformar o que estiver sujeito à reforma.

* * * * *

Aproximamo-nos de Pentecostes. Será bom que cada um d nós, na Santa Missa, na meditação, na Comunhão, peça o Espírito Santo para si, para a Congregação e para todas as nossas obras. Nosso Senhor, vindo à terra, operou para a redenção das almas: ele nos resgatou; ele propor-

cionou a quantia que devia nos servir de resgate. É o Espírito Santo que está encarregado de distribuir as graças, é ele que comunica a vida e que faz agir cada pessoa em particular. Spiritus ejus ornavit coelos (Jó 26,13) (Seu espírito adornou os céus). É ele que confere às pessoas a perfeição. Sem a mínima dúvida, a devoção ao Espírito Santo é sumamente eficaz. Invoquemos, pois, atentamente o Espírito Santo no início de todas as nossas ações. Lembremo-nos de que Pentecostes não deve ser somente uma lembrança, mas uma renovação do primeiro Pentecostes, a descida do Espírito Santo sobre nós. Recebemos o Espírito Santo especialmente na Confirmação; que essa graça reviva e com ela as graças de nossa profissão religiosa, de nossas ordenações. Para
esse fim, invoquemos o Espírito Santo mais particularmente nestes dias e peçamos-lhe que nos ilumine, nos guie e nos transforme!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 28 DE MAIO DE 1890

A MANEIRA DE AGIR PARA COM NÓS PRÓPRIOS

"Terão um cuidado todo particular com suas roupas, livros, móveis para seu uso, sabendo que os pobres mais do que os outros se vêem obrigados a conservar o que lhes é confiado."

É preciso acolhermos de bom grado a mortificação no vestuário, nos livros, nisso ou naquilo; necessita-se de um cuidado especial de todas as coisas que nos são confiadas. Somos pobres, devemos fazer como fazem os pobres. Todas essas coisas parecem pequenas, mas na verdade são de grande importância: não é pouca coisa ter uma vontade persistente na decisão e generosa no pertencer totalmente a Deus: somos, pois, propriedade dele pelo que fazemos o dia todo, por nossas intenções

e disposições interiores.

Eu vi uma coisa muito edificante na "Cartuxa Mãe". O Mestre de Noviços era um antigo seminarista de Troyes, um homem de muitos recursos e muito inteligente. Vi na sua cela uns vinte cachinhos de groselhas espalhadas sobre uma folha de papel. - Que riqueza, eu disse! - Sim, ele me respondeu. - Quase não temos outras frutas aqui; o Bom Deus nos envia estas, convém recolhê-las com cuidado, os pobres guardam tudo. Esse religioso não era uma pessoa qualquer; essa parcimônia não era do seu caráter ou temperamento. Por natureza, com muito gosto, ele teria feito coisas portentosas e não era interessado em absoluto em miudezas.

Cuidemos, pois, de não gastar nada, de não perder nada, um livro, uma folha de papel, uma acha de lenha: tudo isso são coisas que pertencem ao Bom Deus, objetos que se deve tratar com respeito, como coisas santas. Tudo o que serve para o uso de um religioso é santo, santificado e, sobretudo, santificante.

"Na comida a gente evitará deixar-se dirigir pelo gosto e praticar-se-á a mortificação indicada pelas Constituições."

No que diz respeito à comida, precisa-se fazer o que Nosso Senhor fazia: comer o que nos apresentam e recordar-nos de que os grandes Santos se santificavam sobretudo no refeitório. Existe mesmo uma graça muito especial, ligada às mortificações que lá se fazem, dependendo da disposição interior que nos acompanha no refeitório. Quem está atento a Deus, recebe muito ali. Pratiquem bem as mortificações que as Constituições recomendam. Evitem atitudes demasiadamente livres e descuidadas, no refeitório.

Praticamente, requer-se observar à mesa as prescrições antigas da etiqueta. Não fiquem com a faca na mão, ou o garfo, não fazendo uso deles. Não comam com o garfo e a faca simultaneamente, no estilo dos Chineses que comem arroz com dois pauzinhos. Comam de acordo com as boas maneiras. Não gesticulem de faca ou garfo na mão como armas; ponham-nos na mesa, quando não os ocupam; aquilo choca as pessoas bem educadas e indica também uma certa despreocupação que não é própria de um religioso.

O religioso sempre deve estar um pouco constrangido. Não se inclinem sobre o prato, a não ser que tenham a vista curta; não apóiem os cotovelos na mesa. Nas famílias onde reina a boa educação se presta

atenção a isso; nas famílias verdadeiramente cristãs observa-se esse decorum (decoro) à mesa; essas prescrições da antiga cortesia nos sejam regra; devemos obedecê-las em consciência; faltamos à nossa Regra, desrespeitando-as. É através disso que manifestamos respeito à presença de Deus e é o meio de fazer-nos respeitados. Observemos isso atentamente também ao comermos fora da Comunidade; tomemos cuidado de não dar a impressão de muita avidez, nem tampouco banquemos o mortificado. Procedamos com muita simplicidade. Que nossa atitude à mesa seja sumamente correta e, mais uma vez, sejamos fiéis às regras da polidez e das conveniências cristãs.

Sejamos bem mortificados nas refeições; uns são tentados a fazer-se de problemáticos um pouco, em relação a tudo o que lhes é servido; outros, pelo contrário, tragariam avidamente o que se lhes oferece. Não manifestemos nada. Comamos despretensiosamente o que nos apresentam, como diz São Francisco de Sales. Quem tem bom apetite, que coma muito. Quem não está com fome, que coma menos. E não levantem nunca da mesa sem ter feito alguma mortificação, quer positiva, quer negativamente.

Lembrem-se dos pensamentos do nosso Santo Fundador, no Diretório: **"Se houver alguns por natureza delicados ou ávidos demais no comer, devem, ao entrar, fazer uma boa resolução... O suscetível pense no fel que alcançaram a Nosso Senhor no auge de suas dores amarguíssimas; e quem é guloso demais considere a abstinência e jejuns rigorosos dos Padres do deserto..."** Vejam os detalhes sugeridos por São Francisco de Sales; não menosprezemos a prática do que ele nos recomenda de modo tão especial.

"Os Oblatos lembrar-se-ão que, devendo praticar o Diretório proporcionado por São Francisco de Sales, não se podem permitir que seus pensamentos andem dispersos, ocupando-se com assuntos inúteis e vãos, menos ainda perigosos; sua conversa deve ser celeste e não mundana, fútil e descomedida."

Não se pode sempre rezar, nem sempre trabalhar.

Santo Efrém diz que é preciso meditar sobre coisas boas, para que não seja sobre más, pois o espírito não sossega. Pode-se distrair o espírito por algum pensamento bom e de acordo com a moral, por um estudo agradável; evitem castelos no ar, as considerações ociosas e, acima de tudo, as especulações e conversas políticas. Fiquemos sempre no nosso

so papel é muito humilde, bem simples. Comecemos a reformar-nos a nós mesmos: esforcemo-nos por realizar bem o que temos a fazer, não nos metamos no trabalho dos outros; e não percamos tempo em pensamentos vãos e inúteis; o Diretório no-lo proíbe.

Nas conversas com pessoas de fora, lembremo-nos sempre das prescrições do Diretório. O próximo, nos seus contatos conosco, muitas vezes espera uma palavra edificante, que o relacione com o Bom Deus; ele sempre tem direito pelo menos à edificação das nossas palavras, da nossa atitude de toda a nossa pessoa. Digam ao próximo coisas boas, na medida que ele puder aproveitar, mas não vão pregar
oportuna e importunamente: não é o momento. Se não forem discretos nesse sentido com os jovens, logo lhes parecerão um disco velho; digam uma palavrinha boa, de vez em quando, e como de passagem. Tendo o Bom Deus no coração, possuindo o Espírito Santo como companheiro, ele guia e o que se diz chega sempre em boa hora.

"Eles não esquecerão de que o incômodo que são obrigados a se impor para praticar integralmente as nstituições, faz parte essencial das mortificações regulares da Congregação. Lembrar-se-ão de que assim nós substituímos os jejuns e as abstinências de muitas santas Ordens religiosas que edificam a Igreja por sua vida de penitências."

Praticando fielmente o Diretório e as Constituições, há muitas oportunidades de mortificar-se; certamente é um tipo de mortificação mais eficaz e mais meritório do que todos os outros. As outras coisas podem ser boas, mas não têm um valor tão real, tão substancial como o sofrimento contínuo que nos impomos para ser fiéis ao Diretório. Eis o valor com que adquirimos o céu. A gente sofre com o calçado, com a roupa, é atacado por uma indisposição, um mal-estar; não deixem passar nada disso sem tirar proveito.

Unam-se com o Bom Deus através de tudo isso; santifiquem-se: por esse meio o conseguirão rapidamente. Esse é o fundo da doutrina de nosso Santo Fundador. "Eu tenho realizado pouco," dizia ele, "e se tivesse que renascer, eu faria ainda menos: sofreria e ofereceria."

"Que considerem este Capítulo da maior importância, pois não seremos de utilidade alguma na Igreja de Deus se não apresentarmos interior e exteriormente conformidade e semelhança com a aparência do

bem-aventurado Pai, São Francisco de Sales, pois não há outro motivo do nosso chamado."

A Irmã Maria Genoveva, na qual eu confiava muito, porque me anunciava sempre coisas palpáveis que haviam de acontecer dentro de dez ou doze dias, e sempre dava certo, pois, ela me disse: "O nosso Santo Fundador está diante do Bom Deus. Vejo que o Bom Deus lhe dá ainda muito mais graças do que durante sua vida. Muitos recebem dele. Muitos são chamados a assemelhar-se com ele..." Ela me disse isso vinte anos antes que o Doutoramento de São Francisco de Sales fosse proclamado. "O que ele disse," acrescentava
ela, "todo o mundo o repete e a Igreja quer que a gente o aceite; não sei como isso se fará... Vejo que ele recebe uma glória muito grande por suas palavras, suas maneiras e suas obras."

A Irmã Maria Genoveva era auxiliar de cozinha; e em torno dela - ninguém é perfeito neste mundo - a gente ficava um pouco ciumenta. "É uma santa," diziam, "pelo menos assim a gente fala; então, bem pode agüentar isso, suportar aquilo." Não o faziam por maldade, evidente; mesmo assim, porém, o faziam; e a Irmã Maria Genoveva nunca se queixou. Ela era doente; e sempre tinha um aspeto sereno, um caráter perfeitamente equilibrado, um recolhimento contínuo no Bom Deus. Assim deve ser a nossa vida; assim a nossa conversa, assim o nosso modo de ser para com as pessoas com quem temos contatos.

* * * * *

Eu recomendo às orações da Comunidade os nossos Padres que estão ausentes. Nas orações, nas Comunhões, na Santa Missa, peçamos fervorosamente a difusão do Espírito do Bom Deus em nossa Congregação. Que ele nos ilumine a todos com o seu Espírito Santo; que ele seja para cada um em particular força, conforto, amor e verdadeiramente
Consolador!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 11 DE JUNHO DE 1890

O RELACIONAMENTO MÚTUO ENTRE OS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

"A fim de conservar a caridade e a união fraterna todos os Oblatos terão muito respeito mutuamente e o manifestarão reciprocamente de uma maneira simples, cordial e afetuosa."

Deve-se alimentar um grande respeito um para com o outro: é uma regra geral para conservar a caridade e para que cada um fique bem no seu lugar, na sua situação particular. Para atrair o respeito dos outros, deve-se começar a gente mesma testemunhando-lhes um grande respeito; é assim que se conquista os corações.

Toda a gente tem direito ao nosso respeito: nossos irmãos por causa da sua situação de religiosos; devemos compenetrar-nos bem desta idéia que são os tabernáculos do Deus vivo; respeitá-los assim é um ponto essencial das nossas Constituições. Esse respeito devemos tê-lo também para com os de fora, os nossos alunos. Não basta manifestá-lo exteriormente, é imprescindível que o tenhamos no coração também.

Alguém não participa do nosso parecer; não o julgue irrefletidamente, ele não pensa como nós, ele tem suas convicções próprias. É um ponto muito importante na vida religiosa. Afastem de si tudo o que cheira ao espírito colegial, o espírito que mede tudo pela bitola própria e não aprecia senão o que é conforme a maneira de pensar e de julgar pessoal. Está muito errado. É preciso admitir que os outros possam ser diferentes. Um religioso que não teria esse respeito pela opinião de outrem, na medida de avançar em idade, formaria assim o hábito de julgar severa e injustamente o próximo; e o que no início só parecia um jogo, no fim tornar-se-ia uma verdadeira aversão. Essa maneira acabaria por tornar o religioso inútil e mau. É, portanto, uma falta enorme.

Observem na antiga educação cristã que respeito se tinha para os pais. Será que isso quer dizer que todo o mundo tinha pais perfeitos naquele tempo? Não, sem dúvida; mas isso não impedia o respeito.

Convém muito examinar-nos sobre isso. Quase não há mais respeito no mundo; é preciso que os religosos se distingam dos outros por

respeitar a todos. Eu insisto muito nisso, porque fico triste e aflito ao ver que talvez esse espírito escolar, que mencionei, tendesse a introduzir-se um pouquinho. Eu não me refiro tanto aos Senhores que me estão escutando... A gente talvez tenha disposições para tratar-se assaz cavalheiramente entre si. Eu não lhes peço atos heróicos, mas que sejam sinceramente religiosos e observem fielmente as Constituições.

"Eles o manifestarão reciprocamente de uma maneira simples, cordial e afetuosa."

Deve haver nessas manifestações de respeito alguma coisa que agrade. Eu gostaria muito de ouvir ainda as observações que a gente fazia espontaneamente sobre nós nos primeiros tempos de nossa fundação. Achavam que tínhamos muita simplicidade, cordialidade, união, amabilidade, serenidade; isso chamava muito a atenção e suscitava simpatia...

"Eles evitarão ao mesmo tempo todo o tipo de amizade particular como também toda a espécie de aversão."

As amizades particulares são a ruína para a caridade. Aversões são uma coisa muito insensata. Cada um tem sua natureza. Evidente que na vida comum há atritos e choques. Os vários caracteres não convivem sem que, às vezes, haja alguns encontrões. Quem é rápido, aborrecer-se-á de quem é lento; um será bonzinho, um outro ao lado, um pouco mais duro. Mas é o Bom Deus que permite que todos esses caracteres diferentes estejam uns ao lado dos outros a fim de se aperfeiçoarem mutuamente na convivência. E quando a gente sente surgir no coração alguma aversão natural, é preciso rezar, torna-se necessário fazer atos das virtudes opostas, importa considerar as qualidades boas que essa pessoa tem, e que nós talvez não tenhamos. Peçamos com fervor essa graça; o segredo do amor para com o próximo está no Coração de Nosso Senhor.

"Todos respeitarão e honrarão aos Superiores; não passarão nunca por eles sem saudá-los, jamais os interromperão quando lhes falam e nunca os contradirão."

Nas conversações deve-se evitar modos pouco convenientes. Isso não quer dizer que seja proibido ter a sua opinião sobre os assuntos tratados, nem que seja vedado manifestar essa convicção. Mas quando isso se faz, deve-se ter cuidado quanto ao tom e ao modo de expor o seu pare-

cer e mostrar claramente que não se tem um pensar diferente por espírito de contradição ou por falta de respeito.

"Nas palavras e procedimentos sempre terão uns para om os outros a deferência e as conveniências devidas, especialmente para com os sacerdotes."

Sempre deve-se venerar esse caráter sacerdotal e lembrar-se bem que o sacerdote não é um homem como outro. Compenetremo-nos desse conceito; é uma visão que provém da fé e de Deus.

"Os Oblatos não se aproximarão nunca para falar, nem se encontrarão sem saudar-se."

Encontrando-se, convém fazer sempre pelo menos uma senha com a cabeça. Estando com pressa, impedido, no cruzar-se freqüentemente no serviço, não se pode sempre andar saudando; pelo menos deve-se ter sempre maneiras um tanto cordiais. - São ninharias, dirão os Senhores. Mas essas bagatelas são de grande importância. É isso que sustenta a caridade.

É preciso também sermos muito respeitosos nas palavras e evitarmos atentamente as faltas de caridade. Importa cuidar-se a esse respeito. Dêem atenção especial a isso durante esta semana. Não é uma aula que estou dando, não é uma teoria que lhes estou propondo, é um programa que se deve seguir com fidelidade.

Olhem estas festas do Sagrado Coração, do Corpo de Deus: como nos dão testemunho eloqüente do amor, do respeito de Nosso Senhor para com os homens e nos mostram o respeito que devemos ter uns para com os outros.

* * * * *

Durante estes dias, lembremo-nos todos, em nossa oração fervorosa, a Irmã Maria Genoveva, cujo aniversário transcorreu o dia 10. Ela me disse muitíssimas vezes o que o Oblatos deviam ser e o que o Bom Deus queria deles. Mas para corresponder a esses desígnios de Deus, é preciso sermos fiéis. Continuo insistindo nestas recomendações que lhes faço e que posso chamar os nossos mandamentos. Sem eles seremos inúteis na Igreja. Observem-nos e os Senhores viverão verdadeiramente a vida dos Oblatos.

Mas sejam fiéis! Não se permitam liberdade de ação, indepen-

dência de procedimento que implicariam em não mais serem religiosos. Dêem-se conta da importância que, em Roma e em toda a parte, se deu a essa nova doutrina. O que o Papa diz é verdade. E como novo comprovante de encorajamento por parte da Santa Igreja, eis que acabamos de receber a aprovação dos Oblatos. Toda a gente tem muita confiança em nós. Mas é preciso que o nosso interesse tenha verdadeiramente o interesse pessoal nosso. São necessários a caridade e o respeito; precisa-se da obediência à Regra; tudo está nisso.

Cinco Bispos pedem neste momento Oblatos e Oblatas. Eles viram na "Vida da Boa Madre" o que é o nosso espírito e isso nos granjeou sua simpatia. É perfeito. Existe aí uma abertura, uma amplitude de idéias com que todo o mundo simpatiza; mas é preciso que esse espírito esteja verdadeiramente em nós.

Será bom prepararmos o futuro, fixando solidamente o presente. E para isso é imprescindível que sejamos santos e que nos esforcemos por procurar o Bom Deus em tudo e em toda a parte.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE JUNHO DE 1890

O RELACIONAMENTO MÚTUO ENTRE OS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

"A fim de conservar a caridade e a união fraterna todos os Oblatos terão muito respeito mutuamente e o manifestarão reciprocamente de uma maneira simples, cordial e afetuosa."

"Ter-se-á o cuidado de manter continuamente o silêncio, menos na hora do recreio."

Um religioso deve observar o silêncio. Este é a alma da vida religiosa. Versos que eu li numa inscrição na Cartuxa-Mãe enunciam que esta Ordem conservou seu fervor pelo emprego de três meios: a solidão, o silêncio e a visita, quer dizer, o cuidado que os Superiores têm em visitar os religiosos na cela deles, para que não se insinue nada ali que

seja contra a Regra. Nunca os Cartuxos precisaram de reforma. Estão vivendo agora como viviam no tempo de São Bruno; têm o mesmo hábito, a mesma Regra, o mesmo espírito.

O silêncio conserva a alma e leva ao respeito de si mesmo e dos outros, faz ouvir a palavra de Deus. Observa-se o silêncio no lugar sagrado, na igreja, para escutar a palavra de Deus e em respeito a sua presença; é preciso observar esse acatamento e essa atenção em toda a parte onde Deus se encontra e em todo o lugar onde Deus fala. Todos os Padres de vida espiritual disseram coisas belíssimas sobre o silêncio, sobre essa mortificação que favorece o recolhimento e ajuda a meditação.

"Quando for necessário dizer uma palavra com referência a um trabalho, se o fará breve e baixinho, especialmente na igreja, na sacristia, no dormitório e no refeitório."

Não se deve estender essa infração necessária da lei do silêncio além do indispensável. Deve-se, então, falar brevemente e baixinho, como disse nosso Santo Fundador, para não perturbar o silêncio dos outros. Fiquemos sempre dentro desses limites, sobretudo na igreja, na sacristia também, onde não se deve falar a não ser quando absolutamente necessário e em voz baixa. Os religiosos nunca devem falar entre si na sacristia, pois a própria Igreja o proíbe expressamente.

A nossa Regra apresenta a mesma prescrição relativa ao refeitório, que é um lugar religioso. Os Senhores podem tirar uma experiência. Mantenham fielmente o silêncio no refeitório por espírito religioso e verão o que o Bom Deus lhes dará ali, como também no dormitório, os Senhores observando conscienciosamente o silêncio também lá. O Bom Deus é muito generoso no dormitório, no refeitório, quando encontra lá um religioso bem recolhido, um religioso que não seja máquina.

Que se observe essas prescrições da Regra em toda a parte, em todas as casas, em Foicy, nô Colégio Menor, como em todo o lugar. Que se mantenha religiosamente o silêncio na sala de estudo da Comunidade, no dormitório, no refeitório. Essa recomendação é de tanta importância que, sem isso, a gente nunca será religioso.

Eu me lembro de ter confessado um homem que estava morrendo, era bem idoso, tinha mais do que 80 anos. Antes da Revolução ele era noviço com os Capuchinhos, completou todo o noviciado. Como o tinha feito? Superficialmente, suponho, pois nunca encontrei um homem tão esquecido

do Bom Deus e das leis mais elementares da moral e da honestidade. Não era um sujeito perverso, sem dúvida, mas da vida religiosa não lhe tinha sobrado absolutamente nada. Por que? Certamente porque não soube ser fiel às pequenas prescrições da Regra, ao silêncio no dormitório, no refeitório; se ele tivesse observado tudo isso, seguramente lhe teria ficado alguma coisa de senso moral e religioso.

Prestem bem atenção a isso. Não convém entrar maquinalmente no dormitório, no refeitório, nos lugares religiosos. Insisto nisso. Há graças preciosas a recolher ali.

"Seja onde se falar, e mesmo durante o tempo de recreio, evitar-se-á gritaria e o tom de contestação, que proporcionariam pouca edificação aos irmãos e aos de fora."

Evite bem esse tom autoritário e amargo; isso não se aceita na sociedade bem-educada, não é cristão. Nos diálogos entre nós, e sobretudo nas conversações com pessoas de fora, precisamos muito vigiar-nos. Sejam bem religiosos também em todos os seus procedimentos, cuidando de nao fazer barulho ao caminhar pela casa, na sua cela; isso edifica. O ruído que se faz afugenta os anjos, diziam os mestres da vida espiritual. O silêncio exterior contribue para o recolhimento e convida outros a imitá-lo.

Os Senhores sabem o que respondeu nosso Santo Fundador à Irmã Simplícia que lhe perguntara como ele faria se fosse uma religiosa da Visitação. "Eu ficaria muito atento em praticar as pequenas e mínimas observâncias, pois por esse meio eu tentaria conquistar o Coração de Deus. Manteria bem o silêncio... Eu falaria suavemente.., fecharia e abriria as portas bem devagarinho, porque a nossa Madre assim o deseja. Eu manteria os olhos abaixados e caminharia muito suavemente, pois Deus e os seus anjos sempre nos olham e amam sumamente os que capricham..."

"Não se deverá dizer ou fazer nada que possa ofender os outros, nem mostrar-se magoado por palavras ou atos deles."

"Normalmente não se estará entre menos do que três pessoas..."

Isso quer dizer que se tem que evitar estar só entre dois e evitar separar-se da comunidade; esse modo de agir não seria nada religioso. É preciso abster-se cuidadosamente de ter entre os irmãos algum amigo particular, ao qual se confia as predileções, dificuldades e ale-

grias pessoais. Certamente é permitido, sim, preferir um dos seus irmãos a outro e ter mais confiança nele; mas não convém que esse relacionamento se torne freqüente e chegue a ferir a caridade. As amizades particulares, no caso de haver alguma busca de si mesmo, são extremamente más. É preciso ter o coração mais amplo, mais aberto. Tenham as suas preferências, sem dúvida, mas que não seja em detrimento da caridade geral.

"A gente esforçar-se-á por contribuir para o recreio por conversações e atitudes agradáveis."

A caridade deve empenhar-se por ser agradável. Convém que os colóquios do recreio sejam uma distração e nao uma nova fadiga; precisa-se de algum descanso. As Constituições recomendam evitar brincadeiras ofensivas; uma palavrinha agradável que não machuca a quem é dirigida, é excelente: nada melhor; mas desde que o assunto se pode tornar sério e penalizar o próximo, deve-se deixar; cuidem bem de nunca magoar ninguém, fazendo brincadeiras nem sobre defeitos naturais, nem sobre outra coisa.

"Não se deverá dizer ou fazer nada que possa ofender os outros, nem mostrar-se magoado por palavras ou atos deles."

Quando sentimos que alguma coisa nos pisa, procuremos superar isso, não amarremos a cara e traguemos esse bocado que a mão de Deus nos oferece e cuidemos muito para que ninguém perceba o que nos atingiu.

"Na conversação não se manifestará nunca repugnância nem se patenteará dificuldades quanto à prática da Regra ou em relação à direção."

As nossas impressões comunicar-se-iam a outros e causar-lhes-iam o mal que experimentamos nós mesmos. É uma maneira infalível de o Bom Deus se retirar de nós e suprimir-nos toda a graça da vocação.

"Todos observarão o máximo sigilo sobre tudo o que for dito e feito no Capítulo, sobre as ordens dos Superiores e sobre assuntos da direção."

Uma modalidade especial surgiria facilmente entre os Noviços, me disseram: tagarela-se sobre isto, sobre aquilo, nomeia-se este para

cá, aquele para lá; discute-se, transfere-se, arruma-se... Esse estilo me desagrada sumamente e deve de desagradar à Comunidade... Existe nisso, sim, uma pequena desculpa: se a gente não tivesse um pouco de amor pelo que interessa a gente, não se ocuparia tanto disso; mas tem que se amar a vocação de outra forma. É bem como fazem os mal-educados no Seminário quando se aproxima o momento das Ordenações. Esse modo é o rumo exatamente oposto ao que precisamos seguir.

Deixem às mulheres as tagarelices e as conversas de comadres sobre as coisas que não são de sua competência. Elevem-se acima de tudo isso. De outra forma, se perde o espírito religioso, a dignidade moral, indispensável ao religioso.

"Proíbe-se toda a murmuração contra os irmãos, particularmente contra os Superiores. Evitar-se-á toda a censura e toda a reprovação do que se faz na Congregação. Observar-se-á essa norma também referente a outras Congregações religiosas."

A gente não pode imaginar que impressão nefasta causa o murmúrio de um religioso. Isso parece uma enormidade. Nós mesmos, ao ouvirmos um religioso queixar-se de alguém na sua Comunidade, imediatamente o julgamos de maneira desfavorável. A gente quer se permitir uma pequena satisfação do amor próprio, uma pequena vingança, cobrar-se de uma pequena desilusão; tudo isso em si é miserável e produz efeitos desastrosos.

O que ocasiona que a gente simpatizará com os Oblatos e os estimará é isto: que não mexeriquem, que não sejam homens de idéias fixas, raras, que sejam sempre vistos, cordialmente unidos com a sua Comunidade; que - onde forem - não procurem impor-se autoritariamente, e a gente terá confiança neles e os Senhores agirão muito bem. Que sejam reservados, comunicando, sim, tudo ao Superior. Hoje em dia, tudo se desorganiza; cada um tome cuidado antes de dirigir-se a alguém; a gente terá confiança em nós, ao ver-nos bons, simples, direitos, sem pretensão de dominar as pessoas, mas procurando somente ensinar-lhes encontrar e seguir o Bom Deus. É para isso que fomos fundados. E, pela mesma razão, em toda parte se solicita Oblatos. Se fôssemos duzentos sacerdotes neste momento, amanhã de manhã teria achado onde colocar quase todo o mundo.

Nosso modo de agir entusiasma toda a gente. Se somos isso, se somos o que devemos ser, é bom, é o que é preciso e o que o pessoal pede. Havendo outra coisa em nós, a que levará isso? É um pacote envolto

num bonito papel dourado, mas o conteúdo não vale o rótulo.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE JUNHO DE 1890

O RELACIONAMENTO MÚTUO DOS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

"Ninguém causará o mínimo prejuízo à reputação dos Oblatos, especialmente dos Superiores."

Não devem desfazer-se mutuamente. Numa família bem-educada, nunca um irmão ou uma irmã fala mal um do outro. Jamais, então, se deve falar mal dos irmãos, nem mesmo das pessoas de fora. Essa virtude é congênita para uns; outros precisam esforçar-se muito para isso; são eles que têm mais mérito; mas é necessário reconhecer que a prudência e a discrição naturais são coisas muito preciosas. Essa discrição, recomendada pelas Constituições, é o grande meio de conservar a caridade e a paz numa Comunidade. Observem a Boa Madre, como a amavam... Dom Mermillod também tem esse dom: ele é sumamente caridoso para todos; ele é bom e serviçal para cada um de seus numerosos amigos, não tomando partido de um contra o outro.

"...especialmente dos Superiores." Eu me lembro que me escandalizei sumamente ao ouvir um religioso muito original me falar mal do seu antigo Mestre de Noviços. - "Como, me disse ele um dia, - o Padre tal está em casa? Sempre tive nojo dele. É um bruto. Ele me pegava pelas mãos e me sacudia e me empurrava. Não guardei boa lembrança dele e não quero visitá-lo." Eu posso dizer em defesa do Mestre de Noviços, que esse religioso era realmente muito original e certamente merecia que o empurrassem um pouco. Eu também quero mal a ele, porque escreveu um livro contra a prestação de contas nas comunidades religiososas de homens e mulheres. Ele já morreu. No entanto, tinha muita influência entre seus irmãos. Além disso, notem que todas as vezes quando há um homem com re-

cursos, e acima disso algumas idéias esquisitas, esse dirige o mundo.

Quem tem um juízo perfeito, nunca cria divisão. Não sejamos como aquele religioso. A mais, um Oblato que nutre aversão por seu Mestre de Noviços seria um velhaco engraçado. Precisar-se-ia estudar bem se a gente não o mandaria embora. Seria bom lembrar-se desta lição, como diria o nosso Santo Fundador, e de servir-se dela no futuro. Não convém ter entusiasmo uns pelos outros, exaltar este ou aquele, menos ainda gabar-se um pouco de si mesmo. Louvemos o que é louvável, mas atenção para não exagerar o mérito. O Bom Deus fez tudo com medida e peso(cf. Sb 11,21): O Bom Deus mediu todos os homens à sua medida, à sua vara de medir, a seu metro; não os meçamos demasiadamente à nossa medida pessoal. Quando se louva por demais este ou aquele, ou mesmo a sua Congregação, a gente está sujeita a ser julgada um tanto severamente, pois dirão: "Isso não é assim, não é verdade."

"Proíbe-se toda a murmuração contra os irmãos, particularmente contra os Superiores. Evitar-se-á toda a censura e toda a reprovação do que se faz na Congregação."

Mantenhamos sempre uma certa dignidade. A gente está nisso, fica-se e permanece corajosamente; queixar-se é o papel de um escravo, que faz o que ele não gostaria de fazer e que não é livre. Lembrem-se da palavra de São Bernardo: "No início da minha vida religiosa, disse ele, recolhi todos os espinhos que crescem ao pé da Cruz, fiz deles um feixe que abracei e apertei no meu coração, com a Cruz do meu Salvador e disse: eu lhe serei fiel, nunca o repudiarei." Façam com que todos se tornem um pouco um São Bernardo. Ele sofria de uma gastrite; o Bispo de Chalon-sur-Marne, Guilherme de Champeaux, que o tinha ordenado, lhe deu ordem de obedecer a um médico por ele indicado. Esse Doutor o tratava tudo às avessas, não deixava que ele comesse, e quando precisava de alimentação, lhe dava comprimidos. O pároco de Mantiéramey foi visitá-lo. Encontrou-o todo esgotado na cela e muito abatido. - "Como é que não diz nada, lhe perguntou o pároco, - o que está fazendo?" São Bernardo não pôde conter-se e disse: - "Ah, até agora eu tinha dado ordens a homens; e hoje obedeço a uma besta!" Evitem atentamente, então, toda a murmuração. Isso faz parte das nossas mortificações regulares. É uma graça do Bom Deus que lhes é alcançada: ponham generosamente tudo isso como um feixe sobre o coração, com sua cruz.

"Observar-se-á essa norma também referente a outras Congregações Religiosas."

Não se deve dizer nada dos que não têm o mesmo espírito, o mesmo modo de agir e de pensar como nós. Nós talvez procedéssemos um pouco mal no início, por causa de todas as pedras que nos jogaram no jardim. Agora que somos um pouco maiores, não convém gritar mais; a nossa situação é respeitável, aceita por todos... Claro que se pode ter o seu parecer e a sua opinião; mas é melhor guardá-los para si...

"Ninguém indagará curiosamente acerca da administração da casa. Juntos não falarão sobre isso. Não se comentará a alimentação, nem a roupa, nem o cômodo para dormir. Esses assuntos não se tratarão nunca a não ser pelas pessoas encarregadas."

É óbvio que em toda a administração séria deve ser assim. Religiosos são religiosos; é pela obediência que se salvam. Um Superior manda mal; em que repercute isso? Olhemos mais para cima, para o Bom Deus que guia e governa tudo; nós somos pequeninhos; temos visões, raciocínios humanos. O Bom Deus vê diferente, confiemo-nos a ele e não nos preocupemos com intrigas baratas... Para nós, é muito mais digno não nos meter nas coisas que não nos dizem respeito, do que nos ocupar com elas para dizer somente: Isso não vai bem; o espírito do Bom Deus estará sempre conosco ao sermos fiéis a este Artigo das Constituições. O Bom Deus enviará tanta ajuda através da obediência, que a capacidade humana não terá nada a fazer. Não nos inquietemos, pois, senão com uma coisa: obedecer bem. Quando os Senhores forem citados diante de juízes, dizia Nosso Senhor, não se preocupem com a resposta que terão que dar. Deus lhes dará palavras tais que ninguém poderá resistir. (cf. Lc 21,14.15). É assim com relação à obediência e pode-se aplicar a ela exatamente essas palavras de Nosso Senhor. Se alguma coisa nos falta na comida ou no cômodo para dormir, peçamo-la ao Ecônomo; mas não falemos nisso entre nós. Dirijam-se a quem de direito, a fim de que as comunicações entre os religiosos fiquem completamente afastadas dessa classe de vocábulos. Muitas Comunidades de mulheres pereceram por causa disso, e muitas de homens também, sobretudo na época da Revolução.

"Evitar-se-ão as questões irritantes sobre política, sobre diversas nações ou províncias. A gente acostumar-se-á a confiar unicamente

na sabedoria e na onipotência de Deus nas coisas deste mundo."

Não convém lerem jornais. Em cada casa, basta que o Superior esteja a par dos acontecimentos importantes, mas que não seja por um jornal muito partidário; se se pudesse encontrar um que não representa nada absolutamente, seria muito melhor. A gente sempre é escravo do seu jornal; a nossa missão é mais elevada do que isso.

Isso não quer dizer, entendam bem, que devam ficar indiferentes diante dos acontecimentos e que não se tenha o direito de chamar mau o que é mau, e bom o que é bom; mas deve-se evitar fazer o que se chama política. Em Roma, nos primórdios do reinado do Papa Leão XIII, a gente estava muito zangada contra os jornalistas, mesmo os bons jornalistas, por causa do tom que a política tinha assumido. Precisa-se, portanto, bons jornais. Quanto a nós, se não devemos ler bons jornais, menos ainda os maus. A onipotência de Deus é que é nossa filosofia. Isso não impede de tomar parte prudentemente no que é bom, de nos afastar do que é mau. Certamente, hoje em dia, é completamente potestas tenebrarum (cf. Lc 22,53) (o poder das trevas) que reina: não resta dúvida que a lei universal hoje é a lei maçônica; é ela que rege o mundo. E o primeiro princípio dessa lei é o que diziam já os Judeus perante o tribunal de Pilatos: "Nós temos uma lei que reza que qualquer um que se diz Filho de Deus, deve morrer" (cf. Jo 19,7). Sim, hoje ainda tudo o que é de Deus deve desaparecer.

Combatamos esse mal com as armas que nos são dadas, com nosso Diretório, com a oração, com uma conduta sábia e prudente. O Bom Deus, então, agirá segundo a sua santa Vontade. Mas permaneçamos bem dentro desses limites; assim lucraremos a paz entre nós e a paz com todo o mundo.

* * * * *

Constantemente recebo cartas que são testemunhos do poder da Boa Madre junto ao Bom Deus. É raro que um dia se passa sem que me chegue alguma coisa nesse sentido, sem que me contem tal ou tal graça, obtida pela intercessão dela.

A confiança nela aumenta cada vez mais. Façamos como toda a gente e melhor do que todo o mundo; recomendemo-nos confiantemente a ela.

CAPÍTULO DO DIA 2 DE JULHO DE 1890

O MODO DE AGIR PARA COM AS PESSOAS DE FORA

"...nós teremos habitualmente o pensamento que devemos levar conosco a luz e o bom odor de Jesus Cristo, sabendo que nosso exterior deve pregar tão bem, e até muito melhor do que as nossas palavras."

Este Artigo não precisa de comentário; precisa somente ser praticado bem para ser compreendido. Nada escandaliza mais o próximo do que um sacerdote, um religioso que tem um ar mundanamente dissipado, que tem maneiras pouco modestas, olhares imprudentes, uma atitude pouco conveniente. Isso sempre impressiona muito mal. Primeiramente, então, importa não dar maus exemplos. Desedifica-se facilmente, sem haver má intenção. Deve-se, pois, sempre ser reservado, mesmo diante dos coirmãos; com mais razaõ ainda urge sê-lo para com a gente de fora. Não se ponham nunca completamente à vontade junto a eles; não estou dizendo que é preciso estar mal à vontade, porque então os Senhores incomodariam os outros. Tenham um ar desembaraçado, fácil, mas sem descuido, sem tornar-se familiar. Usem de precauções, particularmente quanto aos olhares; é com isso sobretudo que se escandaliza e alguma vez é para a vida.

Seja reservado e modesto em seu porte. Que não haja, sobretudo, esse relaxamento, que indica moleza e pouca castidade. Castus, tem a mesma raiz etimológica como castrum (fortaleza), encerro; a gente tem que se encerrar dentro de certas regras, restringir-se a determinados limites. Observem a gente bem-criada, como em casa deles tudo é bem calculado, restrito a certos confins.

Com relação à gente bem-educada, vi ontem o pai de um de nossos alunos, um Senador, o Senhor Buffet; eu tinha um prazer imenso ao ver e admirar nele a boa educação, seu modo de comportar-se, de falar, de apreciar tudo. O religioso precisa chegar a isso.

A cortesia mais perfeita do mundo é a do religioso; é a mais delicada, a mais acertada e apreciável, pois é a mais verídica, sendo que se baseia na caridade. Ela leva ao Bom Deus, é uma verdadeira virtude. Discernam bem a matiz dela. O importante é que a nossa vida, a nossa existência se destina a construir para a vida eterna; cada um de nossos

atos é uma pedra do edifício, importa talhá-la bem, apará-la bem, para que ocupe o seu lugar próprio. É especialmente pelas palavras, pela atitude exterior diante do próximo, que levantaremos esse edifício.

Com as pessoas piedosas, como perante religiosas, igualmente frente a senhoras e moças, devemos sobretudo observar bem essas regras. O efeito produzido é enorme, tanto sobre as pessoas piedosas, como sobre tudo o mundo. Há muita gente que, na hora da morte, prefere um determinado sacerdote a um outro. Por quê? Porque o viram passar na rua, porque o seu porte lhes agradou... Olhem bem que não me estou referindo somente a mulheres, mas também a homens. Eu vi muitos exemplos impressionantes do que acabo de dizer-lhes. Ouvi falar muito de um capelão da Marinha; diversos oficiais me fizeram grandes elogios, louvavam-lhe sumamente as qualidades e sua influência sobre o navio. Eu encontrei esse capelão e fui muito surpreendido ao ver um homem bem baixinho, extremamente simples e modesto, com um ar um pouco tímido e, sobretudo, eminentemente piedoso; eu me tinha imaginado um homem alto e de um aspeto totalmente diferente, do tipo parecido com os oficiais. Não era nada disso. Muitas vezes, jovens, no leito da morte, pedem tal ou tal sacerdote, porque a aparência desse sacerdote lhes agradou. Não sei se os motivos que determinam a escolha de um Padre, nesses últimos momentos, não estão ligados, pela metade, ao espeto exterior desse sacerdote, sobretudo entre homens e rapazes. Reparem, pois, a importância da compostura exterior.

A Constituição diz: **"...sabendo que o nosso exterior deve pregar..."** Precisamos estar muito convencidos desta doutrina, que o nosso aspeto exterior deve pregar tanto, e até mais do que o nosso interior e as nossas palavras. Devemos levar o Bom Deus no coração e na alma, e alguma coisa disso passará ao nosso exterior, ao nosso modo de ser: Christum portantes in corpore nostro (cf. 1 Cor 6,20) (levando e glorificando Cristo em nosso corpo). Devemos levar Nosso Senhor na parte mais grosseira do nosso ser, a menos suscetível a suscitar idéias espirituais. Per modestiam Christi (2 Cor 10,1) (pela compostura de Cristo), dizia São Paulo. Modus, é o modo de ser, de vestir-se, de comer, é a pessoa exterior; reparem que tamanho efeito era produzido pelo exterior, pela compostura de Nosso Senhor.

Não é que se deva pensar que a gente mesma produza diretamente algum efeito; seria ridículo. Cuidem bem de não magoar ninguém, de forma

alguma, de evitar os defeitos que os Senhores tiverem percebido em si; quanto ao efeito, ele produzir-se-á sem que procurem diretamente, sem que o Senhor se preocupe em ajeitar a fisionomia ou seu caminhar. Por demais conhecida é a palavra de São Francisco ao Irmão Leão: "Vamos pregar..." Na nossa vida, a quem é que falamos? Quem chega a nos ouvir? Talvez duas a três mil pessoas; quem é que nos ouve além disso? Mas há cem mil, duzentas mil pessoas que nos enxergam, que podem aproveitar o exemplo edificante da nossa presença.

Eu lhes recomendo muito a reta atitude na rua, na igreja, em toda a parte. Mantenham o corpo erguido; não apóiem os cotovelos nos genuflexórios. Que o seu porte mostre um verdadeiro Oblato. Nas famílias onde vão, sejam sempre muito corteses, muito decorosos. Tratando com inferiores, mesmo se estes são pouco honestos, sejam os Senhores o que devem ser. Aí está um ponto importante, particularmente difícil de praticar.

Nos seus contatos com o Clero, sejam muito simples e cordiais, como convém entre coirmãos; não se imponham nunca, sejam bem humildes, coloquem-se abaixo de toda a gente. Nas conversações, evitem cuidadosamente certa maneira de criticar e de falar mal. Censura-se ao outro; o que a gente mesmo faz, por exemplo, é perfeito, mas fora disso não há nada que valha alguma coisa. Evitem especialmente criticar o Clero Diocesano; se não tivessem o amparo da vida religiosa, seríamos menos edificantes do que os sacerdotes em geral. Convém formar-se uma idéia exata das coisas. A gente reprova o modo de agir do Clero Diocesano: eles vão à Conferência, comem, bebem e gracejam... Está muito errado julgar mal assim os outros que fazem como podem; como faríamos nós, se estivéssemos no lugar deles? Reparem, meus Amigos, pois se a Congregação há de realizar algum bem, ela o deverá em grande parte à benevolência que ela mostrar a todo o mundo. Temos que assumir tanto a maneira de julgar, como o tom conciliador de nosso Santo Fundador.

"Evitaremos ocupar-nos das coisas do mundo, especialmente implicar-nos com questões de casamentos, de testamentos, etc."

Como disse Nosso Senhor: "Deixem que os mortos enterrem os seus mortos" (Mt 8,22). Cada pessoa tem sua missão e sua graça especial aqui na terra. Os sacerdotes e os religiosos se formariam uma idéia falsa das coisas, se se imaginassem que, por ser sacerdotes e religiosos, eles tenham a graça de estado para dirigir tudo; o pai e a mãe na famí-

lia sabem melhor, em assuntos matrimoniais, o que se deve fazer; a nossa condição de sacerdote ou de religioso não nos dá capacidade maior para arrumar as coisas que não nos dizem respeito e que competem aos outros. É um grande engano pensar que a gente esteja apto a orientar tudo, melhor do que os encarregados diretos. A não ser em circunstâncias extraordinárias, deixem, portanto, que o pessoal se resolva como preferir nas questões de casamento e de testamento, sobretudo quanto à partilha. Muito a miúdo, certos sacerdotes querem arrumar tudo, dirigir tudo, dominar tudo; é por um bom motivo, sem dúvida, mas na maioria das vezes tudo falha, tudo vem abaixo. Toda a minha vida eu tenho ouvido dizer que não há nada mais desastroso do que casamentos arranjados por sacerdotes. Não há dúvida que isso acontece freqüentemente. Se o Senhor se vê na obrigação de se ocupar com um desses assuntos, reze bem, escute o que desejam as pessoas que recorrem ao Senhor e deixe que o façam, a não ser que estejam a ponto de fazer alguma coisa contrária ao seu dever e à Lei de Deus. Então apresente-lhes a sua opinião. Muitas vezes sacerdotes, religiosos deram decisões sem discernimento; em vez disso deviam ter rezado ao Bom Deus para ele dar-lhes um pouco de luz.

"Ninguém poderá empreender obras importantes, nem se comprometer a sustentá-las sem antes obter a licença do Superior."

É claro. Para iniciar alguma obra importante, precisa-se de muitos meios, de muita prudência e, freqüentemente, de muitos recursos; como levar tudo isso a bom término, independente da obediência? Esta efetuará mais do que todos os esforços do nosso zelo pessoal.

"Não se manterá nenhuma troca de cartas com estranhos sem permissão explícita e sem antes pôr o Superior a par dessa correspondência."

Esta prescrição é de importância capital. As cartas de um religioso devem sempre ser escritas como se houvessem de cair em mãos indiscretas, como se estivessem destinadas a ser lidas por toda a gente ou publicadas pela imprensa local. Evitem, portanto, escrever coisas que não seriam convenientes, é óbvio; mas evitem também no tom, tudo o que pode chocar, tudo o que não condiz com a gravidade religiosa.

CAPÍTULO DO DIA 9 DE JULHO DE 1890

A MANEIRA DE AGIR PARA COM AS PESSOAS DE FORA

"Ninguém poderá empreender obras importantes nem se comprometer a sustentá-las sem antes obter a licença do Superior."

Empreendendo uma obra, assume-se com ela uma responsabilidade que sempre recai mais ou menos sobre a Congregação. Não se pode começar uma obra sem comprometer-se a sustentá-la.

Quanto a obras, não se deve apagar o espírito do Bom Deus e deter-lhe a inspiração. Que cada um siga bem o seu zelo, a sua iniciativa, mas que esta sempre seja submetida ao Superior. Há duas faltas para evitar a esse respeito: primeiro, empreender obras sem os recursos necessários e, segundo, não querer nunca tentar nada; aconteceria, pois, que a Congregação ficaria onerada ou, no segundo caso, que ela não faria nada. Esses dois excessos evitar-se-ão pela obediência. Assim como o próprio Superior Geral não pode empreender coisas muito importantes sem o parecer favorável de Roma, do mesmo modo um religioso não deve empreender nada sem a anuência do seu Superior.

Pode-se iniciar uma obra, tendo a permissão para isso e dispondo de todos os recursos necessários, ou quase. Certamente se pode bem contar um pouco com os recursos que futuramente a Providência mandar, mas não se deve contar demais com isso. Esse é o espírito que eu gostaria de ver conservado na Congregação. Não vale querer realizar obras com o dinheiro dos outros. Não é que reprovo as arrecadações de donativos. Essas são boas até certa altura e sob um determinado ponto de vista. São boas enquanto angariam simpatias para seu empreendimento.

Por exemplo, o Obra da Juventude de Troyes: as subscrições caridosas, feitas em favor dela, são excelentes nesse aspeto; se não houvesse necessidade de dinheiro para sustentá-la, deveria ainda, eu acho, continuar esse recolhimento exatamente porque ela fornece a ocasião de expressar as simpatias numerosas da qual essa Obra é alvo e porque proporciona aos fiéis a ocasião de fazer uma contribuição muito meritória. Mas o que eu quero é que os Senhores evitem cuidadosamente lançar-se em

empreendimentos, em construções, apelando para todos os bolsos, pondo-os todos a contribuir. Não se deve desobrigar a gente fazendo com que dêem o seu dinheiro a contragosto.

Em geral, não façamos peditórios, não é o nosso estilo. Não estendamos a mão. Recebamos o que nos é oferecido espontaneamente. Peçamos esperançosos ao Bom Deus que nos envie recursos; confiemo-nos com simplicidade a ele quanto a isso. Mas não comecemos nunca obras sem ter recursos, apelando à direita e à esquerda; nesse caso acontece que os que nos conhecem e que são forçados a nos dar dinheiro, prefeririam não conhecer-nos e os que não nos conhecem, se previnem para não se mostrar.

Eu desejo muito que a Congregação seja auto-suficiente. Trabalhar nesse sentido é um dever de consciência que se impõe a cada um. É preciso que cada um não somente atenda o seu serviço, mas que trabalhe para que as suas ocupações sirvam e não sejam uma carga para a Comunidade, mas, do contrário, lhe rendam alguma coisa. À medida do possível, deve-se evitar as despesas e trabalhar tanto quanto estiver ao alcance das possibilidades. E isso já por espírito de pobreza.

De resto, meus Amigos, seguramente há, hoje em dia, uma atividade diabólica contra todas as ordens e mandamentos de Deus. Ele impôs a lei do trabalho e Satanás quer combater essa lei. Essa questão do trabalho está muito em voga agora, "a proteção contra o trabalho", como dizem, e querem restringi-lo. Espíritos superficiais que não refletem puxam nesse sentido, que não é da lei de Deus. Os oradores católicos, convém dizê-lo claramente, são os mais fervorosos nesse assunto; é uma desgraça. Eu posso dizer francamente o que penso. Quando não se trabalha, não se produz nada; todos fomos condenados ao trabalho; o próprio Adão tinha que trabalhar no paraíso terrestre. A idéia geral atualmente é que se deve trabalhar o menos possível: é um engano, é um mal. Pois bem, as Congregações religiosas são feitas para contrabalançar o errado e o mal. É preciso, pois, que os Oblatos trabalhem. Com isso eles terão recursos; não terão necessidade de estender a mão. A Comunidade que mais trabalhar será mais forte.

Certamente, dentro de pouco tempo, só o trabalho será produtivo. A indústria e o capital estão mais ou menos em perigo. Que os Irmãos se dediquem, pois, de todo o coração; que os Padres também, cada um no seu ofício, trabalhem para ganhar a vida, para que a Congregação tenha um fundo.

Sejamos uma Comunidade de trabalhadores, de homens que não querem pedir esmolas. Uma Congregação fundada sobre o trabalho é imperecível.

Que cada um trabalhe. Por exemplo um professor, que ele se esforce por economizar; ele pode dar aulas de recuperação: que o faça; nessa ocupação pode-se ganhar alguma coisa para a Comunidade; não deixem de fazê-lo, por pouca que seja a contribuição; economizem e trabalhem; importa que isso seja o fundo do nosso espírito.

Não se quer mais que a terra produza, que o capital renda; sobra, então, somente o trabalho do operário para dar. Nunca se impedirá que o trabalho renda; seria uma aberração.

Nós não temos nem bens de raiz, nem capital; temos o trabalho. Estaremos nas condições melhores para viver e subsistir.

Ao mesmo tempo formaremos um contrapeso desta iniqüidade, - uma delas - que consiste em querer mudar a lei de Deus. Obedeçamos sempre fielmente a essa lei. Nós temos uma Obra a realizar, empenhemo-nos por encontrar os mei s de efetuá-la e não tenhamos m do do trabalho requerido para isso. O que é fundado assim, durará, subsistirá para sempre. É uma base eminentemente sólida, tanto do ponto de vista natural como sobrenatural. Não se deve ser pão duro por demais, mas sê-lo um pouco não faz mal, para si pelo menos.

Que não se procure no Evangelho argumentos contra essa doutrina que estou lhes apresentando. Essas objeções não dariam certo. Nós somos fundados em nossa época; devemos inverter as tendências más. É uma coisa muito notável; na Igreja temos quase só ônus. Por exemplo as Obras dos Jovens, em nenhuma parte se consegue; é um empreendimento muito difícil.

As nossas missões são as mais difíceis de todas, que ninguém quer. Por que somos nós os que ocupamos esse lugar? Porque estamos decididos a trabalhar. Tem que se compreender bem isso; é de importância capital. Não somos uma aglomeração de pessoas que vão ao deus-dará, sem outra finalidade do que ter algum lugar e estar um pouco sossegado. Nós devemos ser essencialmente militantes e trabalhadores.

O Bom Deus abençoa sempre os que se empenham. Observem até os maus; quando eles trabalham organizadamente, são bem-sucedidos, o Bom Deus abençoa o esforço deles através da prosperidade material. Por quê? Porque eles não são maus neste particular. O Bom Deus os abençoa naquilo

que fazem como ele quer.

Devemos sobrenaturalizar esses conceitos e esse amor ao trabalho. É preciso que o motivo esteja fora da pessoa, provenha de fora de si mesmo. Sempre é apropriado reafirmar ao mesmo tempo que esses sacrifícios, encontrados no trabalho, essa submissão à Vontade de Deus, são infalíveis para coroar de êxito os nossos empenhos, sendo que a Vontade de Deus se expressa particularmente com relação às pessoas com quem se trabalha ou com quem se trata. Somos bem-sucedidos, não porque temos jeito, não por causa do nosso talento ou da nossa capacidade, mas porque fomos bem humildes, bem obedientes, submissos, porque sofremos. É essa a visão sobrenatural que devemos ter.

Acrescento que a Igreja nos escolheu, porque nós temos essa doutrina desde os primórdios e a mantemos com fervor.

"Não se manterá nenhuma troca de cartas com estranhos sem permissão explícita e sem antes pôr o Superior a par dessa correspondência."

Se é uma correspondência referente à direção espiritual, sobre assuntos relativos ao nosso ofício, peçamos permissão para isso. Quanto às correspondências particulares, deve-se atender bem o que é dito aqui e pôr o Superior a par.

"Evitar-se-á, com todo o cuidado, manter os estranhos a par do que acontece em casa, tanto quanto à administração, quanto com respeito aos detalhes da direção."

Não convém contar às pessoas de fora o que se passa. Da casa só se pode comunicar-lhes o que é interessante, agradável e edificante. Não se deve conversar com estranhos sobre a administração, o governo, a direção; com mais razão ainda é proibido queixar-se de tudo isso com quer que seja. É necessário ser bem rigoroso a respeito disso. Esse tipo de confidências é muito prejudicial; desprendem da Congregação; a gente se expõe a desviar-se do caminho e perder a vocação.

* * * * *

Os nossos Padres de Riobamba, de Pella e de muitos lados diferentes, reclamam pessoal. Precisa-se rezar ao Bom Deus que nos envie vocações. É uma prova de que o Bom Deus tem desígnios de bênção para a Congregação. Que cada um de nós por sua parte procure vocacionáveis.

Ofereçamos para esse fim todos os esforços, os sofrimentos, as contrariedades que a mão paterna de Deus nos apresenta. É o grande segredo para conseguir tudo.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 16 DE JULHO DE 1890

A MANEIRA DE AGIR PARA COM AS PESSOAS DE FORA

"Não se manterá nenhuma troca de cartas com estranhos sem permissão explícita e sem antes pôr o Superior a par dessa correspondência."

Nossas correspondências devem ser cartas de direção espiritual ou de serviço. Quanto às cartas puramente por amizade, é preciso ser moderado. Não são proibidas, sem dúvida; mas em geral restrinjamo-las a nossos irmãos na vida religiosa. Contatos amigáveis de fora, às vezes, nos fazem correr o risco de não ficar bem na nossa vocação. Mantenhamos a amizade quando é boa, útil para o próximo; mas nunca guardemos uma amizade que seria um obstáculo à nossa vocação, que nos desviaria da Comunidade, o que por isso mesmo se nos tornaria um perigo, por certo.

"Evitar-se-á com todo o cuidado manter os estranhos a par do que acontece em casa, tanto quanto à administração, quanto com respeito a detalhes da direção."

Essa recomendação é muito importante, especialmente para aqueles entre os nossos Padres que vão substituir párocos, isto é, os que vão pregar. Então se torna muito concreta a necessidade de ser sumamente discreto e dizer só coisas que sirvam para a edificação. Não se deve querer manter os de fora, sejam quais forem, ao corrente dos assuntos da casa, da administração. A administração deve ser um pouco como a Providência, que age sem prestar contas. Uma Congregação não é uma coisa perfeita; sempre há falhas. Os Superiores, claro, têm seus defeitos. A hu-

manidade é sempre a humanidade, sempre será faltosa. E quando há muitas "humanidades" reunidas, mais falhas haverá.

Sejam sempre leais para com a Congregação diante dos de fora. Agir de outro modo seria uma injustiça; os Senhores se rebaixariam a si mesmos; mostrariam não ter nem juízo nem coração. Sem dúvida, podem falar sobre a Congregação e contar coisas de interesse; mas evitem decididamente pôr as pessoas de fora a par da direção, dos assuntos do Noviciado, da alimentação, do relacionamento dos Superiores para com os inferiores, dos contatos dos inferiores entre si, a não ser que sejam edificantes. Não contem histórias de alunos ou de Padres, a menos que seja algo edificante, ajuizado e interessante, que faça bem ao espírito e ao coração, sempre nos limites da caridade e da discrição. Observem todas as grandes Congregações; reparem os Padres Jesuítas, sempre falam bem do seu Instituto, dos seus Colégios, sobre este ou aquele. Nada fere tão mortalmente a vocação e também a vitalidade de um Instituto como a falta de caridade religiosa para com a Comunidade; isso impede simplesmente que essa Comunidade se estenda.

Graças a Deus, isso não acontece entre nós; mas devemos cuidar para que isso não ocorra mais tarde; é uma falta de juízo. Com um pouco de humildade e de espírito de Penitência a gente se mantém prevenido contra esse triste defeito. Mas quando um religioso vai desabafar as suas amarguras ou vai se vingar desse modo, surge uma situação miserável.

Todas as vezes que a gente é solicitado para alguma coisa, isso é bom, devemos apegar-nos a ela de todo o coração. Diante dos de fora, apresentem-na, então, como coisa boa; isso é que é perfeitamente apropriado; isso é boa educação, estilo acertado.

Os Senhores serão respeitados, não se pensará em atacá-los. Pratiquem, pois, fielmente esse ponto das Constituições. Nas Congregações e nas Ordens religiosas, reina muito rigor a esse respeito. Quando algum religioso repetiu o que foi dito no Capítulo, ele é excluído do mesmo por um ano; se há repetição da mesma falta, ele fica excluído para sempre; assim nem faz mais parte da Comunidade.

O Senhor sabe alguma coisa boa, edificante e interessante, o Senhor a introduza na conversação; isso causa um bom efeito, faz bem.

"A gente esforçar-se-á por seguir as regras traçadas por nosso

Bem-aventurado Padre, São Francisco de Sales, com relação à conversação com estranhos."

É muito recomendável reler de vez em quando esse Regulamento de Pádua, tão cheio de sabedoria e de prudência. A gente não compreende como um estudante, um jovem de vinte anos, pôde estabelecer-se regras tão seguras e tão completas. Seria bom talvez que se fizesse desse Regulamento de Pádua uma certa quantidade de cópias autográficas.

"Quando o Superior der um Oblato a um outro para acompanhá-lo, esse acompanhante deixa sempre ao primeiro a precedência e lhe deixará a palavra."

O socius (acompanhante) deve lembrar-se bem desse ponto das Constituições, ainda que esteja, por seu cargo, acima daquele a quem ele acompanha. Deve ceder-lhe a preferência, já que ele não tem outra missão a cumprir senão a de acompanhar.

"Ninguém pedirá para comunicar-se com estranhos, nem sair, sem dizer ao Superior com quais pessoas e por que motivo deseja fazê-lo."

Em geral deve-se pedir licença, menos nos assuntos necessários do próprio serviço e quando sempre se sai na hora marcada.

Fora disso, sempre avisem; não saiam nunca sem permisão do Superior ou de quem o substitue. É essa submissão que perfaz o religioso, o homem que ofereceu a Deus sua liberdade.

"Em viagem, os Oblatos escolherão sempre as casas mais seguras e mais convenientes para pedir hospitalidade; mas, havendo ali uma casa da Congregação, não devem nunca aceitar nada a não ser na casa dos coirmãos."

Deve-se evitar ir nas casas que não têm uma excelente reputação e onde se poderia julgar mal a sua intenção. Em geral, quando um Oblato sai de viagem, ele deve dizer ao Superior onde irá e onde pensa parar. Não convém que ele se desvie do itinerário que lhe foi traçado, menos nas circunstâncias de força maior. Escolham sempre as casas mais seguras e mais convenientes.

Guardaremos do Capítulo de hoje que não se deve sair nunca sem autorização e também que, quando temos que atender alguma função do Mi-

nistério Sagrado, quando recebemos ou fazemos alguma visita, importa evitar cuidadosamente contar o que diz respeito ao regimento interno da casa; deve-se evitar especialmente falar mal dela, o que seria um grande pecado. Tendo a cabeça bem no seu lugar, a gente nunca se deixa desviar para tamanha loucura.

O Senhor é religioso, doou-se à Comunidade; o Senhor nem sempre compartilha a opinião dos Superiores; mas, digam-me, será por acaso que o Senhor infalivelmente sempre enxerga como o Bom Deus? Que tal? A ordem da Providência lhe parece sempre bem ajeitada? Lembre-se da história da bolota e da abóbora. Cogita o Senhor opor-se à Providência, ainda que nem sempre a compreenda? Pois bem, a Providência, o ambiente do religioso, é a Comunidade. Tudo foi arrumado, decidido, aprovado pela Igreja. Indo de encontro, o Senhor faz um pouco o papel de Garol.

Quanto mais digno e mais conveniente é fazer o sacrifício e dizer:Está bem!(, ainda que custe.) Não faz mal desprender-se um pouco do juízo próprio. Nem toda a gente tem o mesmo parecer. Por exemplo uma cor: ninguém a vê de forma absolutamente idêntica; forçosamente sempre há diferencinhas. Façam corajosamente o sacrifício, renunciando ao juízo próprio.

Que esta seja a índole própria dos Oblatos: ocupar o último lugar em toda a parte. Reparem: nós vamos aonde ninguém vai; nós estamos bem, onde ninguém consegue viver. É isso um papel necessitando restrições? São Francisco de Sales certamente não era um simplório. Mas trata-se, pelo contrário, de uma grande virtude, uma magnânima generosidade; precisa-se para isso sobretudo um bom juízo. Repitamos muitas vezes esta palavra da Sagrada Escritura: Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam (Sb 9,4) (Dai-me, Senhor, a sabedoria que partilha vosso trono). Dai-me, Senhor, um bom juízo. In nomine Domini. (Em nome do Senhor.) Amém.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 24 DE SETEMBRO DE 1890

DEDICAÇÃO

Esta manhã tratarei um só assunto para exortá-los à dedicação. Importa que se entreguem totalmente ao Bom Deus. Devem oferecer-lhe o espírito pelo fervor interior, devem fazer jus a serem Oblatos, não guardando nada para si, fazendo a oblação de tudo, pois é essa a sua condição, é essa a sua missão. Compete-lhes dar ao Bom Deus os pensamentos, as afeições, todo o íntimo do seu ser... É coisa boa ter amor no coração; é algo muito importante. Deus é amor; pelo amor, pela caridade a gente se une a ele. Seja qual for a tarefa que lhes é confiada, não considerem o trabalho em si, não reparem suas idéias, seus interesses, as suas satisfações; os Senhores pertencem totalmente ao Bom Deus; entreguem-lhe tudo sem reserva.

Devemos obedecer no nosso serviço, no que nos for mandado para o bem da Congregação. Podemos dar muito à Congregação por nossa índole pessoal, nossa bondade, nossos trabalhos, nossa energia; daremos mais do que isso ainda, oferecendo a vontade. Requer-se que a sacrifiquemos de verdade. É isso o que peço dos Padres idosos do "São Bernardo", bem como dos mais jovens. Eu peço-lhes que fiscalizem este ano o estudo dos grandes. Esse estudo corre perigo, um pouco por falta de bons vigilantes, e devem ser tomadas providências.

Vivemos um momento difícil. Cada um é obrigado a dedicar-se sem o que nada funcionará. Estamos numa época, encontramo-nos num terreno onde se deve dar da sua própria pessoa, da sua energia, de seus sacrifícios. Em torno de nós, nada se fará sem nós. Quando a máquina está bem montada, tudo anda e continua o impulso inicial; hoje em dia a máquina social está desmontada, o mundo físico segue seu curso, mas o mundo moral está desarticulado. De Deus não se quer saber mais. Nós sentimos as conseqüências dessa rebeldia; tudo está verdadeiramente dissociado. Se o Senhor diz: "Fui encarregado de fazer isso, não farei outra coisa, o Senhor não realizará nada de bom; mais vale o Senhor não se meter, a vontade dos alunos não engrenará com a do Senhor; nada funcionará.

Não resta dúvida que reina uma desconjunção generalizada, e que estão trabalhando para estendê-la cada vez mais. As pessoas que dirigem a sociedade obedecem a Satanás. O diabo é o dono do mundo, na política e na educação. Não se façam ilusões. Estamos num tempo de "salve-se quem puder" universal. Olhem como o Bom Deus age nas coisas que lhe dizem respeito. Ele não se reserva nunca, unicamente a si, o meio de reorganizar o que lhe pertence.

É preciso que cada um contribua com sua pessoa e dê todas as suas forças para realizar o salvamento. Não são palavras apenas o que lhes estou dizendo; é um fato, é uma situação muito real. Não é somente para nós que as coisas acontecem, em toda a parte é assim também e às vezes pior. O que seria de um navio se o oficial do turno dissesse: "Estou de guarda só até às nove horas; meu serviço se acabou; não há ninguém para me substituir, o outro só chega às onze, mas vou embora"?

Deve-se agir com a graça do Bom Deus. Devemos nos dedicar usque ad effusionem sanguinis (até o derramamento do sangue). Alunos têm sido sempre preguiçosos; é uma exceção encontrar trabalhadores entre eles, mas quando a preguiça era considerada um vício da qual a gente se confessava e pela qual se era castigado por Deus, havia, então, um ponto firme de apoio para combatê-la. Hoje em dia, parece que a preguiça não seja mais pecado, que é uma coisa bem ridícula esforçar-se; ninguém mais quer incomodar-se. Essa mentalidade se espalha, infiltra-se por tudo; o que fazer? Em que se apoiar? No Bom Deus e em nossa personalidade. Que cada um por si, Professores, Irmãos, que todo o mundo se inspire nesses princípios, porque, do contrário, a grande engrenagem da administração não bastaria mais para fazer funcionar a máquina, tudo estaria desengrenado. É preciso que cada peça da máquina tenha o seu impulso próprio. A sociedade se desorganiza de um modo fatal; a intenção dos que governam é acabar com os estudos literários e intelectuais para chegar mais ligeiro a essa desconjuntura. O trabalho se prossegue com uma força, uma astúcia incomparável. Não nos desanimemos. Pelo contrário, estejamos corajosamente na brecha, preparando-nos ao advento do Salvador e aos frutos que daí recolheremos. As nossas Obras foram fundadas para remediar esses males atuais da sociedade; quanto pior for, mais devemos ser fiéis à obra, mais estamos centrados no que, de verdade, é a nossa tarefa. Ocupemo-nos com Nosso Senhor. Quando o Salvador olhar sobre a terra, do lado do "São

Bernardo", que ele ache lá pelo menos uma casa de Betânia onde possa retirar-se no momento de sua Paixão e ser acolhido por alguém que o compreenda e o ame. Está nisso a nossa missão; ela é maravilhosa. Não estou inventando. A Boa Madre mo dizia muitas vezes e afirmava que era necessário ficarmos firmes e inabaláveis. Reparemos bem, cada um se encarregue do que lhe toca, pois disso somos responsáveis. Agarremo-nos firmemente à obediência, pois é ela que nos ajuda a levar a carga. Levemos esse peso generosamente nos ombros sem desviar à direita ou à esquerda; sejamos fortes e generosos, sem desacorçoar ante dificuldade qualquer: Simile est Regnum coelorum homini negotiatori... (Mt 13,45) (O Reino dos céus é semelhante a um negociante). O comerciante que se ocupa de seus negócios procura estender seus contatos e aumentar a renda das suas transações. Regnum Dei, intra vos est (Lc 17,21) (O Reino de Deus está no meio de vós). Esse Reino de Deus está em sua alma. Os Senhores não podem fazer com que Deus reine nos Senhores, no seu íntimo, se não são semelhantes a esse mercante que procura pedras preciosas, quaerenti bonas margaritas(Mt 13,45). Ele busca pérolas no meio de quê?... A aplicação das palavras do Evangelho é impressionante. Ele procura pérolas. Ele as achou, como nós, no que o Bom Deus nos põe nas mãos, no que ele nos confia, em nossa tarefa de cada dia. Encontram-se ali pedrinhas que não devem ser menosprezadas. Nas mãos de uns essas pérolas não são muito grandes; são bem duras, bem grosseiras, bem opacas. Importa procurá-las, encontrá-las e fazer com que se valorizem.

Lembremo-nos dessa palavra do Evangelho durante este ano; dediquemos zelosamente toda a nossa devotação para harmonizar perfeitamente com a idéia do Salvador. O Senhor será ajudado valiosamente nos seus momentos difíceis, nas grandes tentações, ao observar Nosso Senhor, enquanto age e fala. Assim era, sem dúvida, o espírito da Boa Madre, o seu modo de ver e de agir. Nas conversões que operava, nas voltas ao Bom Deus que ela encaminhava, era bem isso. Procurava a boa pérola, onde ninguém a suspeitava; ela a achava e fazia valer. A Boa Madre disse que os Oblatos eram os herdeiros do seu dom. Eis aí esse dom frente a Deus e diante dos homens.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE OUTUBRO DE 1890

OS DOENTES

"Ter-se-á, na Congregação, um cuidado todo especial para com os doentes. Haverá uma dedicação afetuosa, especialmente porque eles são a bênção da casa, atraindo sobre o Instituto as graças mais abundantes e eficazes."

Eis uma palavra bem consoladora para os enfermos. Estando doente é difícil aceitar que se possa fazer alguma coisa na sua inatividade, que se possa contribuir assim mesmo em prol da obra de Deus. Não é uma especulação aérea essa doutrina. Fazemos a obra de Deus, estando em união com ele. Quando estamos doentes e unidos a Deus, não estamos ociosos, não comemos o bem da Comunidade; realizamos, pelo contrário, a obra mais meritória e mais atuante aos olhos do Bom Deus.

"Os enfermeiros que terão o cargo de cuidar deles desempenhar-se-ão do seu serviço de todo o coração, não só quanto aos cuidados materiais, mas também com respeito às distrações, passatempos e alegrias que devem proporcionar aos doentes."

"Manterão a enfermaria e todas as suas dependências num estado de asseio perfeito e, segundo a estação, terão o cuidado de pôr folhagens e mesmo flores no quarto dos enfermos."

"No cuidado dos doentes, eles deverão conformar-se à obediência e às ordens do médico. Lembrar-se-ão de rezar por seus doentes e se recordarão das promessas feitas por Nosso Senhor aos Apóstolos: "Curate infirmos". Depositarão toda a sua confiança na ajuda de Deus e incutirão aos enfermos o mesmo sentimento."

Eu gosto muito desse Artigo. Deve-se recorrer ao médico nas doenças graves e sérias. A gente mesmo não se deve fazer demais o médico. Correria o risco de enganar-se. Com exceção desses casos sérios, eu gostaria que a gente se fiasse nas palavras do Evangelho. Os Apóstolos não eram médicos, menos São Lucas. Nosso Senhor disse: Curate infirmos (Mt 10,8) (Curai os enfermos). Isso se aplica sobretudo aos religiosos. É para fazer isso mesmo, prendendo-nos a essa palavra, a esses termos.

Na Comunidade, é preciso que todos rezem pelos doentes. É uma grande caridade espiritual para com eles.

Uma coisa que não se deve fazer, entre religiosos e numa casa religiosa, é instalar um médico dentro da casa. Os religiosos devem ter uma vida religiosa, e o médico, a não ser em casos excepcionais, não é de forma alguma um homem que aí se adapta. Olhem o que acontece entre as mulheres, bem como entre um bom número de homens que são muito impressionáveis; uma vez que a gente se imagina estar doente, se traumatiza è pronto, não se solta mais os médicos e nem os remédios. No mundo há muitos doentes imaginários; há uma quantidade enorme de enfermos fictícios. Livremo-nos desses meios humanos. O Senhor está um pouco doente, avise o enfermeiro; o Senhor está mais enfermo, vá à enfermaria; mas, dentro do possível, não se deveria estar doente a não ser para morrer.

Primeiro, não adianta nada estar doente. Tomem, portanto, as precauções; sirvam-se de água benta, confiem-se a Nosso Senhor e rezem a ele. O Senhor se quebrou uma perna, tem a febre tifóide; não seria prudente deixar que o Senhor se cure sozinho, evidente que precisa de médico.

A grande precaução contra doenças é a higiene: é não cometer imprudências. Nestes últimos dias, um escritor por demais célebre, Afonso Karr, que acaba de morrer com 82 anos de idade, inventou ir pescar em baixo da chuva e, na volta, não quis trocar de roupa; morreu disso. Não se deve nunca bancar o valente indevidamente. O Senhor está com frio, ponha uma roupa a mais. Cuide de sua saúde. O Senhor está resfriado, tome um pouco de leite quente. Está cansado, tome alguns instantes de repouso. A higiene bem aplicada tem um grande efeito. Os religiosos devem ter uma outra higiene do que a gente do mundo. Um religioso não deve inventar beber álcool como faz um homem do mundo. Um religioso não deve comer coisas tão sólidas; a vida que leva não o permitiria impunemente. Se um professor se impusesse um regime destes, estaria doente logo.

Suponham uma Comunidade de mulheres e o médico indo lá regularmente, isso não presta para nada. Por mais santa que seja essa Comunidade, ela sofrerá um grande detrimento. Essas religiosas fariam melhor cuidando-se mutuamente e não chamando o médico, a não ser em circunstâncias de gravidade. Não há nada que tanto destrói o espírito religioso. Em nossas doenças é preciso termos muita fé na bondade, na caridade do Salvador; precisa-se rezar fervorosamente.

alta sociedade tinham seu diretor espiritual; agora eles têm seu médico... É claro, não se deve repelir sistematicamente o médico: Honra medicium propter necessitatem, diz a Sagrada Escritura (Ecli 38,1) (Honra o médico por causa da necessidade). Ele desempenha uma função importante; ele faz parte da Providência. Honrem-no; mas entre honrá-lo e sujeitar-se a ele cegamente em tudo e por tudo, há muita diferença, de certo. Um dia, o Padre Montiémary foi visitar São Bernardo na cela deste. Ele estava silencioso e abatido. - O que o Senhor tem? - perguntou-lhe o visitante. - Hominibus imperabam et nunc bestiae obedio (Eu dava ordens a homens e agora obedeço a um animal). Era o Bispo de Châlons que tinha pregado essa peça; ele tinha submetido São Bernardo a um médico pouco inteligente que fazia com que o Santo comesse e bebesse exatamente o contrário do que precisava.

Eu lhes repito a promessa de Nosso Senhor: Curate infrmos (Mt 10,8) (Curai os enfermos). Tendo fé nessa palavra, evitarão muitas doenças. Não se deve tampouco fazer-se de médico, pôr-se a prescrever remédios. Não, rezem e façam rezar e sirvam-se muito de água benta.

Quanto às pessoas que os Senhores dirigem espiritualmente, sejam prudentes. Suponham uma pessoa doente, não façam com que se mande embora o médico, se ele não abusa da situação; e mesmo existindo algum abuso, não compete ao Senhor recuperar o enfermo. Se as pessoas, cuja direção espiritual o Senhor atende, não podem privar-se do médico, deixe que o façam. Eu falo com referência a religiosas. Se numa Comunidade, onde o Senhor tem alguma influência, esse abuso existe, evitem dizer: "Estão dando ao médico um papel demasiadamente importante". Provavelmente o Senhor não seria compreendido, e as suas palavras seriam mal interpretadas.

Com relação a isso, nas regiões de fé, os doentes não recorrem somente ao médico. Rezam aos Santos, fazem romarias. Olhem o que acontece em Lourdes. Muitas coisas maravilhosas ocorrem ali; e há muitos fatos análogos em outras peregrinações, ainda que seja em escala menor. Nas nossas regiões de Champagne, fazia-se romarias a Saint Parres; vinha-se ali da Alsácia e todo o Leste da França. Eu mesmo fui testemunha de duas curas bem notáveis. Uma era de uma senhora de Plancy, que faleceu há uns oito ou dez anos, quando muito. Tínhamos também uma empregada idosa, Flora, que estava gravemente doente e que foi curada em conse-

qüência de uma romaria a Saint Parres. Em Troyes havia ainda a peregrinação de Santa Júlia, que eu gostaria muito de realçar. Havia um poço de Santa Júlia, o qual foi atulhado depois. Vi gente que trouxe a esse poço uma criança que não enxergava muito bem; a doença era incurável, e a criança se curou. Eu estava no Seminário Menor naquele tempo.

Já que o Bom Deus converte as almas, ele pode sanar os corpos também. Necessitando um médico, precisamos de obedecer-lhe; é Deus que criou a força dos remédios; esta obediência é um ato meritório.

"Os doentes que estão nas últimas serão assistidos por um sacerdote segundo o Ritual Romano."

Nos países católicos, na Espanha, isso se faz sempre. Nas nossas regiões seria mais difícil fazê-lo para toda a gente, como sugere o Ritual. Fa-lo-emos pelo menos para os Oblatos. Essa assistência do sacerdote nos últimos momentos é bem valiosa para afastar os demônios e dissipar as tentações de desespero e de blasfêmia do último momento, para perdoar também os pecados da última hora, dar a absolvição, aplicar a indulgência plenária e pronunciar as palavras do Ritual: Parta, alma cristã.

"Recordar-nos-emos que é uma doutrina entre nós, assim como se expressa nosso Bem-aventurado Padre, que os que sofrem e padecem na amargura e angústia da doença, trabalham de uma maneira bem mais segura do que os que falam e agem, rodeados de encorajamento e consolação."

A oração dirigida ao Bom Deus por um doente tem mais efeito do que aquela que é feita enquanto goza boa saúde. O sofrimento que a gente oferece ao Bom Deus tem mais eficácia do que todas as palavras possíveis. Entender isso é muitas vezes bem difícil para os doentes. O momento da agonia, da luta derradeira da vida contra a morte, apresenta geralmente um espetáculo muito triste. Nota-se que as almas mais fiéis ao Bom Deus têm, às mais das vezes, um fim muito penoso, de duras provas e nada de consolações. Como Nosso Senhor na Cruz: Eli, Eli, lamma sabactâni (Mt 27,46).

Os que visitam os doentes devem agir nesses últimos momentos com muita precaução e prudência. Deve-se dizer o que Deus inspira, uma palavrinha que possa ajudar. Não se deve fazer como esses bons Párocos que se instalam ali e despacham exortações, como a instrução que se faz

aos noivos no dia do casamento. Na hora da morte, a gente não tem a força para escutar tanto tempo. Corre-se o risco de impacientar o moribundo e fazer-lhe mais mal do que bem. Ajam, pois, com muita prudência e limitem-se, às mais das vezes, a uma palavrinha de encorajamento. Renovem a reta intenção, rezem a Nossa Senhora, às almas do Purgatório, à Boa Madre, e elas nos darão o que for preciso para o agonizante.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE OUTUBRO DE 1890

OS DEVERES DO INSTITUTO PERANTE A IGREJA E A SANTA SÉ

"A Congregação inteira, membros, Comunidades e Provincias, assumirá como obrigação sagrada professar, em toda a parte e sempre, um apego inviolável à Santa Igreja e trabalhar zelosamente, à medida de suas forças, para defendê-la, exaltá-la e propagar-lhe a influência benfazeja. No ensino, como nos sermões eles insistirão muitas vezes na observação das leis e preceitos da nossa Mãe, a Santa Igreja, particularmente com referência ao jejum da Quaresma... do qual a sociedade moderna cada vez mais procura livrar-se. Além dos conselhos continuarão a mostrar por seus bons exemplos aos cristãos relaxados e frouxos que, sem a Penitência, não podem ter a esperança de entrar no Reino dos Céus."

A Congregação inteira é obrigada a ter essas disposições, e cada casa e cada indivíduo deve professar esse inviolável apego. Somos filhos da Santa Igreja, somos seus soldados, mais do que isso, nós estamos encarregados do bem espiritual das pessoas, devemos trabalhar para a Igreja com zelo, na medida de nossas forças, devemos empenhar-nos por exaltá-la, defendê-la e propagá-la.

Escutem bem o que vou lhes dizer: é conforme uma grande autoridade que estou lhes falando.

Na Idade Média, a Igreja intervinha em toda a parte; ela pene-

trava a sociedade por tudo. Passamos de um extremo ao outro: a gente afasta a Igreja de todos os lugares, fazem-lhe uma guerra de extermina-ção. Na Idade Média, o poder temporal era submetido ao poder espiritual; o Santo Padre era o pai dos fiéis e dos reis, o pai da cristandade toda. O mundo malvado entrou em luta contra esse poder da Igreja, arrebatou do Papa até seu poder temporal. Pode-se observar essa peleja através dos séculos. Um dos momentos mais terríveis foi a época do Protestantismo, depois vieram os Filósofos, os Revolucionários. O resultado dessa guerra encarniçada foi tal que muitos doutores declaram de bom grado que a I-greja não deve mais ocupar-se das coisas temporais; que ela não é deste mundo e que ela deve deixar, sem ocupar-se dele, que as potências da terra a dirijam. Os eclesiásticos e os religiosos - pensam eles - devem fechar-se nos seus presbitérios, nos seus mosteiros e não se ingerir nos assuntos deste mundo, - como se o espírito não tivesse que presidir aos movimentos do corpo. Na hora atual, reina uma atividade excessiva no campo dos negócios, do comércio e da indústria.

A Igreja não deve ficar alheia a essa atividade. Quando os Bárbaros vieram difundir-se sobre a Europa, a Igreja os seguiu e os con-verteu. Não deve acontecer que ela fique distante do comércio e da in-dústria; é preciso que ela os penetre e os santifique, reconduzindo-os a Deus. A atividade dela não deve estar distanciada do que perfaz a vida do nosso século.

Devemos, com um espírito bem aberto, com uma vontade bem am-pla, amar a Santa Igreja e não restringir o nosso apego a ela, a idéias mesquinhas e estreitas. Devemos, na medida da nossa missão, de nossas forças e da prudência, ajudar a Santa Igreja a propagar a sua influência benéfica em toda a parte. É mais do que certo que a idéia da Igreja, au-torizando uma Congregação nova, é de ter um apoio a mais para penetrar na sociedade tal como ela é, para dirigir o movimento social até onde se puder alcançar, segundo o plano de Deus e a direção da divina Providên-cia.

Olhem os Capuchinhos; eles entram de cheio nesse movimento aí. O Padre Arseno, que veio nos visitar ontem, o Padre Ludovico, que os Se-nhores viram há dois anos, eles entram um nas finanças e o outro na di-plomacia. Eles estão tendo êxito. Não lhes conviria esconder a luz de-baixo do alqueire (cf. Mt 5,15) e é o que compreenderam bem os Superio-res deles.

Trabalhemos, pois, ativamente, impedindo que a Santa Igreja não tenha nenhuma atividade exterior, nenhum poder; lutemos pacifica, mas vigorosamente contra essa tendência de afastar Deus da vida, de eliminar a própria idéia de Deus. Importa que o Oblato esteja disposto a fazer tudo o que a glória de Deus e a exaltação da Santa Igreja requerer. E compete ao juízo e à prudência do Superior aproveitar cada Oblato segundo os limites de sua capacidade; é preciso que cada Oblato esteja pronto para fazer tudo o que o Superior lhe disser, a ir para as Missões se necessário for, ou então a defender, nas obras aqui, os interesses, os bens da Comunidade e a estender sempre mais a influência salutar dela.

A vida religiosa é um laço; sem dúvida, é o vínculo que reune os membros e lhes dá, por conseguinte, mais força, mais eficácia; mas a direção dessas forças, dessa ação deve estar nas mãos do Superior.

O caminho a seguir nos é perfeitamente indicado pelos inimigos de Deus. Lá onde eles avançam, é ali onde devemos nos dirigir para combater seus esforços e não deixar que passem.

O que estou dizendo é difícil, talvez, de compreender. - Eu não me fiz religioso para isso... - O Senhor se tornou religioso para trabalhar, para obedecer, para estender a benéfica influência da Igreja. Sim, meus Amigos, a missão dos Oblatos é linda. O Padre Dom Francisco de Sales, de Nossa Senhora dos Eremitas, me disse há muito tempo: "Creio que o Bom Deus lança os olhos sobre a Congregação dos Oblatos para operar muitas coisas que não foram feitas ainda."

Voltemos às nossas Constituições. O Padre Capuchinho que as revisou insistiu, no Capítulo XXIV, na necessidade de recomendar freqüentemente aos fiéis a santificação do domingo, a Confissão e a Comunhão, o jejum e a abstinência. Sem dúvida, a Igreja suavizou a disciplina primitiva referente a alguns desses pontos, mas nada suprimiu e não quer abolir nada. Os cristãos fiéis devem aplicar-se a observar esses preceitos com maior exatidão ainda, na medida do possível. É preciso observar fielmente o que dizem os Bispos, o que diz o Papa, o que ensina a Teologia. Há dispensas do jejum, numerosas dispensas que a gente aprende na Teologia: o trabalho pesado de muitas profissões, a precariedade de saúde. Essas dispensas legítimas se aplicam a uma multidão de fiéis. Mas

fora desses casos previstos, é preciso observar exatamente as leis da Igreja. Além disso, podendo cumprir essas leis à risca, estamos ao abrigo de uma quantidade de provações, enquanto - não cumprindo com essas prescrições, não se pagando a sua dívida como a Igreja manda - paga-se isso de um outro modo, e não temos nada a ganhar com isso. Os fiéis observadores das leis da Igreja são seres privilegiados. Evitam muitas vezes sérias doenças, calamidades, provações que os outros têm que enfrentar. Incorremos em dívidas para com o Bom Deus, devemos pagá-las, por um meio ou por outro. A observância das leis da Igreja á um meio bem mais suave e mais fácil. Façamos com que os fiéis compreendam isso; ensinemos-lhes que jejuando, fazendo abstinência, colocamo-nos ao abrigo de muitas provações, e que é preferível pagar com a moeda do Bom Deus do que com o troco da nossa invenção.

Para penetrar bem no espírito das Constituições devemos fazer com que os fiéis compreendam essas coisas e temos que fazê-lo com muita prudência e discrição. Contaram-me, nestes últimos dias, que um religioso zeloso fazia com que sua sobrinha de onze anos jejuasse com todo o rigor. Isso não é sensato.

Uma prova eloqüente do que lhes afirmo, isso é, que a prática das mortificações mandadas pela Igreja põe ao abrigo de penas e provas, elimina problemas e enche o coração de gozo e felicidade, é a alegria proverbial dos Capuchinhos, dos Carmelitas, das Ordens que levam uma vida austera. Não podendo fazer tudo o que a Igreja pede, vivamos pelo menos no espírito de penitência, não nos permitindo jamais a realização de todos os nossos desejos; tendo algo a sofrer, ofereçamo-lo generosamente. Imponhamo-nos de bom grado alguma penitência - a penitência da Regra - alguma coisa que nos proporcione mais energia, que dê mais força de vontade. A penitência é a corda que curva o arco e lhe dá força.

* * * * *

Um sacerdote muito venerado, N. Bourbonne, capelão do primeiro mosteiro de Paris, acaba de morrer. Eu o recomendo às suas orações. Ele rezava por nós; ele entendia nossa maneira de ver; desejava a propagação da Congregação. Retribuamos-lho junto ao Bom Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 5 DE NOVEMBRO DE 1890

A OBSERVÂNCIA DAS CONSTITUIÇÕES EM GERAL

"O primeiro dever dos membros, o qual inclui de certa maneira todos os outros, é observar fielmente as Constituições do Instituto, segundo a promessa feita por cada um, na hora da sua Profissão."

A promessa feita na oportunidade da Profissão envolve não somente a honra, mas também a consciência. Os votos obrigam. Não se pode faltar a eles sem pecado, porque a violação provém sempre de um fundo repreensível e culpável. Se é por desprezo pelas Constituições, é, então, um ato irreligioso e gravemente culpável; se é por negligência, há sempre, por isso mesmo, uma certa culpabilidade.

Cada bom religioso se empenha cordialmente por aplicar-se à observância; disso somente depende sua razão de ser; unicamente por isso ele é alguma coisa; sem isso, é um ser inútil e mesmo perigoso.

"Todos respeitarão fielmente essas Constituições, considerando-as a expressão da Vontade de Deus referente a eles; abster-se-ão cuidadosamente de desprezar ou criticá-las entre si, e menos ainda perante pessoas de fora."

Todo o bom religioso, seguramente, professa o maior respeito pelas Constituições, pela Regra. Reparem aos Padres Jesuítas; em todo o tempo, em toda a parte, diante de todas as classes de pessoas, eles consideram a sua Regra religiosa como uma coisa muito santa, muito sagrada e inviolável, como a mais alta expressão de tudo o que há de melhor. É essa a opinão que eles têm e a convicção que manifestam para fora. Num lar respeitável, todo o membro estima a própria família. Lembrem-se da afirmação de Nosso Santo Fundador, que uma criança gosta mais de sua mãe do que de todas as outras pessoas, porque é a mãe. Esse amor é muito legítimo; é justo e ordenado.

Como fazer para testemunhar esse amor por nossa Congregação, que é a nossa mãe, que representa a nossa família? O grande meio é praticar bem fielmente as Constituições, é observar religiosamente o Diretório: é isso o que nos santifica, o que mostra o nosso amor e apego.

Amaremos, então, o nosso Instituto, porque assim cumpriremos com todas as obrigações. Caso contrário, só experimentaremos estranheza diante do nosso Instituto. Gostamos muito do que fazemos bem. Um religioso que falaria contra as Constituições seria muito repreensível, ele daria provas de que está cedendo à tenação. E se fosse diante de pessoas de fora que ele falta a seus deveres assim, daria a impressão de um muito triste religioso.

"As Constituições não obrigam por si mesmas sob pena de pecado; contudo, no foro externo, uma infração representa uma falta disciplinária que, por sua própria natureza, está sujeita a sofrer uma correção."

Todo o mundo compreende bem isso; dizer uma palavra, em si não é pecado; entrar num quarto, não é pecado; divertir-se, não é pecado; fazer um estudo em vez de outro, não é pecado; mas o que pode ser pecado é o motivo que determina o ato, seja o orgulho, seja a preguiça, seja a desobediência, e sendo que o voto de obediência obriga sob pena de pecado, afinal de contas, há uma falta de dissensão. Uma ocasião próxima de pecado em si não é pecado; mas, como ocasião de pecado próximo, ela se torna pecado. Na vida religiosa, as coisas proibidas não são más em si mesmas; se os Senhores não fossem religiosos, a maior parte delas lhes seriam permitidas; mas o motivo que faz com que faltem à Regra, faz delas praticamente, na maioria das vezes, verdadeiros pecados dos quais é bom confessar-se.

Um verdadeiro cristão só merece esse qualificativo ao cumprir todos os seus deveres de cristão. As obrigações religiosas podem ser comparadas com as da vida cristã, das quais são unicamente uma extensão. Um galho separado do tronco não pode ter vida, nem seiva. Um religioso só pode ter virtude à medida que a vontade sintoniza com a Regra.

Todos os atos da vida religiosa que - consideradas em si mesmas - não obrigam sob pena de pecado, incluem em si alguma coisa cuja inobservância constitui pecado.

Vou me explicar por uma comparação. Imaginem o caso de um texto impresso. Cada tipo isoladamente é indiferente e não repercute em nada; mas quando colocados em série, não pode faltar um sequer, sem que haja uma falta, um contra-senso, uma composição defeituosa.

Avancem com o Bom Deus, com o seu dever, sempre, - por conta

própria, nunca. Estudem Teologia para os outros, sim; apliquem os princípios de Santo Afonso de Liguori, os dados do probabilismo; tratem os outros dessa maneira; mas os Senhores mesmos não se tratem com conclusões demasiadamente teológicas. Os que agem assim, são normalmente espíritos dissimulados que facilmente são levados a erros. Está aí a Regra, devemos observá-la de todo o coração. Toda a Teologia a empregar está nisto: Um só Deus adorarás e amarás perfeitamente. Na experiência da vida espiritual vê-se que as pessoas que discutem, que fazem uso, para a defesa de si mesmas, do seu conhecimento teológico, não chegam a nada de bom.

Conclusão prática: assumamos a Regra, as Constituições; observemo-las tais como são. Tenhamos bem mais medo de faltar à Regra do que de cometer um pecado... Estou dizendo coisas raras hoje, mas o que digo é verdade. Uma mentira é uma mentira; a gente se humilha, se confessa e é perdoada; uma falta à Regra é pior do que uma mentira. Uma mentira Deus lha perdoa; mas uma falta à Regra, se o Senhor a cometeu obstinadamente, se o Senhor a perpetra habitualmente, Deus não lha perdoa. Tenham, pois, o cuidado de acusar-se, façam penitência, já que são faltas mais graves nas suas conseqüências do que os pecados. Tratemo-nos com toda a sinceridade, como o merecemos. Visitabo Jerusalem in lucernis (Sof 1,12) (Esquadrinharei Jerusalém com lanternas). Eu visitarei a Jerusalém de minha alma, com a luz na mão, pelos mínimos recônditos.

Eu lhes faço esta manhã esta repreensão severa, porque observo que quem quer que seja, em qualquer posição que ele se encontre, se não é sincero consigo mesmo e para com Deus, desempenha um mau papel. Quando se vem discutir com Deus, se houve pecado, se não houve pecado, a gente se encaminha a conseqüências desastrosas. Assumamos, pois, despretensiosa e simplesmente, a Constituição tal qual é.

O que também nos deve encorajar muito a praticar as Constituições e a nos apegar à Congregação, é a sensação universal de todos os que se comunicam conosco e que lêem a Vida da Boa Madre. Chegam para mim testemunhos contínuos extremamente qualificados desta santa avidez de avançar no espírito da Boa Madre, de conhecer os Oblatos, de seguir essa doutrina. Não deixemos, pois, que o dom de Deus perca as forças em nós. Spiritum nolite extinguere (1 Tes 5,19) (Não extingais o espírito); não deixemos que a luz se apague.

CAPÍTULO DO DIA 12 DE NOVEMBRO DE 1890

CONFORMIDADE COM A VONTADE DE DEUS

Chegamos ao fim da explicação das Constituições. Eu gostaria de acrescentar um último Capítulo às nossas Constituições para que cada um assuma o mesmo modos vivendi et faciendi (modo de viver e agir). Eu dou muitíssima importância a isso. Há um motivo bem terreno, além de todas as numerosas razões sobrenaturais.

Qual é a causa humana que preservou a nação judáica, qual o motor também, que ocasionou a força da nação turca? Os Turcos existem ainda hoje porque são fatalistas. Eles admitem que tudo está previsto por Deus e que tudo o que acontece não pode ocorrer de outra forma. Eles aplicam muito erroneamente o dogma da Providência; mas nessa doutrina fatalista consistiu a sua força; ela tornou os soldados turcos invencíveis. Os Judeus têm uma doutrina à parte; têm fé nos seus ancestrais, na sua religião revelada diretamente de Deus e é essa fé, esse apoio na Palavra de Deus que lhes proporcionou força, que os constituiu uma nação tão vital, mesmo depois de errarem o caminho. Como disse o Padre Lacordaire, a nação judáica é uma nação de granito.

Nós também temos em nossa doutrina uma coisa que pode nos dar muita força: é a nossa adesão de todo o momento à Vontade de Deus; é reconhecer nessa divina Vontade o meio de nossa santificação e o meio também de levar a cabo as obras que nos estão confiadas. Nos detalhes das nossas ocupações, a cada instante do dia, é preciso chegarmos a agir por afeto, por amor, conforme a Vontade divina. Já que Vós o quisestes, meu Deus, eu o quero também!

Desse modo evitaremos o desânimo, e as considerações puramente humanas não conseguirão dominar-nos as intenções. Para nós mesmos, isso será o grande meio de santificação: Fiat voluntas tua (Seja feita a vossa vontade). É um meio muito mais eficiente de aderir a Deus do que a simples oração ou mesmo a meditação. É o caminho mais seguro, o mais fácil, iter planum ac tutum. Encontra-se assim uma força incomparável em toda a circunstância da vida pessoal e da vida exterior e do Ministério

Sagrado a atender. Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris (Is 12,3) (tirareis com alegria água das fontes da salvação).

A cada passo, dizia a Boa Madre: "Eu tenho um Salvador". Faltando eu com tal coisa, ele suprirá, ele remediará. A gente, então, está em paz e com tranqüilidade. Nunca a tormenta e a tentação calam fundo; elas agitam, quando muito, só a superfície.

Esse estado de paz não é indiferença, não significa falta de amor para ninguém,, ao contrário: é uma vida mais esclarecida, onde não se caminha nas trevas, onde se vê o que a gente é e o que se faz, onde se coloca Deus no lugar dele e a gente mesma fica no próprio seu. Que cada um de nós se aplique com atenção especial a isso. Por exemplo, no caso dos alunos difíceis; não se pode fazer nada com eles; eles não trabalham; não têm disposição. É assim mesmo, é muito lamentável; mas seja ponto de partida a própria realidade: ex nihilo nihil fit (de nada nada surge). Comecem a partir do que é claro e nítido. Está aí a preguiça; outro dado: o espírito mau. Já que isso é assim e que os Senhores não podem fazer nada, aceitem a situação, acolham-na uma vez que Deus a permitiu assim, e ponham-se à obra de todo o coração; é o meio de atrair graças muito valiosas sobre si e sobre os de quem os Senhores se ocupam. Se os Senhores precisam de alguma coisa, é certamente por esse meio que poderão obtê-la. Será que sempre terão sucesso? Seguramente não; não podem mudar o plano da Providência; mas pelo menos o Senhor terá feito para esse aluno difícil todo o bem ao seu alcance. Ou então, uma coisa que lhe é confiada, mas que incomoda muito e o aborrece... Primeiramente, não recusem o trabalho que se apresenta: antes de semear é preciso lavrar e tirar as pedras. Essas dificuldades aí estão; aceitem a situação tal como é; valham-se do meio da obediência, conformem-se com a Vontade divina. A Providência de Deus previu tudo; nada acontece sem ordem ou permissão dele; resignem-se com o que Deus mandou, aceitem o que ele permitiu. Através desse modo de agir os Senhores serão eminentemente fortes. Como dizia a Boa Madre: "Quando verem todo o mundo vir abaixo e desmoronar tudo em seu redor, confiem unicamente em Deus". Esse é o cunho próprio que devemos incutir em nossa vontade; é o fiat voluntas tua (seja feita a vossa vontade), a adesão à Vontade divina; esse deve ser o nosso grande meio de santificação, de aperfeiçoamento.

Eu repito,

mesmo humanamente falando, é o meio de chegar a alguma coisa. Quem tem a

vontade firme e constante, alcança sempre os seus objetivos. Ele não se desanima tão já, ao topar a primeira dificuldade; quem desacorçoa não chega ao fim. Os Senhores comuniquem a este e aquele essa doutrina da adesão à Vontade de Deus, e as pessoas quea compreendem, em geral crescem e se valorizam muito. Po exemplo, supondo dez, vinte ocasiões por dia, empenhando-se os Senhores por aderir à Vontade de Deus, farão tantos atos de caridade perfeita; e os Senhores sabem o que é um ato de caridade perfeita.

Nosso Senhor se fez homem; ele residiu entre nós, ele se fez um entre nós. Habita no Sacramento da Eucaristia, onde está conosco permanentemente. Ele é o nosso protetor, nosso diretor, nos o temos conosco; recebamos tudo em sua companhia, recebamos tudo de sua mão e tiremos proveito de tudo.

Olhem, meus Amigos, este é um Capítulo muito importante para nós. É a síntese de todas as nossas Constituições, de toda a Regra. Ao envelhecer, já tendo um pouco de experiência, o homem vê que três quartos da vida se consomem numa luta de desgaste contra as dificuldades. Se ele tivesse aceitado as circunstâncias tais como Deus as enviava, ele teria aproveitado muito e ganhado em quantia. Era um meio de aumentar, de fortalecer o crescimento espiritual. No caso contrário, enquanto a luta lhe custou caro e acabou cansando, ela não foi muito meritória aos olhos de Deus.

Mais uma vez, essa disposição não os tornará de modo algum insensíveis, em absoluto, não é uma espécie de preguiça espiritual ou de torpor. Pelo contrário, é força de alma, é generosidade. Precisa-se bem mais vigor e energia para vigiar vinte e quatro horas do que estar alerta duas horas somente. Vivendo assim na prática constante da conformidade à Vontade divina, estamos de guarda toda a nossa vida.

É uma grande acertada o sistema da Boa Madre: Eu adiro a tudo o que o Salvador diz, a tudo o que Nosso Senho permite. Temos a força que a fábula concedeu ao gigante Anteu, que todas as vezes que ele se encostava na terra, sua mãe,renovava a força e o vigor. Aproximemo-nos do Bom Deus em toda a oportunidade e encontraremos nele a força, a paz, a tranqüilidade de espírito e de coração.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 3 DE DEZEMBRO DE 1890

EMPENHO PELO PROGRESSO DA CONGREGAÇÃO

Realizamos nestes últimos dias uma grande operação que interessa toda a Congregação. Essa transação, segundo os planos da Providência, nos proporciona seguramente uma lição. Eu desejo que todos me compreendam bem.

Cada Ordem religiosa surge na Igreja a seu tempo próprio, com seus meios de ação particulares. Os Dominicanos e os Franciscanos apareceram na Idade Média com a sua missão. Cada Ordem religiosa recebeu seu papel para desempenhar sua missão atualizada, no mundo contemporâneo. As Ordens militares, instituídas no tempo dos Sarracenos, serviam a Igreja não somente pelas armas, pelos serviços ativos, mas também pela sua influência e fortuna. Houve uma época em que os Cavaleiros da Ordem do Templo especialmente tinham grandes negócios para tratar, assuntos comerciais; eles eram os banqueiros da Europa. Não somente eram tolerados pela Igreja, mas ela os apoiava.

"Meu Reino não é deste mundo," se lê no Evangelho (Jo 18,36). É preciso compreender esse dizer. Nosso Senhor respondeu assim a Pilatos, porque este o interpelava diretamente e lhe perguntava se era um rei temporal: Ergo rex es tu? (Jo 18,37) (Então tu es rei?) Não resta dúvida que, nesse sentido, o reinado de Nosso Senhor não é deste mundo; mas também é certo que Nosso Senhor, que colocou a sua Igreja na terra, não pretendeu que ela fosse alheia às coisas deste mundo. A gente abusou dessa palavra, pretendendo que a Igreja ficasse fora de qualquer atividade material na sociedade. Essa tem sido a grande tática dos heréticos de todos os tempos, particularmente dos Protestantes e dos Filósofos do fim do século passado. Essa idéia foi tantas vezes repetida que acabou por enraizar-se, e é com muito acerto se ela não é ensinada nos seminários.

Há alguns anos, em Roma, Padre Deshairs e eu recebemos uma resposta totalmente diferente do Cardeal Czacki. Hoje em dia, ele nos disse, é preciso que a Igreja

entre nos negócios, que ela se atraque, botando o pé na sarjeta. Cabe a ela limpar o lugar, desembaraçando a passagem. É um princípio que se deve admitir.

Como é que acontece que o Bom Deus permitia que nós não podemos ter uma existência garantida, a não ser entrando em negócios? Quer isso dizer que sejamos todos comerciantes? Não, mas é preciso que todos entremos um pouco nessa mentalidade de atender bem os nossos negócios, de fazer prosperar a Congregação, de ampliar seu domínio espiritual e temporal, para que ela ocupe o seu lugar, a fim de que ela tenha sua influência. Os que não têm nada, atualmente, estão sem prestígio, sem atividade. Ora, não é essa a intenção da Santa Igreja para conosco.

A parábola de Nosso Senhor nos oferece uma conseqüência prática para cada um de nós: Simile est regnum caelorum homini negotiatori que invenit bonam margaritam e emit eam (cf. Mt 13,45) (O Reino dos céus é semelhante a um negociante que encontra uma pedra preciosa e a compra). É preciso que todos nós tenhamos esse espírito tanto quanto ao espiritual, como no temporal. No que se refere ao espiritual, a pedra preciosa, a pérola que importa comprar, é a seqüência das nossas ações, é a nossa vida que devemos ajustar à Vontade de Deus, a qual devemos realizar com perfeição. Deve-se dar tudo para obter tudo; a pedra preciosa se encontra nas pequenas renúncias, na obediência, num serviço custoso, na fidelidade ao que representa a Regra e a observância. Com relação ao material, é preciso que cada um se esforce por contribuir alguma coisa à Comunidade, por defender os interesses dela em tudo tamquam homo negotiator (como comerciante). Do ponto de vista humano, isso é realmente muito razoável. Para conduzir bem os negócios é preciso pensar neles, poupar e saber sacrificar-se; é necessário que cada um assuma isso. Só assim é que se alcança o objetivo visado pela nossa fundação.

Em Roma, há muito tempo, me faziam pressão para concluir essa questão; pediram-me a prestação de contas detalhada; insistem muito em saber como o assunto se desenvolveu e como foi concluído.

Que cada um, portanto, evite fazer despesas; que todo o mundo se empenhe por subministrar alguma coisa à Congregação, dando aulas de recuperação, evitando comprar esta ou aquela coisa que não é absolutamente necessária.

Na Idade Média, toda a gente era soldado; hoje em dia, todo o

mundo é um pouco negociante. Deve-se fazer como todos, a saber atracar-se e defender-se contra o espírito comercial no que pode haver de mal, limpando o próprio terreiro. Não se deve procurar noutra parte, nem se busque coisas extraordinárias. - Fizemos o voto de pobreza. - Sim, mas o nosso voto de pobreza deve ser sobretudo passivo; deve ser também ativo, no sentido que trabalharemos em prol da Comunidade, tamquam homo negotiator (cf. Mt 13,45) (como negociante). Não agiremos de forma puramente humana, vulgar, mas o faremos com fé, conforme a idéia da Boa Madre Maria de Sales: "O que é criado, acarreta a Deus", dizia ela. "Devemos honrar Deus Pai," acrescentava, "como louvamos Deus Filho e o Espírito Santo." Glorificamos Deus Filho pelo culto, pelo amor que alimentamos para com ele; acatamos o Pai na sua obra que é a criação material.

A Boa Madre teceu alocuções muito lindas sobre esse tema. Sob sua orientação eu vi a Comunidade da Visitação eminentemente fervorosa e trabalhando de todo o coração para honrar Deus Pai, Criador. Reparem como esse pensamento é acertado. Hoje em dia, qual outro meio se poderia achar para influenciar o mundo em geral? A pregação? Quase todo o mudo se escapa da pregação; quase não há um só homem nas igrejas, a não ser os que já estão convertidos e os quais se precisa só conservar. Tampouco a mortificação das antigas Ordens é solução; não se encontra mais, senão nalgumas reminiscências. A Vida Religiosa? A verdadeira Vida Religiosa, onde é que se refugiou? Na Cartucha e entre os Trapistas. Só uma minoria pode chegar a isso. São uns pontinhos esparramados sobre o mapa mundi. São pequenos e raros. Quem é que envolverá as massas? Quem estiver decidido a atracar-se, arregaçando as mangas. Devemos nos compenetrar deste espírito que temos que enfrentar o mundo tal qual ele é e atacá-lo no seu terreno próprio. Quando aprovarem, de novo, a nossa Regra, em Roma, daqui a sete anos, será necessário acrescentarmos anotações sobre o que tivermos feito e ganhado, sobre o nosso progresso. Importa avançarmos, pois, na sociedade, pela observância muito fiel, pela obediência, por nosso espírito ordenado, nosso senso de economia, que dará uma influência imprevista à nossa Comunidade pelo progresso de todas as nossas obras. A Boa Madre me dizia muitíssimas vezes: "É preciso cuidar. Se não forem os Oblatos fazendo a Obra de Deus, outros o farão." Já existem diversos sacerdotes que compreenderam a Boa Madre e eles também procuram aproveitar os ensinamentos dela e os de São Francisco de Sales. É uma coisa boa. É necessário que cada um trabalhe com empenho pessoal no seu

lugar. Mas não deixemos o nosso lugar para os outros.

Que cada um capriche,pois, no seu serviço; que se conforme fielmente à obediência, que saiba sacrificar generosamente todos os seus pontos de vista. Isso é muito importante.

* * * * *

O nosso Padre terminou o Capítulo, fazendo a correção fraterna a um dos nossos Padres. - A obediência antes de tudo, mesmo quando o que o Senhor quer seja em si muito melhor do que aquilo que a obediência lhe pede. É melhor que não seja bom demais...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1890

INTENÇOES GERAIS
DOS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Que os exercícios e toda a vida deles sejam para unir-se com Deus, para ajudar, por orações e bons exemplos, a Santa Igreja e fomentar o bem do próximo.

Muitas vezes já temos tratado desse princípio fundamental; nunca é demais. Para ser Oblato é imprescindível ser um homem de vida interior; o zelo não seria suficiente. Este pode ser inspirado pelo amor de Deus, mas muito bem pode ser também conseqüência do temperamento. Antes de mais nada temos que encontrar o Bom Deus, procurar unir-nos com ele e descobrir nele o que nos é necessário.

São Francisco de Sales não faz como os outros mestres da vida espiritual que dão exercícios para a gente se unir a Deus; esse método é bom e está universalmente difundido; o homem que é material sujeita a si a natureza e as suas inclinações e daí merece estar unido a Deus.

São Francisco de Sales começa por unir o homem a Deus e todos os atos subseqüentes são santificados por essa união.

Não somente as Ordens penitentes, mas todas as Ordens religio-

sas em geral exercem os noviços na mortificação, na humildade. Certamente, os que empreenderam reformar o homem por esses meios têm manifestado grande sabedoria; tiveram êxito no seu empenho. Somente, essas martheladas estão sujeitas a desvirtuar-se. Depois de acentuar demasiadamente a supremacia dos meios exteriores, estes também destroem o estado de união. Nas Ordens austeras, há grandes tentações e consideráveis perigos; precisa-se de muita virtude para suportá-los. Nas Ordens onde se mortifica mais o amor próprio e o torna macio diante da Regra por meio do máximo rigor, surge o perigo de uma queda tanto mais veemente, proporcional à energia com que se comprimiu a mola. Três quartos do tempo, depois dos retiros de trinta dias, a gente sofre tentações terríveis. Não digo nada de mal dessa maneira de agir; eu falo abstratamente, procurando a melhor maneira, a mais fácil de garantir a salvação e de atender a Vontade de Deus. Eu não vou dizer que um método pareça mais apropriado do que o outro: aos olhos de Nosso Senhor não é questão de ser mais adequado ou não. O Espírito sopra onde ele quer (Jo 3,8) e quando ele quer. É importante que cada um siga seu caminho sem fazer comparações com outros. Mas posso dizer, sim, que o método de São Francisco de Sales nunca produz nada de mal, ainda que não produza sempre um bem tão manifesto quanto o outro. Quando se combate, há vitória ou derrota; é uma lei da física que, quando o arco muito tenso se distende, fere e machuca tanto mais seriamente quanto mais violenta foi a tensão. Convém dizer ainda que, diante do estado dos ânimos, perante a educação moderna e a diminuição da fé, esses meios fortes e enérgicos não podem ser empregados de forma geral. Falta a vontade, a faculdade de compreender está debilitada... Concluamos que é melhor que cada um fique no seu estado; que os Oblatos se humilhem muito, eles que não fazem nada, em comparação com os outros que praticam tantas mortificações. Eu vi, nestes dias, um Capuchinho, o Padre d'Arbois; ele não usa carpins; anda calçando só sandálias. Eu lhe disse que rezasse muito por nós que usamos carpins e sapatos. Essa vida é muito meritória; nós não sofremos tanto num mês quanto um Capuchinho numa hora. Tornemo-nos, pois, mais fiéis à prática pontual das nossas Regras, tanto interior quanto exteriormente.

Nós nos unimos com Deus pela reta intenção. Devemos fazer tudo com ele, não devemos viver, aspirar nem respirar senão por ele. É esse o grande princípio de São Francisco de Sales. Apoiados em Deus, tornamo-nos capazes de suportar todas as provas, todas as mortificações.

Reparem como esse espírito convém muito neste momento que vivemos, em que as práticas exteriores não podem ser acentuadas demasiadamente; nós impressionaremos tanto mais um mundo que não entende mais nada, quanto mais nos mantivermos humildes, pequenos, levando uma vida mais comum.

É preciso que a união com o Bom Deus se torne um hábito entre nós; essa união realizar-se-á pelo Diretório, pela reta intenção, pelo pensamento na morte, pelas aspirações freqüentes a Deus. Através disso permanecemos num estado de oração. Convém que, de vez em quando, ofereçamos ao Bom Deus essas aspirações, esse recorrer a ele, a nossa própria atividade em prol da Santa Igreja, pelo Papa.

Devemos ajudar a Santa Igreja pelos bons exemplos, pelos trabalhos e por nossas orações. A Igreja é a união dos fiéis sobre a terra; ela não pode produzir o bem senão sendo numerosa e forte. Sem dúvida, hoje se projeta o reino de Satanás. Entre os Zulus não há outro culto a não ser o maçônico. O Japão abandona o Budismo para se tornar maçon e a maçonaria é o culto do diabo. Devemos animar-nos a ajudar a Santa Igreja nestes tempos difíceis e calamitosos. Ajudar pelas nossas orações a Santa Igreja de Deus, eis o nosso código, nosso ponto de partida. Lembremo-nos disso ao rezar o Ofício, durante a meditação. Ajudemo-nos e sustentemo-nos por esses pensamentos. Devemos ajudá-la também pelos bons exemplos. É preciso que um Oblato leve o bom perfume de Jesus Cristo por onde passa (cf. 2 Cor 2,15); sem apresentar nada de extraordinário, é necessário que ele deixe uma coisa boa, que ele suscite a fé, o amor por Nosso Senhor. Importa que ele seja a continuação de Nosso Senhor e que ele passe no meio dos homens, fazendo o papel do próprio Jesus: "Ver-se-á o Salvador caminhar sobre a terra," dizia a Boa Madre.

O bom exemplo aproximará das veredas da salvação aqueles que cruzarem o nosso caminho. Há muitos que se perdem longe das sendas da redenção. Observem os esforços que se faz contra as crianças, contra os anciãos, contra os doentes. Cortam-lhes a assistência religiosa, tiram-lhes os meios de salvação.

Releamos, de vez em quando, essas primeiras linhas do nosso Diretório. Meditemos sobre isso. Interroguemo-nos: "Vieste para quê? (Mt 26,50) Vim para salvar almas; tantas se perdem! Como vou salvá-las? Dando aula, manuseando a plaina, passando frio. Dêem-se conta que é essa a nossa tarefa.

Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in vineam suam (Rogai ao Senhor da messe que envie operários à sua vinha) (cf. Mt 9,38). O Bom Deus quer que sejam os apóstolos que rezam. Ele pede que aqueles que têm o encargo de salvar os outros obtenham a graça em favor dos demais. Compete a eles fazer e pedir. Eis porque o Bom Deus liga grandes graças à figura do sacerdote, à sua ingerência nos assuntos do mundo. O sacerdote acarreta a graça, ele a dá. Reparem isso mesmo no que diz respeito aos Santos; em geral, as Congregações, as Ordens religiosas mais ricas em Santos, são Institutos de sacerdotes. Nos Institutos leigos, o ministério é bem menos completo e menos eficaz; é bem mais difícil realizar o programa: dar continuidade à presença de Nosso Senhor.

Meditemos estas poucas linhas do nosso Diretório durante o Advento. Relembra-las-emos na meditação; avaliar-nos-emos segundo essa regra, conforme essa medida. É sumamente importante, na hora atual, oferecermos à Igreja uma vida religiosa que, bem praticada, é o remédio dos males presentes e a ajudará eficazmente na sua luta contra o inferno e para a salvação de seus filhos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 1890

A UNIÃO COM DEUS

Os Oblatos, apesar de sua aparência calma e pacífica, são necessariamente uma Congregação militante e ativa, muito ativa. Eu poderia mesmo dizer que nós somos a Ordem mais ativa, porque a nossa atividade exterior não é limitada por nada. Todas as obras de missão, de apostolado, todas as obras sacerdotais são nossas. Todos os trabalhos referentes à salvação das almas podem ser empreendidos por nós, podem ser realizados sob a nossa direção. Somos, pois, pelo menos tão ativos quanto as outras Ordens; não temos nada para invejar a esse respeito. Mas o princípio dessa atividade não é igual ao dos outros. A nossa deve partir an-

tes de tudo da vida interior; esta deve ser a sua base, o princípio, a norma. Não somos nós que operamos; em conseqüência da nossa união com Deus, é ele que obrará. A Boa Madre não saía do seu claustro, e reparem tudo o que ela fez para a Igreja. Um prelado em Roma dizia a Padre Deshairs e a mim: "A Madre Maria de Sales terá uma repercussão muito grande na Igreja; é um fato que se manifestará muito clara e visivelmente; os Senhores não podem duvidar disso." Esse prelado era Dom Zitelli. A Madre Maria de Sales não fez muitas obras exteriores; atendia uma grande obra interior; rezando e sendo fiel a Deus, ela se encarregava de todas as obras exteriores que ela tinha inspirado e sustentava assim. Eu a vi em agonia algumas vezes, no fim de sua vida, para obter a conversão de gente que tinha trabalhado para o mosteiro. Se o apostolado lhe custava caro, foi bem frutuoso, os seus efeitos se fazem sentir hoje no mundo inteiro.

Tenhamos, pois, um zelo sem limites por tudo o que é obra de Deus. Não fiquemos alheios a nada do que se faz na Congregação; participemos de tudo o que é do interesse dela e de tudo o que favorece sua extensão para fora; por dentro, obedeçamos fielmente a tudo o que se nos pede; tenhamos muito zelo. Precisamos rezar; isso não é suficiente, temos que viver para isso; é necessário arcarmos com as contradições, as dificuldades, os sofrimentos. Acolham tudo isso como graças; ofereçam tudo isso pelo nosso Santo Padre, o Papa, pela Igreja, pela Congregação. Como é que a Boa Madre conseguiu fazer tantas coisas? Na solidão interior, no contato com o Bom Deus.

Todos temos que dedicar-nos a isso. Nessa maneira de agir não há nada de inútil; não há nada de inaproveitável, não há nada de confuso; tudo serve. A nossa venerada Madre - eu não sei em que mosteiro - estava varrendo; juntava cuidadosamente a poeira. - Boa Madre, disse-lhe uma das Irmãs, - a Senhora está juntando essa poeira com tanto cuidado como se fosse ouro. - Oh, se não fosse mais do que ouro, eu não faria tanto esforço... É a Vontade de Deus. O mínimo cansaço, uma contradição, uma ninharia suportada por Deus, tudo isso é produtivo. O Bom Deus liga as suas bênçãos ao trabalho, às mil bagatelas que preenchem a jornada. A vida aqui na terra é bem curta; a eterna é longa, esta se adquire pelo que se tem ganhado durante a existência passageira no mundo. Não há, pois, tempo a perder. Importa tirar proveito de tudo o que compõe a nossa vida segundo a nossa vocação e conforme a Vontade de Deus referente à

Congregação. O Bom Deus é fiel; ele nunca inspirou a uma pessoa uma vontade, uma disposição sem que desse a possibilidade de realização. Cada vez que ele lhe der a vontade de salvar almas, de ser um bom religioso, o Bom Deus lhe proporcionará o que for preciso para isso. Se o Senhor tem uma vida insignificante, desordenada, que ziguezagueia de uma coisa para outra como um veículo sem direção, vagando sem destino, sem critério, sem dedicação, o que é que o Senhor quer que o Bom Deus lhe dê, e o Senhor chegará a quê?

Observem nosso Santo Fundador: que zelo! O que se via exteriormente era impressionante; o que dizer, então, do que ele era interiormente? A Irmã Maria Genoveva dizia que aquilo que ele fez outrora, enquanto com vida, era muito considerável, mas o que está fazendo agora o é muito mais ainda. É o patrimônio que ele ia ganhando na terra que ele utiliza, o fundo que ele adquiriu praticando a caridade, a amabilidade, dominando-se em todas as circunstâncias, quando sentia que o temperamento, o caráter ameaçavam ir longe demais. Eis os tesouros que ele ajuntou e que o Bom Deus distribui agora por meio dele por toda a terra.

À imitação do nosso bem-aventurado Padre, apliquemo-nos atentamente a praticar essas primeiras palavras do Diretório: **"Que os exercícios e toda a vida sejam para unir-se com Deus".**

Em que consistirá a força e a índole própria dos Oblatos, é isso que estou lhes dizendo; o nosso espírito é de manter-nos unidos a Deus em tudo, é de cooperar constantemente com Nosso Senhor. A época em que vivemos o reclama: há muita miséria; os tempos são maus e difíceis. Muitas crianças não são mais batizadas, não fazem a Primeira Comunhão; há um trabalho constante em andamento para descristianizar tudo. Peçamos insistentemente ao Bom Deus que seu Reino volte: adveniat regnum tuum (venha a nós o vosso Reino). O religioso que dá aula, que trabalha na terra, que faz seja o que for, opera obras sobrenaturais, obras eminentemente apostólicas. O Bom Deus mesmo põe a mão na obra, ele mesmo dá resultado e proporciona eficácia, superiores aos que ousaríamos esperar.

* * * * *

Meus caros Amigos, eu me recomendo muito às orações de todos na ocasião do meu jubileu de cinqüenta anos de sacerdócio. Peçam ao Bom Deus que me conceda duas graças: a de esquecer o que fiz de mal, e a de compreender, de amar e de cumprir sempre a sua santa Vontade.

A Boa Madre, na hora de sua morte, me revelou tudo o que have-

ria de suportar. Fiquei, literalmente, perturbado e desconcertado; eu disse interiormente: "Nunca entrarei nessa"; foi assim a minha primeira reação. Estar sozinho para agüentar todos os ataques, resistir a tudo: não combinava com meu caráter. Eu não gosto de causar dificuldades a outros, mas não gosto tampouco de sofrê-las por parte deles... Eu fiquei mais ou menos uma meia hora caminhando no jardim da Visitação, lutando contra esse pensamento. Finalmente eu disse aos meus botões: É a Vontade de Deus. O que responderia eu no juízo final? Parecia-me, então, que me seria mais difícil aparecer diante de Deus, culpado dessa única infidelidade, do que se eu estivesse carregado de todos os crimes possíveis. "Meu Deus, eu me entrego, uma vez que há de ser assim." Senti, então, uma força interior, uma energia que me tornava sumamente feliz. Eu me confiei inteiramente à Vontade de Deus. Parecia-me que nesse momento a Vontade de Deus se confirmava, aparecia clara e distinta ao meu entender; e esqueci tudo o que me foi anunciado de experiências e de tribulações, para confiar-me unicamente a esta santa e adorável Vontade. Eu não me arrependi disso, meus caros Amigos.

Os nossos Padres já enviaram várias coisas por ocasião dos meus cinqüenta anos de Padre. Quanto a mim, eu não gosto do que cheira à ostentação. Mas para a Congregação não seria mal talvez que se façam belas festas jubilares. Faremos uma exposição de tudo o que tiver sido enviado, na Salão, no primeiro piso, da casa Éden, onde os senhores que têm alguma ligação conosco, as antigas pensionistas da Visitação, os pais dos alunos poderão ver que os Oblatos são alguma coisa, mesmo em Troyes. Nós tínhamos muitos amigos em Troyes, antes de todas as nossas histórias; muitos foram impedidos de visitar-nos. A festa jubilar ajudará a trazê-los de volta.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE JANEIRO DE 1891

ASSOCIADOS

O Padre de Mayerhoffen apresentou, há algum tempo, ao Cardeal de Paris um projeto de Ordem Terceira, cujos membros seriam associados ao Instituto dos Oblatos. O Cardeal foi muito benevolente. Ele mandou estudar a questão por um dos seus Vigários Gerais, o Padre de Pelgé. O Padre teve que elaborar por escrito o seu projeto. Eu não o recebi ainda.

A idéia principal era que os Associados praticassem o Diretório; assumiriam como compromisso fazer a Vontade atual de Deus. Essa finalidade, esse princípio foram sublinhados pelo Arcebispo de Paris; ele achou que isso era bem segundo a Boa Madre e que era bom assim.

O Padre de Mayerhoffen começou com umas dez boas senhoras. Em geral, essas coisas começam mais facilmente com senhoras. São mais piedosas, mais dóceis, mais fáceis de reunir desde o início. É certamente mais difícil formar prontamente uma associação piedosa de homens, mais ainda que o espírito da nova associação não tem nada de militante, nem de deslumbrante. Seja como for, começou-se com o material que se tinha ao alcance. Dispomos assim de algo mais interior, mais calmo; será uma base excelente que se dá à Associação de São Francisco de Sales.

Era preciso que essa Associação se apoiasse numa coisa sólida; necessitava ser reconhecida pela autoridade diocesana. O Cardeal, como todos os que o rodeiam, está disposto favoravelmente referente a tudo o que diz respeito a Boa Madre Maria de Sales. Nós o constatamos mais uma vez nessa circunstância. O Cardeal escolheu o nome de "Associação de São Francisco de Sales", em vez de "Reunião de São Francisco de Sales" que o Padre de Mayerhoffen tinha dado.

Segundo os termos dos Estatutos, a Associação está estabelecida na diocese de Paris, onde pode funcionar, realizar suas reuniões e festas; dispõe até - eu acho - de uma indulgência do Cardeal. Foi dito que a Associação pode estabelecer-se em outras dioceses além de Paris. Enquanto o número dos associados é restrito, não há necessidade de autorização alguma; são considerados como membros da Associação de Paris. Se

este número assumisse proporções consideráveis, precisar-se-ia, então, da autorização do Ordinário para formar um grupo especial, agregado àquele de Paris. Portanto, pode-se começar em toda parte, sem precisar de nada especial.

Está na hora, talvez, de dedicar-se a essa obra de todo o coração. Todas as Ordens religiosas têm a sua Ordem Terceira, seus afiliados. Os Padres Jesuítas, sem ter terciários, têm muitas sociedades de homens e de mulheres, mais ou menos agregados ou afiliados ao seu Instituto. Tudo isso faz um grande bem e é uma fonte de zelo.

Um sacerdote respeitável de Paris fundou ele próprio, há uns vinte anos, uma obra um tanto parecida. Ele vivera muito tempo na proximidade de Dom de Ségur. Ele recebeu muitas manifestações de adesão à sua obra. Muitas senhoras, muitos sacerdotes também, numa série de dioceses, fazem parte. Essa associação à qual me refiro não é rival da nossa, porque não deve haver concorrência na casa do mesmo Pai de família. Há lugar para cada um, pois o campo é bastante vasto; pode-se trabalhar um ao lado do outro sem atrito. O que distinguiria particularmente a nossa Obra dessa dupla associação de pessoas do mundo e de sacerdotes, - eu o digo com muita simplicidade - é que, embora também eles levam o nome de São Francisco de Sales, não reconheço neles o São Francisco de Sales da Boa Madre. Essa associação não divulga muito os princípios e a maneira de agir dela. Eu acompanheiseus primórdios. Respeito muito a maneira de ver deles, mas o que eles dizem e fazem não é bem de São Francisco de Sales, como nós o entendemos. É São Francisco de Sales sob um ângulo que nós não conhecemos muito bem. Eu não tenho nada contra a existência daquela obra, mas constato que os princípios que nós consideramos fundamentais não são normas para eles. A associação deles é caracterizada por austeridade e rigor assaz acentuadas. Numa palavra, não achamos ali São Francisco de Sales como nós o compreendemos e nós queremos imitá-lo.

Precisaremos rezar muito pela Associação de São Francisco de Sales durante a Santa Missa. Será necessário avançar pouco a pouco e com muita prudência. O Arcebispado recomendou que se comece somente com pessoas ponderadas e sérias, pessoas de uma certa idade, bem selecionadas para lançar uma base muito sólida, que possa suportar o futuro edifício. Nós não chamamos isso de Ordem Terceira. Houve quem nos objetou que "Ordem Terceira" assustaria as pessoas do mundo.

O que chamou a atenção do Cardeal é que esse ponto de partida

constituiria uma maneira de ser muito particular e especial, que corresponde perfeitamente às necessidades atuais da sociedade.

Lendo atentamente a vida de São Bernardo, a gente se admira em observar a pouca diferença que São Bernardo faz entre a terra e o céu. Claraval é o paraíso, é o acesso ao céu, é o colóquio com o além, é a vida como na bem-aventurança, toda unida a Deus, é a vida toda sobrenatural. É nesse mesmo espírito extraordinário que nós fundamos a nossa Associação; pouco a pouco conduziremos as pessoas a ela. Essa idéia de São Bernardo foi muito fecunda. Todos esses religiosos se alastraram imensamente, e a Ordem encheu o mundo. Foi a idéia inicial, foi o fundamento lançado que suscitaram esse desenvolvimento maravilhoso. É imprescindível que seja assim também a nossa norma e a nossa base. Usemos de muita prudência para conduzir as pessoas a compreender a nossa vida; é o começo do céu e da vida eterna; não se deve separar a nossa vida daqui da terra do que lhe representa a perfeição e a coroação. A primeira pancada é que mata a cobra. É o ensinamento que o Apóstolo São Paulo oferece claramente nas suas Epístolas. A nossa vocação começa agora e vai se desenvolvendo; o que fazemos aqui, fa-lo-emos no céu. Deus não mudará o nosso espírito, nem as nossas inclinações, nem os nossos atos; ele aperfeiçoará e coroará. Através do Diretório e do cumprimento da Vontade atual de Deus, essa idéia: "na terra como no céu", a qual damos como base à nossa Associação, será fecunda. Confio nisso. Ela fará um bem muito grande às pessoas. Ainda que não apresentemos muito aparato militante, os militantes, sob esse estandarte, marcharão forte e vigorosamente, ganharão terreno e obterão a vitória. Essa doutrina é o fundo do ensinamento da Boa Madre; que seja a base da nossa vida; não tenhamos outros dogmas espirtuais, esse basta para tudo.

Será preciso que toda a Comunidade reze fervorosamente por essa obra. Quando o Padre de Mayerhoffen me tiver enviado o Regulamento, vamos lê-lo e comentá-lo juntos e começaremos as nucleações.

É importante que esse assunto seja bem encaminhado. É uma questão particular muito modesta, que se tornará de grande importância e de muita repercussão. Com o Cardeal de Paris já temos a certeza de estar no bom caminho. Compenetremo-nos bem disso pessoalmente. Traçando bem o nosso caminho, façamos com que os outros o sigam. Que cada esforço que se nos apresenta, cada tarefa a ser cumprida, cada problema a ser enfrentado, sejam acolhidos nesse espírito, sejam a demonstração dessa

doutrina. É muito empolgante essa doutrina. Os Turcos, os Muçulmanos derivam todas as suas forças do seu dogma da fatalidade; se não tivessem esse princípio, há muito tempo a sua nação teria desaparecido; não teriam feito tudo o que realizaram. O nosso dogma não é a fatalidade, é a Vontade de Deus. Nós somos os filhos da Vontade atual de Deus: é a doutrina antiga e acertada. Mostra-se ainda no Colégio Romano o lugar onde São Luís de Gonzaga, que - jogando xadrez durante o recreio e sendo interrogado sobre o que faria se viessem avisá-lo que ia morrer - respondeu: "Eu ficaria onde estou e continuaria a partida de xadrez, pois estou onde a Vontade de Deus me quer.

Apliquemo-nos a aceitar, a acolher, a querer, a amar a Vontade de Deus, a unir a nossa vontade à dele, para preparar em nós o que deveremos dar aos outros e assim poderemos realizar um bem muito grande.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 14 DE JANEIRO DE 1891

VIDA DE UNIÃO COM DEUS

Eu repito muitas vezes a mesma idéia: quanto piores forem os tempos, tanto mais temos que ser bons religiosos. Como cada Ordem nasce na época em que a Igreja mais necessita dela, cada Ordem está em oposição diametral com o mal de seu tempo. O sistema atual visa fazer desaparecer Deus de toda parte e impedir mesmo de mencioná-lo. Nunca fala sobre ele, senão para blasfemá-lo. Empenha-se por eliminar Deus de todos os nossos costumes e hábitos. Indo de encontro a isso, é imprescindível que entre nós Deus esteja presente em tudo, que a nossa vida seja realmente sobrenatural, que ela se dirija inteiramente para Deus e se oriente para o céu. A nossa vida, de outro modo, não teria sentido. Os meios que temos à disposição são excelentes para chegarmos a isso. Basta empregarmo-los e fazermos com que frutifiquem. Cada manhã, na hora do levantar, ao fazer meditação, devemos renovar os nossos propósitos, as

nossas promessas, feitas ao Bom Deus, de servi-lo com maior fidelidade do que nos dias anteriores. Termos que dar-nos ao Bom Deus sem reserva. Não é necessário que essa oblação seja feita com uma sensação muito forte; sem esta teremos a vantagem de alcançar mais mérito. Renovemos cada dia fielmente a nossa consagração, oferecendo a Deus o nosso coração. Ofertemos essa oblata a cada instante do dia, sem interrupção, com espontaneidade. É um hábito a pegar. O Diretório ajudará a acostumar-nos; conduzir-nos-á a essa vida de união até que, como diz nosso Santo Fundador, a nossa alma esteja "**ajeitada e desacanhada**" e que esse trabalho, um pouco penoso no início, seja transformado em situação de união e de complacência. Deixemos que o Bom Deus arrume tudo em torno de nós, conformemo-nos com Deus, ou então, - o que é mais perfeito ainda - vivamos o amor de união à Vontade de Deus, apegando-nos a tudo o que ele quer, a tudo o que ele permite.

Freqüentemente volto a tratar essas coisas: é o fundo da nossa existência religiosa. Convém que cada um se lembre, todos os dias, das suas boas resoluções e que se torne cada vez mais forte e decidido a cumpri-las.

Façam exatamente isso, eu lhes conjuro. O tempo urge, os dias são maus; os inimigos de Deus têm uma atividade incomparável. Os meios a empregar são os que nos ensinou a Boa Madre. Estejamos, por assim dizer, totalmente compenetrados destes ensinamentos; vivamo-los ininterruptamente. As preocupações, os trabalhos, o serviço, será que podem impedir essa união com Deus? Absolutamente! Quanto mais a tentação nos agita, tanto mais devemo-nos prender a Deus; quanto mais solicitados estivermos, tanto mais devemos nos agarrar firmemente nele. Então é o momento, pois, de elevar a ele uma oração ardente do fundo das trevas: De profundis clamavi ad te (S 129,1) (Do fundo do abismo clamo a Vós). Aferremo-nos ao Bom Deus; não nos deixemos separar dele por o que quer que seja. Que ele esteja muito presente no íntimo da nossa vida, e desse íntimo brotarão atos exteriores bem mais fortes e eficazes do que se nos baseássemos no empenho puramente humano. Não há nada mais forte do que o homem assim enraizado e fundado em Deus. Ele é inabalável: nem a vida, nem a morte, nem o perigo, nem o sofrimento podem afastá-lo de Deus: Nosso Senhor está sempre com ele.

Façamos o propósito, esta semana, de fazer todas as manhãs a nossa meditação sobre isso, revisando um pouco o nosso estado interior,

as nossas disposições, para estar mais alerta do que o dia anterior e ficar bem unidos ao Bom Deus todo o dia presente. Depois, no decorrer do dia, relembrar-nos-emos que se deve sustentar a palavra perante o Bom Deus. Seria uma coisa excelente até, prometer isso ao Bom Deus, fazendo voto por um dia. É o que fazia o nosso Santo Fundador, é o que praticava a Boa Madre. Eu tenho guardado um certo número desses votos, escritos de seu próprio punho. Ela dizia que essas promessas eram muito agradáveis ao Bom Deus e que se a gente soubesse quanto ele as quer, fa-las-ia continuamente. Não podemos viver uma vida perfeitamente regular, a nossa vida é muito variável. Esforcemo-nos tanto mais por corresponder ao Bom Deus em toda a oportunidade. Peçamos-lhe perdão, ao dar-nos conta que não lhe agradamos em alguma circunstância; prometamos-lhe ser mais fiéis; tudo isso viva e rapidamente, sem que isso ocupe tempo, deixando a mente muito livre. Que isso seja o nosso propósito para esta semana.

Eu lhes recomendo muito, ao rezarem o Pai-nosso, a prece: Adveniat regnum tuum (Venha a nós o vosso Reino); peçam que esse Reino de Deus chegue, que não seja mais Satanás que governa por tudo, que manda em tudo. Unamo-nos mutuamente pelo laço íntimo da caridade, não formando a não ser um só coração e uma só alma (cf. At 4,32).

* * * * *

O Padre Davi se recomenda insistentemente às orações da Comunidade. As suas obras vão bem; ele pede pessoal e diz que tem necessidade de santos e santas. Acaba de fazer uma fundação de Oblatas.

Sejamos bem generosos e fiéis para, cada vez mais, alcançar do Bom Deus que ele envie operários à sua messe.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 21 DE JANEIRO DE 1891

COSTUMES

Não temos ainda um Livro de Costumes; é difícil elaborar uma legislação antes que a nação exista para regulamentar assuntos que ainda não estão totalmente decididos. No entanto, já temos um certo número de capítulos sobre os quais o Livro de Costumes poderia incidir plena e inteiramente. Trabalharemos. O Costumeiro e o que as Visitandinas chamam de Pequenas Praxes são muito importantes. O que vou lhes dizer não é para repetir; seria ridículo e importuno; mas vou dizê-lo aos Senhores. Ouvi nestes últimos dias uma conversa entre duas moças da Obra. Elas diziam: "Faz bem ver os Oblatos na igreja, isso diz alguma coisa à gente; eles têm uma atitude tão bonita; isso convida a rezar ao Bom Deus." Essa consideração, eu já a ouvi diversas vezes.

Observemos atentamente esses pequenos costumes que são a nossa maneira de ser e de nos comportar. Estando na igreja, não nos apoiemos, não cruzemos os pés, tenhamos uma atitude simples, modesta, natural e muito recolhida. Nada leva tanto os fiéis à piedade, nada os convida tanto à fé como a atitude dos sacerdotes na igreja. Não me refiro só às pessoas piedosas, mas a todos os que podem vê-los, a todos os fiéis em geral. A gente está sempre muito disposta a respeitar e a escutar um sacerdote que observa as conveniências, que conserva bem mesmo a aparência como deve ser.

Observem essa compostura na sua atitude na igreja e noutro lugar. Tenham modos muito discretos, não se permitam falsas liberdades, como cruzar as pernas, fazer-se o centro mais importante da conversação; observem bem tudo o que requerem a conveniência e o respeito uns para com os outros. Nada, em geral, sujeita tanto a natureza e tem mais influência sobre os outros do que manifestar-lhes muito respeito. O amor próprio do outro, diante desse procedimento, sempre se entrega; não somente não estará contra nós, mas estará a favor de nós. Esse modo simples, despretensioso, discreto e respeitoso de proceder diante de todo o mundo nos resguarda do que cheira a mundano, a brincadeiras importunas. Não há necessidade de dar a impressão de ser um brincalhão profissional.

Precisa haver em nós algo mais grave e mais sério. Isso não quer dizer que toda a brincadeira nos seja proibida; quando se tem uma palavrinha espirituosa e bem acertada, bem pode-se lançá-la na hora certa, mas que isso sempre fique bem dentro dos limites da compostura religiosa e da caridade para com o próximo.

Do mesmo modo, também em todas as nossas maneiras de ser a de agir, no mundo, manifestemos sempre algo de moderado, de reservado: Nihil nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espírito religioso). É quase a única maneira, pode-se dizer, que temos de pregar às pessoas. A palavra agora tem muito pouco efeito, a gente quase não liga mais; tanto se tem abusado até agora. Quase só o exemplo é que ficou. Deve-se realizar a palavra da Boa Madre: Ver-se-á o Salvador caminhar sobre a terra. Esse controle, essa discrição, sem dúvida, é uma grande mortificação, mas é certamente bem oportuna; ela substitui muitas outras.

Em todos os nossos contatos com o próximo, lembremo-nos, pois, da palavra de São Paulo: Modestia vestra nota sit omnibus hominibus (Fil 4,5) (Seja conhecida de todos os homens a vossa compostura). Por essa palavra compostura, São Paulo entende essa simplicidade, naturalidade despretensiosa, esse modus agendi (modo de agir) do qual estou-lhes falando. Dominus enim prope est (id.) (O Senhor, pois, está perto), acrescenta ele ; desde que ajamos com simplicidade, com compostura, o Salvador está perto de nós; sempre está ao nosso lado ao agirmos nesse espírito; a sua graça nos vem. Não podemos dar suficiente atenção a isso; é quase o único meio de influência que temos à disposição.

Nas questões difíceis, nas divergências de opinião, defendam o seu parecer, evidente; mas ponham nisso tanta caridade e benevollência, que sua causa seja ganha de antemão por sua maneira de agir e falar; que os Senhores possam ter uma ação real sobre a vontade dos outros, em conseqüência dos seus bons modos. Isso quanto ao exterior. Mas também referente ao interior eu lhes recomendo pegar bem o hábito de mortificar-se em tudo o que fizerem, não se entregando a penitências severas, mas mantendo-se bem perto de Deus. Essa deve ser a maneira de agir entre nós: levando sempre Deus em consideração; que haja sempre um sacrifício ou outro para o Bom Deus. Não posso entrar em detalhes, mas é fácil de compreender: um pouco de bem-estar de que a gente se priva, quando desnecessário à saúde; assumir uma atitude um pouco mais modesta, que mani-

feste um pouco mais a presença de Deus. Mantenhamo-nos sempre sob esse olhar de Deus, sob essa ação de Deus; conservemo-nos no seu santo amor, de modo que sejamos, ao sair da meditação, como Moisés descendo do Sinai depois de ter visto a Deus face a face, pois ele levava marcado no rosto o reflexo do esplendor divino. Nós também enxergamos Deus, ao agirmos assim. Esse pensamento em Deus nos ajuda; é difícil que com essa consideração as coisas que fazemos não saiam muito boas. Coloquemos essa idéia de Deus por tudo, façamos tudo com ele despretensiosa e afetuosamente. O Diretório será para nós de grande utilidade. Pensemos em Deus enquanto vestindo-nos, ao barbear-nos, fazendo uma coisa ou outra; tenhamos nossas pequenas indústrias para nos unir a Deus em tudo isso. Não é nada e é importantíssimo; nisso consiste a vida religiosa, isso nos une a Deus. Toma-se o seu livro, sua ferramenta e se pensa em Deus; os próprios objetos se tornam memoriais, petra testimonii, pedras monumentais como as que os patriarcas colocavam em testemunha da ajuda e da misericórdia de Deus.

Era essa o grande método que empregava São Bernardo em Claraval; não havia pedra aí, nem árvore, nem um pequeno móvel ou cela que não servisse de lembrete de Deus, que não desse a São Bernardo uma lição-zinha interior ou que não lhe oferecesse uma oportunidade de se comunicar com Deus. Tudo em Claraval, o pequeno moinho, o riacho, as rochas, o rincão do mato aonde São Bernardo ia, as grandes plantas, tudo isso o punha em contato com Deus como despercebida e naturalmente.

Assim se deve fazer. Começa-se com uma coisa e se continua por outra, e a vida toda se encontra unida com o Bom Deus. Desse modo estamos ao abrigo da maldade do mundo; tornamo-nos pessoas verdadeiramente religiosas; não somos gente excepcional, gente engraçada e esquisita. Não, nós faremos como todo o mundo; contra esse pano de fundo, seremos ao mesmo tempo para os outros de agrado e motivo de edificação.

Eu repito: trata-se de um meio muito poderoso. Tenham respeito por tudo o que os cerca. Por exemplo, um aluno difícil que impacienta o Senhor e o irrita; esse aluno, todavia, tem algo de bom; procure abordá-lo pelo lado bom. Que ele sinta que o Senhor apreciou isso nele e ele estará ganho; é o método de São Francisco de Sales; quando o seu empregado doméstico, Francisco, tinha bebido demais, o santo Bispo lhe tirava as meias, o desvestia e o deitava na cama.

* * * * *

Tenho boas notícias do Padre Davi que pede que se reze por ele. Ele está se dando bem.

Em Atenas também vão bem. Em toda a parte onde os nossos Padres tomam a vida religiosa como base para o seu apostolado, este vai bem. Não devemos basear a vida religiosa, ajustando-a sobre o que se faz, mas é preciso ajustar o que se faz à vida religiosa que deve ser a base de tudo. Desse modo se contribui sempre para a glória de Deus e tem-se a paz de espírito.

Na África, igualmente, o Padre Simon trabalha muito e ele também pede com insistência orações da Comunidade pela Missão.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 4 DE FEVEREIRO DE 1891

O PROCESSO DA BOA MADRE
UMA PALAVRA DE APOIO E ESPERANÇA

Todos os dias recebo notícias de Roma, do Padre Rolland sobre o Processo de Canonização da Boa Madre. O Padre Rolland me diz que Dom Haas, o Bispo de Bâle, que ele acompanha, se aplica muito por ativar os trabalhos. Ele vai falar aos Cardeais; ele diz a todo o mundo que ele veio a Roma unicamente para a Canonização da Boa Madre. Ele faz todas as diligências, todas as visitas que julga oportunas. Tudo depende agora da decisão do teólogo que examina os escritos. Esse teólogo é mantido em segredo; só é conhecido pelo Cardeal Vigário. Este disse que ia fazer tudo para movimentar as coisas e que seria bem possível que a Boa Madre seja declarada Venerável no curso deste ano.

* * * * *

Hoje, meus Amigos, eu gostaria de lhes dizer uma palavra de apoio e de esperança: de apoio para o presente e de esperança para o futuro. A Boa Madre, muitas vezes, me disse que ainda que se considerasse tudo perdido, acabado, aniquilado, quando ninguém mais tivesse esperan-

ça, o Salvador mostraria a sua ação e o seu poder. Toda a gente veria que é ele que faz as coisas e que o homem para nada adianta.

Os Oblatos foram fundados para recolher neste momento os frutos da ação do Salvador, para empregar os meios da sua graça, da sua Redenção, para salvar o mundo. É para esse fim que foram instituídos. Até lá, então, tenhamos coragem; não nos deixemos vencer nem acabrunhar por o que quer que seja. Estamos seguros de que, se a nossa ação atual não se estende muito e não tem grandes efeitos, devemos preparar-nos para os tempos que seguirão. É preciso que, no dia em que o Bom Deus manifestar o seu poder, nós estejamos presentes.

Muitas vezes eu já o tenho dito aos Senhores. O importante é sermos estáveis, firmes, confiantes. Não se trata de fazer muito, mas de sustentar muito, de aguardar muito, esperar muito. Precisaríamos viver mais uma vida interior, em caridade uns com os outros, até o dia da manifestação divina. Mantenhamo-nos prontos a realizar a obra de Deus. Não se deve dizer: Mas até lá não somos nada! A nossa obra certamente origina o bem em torno dela; ela age conforme o espírito do nosso Santo Fundador; ela é aprovada, ela é apreciada; em toda a parte a gente a quer bem. De diversos lados os preconceitos contra nós cairam, as opiniões se modificaram e viraram em nosso favor. Vê-se que os Oblatos trabalham em paz, à espera do Senhor; que eles não corram à frente, nem se precipitem para lá da Vontade divina. Não resta dúvida que estamos assistindo a uma grande revolução. As forças do inferno aumentam e se multiplicam. Os Governos são maus, mal inspirados; são dirigidos pela Maçonaria. Os adeptos do diabo considerem o seu império definitivamente estabelecido; pensam que nada os resistirá. A gente boa até vê as coisas um pouco assim. É preciso, pois, ficarmos bem firmes, bem resolutos; temos que passar por dias maus. Não fraquejando, seremos vitoriosos: Haec est victoria que vincit mundum, fides nostra (1 Jo 5,4) (Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé).

Que cada um se anime bem nas suas funções, na missão que lhe é confiada. Lembremo-nos que estamos fazendo a obra de Deus. Ela é a nossa garantia, nossa afirmação. Nenhuma Congregação tem uma segurança tão positiva, tão absoluta. Que isso sirva para nos fundar sempre mais, a unir-nos com Nosso Senhor, a nos tornar fiéis à sua santa Vontade, a desenvolver em nós o espírito de sacrifício, de generosidade, que não recua diante de nada, que cumpre simples e despretensiosamente o seu de-

ver, que dá tudo sem reserva, sobretudo o que lhe é mais pessoal: o modo de ver e julgar. Saibamos largar tudo isso generosamente. Que a nossa maneira de julgar, que as nossas opiniões estejam sempre bem conforme o sentido proposto pela Santa Igreja, de acordo com a verdadeira doutrina teológica e a prática das virtudes religiosas. Não sejamos nós mesmos e seremos completamente vitoriosos. Que a personalidade entre nós se apague. Que cada um atenda bem o seu serviço, segundo a obediência e a dependência religiosa, para que nos tornemos dignos das promessas da Boa Madre.

Um propósito prático para tomar, será fazermos a meditação de manhã sobre as ocupações do dia, preparando-nos às lutas, aos combates e começarmos jornadas de fidelidade ao Diretório, de mortificação, de união com Deus. Atemos toda a nossa vida por esses vínculos, esses laços de amor, fortes como a morte e mais fortes do que o inferno (cf. Ct 8,6).

Uma recomendação que lhes faço ao terminar é que cada um se considere comprometido para com a Congregação, quanto ao material, como no que se refere ao espiritual. Em nossas orações, na celebração da Santa Missa, nas Comunhões, não fiquemos jamais sozinhos. Todos formamos uma unidade pela caridade. Rezemos, ajamos, trabalhemos, saibamos sofrer com os nossos Padres; participemos das labutas e das provações de cada um e ajudemo-los. Desse modo seremos agradáveis a Nosso Senhor e nos prepararemos a estar prontos, de pé e dispostos, no momento em que ele quiser servir-se dos Oblatos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 11 DE FEVEREIRO DE 1891

O PROCESSO DA BOA MADRE A QUARESMA

Padre Rolland que está em Roma para a Causa da Boa Madre me escreve que sente a proteção dela de maneira muito poderosa e providencial. Dom Haas se mostra muito diligente e diz por toda parte que ele veio a Roma unicamente para apressar o andamento do Processo.

Eles foram muito bem recebidos pelo Papa: "Como está com a Causa?", perguntou o Santo Padre ao Padre Rolland. "É preciso visitar da minha parte o Cardeal Prefeito dos Ritos."

Foram muito bem recebidos por todos os Cardeais. O Cardeal Vigário, que é Cardeal Postulador, prometeu empenhar-se ao máximo. Falta ainda conhecer o relatório do teólogo que foi encarregado de examinar os escritos. Somente o Cardeal Postulador sabe quem é. Parece que esse teólogo está trabalhando ativamente, mas ninguém conhece ainda o resultado.

O Promotor da Fé, Dom Caprara, prometeu dedicar-se. Padre Rolland lhe mandou o volumoso Sumário do Advogado. Com isso tem o que fazer, enquanto aguarda o trabalho do teólogo encarregado dos escritos.

As cartas da Boa Madre compõem um volume enorme; é uma matéria difícil e árdua, que requer uma atenção toda especial. A Igreja admite, no entanto, que nos escritos de mulheres, de santas, se olhe mais a intenção do que a maneira de se expressar. Elas não estudaram as finezas da teologia; há muito mais abertura para admitir a sua interpretação, ainda que algumas expressões não estivessem dentro da exatidão rigorosa da terminologia teológica.

É esse o estado e a situação da Questão em Roma. O advogado Minette recolheu os diversos depoimentos das testemunhas; ele elaborou um lindo requerimento em latim, que serve de introdução. Ele mostra como ela praticou as virtudes num grau heróico: a fé, a esperança, a caridade, as virtudes cardinais e morais; ele percorre os dons sobrenaturais que ela recebeu de Deus, os milagres, as profecias. Ele constata a veneração que ela inspira de forma geral, fama sanctitatis (a fama de santidade). Tudo isso forma uma obra volumosa; setecentos e cinqüenta cartas

solicitantes complementam o trabalho.

Disseram a Padre Rolland que a Causa da Boa Madre era a mais bela de todas nas quais se trabalhava no momento. Rezemos muito nessa intenção e esperemos que, num futuro próximo, a Boa Madre seja Venerável. Se o teólogo se apressa, poderemos obter esse favor talvez antes do fim do ano.

* * * * *

Se os Senhores quiserem, passaremos esta Quaresma com a Boa Madre. Consultaremos Deus e lhe daremos o que ele nos pedir; faremos com que a Boa Madre nos ajude nesse empreendimento e certamente receberemos através dela a luz, as boas inspirações, a vontade para agir. Uma Quaresma, passada assim, será boa para nós. Nós não podemos fazer grandes mortificações. Padre Bichet me contava em Roma, que na Sagrada Congregação da qual ele é Consultor, - quando se tratava de examinar a Regra dos Oblatos - um Padre Capuchinho, que era o relator, afirmava que os Oblatos não eram religiosos: "Eles não usam roupa interior de pano grosseiro, nem cilício, não jejuam, não praticam austeridades; é preciso dar isso para eles..." Um outro Consultor observou que se devia levar em consideração o espírito do Instituto, que é de mortificação interior, de renúncia à vontade própria, de caridade perfeita e acrescentou que tudo isso se equiparava bem às mortificações corporais. O bom Padre insistiu no seu parecer. Mas quando viu que não podia fazer com que triunfasse, ele disse: "Se eles não querem jejuar, pelo menos farão com que jejuem os outros". E colocou no fim das Constituições o Capítulo sobre a penitência cristã a ser pregada aos fiéis esmorecidos e de pouco fervor.

A propósito do jejum, não estamos muito em condições, em geral, para praticá-lo. Que cada um peça ao seu confessor as dispensas que ele julgar necessárias. Cabe ao confessor dar as dispensas.

Quando eu vi pela primeira vez o Papa Pio IX, havia lá um Vigário Geral de Montpellier que pediu para um dos seus amigos doentes a dispensa da abstinência. - O seu amigo tem confessor, perguntou o Papa? - Cabe ao confessor decidir isso, segundo o parecer do médico. Não corresponde ao Papa fazer isso; não se pede ao Papa coisas como essas!

Atualizemo-nos bem a esse respeito. Como Superior, eu dou, sim, a cada um a dispensa geral da lei do jejum e daquela da abstinência, enquanto for necessário. Cada um deve seguir a sua consciência e usar essa permissão, conforme a opinião do seu confessor. Eu não dou

dispensa além das prescrições teológicas e dos indultos de nosso Santo Padre, o Papa, aos Bispos.

Todos, pois, faremos bem como a Boa Madre pede e como solicita o Bom Deus. Não recusaremos nada.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE FEVEREIRO DE 1891

O DIRETÓRIO - INTENÇÕES GERAIS

Recomeçamos hoje a explicação do Diretório.

As Regras e Constituições são para a vida exterior; o Diretório é para o interior.

A objeção que fazem, ao ver o Diretório pela primeira vez, é que não se encontra aí nada de extraordinário; não diz nada. Uma outra contestação é que o Diretório pode ser bem uma ajuda, um recurso, sem dúvida, mas que não se deve considerá-lo como obrigatório.

O Diretório é verdadeiramente obrigatório para os Oblatos. Nisso consiste a característica particular deles. Sem Diretório, não há Oblato. Para penetrar na essência da vida do Oblato, é imprescindível praticar o Diretório; devemos nos confessar das nossas faltas ao Diretório.

Não se deve dizer tampouco que o Diretório não seja grande coisa quanto à doutrina. Observemos que muitas coisas verdadeiramente grandes não tinham nenhuma aparência e não pareciam nada. Depois de Nosso Senhor, o que há de maior do que Nossa Senhora? O que foi que ela escreveu? O que fez? Nada, aos olhos dos homens. Há boas donzelas que fizeram a história de Nossa Senhora toda milagrosa e maravilhosa. Não convém dar crédito muito fácil a todas essas revelações. Segundo o texto evangélico, conforme o parecer da Igreja, Nossa Senhora levou uma vida muito comum; mas nessa vida habitual, certamente, mais do que qualquer outra criatura, ela alimentava disposições interiores de amor para com o

Bom Deus. Não se duvida que houve em sua vida acontecimentos extraordinários, maravilhosos, apesar do que diz Catarina Emmerich e outros também; mas o mérito e a verdadeira grandeza consiste na sua vida como um ato contínuo e perfeito de união com Deus.

O Diretório é um livro pequeninho só; mas o que é o Evangelho? Não é um dos livros menores que jamais apareceram? No entanto, todo o cristianismo está contido aí, todas as maravilhas do cristianismo, tudo o que transformou e salvou o mundo. É o que o Bom Deus realizou de maior e de mais extraordinário no mundo.

O Diretório não parece nada. Todavia produziu já e produzirá no mundo ainda um efeito enorme, incomparável. Nós devemos ser os pregadores do Diretório; devemos praticá-lo nós mesmos e ensiná-lo aos cristãos. Outros meios podem ser bons, como diz o nosso Santo Fundador; esse é o mais eficaz, o único bom para nós.

O Diretório é verdadeiramente propriedade nossa. Praticavam-no nos primeiros tempos da Visitação, na época da Santa Fundadora. Mas desde então essa prática era esquecida em muitos mosteiros. Antes da chegada da Boa Madre em Troyes, não se o praticava na Comunidade. Quando eu entrei como capelão na Visitação, perguntei ao Padre Chevalier: - O que pensar a respeito do Diretório? - Os espíritos estão divididos. Umas Irmãs pensam que obriga, outras que não... Depois, todo o mundo acabou pensando como a Boa Madre, e os frutos do Diretório estão aí. É a santidade de toda essa Comunidade. O que eu vi lá de santidade pessoal é algo muito considerável. Em toda a parte, graças à Boa Madre e graças aos Oblatos, o Diretório volta a ser respeitado. Devemos, pois, considerá-lo como um bem particularmente nosso; somos nós que lhe restabelecemos o exercício.

O Diretório é pouca coisa. Mas observem a Regra de Santo Agostinho; é pouca coisa também; não parece nada. Reparem, no entanto, como é uma doutrina, uma legislação ampla, que - como fundamento de doutrina - não tem limites circunscritos, e que é capaz de produzir os maiores efeitos, como de fato os produziu. Ela serviu de legislação para tantas Ordens tão diversas.

O Padre de Mayerhoffen começou em Paris uma associação de pessoas devotas que praticam o Diretório. Padre Bony me escreve que ele saiu muito bem impressionado dessa associação e que esta abre muitíssima esperança para o futuro.

* * * * *

"Intenções Gerais para os Oblatos de São Francisco de Sales."

"Que todos os exercícios e a sua vida inteira sejam para se unir com Deus e para - por orações e bons exemplos - ajudar a Santa Igreja e fomentar a salvação do próximo."

Toda a nossa vida, todos os nossos exercícios, até a respiração, os nossos trabalhos, as labutas, tudo o que compõe a nossa vida deve ser orientado pelo pensamento habitual: unir-se com o Bom Deus. Assim como a Boa Madre não fazia nada, não dizia nada sem consultá-lo, da mesma forma nós devemos consultá-lo na oportunidade de cada obediência a atender, de cada ponto da Regra a observar, de cada incumbência que nos é confiada. Nós consultaremos, e o Bom Deus nos responderá: É isto o que se deve fazer. A resposta dele será clara e nítida.

Que todos os nossos exercícios e a vida inteira sejam, então, para unir-nos com ele, para ajudar por orações, por trabalhos e por bons exemplos a Santa Igreja e a salvação do próximo.

Devemos rezar pela salvação do próximo, pela salvação dos que são fiéis a Deus, dos de quem cuidamos, nossos alunos, nossos jovens, as pessoas que nós dirigimos e que andam no bom caminho; devemos rezar também e muito pelos pecadores.

"Por bons exemplos." A gente tem encargos, dificuldades, desde que se vive em comunidade; é importante também que haja nessa vida de comunidade alguns benefícios. Uma das vantagens mais preciosas é exatamente o bom exemplo dos irmãos.

A inspiração fundamental do nosso Santo Fundador é de estender o Reino de Deus, conquistando as pessoas para ele; por nossa vida inteira, pela observância dos deveres da vocação, das virtudes do estado religioso, devemos atrair os fiéis à Santa Igreja e a Deus, encorajando-nos na prática dos deveres comuns da vida cristã.

Durante esta Quaresma nos apegaremos a praticar bem este pequeno Capítulo. É breve, mas amplo e profundo. Vigiar-nos-emos atentamente para ver se cumprimos bem o Diretório, as aspirações no silêncio, as da hora certa e o pensamento da morte. Os que estudam, certamente, não podem interromper tão freqüentemente o trabalho para fazer essas aspirações quanto os que têm serviço manual; está nisso uma das vantagens do trabalho manual.

Durante a Quaresma, normalmente, a gente é mais tentado do que

nos outros períodos do ano. Lembrar-nos-emos das tentações de Nosso Senhor; somos seus filhos, seguimos o seu caminho. Rezemos, pois; digamos uma palavrinha cordial ao Bom Deus: Eu quero ser-lhe fiel... Senhor, eu lhe ofereço tudo o que há de mal em mim. Lancemos assim toda a nossa pessoa em Deus, para que ele tenha piedade de nós. O tempo que passarmos assim nos será mais vantajoso do que os momentos de paz e de tranqüilidade interiores.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE FEVEREIRO DE 1891

ASPIRAÇÕES ESPECIAIS
A HUMILDE GLÓRIA DOS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

São Francisco de Sales escreveu estas linhas no cabeçalho do Diretório para nos mostrar o lugar fundamental que a caridade deve ocupar em nossas intenções e como devemos estimá-la profundamente. Quando ele escreveu este Artigo, não tinha decidido ainda que as Visitandinas fizessem os três votos religiosos. A idéia pessoal que predominava no seu íntimo e o conduzia era de fundar uma Congregação sem voto, com a simples promessa de caridade fraterna. Ele era muito inovador, nosso Santo Fundador. Não somente enriqueceu a Igreja com uma doutrina que manifesta seu gênio profundo, mas ele abriu horizontes totalmente novos. Por que ele encontrou dificuldades tão grandes em torno dele, por que essa oposição que se formava contra todos os seus empreendimentos? Porque sentiam que seu andamento não seguia mais o caminho de costume. Ele, todavia, afirmava que as suas idéias não provinham dele, mas que eram inspiradas pelo Espírito Santo.

São Francisco de Sales, tomando por base o vínculo único da caridade, concluía que se podia alcançar a perfeição religiosa observando a caridade fraterna. A caridade não cobre a multidão dos pecados (cf. 1 Pe 4,8)? E será que a caridade para com o próximo é menos eficaz do

que o amor para com Deus?

O que se faz para Deus, por caridade, é um meio infalível de obter o perdão das faltas; é a destruição radical do pecado. Este não pode resistir mais à caridade para com o próximo. A prática dessa caridade perfaz a beleza, o esplendor da vida religiosa; ela lhe proporciona a dita e a felicidade. Os sacrifícios, as dificuldades que essa prática acarreta, são amplamente compensados pelas alegrias que ela ocasiona e pelos desgostos que ela evita. Quando a gente pratica perfeitamente a caridade, o Bom Deus dá completa e absolutamente tudo aquilo de que se precisa para cumprir bem todas as obrigações.

Seria uma coisa boa, durante este tempo de Quaresma, que todos nós fizéssemos o voto de caridade para com o próximo. A prática da caridade é, de fato, em primeiro lugar, a prática da mortificação. É preciso sacrificarmos os gostos, as inclinações, os pareceres. O Senhor jejua; é a mortificação do estômago, do seu apetite; praticando a caridade fraterna, o Senhor mortifica todo o seu ser, é o juge sacrificium (Dn 8,11), o sacrifício perpétuo, e ao mesmo tempo o holocausto que faz com que pertençamos totalmente a Deus. Durante esta Quaresma, apliquemo-nos, pois, de modo especial à prática da caridade, do amor para com o próximo. Isso produz muita coisa interiormente, como também é o mais efetivo para fora: "Vejam como eles se amam!" (Tert. Apol. 39) O que diziam sobre os primeiros cristãos deve ser a característica dos Oblatos. Cor unum, anima una (At 4,32) (Um só coração e uma só alma). A caridade deve proporcionar-nos esta maneira única de ver e de julgar, na qual consistirá a nossa força. Seguindo esse rumo, não teremos dificuldade em avançar pelo caminho da razão. Os nossos princípios não serão a esmo; não estaremos estabelecidos sobre bases variáveis. Toda a nossa aparência refletirá alguma coisa de direito, de simples, de ordenado.

Aqueles, pois, que querem avançar na prática da virtude, como diz o Diretório, que se exerçam muito particularmente na caridade durante esta semana, durante esta Quaresma. Cada vez que tivermos praticado algum ato de caridade para com o próximo, certamente teremos ganhado muito.

A prática da caridade fraterna é o meio melhor e mais seguro para aproximar-se de Deus; não é possível enganar-se ou fazer-se ilusões na prática dessa virtude, como se pode fazer, mesmo na prática da caridade para com Deus. Além disso, é o mandamento especial de Nosso Senhor,

mandatum meum (cf. Jo 13,34).

O nosso Santo Fundador, vendo então os seus filhos reunidos na prática da caridade fraterna, canta a Deus um hino de gratidão, de agradecimento. Ele se regozija ao ver todas essas pessoas ligadas na mesma união.

"Ó Deus verdadeiro, quem me fará tanta graça, que o Todo-poderoso escute meu desejo e que ele mesmo escreva este livro..."
Esse livro é o mesmo que contém os nomes dos Padres e Irmãos.

"...eu anunciarei, em todas as aspirações que meu espírito fizer diante de Vós, os nomes que ali estiverem marcados, como um cântico de alegria e de louvor..."

Eis uma promessa muito formal do nosso Santo Fundador que se aplica a nós, sendo fiéis. Irmã Maria Genoveva dizia que ela via o nosso Santo Fundador diante do Bom Deus e que ele estava muito ocupado com o cumprimento da missão que Deus lhe deu por toda a terra. Tenhamos, pois, confiança ao tentarmos ser fiéis, que ele não se esqueça de nós diante do Bom Deus.

"Deles oferecerei o rol, como um ramalhete suave, à vossa divina Providência."

O rol quer dizer o rolo, a lista.

Enfatizo muito, meus Amigos, a graça incomparável que temos por pertencer ao Bom Deus, através desse caminho. O nosso Santo Fundador pede perseverança; precisa-se, efetivamente, de coragem, de muita coragem. Um meio, sugerido pelo nosso Santo Fundador para fomentar essa perseverança, é recomeçar sempre de novo. O Senhor acaba de cometer uma falta; não pare, não se desanime; diga: Perdoe-me, Senhor, já comecei uma vida nova; olhe que recomeço acertando. O passado é o passado; eu o entrego à misericórdia de Deus e disso não me ocupo mais. É essa uma maneira valiosa para não desanimar e para avançar sempre.

"Portanto, meus caríssimos irmãos, meus filhos muito queridos, minha alegria e minha coroa, continuem, meus bem-amados, assim firmes em Nosso Senhor. Eu vos peço e até vos conjuro que tenhais todos um mesmo amor e vivais todos a mesma unanimidade dessa vocação, em Jesus Cristo Nosso Senhor e em sua Mãe, Nossa Senhora. Amém."

O nosso Santo Fundador pede aí, com fervorosa insistência que os seus filhos vivam sempre unidos assim, fiéis à Regra, constantes em

sua boa vontade. Será muito importante compenetrar-se bem dessas palavras e meditá-las muitas vezes. Elas nos indicam tudo o que há de bom, de excelente, de suave, de seguro em nossa santa vocação.

Essas coisas, tudo isso é para nós, porque Deus é amor e caridade. Amando-nos uns aos outros, queremos muito a nossa vocação, o nosso dever, os encargos que nos são confiados; viveremos, como diz São João, da vida da caridade:
Qui manet in caritate, in Deo manet et Deus in eo (1 Jo 4,16) (Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele). Peçamos essa caridade; roguemos que permaneçamos e que Deus fique em nós. Esse é o nosso sistema, essa é a fé que nos deve alimentar. Em meio às nossas ocupações, em qualquer ocasião e circunstância, digamos facilmente uma palavrinha ao Bom Deus e encontraremos nisso uma ajuda muito grande. Todo o mundo precisa de auxílio, sobretudo na Quaresma; é o tempo da tentação. Na Quaresma, coisas difíceis sempre acontecem. É de se notar claramente que então sempre há mais para sofrer, suportar e agüentar. O Bom Deus semeia em nosso caminho um pouco mais de espinhos. Roguemos-lhe que nos ajude e proteja contra todas as provações.

* * * * *

Eu acho que convém voltar a falar muitas vezes sobre as dificuldades, sobre as tentações que nos sobrevêm, especialmente durante a Quaresma. O próprio Nosso Senhor nos delineou os grandes traços da tentação, pois quis ser tentado no deserto. Essa tentação de Nosso Senhor era antes de mais nada para instruir-nos, para nos mostrar como se deve resistir às tentações que ocorrem sobretudo durante a Quaresma.

A tentação pode revestir todas as formas. A gente é tentado por orgulho, por impureza, por desânimo, por afeição ou por ódio. Cada um tem a sua tentação particular que, no tempo da Quaresma, aumenta até proporções consideráveis. Além dessas tentações propriamente ditas, outras eventualidades incômodas nos acontecerão pela permissão do Bom Deus; e isso mais freqüente e mais rudemente no tempo da Quaresma. O demônio das grandes tentações lembra-se muito bem desta época em que ele tentou o próprio Salvador. Ele dobra, então, os seus esforços. Não se deve estranhar, portanto, que a prática religiosa seja mais difícil então do que em outro tempo. Importa esforçarmo-nos por ser bem fiéis para que a tentação não tenha influência sobre nós. Estamos numa situação pior do que a gente do mundo; eles não são tentados dessa maneira, não

com a mesma intensidade.

A Igreja prescreveu o jejum e a abstinência para nos acautelar contra essas tentações de Quaresma. Abracemos corajosamente esse espírito de penitência e façamos o que as nossas forças nos permitem. Vigiemos ainda mais a nós mesmos e cuidemos das nossas palavras, da comida, do descanso:

Utamur ergo parcius
Verbis, cibis et potibus
Somno, jocis et arctius
Perstemus in custodia.

Mais parcos, pois, sejamos
em palavras, alimentos e bebida,
no descanso e na diversão,
Permaneçamos, outrossim,
em esmerada vigilância.

Eu recomendo muito a prática fiel da mortificação do refeitório, neste tempo de Quaresma.

O Bom Deus permitirá certamente que os Senhores experimentem alguma coisa mais dura, durante esta Quaresma, algo mais penoso, talvez alguma eventualidade desfavorável. Aproveitem bem uma colheita espiritual de tudo isso, como dizia São Bernardo, façam disso o ramalhete de mirra que colocarão no coração; é a cruz, são as espinhas, a lança, os pregos de Nosso Senhor. Cada um de nós é obrigado a caminhar por esse caminho, sem isso não faremos e não seremos nada.

* * * * *

Eu recomendo muito às orações da Comunidade o Padre Cardot que acaba de morrer repentinamente. Era um dos nossos grandes amigos e era um santo sacerdote. É uma perda considerável para nós e para toda a diocese. Era um homem de uma fé capaz de transportar montanhas e de um coração generoso. Eu disse ao Padre Cardot: - Por que o Senhor se prendeu tanto a nós? - Porque o Senhor é a causa de tudo o que eu fiz e sobretudo de toda a devoção que eu tenho tido a São José. Quando eu era sacerdote jovem, eu queria fazer retiro e lhe perguntei aonde ir. A Paris? Com os Jesuítas? Com os Dominicanos? Não vá lá, o Senhor me disse. Pelo momento o Senhor não precisa ler páginas extensas de meditações. Vá à Cartuxa; visite o Padre Retournat; diga-lhe da minha parte que ele se encarregue do Senhor; isso lhe fará bem. Fui à Cartuxa de Bosserville.

Encontrei o Padre Retournat que foi muito bom para mim. No fim do retiro, ele me disse que, após ter rezado e refletido muito, ele podia afirmar-me que se eu queria fazer um pouco de bem na minha próquia, era preciso que eu fizesse alguma coisa para fomentar a devoção a São José. Tudo o que São José lhe inspirar, acrescentou ele, faça-o e o Senhor terá êxito. O Senhor se santificará e santificará os seus paroquianos. Eu segui esse conselho, agregou o Padre Cardot: criei uma romaria a São José e quis edificar-lhe uma capela; enquanto isso, já lhe fiz uma torre. É essa a razão por que me liguei com tanto carinho e reconhecimento às Obras que o Senhor empreendeu.

Eu me lembro de uma reunião em que lhe faziam todos os tipos de críticas, porque diziam que ele se aventurava a construir sem ter garantias suficientes. Pensava-se fazer bem ao repreendê-lo assaz severamente a esse respeito. Eu estava presente. - Senhor Pároco, lhe diziam, - o Senhor está se lançando em empreendimentos sem saber como continuar. - Os Senhores não estão suficientemente informados, respondeu ele. - Eu tenho as minhas garantias. Eu li na vida dos santos, na vida de São Columbano que meteu alguma vez o pé fora do caminho porque não tinha a cabeça muito boa e que por causa disso desconfiava muito de si mesmo, dizendo sem cessar ao Bom Deus: Meu Deus, se sou eu que me meto nisso, nunca vou consegui-lo! Eu li que São Columbano tinha o costume de tomar duas ou três criancinhas e de fazer com que rezassem para descobrir a Vontade do Bom Deus sobre tudo o que ele queria empreender e que assim ele era sempre bem-sucedido. É isso o que eu tenho feito também. Eu tinha dois pequenos coroinhas, muito piedosos; um tinha seis anos e o outro sete. Tomei-os pela mão, levando-os ao pé do altar de Nossa Senhora e lhes disse que perguntassem ao Bom Deus se isso era a sua Vontade. Enquanto eles rezavam, me parecia ter a certeza de que eu ia ser atendido. De fato, algum tempo depois, de diferentes maneiras, as importâncias desejadas em dinheiro, e outras com as quais eu não contava, vinham chegando. Essa maneira de rezar ao Bom Deus e seu resultado feliz me encorajou; todas as vezes que estou diante de alguma coisa um pouco difícil eu faço com que os meus meninos rezem.

Rezaremos, pois, ao Bom Deus pelo Pároco de Villeneuve-au-Chemin. Quanto antes, cada Padre rezará uma Missa pelo descanso eterno dele; e todo o mundo receberá a Comunhão nessa intenção.

Eu lhes peço perdão, meus caros Amigos, por voltar tantas vezes às mesmas idéias; mas verdadeiramente estamos em cicunstâncias tais que não se pode fazer absolutamente nada senão através da santidade. Só esta é eficaz. É o diabo, é Satanás que é o dono e que opera no mundo. Reparem, o Sumo Pontífice manda que peçamos a São Miguel todos os dias depois da Santa Missa, para que rechace para o inferno todos os maus espíritos que nos cercam. É evidente que a ação do demônio é mais violenta do que nunca. O Ministro de Fallières não tem medo de afirmar que nunca recuará diante da obra da separação total da Igreja e do Estado; sabe-se o que significa isso para ele. Nunca mudarão de opinião sobre a lei militar, sobre a lei escolar. Eles querem livrar completamente a inteligência humana de qualquer dominação. Nós, apliquemo-nos a prender inteiramente a nossa inteligência e a nossa vontade sob o jugo de Deus. É preciso que o Bom Deus possa servir-se de nós, como o diabo se serve de Fallières e da gente de sua espécie. Que cada um cumpra bem, portanto, todos os seus deveres; que cada um preste muita atenção e esteja bem atento nos assuntos onde se deve obedecer e submeter-se. Que cada um desempenhe a sua tarefa com toda a humildade e simplicidade.
É muito necessário também que cada um seja discreto nas palavras. Que não se converse sobre política; que não se leia jornais. Se eu lhes digo uma palavra, de vez em quando, não é para fazer política, mas para preveni-los contra o mal que nos invade. Sejam muito reservados, muito prudentes, muito comedidos nas conversações. Evitem grosserias, coisas que não combinam com a vida religiosa; evitem a curiosidade; não se ocupem disto e daquilo.

A Superiora das Oblatas e eu proibimos às religiosas que jamais falassem dos Oblatos a não ser tratando-se de alguma coisa muito edificante. Eu desejo muito que os Senhores ajam da mesma forma a respeito das Oblatas. Desejo que tenham pelas Irmãs o respeito que qualquer homem bem-educado manifesta a mulheres.

Eu recomendo aos Superiores das diferentes casas que vigiem a observância dessa recomendação e que dêem penitências muito sensíveis aos que agirem diferentemente. É talvez garotice, falta de juízo ou de cortesia; é preciso ser tanto mais severo. Eu lhes recomendo a todos com muita insistência esta discrição: Nihil nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espírito religioso). Observem quão sábia é essa orienta-

ção. Ela nos afasta de tudo o que é pensamento perverso, de toda a inclinação má. É essa a verdadeira educação. Isso é o que nos une a Deus. Faremos de tudo isso nossa prática da Quaresma. Assim seremos dignos de ser admitidos junto de Nosso Senhor. O diabo irá embora; os anjos do céu virão nos consolar e nos dar coragem.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 11 DE MARÇO DE 1891

O LEVANTAR-SE - A MEDITAÇÃO

Recebo boas notícias de Pella. Os Catecismos são bem aceitos e fazem muito bem. É muito importante que as nossas Missões vão bem. São um dos baluartes principais contra as invasões da impiedade. Deve-se pedir ao Bom Deus que ele coloque ali pessoas que sejam fortalezas invencíveis.

"O levantar-se dos irmãos."

"Em primeiro lugar, ao despertarem, os Oblatos devem lançar a alma inteiramente em Deus por algum pensamento piedoso..."

O Diretório apresenta diversas aspirações excelentes. Tendo conservado da nossa infância alguma outra aspiração para oferecer o nosso coração a Deus, certamente podemos muito bem continuar usando-a. Não tendo nenhuma especial, aproveitemos aquelas do Diretório; elas sempre acarretam graça, a graça da Regra, graça comparável à dos sacramentais. Sem dúvida, os sacramentais não transmitem uma graça tão eficaz quanto a dos sacramentos, mas operam em virtude das disposições de quem age, daquele que se serve deles. Isso vale para a água benta, para certas orações e particularmente para as do Diretório. As práticas do Diretório nos proporcionam graças abundantes e muito eficazes.

De manhã devemos refrescar o espírito no Bom Deus. Depois de nos acostumar, isso se torna bem fácil. Essas práticas santificaram São

Francisco de Sales. O que ele escreveu no Diretório, é o que praticava ele mesmo. Não temos meios melhores à disposição do que esses. Formemos, então, o hábito de praticar bem o Diretório e comecemos pelo levantar. Não deixemos essa prática antes de ter pegado o costume de executar bem este Artigo do levantar. Quando tivermos feito bem esse Capítulo, passaremos ao seguinte. Depois de um certo tempo, sem fadiga, sem esforço, com naturalidade, chegaremos a praticar o Diretório integralmente. É assim que o soldado aprende a fazer o exercício. De um movimento ele passa a um outro e toma o hábito de fazer todas as manobras segundo as ordens dadas.

A ave-maria ou o anjo-do-Senhor e a oração da manhã devem ser feitos vivamente e de joelhos, como o Diretório recomenda.

Peguemos o costume de mexer-nos prontamente, sem fazer barulho, mas sem nos demorar. Façamos tudo com atenção, cuidado e vivacidade. Que nos seja suficiente um tempo limitado para nos vestir e para os cuidados de higiene, a barba, etc. Em 20 a 22 minutos a gente pode bem levantar-se, vestir-se, barbear-se, arrumar a cama e dar a si e ao quarto uma pequena limpada; e isso sem barulho, sem ruído, no silêncio da ação. Os Senhores agradarão ao Bom Deus tanto, e até mais, fazendo isso do que operando milagres.

Eu gosto de milagres, pois nos mostram que o Bom Deus se ocupa de nós. Quanto aos próprios beneficiados por milagres, é uma situação muito arriscada; o diabo os persegue muitas vezes obstinadamente e lhes manda provações após provações.

Os Senhores podem ser sumamente agradáveis ao Bom Deus, tanto quanto os Serafins que, em torno do altar, oferecem incenso e orações. Vivamos habitualmente junto do Bom Deus, respiremos e vivamos nele pelo Diretório. Que consista nisso a nossa vida; que essa seja a nossa grande devoção. Apeguemo-nos às coisas de Deus, à sua divina Vontade durante todo o dia.

O que estou dizendo sobre a maneira de realizar o exercício da manhã pode entender-se bem, igualmente, com referência a todas as coisas materiais que se podem apresentar no decorrer do dia.

"Para a meditação formar-se-ão segundo os ensinamentos da Introdução à Vida Devota, do Tratado de Amor de Deus, das Palestras Íntimas e outros bons livros semelhantes segundo a atração e direção do Es-

pírito Santo e a orientação que lhes será dada."

Há muitos métodos de fazer meditação; falemos sobre a nossa.

Hoje, amanhã e muito freqüentemente, acontecerá que o Senhor não conseguirá fazer nem a preparação, nem o exame. O Senhor está estafado, doente, aborrecido, contrariado, indisposto, distraído. O que fazer? O Senhor tem uma meia hora a passar com o Bom Deus. Como o Senhor vai começar? Juntará as mãos e ficará uma meia hora diante do Bom Deus, humildemente, tamquam jumentum ante te, et ego semper tecum (cf. S 72,23) (como um animal irracional, sempre, porém, estarei convosco). Não sei o que digo e faço, mas isso não importa, meu Deus, eu estou sempre convosco. Essa maneira de meditar será a mais geral. Não considerem esse tempo inútil e perdido. Digam e repitam, então, ao Bom Deus: meu coração está longe, meu espírito mais longe ainda; não sei onde me vão as inclinações; mas eu estou diante de Vós como um cavalo parado. Ajudai-me, para que eu corra com alegria segundo os vossos mandamentos, Senhor!

Ensinem esmeradamente os fiéis fazerem isso, conservando-se assim humildemente aos pés do Bom Deus, enquanto não acharem nada a dizer-lhe. Não é nunca o homem que realiza a obra de Deus, mas é Deus quem opera as obras de homem. Manifesta-se a Deus muito mais boa vontade ao sofrer do que mexendo-se e agitando-se. Então estamos muito mais na esfera e no sentido verdadeiro do que nos interessa. Eis, portanto, o nosso primeiro método; ele é excelente: como um animal irracional, sempre, porém, estarei convosco (cf. S 72,23).

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE MARÇO DE 1891

O NOSSO MÉTODO DE MEDITAÇÃO

Já começamos a falar sobre os métodos de meditação. Sigamos o método do nosso Santo Fundador. Os outros métodos são bons, sem dúvida, mas não são práticos para nós. Estes supõem muita inteligência, até filosofia mesmo; mas naõ se chega ao resultado da meditação a não ser indiretamente. Quando a gente se esforçou muito por meditar e refletir, o Bom Deus dá a sensação de união com ele, de abertura confiante do coração, a qual representa o auge da meditação. É o Bom Deus que dá isso por graça, para recompensar o esforço feito; mas não é o empenho, não são as considerações que por elas mesmas atingem essa finalidade. Chega-se ao Bom Deus pelo coração e não pelo esforço mental. Deus autem intuetur cor (cf. S 7,10) (Deus, porém, sonda o coração). O nosso Santo Fundador deseja que se faça meditação segundo o seu método e outros bons livros condizentes com os que ele escreveu, particularmente quanto à atração e à condução do Espírito Santo. Nestas duas palavrinhas se encontra todo o segredo da meditação.

Esta é um colóquio da alma com Deus. Essa conversação não é idêntica para cada um; não é que temos todos a mesma coisa para dizer ao Bom Deus. Todas as vezes que uma pessoa experimenta a atração de falar ao Bom Deus, que ela gosta de unir-se a ele por este pensamento ou aquele afeto, a gente deve cuidar muito para não desviá-la daí. Padre Chevalier nos contava sobre um homem que ele chegou a conhecer, um carreteiro que meditava de Troyes a Lyon. Levava dez ou quinze dias de estrada. Indo meditava sobre o Pai-nosso até "Seja feita a vossa Vontade". Ao voltar começava por "o pão nosso", e seguindo essa atração ele fazia certamente excelentes meditações.

O que o Bom Deus mais gosta em cada pessoa, é o que ele mesmo depositou nela. Eu via numa vida muito mal acertada de São Luís de Gonzaga que, antes de entrar no noviciado, ele meditava um pouco ao acaso, segundo a inclinação pessoal, e que seu diretor espiritual queria em seguida levá-lo a fazer meditação conforme os seus métodos. Se isso era assim e o Santo, para chegar lá, fazia esforços que menciona o biógra-

fo, eu compreendo as dores de cabeça terríveis que encurtaram-lhe a vida e o levaram a morte tão jovem. Observem as pessoas que lhes são confiadas, reparem a inclinação natural delas, a qual as conduz a Deus e firmem-nas sempre mais nisso.

Conheci outrora uma donzela que se casou depois e se tornou mãe de um dos nossos ex-alunos. Ela era minha penitente, uma operária. Ela me perguntava o que se deveria fazer para ficar fiel aos bons propósitos. Eu lhe perguntei em que ela gostava muito de pensar. - No céu. - Pois bem, aspire ao céu; trabalhe na terra para o céu e como se estivesse no céu. Essa moça, graças a esse pensamento que não a deixou mais, graças a essa maneira de meditar, continuou eminentemente cristã e virtuosa; era o mais belo tipo de jovem cristã com quem a gente pudesse se avistar. Ela casou e fez o seu marido feliz; criou perfeitamente bem os seus filhos. Tudo isso, graças a essa palavrinha de São Francisco de Sales, especialmente sobre a propensão pessoal e a direção do Espírito Santo.

É o grande tema para formar e dirigir as pessoas, ensinando-lhes a seguir o pendor individual e a guardar o dom do Espírito Santo: Spiritum nolite extingui (1 Tes 5,17) (Não extinguais o Espírito).

Que cada um, por própria conta, comece por prestar atenção a sua propensão particular e aproveite isso para realizar sua meditação.

Ao darmos direção espiritual, que seja sempre nesse sentido.

Quanto a essa questão preciso dizer-lhes o que eu penso. Temos uma imensa responsabilidade diante do Bom Deus: atingir tudo o que São Francisco de Sales e a Boa Madre fizeram e ensinaram. Roma aprova de toda a maneira essa doutrina; suas conseqüências são admiráveis. Chega-se desse modo ao que é completo e perfeito.

Qual é o espírito religioso que, na antigüidade cristã, se assemelha mais ao de São Francisco de Sales? É o de São Bruno, é o dos Cartuxos. Estes continuam tais quais têm sido durante nove séculos; não mudaram nada em sua Regra e nada inovaram; estão de posse da verdade completa; apóiam-se numa base verídica, sólida, segura e perfeita.

Acabamos de realizar, nestes últimos dias, o pequeno retiro das Obras das jovens. Irmã M. F. que não é uma pessoa de grande inteligência, mas muito ajuizada, me contava com muita simplicidade as suas impressões de outrora, as suas experiências de moça. - Antes de vir aqui, ela me dizia, - eu não entendia nada; ia à Missa, ouvia pregar,

mas, no fundo, não me dava bem conta do que é religião. Chegando aqui, escutava instruções, ia à catequese. E, olhe, eu comecei a entender!... Eu compreendia que nisso havia algo de completo, de inteiro, de seguro, que havia ali tudo o que eu precisava. Não era bem a mesma coisa como na minha paróquia. No fundo, sempre havia alguma coisa que me faltava. Chegando aqui, eu disse: É isso! Tenho tudo! Não me falta mais nada. E a Irmã acrescentava: - Vendo a felicidade das jovens durante o retiro, eu me lembrava das minhas impressões de então. Elas são felizes; elas me fizeram suas confidências; são felizes porque sentem a atração do Bom Deus, porque o que dele lhes é oferecido, é completo e seguro. Com isso elas têm tudo.

Essas reflexões são muito verdadeiras. Que se procure engrenar a vida com a doutrina da Madre Maria de Sales; não encontrarão nada de extraordinário, nem de singular; é o bom senso, a sensatez. Isso não quer dizer que nós valhamos mais do que os outros. Somos muito inferiores a eles quanto a virtudes e em muitas outras coisas; mas a nossa doutrina, tal como ela é, está completa; satisfaz plenamente a todas as exigências; é plenamente aplicável em todas as circunstâncias da vida. Sejamos-lhe fiéis e então poderemos dar do que temos. Quando a gente mesma se traça a vida e se esboça a doutrina, a gente periga facilmente enganar-se. Quando se deve distinguir por si mesmo o que vem do Bom Deus e o que não vem, é muito perigoso. Em nosso caminho, basta ir despretensiosa, simples e sensatamente, é suficiente avançar generosa e cordialmente com o Bom Deus; nisso está a verdade, aí se encontra a santidade. O Bom Deus pode dar o dom de milagres, muito bem; mas o milagre mais belo não vale um ato de generosidade.

Eu insisto na idéia que expliquei há pouco. Tenhamos um grande respeito pelas pessoas. Diante delas não banquemos o mestre, pedagogo, o pedante. Só Deus é o Mestre. Nem o Papa não se faz de mestre. Ele interroga, ele recolhe os pareceres dos Bispos nos assuntos da fé. Respeitemos a ação de Deus nas pessoas; favoreçamo-la, ajudemos para que as pessoas caminhem no sentido da atração divina.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE ABRIL DE 1891

A MEDITAÇÃO

A vida de meditação é a vida própria do religioso. Os primeiros religiosos, São Pacômio, Santo Antônio, São Paulo, levaram uma vida de meditação contínua. As Regras das Ordens religiosas antigas evidenciam orações freqüentes: a meditação era uma coisa costumeira para elas; tratava-se essencialmente de uma vida de oração. Além da oração, não havia verdadeiramente nada para elas. Sem dúvida, trabalhavam; mas o trabalho era como encaixado, englobado, fundido no espírito de oração. Eles praticavam mais ou menos a oração, a meditação, como a chamaram depois; não representava talvez um exercício distinto, à parte, como é o caso agora; a vida deles era uma meditação ininterrupta. Era uma disposição constante do coração, da vontade e do espírito de se voltar sem cessar para o Bom Deus. É isso o verdadeiro sentido da palavra religioso, religado a Deus, religatus.

Além desse espírito de oração, em que deve consistir também a nossa própria vida, temos um exercício especial que se chama a meditação. Há numerosos métodos de meditação. Muitíssimo se escreveu sobre a meditação. Algumas vezes se enganaram um pouco. Confundiram o estudo, a reflexaõ com a meditação propriamente dita.

A meditação, segundo a definição da Boa Madre, é um colóquio cordial, afetuoso, com o Bom Deus. A meditação pode se realizar de muitos modos. Mesmo em relação com a meditação no seu verdadeiro sentido, há, eu repito, muitos métodos. Esse tempo da meditação pode ser para um número bastante grande de pessoas, um período de aridez, em que não se vê nada, onde não se sente nada. Encontrando-se assim na secura, há dois meios para livrar-se do problema quanto à meditação: ou tomar um livro e meditar, ou então, melhor, mais perfeitamente, manter-se muito humildemente unido à Vontade de Deus, tamquam jumentum ante te, et ego semper tecum (cf. S 72,23) (como um animal irracional diante de Vós, estarei, porém, sempre convosco). Humilhemo-nos, fiquemos ali sem palavra, se não nos ocorre nenhuma; sem esforço intelectual ou da vontade, se não podemos fazer de outro modo. Quem fizer isso desprendidamente,

ganhará muito. É a melhor maneira de agir em tempo de aridez. Não adianta procurar realizar a meditação de outra forma. É suficiente manter-se em espírito ao pé da cruz de Nosso Senhor, ou ao pé de absolutamente nada, se não podemos nem dirigir-nos até a cruz. Então façamos generosamente um ato de humildade, de aniquilamento. De todos os métodos de meditação é esse o preferido, o mais vantajoso. Precisa-se de abnegação para isso, o que não é fácil; mas os nossos esforços serão bem recompensados.

Essa meditação de aniquilamento diante de Deus é a oração do publicano no templo, que se bate no peito sem ter a coragem de levantar os olhos.

Esse exercício, eu repito, é a porção que toca a muitas pessoas. Um grande número de pessoas, cada vez que tem que falar ao Bom Deus, se encontra na impossibilidade de lhe dizer algo. É um exercício verdadeiramente meritório, o de permanecer diante de Deus, sem coração, sem vontade, com idéias alienadas.

Façam meditação como eu lhes recomendo e colherão frutos extremamente abundantes. Ponham Deus no seu lugar, esviando-se da pessoa própria a ponto de não sobrar nada de si mesmo.

Ensinem isso aos outros, instruam-nos sobre essa maneira de agir. Essa meditação é a mais fácil.

O segundo método de meditação que eu, depois disso, aconselharia é a preparação do dia perante Deus.

Assim como o negociante prepara a sua vitrina e o operário, a sua ferramenta, importa que nós também preparemos o nosso dia, as nossas Comunhões, o trabalho, as nossas dificuldades, os contatos com os alunos e com o próximo, igualmente com nós próprios, como - finalmente - as nossas resistências à tentação. Tem que se preparar o dia diante de Deus e em Deus. Toda a pessoa que clama pelo socorro do Bom Deus, obtém certamente o auxílio dele; ela tem nas mãos o meio de reparar as suas fraquezas e faltas. Nesta ou naquela circunstância acontece que lhe falta coragem: Senhor, ficai comigo, iluminai-me, esclarecei-me! São Bernardo dizia que ele naõ sabia nada, que não tinha compreensão, nem idéia alguma que não lhe viesse de Deus. Prendamo-nos, nós também, à luz divina. Em nossos estudos, peçamos a graça da compreensão e do conhecimento; é isso o grande recurso; por

nós mesmos, as nossas possibilidades são tão reduzidas, tão ínfimas. Os Senhores sempre terão acesso por meio da obediência e da confiança. Digam ao Bom Deus de manhã: "Dai-me a vossa luz; eu vo-la peço agora de antemão; quando eu estiver estudando, vo-la solicitarei outra vez. Se eu me esquecer então de vos invocar, lembrai-vos de mim, meu Deus, e dai-me então o que eu precisar." Dessa forma a gente se garante que o Bom Deus nos acompanha.

Um terceiro método de meditação, é bom empregá-lo em algumas circunstâncias particulares; por exemplo uma Primeira Comunhão, uma grande festa, Páscoa ou Natal, uma peregrinação, uma ocasião especial; experimentando uma viva atração da graça para nos ocupar desta ou daquela maneira na meditação, tendo uma graça muito especial para pedir, sigamos essa disposição. Ocupemo-nos desses pensamentos que Deus nos inspira; variemo-los ao perceber que recaímos sobre nós mesmos.

Um dia em que o Senhor estiver cansado, esgotado, bem pode servir-se também do seu pequeno lembrete dos deveres diários, do próprio Diretório, seguindo-o passo a passo, tomando os exercícios um por um, ou demorando especialmente num deles: o levantar, a reta intenção, etc. Esta maneira é muito boa, quando estiver de viagem. Tomem o exercício da preparação, com seu livro na mão, e sigam tudo o que recomenda o nosso Santo Fundador; de viagem ou quando o Senhor estiver cansado, distraído, terá assim um excelente recurso para manter-lhe o espírito mais atento a Deus.

Durante sua meditação não esqueça de recomendar o seu dia ao Bom Deus, de colocar-se sob a proteção dele e de pedir-lhe que vigie sobre o Senhor.

Não podendo fazer meditação de manhã, supra isso no decorrer do dia; encontre um momento para fazê-la. Se não consegue, de forma alguma, diga então: "Meu Deus, não posso dar-lhe uma meia hora, dou-lhe todo o dia com maior boa vontade ainda, já que esta manhã não pude cumprir o meu dever cotidiano." E esforcem-se por realizar todas as suas ações na união mais íntima com o Bom Deus.

O nosso Santo Fundador tem toda a razão ao afirmar que o exercício da meditação é um dos mais importantes da vida religiosa. É a meditação que faz os santos.

O que fez a Boa Madre, é o espírito de meditação. Sobretudo

na meditação à noite, ela se ocupava com o Bom Deus, do seu encargo, das almas, da direção da casa, dos seus problemas e suas dificuldades.

Tornemo-nos bons religiosos, na esperança de dispormos de mais pessoal. O que puxa noviços, são os bons religiosos. O odor, o perfume do bom religioso empolga outras pessoas que virão. Atraiamo-los pelo nosso espírito de oração..

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE ABRIL DE 1891

A DIREÇÃO DA INTENÇÃO

"Os Oblatos que quiserem prosperar e adiantar-se no caminho de Nosso Senhor devem, ao começar todas as atividades, tanto exteriores como interiores, pedir a graça dele e oferecer à divina Bondade tudo o que fizerem de bem..."

Esse Capítulo é o âmago da doutrina evangélica. Ele nos ensina de forma prática a união da vontade, a união da inteligência com Deus, não somente em geral, em termos vagos, mas de modo prático, em toda a circunstância, de maneira que cumprimos o preceito, o conselho do Apóstolo: Sive manducatis, sive bibitis, sive aliud quid facitis, omnia in gloriam Dei facite (1 Cor 10,31) (Quer comais ou bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus); quer dizer: em todas as coisas estejamos unidos a Nosso Senhor Jesus Cristo. Os Senhores podem reparar, pois, como tudo em nossa Regra concorre a originar esse estado, a fazer com que peguemos esse costume. Nada é puramente exterior em nossa vida espiritual. Devemos santificar-nos em todas as condições e todas as circunstâncias, quer dizer que devemos unir ininterruptamente a nossa vontade com a Vontade divina, apegando-nos a todas as virtudes que nos toca praticar, no sofrimento e na provação; pouco importa a maneira como nos uniremos com Deus; isso é

indiferente, desde que nos liguemos a ele pela cruz, pela renúncia à nossa vontade e ao nosso espírito para nos unir à Vontade e ao plano divinos; tudo está nisso.

É com razão que o nosso Santo Fundador diz que, se nós queremos **"fazer progresso e adiantar-nos no caminho de Nosso Senhor"**, devemos unir-nos a ele em cada uma de nossas atividades, uma após a outra, nos atos interiores bem como nos exteriores, em nossos pensamentos, nas orações, no trabalho, nas atividades intelectuais, nos estudos e nas reflexões.

Sejamos fiéis à direção de intenção, quando passamos de uma atividade para outra, de uma ordem de idéias, de reflexões a uma outra. É um costume a formar. Começando de bom grado, logo se consegue tomar o hábito e então se torna natural. Para isso não precisa procurar muito longe: Nosso Senhor está aí, perto de nós. Peçamos-lhe a graça de realizarmos convenientemente o que temos que fazer, o que estudar, para não enganar-nos em conseqüência da nossa vontade própria, para dirigir bem as pessoas que temos que orientar; imploremos-lhe que a mão nos seja hábil para que possamos efetuar o bem o trabalho a nós confiado; solicitemos essa graça a Deus para todas as nossas ações. Ofereçamos em seguida todas essas atividades a Deus; não as façamos para nós, mas para ele. E de antemão aceitemos também a cruz. Todo o trabalho é uma preocupação. Se gostamos do nosso trabalho, Deus permitirá algum aborrecimento inerente à obra, ou proveniente de uma outra causa. É o que atrai a bênção sobre nosso trabalho, proporcionando-lhe mérito e sabor. Deus não permite que a nossa vida seja insípida e sem valor. Acostumemo-nos de boa vontade a nunca dizer: "Isso basta!", menos ainda: "É demais!" Se Deus achasse que outra coisa seria melhor, ele no-lo daria. Devemos aceitar tudo com firmeza e resignação. A ajuda de Deus, a graça está sempre à disposição para nos auxiliar a suportar a pena e a mortificação. **"...preparando-se assim para suportar com paz e simplicidade de espírito toda a pena e mortificação que encontrarem, como vindas da mão paternal do nosso Bom Deus e Salvador."** A pena já é muito; a mortificação é pior ainda. A mortificação são as humilhações, as contrariedades. Aceitemos tudo. Façamos como Nosso Senhor: Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem (Hb 12,2) (Em vez do gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz). Acolhamos toda a pena e mortificação como provindas de Deus.

É através desse pequeno Capítulo que se santificou sobretudo a Boa Madre. Diante de qualquer acontecimento, de qualquer provação que ocorresse, atingindo a ela ou a comunidade, ela conservava a paz interior, a tranqüilidade de espírito. Nisso consistia sua granda santidade. Ela recebia tudo com agradecimento e ação de graças. Era isso todo o seu segredo. Com isso não é preciso procurar nada de extraordinário para santificar-se. É isso o material da constância, é isso o resultado do nosso intercâmbio espiritual. Temos à disposição, em nossas mãos, todos os componentes da santidade, da maior santidade, daquela que o próprio Deus escolheu para nós. Compreendendo e praticando bem essa maneira de agir, a nossa vida se torna sábia e firme, avançamos com uma grande segurança. Recebemos tudo da mão do Pai, como tantas manifestações do seu amor. A aceitação da Vontade divina, realizada nessas disposições, é certamente uma grande prova de união com o Bom Deus. Indo nesse sentido, a gente está seguramente em caminho rumo à santidade.

Deus recompensa pelo dom de seu amor os que caminham nesse trilho. Eles recebem o necessário não somente para si, mas também o que dar aos outros. É uma verdadeira comunhão na qual ele se une vigorosamente a nós. Está nisso o segredo da nossa força. É na base desse critério que se deve avaliar os Oblatos. Aferrem-se, pois, intensamente a este Artigo.

Tornar-nos-emos essa prática mais fácil, far-nos-emos agradáveis a Deus, aceitando da mão paterna de Deus, não somente as cruzes e sofrimentos, mas tudo, comendo ou bebendo, estando com fome ou sede, ao repousar ou continuando cansados; que seja uma pequena festa para nós, regozijemo-nos; reconheçamos a Vontade de Deus, unamo-nos a ela, correspondamos aos seus desígnios a respeito de nós.

Eu me lembro de uma carta que me escreveu o conde de Mallet, quando eu estava ainda no seminário: "Não faça muitos exercícios, ele me disse; um só é suficiente; una a sua vontade a tudo o que Deus pedir de você e assim tornar-se-á um sacerdote segundo o Coração divino."

De fato, é um exercício contínuo de todas as virtudes, essa união com Deus. Não se precisa procurar, nem inventar mais nada. O que aí se encontra, é tudo o que precisamos. Encontraremos a Deus nas mínimas coisas; há nelas com o que nos tornar mais santos do que tudo aquilo o que poderíamos nos imaginar.

Cada um de nós pedirá essa graça para si e para os outros.

Estamos no tempo pascal. É o tempo da alma religiosa. Nosso Senhor aparece aos Apóstolos, aos seus discípulos. São visitas repletas de caridade, todas de maior intimidade, que fazem tanto bem à alma. São Tomé foi confirmado na fé; os Apóstolos foram consolados; Nosso Senhor lhes deu o poder de ligar e desligar os pecados; ele predisse o futuro da Igreja; ele deu uma instrução toda especial aos Apóstolos. Ele lhes ensinou pregar; falou-lhes mais clara, mais afetuosamente do que ele fizera durante toda a sua vida. Come com eles. Durante a sua vida, ele comia pão, alguns peixes com eles no deserto. Depois de sua Ressurreição, ele acrescenta a isso um favo de mel que ele encontra na borda do lago. Aproveitemos com atenção, nós também, o tempo pascal e para esse fim entremos no espírito da direção de intenção.

Tudo o que aparecer, serve: o zelo, o apostolado, o sacrifício, o martírio; mas tudo isso se acha encerrado na direção de intenção. Está nisso o meio de fazer tudo bem feito, de suportar tudo e de chegar ao ponto de santidade que o Bom Deus nos designou.

Santifiquemo-nos assim nesta terra para ser glorificados no céu.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE MAIO DE 1891

O OFÍCIO DIVINO

Precisa-se recitar o Ofício Divino com piedade e atenção. Pela piedade unam-se os Senhores ao Bom Deus, peçam-lhe a graça; façam bem como recomenda o Diretório. Rezem pela Santa Igreja, pela Comunidade, por nossas obras. Recitem o Santo Ofício com atenção. Apliquem-se a compreender o que rezam. Os salmos, as lições da Sagrada Escritura, dos Santos Padres, as legendas dos Santos: é um tesouro de piedosos e santos pensamentos que devemos anotar sem pressa num caderno, num fichário.

Eu recomendo mais uma vez e sempre de novo este costume de ter uma pasta, contendo folhas soltas, postas em ordem alfabética, onde se anota os pensamentos notáveis que se leu, se ouviu, e que se quer guardar. Não se precisa de muito tempo para fazer essas poucas anotações, e isso compõe um patrimônio espiritual, uma coleção preciosa, que permanece. Estudem assim a Sagrada Escritura, a História Eclesiástica, a vida dos Santos. Apontem o que lhes ocorre de bons pensamentos, de luzes, de sentimentos. Reencontrarão tudo isso no tempo em que disso precisarem. Com isso os Senhores serão interessantes e úteis. Falar da abundância não vai muito longe. Precisa-se de doutrina, de solidez, de fundo sério. A doutrina tem por base a Sagrada Escritura, os escritos dos Santos Padres, a Teologia, a História. Os Senhores não têm tempo talvez de fazer um estudo especial de cada uma dessas matérias; rezem atentamente o Breviário; anotem o que os tiver impressionado, os Senhores acharão aí uma grande ajuda.

Os Beneditinos dão uma atenção e um cuidado especiais à celebração do Santo Ofício; olhem os Senhores, como tudo o que eles dizem e escrevem é admirável. Muitos religiosos vivem exclusivamente da santa Liturgia. Até as Irmãs, as Beneditinas, falam e escrevem muito bem. Eu vi coisas muito notáveis a esse respeito. O Ofício Divino engrandece a alma; abre as idéias. É uma rica mina da qual nem sempre sabemos tirar proveito.

Eu não quero dizer que é preciso, por via de regra, fazer do Breviário, da Santa Missa, um estudo; não, mas com simplicidade e piedosamente estejamos atentos àquilo que dizemos e recolhamos as visões, as luzes, os sentimentos que Deus nos enviar na ocasião desta ou daquela palavra. Anotemos isso. Essas piedosas lembranças têm seu valor; fazem o bem a nós e aos outros. De preferência, não apontem isso num caderno; poderia acontecer-lhes o que me ocorreu a mim. Tentei dez vezes registrar assim os meus pensamentos e sempre rasguei ou queimei esse caderno. Tomando folhas soltas, os Senhores não terão por que temer isso; os seus pensamentos estarão misturados com suas outras anotações e o conjunto os salvará. Sem apontamentos o Senhor se tornará em breve um pobre doutor, girará no mesmo círculo de idéias, tornar-se-á fastidioso a si e para os outros. Não se pode comer três vezes e dez vezes a mesma coisa.

Observem bem que todas as vezes que uma coisa lhes chamou a

atenção, os esclareceu, ao ensinarem os Senhores a expressam de um modo interessante. Toda a gente os escuta.

O impacto que ela lhes deu, os Senhores o comunicam aos outros. É o segredo de toda a eloqüência. Surge uma coisa viva, verdadeira e pessoal.

Eu lhes alego um fato a propósito dessas luzes que se pode encontrar na Sagrada Escritura. Dom de Prilly, bispo de Châlons, encontrou meios de escrever um livro de meditações sobre o Salmo "Beati immaculati in via" (S 118) (Felizes os íntegros em seu caminho). Há ali 100 ou 120 versículos que repetem continuamente a mesma coisa e versam sobre a mesma idéia. É um livro de meditações, agradável, delicioso. Bons párocos daquele tempo, em toda a diocese, se serviam dele para a sua meditação muito frutuosa.

Um princípio valioso é que nunca se deve buscar cinco pés ao gato. Está aí o Breviário que a Igreja nos colocou nas mãos; saibamos aproveitá-lo. Que ele seja uma base sobre a qual possamos nos apoiar.

Leiam sem pressa as orações do Breviário, as da Missa; do começo até o fim os Senhores verão que, em cada oração, há uma profunda doutrina. O Senhor tem uma palavra para dizer, uma instrução a dar na Missa, e não dispõe de muito tempo para prepará-la, tome um dos pensamentos que lhe tiver ocorrido durante a Santa Missa, sobre o Sacrifício de Jesus Cristo, sobre os Santos que se festeja. Meditando sobre pensamentos como no "Communicantes" ("Em comunhão com toda a Igreja") (Anáfora I - tr.), a gente se encanta. Nada eleva e encoraja mais do que esses grandes e belos pensamentos da comunhão dos santos. Pronunciamos essas palavras todos os dias e não lhes prestamos atenção. É preciso que a Santa Missa, o Santo Ofício sejam tudo para nós. Lá é que temos que procurar inspiração. Olhem o que faz o nosso Santo Padre, o Papa. Ele reduz tudo a esse grande princípio. Ele manda rezar, no fim da Missa, ave-marias, uma salve-rainha. Não é que se trata de sua devoção pessoal a Nossa Senhora, a qual ele impõe a todo o mundo. Ele faz com que se reze contra o diabo. O Papa acrescenta essa oração à Missa. Ele se serve do que toda a gente compreende, conhece e gosta para dirigir assim a intercessão da Igreja universal contra o diabo. O Papa aproveita o que tem à mão e o que está ao alcance de todo o mundo. Façamos do mesmo modo.

Eu repito: o que nos ocorre durante a oração e a meditação, durante a recitação do Breviário e durante a Santa Missa, bem rezada ou bem assistida, são luzes que se deve acolher, aurum ignitum (Ap 3,18) (ouro purificado no fogo), ouro candente, incandescente, que comunicará o calor e a vida, enriquecendo aqueles a quem o alcançarmos. Os Irmãos rezam o Ofício dos Pai-nossos e ave-marias. Eles também precisam assumir atentamente os pensamentos que São Francisco de Sales nos sugere. Que recitem os seus Pai-nossos com o Anjo da Guarda, com os santos Padroeiros, com a Boa Madre Maria de Sales. Então a gente experimenta ajuda; surgem bons e santos pensamentos. Os Irmãos também tenham o seu livrinho para anotar a palavrinha do Bom Deus, a qual os tocou; seria uma coisa muito boa. Consultar-se-ia isso mais tarde e ainda teria um resultado benfazejo. Os Irmãos não são chamados a ocupações materiais somente; possivelmente têm que dar catequese também. Olhem os que estão na Cabo de Boa Esperança. Podem ter quase tanta influência quanto os Padres; eles têm menos escolaridade, sem dúvida, mas podem também pôr-se melhor no nível de certas pessoas, falar melhor com elas na linguagem delas, compreender e refutar as objeções delas. É, portanto, muito conveniente que também os Irmãos não negligenciem o que Deus lhes dá. Lembrem-se do Pai-nosso do carreteiro e tudo o que o Bom Deus lhe concedia. Recebemos as luzes do Bom Deus pelas orações e pelos Sacramentos. Não podemos receber os Sacramentos todos os dias e o dia todo; por conseguinte, o nosso meio de comunicação com Deus, mais freqüente e mais comum, é ainda a oração. Esta nos proporcionará as luzes do Espírito Santo.

Apeguemo-nos intensamente ao nosso Ofício; rezemo-lo com atenção e piedade. O Ofício Divino nos falará, nos instruirá, nos esclarecerá. Aferremo-nos também muito particularmente ao Ofício que indica o nosso Santo Fundador, o Ofício dos Pai-nossos e ave-marias. Propaguemos e ensinemo-lo. Tornar-se-á o pequeno Ofício dos Associados de São Francisco de Sales.

Estamos tão sobrecarregados, distraídos e jogados à direita e à esquerda que - se não cuidamos - não teremos mais muita coisa sobre a qual nos apoiar. Prendamo-nos muito cordialmente, portanto, ao nosso Ofício, recitado com o Diretório, com muita fé e grande devoção. Ele será o nosso sustento e conforto. Com ele criaremos coragem. A nossa

vida não será árida, isolada, separada de Nosso Senhor. Ele não nos deixará órfãos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE MAIO DE 1891

O ESPÍRITO SANTO

Domingo que vem celebraremos a festa de Pentecostes. Todos temos que nos preparar bem. Pediremos ao Espírito Santo que venha sobre todos nós, em cada um de nós e que nos dirija nos caminhos do Bom Deus. É um dom, é uma graça sumamente necessária. Em nossos colégios, nossas Obras, em nossas casas, nossas Missões, temos grande necessidade do Espírito Santo. Será bom que cada um de nós reze uma vez o "Veni Creator" (Vem, ó Criador) e se lembre, de vez em quando, de invocar o Espírito Santo. Os Apóstolos estavam reunidos no Cenáculo; em conseqüência das orações que lá fizeram, receberam de Deus a plenitude das graças do amor, do zelo apostólico. Façamos como os Apóstolos, durante esta semana. É mesmo sumamente apropriado e urgente. As nossas Obras se estendem; as dificuldades aumentam também; quanto mais comprida a verga, tanto mais trabalho há. Esforcemo-nos todos na fidelidade à oração. O Espírito Santo substitui a Nosso Senhor no governo da Igreja; é o próprio Nosso Senhor que o diz no Evangelho: Expedit enim ut ego vadam. Si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos; si autem abiero, mittam eum ad vos (Jo 16,7) (Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Advogado não virá a vós; mas se eu for, vo-lo enviarei). O Espírito Santo, portanto, faz as vezes de Nosso Senhor sobre a terra e governa a Igreja. Não se encarnou como Nosso Senhor, mas ele dá testemunho freqüente e sensível de sua ação no governo da Igreja. As graças particulares que cada um recebe são o efeito de sua direção, da sua atuação na Santa Igreja. É preciso, então, que todas as comunidades religiosas, e nós em particular, peçamos graças muito especiais ao Espírito Santo.

Não as imploramos bastante. Nós não podemos dizer a Nosso Senhor como os Apóstolos: Domine, adauge nobis fidem. Manifesta teipsum. (Senhor, aumenti-nos a fé - Lc 17,5. Revelai-vos - Jo 7,4.) Senhor, explicai-nos as vossas parábolas... O Espírito Santo suprirá a Nosso Senhor. Ele está conosco e em nós. Ele nos dará tudo. Dar-nos-á de sua própria plenitude. Nosso Senhor Jesus Cristo no-lo afirma; convém a nós que ele não esteja mais em nosso meio. Que essa palavra, a qual deixa um lugar tão amplo à ação do Espírito Santo, nos torne profundamente religiosos com relação a ele e nos faça seriamente atentos à sua atuação. Somos homens de Deus, realizamos as obras de Deus. Isso é sumamente sério e importante. Disso depende a nossa salvação e a de muitos outros. É, pois, do nosso maior interesse fazermos tudo religiosamente, na presença de Deus, na amizade com o Espírito Santo.

Vigiemos atentamente o nosso caráter; que não haja nem leviandade, nem inconstância, nem variação. Sejamos bem equilibrados. Rodeemo-nos do Espírito Santo; que o seu pensamento nos penetre, nos instrua, nos dirija e nos fortaleça. Operamos verdadeiramente à vista dele; somos seus discípulos, os discípulos do Espírito Santo, que nos envia e nos entrega a nossa missão. É a ele que vimos dizer o que fizemos, é dele que vimos receber a nossa luz. Lembrem-se bem disso. O Espírito Santo está sobre a terra; na hora atual, ele está conosco. No dia de Pentecostes, ele manifestou sua presença milagrosa no meio do Cenáculo. Ele continua dando numerosos testemunhos da sua presença em meio à Santa Igreja. Ele desceu sobre ela. Governa a Igreja, compenetrando as almas de espírito sobrenatural. Está na Igreja para toda a Igreja, e para cada um de nós em particular, para cada uma das coisas que temos que fazer, para que devolvamos tudo a Deus, os trabalhos manuais como todo o resto. Não se deve oferecer ao Espírito Santo somente meditações piedosas, fluxos de palavras eloqüentes, orações atentas; importa apresentar-lhe inteiramente o nosso querer, a própria vida. Compreendam como é necessário recorrer constantemente a ele. Pentecostes não é somente uma comemoração. O Espírito Santo, nesse dia, comunicar-se-á de um modo mais íntimo, mais vigoroso. Recebemos o Espírito Santo de maneira toda especial no Sacramento da Confirmação. Não podemos receber esse Sacramento senão uma só vez e o necessitamos toda a vida. No dia de Pentecostes, Deus renovará essa graça particular, esse

dom especial do Espírito Santo da Crisma. Rezemos, pois, com devoção o "Veni Creator" (Vem, ó Criador), durante esta semana; e que, a nível pessoal, cada um no seu serviço, na missão da qual está encarregado, se aplique a ceder lugar ao Espírito Santo, a seguir as inspirações dele.

Será isso nosso pensamento predominante e a nossaa oração destes dias. Cada um se lembrará que essa oração ao Espírito Santo é de muita importância, pois é ele que substitui, na Igreja, a presença pessoal, física de Nosso Senhor.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE MAIO DE 1891

"COMO SE DEVE ASSISTIR À SANTA MISSA"

O que o nosso Santo Fundador aqui nos apresenta para assistir à Santa Missa é um meio excelente para participar bem dela e para preparar-se a rezá-la bem, mais tarde, se o Bom Deus chamar à grande graça do sacerdócio. Era a norma que ele se tinha traçado antes de ser sacerdote. O meio acertado para praticar este Artigo do Diretório é sabê-lo de cor, e durante a Missa passá-lo, parte por parte, pela memória, fazendo todas as orações indicadas. A gente se une assim com o Bom Deus, junto com Nosso Senhor Jesus Cristo, como este se deu a Deus Pai. Então o Sacrifício é inteiro, completo. Não há disparidade de vítima; formamos uma só coisa com ele. É no santo sacrifício da Missa que a alma encontra Deus, colhe as forças das quais precisa; para o religioso, pois, isso é tudo; lá encontra o o que lhe é necessário para o dia. Ocupando assim o espírito e o coração na hora da Santa Missa, a gente se garante não estar distraído. Santa Joana de Chantal perguntou ao nosso Santo Fundador se ele tinha muitas distrações durante a Santa Missa. - O Bom Deus me dá a graça, ele respondeu, - de não poder pensar em outra coisa a partir do momento em que estou voltado para o tabernáculo. Formemos o hábito de não estar distraídos durante a Santa Missa; aproveitemos para

isso o nosso Diretório, com a firme resolução de observá-lo bem. Adquire-se assim o costume de assisti-la bem e, depois, de rezá-la bem, o que, então, não será difícil. Logo que a gente se dá conta de um momento de desvio de atenção, deve-se recuperá-la prontamente. Tomem todos a resolução, hoje, de não distrair-se durante a Santa Missa.

"Após o "Santo", deve-se pensar com grande humildade e respeito no benefício da morte e da paixão de nosso Salvador..." O que é apresentado aqui como regra, como ensinamento, muito bem pode mudar-se em oração, com os mesmos termos; rezemos de bom grado com as próprias palavras do Diretório.

A nossa maneira de assistir à Missa é simples, devota, e leva ao Bom Deus. Unimo-nos a Nosso Senhor Jesus Cristo. No momento do ofertório, ofereçamo-nos cordialmente ao Bom Deus; ao pedirmos que o pão sobre o altar seja transformado no Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, peçamos-lhe que nos mude também as inclinações, os gostos, a vontade, que ele os modifique a modelo dele mesmo. Que a substância de Adão se transforme na de Nosso Senhor.

Adoremo-lo profundamente na hora da elevação.

No momento da Comunhão, façamos a comunhão espiritual, caso não recebamos a comunhão sacramental. A comunhão espiritual é muito recomendada por todos os Doutores; sendo bem feita, ela obtém muitas graças. Eu lhes aconselho muito a fórmula que dá Santo Afonso de Liguori nas suas "Visitas ao Santíssimo Sacramento"; ela é muito eficaz.

Nestes dias, perguntavam-me entre as Oblatas, se era mais perfeito comungar mais freqüentemente do que a Regra indica, ou de ater-se a essas Comunhões da Regra. Respondi que era mais perfeito fazer como marca a Regra. Pode-se receber a Comunhão por devoção, na ocasião de seu aniversário, por exemplo; isso está muito certo e concorda com a Regra. Mas há quem abusou dos Decretos recentes da Santa Sé, desrespeitando-lhes o sentido. Se o seu confessor lhe diz que o Senhor fará bem comungando todos os dias, será que é mais perfeito seguir essa orientação para um religioso, para uma religiosa, do que atender ao que determina a Regra relativo às Comunhões? O sentido do Decreto é que não cabe a um Superior laico suprimir ou outorgar Comunhões, mas oa confessor que conhece melhor o estado interior e que pode julgar da conveniência ou não das Comunhões. Mas será que é mais perfeito solicitar do

seu confessor uma Comunhão, sem muito motivo especial, do que se limitar às Comunhões de Regra? Não, certamente.

Se não está comungando tantas vezes, quantas desejaria, o Senhor tem uma compensação da qual pode fazer uso amplamente: a comunhão espiritual. Esta pode fazer-se a qualquer momento, mas sobretudo no momento da Comunhão durante a Missa. É um exercíco excelente para nos unir com o Bom Deus. Se a Comunhão sacramental é ouro, a comunhão espiritual é prata. Nunca deixem, pois, de concluir a Santa Missa com a comunhão espiritual.

"No momento da bênção é preciso considerar que Jesus, ao mesmo tempo, nos dá a sua."

Esta bênção é a confirmação de todas as promessas de Deus; é o penhor das graças que nos proporcionou a Santa Missa. Essa bênção fica conosco e nos acompanha todo o dia.

Tem que se cultivar máxima devoção à Santa Missa. Reparem como os bons cristãos, os verdadeiros fiéis têm muita confiança na Santa Missa. Fazem com que se a reze por seus defuntos, para alcançar graças especiais que desejam. Infelizmente, a falta de fé faz-se sentir na diminuição, na raridade das Missas que as famílias fazem rezar, estas considerando-se cristãs, enquanto mal o são.

Era durante a Missa que a Boa Madre recebia de Deus as luzes, as graças. Que o nosso espírito esteja totalmente envolvido, atento e concentrado na hora do Santo Sacrifício. Observemos em nossa atitude o maior respeito; não nos apoiemos relaxadamente, não cruzemos os pés um sobre o outro. Apoiemos somente as mãos sobre o genuflexório, numa atitude compenetrada e recolhida. Esse é o momento mais sério e o mais importante do dia.

Tivemos ontem uma grande cerimônia (de Profissão Religiosa e de Admissão ao Noviciado). Os nossos Padres devem rezar muito por esses novos irmãos que Deus nos envia; e eles, por sua vez, rezarão por nós, para que a graça e a luz de Deus estejam em todos nós. Aumentando a família, que Deus expanda também os limites da caridade. Acolhemos esses novos membros da família com alegria; contamos com eles. Apresentar-nos-ão perfeita fidelidade e o zelo dos primórdios. Peçamos isso

com ardor na Santa Missa.

Mais uma vez, e dez entre cem vezes, eu lhes recomendo que assistam à Missa com devoção, sem distrações; o espírito, todo imbuído no Bom Deus, não pode divagar. Se a atenção foge cinqüenta vezes, cinqüenta vezes a vontade a traz de volta e isso perfaz cinqüenta atos de amor perfeito, de caridade, de muitos méritos.

Eu recomendo a todos os nossos Padres que se lembrem na Santa Missa das nossas Obras, de nossas Missões, dos vivos e dos defuntos. Que toda a Comunidade esteja bem próxima a nós, quando rezamos ou assistimos à Santa Missa. Eu nunca celebro a Missa, sem pedir à Boa Madre que venha, sem rezar junto com ela.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE MAIO DE 1891

O NOSSO ESTUDO TEOLÓGICO

Hoje faremos como se estivéssemos em Capítulo Geral e trataremos de uma questão de importância capital.

Acusam-nos de não estudarmos teologia e, por conseguinte, de não sermos eruditos. Não sei até que ponto essa acusação tem fundamento. Eu creio que, se não cada um dos nossos Padres estudou teologia seguindo, em regra e passo a passo, cada questão como no seminário, cada um deles, no entanto, chegou à totalidade dos conhecimentos teológicos necessários.

Não me cairia bem, se a mim pessoalmente me dirigissem essa recriminação; isso me teria revoltado muito se no seminário me tivessem dito que eu não era teólogo. A gente não me disse isso, já que, aos vinte e três anos e meio sendo sacerdote, cinco a seis dias depois da minha ordenação sacerdotal, um dos meus professores de teologia me veio dizer: "Eu vou-lhe ceder a minha cadeira. Eu estarei aí, não terá nada a temer, eu o ajudarei." Eu recusei. Mas isso prova pelo menos que eu

tinha condições para a teologia. Eu não agüentarei jamais na Congregação um sacerdote que não sabe nada ou não sabe o suficiente. Mas que a Congregação como tal passe por não saber teologia é o que não aturarei tampouco e também não é verdade.

É, pois, bem necessário que tomemos uma medida para que todo o mundo saiba teologia e esteja bem instruído. Nos tempos passados nos acusavam de não estudar teologia; ora, todos os estudantes que temos apresentado para o exame de jurisdição passaram muito bem. Houve um que eu não queria deixar ordenar, o Padre J..., porque eu achava que ele não sabia bastante teologia. O Senhor Bispo a quem falei sobre isso me disse: "Por que não quereis deixá-lo ordenar? Ele sabe mais teologia do que os estudantes do meu Seminário Maior. O Padre Rollin fez exame em Troyes, perante o Padre Vosley, o Padre Rolland também e, faz poucos dias ainda, o Padre Vosley mencionou esses exames que o tinham impressionado: "Não eram nada maus," ele disse; "não será tão fácil encontrar isso logo em toda a parte..." Assim mesmo se expressou.

Mantenhamos essas tradições. Claro, que durante o Noviciado, oito ou nove meses do ano, não se pode estudar teologia na devida forma, como num seminário. Não dispomos nem do tempo, nem dos meios para isso. Não temos uma casa de formação teológica propriamente dita, visto que a vida dos Oblatos deve ser uma vida de dedicação, de união com o Bom Deus, de submissão ao espírito da Regra, ao espírito de São Francisco de Sales. Uma casa de formação teológica é muito boa para formar doutores, mas não serve para formar Oblatos. O estudo exclusivo, de tempo integral, da teologia não contribui para o espírito religioso, como nós devemos tê-lo. Isso tende a individualismo, a idéias fixas sobre este ou aquele assunto. Um religioso, sendo teólogo profissional, amiúde é um religioso a quem falta alguma coisa.

Nós seguiremos um sistema diferente. Chegando entre nós, o futuro Oblato começará a teologia, se não a iniciou ainda, e a continuará todos os dias da vida: desse modo ele acabará sabendo-a de fato. E isso será, eu acho, para nós o método correto.

A vida de Oblato é uma vida de detalhes, uma vida ativa, ponderada, baseada na observância do Diretório. O Oblato tem que ter as qualidades necessárias para satisfazer às exigências de todas as incumbências e todas as missões; deve aceitar tudo e ser pau para toda a obra. São-lhe, pois, necessárias muitas virtudes e vastos conhecimentos.

Vamos expor-lhes o meio de adquirir esses conhecimentos, enquanto se exercem na prática dessas virtudes, o meio, pois, de estudar teologia apropriadamente. Começar-se-á, então, a estudar teologia desde a chegada entre nós e se continuará sempre.

Para os Irmãos, haverá um catecismo bastante completo e todos os dias lerão nele. Olhem o Irmão Léon, junto ao Rio Orange. Ele dá catequese: homens, mulheres e crianças vêm para escutá-lo. Os outros Irmãos também poderão ser chamados a prestar serviços parecidos. Que também eles, pois, estudem a teologia que está ao seu alcance. Eles também estarão instruídos porque estudarão pouco a pouco.

É aos bocados que todos nós adquirimos as virtudes e os conhecimentos que nos são necessários. Nossa tática não é de violência. Por isso não fazemos retiro de trinta dias. Em vista das disposições de espírito, atualmente, esses esforços violentos podem tornar-se perigosos. Ao esticar a corda demasiadamente, o Senhor corre o risco de fazer com que ela rebente. Agindo assim, periga-se agir mais segundo a imaginação e por força mental do que baseado na realidade e na própria vida. A nossa vida ocupa sabiamente um lugar do centro, bem estabelecido e equilibrado.

Nessas condições, as pessoas que chegam a nós, têm mais oportunidade para se aperfeiçoar; eles não são superaquecidos, nem solicitados em demasia; vão pouco a pouco, avançam gradualmente e chegam em breve a ter o suficiente, até mesmo em abundância.

Em Roma, a respeito dessa maneira de fazer, recebi instruções muito especiais. Quando estive na Propaganda para apresentar as nossas Regras nos perguntaram: - O que quereis? O que pensais fazer de novidade? - Mas, pensamos basear-nos totalmente na doutrina e no espírito de São Francisco de Sales. - Não vindes fazer com que aprovemos a doutrina de São Francisco de Sales, não é? O que pretendeis com os vossos Oblatos? Não nos ponhais a autoridade de São Francisco de Sales na frente; é a vós e não a ele que queremos examinar. Dizei-nos o que quereis fazer. Se isso nos convém, está bem; senão, não.

Falei longamente sobre os nossos projetos ao Secretário da Propaganda. Ele foi muito bom para mim; disse-me coisas muito sensatas e esclarecidas. Infelizmente para nós, ele faleceu depois. Ele tinha muitíssima devoçao à Boa Madre Maria de Sales: "Bom Padre," ele me dis-

se a última vez que o vi, "vós não imaginais a influência que a Madre Maria de Sales terá na Igreja. Os efeitos alcançarão muito longe...

Nós não somos Dominicanos, nem Capuchinhos, nem tampouco Jesuítas; somos Oblatos. Os nossos estudos, os conhecimentos que nós adquirimos, a nossa erudição devem obter-se por um meio especial. É aquele ao qual acabo de referir-me hoje perante os Senhores. Não faremos os nossos estudos com dedicação integral, de forma exclusiva e ininterrupta; as circunstâncias não nos permitem isso; e se elas deixassem, não deveríamos fazê-lo. Nós estudaremos gradativamente, despercebidamente, rodear-nos-emos do estudo toda a vida. Não diremos: "Em tal época terminei o meu estudo, eu vou passar a outra coisa."

Posto isso, nós todos temos que fazer isso mesmo.

É muito necessário estudar teologia a fundo. O curso básico de teologia para os nossos Padres durará três anos. Durante esses três primeiros anos estudar-se-á teologia elementar escolástica. Organizar-se-á o modo de possibilitar a todos que sigam esse curso e essas aulas. Depois continuarão esses estudos teológicos com uma finalidade específica, para fins de pregar, de dirigir as pessoas espiritualmente, e isso toda a nossa vida.

Quem for encarregado da orientação desse ensino teológico entregará perguntas a serem respondidas por escrito. Todo o mundo começará pela teologia fundamental, que durará três anos. Depois se começará com a teologia especializada. Desse modo toda a Congregação ocupar-se-á dos mesmos tratados, uns de uma maneira, outros de outra. Enquanto uns estudarem o abecedário, os outros aplicam as mesmas doutrinas e os mesmo princípios às exigências do santo ministério, sob este ou aquele ângulo especial.

Essas perguntas serão respondidas por todos; cada um terá o seu caderno de teologia. Os missionários farão isso como os outros; ninguém estará isento. Não tendo tempo para fazer uma redação extensa, a gente a fará reduzida; ela estará proporcionada ao tempo livre de cada um. Todo o mundo, pois, estudará teologia e isso durante toda a vida.

A esse estudo, quanto tempo se dedicará? Cabe a cada um ver, julgar e fazer sancionar pela obediência. Mas cada um fará o possível.

Eu também sujeitar-me-ei a isso como os outros e também terei o meu caderno de teologia. As nossas Constituições marcam que haverá conferências teológicas todas as semanas. Elas obrigam, pois, ao trabalho teológico in radice (por princípio). Como quase não nos é possível realizar essas conferências por ora, o nosso estudo teológico individual as substituirá. Não haverá, pois, isenção alguma. Os Padres estarão submetidos a isso como os outros.

Por que escrever? Porque em matéria de estudos, quase não me convenço, a não ser pelo escrito. Precisa-se de uma prova palpável do trabalho. Toda a gente terá, pois, o seu caderno, desde o Mestre de Noviços e eu mesmo que, no entanto, sou muito velho para voltar à aula.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 11 DE JUNHO DE 1891

O QUE SE DEVE OBSERVAR CADA MÊS

"Cada mês o Superior ou quem ocupar o seu lugar deverá aplicar a correção fraterna a todos os Oblatos, seja em Capítulo seja particularmente, sobre as faltas no tocante às Regras e às Constituições."

No Noviciado, a gente se controla um pouco mais. Uma vez professo, a gente se considera facilmente como um aluno de férias, a gente se acostuma a não mais se esforçar. Isso provém de fora ou de dentro? Isso vem de dentro por não ter bem o espírito da vida interior, faltando o fundo de caridade sincera, de amabilidade, de doação de si mesmo, de oblação. A gente não se dá mais e isso é exatamente o contrário do que devemos ser. Observem os Padres antigos, não interessava o que se lhes pedia, eles se sacrificavam; não tinham o espírito de particularismo que faz com que a gente se fecha em si: Noli me tangere (Jo 20,17) (Não me toques).

Quando o Superior vê essas faltas, deve aplicar correções;

precisa reconduzir à verdadeira vida interior. As faltas externas vêm do interior. Quando se está bem com o Bom Deus, quando se pratica bem o Diretório, atendendo-lhe os exercícios, renunciando fielmente a si mesmo, sendo humilde, então o interior é refletido pelo exterior. Diógenes procurava um homem, com uma lanterna; nós procuramos primeiro a lanterna bem acesa; se a caridade é praticada com esmero, se o Diretório é observado fielmente, então o coração está iluminado e clareia tudo em volta, totum corpus tuum lucidum erit (Mt 6,22) (todo o teu corpo será iluminado); não sendo assim, totum tenebrosum (Mt 6,23) (o corpo todo, nas trevas).

Eu faltaria a todos os meus deveres se não fizesse a admoestação no sentido como estou-lhes indicando.

Não é muito difícil ver qual é a situação dos Senhores, de cada um em particular... Eu olho pela manga e vejo até que ponto o candeeiro ilumina.

É difícil, sem dúvida, ser fiel a esse espírito interior; precisa-se renunciar muito e estar atento. É necessário sujeitar-se a todas as observâncias, evitando a falsa liberdade e independência; importa mesmo cultivar a vida interior. De modo contrário, totum corpus non est lucidum (cf. Mt 6,23) (todo o corpo está nas trevas); a luz está apagada, ou fumega, ou não brilha como deveria. Precisamos muito de luzes brilhantes para que a Congregação não desfaleça na sua elevada vocação, para que sejamos bem religiosos e estejamos lá onde o Bom Deus nos quer.

O Senhor atende a si mesmo, não é caridoso, é individualista, duro para com o próximo; não reina a claridade, a lanterna está apagada. Não é in aeternum (sempre invariavelmente), sem dúvida, não é um pecado mortal; mas há falta de querosene ou de limpeza.

Eu não admoesto suficientemente, eu sei. Eu tenho tanta repugnância a isso que quase não consigo superá-la.

Quando eu era piá e ia à escola, o professor Simard não podia sempre andar gritando. Ele se armava de uma vara de um comprimento extraordinário, com a qual ele alcançava os últimos recantos da sala. Um dia eu senti alguma coisa cair em cima de mim... "O que é isso?" Era a taquara; eu estava conversando com o meu vizinho e o pau fez com que eu parasse... Eu gostaria muito de ter uma vara bastante comprida para ba-

ter e parar assim tudo o que não me agrada; como o professor Simard, eu sou muito velho para gritar...

Faltando-me uma taquara bastante comprida nas mãos, que cada um saiba encontrar muito dentro de si a motivação para reanimar a coragem e reavivar a luz.

Que cada um se examine bem, procurando descobrir se não está faltando, se não está vindo abaixo. O Bom Deus está sempre muito perto para quem quiser ser-lhe fiel.

"Cada membro da Congregação poderá prestar contas ao Superior, fora da Confissão, sobre as faltas públicas que tiver cometido contra as Constituições, sobre o que puder ter perdido ou ganhado na prática da Observância e sobre as virtudes a ele recomendadas."

A Corte de Roma publicou recentemente um Decreto referente à prestação de contas. Esse Decreto se dirige às Congregações femininas e de religiosos, que não são sacerdotes; ele toma certas medidas de rigor para impedir que se exija a revelação da consciência fora da Confissão. Esse Decreto não nos diz respeito em nada, já que somos uma Congregação de sacerdotes; além disso, a prestação de contas entre nós é facultativa. Para dizer-lhes o que penso: eu considero a prestação de contas muito útil, senão necessária para a conservação do nosso espírito religioso. Somos livres para fazê-la ou não; façamo-la e estaremos bem.

"Cada um relerá todos os meses as Constituições, tanto as gerais quanto as com referência específica a cada situação e tomará nota dos pontos aos quais tiver faltado, para cumpri-los fielmente nos meses seguintes."

• Os que não foram fiéis a esse ponto das Constituições devem confessar-se disso.

Todos esses pequenos meios contribuem para sermos religiosos e tornar-nos homens invencíveis, grandes santos. Sem isso, a gente não é absolutamente nada.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 15 DE JULHO DE 1891

O ZELO PELAS ALMAS - A CARIDADE

Hoje interrompo a seqüência das nossas instruções sobre o Diretório para oferecer-lhes algumas idéias e encorajá-los na prática de certos deveres, que nem sempre são bem entendidos. Trata-se, sobretudo, do zelo pela salvação das almas.

É preciso termos desvelo por nossa alma; cultivamo-lo perfeitamente ao observar bem a nossa Regra. Temos que ter também o cuidado pela alma dos outros.

Dediquemo-nos às almas dos que estão perto de nós. Que cada um se lembre da lei de Deus: mandavit unicuique de proximo suo (Eclo 17,12) (impôs a cada um deveres para com o próximo). Que cada um de nós se recorde que deve ter interesse pela alma dos que o rodeiam, que não deve escandalizá-los, que é preciso encorajá-los pelo bom exemplo, às vezes pela palavra. Lembrem-se que se deve amar a alma querer o bem espiritual dos irmãos, cuidar deles e rezar por eles. Que cada um esteja consciente de que não se deve pedir conselho do caráter próprio, nem do cansaço que nos causam talvez os que vivem conosco, como tampouco da nossa maneira particular; mas deve haver uma grande caridade; isso é o que ajuda a cumprir os deveres. Esse zelo, deve-se compreender e praticá-lo. Para esse fim se vive em comunidade. Não vale a pena estar reunidos se não é para que cada um tenha vantagem com isso e para que nos compenetremos da obrigação de ajudar os nossos irmãos espiritualmente. Importa alimentarmos todos, dentro de nós, a preocupação pela santificação de cada um de nós. Urge contribuirmos para isso pelo bom exemplo, pela oração, pela caridade cordial, a fim de que o reino de Deus se funde e se estenda, começando pelos "domesticos fidei" (Ga 6,10) (irmãos na fé).

Tenhamos cuidado do bem espiritual dos nossos alunos, dos Noviços. Ajudemo-los com as nossas orações, nosso bem-querer. Nada se funda senão pela caridade. Deus é amor (1 Jo 4,16). Não podemos produzir nada a não ser pela caridade, pelo amor; é impossível fazer qualquer coisa verídica fora disso.

Trabalhemos na santificação dos nossos irmãos, antes de trabalhar na dos de fora, dos Hotentotas. É uma obrigação seríssima, muito rigorosa para nós, religiosos.

Uma comunidade, assim fundada sobre a caridade, não é uma utopia; é o dever de todo verdadeiro religioso. O religioso não é chamado a viver sozinho; é a caridade fraterna que deve ser a base da sua vida; ele deve considerar isso como um dever essencial, como uma obrigação de importância capital.

A nossa Congregação se tornará mais numerosa. Pecisamos ser tão religiosos quanto o nosso Santo Fundador queria; deve haver entre os membros da Congregação, sem exceção, relacionamentos tão cordiais, e até mais do que acontece entre as Visitandinas, já que nós não formamos Comunidades separadas como elas, mas uma só Comunidade.

Temos entre nós, sem dúvida, visões pessoais. Cada um enxerga segundo o seu caráter, seu temperamento, bem poucos vêem pelo que existe realmente. Estamos, pois, - se não cuidamos - fundamentalmente separados uns dos outros pelo nosso caráter e nosso temperamento. Que o sentimento da caridade predomine. Suponhamos o caso de um dos nossos Irmãos, um dos nossos Padres, não o julguemos e não vamos a ele de forma apenas natural, mas como o Bom Deus quer; ajudemo-lo com nossas orações por nossa caridade, nosso bem-querer. É tanto mais necessário para nós que não temos outro laço a não ser a caridade, o amor. Não temos o espírito de conjunto, como algumas Congregações têm. Nosso único vínculo é esse respeito, esse amor para com cada membro da Congregação. Que esse liame seja o mais forte, o mais aceito; é o melhor e convém a todos. Conformemo-nos a essa maneira de ser e de agir.

Estão aí os nossos Noviços; rezem por eles. Observem como a doutrina de São Francisco de Sales é bem aquela de Nosso Senhor, descrita no Evangelho. São Francisco de Sales não constrói uma utopia, um sistema aéreo. Ele não diz: Olhem aí um grande edifício, entrem lá dentro. Ele não constrói o aprisco antes de as ovelhas aparecerem. De outra maneira, como se saberia que o redil estará bem construído? Depois de ter feito a porta estreita, a ovelha, grossa de lã, não poderá entrar. O nosso Santo Fundador reuniu os corações, as almas, as vontades e faz de tudo isso e para tudo isso alguma coisa que convenha a todos. Reparem como na própria Igreja tudo surge e se organiza; como foram es-

tabelecidos os ritos dos Sacramentos? Não foi por um sistema prefixado. Como se definiram os dogmas? Sucessivamente, e segundo as necessidades dos tempos.

Importa compreender bem isso. É assim o espírito do Evangelho e assim mesmo é o do nosso Santo Fundador. Unamos, primeiro, cordialmente os espíritos. Quando essa caridade nos tiver bem reunido, as coisas andam por si mesmas. Coloquemos primeiro o fundamento, a base. Que cada um tenha a boa vontade de ajudar o próximo; que cada um se considere obrigado a ajudar em prol da salvação do próximo.

Ocupemo-nos também, e de forma especial, do bem espiritual dos nossos alunos. Sem dúvida, estamos sobrecarregados pelos cuidados materiais e pelas ocupações intelectuais, pelas dificuldades, as contrariedades. Combinemos com tudo isso e no fundo de tudo isso, o zelo pela salvação das almas. Se um professor que dá aula, no fundo do seu coração reza por seus alunos, por este ou aquele em particular, os Senhores pensam que ele estará fazendo nada? Acham que não se obterá para este aluno as graças que se pede para ele? Julgam que ele não lhe ampliará o coração e lhe aumentará a inteligência? "Mandavit unicuique" (Eclo 17,12) (Impôs a cada um...). Tenhamos cuidado do bem espiritual dos nossos alunos.

Quando eu era professor no Seminário Maior, não deixava nunca de fazer assim e sempre era atendido. O Bom Deus é o Mestre, não é? Ele perscruta as orações que lhe dirigem, tanto no que diz respeito ao temporal como ao espiritual. Dessa maneira dispomos de uma atuação invencível sobre as pessoas que nos são confiadas. Talvez não todos se rendam; mas Nosso Senhor disse: A bênção que fizeste descer do céu, se não é aproveitada pelos a quem estava destinada, voltará a ti mesmo (cf. Mt 10, 13).

É preciso que os Irmãos ajam da mesma forma. Que eles edifiquem os Noviços, os jovens que os ajudam nos trabalhos. Que trabalhem com eles, rezando e trabalhando para eles.

Suponham três ou quatro pessoas que estão ao seu redor, são elementos que não valem nada, sujeitos maus; reza-se por eles, e Deus toca os corações.

A nossa vida inteira é dedicada ao bem espiritual das pessoas; e o Bom Deus entrega as almas aos que delas se ocupam. Quem vigia

os estudos, os recreios, deve rezar pelas pessoas que lhe são confiadas. O Bom Deus gosta muito das orações que se faz para si, mas prefere dez vezes as que lhe dirigem a favor dos outros. Hoc est mandatum meum, ut dilectionem habueritis ad invicem (cf. Jo 13, 34.35) (Este é meu mandamento, que se queiram bem mutuamente). Podemos trabalhar muito e, pouco a pouco, realizar muita coisa, a partir dos pensamentos da fé, como acabo de lhes dizer.

Vou mais longe ainda:

Padre Bony recém voltou de uma missão. Olhem o que ele me escreveu e o que é bem característico. "Nada me instruiu tanto, me comunicou tanto do Bom Deus, quanto o que eu fiz por lá. A primeira vez havia oito pessoas assistindo ao meu sermão. Eu me pus a rezar. No fim do mês do Sagrado Coração, a capela não era suficientemente grande para conter os ouvintes. Nunca eu tinha experimentado, nem compreendido, o meio infalível de ligar as pessoas a Deus, a saber a oração por elas..." Padre Bony começou ali, em Nice, a Associação de São Francisco de Sales, que recebeu - como já lhes disse - a bênção do Cardeal de Paris. Este, em pessoa, corrigiu o projeto que lhe tinham apresentado. Ele mesmo deu o nome à Associação. Padre Bony encontrou ali um certo número de pessoas que se consideram muito felizes com esse caminho novo que lhes é aberto. O Bom Deus abençoará o ministério dele. É preciso tomar isso a peito. Façam bem como eu lhes digo. Não construam o aprisco antes e sem haver o rebanho. os Senhores desejariam que os alunos - o mesmo vale referente aos Noviços - chegassem sendo bons, todos modelados e talhados. Não, ajeitem e afeiçoem-nos os Senhores, já que os têm nas mãos. As pedras lhes chegam brutas da pedreira, trabalhem-nas os Senhores, pois estão aí para isso... Trabalhem e, sobretudo, rezem.

Por que a Boa Madre tinha tanta influência sobre todas as Irmãs? Porque rezava por elas. É uma coisa maravilhosa, da qual eu era testemunha, que durante trinta anos não houve um só ato na Comunidade, um só pensamento contra a Regra e fora da obediência. A que se devia isso? As orações que a Boa Madre fazia pelas Irmãs, pelas alunas internas, pelo pessoal que tinha contatos com o Mosteiro.

Acostumem-se desde o início de sua vida religiosa a compreender e fazer as coisas assim. Fabricando fit faber (Batendo ferro é que se fica ferreiro). Aprende-se fazendo.

CAPÍTULO DO DIA 22 DE JULHO DE 1891

FÉRIAS

Vamos ter uma semana muito ocupada, bem cansativa. Temos que nos lembrar que nos momentos de mais trabalho, de distração maior, podemos também ganhar mais. O Oblato de São Francisco de Sales não perde nada no meio das ocupações e das distrações. Pelo contrário, ele se une com Deus mais intensamente; repete seguidamente atos de vontade, de uma vontade que se aproxima mais de Deus e que tem mais mérito e proveito do que uma vida de retiro. O retiro é o tempo de repouso. Ao trabalhar, pelo contrário, esse esforço é uma ginástica que lhe fortalece a vontade e aumenta a coragem.

Cuidem bem, pois, de si mesmos a fim de que estejam ainda mais próximos ao Bom Deus e unidos a ele, em meio a essas ocupações exteriores que, normalmente, os afastariam dele. Será também um bom meio de atrair as bênçãos de Deus sobre os seus alunos durante as férias.

Nesse período vamos entrar numa outra esfera de atividades, num outro ambiente, em outras ocupações. Pecisaremos fazer muito durante as férias, uns de um modo, outros de outra maneira, através da nossa grande fidelidade, para atrair as graças do Bom Deus sobre esse tempo, em que as precisamos de um modo especial.

Importa que as férias nos sejam de proveito. Não convém deixar-nos enfraquecer a fé, a piedade, a pureza, nessa época; pelo contrário, devemos fortificá-las. Essas virtudes se compram. Nosso Senhor comprou a nossa redenção com a sua vida e paixão, por sua humildade e todas as virtudes; nós compraremos o nosso bem espiritual e o dos nossos alunos e aquele das almas que nos são confiadas; compra-lo-emos pelos mesmos meios: pelas provações e fadigas encontradas em nosso caminho. Aproveitemo-las, então, resoluta e generosamente. Façamos fielmente a reta intenção. Reunamos em nós São João e São Pedro, como diz Santo Agostinho numa das leituras dos dias depois de Natal; São Pedro, ele diz, representa a vida ativa e São João é a vida interior e contemplativa. A nossa vida interior se estabelece, se fortifica, se estende em conseqüência da nossa fidelidade interior. O exterior ajuda o inte-

rior, enquanto recebe dele todo o seu valor.

O religioso é um ser essencialmente livre, moral e distinto. A vida material, natural, que ocupa a maior parte da existência no caso dos outros homens, é bem restrita entre nós. No meio de nós, tudo é espiritual, tudo divino: Ego dixi: dii estis (S 81,6) (Eu disse: Sois deuses). A nossa personalidade, a nossa vida própria se determina não pela nossa disposição ocasional, nossas inclinações mais ou menos boas, as nossas paixões; ela se baseia e se fundamenta na união com Deus. A união com Deus, em meio às nossas ocupações, naquilo que estamos fazendo, essa é a nossa teologia, é isso o fundo do nosso ser.

Nos seus trabalhos destes últimos dias, nas suas vigilâncias, seus estudos, chamem Deus para perto de si, pedindo-lhe que venha: Da mihi sedium tuarum assistricem sapientiam... mecum sit et mecum laboret (Dai-me a sabedoria que partilha o vosso trono - Sb 9,4... junto de mim, ela toma parte em meus trabalhos - Sb 9,10). Que assim nos sintamos à vontade; que assim seja a nossa vida, nossa respiração, todo o nosso ser. Continuem com capricho essa prática durante os primeiros dias das férias. Depois tomarão cuidado para não perder - durante este tempo das férias, enquanto que tiverem um pouco mais de liberdade e estiverem um tanto menos solicitados - o que os Senhores ganharam com tanto esforço no meio dos seus trabalhos e ocupações. Eu desejo que, quanto antes, se ponham ao estudo da teologia; os programas serão distribuídos; a cada um será entregue um caderno. Não se deve considerar isso uma carga, um trabalho penoso, mas como uma distração e um refrigério.

Santo Agostinho disse: Meditem boas coisas, senão meditarão más; a sua atenção, o seu espírito não descansam nunca. Os Irmãos também, como já lhes disse, terão uma parte do catecismo para estudar. Importa que estejamos todos instruídos e que nos tornemos todos capazes de comunicar graça, luz e instrução. Que cada um se empenhe com toda a boa vontade, e também um pouco com seu talento.

Durante as férias, cultivem atentamente o espírito comunitário. Que os que gostam de trabalhos manuais se ponham a limpar, a pintar, a arrumar, a pôr tudo em ordem e em bom estado. Os trabalhos manuais são uma das condições essenciais da vida religiosa. Observem os Trapistas, os Cartuxos; eles têm o verdadeiro espírito religioso. O es-

pírito seminarístico não é o espírito religioso. Um prefere descanso absoluto, outro se distrai mudando de ocupação.

Antes de mais nada somos religiosos. Lembrem-se da palavra do Papa: "Sejam religiosos!" A vida é boa e feliz, quando passada com Deus. A gente fica contente por estar com ele, por fazer-lhe a santa Vontade: Haurietis aquas in gaudio (Is 12,13) (Tirareis com alegria água das fontes). O que se quer, é o que o Bom Deus deseja. Apeguemo-nos decididamente à obediência e à prática dos nossos deveres; são essas as correntes da santa religião, das quais São Paulo disse: Ego vinctus in Domino... (Ef 4,1) Mementote vinculorum meorum. (cf. Col 4,18) (Eu, prisioneiro pela causa do Senhor... Lembrai-vos das minhas cadeias).

Temos muitas coisas a fazer durante estas férias. Teologia a estudar, retiros a fazer, trabalhos manuais a executar. É preciso, em seguida, que os professores preparem as aulas, que prevejam o que terão que fazer durante o ano. Não tenham medo; essa continuação de suas atividades do ano, longe de cansar os Senhores, os distrairá.

Peçam à Boa Madre que os Senhores possam captar bem essas coisas, amá-las e delas saciar-lhes o coração.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE OUTUBRO DE 1891

A BOA MADRE E OS OBLATOS DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Hoje todos rezamos pela Boa Madre. Já são dezesseis anos que ela nos deixou. Peçamos a Deus que ela seja canonizada em breve. Esse trabalho de canonização é mais fácil enquanto há testemunhas com vida, enquanto as pessoas que a conheciam e viviam com ela podem atestar as virtudes dela. Os que a conheceram têm mais interesse para levar a bom têrmino esse grande empreendimento.

Será para os Oblatos um importante ponto de apoio e a confirmação de todas as promessas que lhes foram feitas. Isso ajudará poderosamente a difundir-lhes as Obras. Rogaremos a ela também, cada um em particular, para que ela nos dê o nosso verdadeiro espírito a nossa verídica espiritualidade. Nós fazemos como muitas Ordens religiosas, vimos à nossa hora própria, no momento exato em que a gente precisa de nós, do nosso espírito.

Todos os que chegaram a conhecer a Boa Madre, os que leram e apreciaram a sua Vida, todos manifestam o acerto total de suas visões e idéias. A santidade dela não deixa dúvidas; mas o que se admira acima de tudo é o seu bom juízo e a grande sensatez que ela sempre vinha provando, é o conjunto daquilo que é chamado a sua doutrina. Os que experimentaram a caridade dela e sua influência junto ao Bom Deus se consideram sumamente felizes. Ela os ajuda valiosamente. Recorramos, pois, confiadamente a ela em nossas orações. Por que não a invocaríamos de maneira toda especial quando temos alguma coisa penosa e difícil a fazer? Durante todo o tempo que ela vivia, eu nunca soube o que era ter problema. "A Boa Madre está aí", eu me dizia sempre... e ela arranjava tudo. Recorramos, agora também, à Boa Madre. Ela nos pertence, é o nosso recurso. Toda a Ordem religiosa tem em seu Fundador um protetor e um guia. A Boa Madre será isso para nós. Levemo-la conosco em todo o tipo de assunto e de circunstância. Importa que ela fale, que ela aja conosco e para nós; é ela que tem que livrar-nos de embaraços, preservar-nos desta ou daquela dificuldade. Em cada circunstância penosa ou perigosa, eu repito, recorramos ao socorro dela. O céu não pôde restringir a in-

fluência dela, nem seu amor para com os Oblatos, seus filhos. Consideremo-la como nossa padroeira muito especial. Fortaleçamo-nos também pela lembrança de seus exemplos. Na pessoa dela nem aparecia tanto o que era assunto mesmo da Regra, da obediência, em que, por conseguinte, consistia o fundo de sua vida; ela era pontual e fiel. Isso não aparecia nada. O que ficou aparecendo em sua vida, eram os dons assinalados, as graças extraordinárias, a ajuda que ela prestava ao próximo. O fundo mesmo de sua vida apenas aparecia exteriormente, a não ser na fidelidade absoluta da observância, dos santos votos, da caridade da qual ela se fazia sempre uma lei inviolável e que era a base de toda a sua vida e de toda a atividade material, natural e sobrenatural. Ela nos dá, pois, o exemplo de uma perfeita fidelidade à Regra. Invoquemo-la para isso. Que ela nos ampare e nos proteja; que ela afine o nosso espírito e o eleve. Que ela seja o nosso modelo em tudo o que temos que fazer, na nossa maneira de ser diante das pessoas, para com o próximo. Sigamos-lhe a vida interior, o seu espírito, a sua maneira de ser, de agir, de atuar. Imitemos-lhe a prudência, a simplicidade, o desapego de si para ser agradável ao próximo. Ninguém de nós pode duvidar da caridade toda especial dela a nosso respeito. Dirijamo-nos, pois, a ela como a uma mãe, com fé, com plena confiança filial e receberemos a sua ajuda. Na saúde e na doença, em nossos contatos com as pessoas a nós confiadas, e em nossas relações com os estranhos, com todo o tipo de gente, recorram a ela; dar-lhes-á certamente alguma coisa especial; ela lhes será o modelo e a conselheira; animar-lhes-á a vida, os trabalhos, as obras. Sobretudo, faz algum tempo, eu pessoalmente venho observando que a Boa Madre mantém conosco relações mais seguidas, mais obsequiosas, mais atentas e afetuosas do que nunca. Para começar bem este ano, preparemo-nos, pois, a nos empenhar animadamente, cada um dentro dos limites das suas atribuições, de acordo com a obediência; mantenhamos o coração bem ao alto. A Boa Madre é propriedade nossa. Não deixemos que a nossa parte de herança seja dissipada e se perca. É para nós um grande recurso; é o nosso bem próprio; nos somos os filhos dela; é a nós que ela mais quer.

Esta manhã não lhes direi mais do que isso. Comecemos o ano sob os auspícios e a materna proteção dela. Que os vigilantes lhe peçam a maneira acertada de atender o estudo; os professores, o modo de dar boas aulas; os que trabalham manualmente, o segredo de executar bem os

seus trabalhos. Ela estará muito contente e muito reconhecida por ver que a gente recorre a ela, pois não deseja nada mais do que exercer o seu desvelo materno para conosco: "Monstra te esse matrem" (Mostre que é mãe). É alguma coisa, meus Amigos, a influência de uma santa; eu o observava durante quarenta anos. Eu tinha diante dos olhos um espetáculo único no mundo: a fidelidade pontual à observância de toda uma comunidade. Eu não digo que não houve, lá de vez em quando, alguma cabeça censurável, algum miolo um pouco desequilibrado, posto ali para provar o próximo, mas o conjunto era admirável. Os dias que se passava ali eram como do céu. Sabia-se o que o Bom Deus queria. Era verdade e não imaginação. Por parte das religiosas reinava obediência absoluta em toda a parte; nem um só murmúrio se ouvia. Cada uma procurava a Deus e o buscava de todo o coração. Quando me falavam em relíquias, em peregrinações, em visitas a Salette ou ao Pároco de Ars, nunca eu seria convencido a fazer isso; não tinha o mínimo interesse nisso. "O que é que eu poderia achar noutra parte," pensava eu então, "o que não tenha aqui?"

Nós a temos conosco, nós também. Santifiquemo-nos, pois, pela fiel observância da Regra e dos nossos santos escritos e da obediência; que esta disponha, mandando-nos à esquerda ou à direita, como convier. Não podemos nos separar dela. Estendamos-lhe as mãos, peçamos-lhe ajuda, como verdadeiros filhos do seu coração materno e ela nos protejerá.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 14 DE OUTUBRO DE 1891

A ORIENTAÇÃO SOBRENATURAL DA NOSSA VIDA

"Ó Filhos dos colóquios celestes," nos diz o nosso Santo Fundador, no cabeçalho do Diretório, **"eu vos peço e até vos conjuro que tenhais todos um mesmo amor e vivais todos a mesma unanimidade dessa vocação, em Jesus Cristo Nosso Senhor e em sua Mãe, Nossa Senhora. Amém."**

É este o voto do nosso Santo Fundador: que vivamos em íntima união com Deus e em grande harmonia uns com os outros, em nossa vocação. São esses os alicerces sobre os quais está assentado o nosso Instituto também.

Há uma observação a fazer. Os Oblatos de São Francsco de Sales, tendo que levar uma vida toda interiorizada, toda espiritual, toda sobrenatural, não são compreendidos por muitas pessoas. As que por Deus mesmo são iluminadas, às quais ele faz ver a excelência dessa vida, essas nos compreendem e nos apreciam, mas aqueles que não têm essa luz de Deus experimentam uma certa dificuldade em nos compreender, sentem por nós um certo constrangimento e mesmo aversão. Não me refiro unicamente aos maldosos; esses, sem dúvida, nos são oponentes, como o são para todas as comunidades religiosas; eu estou falando sobre bons sacerdotes, pessoas cristãs, virtuosas, que não compreendem a nossa maneira de agir, nosso estilo de vida, que - em conseqüência disso - se melindram e se tornam desfavoráveis em relação a nós. Não é preciso ser profeta para descobrir nesse sentimento a causa de uma certa repulsão, de certos atritos mais ou menos consideráveis que podem surgir ou que já ocorreram.

Como as nossas visões e os nossos meios devem ser sobrenaturais, os que se prendem sobretudo aos meios humanos, não conseguem nos compreender no primeiro instante. "Que tipo de gente é essa?", perguntam eles. "É um pessoal misterioso; não são como todo o mundo. Por quê?" Questões de interesse, de amor próprio, de precedência, - que sei eu? - nos criarão adversários. Outros se escandalizam ao ver a nossa pequenez e humildade, constantando que nós não insistimos rigorosamente

em nosso direito, que nós cedemos à opinião dos Superiores, que nos colocamos abaixo dos outros... Inde irae (Daí a incomodação). Cada Ordem religiosa tem as suas lutas e pelejas; as pugnas que nós teremos que travar não são das menores. Assim mesmo é que o próprio São Francisco de Sales lutou e combateu. Toda a gente fala muito bem sobre ele agora; no seu tempo ele era suspeito aos olhos de muitas Ordens religiosas. Perguntavam-lhe por que não tentava fundar uma Congregação de sacerdotes em vez de ocupar-se com mulheres. Ele respondeu: "Sacerdotes? Eu experimentei; cheguei a formar um e meio..." Era, eu acho, Padre Miguel, o confessor da Visitação e o dele, e Dom Camus. A mais, Nosso Senhor não converteu muitos mais, enquanto estava no mundo. Dizem que há em Annecy um baú enorme, cheio de coisas - na época - desagradáveis para o nosso Santo Fundador, processos, problemas, cartas; além disso, muitos episódios da vida do nosso Santo Fundador provam esses conflitos. Quando ele mandou construir a igreja da Visitação que se acaba de resgatar, um Irmão Capuchinho, que tinha o hábito de pedir esmolas no Mosteiro da Visitação, desviou uma valeta de água e fez com que os alicerces se alagassem. A Madre de Chantal se indignou contra essa ação de infundada malvadez: "Agora, Irmão," disse ela ao Capuchinho, vinde de novo pedir caridade!..." "Sim, sim," acrescentou o bom Bispo, "sim, Irmão, vireis e dar-se-vos-á um pouco mais do que antes..."

As coisas que o nosso Santo Fundador determinava e que toda a gente acha muito bem agora, provocaram brigas sem par. A fundação da Visitação foi o início de dificuldades tremendas. Todos os Bispos censuravam o nosso Santo. O Arcebispo de Lyon enclausurou as religiosas dele, apesar do parecer do Bispo Fundador; ele mudou toda a configuração do Instituto. Sendo que os motivos pelos quais agia o santo Bispo eram completamente sobrenaturais, todo o mundo se opunha a ele. Essas provações que São Francisco de Sales sofreu são uma coisa muito especial e muito notável. O esforço que ele fez para ser sempre amável e gracioso a respeito dos seus contraditores era tal, - os Senhores o sabem - que esse grande empenho produziu um fenômeno fisiológico curioso. O seu fel dessecou-se e endureceu, como calcinado pela violência do esforço.

Tudo o que acabo de dizer é introdução para chegar a mostrar-lhes isto: uma das grandes condições de vida que aguarda os Obla-

tos é a contradição: "Signum cui contradicetur" (Lc 2,34) (Um sinal que provocará contradição). Essa oposição, encontra-la-emos entre nossos coirmãos, dentro e fora, entre os alunos. A maneira como aproveitá-la é muito importante para nós. Não percamos a oportunidade de tirar proveito dela. De manhã, dediquemos a meditação a isso; prevejamos as circunstâncias que o Bom Deus nos enviar de renunciar a nós mesmos, de aderir a sua santa Vontade. Tornemo-nos o coração sempre maleável e flexível no tocante ao que Deus permite ou referente às expressões da Vontade divina. É o meio de tirar proveito de tudo isso e uma graça real para nós e para os outros. Insisto muito nisto que essa doutrina seja sempre a nossa, que a compreendamos bem; ela servirá para nos santificar, santificando cada membro do Instituto, para aumentar esta Congregação e ajudar verdadeiramente a Santa Igreja.

Façamos hoje decididamente o propósito de aceitar as contrariedades, as vicissitudes com suavidade e operosidade, oferecendo tudo isso ao Bom Deus, como fazia São Francisco de Sales e manter-nos assim unidos a ele. É isso que dava aos Santos a força e a confiança em meio às cruzes, às contradições, rodeados de ciúmes. É a nossa maneira própria de vencer, de dar investida, de nos lançar à frente. Nós não avançamos à força de punhos e pontapés, mas pela renúncia e o sofrimento. Não é tão animador para a natureza, mas estamos mais seguros do sucesso. Não estamos sós no assalto. Deus está conosco, ele nos sustenta e nos anima.

Roguemos a São Francisco de Sales que faça com que compreendamos bem essa lição. Com essa doutrina é que todos viveremos harmoniosamente esse estilo de vida e ele derramará sobre nós a abundância das bênçãos que prometeu.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE OUTUBRO DE 1891

O BEM-ESTAR SOCIAL E MATERIAL DOS COLÉGIOS

A última vez também, voltei a tratar dos primeiros Capítulos do Diretório, falando das provações pelas quais cada Congregação, cada comunidade tem que passar. Retomo mais uma vez esta palavra que já lhes expliquei então: **"Eu vos peço e até vos conjuro que tenhais todos um mesmo amor e vivais todos a mesma unanimidade dessa vocação, em Jesus Cristo, Nosso Senhor, e em sua Mãe, Nossa Senhora."**

A vida religiosa tem seus aspetos temporais. Sem dúvida, ela deve ser uma vida sobrenatural, e os deveres mais importantes, os mais sérios, se referem à vida sobrenatural. Mas precisa-se também a concordância com a observação das Constituições. É imprescindível que um mesmo espírito de caridade una todos os corações. Essa mesma harmonia, na qual o nosso Santo Fundador quer que nós vivamos, deve estender-se, sem dúvida, às facetas sobrenaturais da inteligência e do coração, mas deve estar presente também nos assuntos materiais. Não compreenderemos bem a nossa vida se dela somente enxergamos o lado espiritual.

"Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo", dizemos. O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus; os nossos compromissos, pois, são iguais a respeito de um e de outro. O Pai é Criador; tudo o que pertence à criação material é, por conseguinte, obra dele e merece, então, o nosso respeito, a nossa atenção, a nossa devoção. Um dos estratagemas mais eficazes do demônio é de virar a criação material contra Deus; é preciso que a vida dos religiosos e especialmente dos Oblatos remedie esse desvio. O diabo quer se colocar, substituindo a Deus, como criador e mestre; e a Maçonaria não é outra coisa a não ser essa revolta contra Deus, essa negação da criação e da onipotência de Deus sobre a criatura. Que cada um de nós na Congregação se dedique, pois, ao culto de Deus nas coisas materiais.

Refiro-me hoje aos colégios. Todos, seja Padre ou Irmão, seja direta ou indiretamente, devemos tomar a peito a preocupação pelos aspetos materiais das nossas casas. Importa que cada um dos Senhores zele, de forma geral, pelos interesses materiais do colégio, ainda que

não seja nem Diretor, nem Ecônomo, nem encarregado de assuntos financeiros.

Que cada um se empenhe pela prosperidade material bem como pela simpatia alheia pelo colégio. Esta prosperidade moral de uma casa depende antes de tudo do afeto, da confiança das famílias com relação à casa. Muitos estabelecimentos vivem desse modo. É o grande meio dos Padres Jesuítas. Pontevoy não vive de outra coisa, devido à confiança, ao apego que aqueles que outrora ali foram educados ainda hoje conservam relativo a essa casa. É absolutamente necessário que captemos a confiança das famílias; sem esta, nenhuma instituição sobreviverá. Significa mesmo alguma coisa para os pais, sem dúvida, esse contato com religiosos, mas se em outra parte encontram a mesma garantia, eles irão a outro lugar onde se souber inspirar-lhes confiança. Como ligaremos as famílias a nós? Pelos filhos. É uma questão delicada. Uma coisa devemos saber bem: não teremos nunca protetores e defensores mais dedicados do que os nossos ex-alunos problemáticos, aqueles que nos tiverem dado maiores dificuldades, que nos pareciam os menos inteligentes, os mais embaraçosos. Lembrem-se do que estou-lhes dizendo e um dia constatarão isso mesmo, se já não o fizeram. Que todos, pois, professores e vigilantes, se recordem desta recomendação que estou-lhes fazendo, de dar atenção aos alunos, aos estudantes maus particularmente. Não estou pedindo que se façam a vista grossa, que causem escândalo, que tolerem a desordem, mas que arranjem a maneira de ganhar esses colegiais e as famílias deles. Com isso estou indicando um ponto de atenção para sua consciência; é essa a maneira correta de proceder, é isso o que interessa e isso o que favorece a administração; é uma obrigação em consciência que eu lhes imponho. Mais tarde reencontrarão esses jovens que serão gente dedicada, que reconhecerão e compreenderão o que os Senhores tiverem feito para eles e que lhes estarão muito agradecidos. Dêem atenção toda especial a isso. As famílias melhor situadas - devemos dizê-lo - infelizmente não são as mais dotadas intelectualmente. Os jovens que os Senhores tiverem educados com tanta dificuldade, mais tarde os reencontrarão cheios de dedicação, dispostos a ajudá-los nas boas obras. Se os Senhores forem excessivamente rigorosos para com eles, se não souberem ser pacientes, criarão um vazio em torno de si; e quem se aproximará dos Senhores, se os bons vão embora? Certamente não serão os maus. Que cada um se esforce, pois, de todo o coração por procurar essa

prosperidade moral do colégio. Isso depende muito do empenho de cada um em particular. Não se deve dizer: eu cumpro a obediência, eu atendo o meu serviço, isso me basta; sou professor, sou vigilante, não quero saber de mais nada. Importa abrir-se, ou melhor, deve-se exercer o seu encargo e serviço no sentido que estou-lhes indicando, com toda a inteligência, jeito, delicadeza e desapego de que o Senhores forem capazes. Esforçar-se-ão junto aos jovens, cada um na sua esfera; mas o farão com sabedoria e prudência, de maneira que não se possa dizer: ele fecha os olhos porque fulano é rico, nobre ou influente. Os Senhores serão muito discretos nas suas relações com as famílias. Existe uma maneira de ser veraz e sincero a respeito das famílias, sem atropelar, dizendo as coisas brutalmente, de um modo humilhante ou desanimador. Além disso, não há sempre obrigação de dizer tudo e a toda a gente. Esforcem-se por manter sempre boas relações com as famílias. Conheço um exemplo muito triste que se originou porque a gente não soube agir prudente e amavelmente para com os pais. Não é de Troyes que estou falando, é de outra parte. Essa maneira de agir foi a ocasião de problemas muito sérios e agora se rema com muita dificuldade contra a corrente. Não somos unicamente colégios, estabelecimentos de ensino, empresas administrativas, somos antes de mais nada uma Comunidade de religiosos. É preciso que tudo, a ordem, a disciplina, a administração, a dedicação, o espírito, o empenho, o trabalho converjam para o mesmo fim e essa finalidade é atingir o maior número possível de pessoas e atingi-las profundamente. Queremos conservá-las no meio onde vivemos e fazer com que participem ao máximo do que é o nosso patrimônio, a nossa riqueza, a saber o espírito de São Francisco de Sales.

Eu lhes recomendo insistentemente essa maneira de agir. Se a esquecemos ou a negligenciamos, muitas famílias que antes nos eram favoráveis, se afastarão de nós, isolar-se-ão e se tornarão mesmo os nossos adversários. Reparem que a linha de conduta que eu lhes proponho não impede, em absoluto, o lugar privilegiado dos estudos, o vigor da disciplina. Peço-lhes sobretudo sacrifício pessoal, e é esse que Deus sempre recompensa. A esse empenho pela prosperidade moral de nossos colégios, acrescentemos o zelo pela prosperidade material. Tudo o que temos de material, como lhes disse há pouco, é uma coisa sagrada. Deus é que criou e "vidit quod esset bonum" (Gn 1,12.18.21.25) (viu que isto

era bom); ele depositou nisso algo das suas complacências; nisso, pois, encontraremos Deus, se sabemos procurá-lo. Que cada um, então, tome a peito o interesse material da casa como se fosse o Ecônomo. Que se evite cuidadosamente toda a despesa inútil; que, pelo contrário, a gente se esforce por proporcionar alguma pequena entrada, algum pequeno recurso. Esse zelo, essa diligência religiosa é uma coisa muito tocante. Eu vi na Cartuxa de Bosserville um príncipe, o primo irmão da rainha da Espanha; ele ajudava na cozinha; eu o vi juntar com um pauzinho umas lentilhas que tinham caído entre as fendas do assoalho. No entanto, era uma pessoa da elite. Seu pai tinha recursos suficientes para comprar muitos alqueires dessas sementes. Por que, então, esse religioso fazia tanto empenho? Por motivo dessa convicção que se tratava de uma coisa que pertencia a Deus e que a gente não podia deixar se perder. Isso é teologia elevada, elevadíssima e acertadíssima. Tenhamos nós também essa convicção. Tudo o que podemos fazer para evitar algum gasto, para aumentar algum recurso, tudo o que pode ser de algum proveito, tanto pelo empenho da inteligência como à força das mãos, façamo-lo generosamente. Que a sua dedicação e os seus trabalhos sejam santificados por esse pensamento; que seja essa a idéia que habitualmente lhes impulsione o agir.

Eu tenho observado que os santos religiosos, as santas religiosas têm respeito descomunal dos interesses comunitários. Mas isso não é nada!... O que são três palavras? Absolutamente nada. "Eu vos amo de todo o coração"; se o Senhor diz isso do fundo do coração, isso lhe perdoará os pecados de toda a vida, isso faz com que mereça o céu. E o mesmo podem fazer também três lentilhas!

Quando São Bernardo estava em Claraval, ele se empenhava totalmente cuidando dos mínimos detalhes da organização do moinho especialmente. Anotou-se isso na narrativa que fizeram sobre os primeiros tempos do mosteiro. Havia então muitos outros moinhos nas mãos de religiosos além do de Claraval; havia muitas granjas e prensas em outros lugares. Por que, lendo esses detalhes, percebe-se a profunda emoção de quem escreveu, emoção essa que se comunica a quem lê? É o respeito, a veneração que se ligam a todas as obras de Deus Pai; é a caridade, o amor que São Bernardo depositava nisso e que passavam de lá ao coração dos que contavam as virtudes dele. Era essa exatamente a doutrina da

Boa Madre. Ela tinha um respeito, uma veneração profunda pelas coisas materiais, bem como pelas coisas da graça e da vida espiritual. Ela considerava muito simplesmente que se venerasse igualmente as três Pessoas divinas e que a gente se santificasse com as obras do Pai, bem como com as do Filho e do Espírito Santo.

Observem, a mais, como todos os Institutos religiosos pormenorizam detalhadamente ao tratar dos assuntos materiais. Vivamos todos, pois, em harmonia perfeita, em fiel sintonia de pensamentos e todos unidos com Nosso Senhor.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 25 DE NOVEMBRO DE 1891

A MANEIRA DE CELEBRAR DEVOTAMENTE A SANTA MISSA

É bom resumir todas essas orações e intenções numa fórmula curta e simples. Eu recomendo que as Oblatas façam assim; isso ajuda a memória e fixa o espírito; de outro modo, isso exigiria muito esforço. O nosso Santo Fundador que se submetera a todas essas práticas, embora tendo o espírito muito amplo, tinha chegado por este meio a viver continuamente na presença de Deus. Ele respondeu a Santa Francisca de Chantal que lhe perguntou a esse respeito:
"Deus me deu a graça que, todas as vezes que estou voltado para o altar, nunca me vem outro pensamento". Ele tinha adquirido essa grande graça pela fidelidade a todas essas práticas que se encontram em nosso Diretório. Todos esses exercícios, pois, são muito bons. No entanto, vou fazer uma observação no sentido que nem e sempre é possível fazê-los todos, um após outro. Eu me refiro unica e exclusivamente a tudo o que lá se encontra como preparação à Santa Missa e Ação de Graças. Os que são distraídos e cujo pensamento se afasta facilmente de Deus, deverão seguir passo a passo essas prescrições minuciosas, tendo tempo para isso. Os que, durante a Preparação ou a Ação de Graças, experimen-

-arem uma devoção interior que os atrair a outros pensamentos, a outros sentimentos, podem não se considerar obrigados a seguir a passo e passo esses exercícios. Cabe ao prudente diretor espiritual aconselhar o que se deve fazer. Se o Senhor tem facilidade de ficar com Nosso Senhor antes e depois da sua Missa, será preferível que se mantenha unido com ele sem fazer essa multiplicidade de atos e orações. Não tendo essa facilidade, aproveite esses exercícios que necessariamente o levarão à união com Deus. O Diretório leva a alma ao que o nosso Santo Fundador chama de amor de complacência, ao amor de união. Todas as dificuldades, todos os trabalhos que surgem, mesmo nos atos mais indiferentes, levam ao Bom Deus; em vez de esmagar, elas elevam e sustentam. Não existe tempo perdido. Tudo é aceito de boa vontade, porque é preciso porque Deus o quis, porque assim é o desígnio da Providência. O ato da nossa obediência é o ato que nos une a ele; fazemo-lo por amor a ele. A gente faz a barba, a gente está aborrecido, cansado: isso é normal, isso agrada a Deus. A gente foi fiel ao Diretório, fez-se a reta intenção, o ato se torna sobrenatural e une com Deus. Nosso Senhor, nos dias de sua vida mortal, se calçava as sandálias, se lavava as mãos; não era nada? Era uma ação divina, que se elevava a Deus pela intenção que a acompanhava. Por que Nosso Senhor se encarnou? Por que não veio como um anjo? Para que todas as suas ações humanas fossem divinizadas, fossem feitas com Deus e para Deus. Após um certo tempo dessa prática do Diretório, a pessoa chega a estar unida a Deus constante e habitualmente. Ela não precisa mais desta multiplicidade de exercícios. Esses exercícios freqüentes podem, pois, não convir a cada um pessoalmente; nem toda a gente tem a força física necessária para um trabalho destes de memória, e certos sacerdotes se cansariam ao tentar sujeitar-se integralmente a todas as práticas. A estes eu aconselharia que se detenham nos pensamentos que alimentam o seu espírito e que deixem os outros. O que acabo de dizer, compreendam-me bem, não desfaz a conveniência, a obrigação de praticar este Artigo do Diretório; os que facilmente se distraem precisam dele. Mais uma vez, essa multiplicidade de exercícios visa chegar ao amor de complacência ou de união, ao amor daquilo que Nosso Senhor quer e do que lhe agrada a ele. Precisamos todos chegar a isso. Importa atingirmos esse fim antes da morte. A gente será no céu, durante toda a eternidade, como se for na hora da morte. É como a árvore caída, que fica, pois, onde caíu. Se tomba a um metro, a dois metros do lugar de-

signado, ali ficará. O céu corresponde ao último dia da existência na terra. É muito importante, então, aprontar-se para isso e não perder tempo, preparando bem os meios para manter-se unido ao máximo com o Bom Deus. E recomendo muito a oração de Tomé à Kempis, autor da Imitação de Jesus Cristo (Vol. IV, cap. 9). Ela é muito piedosa e lindíssima. Rezem fielmente também a oração do Papa Gregório XIII: Ego volo celebrare missam (Eu quero celebrar a Missa); é uma fórmula breve, simples e devota de que cada um de nós pode dispor. Se temos mais tempo, nada nos impede de ler algumas páginas da Imitação, no volume IV. O Espírito do Bom Deus sopra quando e onde ele quer. Uma coisa que nos agrada a nós não necessariamente satisfaz a todo o mundo. Os que muito mais facilmente encontram devoção nas orações orais, farão bem rezando-as; são orações vocais que a Igreja manda seus ministros recitarem, não se tratando de orações mentais. Se o Bom Deus lhe dá a graça da oração mental, façam uma preparação mais íntima e melhor ainda, pois a sua oração irá mais seguramente do seu coração ao Coração de Deus.

"Depois das orações acima, eles se recomendarão ainda a Nossa Senhora, recitando um dos lindos hinos e orações que foram compostos em honra dela."

Isso é bom; é uma comunhão de orações com o céu inteiro; e esses pensamentos e essas orações são bem capazes de nos inflamar o coração de amor de Deus, de nos suscitar disposições muito perfeitas. Seria bem bonito que um Oblato fizesse exatamente tudo isso; ele agradaria ao nosso Santo Fundador; ele obteria muitas graças. Aproveitem também os pensamentos que o nosso Santo Fundador sugere enquanto a gente se paramenta e que se pode meditar ao rezar as orações do missal, referentes a cada um dos ornamentos. Parece-me que numa dessas orações há um pouco de malícia contra os fabricantes de ornamentos sagrados, pois outrora faziam casulas extremamente espessas e pesadas: "Domine, qui dixisti: jugum meum suave et onus meum leve, fac ut istud portare sic valeam quod consequar tuam gratiam" (Senhor, que dissestes: o meu jugo é suave e o meu fardo é leve, fazei que eu consiga carregar isto de maneira que obtenha a vossa graça). Isto merecia verdadeiramente a graça de Deus, carregar nos ombros um peso tão pesado.

Que cada um, pois, veja o que lhe convém entre todas essas orações e que faça uma escolha se não tiver a força ou a coragem de re-

zar tudo. Celebremos a Santa Missa atentamente, com fé, com amor, com muita confiança no Bom Deus. Na Santa Missa obteremos tudo. A Madre Maria de Sales obtinha tudo pelo Santo Sacrifício da Missa. Ofereçam-se generosamente a Deus com Jesus Cristo, tanto quanto ele, isto é, sem mais restrições do que ele mesmo põe, ao oferecer-se a seu Pai. A Missa sendo bem celebrada, isso a gente percebe, isso toca os que assistem a ela. É o que diziam sobre Padre Cardot: "Como ele reza bem a Missa"; era a impressão de todos os que assistiam a ela.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1891

A MANEIRA DE CELEBRAR A MISSA

É uma coisa muito boa reler, de vez em quando, as rubricas do missal para ver se não se comete faltas: com referência à maneira de fazer as inclinações, de juntar e posicionar as mãos, à maneira de fazer o sinal da cruz, cuidando de não fazê-lo negligentemente, nem de ter as mãos numa posição desatenta; dêem muita importância a todos esses pontos, um por um. Observem todas as rubricas pontual e regularmente, no entanto, não por espichar, e que não se possa dizer que cada um de nós tem a sua maneira própria de celebrar.

Olhem o serviço militar: todo o mundo é igual. Do mesmo modo, ao ver um Oblato rezar a Missa, deve-se perceber alguma coisa do nosso espírito, uma coisa simples, bem feita, sem afetação nem pretensão. Cuidem bem dos sinais da cruz sobre o cálice, sobre as oblatas, sobre a Santa Hóstia especialmente: que todos sejam feitos com muito respeito e bem proporcionados, nem grandes demais nem demasiadamente pequenos, de 25 a 30 centímetros mais ou menos. Observem bem os ângulos, que a mão volte bem ao meio para traçar o segundo braço da cruz. Depois de beijarem o altar, não se virem de braços abertos e não andem com os braços

estendidos de uma ponta à outra do altar, parecidos com um moinho de vento a desdobrar as aspas. Os cotovelos não devem se desprender dos lados; ao "Dominus vobiscum" (o Senhor esteja convosco), não se deve levantar os braços mais alto do que os ombros. É preciso fazer os gestos sempre inteiros e regulares. Não temos nada que inovar; cabe-nos apenas seguir exatamente o que nos é prescrito. Ao pronunciar o santo nome de Jesus, inclinemos bem a cabeça; também ao dizer o nome do santo Patrono, mas sem curvar o pescoço e os ombros como no "Confiteor" (Eu, pecador, me confesso). Evitemos cuidadosamente extravagâncias como também o relaxamento que impediriam a uniformidade e suscitariam o comentário: eles não rezam a Missa todos da mesma maneira. Aproveitemos fielmente as intenções do Diretório no primeiro "Memento" (cf. Anáfora I - tr.); se for preciso, levem o Diretório consigo. Essas intenções acarretam graças. Será que não se reza melhor assim, na consciência de que se está unido intencionalmente com todos os seus irmãos? Todos os nossos Padres, nesse momento, têm um só e mesmo pensamento, uma só e idêntica oração, a indicada pela Regra, a nós sugerida pelo nosso Santo Fundador.

Nesse "memento" não se deve formular palavras, articulando-as, não é de acrescentar nada viva voce (audivelmente) às orações litúrgicas, formulem essa intenção mentalmente sem pronunciá-la pela boca. Ao rezarmos durante a Santa Missa somos todo-poderosos; comunicamo-nos intimamente com Deus, de muito perto, de coração a coração; basta falarmos, Deus está conosco e agirá por nós. É um pensamento muito bonito o qual o nosso Santo Fundador propõe ao levantarmos a Hóstia, a saber o de oferecer-se **"a si mesmo junto com ela em holocausto perpétuo à sua glória"**. Temos que nos oferecer a Deus com Jesus Cristo; não deve haver duas oferendas, devemos oferecer-nos junto com a Vítima, apesar da nossa indignidade, de modo que haja um só e mesmo sacrifício. Na Santa Missa Nosso Senhor é ao mesmo tempo sacerdote e vítima; a união do sacerdote com Nosso Senhor em seu altar é sumamente íntima; por isso os fiéis têm tanta confiança na Santa Missa, nas orações no altar em união com Nosso Senhor, pois tudo representa uma máxima unidade; não há dois sacrificantes; que o sacerdote, pois, se una intimamente também com Jesus Cristo, Vítima.

"O mesmo farão também na elevação do cálice, oferecendo-o com

muito amor pelo perdão dos pecados e pela salvação do mundo".

Nesse momento em que oferecemos o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, devemos pedir que ele recaia sobre nós em graças e bênçãos e sobre aqueles por quem oferecemos o Santo Sacrifício; sobre nós, sobre a Santa Igreja. A oferenda do cálice tem uma imensa eficácia. Trata-se do Sangue que correu sobre o Calvário, é a representação e a continuação do Sacrifício da Cruz. Nesse momento podem obter tudo de Deus. É preciso, pois, rezar a Missa com imensa confiança no Bom Deus. Ao tomarem a Hóstia nas mãos, peçam ao Bom Deus que lhes purifique as mãos, os olhares, as palavras pelo contato com a Santa Hóstia: para o sacerdote é isso um dos efeitos, uma das graças do Sacrifício. Intencionalmente unimo-nos com Nossa Senhora para nos lembrar da nossa indignidade.

"Se eles vão dar a Comunhão a alguém, refletirão na mui grande caridade e humildade do Filho de Deus, com as quais ele se entregava como alimento salutar a todos indistintamente."

Nunca se deve deixar de rezar pelas pessoas às quais se dá a Santa Comunhão; tem que se recomendá-las cordialmente ao Bom Deus. Observem, meus Amigos como, por meio desses pensamentos do nosso Santo Fundador, a Santa Missa fica toda embalsamada; não é um ato árido e estéril.

"Depois da Missa eles se recolherão pelo menos durante quinze minutos."

A sua ação de graças não deve ser uma oração egoísta, isolada. Deve-se pedir ao Bom Deus que ele aplique os méritos de Jesus Cristo e as graças da Santa Missa às pessoas pelas quais a rezamos. Não esqueçamos, nesse momento, de nenhuma das pessoas das quais somos encarregados e das com as quais estamos unidos por laços familiares ou por vínculos de amizade ou caridade. Isso vale para os Padres.

Aos Irmãos vou recomendar que assistam bem e sirvam bem a Santa Missa. Mantenham sempre uma atitude séria e digna; respondam grave e pausadamente. Que se possa perceber que é um religioso que serve a Missa. Um Irmão que serve bem a Missa pode edificar tanto quanto o sacerdote que a reza bem. Quando eu ia à Cartuxa antigamente, eu era tão edificado pelos Irmãos e pelos Noviços que me serviam a Missa quanto

pelos próprios Padres. Na Cartuxa de Bosserville havia um Irmão que era primo da rainha da Espanha e que servia a Missa de Padre Retournat. Ele se enganou um dia e apresentou ao sacerdote água em vez de vinho. Eu vi que Padre Retournat lhe fez um pequeno sinal, o Irmão se inclinou e depois da Missa, quando o Padre tinha saído, eu vi o jovem religioso deitar-se por penitência no piso frio da igreja e ficar ali muito tempo até que Padre Retournat voltou e lhe deu um sinal de se levantar. Padre Retournat era filho de um vendedor ambulante de miudezas e o Irmão era gente da elite.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 16 DE DEZEMBRO DE 1891

O EXAME DE CONSCIÊNCIA

O exame de consciência tem uma influência imensa na vida cristã e, sobretudo, na vida religiosa. Todos os moralistas, todos os Padres da vida espiritual o recomendam. A terra é desolada, diz Jeremias, "quia nullus est qui recogitet corde" (Jr 12,11) (pois ninguém mais ali reflete). A maioria das faltas, dos maus hábitos provém quase exclusivamente da ausência do exame de consciência. Quando um banqueiro guarda mal seus livros, ele logo vai à falência. Um religioso que não se examine a consciência, também não guarda bem os seus livros, não controla os lucros e perdas e também se expõe a uma catástrofe. É isso o que acontece para o sacerdote, para o religioso que relaxa em se interrogar. A gente não sabe onde se encontra, se está fazendo bem ou mal, as faltas se multiplicam e aumentam, e não há nada para reprimir essa dissolução das paixões que invade a alma. O exame é tão necessário que o nosso Santo Fundador recomenda fazê-lo duas vezes por dia; ele quer mesmo que o nosso exame seja, por assim dizer, contínuo, pois cada vez que caímos em alguma falta, ele quer que nos examinemos e procuremos por qual motivo pecamos, para acrescentar essa falta recente ao to-

tal dos erros já cometidos e poder lembrar-se dela quando se vai confessar. Não estando a nossa consciência assim alerta, certamente não faremos nenhum progresso. Para ser um bom sacerdote, um bom religioso, - é uma idéia que nunca é demais lembrar - deve-se sempre ter presente o estado da consciência, observando as faltas detalhadamente; deve-se analisar atentamente em que se faltou, as infrações que cometemos contra o silêncio, contra a observância religiosa. Não observando o silêncio, o Senhor não é religioso. Se pouca coisa não é nada para o Senhor, então não é religioso. O que estou lhes dizendo é contrário à onda comum das idéias, à opinião do mundo. Aos olhos de muita gente, é só o pecado que se deve evitar, as infidelidades religiosas não são nada. É uma tendência atual de uma certa parte do clero que considera a vida religiosa dessa maneira, a qual certamente não é a da Santa Igreja. O Senhor faltou a alguma observância, o que é isso? Não é pecado mortal, nem pecado venial, não é nada! Sim, é alguma coisa, é a ruína da vida religiosa e das graças de Deus. E daí, se o Senhor não tem bastante amor de Deus para evitar essas faltas, se evita uma falha unicamente porque é grave, diga-me: como é que está servindo a Deus? Antigamente os Judeus levavam a Lei de Deus escrita sobre faixas de tecido, a fim de tê-la continuamente diante dos olhos; eram fariseus, eles tinham a Lei escrita no exterior e não na consciência. Não sejamos como os Judeus. Suponham um santo homem, o que ele faz de mal? Em que ele desobedece à Lei de Deus? Ele se impacienta, falta a alguns deveres da sua Regra ou da obediência; ele é professor, não prepara bem a aula; ele não é totalmente um santo homem e, sobretudo, não é um santo religioso. Nada se faz a não ser por pequenas coisas. Os elementos de cada substância, de cada corpo, são tão pequenininhos que se escapam à observação ocular. Os elementos das massas maiores, dos corpos mais pesados, mais ativos, são imperceptíveis. Mas é assim que se age em toda parte... Não todos os homens são obrigados a levar o mesmo tipo de vida; mas para nós, essa maneira de agir é sumamente importante. Não podemos atuar de outra forma. Não compreendo que se possa levar uma vida cristã e religiosa, sem ter continuamente a consciência diante dos olhos. Esse empenho que o nosso Santo Fundador solicita depois de cada falta, não se deve fazer no espírito de discussão, mas com toda a humildade; deve-se procurar os motivos: foi a preguiça, o cansaço, a asneira ou a estupidez que nos levaram a determinada falha? Foi um capricho do cará-

ter, foi fraqueza? Confessemo-nos de tudo isso, não como pecados, se teologicamente não houve pecado, mas reconheçamo-lo como infidelidades, como fraquezas, para nos fortalecer e purificar. Tenhamos o espelho da nossa consciência continuamente diante dos olhos. Observemos as nossas falhas, saibamos como estamos. Depois de cometer alguma falta, analisemos logo o fundo do nosso ser para ver a verdadeira causa dela: foi o orgulho, a sensualidade, a gula? Convém fazer isso rapidamente. Não se deve passar todo o tempo nessa procura. Apressemo-nos em varrer a casa a fim de ter o tempo para enfeitá-la e de adorná-la.

Para facilitar-lhes o exame será de grande proveito que, ao cair em algum erro durante o dia, imediatamente, analisem um pouco por qual motivo o fizeram e, humilhando-se diante de Deus, gravem-se isso na memória para submetê-lo ao exame da noite."

Não são simplesmente palavras, é uma promessa que se realiza. É uma coisa muito útil. Quem está sentado numa cadeira, não precisa esforçar-se tanto a vista para não cair quanto aquele que anda de bicicleta ou caminha na corda bamba. Sendo vigilantes, nós não cairemos tampouco, seja qual for o perigo.

"O exame do meio-dia não precisa ser tão formal, mas se olhe um pouco como a gente se comportou durante a manhã e, ao encontrar alguma falta, se a acrescente às anteriores e se faça o ato de contrição com o firme propósito de emendar-se."

Que esse exame da manhã dure dois minutos, mais não se precisa. É fácil lembrar-se dos Artigos do Diretório aos quais se pode ter faltado: o levantar-se, a meditação, a Missa, o Ofício, o trabalho, as possíveis tentações sofridas, os contatos com o próximo; num piscar de olhos a gente se dá conta do que pôde ter feito de mal. Tenham a sua consciência bem desdobrada diante dos olhos, sem prega, nem recôndito. A nossa consciência deve ser muito delicada. Não é preciso que um religioso seja escrupuloso, mas que ele seja generoso e delicado para evitar qualquer falta.

Julguemos, pois, generosamente e sem ilusão o que somos e o que valemos. Os Senhores têm importantes compromissos para atender: as grandes incumbências do sacerdócio e da vida religiosa. Que os que se encaminham ao sacerdócio se preparem cum timore et tremore (cf. Ef.

6,5) (com tremor e temor). Não quero lhes fazer a pregação que ouvi na manhã da minha Ordenação em Chalôns. Nós fomos para lá numa temperatura de 22 graus abaixo de zero, - tínhamos passado a noite entre lençóis gélidos - depois de uma ligeira refeição à base de agrião; os bons Diretores do Seminário nos tratavam com um pouco de austeridade. Na manhã antes da Ordenação, o Superior do Seminário nos fez uma conferência: "Os Senhores estão se apresentando para a Ordenação; estão dignos disso? O que é que os chama à Ordenação? Interroguem-se, prestem atenção, são capazes de enganar-se. É o seu confessor? Ele está sujeito a equivocar-se e o Diretor nos contava episódios como para provar suas palavras. Eu tinha ao meu lado um dos meus colegas, que infelizmente não acabou bem. "O que é que se faz?", ele me perguntou. Eu tinha vontade de lhe dizer: "Vai-te embora". Eu não usarei para os nossos ordenandos a mesma linguagem como esse bom Superior e eu não farei todo o ruído e barulho que ele fazia; o seu zelo se tornava um pouco desproporcional num momento assim. Mas eu lhes direi no entanto: "Preparem-se com temor"; é um compromisso extremamente sério que os Senhores vão contrair. O sacerdote não vive para si, mas para o bem espiritual dos outros. Quanto vale o homem, tanto a sua obra. O homem por si mesmo não é nada; ele não será e nem fará coisa alguma a não ser por sua fidelidade e constância em manter-se unido a Deus. Este o ampara com sua onipotência, quando o homem se aproxima dele; ele aumenta a influência do sacerdócio de acordo com a fidelidade e o apego a Deus. Se a preparação à Ordenação dos Senhores não foi suficiente até agora, comecem então; passem dias, horas de fidelidade, dias de atenção especial. É bonito o estar alerta, é uma coisa nobre e digna. A gente percebe a Vontade de Deus, a quer, a respeita e se apega a ela, não querendo separar-se, a gente consagra a ela a vida e o coração; é assim o sacerdote, é essa a dignidade da sua missão. Se os Senhores ainda não têm feito bem tudo isso, - e ninguém o faz como o deveria - depois do exame das suas faltas, humilhem-se, peçam perdão: "Eu vos prometo, meu Deus, que vou começar". Prestem atenção a isso, ofereçam o íntimo do coração ao Bom Deus. Uma falta de fraqueza não é uma grande coisa, ela é possível; a gente não é impecável; toda a pessoa, seja quem for, é capaz de muitas baixezas e de uma quantidade de faltas miseráveis, grandes e pequenas. Mas se somos cuidadosos, se combatemos, se lutamos e nos voltamos sem cessar para o Bom Deus, vai dar certo. Quando os Senhores têm que con-

fessar religiosos ou religiosas, lembrem-se do que acabo de lhes dizer. É isso o espírito da Igreja. Que todas as práticas religiosas que ela aprova sejam muito respeitadas pelos Senhores.

"Além desse exame geral, os Oblatos poderão fazer o particular, que se ocupa com a prática de uma virtude especial, que seja a mais apropriada, diretamente oposta às imperfeições de maior inclinação pessoal."

Pode-se fazer o exame particular de acordo com a opinião do seu diretor espiritual, ou então fazendo-se o seu próprio diretor, nessa circunstância. Eu me sinto inclinado à sensualidade, vou combater especialmente essa tendência e tentar ganhar todos os dias alguma coisa. Ao terminar um dos meus exames, ou então num determinado momento prefixado do dia, perguntar-me-ei: "Como é que estou a esse respeito?" É isso o que se chama o exame particular.

"Eles poderão empreender desafios em conjunto para a prática de algumas virtudes."

Essas concorrências são muito estimadas na Visitação. Várias outras comunidades religiosas, os Jesuítas especialmente, as exercem. É muito bom para estimular-se mutuamente.

Como resposta àqueles que não querem que os religiosos confessem a infração das Regras e observâncias, eu lhes direi o parecer de alguém que é alguma coisa na Igreja, a opinião do Papa Leão XIII. Ele nos disse: "Sejam bons religiosos; precisa-se de religiosos para converter o mundo." Logo, os religiosos servem para alguma coisa. Não são uns fulanos quaisquer; e para se tornar um bom religioso importa ter as contas em ordem.

* * * * *

Eu lhes recomendo toda a comunidade, nesta época de Natal. Rezem por nossas Missões, por nossas obras. Que o Bom Deus esteja sempre conosco. Repitamos atentamente: "Veni, Domine Jesu" (Vem, Senhor Jesus), como São João encerra a série de seus escritos (Ap.22,20). Que Nosso Senhor venha a nós, como ele vinha a todos os que estavam sobrecarregados, com os quais ele veio passar a vida sobre a terra para conduzi-los para o céu: Veni, Domine Jesu. Que isso seja o grito do nosso íntimo, a oração do nosso coração diante do Santíssimo Sacramento, na hora da Santa Missa e na Comunhão.

CAPÍTULO DO DIA 23 DE DEZEMBRO DE 1891

FIDELIDADE

Preparemo-nos com cuidado à festa de Natal que deve ser uma das festas mais queridas e que nos será certamente uma das mais aproveitáveis. Os Anjos cantam no céu: "Pax hominibus bonae volutatis" (Lc 2,14) (Paz aos homens de boa vontade). É uma coisa sumamente desejável e importante que a boa vontade lhes dirija o espírito e o querer rumo ao bem, ordenando os pensamentos, os sentimentos e os atos. A Igreja se empenha por inspirar-nos isso nas diferentes festas. Ela não as estabeleceu para que fossem somente dias de regozijo, mas as instituiu para a gente se aperfeiçoar, aproveitando o espírito da festa. Todos os mestres antigos da vida espiritual, todos os que escreveram livros de piedade e de espiritualidade, como também São Francisco de Sales, insistem nesse ponto. Eles querem que acompanhemos o pensamento da Igreja. Esta tem as suas estações, eles dizem, como a terra e o sol têm as deles. Cada estação tem seus frutos ou os prepara. O ano litúrgico deve apresentar igualmente graças específicas, frutos especiais, em cada solenidade. A festa de Natal deve proporcionar-nos graças, luzes abundantes, referentes à nossa vocação. Ela deve ser um ponto de partida, uma renovação de forças espirituais quanto à vocação religiosa. Ela deve-nos suscitar dedicação. É preciso que, naquele dia, essa grande devotação nos nasça no coração. O Verbo de Deus virá em nós para nos levar, nos dirigir, nos sustentar. Unamo-nos, pois, com Nosso Senhor em todo o momento. Repitamos freqüentemente o anelo de São João: "Veni, Domine Jesu" (Ap. 22,20) (Vem, Senhor Jesus). Atraiamos a nós a sua bênção e ajuda através da nossa fidelidade. Toda a gente experimenta provações, dificuldades e tem grandes compromissos; é necessário que o Verbo de Deus venha nos esclarecer, nos sustentar, fazendo-nos coesos, cada um atuando segundo a sua ocupação; é preciso que ele aproxime os nossos Padres das diferentes casas, como formando um só coração, com uma única oração, a fim de que o Salvador venha a nós, eleve-nos o espírito e o preencha de confiança; que venha também às almas dos que devemos levar conosco ao céu. Alimentemos esses pensamentos e afetos durante a medi-

tação, em nossas Comunhões e no decorrer do dia. Se nos submetemos o espírito a esse trabalho interior, conduzindo-o a essa fidelidade, a essas disposições afetuosas, teremos uma influência muito grande e meios altamente eficazes à disposição. Passem nesse sentido dias de fidelidade, prendam-se ao Diretório. Temos uma tarefa a cumprir; dediquemo-nos a ela com toda a exatidão possível e então estaremos, deveras, bem em nosso lugar. O grande mal da nossa época é que a gente não sabe dominar a vontade. Saibamo-nos forçar à obediência, à exatidão e à fidelidade e , dessa forma, daremos glória a Deus; é o espírito da festa de Natal: fidelidade à toda a prova. Os Reis Magos, os pastores, os Anjos, São José, todos possuíam uma pontualidade perfeita, e é graças a esse cuidado atento, que encontraram o Salvador. O capricho esmerado é, pois, o caráter particular deste mistério da Encarnação de Nosso Senhor. Sejamos pontuais também, cada um de nós, no serviço, nos deveres, nas ocupações. Nós tampouco não vimos para ser servidos, mas para servir. Sejamos fiéis à Regra, à obediência; é tão bonito, tão divino. Um Deus quis passar por isso e viver perfeitamente as condições de uma vida em obediência, em observância pontual da Lei, atendendo à Vontade de Deus.

A obediência, a pontualidade, isso é Deus conosco. Sem elas estamos sozinhos, será a nossa pessoa e nada mais; só nós, isso é muito limitado, é triste e muito feio. Acrescentemos Deus a isso. O religioso humilde, submisso, é uma coisa tão bela. Ele tem medo de faltar, mas é este receio humilde e respeitoso que é o início da sabedoria. Não é o medo do inferno que o põe a caminhar, o susto de ver o raio cair-lhe na cabeça, mas o temor de ofender a Deus, de desagradar a ele. Será que existe alguma coisa mais bonita? O sino toca, a gente vai para o lugar previsto, para o serviço de vigilância ou para dar aula; se a gente vai aí como um robô, é triste. Mas se é um outro motivo que anima, se é reconhecendo a voz de Deus que chama, a gente sendo o servo de Nosso Senhor, da Vontade dele e estando totalmente à disposição dessa Vontade, isso é grandioso, é belo, é muito bom. A nossa personalidade é sempre propensa ao mal. O bom é estar unido com Deus: é isso o amor de Deus, devotada e generosamente. O Verbo de Deus abandona a sua personalidade divina, por assim dizer; ele se aniquila; faz-se criancinha, um nada. Os Senhores querem aproximar-se de Deus? Aniquilem-se também, aceitando

ser um nada. As pessoas mais dignas, as mais fortes são as que andam nesse caminho. Elas sempre temem ofender a Deus, receiam faltar à mínima coisa, cum timore et tremore (cf. Ef. 6,5) (com temor e tremor). Tenham sempre essa fineza de consciência e de coração para com Deus, referente aos seus afazeres. Não relaxemos nisso. Não sejamos jornaleiros, trabalhando por dia. Tratemo-nos mais digna e mais elevadamente e então o Senhor virá a nós e nós o passaremos aos outros. Reparem o demônio. Observem os esforços que ele faz para impedir a calma e a tranqüilidade. Olhem os Maçons e as suas agitações e inquietações. Eles puxam à direita, tiram à esquerda, perturbam e causam desordem. "Redite ad cor" (Is 46,8) (Entrai em vós mesmos). É no coração que o Salvador mora; ele trabalha conosco; ele quer o nosso amor. Chamemos, pois, o Salvador junto com os Patriarcas e os Profetas. Chamemo-lo ao nosso coração, à nossa vida; que ele reine aí e nos conduza consigo para o céu. Observem como deve ser a nossa vida na terra. É assim a vida dos santos e dos religiosos. Reparem São Bernardo; essa fidelidade pontual manifestava-se em todas as circunstâncias, ela caracterizava tudo. Santo Agostinho dizia: "Será que eu também não poderia fazer o que conseguiu este e aquele?" Essa idéia o converteu. Dediquem-se de coração às suas ocupaçoes. O Senhor Harmel, de Valdes-Bois - o homem que mais aprecio neste mundo - dorme sobre tábuas, jejua e leva uma vida como os religiosos mais austeros. Submete-se ao que diz o eu confessor, tintim por tintim. Se ele vivesse burguesmente, caçando, regalando-se com bons almoços, que diferença de influência e de ação!... Eu menciono o Senhor Harmel, porque lhe perguntei um dia: - Com que fazeis tudo isso? - Com o coração, - ele me respondeu. Devemos dedicar-nos de todo o coração àquilo que fazemos; não devemos ser uma pessoa imprestável. Apliquemos a nós mesmos o que o povo de Nazaré disse a Nosso Senhor: "Medice, cura teipsum!" (Lc 4,23) (Médico, cura-te a ti mesmo).

Rezemos à Boa Madre, ela era tão devota a este mistério de Natal; que o Verbo, vindo a nós, se dê e se manifeste a nós e por nós.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE JANEIRO DE 1892

A REFEIÇÃO

"Os Oblatos não vão ao refeitório somente para comer, mas também para obedecer a Deus e para participar da vida comunitária."

A intenção que nos sugere o Diretório é que realizemos as nossas ações de forma sobrenatural.

Não vamos ao refeitório por razões naturais apenas, por necessidade, e menos ainda por atração dos sentidos, apesar de que não haja freqüentemente ocasião para muita satisfação sensitiva... Vale a observação que todas as refeições dos religiosos, nas Ordens sobretudo, têm algo de solene. O antigo refeitório de Claraval serve agora de capela. Os Cartuxos comem juntos em determinados dias, em algumas festas, e esse refeitório comum tem um aspeto grandioso e solene. O refeitório, em todas as Ordens religiosas, é um lugar sagrado, como também o dormitório e a capela. Cerca-se a refeição do religioso de certas solenidades. Por quê? Porque desfrutando a comida corporal o religioso deve tomar a sua alimentação espiritual. É uma observação que tenho feito muitas vezes, a saber que as pessoas santas recebem muito do Bom Deus no refeitório. O nosso Santo Fundador proíbe fazer meditação durante a refeição; isso dificultaria a digestão e prejudicaria a saúde, mas ele recomenda como uma prática muito boa elevar o coração a Deus durante a refeição; recomenda outrossim e pormenoriza, mais detalhadamente ainda do que para os outros atos, a direção de intenção. Ele quer que demos muito ao Bom Deus no refeitório; não tanto quanto na capela, certamente, mas mais do que no dormitório. Não podemos ainda observar, em todas as casas, essas práticas do refeitório a nós recomendadas por nosso Santo Fundador; as circunstâncias dos colégios no-las impossibilitam. Façamos pelo menos o que pudermos e aferremo-nos tanto mais àquilo que podemos praticar. Somos religiosos da última hora; temos algo de soldados; o militar não vive somente no quartel onde tudo é organizado e regulado, mas vive também em meio aos combates onde está mais entregue a si mesmo. Que a regra interior, então, saiba substituir a regra exterior a qual nem sempre pode ser observada integralmente. Os santos, as

almas privilegiadas cuidam de manter o coração muito unido com o Bom Deus durante as refeições, não - como eu já disse - para fazer meditação, mas lembrando-se de Deus direta ou indiretamente, e particularmente pela prática da mortificação.

"Se houver alguns por natureza delicados ou ávidos demais no comer, devem, ao entrar, fazer uma boa resolução e invocar a graça e o auxílio de Nosso Senhor para, corajosamente, superar-se."

Todos os pensamentos que o nosso Santo Fundador propõe são excelentes. Não há nada melhor do que pensar nos Padres do deserto e em tantos outros santos que tão vigorosamente superaram a sensualidade. Eu, da minha parte, proponho pensar, em vez de nos Padres do deserto, em Padre Simon, em Padre Bécoulet, em nossos missionários do Orange. Estão passando um pouco melhor agora, mas nos primeiros tempos a abstinência deles se equiparava certamente à dos Padres do deserto. Os nossos Padres no Equador não têm uma vida muito mais fácil. Portanto, não é preciso voltar aos Padres do deserto. Unamo-nos com os nossos Padres, roguemos a Deus que ponha um pouco de sal e sobretudo algo de manteiga na sopa deles, tão pobremente preparada. Em virtude da Comunhão dos Santos, há partilha de bens espirituais entre nós; ponhamo-nos, pois, em estreita união com eles.

"Não saiam da mesa sem ter feito alguma mortificação."

Essa mortificação, segundo a idéia do nosso Santo Fundador, é antes de mais nada um olhar dirigido a Deus, um ato sobrenatural da vontade, mais do que um ato de privação considerável. Não deixemos nunca de fazer isso, seja positiva ou negativamente, seja superando alguma repugnância ou privando-se de uma coisa agradável. São Francisco de Sales comia muito e seu empregado doméstico observou que aquilo que ele comia mais, era exatamente do que menos gostava. Sigamos um pouco esse método, caso a saúde no-lo permita. Quando se aprovava as nossas Constituições, o Padre Capuchinho que estava entre os consultores queria acrescentar mortificações exteriores. Ele consultou o Padre Brechet que fez com que o primeiro se desse conta de que nós não éramos Franciscanos e que a vida dos Oblatos era uma vida de trabalho e de penitência muito dura em si mesma. Contudo o bom Padre desejava agregar alguma coisa no fim e quis que pelo menos pregássemos aos outros a penitência.

Todas as antigas Ordens religiosas praticavam a mortificação, o jejum, o trabalho, com um zelo que ultrapassava às vezes as forças. Da nossa parte, devemos conservar as forças para trabalhar. O verdadeiro Oblato praticará bem a mortificação da refeição e, sem nada de extraordinário, ele assim provará a Deus fielmente a sua obediência e submissão. Considerem a refeição como uma coisa santa, como o meio de recuperar as forças corporais e por elas a energia espiritual, bem como o vigor da vontade. Se o homem não tivesse pecado, o cantato com as coisas materiais teria produzido como uma comunhão da graça de Deus. É lembrando-se desse estado de inocência que se benze coisas materiais, que se aplica exorcismos e purificações. A coisa material que se come, da qual se faz uso qualquer, quando abençoada, é restituída no seu estado original; ela se torna, de certa forma, veículo de graça. Recolhamos cuidadosamente essa graça, não deixando que ela escape. Não há meios pouco valiosos de coisas menos importantes, tudo o que nos aproxima de Deus é grande. As nossas refeições, assim entendidas, terão por resultado a nossa união com o Bom Deus; prender-nos-ão ainda mais aos nossos afazeres.

Eu lhes falava, faz pouco, sobre as privações dos nossos Padres do Orange e no Equador; esqueci-me dos nossos Padres na Inglaterra. Muito bem podemos pensar também nas privações deles, pois só tomam água e não comem sempre à saciedade.

Panem nostrum quotidianum da nobis hodie (O pão nosso de cada dia nos dai hoje): pobres dos Padres que nem sempre têm o pão cotidiano em quantidade suficiente. Nós que o temos, comamos como bons religiosos, rezando pelos nossos irmãos menos beneficiados e aceitemos de boa vontade a mortificação que fará com que lhes sejamos semelhantes. Mantendo-nos perto de Nosso Senhor, atrairemos o orvalho do céu e as graças da terra sobre nós e sobre aqueles por quem rezarmos. Eu encerro com esse pensamento que condiz bem com a doutrina dos santos Padres. No estado de inocência, as coisas materiais comunicavam graça: lembrem especialmente a árvore da vida. O efeito das coisas materiais, na intenção de Deus, é de conduzir a ele, é de unir consigo a criatura, dotada de inteligência que faz uso delas. Sirvamo-nos dessa idéia, ela nos fará bem. Uma refeição nos valerá uma meditação. Os nossos meios não nos permitem fazer outra coisa, caprichemos pelo menos nisso. É muito necessário tornarmo-nos bons e santos religiosos. As dificuldades se acu-

mulam. A terra inteira está rodeada pelas intrigas de Satanás e de seus cúmplices; façamos uso de todas as nossas armas, de todas as nossas forças. O Papa faz com que rezemos: Satanam aliosque spiritus malignos in infernum detrude (Despenhai Satanás e outros espíritos malignos no inferno); devemos crer que atualmente há muitos demônios soltos, a julgar pelos resultados que temos diante dos olhos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE JANEIRO DE 1892

O RECREIO

"Ao recrear-se, os Oblatos pedirão a Nosso Senhor a graça de não dizer nada que não servir para a glória dele."

É preciso fazer a reta intenção antes do recreio e fazer bons propósitos contra as faltas às quais a gente está inclinada mais acentuadamente. Caso que a gente esteja propensa a não dizer nada no recreio, a fechar-se, é preciso, ao entrar, fazer o propósito de cumprir a Regra. Se alguém tende a mortificar o próximo, a falar sobre si, que lance então um olhar rápido sobre esses defeitos e venha ao recreio com um rosto simples e afável, sem nada de contrariado ou do que possa desagradar aos outros.

"Assim como os Oblatos devem recrear-se com simplicidade e franqueza, devem igualmente gostar de falar, muitas vezes, sobre assuntos bons e edificantes."

Que as nossas conversações sejam piedosas e cristãs, semeadas de traços edificantes que ao mesmo tempo sustentam o recreio e a edificação. É uma coisa talvez um pouco custosa.
Quando a gente vive junto, muito perto uns dos outros, é um pouco delicado e difícil dizer uma coisa que se pareça com uma pregação ou uma lição aprendida antecipadamente. Com um pouco de jeito e de piedade,

todavia, pode-se facilmente levar a conversação a assuntos interessantes, edificantes, piedosos, que façam bem. Não é exatamente que o nosso Santo Fundador nos recomenda fazer um sermão em cada recreio.

Que as conversas não sejam continuamente divertidas e frívolas; falemos de vez em quando em nossos estudos, em nossos afazeres, sobre o que pode interessar aos outros. O recreio que se passa assim tem a dupla vantagem de nos fazer praticar a Regra e de fazer com que formemos bons hábitos para quando nos encontrarmos com o próximo no mundo. Pegaremos o costume de uma conversação moderada, sensata, normal, religiosa. Cada vez que temos que nos apresentar fora de casa, não sendo os assuntos bem religiosos, procuremos, entretanto, dizer algumas palavras piedosas, e que pelo menos no conjunto da nossa conversação haja alguma coisa bem ponderada e oportuna. Os jovens especialmente empenhar-se-ão nisso. "Nihil nisi grave, moderatum ac religione plenum prae se ferant", disse o Concílio de Trento, com referência aos eclesiásticos; com mais razão ainda isso deve se encontrar entre os religiosos. Não estou querendo dizer que se deva ser de uma seriedade exagerada e triste, isso não é o espírito do nosso Santo Fundador; ele era muito alegre nas suas relações com o próximo, e às vezes ele não temia mesmo caçoando um pouco.

"Havendo quem esteja propenso a falar sobre si mesmo ou tenda a indiscrições parecidas, que, no começo do recreio, se lembre um momento dessa imperfeição e se proponha a cuidar para não cair."

O nosso Santo Fundador não proíbe rir moderadamente, de falar alto às vezes; mas ele não quer gritaria e um tom que se imponha, ferindo ao mesmo tempo a modéstia e a caridade. Essa maneira de passar o recreio ponderada e piedosamente acarreta muitas graças. Um recreio feito nesse espírito não tem nada que desagrade, nada mesmo que chame a atenção; tudo é conveniente, tudo está bem. Cumpre-se a Regra e a Vontade de Deus, e ainda que nada apareça para fora e tudo pareça muito simples e natural, a gente faz totalmente a Vontade de Deus, realiza-se um ato que merece o céu e que é tão perfeito como se tivesse feito uma meditação muito devota, uma prece muito fervorosa, e isso sem aparato, sem rebuscar, com a maior naturalidade. Toda a nossa santificação consiste, de fato, no que fazemos; ela não está em nosso espírito, em nossa imaginação, no que pensamos ou dizemos, ela está no

que fazemos. Um recreio, feito assim, nos merece o céu; é um ato de perfeito amor a Deus. Estimulemo-nos animadamente por meio desses pensamentos; é o espírito da Santa Igreja, é a doutrina da verdade. Impregnemos profundamente as nossas ações dessa maneira de ver e de agir; que seja o nosso fundamento e nada em nossos atos será indiferente. Quando eu estudava teologia fazia-se esta pergunta: Há atos indiferentes? A gente dizia que sim. São Francisco de Sales, na prática, diz que não. Tudo deve concorrer à nossa santificação. O homem deve mover-se no Bom Deus como o peixe na água. Relativo aos nossos recreios, devemos descansar em Deus, bem como devemos rezar e sofrer nele.

"Um Oblato, alternativamente, lembrará a presença de Deus e, com intervalos, durante o recreio e no fim, dirá uma palavrinha edificante que sirva de reserva espiritual."

Uma vez pelo menos a gente deve lembrar a presença de Deus e no fim deverão preparar-se para dizer alguma palavra edificante. Não há falta, certamente, caso isso for omitido por esquecimento, mas é melhor que alguém, ao fim do recreio, diga alguma coisa que possa servir como uma reserva espiritual.

No fim, eles pensarão no que precisam tanto para os trabalhos manuais, como referente a outros encargos."

Todos esses detalhes nos mostram que, quanto mais possível, convém arrumar os assuntos comuns, que a gente tem a tratar com o próximo, no fim do recreio para não ver-se obrigado a falar no tempo destinado a guardar o silêncio. Precisa-se evitar cuidadosamente as ocasiões de se distrair, de falar longamente e fora do tempo de recreio. Os Padres da vida espiritual proporcionaram muitas máximas referentes ao tempo do recreio. Disseram que era na recreação especialmente que se reconhecia o bom religioso, porque é aí que se pode julgá-lo mais facilmente, sendo que nesses momentos ele dará mais curso livre à sua natureza ou a seus defeitos ou praticará mais virtudes. O que recomendo muitíssimo é que se passe o recreio bem cordialmente. O diálogo mais cordial, mais simples, mais afetuoso é também o que agrada a toda a gente. Se alguém faz surgir alguma contestação, deve-se contornar isso com muita habilidade de espírito, tomando cuidado de não ferir

ninguém e de não se mostrar ferido a gente mesmo. A caridade que a gente faz não seja percebida por ninguém; é bom que a quem se faz a caridade nem se dê conta disso. Peçamos ao nosso Santo Fundador que pratiquemos bem esse exercício do recreio. Encontraremos na recreação bem feita uma imensa vantagem para os nossos contatos com as pessoas de fora; espalharemos a caridade, a serenidade em torno de nós. Toda a nossa personalidade irradiará simplicidade e bondade; não haverá nada para botar defeito; os mal-intencionados não poderão ofender-se conosco, nem os bons escandalizar-se; tudo alcançará a finalidade que nos propomos.

* * * * *

Eu termino com uma recomendação relativa à pobreza. Economizemos o gás; que não haja despesa inútil, nisso como em todo o resto. Que não se gaste mais do que o necessário. Tomem a peito esse espírito de economia, de conservação a respeito de tudo. Observem isso com intenção sobrenatural, para honrar a Deus, observando a pobreza. Cuidem e manuseiem as coisas da criação material para prestar homenagem a Deus Pai que as criou para o nosso uso e utilizem-nas dentro dos limites que ele deseja e ordena. Essa economia, esse cuidado, encarados de maneira sobrenatural, são excelentes. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo: as três Pessoas divinas são iguais, devemos honrar as três, o nosso culto deve ser idêntico...

O inverno está brabo, duro; a gente sofre desde o levantar; se temos que padecer, saibamos tirar proveito disso.

* * * * *

Outra vez eu recomendo os nossos missionários, as nossas obras às orações da Comunidade. Que o Bom Deus nos envie o seu Espírito Santo, a fim de que tudo ande bem, para que os nossos missionários especialmente tenham força suficiente e a resignação para suportar as suas numerosas provações.

No Orange, os nossos Padres não conseguiram ainda se estabelecer além do rio. O Capitão Geral está sob a influência dos pastores protestantes. Ele apresentou a Padre Simon um extenso requisitório a respeito do que os Anais da Propagação da Fé tinham publicado dele; mesmo assim não era todavia tão sério, mas os Protestantes, reforçados pelos Maçons fazem todo o possível para reter a marcha dos nossos missionários. Eu recebi de Roma, na ocasião do Ano Novo, cartas muito

boas do Cardeal Vigário, do Prefeito da Propaganda, do Cardeal Mermillod e do Cardeal Mazellla; este, em particular, nos parece sumamente amigo. Eu os recomendo cordialmente às orações da Comunidade; ao rezarmos, assumamos as intenções dos nossos benfeitores e nossos amigos.

No Equador a Missão é muito laboriosa também, mas os nossos Padres não se assustam. Rezemos com eles e por eles.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 20 DE JANEIRO DE 1892

O SILÊNCIO

"Quando os Oblatos vão trabalhar, dirão interiormente: - Falai, Senhor, vosso servo vos escuta; meu Deus, tornai-me digno de cumprir a vossa santa vontade."

O expresso aqui supõe que depois do recreio o Superior dá a obediência. É bastante difícil fazermos isso em nossas diversas casas atualmente. Os Padres e os Irmãos, recebendo a obediência, devem manter-se recolhidos, de pé. É o momento de pedir as permissões e perguntar o que é que se tem que fazer.

"Poderão servir-se da meditação, contemplando a Nosso Senhor no mistério que meditaram e detendo-se em alguns pontos dos que mais gostaram."

É uma maneira muito boa de atender o trabalho, sobretudo quando este está na esfera material e quando não achamos nada melhor para dizer ao Bom Deus. Esse modo de ocupar-se com Deus nos é sumamente vantajoso, formando o santo hábito de nos unir a ele. Se o nosso serviço não é exterior, tratando-se de um estudo, de uma vigilância e não podendo-nos reter por muito tempo seguido num pensamento, elevemos de vez em quando o coração a Deus e sem preocupação por formular palavras, sem esforço mental prolongado, ofereçamos a Deus o nosso trabalho, os

nossos afazeres; peçamos a Deus a luz para os nossos estudos. São Tomás dizia: "Eu me entrego a vós, meu Deus; e vós, dai-vos a mim em forma de boa vontade, de esclarecimento, de compreensão. Deus sempre obedece a essas preces e não somente os nossos estudos serão santificados assim, mas seremos sensivelmente iluminados pela ajuda de Deus. Eu os exorto a fazer a experiência. É uma oração eminentemente eficaz para tudo o que fazemos. Ela tem efeito direto e imediato sobre os nossos estudos e nossos afazeres. Assim levamos o Bom Deus conosco e com ele compreendemos melhor, captamos e nos lembramos mais. Assim é que os santos estudavam.

"Poderão ficar também aos pés de Nosso Senhor, escutando serenamente o que lhes disser ao coração, observando-lhe a bondade e o amor, ao falar-lhe, de vez em quando, pelos suspiros de coração."

Reparem a idéia do nosso Santo Fundador. Ele chama o tempo do trabalho de "silêncio". Esse nome não é dado nem ao tempo de descanso, nem ao da oração. O religioso, enquanto trabalha, isto é durante a maior parte do dia, deve estar sempre em silêncio. Deve evitar as palavras inúteis, as conversações que não são a propósito; ele deve ocupar-se com Deus e não com as criaturas. Durante esse tempo de silêncio e de trabalho, a pessoa se volta para Deus, mantém contato com ele, seja retomando os pensamentos da sua meditação, seja - quando a natureza do trabalho não o permite - por aspirações e lances do coração, por palavras afetuosas que lhe proporcionam, junto com a graça de Deus, coragem e força. Rezem pelos seus alunos ao vigilá-los. Através dessa atitude os Senhores farão um bem muito grande para si e igualmente para os outros. Observem, as Constituições e o Diretório não oferecem nenhum meio humano, nem tampouco o Evangelho. Os recursos indicados são a união a Deus, a oração, a atenção à presença de Deus. Nós envolvemos Deus em nosso trabalho e rezamos ardentemente em tudo o que fazemos; é essa a nossa maneira de obrar e de agir.

São Francisco de Sales indica em seguida um certo número de aspirações a Deus, a Nossa Senhora, ao Anjo da Guarda, além disso alguns pensamentos para entreter-se com Deus. Esses são muito úteis, como o pensamento na morte no momento que o relógio bate a hora, enquanto nos perguntamos se o que fazemos nesse momento merece recompensa ou castigo, o céu ou o inferno.

"Depois desses pensamentos, então, os Oblatos suscitem algumas aspirações devotas para que Deus lhes seja propício nessa última hora: isso acontecerá sem falta para os que capricharem neste exercício."

Olhem que belas promessas, simplesmente magníficas. Sejamos, pois, fiéis a essa prática do pensamento na morte e através disso cresceremos de virtude em virtude, até a perfeição do amor divino, até o céu.

No tocante ao céu temos que fazer-nos uma idéia exata. Os teólogos ascéticos, os catecismos não são muito explícitos a respeito. Os grandes Doutores, São Tomás, São Francisco de Sales nos ensinam que a vida atual é só o começo da nossa vida toda e completa. Havemos de morrer, mas é somente o corpo que morre. O que fazemos aqui na terra, fa-lo-emos sempre; começamos aqui para continuar lá em cima. Um homem criado por Deus com tal ou tal disposição, com esta ou aquela boa qualidade, com tais ou tais faculdades, não as perde ao morrer. O dom de Deus em nós, isto é em que consiste a nossa personalidade, a nossa fisionomia, o que faz com que sejamos nós próprios, não desaparece. O céu não é uma coisa estranha. Para nos colocar no paraíso, o Bom Deus não nos criará novos. Assim como somos na terra, seremos no inferno, ou então seremos na bem-aventurança. O nosso estado no céu não é uma recompensa generalizada; Deus - assim foi dito - nos colocará na mão uma pedra preciosa na qual está inscrito um nome que somente nós conheceremos (cf. Ap 2,17). É o nome que é próprio nosso, que cabe a nós pessoalmente. Representa a nossa íntima felicidade individual, a felicidade que corresponde aos nossos gostos, às nossas aptidões. Tudo o que somos, tudo o que fazemos, começamo-lo aqui na terra para continuá-lo no paraíso, o qual vivificará e ampliará isso. Comecemos agora, pois, a nossa bem-aventurança pelos trabalhos, sofrimentos e pelas cruzes, com o empenho de toda a nossa pessoa, com o que o Bom Deus depositou de bom em nós. Retiremos tudo o que há de mau, ou melhor corrijamo-lo, pois os nossos próprios defeitos provêm de um bom princípio do qual tiramos más conseqüências. Se o Senhor é irascível, é porque é sensível, mas o é excessivamente. Convençam-se profundamente deste pensamento: estou começando a minha vida de paraíso agora; o que sou agora, o serei no céu. Eu começo como o arquiteto, como o pedreiro iniciam uma casa. Imaginam um edifício admirável; não é que se começou com pedras brutas e arga-

massa? Com trabalhos penosos e sacrificantes? É só à custa disso que se elevou tão alto; é só a esse preço que nos elevamos ao céu. Todas as vezes que em meio às nossas ocupações experimentamos alguma dificuldade, alguma coisa que contraria as nossas inclinações, digamo-nos insistentemente que tudo isso nos prepara para o paraíso, é assim mesmo que iremos para o céu, repitamos que é nisso mesmo que consistirá a nossa íntima felicidade, própria a cada um pessoalmente. O céu não é uma festa pública, onde a gente se diverte diante do espetáculo; é uma festa íntima, é uma felicidade pessoal a cada um. Encontraremos nesse pensamento muito encorajamento; tudo o que fazemos é diretamente para o céu. Quando atendemos apaixonadamente bem o nosso serviço, não perdemos o mérito nem o fruto das mínimas coisas que fazemos. Somos os cidadãos do céu, os religiosos sobretudo: Nomina vestra scripta sunt in caelis" (Lc 10,20) (Os vossos nomes estão escritos no céu).

Durante o tempo do silêncio, aproveitemos esses pensamentos. Juntemos tesouros, talentos dos quais gozaremos no céu. A parábola dos dez talentos trata disso mesmo (Mt 25,13-30). Aquele que escondeu e enterrou o seu talento é um mau servidor. Aquele que lucrou cinco, dez talentos terá a sua recompensa na mesma proporção. No momento da morte, cada um terá sua parcela de paraíso, segundo o que ele apresentar; não cheguemos de mãos vazias. Não sejamos como os comerciantes que não sabem aproveitar seu capital, que não sabem colocar as mercadorias, que as enterram e as perdem. A prêmio da nossa fidelidade será a satisfação de todo o nosso ser; o paraíso será a nossa bem-aventurança muito pessoalmente; cada um terá seu céu todo especial. Criemos muita coragem com essa doutrina que é muito séria e muito correta; os pormenores dos nossos dias experimentarão as conseqüências dela. O que tornou São Bernardo tão grande diante de Deus e aos olhos dos homens, é isso: Nostra conversatio in coelis est (Flp 3,20) (Nós somos cidadãos do céu). O operário que trabalha em vista do seu salário, o mercenário que espera a recompensa do seu dia, o cientista que conta com o resultado do seu trabalho e que aprecia todo o prêmio daí originado, não deixam nada perder, utilizam todos os momentos. Compreendamos claramente, nós também, que os atos mais humildes, os mais comuns, obtêm um vigor imenso pela reta intenção, pelo pensamento na morte. Compenetremo-nos profundamente deste pensamento que representamos alguma coisa perante o Bom Deus. Quando eu estava na teologia, alguém disse: - Se eu fosse como

São Luís de Gonzaga! - Eu não desejaria falar assim, disse o professor, - as virtudes, a fidelidade de São Luís de Gonzaga não poderiam me dar a mim a felicidade, a parcela especial reservada à fidelidade particular minha, destinada ao meu mérito pessoal.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 27 DE JANEIRO DE 1892

A TENTAÇÃO

"Os que sofrerem alguma tentação forte ou paixão poderão encorajar-se e se robustecer pela contemplação dos sofrimentos de Nosso Senhor, nos quais se encontrava, e quando tiverem dificuldades na prática das virtudes, ao observar a Ele, praticando as mesmas durante a sua vida terrena, serão instruídos e amparados."

Eis o que não se deve esquecer de fazer nas tentações de desânimo, que são talvez aquelas às quais a gente menos está atenta, porque não parecem pecado. Tragamos à memória a Paixão de Nosso Senhor: "coepit pavere et taedere" (Mc 14,33) (começou a ter pavor e angustiar-se). Ele suportou tudo isso: o terror, o aborrecimento, a impaciência, que fazem com que a gente creia não poder agir mais, com que não se tenha mais coragem de fazer nada. Dirijamo-nos, então, a Nosso Senhor sofredor, como no-lo recomenda o Diretório. Tomemos a nossa vontade e, de todo o coração, entreguemo-la ao Bom Deus. Digamos-lhe: "Meu Deus, só lhe trago uns farrapos de gente, um trapo sem valor; lanço tudo isso em vós e espero de vós socorro no meu desânimo."

É isso uma recomendação que tem uma influência poderosa, quando a gente quer ser um verdadeiro religioso. Os exercícios cansam e fatigam; tudo se torna amargo e repugnante. Suportando generosamente essa prova, recebe-se uma força considerável em seguida. "Que sabe aquele que não foi experimentado?" (Ecli 34,9), diz São Paulo (sic - tr.). Nada é mais freqüentemente recomendado na Sagrada Escritura do que o recurso a Deus no

momento da tentação, nada mais do que não se deixar abater pelo desânimo.

Lancemos, então, todo o nosso ser em Deus. "Eu me jogo em vós, ó meu Deus, mantenho a minha vontade na vossa..." Quando a tentação estiver passada, o Bom Deus voltará. "Senhor, onde estáveis?", perguntava Santo Antônio, depois de uma tentação espantosa. "Aí, perto de ti," foi-lhe respondido, "para te sustentar e encorajar e te recompensar."

As tentações contra a santa virtude requerem uma coisa especial. Olhem o que se deve fazer. Quando a tentação é violenta, imperiosa, é preciso tomar precauções. Podendo distrair-se, isso vale mais do que lutar cara a cara. Ao combater face a face, corpo a corpo, esse inimigo será o mais forte. Fuja dele sobretudo pela distração. Quando os maus pensamentos, os maus desejos lhe tormentam o espírito, afaste-os por um outro pensamento que lhe cativará a atenção e que afastará a idéia perversa. Às vezes, numa circunstância dessas, aconselha-se pensar no inferno, no céu; freqüentemente isso não surtirá nenhum efeito. É mais prudente, eu acho, pensar numa coisa atraente e que elimina mais facilmente a má impressão. Cita-se fatos muito belos de São Francisco de Assis, de São Tomás, de São Bernardo; para agir como eles fizeram, é preciso certamente uma inspiração especial. Em geral, lutemos de outra maneira. Deixemos o inimigo desdobrar tranqüilo e... tomemos posição em outra parte. Devemos estar muito atentos a esse princípio na direção espiritual. Imaginem um menino escrupuloso; não o deixem frente à tentação que o inquieta; não lhe sugiram meios espirituais, o Senhor fracassaria diante da força da tentação. Ensine-lhe a desviar o golpe, retirando-se. O que eu dizia sobre a tentação de desânimo, aplica-se de maneira mais certeira ainda à tentação contra a santa virtude. Depois de superá-la, depois de ter lutado, alcançou-se muito mérito aos olhos de Deus. Essas tentações robustecem a pureza e a castidade; proporcionam muitas graças.

São Tomás diz em algum lugar que vale mais ser homem do que anjo, pois o homem tem méritos maiores. No céu, os homens que tiverem combatido bem, estarão acima dos anjos, que menos mereceram por ter menos batalhado. Essas tentações, quando as encontramos num indivíduo, manifestam sempre que há nele com que fazer muitas e grandes coisas, importantes atos de generosidade, de virtude; e não somente a virude de castidade, mas também a dedicação, a generosidade e todas as outras vir-

tudes. Nunca, pois, a gente deve ter medo dessas tentações. Se elas são por demais difíceis e perigosas, peçam ao Bom Deus que os livre delas e depois mantenham-se tranqüilos; não tenham mais medo delas, o que quer que aconteça; não as considerem como uma maldição de Deus, mas pelo contrário como um meio que Deus lhes oferece para santificar-se, como um privilégio muito santo e divino por parte da bondade dele. Assim ele quer fazer com que o Senhor chegue mais certamente à santidade que ele solicita. Os santos também lutaram e combateram. Aceitem, pois, corajosamente a prova; mantenham-se humildes e submissos; aproveitem os meios indicados. Fujam da tentação, dirigindo o pensamento a outra coisa; ocupem-se, distraiam-se; escolham pensamentos que os interessam; leiam, estudem algo que os cativa a atenção e estarão livres. Lutar corpo a corpo é muito bonito; mas por que combater quando se pode evitar o inimigo? Por que gastar as forças inutilmente? Por que brigar corpo a corpo junto a uma baliza, quando a gente pode passar por outro caminho? Os meios que os teólogos dão, normalmente, são bons, sem dúvida. A oração - eu vou lhes dizer umas coisas talvez singulares - e os meios que, às vezes, alguns confessores dão a seus penitentes: jejum, meditações representam um remédio muito forte; precisa-se gente capaz de suportá-lo. Um tal regime supõe muitas qualidades que poucas vezes se encontram. Freqüentemente a vontade é fraca, os temperamentos, débeis; e muitíssimas vezes as pessoas que foram submétidas a esse regime - depois dessas rudes mortificações da carne e do espírito - sucumbem em quedas horríveis. Importa ser bem prudente com as mortificações na direção espiritual. Esta, entre nós especialmente, merece uma atenção e uma solicitude particular. Mais vale reservar as mortificações para o tempo de calma e de tranqüilidade. Eu não proíbo que a gente reze ao Bom Deus na tentação, nem que se mortifique, sendo inspirado para isso; mas eu digo, em termos gerais, que tudo o que é violento, é muito perigoso e que não se deve usar esses meios a não ser com muita precaução, com grande prudência. Usando muitas vezes esses meios e de um modo um pouco prolongado, eles cansam e diminuem as forças. O Bom Deus pode abençoar a intenção daqueles que fazem uso deles, mas certamente um homem experimentado e prudente, sabendo da fraqueza humana, não as empregará freqüentemente.

São grandes meios, importantes remédios. É um pouco como o medicamento famoso do Doutor Koch contra a tuberculose: cura os que não

mata. É preferível utilizar recursos mais suaves, não matar ninguém e salvar todo o mundo. Distraiam-se, pois, na tentação; rezem, mas uma oração curta e viva: um grito do coração a Nossa Senhora, ao Anjo da Guarda, alguma coisa suave e que inspira confiança. Invoquem os santos Padroeiros e ocupem-se em alguma coisa que lhes prende a atenção.

Nas tentações de orgulho, de amor próprio, humilhem-se suavemente aos pés de Nosso Senhor. Geralmente, a gente percebe pouco dessa espécie de tentações; ela se produz assaz raramente pela imaginação. O pecado do orgulho provém de um estado, de uma disposição de espírito, antes do que de uma tentação brusca e intensa. É um pecado que se comete freqüentemente sem percebê-lo muito.

Nas tentações de cólera, de impaciência, deve-se escutar a palavra de Nosso Senhor: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração..." (Mt 11,29). Dirijam-se a Nosso Senhor; mantenham o seu coração perto dele e serão vitoriosos.

Nas tentações de preguiça, quando se teme o esforço, o trabalho intelectual e físico, é preciso recorrer também ao pensamento em Nosso Senhor. Ele trabalhava e, para que nós o imitemos, ele nos dá a graça de afastar a nossa inação.

Para as outras tentações, vamos também a Nosso Senhor; ele nos ensinará e nos ajudará.

Quanto às tentações contra a fé, estas devem se tratadas exatamente como as tentações contra a castidade: pela fuga.

No céu como na terra, cada um dos santos tem o seu caráter, o seu temperamento particular que eles formaram pela luta contra as paixões e tentações. Nada das nossas misérias, por conseguinte, os surprende. Animemo-nos por este pensamento que muitos bem-aventurados tiveram que superar as tentações pelas quais nós passamos. Não nos lamentemos, peçamos-lhes que nos ajudem, e nós também seremos vitoriosos.

* * * * *

Devemos rezar fervorosamente pelo Cardeal Simeoni, o Prefeito da Propaganda, que morreu faz pouco. Sempre tem sido muito bom para nós. Que cada Padre celebre uma Missa em sufrágio dele.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 8 DE MARÇO DE 1892

O DEITAR-SE

"Os Oblatos, ao desvestir-se, mantenham quanto mais possível, o seu espírito atento ao assunto que servirá para a meditação."

O desvestir-se, ainda que seja muito comum, deve ser santificado como todas as outras atividades. São Francisco de Sales recomenda presteza; ele quer que se mantenha o espírito ocupado e atento ao ponto da meditação. É uma prática excelente, se a gente se lembra do ponto que foi lido. Se a gente não se recorda, em substituição eu aconselharia calorosamente um outro meio, sob todos os pontos de vista eminente, que e - nessa ação como em todas as outras - nos facilitaria o pensamento habitual em Deus e far-nos-ia ficar perto dele. Ao nos desvestir, como em todas as nossas ações, digamos: Deus quer isto neste exato instante; de momento, não posso fazer uma coisa mais perfeita, mais agradável a Deus do que aquilo que ele quer no momento presente. É essa vida que São Francisco de Sales deseja de nós, uma existência completamente submissa à Vontade de Deus, um viver cujos afetos, atos de vontade e ações se dirijam à Vontade de Deus. Por que não nos ocupar com esses pensamentos, enquanto tiramos a roupa? Certamente nós o faremos, tendo uma vida habitualmente de oração, de recolhimento, de união com o Bom Deus. Essa idéia até lhes será mais fácil algumas vezes do que tomar o ponto de meditação. É um meio eficaz que lhes recomendo. Ao tirar os sapatos, os carpins, a batina, a gente tem que fazer atos de amor a Deus, de perfeito e simples afeto para com a Vontade dele. Isso, eu repito, ajuda maravilhosamente; isso comunica verdadeira paz à alma; isso lhes favorece as funções de seu serviço, do ministério sagrado. O Bom Deus se compraz nesses atos quando feitos para ele. Ele se agrada com eles, pois nos mesmos encontra o reflexo da sua santa Vontade. Demo-nos conta da importância desses exercícios: a gente se deita, se levanta; de manhã a gente põe a roupa, à noite se desveste; faz-se a Vontade de Deus bem-querida; nada no mundo é mais perfeito. Sem dúvida, o pensamento sugerido no Diretório é excelente e tende ao mesmo objetivo, quer dizer fazer com que amemos a Vontade do Bom Deus; mas se essa multiplicidade de exercícios

do Diretório nos cansa a vontade, o espírito, é possível tomar o pensamento que eu indico, essa atitude de complacência com a Vontade atual de Deus: "Meu Deus, é isto que vós quereis e eu também!..." É uma coisa tão boa; acalma e tranqüiliza a pessoa profundamente e a une valiosamente com Deus. A gente deixa de lado o interesse pessoal para estar com Deus, e isso em tudo o que se faz. Quantas riquezas ao nosso alcance!

"Que eles sejam muito delicados em observar a honestidade e o santo pudor..."

Sejamos muito modestos e que cada um guarde cuidadosamente essa bela e santa virtude perante si mesmo e frente aos outros. Que se evite cautelosamente tudo o que possa ofender a honestidade e as conveniências.

Na cama, se lembrem de que Nosso Senhor e vários Santos dormiam no chão frio e de como estão obrigados a amar e servi-lo, pois a bondade amável dele lhes proporciona tão paternalmente as pequenas comodidades."

Reparem esse pensamento de São Francisco de Sales. Quando a gente se deita e vai dormir bem à vontade, experimenta-se um certo agrado natural, uma satisfação que, em si mesma, é bem permitida e à qual a gente não escapa. Será que o nosso Santo Fundador vai colocar, nesse momento de repouso, uma mortificação direta? Não, ele quer que nesse instante agradeçamos a paternal bondade de Deus, que nos dá tão generosamente todas as nossas comodidades e conveniências. Pensemos nesse momento que tantos outros não são tão beneficiados como nós, enquanto suportam problemas e privações; o próprio Nosso Senhor passou por estes. Os Santos se deitavam no chão.

Um dia, - assim contam as lendas dos primeiros séculos - os discípulos de São Pedro lhe perguntaram por que parecia tão emocionado, tão sensibilizado ao passar perto de árvores. São Pedro lhes respondeu: "Nunca passo frente a uma árvore sem pensar no meu divino Mestre durante suas predicações. Quando ele estava cansado, se deitava no chão e nós íamos cortar galhos de árvores e os estendíamos acima da cabeça dele a fim de que o sol não lhe fizesse mal." A essência do cristianismo é de relacionar tudo com o Bom Deus, tudo o que pode nos acontecer tanto o agradável quanto o desagradável.

"Que se comportem como se estivessem enxergando Nosso Senhor com os próprios olhos, pois, na verdade, ele os observa nesta ação como em qualquer outra."

Nosso Senhor está sempre conosco e perto de nós. Respeitemos a sua santa presença. Lembremo-nos também deste pensamento fecundo e salutar sobre a morte: que um dia estaremos também estendidos no túmulo; roguemos a Deus que nos assista na última hora. Esse pensamento na morte é muito recomendável, assim como o Diretório o indica, para nos dar garantia nas tentações e preservar contra as ilusões sugeridas pelo demônio. São Bernardo dizia: "Quando morti cogito, quasi cinis refrigesco" (Ao pensar na morte, apago como cinza). O pensamento na morte é bom; acalma a imaginação; aviva a resistência a Satanás; a tentação pode surgir no momeno de deitarmo-nos; com esse pensamento ela nunca será vitoriosa. O nosso Santo Fundador nos sugere também pensamentos e orações para a noite. Não é sem razão. Um terço de nossa vida passamos na cama. Se havemos de viver um certo número de anos, devemos diminuir disso esse terço. Se havemos de viver noventa anos, temos trinta para dormir; já é alguma coisa, é uma quantia considerável! Não percamos esse terço da vida; que não escape inutilmente, e para isso, saibamos santificá-lo pelas práticas do Diretório que encontramos no Artigo sobre o deitar-se.

"Que tentem adormecer sempre com algum bom pensamento."

Durante o sono podem nos sobrevir imaginações más, cuja lembrança talvez nos volte ao acordar. Talvez não seja um pecado para nós por não haver participação da vontade nisso, mas se ao deitar-se a gente não se desviou dos pensamentos maus, não tomou a precaução de purificar a imaginação, essas impressões poderiam ser mais ou menos culpáveis e isso seria para dizer na Confissão, conforme o caso. Mas se nos precavemos contra o demônio, se no meio das imaginações que nos assaltam e da perturbação dos sentidos, rezamos e nos apegamos a bons pensamentos e adormecemos com estes, não temos nada a nos censurar e, apesar de quaisquer esforços do diabo, seremos vitoriosos.

"Há um demônio que espia o acordar para encher a mente de mil cogitações vãs e inúteis."

O Diretórioparece não ser nada; não está repleto de citações dos Santos Padres, de raciocínios e conclusões teológicas; não tem apa-

rência de um tratado muito erudito de moral; na prática, é uma obra-prima de observação, de experiência e de juízo. O Secretário de Dom Mermillod, um Padre Beneditino, me disse: "São Francisco de Sales é o maior estrategista dos autores espirituais." Já era preciso que o bom Padre estava bem convencido disso para falar assim, pois naturalmente ele devia dar o primeiro lugar a algum escritor da sua Ordem. De manhã, uma quantidade de idéias, cogitações vãs e inúteis, vêm nos assaltar ao despertar-nos; elas esperam pertinazmente chegar até os nossos afetos, até a nossa vontade; é o demônio que espreita...

"Se Deus lhes dá a graça de acordar-se durante a noite, suscitarão imediatamente no coração as palavras: No meio da noite ouviu-se um clamor: Eis o esposo, ide ao seu encontro (Mt 25,6)**..."**

Lembremo-nos de todas estas palavras que São Francisco de Sales nos sugere, e os momentos de insônia não serão tempo perdido. É conveniente saber bem o texto dessas aspirações e invocações, de outro modo seria uma coisa vaga e indeterminada; quando sentimos a vontade de dormir de novo, elevemos nosso coração a Deus e adormeçamos com boas disposições. Não transformemos as insônias da noite numa meditação formal; não é essa a intenção da Regra e a gente não deveria fazê-lo sem necessidade. Não façamos esforço mental para lembrar-nos das inspirações; a noite nos é dada para o descanso e o sono. Que essas invocações nos ajudem a nos entregar a Deus e a descansar nele.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE MARÇO DE 1892

A PENITÊNCIA

Estamos na Quaresma. Precisamos aproveitá-la bem, segundo o espírito da Regra; devemos nos lembrar que somos Oblatos de São Francisco de Sales. As nossas ações terão muitíssimo mérito, se as realizarmos nesse espírito. Vivamos como Oblatos, não como Franciscanos, Jesuítas ou Cartuxos. De que maneira, pois, passaremos a nossa Quaresma? Certamente, se a saúde, as forças no-lo permitem, devemos observar a Quaresma primeiramente como todo o cristão deveria fazê-lo, a saber jejuando e mortificando-nos corporalmente. Isso seria bem de acordo com o espírito da Regra. Na época em que submetemos as nossas Constituições à aprovação da Congregação dos Bispos e Religiosos, o relator era um Padre Capuchinho que julgava que os Oblatos não faziam grandes mortificações e que, por causa disso, seria necessário que pelo menos a pregassem aos outros. E ele fez acrescentar no fim das Constituições este Artigo todo especial. Devemos, pois, tomar a peito esse ponto e aplicar-nos a isso, como as nossas Constituições estabelecem, tanto na pregação como na direção espiritual. Este ano a Santa Igreja deu uma dispensa geral do jejum e da abstinência. Nós também, de outro lado, quase não podemos aplicar-nos muito ao jejum e às abstinências consideráveis, por causa dos nossos trabalhos demasiadamente cansativos e por motivo da nossa saúde deteriorada e enfraquecida. Estamos obrigados, contudo, à mortificação. Mortificar-nos-emos, então, segundo o espírito de São Francisco de Sales. Todos os dias tomaremos a nossa cruz nos ombros e, com muita fidelidade, a carregaremos generosamente. A fidelidade, é essa a nossa mortificação da Quaresma. O professor, dando aula, tem suas cruzes, fadigas e contrariedades. Ele tem que lutar contra a má vontade dos jovens, contra a leviandade e ingratidão deles. Que ele dê aula no espírito de penitência, fazendo de bom grado todo esse esforço e essa mortificação. Que o vigilante faça o mesmo. Que nas outras ocupações cada um se aplique a andar no mesmo sentido e com a mesma mentalidade. Também o trabalho manual conhece o seu cansaço, as suas contrariedades e decepções; aí está uma penitência que se deve aceitar corajosa e generosamente, cumprindo-a per-

feitamente. Quando a gente jejua, quando faz abstinência, importa fazê-lo de forma completa. Nós também, em nossos serviços e encargos, acolhamos toda a dificuldade e mortificação na sua totalidade: aceitemos esse sacrifício; que seja bem inteiro e não admitido só parcialmente. A Quaresma, passada nesse espírito, produzirá muitos frutos espirituais: será como um bom retiro. Esse espírito de penitência é a base essencial da vida cristã. É preciso renunciar ao nosso espírito próprio, ao nosso orgulho, aos nossos defeitos; necessitamos submeter-nos e obedecer. Cristianismo é isso. É essa também a mortificação que nós, Oblatos, temos que fazer; é essa a penitência, essa a submissão, aceita com toda a fidelidade e generosidade possíveis, diante de toda a mortificação que se apresenta ao sermos contrariados pela vontade dos Superiores, pela tendência e o rumo da obediência. Nas coisas que independem da nossa vontade, em tudo o que nos acontece de problemático, de sofrido no serviço e fora das nossas ocupações, mesmo nas questões políticas, tudo o que temos que suportar, sofrer e agüentar, saibamos tirar proveito, façamos penitência; vivamos a nossa Quaresma através de tudo isso. Acolhamos o que Deu permitiu, exatamente porque o permitiu. Nas provações físicas, nos sofrimentos corporais, bendigamos a mão de Deus; claro que podemos procurar a cura, o alívio, mas aceitemos, no entanto, a vontade de Deus e o que ela permitiu. Ofereçamos esses sofrimentos, sejam quais forem, com a intenção de substituir o jejum e as abstinências que não podemos fazer. Lucraremos enormemente, agindo assim. Conseguiremos antes de mais nada o verdadeiro espírito religioso, esse espirito que acolhe as dificuldades, o sofrimento, a humilhação, com simplicidade e entrega total de si e da vontade própria, no silêncio e no amor; esse espírito que aceita tudo o que se encontra e o modo como se apresenta. Isto é próprio do religioso, sobretudo é o próprio do Oblato não fazer coisas vistosas, mas oferecer-se como o seu nome indica, "oblatus" (oferecido), do verbo offerre (oferecer), oferecer-se a cada instante, dia e noite, para fazer a Vontade de Deus.

Cada manhã, portanto, a gente deve aceitar e acolher antecipadamente as cruzes que se nos apresentarem durante o dia, os espinhos, os pregos, as humilhações que encontrarmos. Importa aceitar e levar a cruz todos os dias e seguir Nosso Senhor diariamente. "Nolite timere, ego sum" (Não temais, sou eu) (Mt 14,27). Diante de cada cruz, é preciso dizer: "Senhor, não recearei; Senhor, sois vós, eu vos reconheço." Eu in-

sisto muito nessa maneira tão simples, tão poderosa, tão heróica de aceitar tudo, de estar a cada instante desprendendo-se de si mesmo, das inclinações pessoais, da sua natureza, na qual consiste o âmago do homem não mortificado. Esse caminho é o mais seguro de todos para avançar rumo a Deus. Nosso Senhor, aliás, não nos ensinou outro; é esse o exemplo que ele nos deu. Seguindo por essa via, estamos certíssimos de chegar a Nosso Senhor, na cruz e no céu.

Tenhamos uma dupla intenção em nossas mortificações quaresmais. Lembremo-nos dos nossos irmãos ausentes, das nossas obras, das pessoas a nós confiadas, das almas do Purgatório, a fim de que os que estão longe e os que já partiram, para que todos os que, de uma forma ou outra, estão ligados a nós participem dos méritos e das graças que nós recebermos. A Boa Madre praticou essa penitência heroicamente toda a sua vida. Ela suscitava a admiração de toda a Comunidade, mortificando-se com uma força e uma coragem sobre-humanas. Imitemo-la. Estejamos bem atentos, não deixando passar nada sem tirar proveito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 30 DE MARÇO DE 1892

ADMINISTRAR SANTAMENTE O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

A Confissão é certamente um ministério sumamente elevado, em prol da santificação dos fiéis. Pio VII, na oportunidade de sua passagem por Troyes, disse ao Reitor do Seminário: "Dai-nos bons confessores e a Igreja estará salva." É uma coisa muito boa, toda a gente o reconhece. Certa vez, indo a Genebra, eu me encontrava na diligência com o filho de um dos principais ministros protestantes de Berlim. Nós discutíamos. Ele me fez objeções sobre o culto à Nossa Senhora, sobre a veneração dos Santos. Quase o convenci. Então ele me objetou a confissão. Eu lhe respondi. "Sim," disse ele no fim, " é uma excelente instituição, estou de acordo; ela é admirável e imensamente proveitosa. É uma pena que provém

de mãos humanas!" Íamos desembarcar, tínhamos chegado e infelizmente eu não pude continuar o diálogo e comprovar-lhe que ela se originava, não dos homens, mas sim de Deus.

"As sentenças que eles pronunciam com retidão na terra são ratificadas no céu."

Com retidão, juridica e legitimamente. Essa condição de legitimidade, de retidão é requerida para que a sentença seja ratificada no céu. Um julgamento que não seria dado com retidão, não valeria tampouco no céu, a menos que as boas disposições, a boa fé do penitente o justifique. Para absolver legitimamente, como nos ensina a teologia, é preciso não somente o poder da Ordem mas também o poder da jurisdição.

"Lembrar-se-ão que sua boca é o canal pelo qual a paz do céu chega no meio dos homens de boa vontade."

É preciso recordar vivamente que as nossas palavras no santo tribunal devem trazer a paz espiritual, e ao mesmo tempo não a perturbação, mas o temor de Deus para impedir ao pecador de recair nas suas faltas e para inspirar-lhe um receio salutar dos julgamentos de Deus, dos perigos a evitar, dos riscos que ele pode correr. Há, portanto, um dever duplo que se impõe ao confessor. É uma felicidade muito grande, então, como disse o nosso Santo Fundador, que nos é proporcionada. O poder de perdoar os pecados não foi dado nem aos anjos do céu. A conclusão que se deve tirar disso é que temos que aplicar-nos com o maior esmero a um ministério tão elevado; é preciso atender as confissões com retidão e de forma útil para as pessoas; é importante fazer acompanhar o serviço da confissão por orações, por estudos teológicos caprichados; a gente não deve nunca se aventurar, especialmente por afastar-se das linhas que a teologia indica. É um poder que não temos de ninguém aqui na terra, mas somente de Deus e da Santa Igreja, que restringe o nosso poder, fixando-lhe os limites e a extensão. Cada um deve saber antes de confessar o que deve e o que pode fazer. Deve estudar isso, pondo-se bem a par e, sobretudo, santificando-se a si mesmo para santificar os outros. O ministério da Confissão exige muitos conhecimentos teológicos. Além disso, deve-se confessar e dirigir espiritualmente segundo as doutrinas estabelecidas e autorizadas, conforme os princípios da Congregação. Tudo o que a teologia estabelece como proibido, evidentemente é proibido.

Quanto aos meios que a teologia propõe, como a oração e a fuga das ocasiões, essas são também de respeitar; é preciso conformar-se fielmente a isso. Além dessas linhas gerais, há ainda muita margem, muitas maneiras de aplicar na prática os conselhos e as instruções da teologia. Não é porque já se aplicou muita teologia prática, não é porque já se estudou muita teologia, que a gente deve considerar-se um bom confessor. Um bom médico não é aquele que sabe os nomes dos remédios a aplicar, mas quem sabe reconhecer a doença e aplicar precisamente o remédio necessário. É preciso consultar quando a gente não tem certeza; não se deve agir como bem entender; a gente tem que munir-se da verdade e da prudência. A gente estará segura todas as vezes que se seguirá o modo de fazer, a orientação, a linha de conduta do Instituto. Este é aprovado pela Igreja e dispõe da graça do estado para aplicar corretamente os princípios teológicos segundo os conhecimentos adquiridos e a prudência. Será que essas normas teológicas são bem compreendidas? Será necessário aplicá-las com rigor ou com brandura?... O que há de pior no mundo é um jovem teólogo, que teima sobre o que ele leu ou julga ter lido nos seus livros, que se fabrica sobre todos os assuntos sua doutrina nítida e determinada e que não duvida nunca. Isso é um perigo muito grande. É preciso seguir a orientação da Congregação, dada pelo Superior. Que ninguém seja seu próprio doutor, mas que siga a doutrina do Instituto que tem a assistência da graça para dar diretrizes. O nosso Instituto deve empenhar-se por seguir em tudo a doutrina de São Francisco de Sales, aplicando os princípios teológicos dele. Temos que agradecer muito ao Bom Deus por ser a teologia de São Francisco de Sales um caminho tão plano e seguro: "Iter planum ac tutum". Seguindo essa doutrina, a gente tem certeza de chegar ao bom porto. Mais felizes do que muitos outros, nós temos um só teólogo, a saber aquele que Pio IX intitulou de "Doutor Infalível"; ficando com ele não teremos que procurar à direita e à esquerda. Que os nossos confessores se compenetrem profundamente da doutrina de nosso Santo Fundador e da interpretação que lhe cabe... Certos intérpretes, de fato, o entendem de maneira bem oposta a nosso modo de comentá-lo; um determinado número de sacerdotes, e de muito bons Padres, falando sobre São Francisco de Sales, o põem completamente de lado, em muitas e muitas circunstâncias. Compreendamos São Francisco de Sales como o entende a Congregação e não temos nada a temer, nada a recear. É um grande benefício de Deus, meus Amigos, podermos estar tão seguros da

nossa doutrina.

"Eles terão uma grande nitidez e pureza de consciência, já que se dispõem a limpar e purificar a de outros."

A primeira coisa a fazer, antes de perdoar as faltas aos penitentes, é purificar-se dos pecados próprios. Vamos receber as confidências de pessoas que valem mais do que nós, que são mais inocentes e mais puras do que nós. Com antecipação, então, purifiquemo-nos devidamente pela contrição. Fiquemos muito humildemente aos pés do Bom Deus. A nossa palavra é o canal por onde vai passar a palavra de Deus; a água não pode passar pura e límpida por um canal lodoso, cheio de lama e detritos; a água então se contamina de miasmas contidos no leito do canal.

"Eles terão um ardente desejo pela salvação das almas e, particularmente, das pessoas que se apresentam à penitência. Pedirão a Deus que lhe seja de agrado cooperar na conversão e progresso espiritual delas."

É necessário termos esse zelo pela salvação das almas, esse desejo da pureza, da santificação, do avanço delas no amor do Bom Deus e dar muitíssima importância a isso. Façamos nós mesmos primeiro o que podemos fazer; rezemos pelos nossos penitentes e nossas penitentes; façamos sacrifícios com eles e para eles! Referindo-me a penitentes, estou falando sobre alunos. Um professor toma uma turma de estudantes a peito, ele se ocupa com eles, se interessa em tudo o que lhes diz respeito, ele os segue, tem êxito com eles. Os Senhores dando aulas ao deus-dará, os seus alunos não tirarão proveito. O mesmo vale para a Confissão.

"Eles cuidarão sobretudo de não usar palavras muito duras para com os penitentes..."

Na época, quando nosso Santo Fundador escrevia isso, toda a gente se confessava e os confessores empregavam às vezes palavras muito duras, bem amargas. Hoje em dia há menos perigo de cair nesse defeito. Mais facilmente o sacerdote agora seria obrigado a pôr-se a serviço do seu penitente, para inspirar-lhe a confiança e a coragem necessárias para confessar as suas faltas e reconhecer seus pecados integralmente. É um ministério mais de caridade do que de autoridade.

Pelo menos diante das crianças, lembremo-nos desta recomendação de São Francisco de Sales, junto às pessoas medrosas e fracas tam-

bém, nos países de fé onde todas as pessoas ainda se confessam; não abusemos da nossa autoridade, não tratemos ninguém com rudeza; iríamos, pois, contra a orientação do nosso Santo Fundador. Precisamos querer bem as pessoas. É uma condição indispensável e absoluta para ter êxito com elas. Mas só se deve amá-las espiritualmente. Temos que querer profundamente os penitentes e as penitentes, quer dizer estar-lhes inteiramente dedicados diante de Deus e por Deus, interessar-nos vivamente por sua união espiritual com Deus; fora desse afeto exclusivamente por Deus, toda outra ligação seria tremendamente ruim e perigosa. Um médico vinha outrora se confessar comigo. "Quando me formei," ele me contou, "eu fiz a promessa ao Bom Deus de nunca me prender aos doentes que eu ia atender; e tenho ido muito bem com isso, porque um médico que se liga aos seus doentes não é um médico, é um cachorro..."

A palavra desse médico me causou uma impressão que não se apagou mais, ele temia o perigo que há de prender-se a mulheres, dando-lhes uma atenção desproporcional no tratá-las. Ele sustentou a sua palavra. Não era um mau médico, pelo contrário; e isso não o impedia de querer bem os seus doentes e medicá-los com toda a dedicação. Nosso Santo Fundador nos dá a medida do afeto que devemos ter para com os nossos penitentes, é a medida da miséria, da culpabilidade, da ignorância deles. Observem como todos os que trataram da prepração à Confissão recomendam ao penitente que chamem o confessor de: Padre. É preciso ser pai, mas - de acordo com a observação que nos fazia o Padre Chevalier no Seminário - é preciso ser pai, e não mãe.

"Eles terão a prudência de um médico, pois também os penitentes têm as suas doenças e feridas espirituais."

Se a caridade é uma virtude tão primordial para o confessor, igualmente o é a prudência. A carência da caridade pode às vezes afastar o pecador, mas a falta de prudência pode acarretar muitos outros perigos. Pode despistar completamente e mesmo arruinar as pessoas. É imprescindível que o confessor seja muito prudente nas perguntas que faz e nos conselhos que dá. No que diz respeito às interrogações, observem fielmente a orientação recebida, a qual eu chamarei a doutrina do Instituto. Sejamos sumamente prudentes nas interogações. Faça-se perguntas quando necessárias e tanto quanto precisas; mas cuidando muito de não escandalizar ninguém, de não sugerir o mal aos que não o tem ou não o têm mais.

E, sobretudo, no que se refere a alguns assuntos delicados, sejamos fiéis a este princípio de teologia que - a não ser que a gente seja diretamente intimado a instruir - deve-se deixar na boa fé uma pessoa que, depois de instruída, em vez de um pecado material faria certamente um pecado formal. O Cardinal Cousset mo repetia muitas vezes. Quando a gente quer tomar o livro de teologia e aplicar em todos os casos os princípios, sem considerar a ignorância, a boa fé, a fraqueza, e uma quantidade de circunstâncias, comete-se grandes besteiras e a gente impede às vezes que as pessoas se salvem. Alguns fizeram muito barulho por motivo de certas respostas de Roma, referentes às interrogações a serem feitas sobre certas questões. Essas respostas são muito certas e razoáveis, mas elas não enfraquecem de forma alguma a norma da teologia da qual falávamos há pouco. Precisa-se interrogar quando a circunstância o requer, mas deve-se perguntar prudente e discretamente; quando a gente não é diretamente intimado a dar instruções - o que perfeitamente pode acontecer - é preciso saber respeitar a boa fé do penitente ou da penitente, quando existem receios fundados de que as conseqüências de uma interrogação demasiada clara seriam funestas. Não convém atacar estes ou aqueles confessores que julgam necessário e bom que se faça perguntas à porfia, que se instrua a cada passo, a torto e a direito.

Deixemos os outros fazer como entendem e nós mantenhamo-nos reservados. Uma coisa que eu lhes proíbo terminantemente e o que não presta mesmo é se meter no ministério da Confissão, relativo a uma pessoa que não nos diz respeito, como também fazer interrogações sobre a vida privada e as coisas do lar ou de tentar dirigir a vida familiar a seu gosto, à sua fantasia. Além dos conselhos dos quais a pessoa que se confessa realmente precisa, a gente não deve intrometer-se nunca na direção a não ser da consciência. Nunca o confessor deve assumir a autoridade do marido ou a do pai em relação à mulher e aos filhos. É um ato insensato, é contrário a todas as normas da sabedoria e da prudência. A gente vem confessar-lhes os pecados; as pessoas vêm pedir-lhes a absolvição dos erros e os meios de evitá-los, vêm à procura da prática das virtudes e da fidelidade a todos os deveres; não temos nada a fazer, nem a dizer na Confissão além disso. Observem cautelosamente essas normas, e as confissões que os Senhores atenderem terão um resultado excelente, não somente para os penitentes, mas também para o Senhor, o confessor. O venerando Padre Bourbonne, o capelão do primeiro Mosteiro da Visitação

de Paris, que era realmente um grande santo, tinha encontrado no confessionário um de seus grandes meios de santificação. Ele praticava a mortificação com o fim de oferecer almas ao Bom Deus e ele conseguiu dirigir santamente a Deus uma grande quantidade de pessoas na vida religiosa e no mundo. E ele mesmo tinha-se tornado verdadeiramente um apóstolo e um santo.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE ABRIL DE 1892

A SANTA COMUNHÃO

"A intenção principal que os irmãos devem ter na Santa Comunhão precisa ser a glória de Nosso Senhor e a união com ele."

A união com Deus é a idéia condutora do nosso Instituto. Devemos estar unidos com ele primeiramente pela graça, por nosso amor, e esse amor, essa união devem estar presentes em todas as nossas intenções, em todos os nossos atos. Não os realizamos sozinhos, somos ajudados por ele, e exatamente ao aproximar-nos dele é que obteremos a força de vontade que nos é necessária.

Dediquemo-nos, Irmãos e Padres, a todas as práticas que estão indicadas ali. Pensemos na Santa Comunhão, na Santa Missa desde o dia anterior; não nos deitemos sem ter refletido nesse pensamento. Ao acordarmo-nos, disponhamo-nos a esse grande acontecimento à frente. Os sacerdotes que recebem a Santa Comunhão todos os dias deveriam fazer da Santa Missa o tema permanente de suas meditações, e estas precisariam ser perpétuas. Eles têm outras obrigações para atender, mas é necessário que pelo menos essa idéia da Santa Missa, da Santa Comunhão predomine e vivifique todos os outros pensamentos. Seria, então, uma coisa excelente preparar-se mentalmente à Santa Missa, à Santa Comunhão, a noite anterior. De manhã, durante a meditação de preparação ao dia, podemos pedir ao Bom Deus que nos conceda o maior número possível dessas inúmeras gra-

ças que estão ligadas ao Santo Sacrifício. Se a preparação próxima é muito necessária, a preparação remota não menos o é, pois acarreta grandes frutos. Observem tudo o que São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo colheram ali. Este guardara o costume de preparar-se a todas as suas Missas com tanto cuidado quanto à sua primeira. Ele o fazia toda a sua vida. No que diz respeito à Santa Comunhão, à Santa Missa, é uma doutrina, uma prática do nosso Santo Fundador, a qual temos que conservar. O nosso Santo Fundador não queria nunca que se recebesse a Santa Comunhão sem preparação. A Comunhão sem preparação pode, de fato, tornar-se um ato sem efeito, até mesmo prejudicial.

É abuso das graças. O Bom Deus se retira. Muita gente grita, com toda a força, no sentido contrário, eu sei: "Comunguem, comunguem; quanto mais freqüentemente comungarem, mais valerá." Acreditem na minha longa experiência e também no ensinamento da teologia. A Comunhão freqüente é uma coisa excelente que oferece os resultados mais felizes, mas sob uma condição, isto é, que ela seja precedida de uma séria preparação. O venerando Padre Roger nos repetia no Seminário: "Convém comungarem freqüentemente, mas é preciso também que façam uma boa preparação. Querem comer a miúdo e muito; isso é bom tendo um estômago forte, senão a comida os sufocará ou os tornará doentes." Os nossos professores no Seminário nos ensinavam a nos aproximar da Santa Comunhão tanto mais santa, quanto mais freqüentemente. No Seminário Maior, já perto das Ordenações ou com Ordens Sagradas já recebidas, comungávamos quase todos os dias, mas também, olhem, com que preparação. Com que fervor fazíamos à noite a Visita ao Santíssimo Sacramento, de manhã a nossa meditção; com que atenção, sobretudo,assistíamos à Santa Missa. Depois da Comunhão, como prolongávamos a ação de graças e durante o dia quantos exercícios piedosos para não esquecer o grande acontecimento da manhã e não deixar Nosso Senhor sozinho em nós! Sem todos esses cuidados, eu repito, a Comunhão pode tornar-se um perigo. Não se deve admitir os religiosos, nem tampouco os simples fiéis, a uma Comunhão freqüente, quando não se preparam para ela. Quando se aprontam verdadeiramente, aí é outra coisa. Para conceder Comunhões mais ou menos freqüentes deve-se, portanto, considerar as dificuldades, as tentações, os resultados que se pode alcançar. A Comunhão diária é sumamente louvável, mas só se deve recomendá-la com muito grande discrição. Para a Comunhão de oito em oito dias, é preciso, diz o nosso Santo Fundador, que não se tenha apego nem ao pecado

mortal nem ao venial, como por exemplo à mentira, à gula, à maledicência. É bom dispor os fiéis à Comunhão mais freqüente, mas se deve exigir deles as condições necessárias para que essas Comunhões sejam boas e úteis, que sejam verdadeiramente atos de respeito e de amor para com Nosso Senhor.

Para nós, sacerdotes, que comungamos, rezando a Santa Missa, há uma outra questão a considerar. A graça da Comunhão, pois, não diz respeito somente ao sacerdote mas a toda a Santa Igreja. Cada vez que o Santo Sacrifício é oferecido, é uma homenagem prestada a Deus e se trata da glória dos Santos, da salvação da terra e de toda a criatura, é a aplicação dos efeitos da caridade divina. É muito desejável que esses grandes efeitos sejam produzidos o mais freqüentemente possível. Essa consideração, evidentemente, não deve permitir ao sacerdote que reze a Missa, que comungue sem preparação, mas ela pode ser uma consolação nas suas fraquezas e ela deve ser sobretudo um encorajamento a dispor-se do melhor modo possível, já que ele deve celebrar e comungar tão freqüentemente, sendo que por esse ato tão prodigioso ele dá honra a Deus, alegra os bem-aventurados, alivia as almas do Purgatório e proporciona graças preciosas à toda a Igreja. Preparemo-nos bem, portanto, à Santa Missa, à Santa Comunhão. Em nossos pensamentos da véspera, nos da noite e naqueles da manhã, nos do dia inteiro, lembremo-nos do altar sobre o qual oferecemos ou ofereceremos Nosso Senhor a seu Pai; estimulemo-nos a sentimentos de adoração, de agradecimento e peçamos as graças que nos são necessárias. Ofereçamo-nos a Deus; é uma oblação espiritual muito agradável a Deus e que devemos renovar sem cessar. Isso faz bem espiritualmente. Dê-me um sacerdote, um religioso, que celebrou bem sua Missa de manhã, que se lembrou, no decorrer do dia, a grande ação da manhã e a renovou de algum modo, oferecendo-se em sacrifício espiritual e aí está um sacerdote excelente que produzirá grandes frutos e operará maravilhas em si mesmo e nos outros. Era essa a grande devoção do venerando Padre Cardot, isto é, rezar bem a Missa. Ele o fazia de modo mais edificante; durante o dia ele se lembrava das intenções pelas quais tinha rezado de manhã. Ele encontrava ali uma força muito grande e graças abundantes. A Missa era para ele verdadeiramente o "juge Sacrificium" (Ez 46,14), o sacrifício perpétuo e contínuo. Quanta força está à disposição nas tentações, nas fraquezas, nos desânimos, tendo Deus tão próximo de si! Cada sacerdote recebe ou pode receber na Santa Missa graças imensas, cujo

efeito pode ser durável e profundo. Cabe a nós conservá-las, perpetuá-las e reavivar-lhes a recordação, lembrando-nos delas, vivendo disso durante o dia. Nosso Senhor veio de manhã em nossas mãos, em nosso coração; peçamos-lhe que volte de novo: "Veni, Domine Jesu! (Ap 22, 20) (Vem, Senhor Jesus!) É um meio poderoso de santificação e de união com o Bom Deus; é um dos meios mais fáceis para manter a vida sobrenatural em nós. Santo Afonso de Liguori se expressa de um modo comovente e bonito a respeito. Quando ele era ofendido, ele o aceitava lembrando-se de Nosso Senhor que ele tinha recebido de manhã; ele acolhia assim as provações, os sofrimentos, as contradições. Ele deixou nas suas "Visitas ao Santíssimo Sacramento" fórmulas bem admiráveis de comunhão espiritual. Convém que tenhamos gosto em repeti-las. Digamos muitas vezes também: "Veni, Domine Jesu! (Ap 22,20) (Vem, Senhor Jesus!) É com isso que se termina a Sagrada Escritura; deve ser a palavra única e última de nossa vida.

"Depois da Comunhão, observemos Nosso Senhor como sentado no trono de nosso coração e lhe apresentemos, um por um, nossos talentos e sentidos para recebermos as recomendações dele e lhe prometermos fidelidade."

Esses pensamentos e piedosas aspirações que o nosso Santo Fundador nos sugere são muito agradáveis ao Bom Deus. Mane nobiscum, Domine (Lc 24,29) (Ficai conosco, Senhor). Quando Nosso Senhor ouviu essa palavra da boca dos discípulos, ele a atendeu; atende-a ainda quando nós a repetimos para ele. Mais uma vez, todas essas aspirações são muito bonitas, muito bem escolhidas; elas acarretam uma graça toda particular, pois são palavras da Sagrada Escritura; era, aliás, a prática do nosso Santo Fundador. Ele se santificou assim e recomenda-nos atuar como fazia ele próprio.

"Os sacerdotes recomendarão as intenções indicadas na hora do Memento dos viventes."

Em nossos mementos durante a Santa Missa, convém termos a nossa pequena lista, a fim de dirigir bem as nossas intenções, como indica o Diretório, e não esquecer nada do que devemos pedir a Deus. A oração feita de um modo geral é muito boa, mas a oração realizada por intenções particulares também tem um efeito especial. Por isso ela é recomendada

pela liturgia, pelas Regras religiosas. A Igreja que liga uma tão grande importância à oração geral não quer, pois, que se negligencie a oração especial; ela dá-lhe muito grande importância; ajamos de acordo com essas intenções. Ponhamos cuidadosamente em prática esse capítulo.

Vamos entrar na Semana Santa; vamos celebrar a lembrança da instituição da Santa Eucaristia: comunguemos e celebremos a Missa, renovando-nos o fervor. Participaremos assim das graças ligadas a essas grandes solenidades. Na Quinta-feira Santa, na festa do Santíssimo Sacramento, obteremos muita fé, uma grande devoção referente à presença real de Nosso Senhor.

Levemos zelosamente os fiéis também a essa devoção pela presença real. Todas as devoções são boas, mas aquela a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento o é mais do que qualquer outra; é a religião inteira; é um meio sumamente eficaz de santificação; é um recurso fácil e divino de união íntima com Deus, de união perseverante e cheia de generosidade.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 11 DE MAIO DE 1892

A ADMINISTRAÇÃO DO SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

Vamos falar ainda sobre a maneira de administrar bem o Sacramento da Penitência. O nosso Santo Fundador recomenda a caridade para com os penitentes, a amabilidade perante as pessoas pecadoras. Também recomenda termos a prudência de um médico. Essa circunspeção se refere a duas coisas: as interrogações para fazer e os conselhos a dar. As perguntas devem ser feitas com a máxima cautela. Todos os teólogos ensinam que uma lei ignorada de boa fé, não obriga. Quando um penitente está com boa fé e a gente está moralmente certo que por esclarecer mais não se obterá a obediência à lei, mas que somente se afastará uma pessoa dos Sacramentos, então a gente se encontra diante de uma questão

delicada que requer orações e prudência. E nesse caso, se não existe obrigação, se a gente não é intimada claramente a interrogar, não se deve fazê-lo ou então fazê-lo de forma geral. Eu sei bem que nestes últimos tempos, Roma sendo consultada se se devia fazer ou omitir certas perguntas, respondeu que se devia perguntar. Em Roma responderam como deviam responder. Mas a resposta de Roma não desfaz nada do princípio teológico de prudência e de sabedoria que eu acabo de mencionar. Um certo número de sacerdotes jovens, apoiando-se nessa resposta que se deve interrogar, crêem que se deva fazer perguntas a cada instante e sem levar em conta a boa fé e as conseqüências de um esclarecimento fora do propósito.

A resposta de Roma não muda nada dos princípios e dos modos de agir de antes. Pergunta-se a Roma: "É preciso perguntar?" Roma responde: "Deve-se indagar." Claro que um confessor que tomaria como norma de conduta: "Nunca interpelar sobre certos assuntos", mesmo quando o penitente for ao encontro de uma pergunta dessas, mesmo quando o confessor souber ou suspeitar que exista ali uma falha da qual ele pode esperar a correção, esse confessor, mesmo antes da resposta de Roma, teria procedido muito mal. Se tivessem perguntado a Roma: "Deve-se obrigar o ladrão a restituir?", Roma teria respondido: "Deve-se obrigá-lo." Se tivessem perguntado: "Uma pessoa está na ocasião próxima de pecar, o que se deve fazer?", Roma teria respondido: "Deve-se eliminar a ocasião". Essa resposta é para os sacerdotes imprudentes que tinham por princípio "Nunca perguntar sobre certos assuntos". Deve-se interrogar quando é preciso e como é necessário e não interpelar quando não se deve. os princípios da Igreja não mudaram. O Cardeal Gousset que eu encontrava muitas vezes, pelo menos uma vez por ano, com quem eu gostava de falar sobre teologia, era completamente dessa opinião e ma repetia freqüentemente. Um dia até me disse a respeito: " O que estou vos dizendo, não afirmo somente como teólogo, mas vo-lo digo como Cardeal da Santa Igreja: é a opinião do Papa e da Igreja".

Quando há indicação que o penitente está com boa fé, uma boa fé que o preserva pelo menos do pecado mortal e quando há razões de temer que uma interrogação precisa o induza a fazer um pecado formal e grave de desobediência, não o interroguem ou interroguem-no de um modo mais geral.

Deve-se respeitar a lei, está certo. Se um penitente lhe faz

uma pergunta sobre uma obrigação, uma lei, o Senhor não lhe pode dizer que ela não existe. Mas se ele não lhe pergunta nada, se ele ignora a existência ou a gravidade dessa obrigação, por que, então, carregar imprudentemente a sua consciência com um peso que ele não agüentará: Lex dubia non obligat (Uma lei duvidosa não obriga), menos ainda lex ignota (uma lei desconhecida). Sejam, pois, muito reservados nas perguntas que fizerem, principalmente com relação ao sexto mandamento, sobretudo perante penitentes esclarecidos; os Senhores chegariam talvez a colocá-los muitas vezes no estado de pecado grave formal, de revolta quiçá contra os Sacramentos e a doutrina da Igreja, em vez de reconduzi-los. Tenham paciência. Deus espera com muita paciência. Mais tarde, esforçando-se por conduzi-los a uma vida mais seriamente cristã, indo com eles lenta e prudentemente, enquanto rezando muito a Deus, os Senhores chegarão mais calma e mais seguramente. Deus esclarecerá e dará ao mesmo tempo a força de obedecer. Os Senhores estarão atentos, aguardando prudente e sabiamente o momento da Providência, e quando o amor de Deus estiver bem estabelecido no coração, discernirão o momento oportuno em que se deve apresentar a luz. Quando se deve fazer perguntas, é preciso lembrar-se ainda de que só se deve interpelar com suma prudência, sobretudo em questões referentes ao sexto mandamento, especialmente também nos assuntos de justiça, o que não é uma das coisas mais fáceis. É às vezes muito melindroso. Um pai fez fortuna por meios injustos; seu filho, sua filha vêm confessar-se; o Senhor iria dizer a eles como fazia outrora o bom pároco de A...?

- O seu pai não pode ficar com esse dinheiro, nem você aproveitar dele.

- É um assunto muito delicado e bem difícil! E, de resto, nesse caso, a quem restituir? Eis um dinheiro mal adquirido; se eu o restituo, é a um homem que mantém casas de perdição e que aumentaria a sua indústria, aproveitando-a para fazer mais mal ainda. Agora ele está apertado nos seus negócios e não faz muito escândalo."

Diante disso o bom pároco pondera:

- Neste caso deve-se fazer boas obras com isso.

- Quais?

- Vou lhe dizer.

- Em outras palavras?

- É preciso dar-me a mim esse seu dinheiro.

- Obrigado pelo conselho, Senhor Pároco, a sua autoridade pára por aí; não farei nada disso.

E o Pároco excomunga a sua penitente; isso não lhe impediu de se tornar religiosa num convento de clausura. Mas ela recusou entregar-lhe o seu dinheiro para ele fazer o que pretendia e ela teve razão. Não me cabe examinar aqui o emprego que se devia fazer desse dinheiro ou se a Irmã devia restituir esse dinheiro mal adquirido àquele para quem ele teria significado um lucro, apesar da sua infeliz e imoral profissão. Existem ali perguntas bem delicadas e difíceis as quais o bom Pároco resolvia com um tanto de rapidez demasiada. Em geral, nas questões de justiça, deve-se fazer restituir cada vez que for possível. Muitas vezes também o meio mais simples é mandar dar esmolas. Mas não é muito delicado dizer: "Dê-me isso". Os bens mal adquiridos pelos pais representam uma questão muito grave e séria. Nesse caso é preciso pedir conselho, recorrer a Roma, se for necessário, ou a seu Bispo, contanto que ele não tenha a consciência muito larga e não esteja propenso a responder: "Dê-me isso a a mim". Consultar Roma, em todo o caso, seria mais seguro; poder-se-ia estar certo de que a solução seria dada dentro de estrita justiça, pois o poder do Papa se estende também num certo sentido sobre o temporal. Cabe ao Papa dar a decisão nos casos desse tipo. E nós de modo algum jamais diremos: "Dê-nos isso". Teologicamente falando, nos casos dessa natureza, o Bispo não tem mais direitos do que o próprio confessor. Só o Papa tem o direito de transportar o domínio, de confirmar o direito que não está seguro, de determinar o verdadeiro possuidor e a sua sentença deve encontrar acatamento. É óbvio que não se deve escrever a Roma por ninharias, mas se se trata de um assunto muito importante é preciso recorrer a Roma.

Nos conselhos que os Senhores dão no confessionário, respeitem e façam sempre respeitar a autoridade. O Bispo deve ser o Mestre na sua diocese, o Pároco na sua paróquia, o pai de família, o esposo em seu lar. São essas as autoridades e sempre se deve puxar para a obediência à autoridade, para o respeito da autoridade. Ao atender confissões nunca se deve dar razão ao espírito de revolta, levar um Pároco a agir contra o seu Bispo, uma esposa a atuar contra o marido; os filhos, contra o pai. Deve-se, por conseguinte, também evitar cuidadosamente de tomar o lugar da autoridade legítima e de usurpar a autoridade do mari-

do à esposa, a do pai ou da mãe aos filhos. Sempre se deve agir com suma prudência, de modo que não se diga: "Olhem aí um confessor que deu tal conselho, ferindo a autoridade. Ordinavit in me caritatem (Cant 2,4). É preciso ser reservado e ensinar aos outros a conservar bem a ordem entre a caridade e a obediência. Eu me lembro de um bom Pároco da diocese de Sens, que era famoso no Seminário de Troyes. Ele era surdo como uma porta. Era, não obstante, o melhor homem do mundo, mas sempre contrariando o seu Bispo. Era espirituoso, tinha meios e achava sempre que o Bispo não colocava bem os seus Párocos. O Bispo de Sens tinha se irritado, tinha o repreendido e o bom Pároco censurava muito asperamente o seu Bispo, tanto e tão bem que tinha escrúpulos e grandes problemas também, pois nenhum Pároco da vizinhança queria dar-lhe a absolvição. Ele vinha, pois, ao Seminário de Troyes, onde ninguém apreciava muito a visita dele. A gente o ouvia de uma ponta do Seminário à outra: "Eu venho procurar a absolvição. Oh, mas certamente o Senhor me absolverá, sim... Aqui não é como entre nós!..." E se ouvia ele gritar: "Olhem o que faz o Bispo!..." E isto mais aquilo... Ouviu-se a ele rindo às gargalhadas sobre isso. O bom Pároco, evidentemente,
não estava para sustentar essa luta que tinha empreendido.

Suponham uma mulher casada; ela tem um marido mau. Deve-se aproveitar bem o pensamento do nosso Santo Fundador. Que essa mulher considere o seu marido do lado bom: há sempre algum aspeto bom: a honestidade, a generosidade ou algo assim. Há algo de bom em alguma parte. Exortem a ela que tenha paciência e não recriminem ou falem sobre religião a torto e a direito.

Olhem uma filha com relação à mãe. Esta é exigente. Que a filha se submeta docilmente e obedeça todas as vezes que a Lei de Deus não esteja em jogo. Que ela aprenda a dobrar o seu caráter, a dominar o seu humor. É assim que a gente se santifica; é uma prova que o Bom Deus permite e essa acabará num bem maior. Preguem e dirijam sempre bem nesse sentido. Do mesmo modo entre irmão e irmã, entre membros da mesma família. Nas comunidades religiosas deve-se igualmente conduzir todos os irmãos, sacerdotes ou não, a este grande princípio do respeito e da obediência à autoridade. Tudo o que se diria ou sugeriria contrário a isso seria uma coisa má e desprezível. Sejam sempre partidários dos meios da prudência e da amabilidade. Procurem pôr toda a gente no bom caminho, que é o da obediência. É um ponto muito importante. Nunca dêem

razão contra o Superior. Tentem antes explicar, justificar a conduta dele; pelo menos imponham o silêncio e o respeito. O Superior é o representante de Deus; é essa a consideração preponderante que deve dominar todas as outras. Se no seu agir, de fato, houve alguma coisa censurável, suavizem-no, apazigüem, convidem a suportar isso por caridade. Quando os Senhores encontram um religioso, uma religiosa que está fora da obediência, que recusa cumprir os seus votos, não façam como certos Párocos que se apressam em absolver e em fazer comungar quanto mais possível. Um religioso ou uma religiosa que romperam com a obediência, a quem pertencem eles? Não é aos Senhores; não podem dar-lhes os Sacramentos. Deve-se recorrer ao Bispo. Saibam que tais penitentes não lhes cabem. Dêem bons conselhos; esforcem-se por apaziguar a situação; tudo o que Senhores fizerem, façam-no apropriadamente in ordinem ad salutem et caritatem (visando muito o bem espiritual e a caridade).

O Pároco na sua paróquia tem também uma autoridade real que se deve respeitar e fazer respeitar. O Vigário e o sacerdote forasteiro na paróquia não têm a autoridade do Pároco e não devem usurpar funções e nem alimentar entre as pessoas revolta contra essa autoridade por falta de respeito pela mesma.

Deve-se observar conscienciosamente tudo o que convém. Precisa-se prestar muita atenção à situação das pessoas que se confessam, às suas diversas obrigações particulares e especiais.

Vejam, por exemplo, uma Irmã de caridade que vem se confessar com o Senhor. Ela lhe diz: - Padre, venho lhe pedir a sua opinião. Acabo de herdar de um membro de minha família uma certa quantia de dinheiro; nós não fazemos voto de pobreza; eu posso dispor dos meus bens; o que devo fazer com isso? Eu gostaria dá-lo ao Senhor..."

- Muito bem, mas peça licença para suas Superioras.
- Minhas Superioras certamente me dirão que não.
- Pouco importa, mas pergunte às suas Superioras. A Senhora não fez o voto de pobreza, sem dúvida, mas fez o voto de obediência e essa ação recai no seu voto de obediência.

Lembrem-se que há dois grandes princípios que não se pode transgredir: o princípio de justiça, primeiramente, depois o de prudência. Que o Senhor nunca exerça sobre o seu penitente uma influência, uma ação que possa desviá-lo da obediência, da submissão aos Superiores legítimos, sejam quais forem.

Especialmente nas comunidades da Visitação deve-se ser fiel a essa norma de conduta que combina, aliás, com a de todos os teólogos, de todos os Doutores, de todos os cristãos. Um confessor tem um papel muito importante a desempenhar numa comunidade de Visitandinas. Ele é mais do que ninguém o depositário de graças imensas da Confissão e da Comunhão. Eis por que, nos decretos promulgados nestes últimos tempos, Roma afirma os direitos do confessor nas comunidades religiosas e põe termo a certos abusos que estavam implantados em certas Congregações; não na Visitação, eu acho. O confessor tem o direito sobre a Confissão e a Comunhão, e só ele. Mas ainda nisso deve-se muito levar em conta a Regra, as Constituições. Se a Regra diz que as Irmãs comungarão três vezes por semana, é preciso que o confessor leve em conta a Regra e que não se afaste dela, a não ser por razões sérias. Não convém tampouco que ele deixe escapar este ato da Comunhão ao benefício e às graças da obediência religiosa. Que as Irmãs da Visitação peçam à Superiora a permissão de fazer as Comunhões que o confessor tiver julgado por bem lhes conceder, a fim de que o benefício da obediência religiosa não seja posto de lado num ato tão importante. Eu não gostaria que alguém dentre os Senhores agisse jamais diferentemente e se desse o ar de querer talhar e cortar a seu capricho numa Regra e em Constituições dadas por São Francisco de Sales e aprovadas pela Santa Igreja; eu não gostaria especialmente que alguém dentre os Senhores tentasse jamais trocar a sua autoridade pela da Superiora. Uma Irmã lhes pede uma Comunhão a mais do que previsto na Regra e a praxe: "Sim, eu estou plenamente de acordo, mas a Senhora avisará a sua Madre..." De outro modo, haveria um confessor que modifica a Regra: ele se faz, pois, tanto quanto o nosso Santo Padre, o Papa!

Para permitir a uma comunidade mais Comunhões do que fixadas na Regra, o confessor prudente se entenderá com a Superiora; preocupar-se-á com a Regra e os costumes; ele combinará com a Superiora quanto mais possível e não mandará, por imprudência ou capricho, esta ou aquela Irmã todos os dias à Comunhão, menos ainda tal Irmã que é uma bastante triste religiosa e pessoa pouco exemplar, enquanto as outras Irmãs não comungam. Da mesma forma, o confessor não irá dizer irrefletida e imprudentemente a uma mulher casada: "Vá à Missa todos os dias, faça tais exercícios de piedade, receba estas Comunhões, faça aquelas penitências; não faça tal ou tal passeio; receba ou não receba determi-

nada pessoa. O confessor não tem que se meter nos detalhes da vida caseira. Às vezes se interpreta muito erradamente o decreto da Sagrada Congregação referente à Comunhão e a prestação de contas. A Boa Madre Maria de Sales nunca fez coisa alguma em sua vida que fosse contrária ao espírito e à letra desse decreto que nem estava ainda promulgado. Nunca impediu que uma Irmã comungasse, a menos que esta tivesse uma falta grave e pública. Quando podia, ela pedia sempre com antecipação o parecer do confessor. E eu não dava nunca uma Comunhão extraordinária a uma Irmã, sem que esta submetesse esse ato de devoção à obediência. Quando a Boa Madre desejava que as Irmãs tivessem uma Comunhão a mais, ela vinha sempre pedi-la a mim. Esse bom entendimento recíproco é necessário e sem ele não se chega a nada. Observem, pelo contrário, os tristes resultados colhidos por esses confessores imprudentes que aproveitaram de uma interpretação errônea do decreto para partir em campanha: "Nós é que somos os encarregados! As Superioras não têm nada a ver a respeito!" E os pregadores ambulantes entraram em ação, censurando asperamente a autoridade e a obediência. Será que o Bom Deus pode abençoar isso? E que desordens em certas comunidades!

Há uma graça geral nos Sacramentos que é igual para os religiosos e para os fiéis; mas há além disso para os religiosos uma graça especial que os Doutores, que os Padres da Igreja chamaram a graça da comunidade, a graça da vida religiosa, graça mais íntima, mais completa, que a pessoa que participa dos Sacramentos recebe a mais, devido à intimidade com Nosso Senhor que a vida religiosa oferece. Será que o confessor é o canal indicado para comunicar essa graça? Não, ele não tem a graça de estado para isso ou então ele o fará somente à medida que sintonizar com a Regra, a Superiora, com o espírito da comunidade e do Instituto e na proporção de que ele ajudar, de acordo com o sentido da vida religiosa, a aplicar essa graça da comunidade, do que é comum, como diz São Francisco de Sales. Não é ele que, como confessor, está investido da comunidade; a graça reside na própria comunidade, em todo o conjunto das Regras e da vida, especialmente na união com a Superiora. Mas o confessor, não participando dessa visão e não fazendo parte dessa união, não tem a sua graça própria; talvez a tenha como ajudante, mas não na qualidade de confessor. Ela não lhe pertence propriamente. A ele compete a graça do Sacramento, mas não tem essa outra graça mais íntima, a não ser por sua identificação com a comunidade e com a Supe-

riora. O confessor que compreende o seu papel é um ajudante preciosíssimo para uma comunidade. Ele é o anjo de Deus, o anjo visível, porque ele acompanha as pessoas no caminho traçado pelas Regras e Constituições. Muitas vezes se lançou em rosto dos confessores da Visitação que eram máquinas de absolvição. Quando eu fui enviado à Visitação, um dos meus amigos me disse isso: "Você é uma máquina de absolvições..." Isso me incomodou um pouco... Estávamos passando atrás do quartel, perto da rua da Torre Boileau... Eu respondi ao bom Padre Lerouge: "Sim, eu sou uma máquina para comunicar as graças do Bom Deus!" As pessoas piedosas e sobretudo os religiosos, as religiosas precisam de confessores muito piedosos e sobretudo muito sérios e prudentes. As almas piedosas, os religiosos e religiosas gostam muito dos confessores religiosos, sobretudo aqueles cujo espírito é conforme ao seu, porque são sábios, sabem melhor compreender os deveres, as obrigações, o sentido da vida religiosa e verdadeiramente cristã. Vejam como a gente gosta de confessar-se com os Jesuítas, com os Capuchinhos. Será porque eles lisonjeam os seus penitentes e as suas penitentes? Não, mas os encorajam, os sustentam, sintonizam com a vida deles. As Irmãs Dominicanas apreciam mais do que ninguém os confessores da sua Ordem, porque o espírito é o mesmo, o sentido da vida é o mesmo, as graças vêm em maior abundância.

Lembremo-nos bem daqueles grandes princípios de justiça e de prudência neste ministério tão importante. Estejamos repletos de caridade, sobretudo no confessionário; a verdadeira caridade não engana jamais. Eu desejo muito que isso seja o espírito da Congregação. Era o espírito de São Francisco de Sales, o de Santo Afonso de Liguori, é o da Igreja. São Francisco de Sales era um bom teólogo, é ele que Pio IX chamava de Doutor infalível.

Uma última recomendação, encerrando este longo Capítulo. Promovam e encorajem entusiasmadamente, na sua direção espiritual, as vocações religosas. Dom Bosco e a Boa Madre me diziam que há certamente um terço dos homens que têm a vocação à vida religiosa. Quantos a perdem sem que haja muita culpa por parte deles! Mas quantos também não estão com a consciência tranqüila depois de perder a vocação! A quantos também os encorajamentos faltaram! Observem como os santos sabiam recrutar vocações religiosas: São Bernardo, São Francisco de Sales, São

Francisco Xavier. Santo Afonso de Liguori! Nós não somos santos, mas somos os seus sucessores e devemos tomar o seu lugar.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 18 DE MAIO DE 1892

A ADMINISTRAÇÃO DO SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

O nosso Santo Fundador recomenda ao confessor que este observe com muita atenção a disposição do seu penitente a fim de tratá-lo de acordo. É uma recomendação que os teólogos talvez não façam com a suficiente freqüência. Importa estar muito atento ao espírito do penitente, ver suas disposições, o que se pode fazer para ele, o que ele é capaz de aceitar, o que ele pode fazer, seu grau de ignorância e também de boa vontade e até que ponto convém tentar esclarecê-lo: Sacramenta propter homines (Os Sacramentos existem em favor dos homens). Não se deve nunca abandonar o penitente e deixá-lo no seu pecado, desde que ele esteja bem informado e não peque por ignorância e de boa fé. É preciso, então, que ele deixe de pecar. É necessário exortá-lo; deve-se oferecer-lhe os meios à disposição; importa tomar a peito a situação dele e ver bem quais as circunstâncias em que ele se encontra e também observar se é fraco física e espiritualmente, qual é o seu temperamento. Um médico prudente não dá remédios fortes a uma pessoa fraca. Que o confessor, então, peça a luz de Deus; que proceda gradativamente, passo a passo; que veja até onde pode avançar e onde deve parar. Tudo isso requer uma certa experiência que os iniciantes só adquirirão talvez bem mais tarde... O ditado diz: O médico seja jovem; o confessor, idoso. Deve-se, pois, ser muito prudente na confissão e na direção espiritual. É preciso interessar-se pelas pessoas; não considerar o ministério da confissão como uma obrigação fastidiosa, da qual nos procuramos livrar, mas deve-se desejar atender bem a confissão. Compenetrem-se bem das circunstâncias do penitente a fim de ajudá-lo a sair da situação de pe-

cado; rodeiem-no com conselhos paternos, queiram bem a ele, ajudem-no de toda a maneira. Que ele encontre no Senhor como confessor o amparo que fará com que ele saia do lamaçal; que ele descubra a mão caridosa que não o puxará violentamente, que não lhe arrancará os braços, mas que o tirará do precipício e o colocará no bom caminho. Tenham, portanto, muita paciência e esclareçam-se bem pelas luzes divinas na oração. Precisa-se muita prudência, baseada em Deus e que se fundamente primeiramente na caridade; o bem-querer para com o penitente não deve fundar-se em motivos humanos; deve ficar na esfera da caridade toda espiritual e sobrenatural. A afeição natural que surgiria entre o confessor e seu jovem penitente, a qual faria com que se procurasse os colóquios de quem confessa e a qual ocasionaria que a gente se compraz e se deleita, seria uma má situação. O vínculo de caridade que deve unir um e outro tem que arraigar-se inteiramente em Deus e por Deus. É fácil tirar a dúvida a respeito. Examinem os seus sentimentos para com este ou aquela penitente, meçam-nos, observem a intenção que faz com que ajam e distinguirão imediatamente se é por Deus ou para si mesmos que os Senhores querem bem, se há alguma complacência intencional e procurada, se o amor próprio ou a sensualidade está em jogo. Seria o pior de tudo e a ruína das almas. Mas se o confessor agir a partir de orações fervorosas e freqüentes, se se interessar primeiramente no bem espiritual do seu penitente, de sua penitente, se se afeiçoar unica e exclusivamente à pessoa do penitente para entregá-la a Deus, o confessor terá êxito. Nunca esta verdadeira e santa afeição atingirá a pessoa do penitente sem obter o resultado desejado. Coloquem-se com sinceridade diante do Bom Deus; queiram bem as pessoas por motivo de Deus e por ele só. Mas evitem cuidadosamente procurar-se a si mesmos, tentando contentar alguma pequena complacência natural, pois estragariam tudo. Queiram bem as pessoas, tenham nelas um interesse muito sério, muito real: rezem por elas, ajudem-nas, aconselhai-as e as pessoas que os Senhores querem, assim ficarão fiéis ao Bom Deus. É uma grande felicidade ter um bom confessor; é uma dita nesta terra que garante a eternidade. Enquanto não é uma coisa boa, pelo contrário, procurar-se a si mesmo na direção espiritual; a gente certamente se perde e prepara a queda dos outros; tira-se-lhes a sensação de Deus; corre-se o risco de fazer com que eles percam a fé; comete-se um erro muito grave, às vezes de modo irreparável. Frente a esse triste espetáculo, olhem a caridade prudente de quem

reza, de quem se se dedica e que tem êxito de maneira infalível. O ministério do sacerdote que atende bem as confissões é todo-poderoso. Quando há muita gente para ser atendida na confissão, não se pode, sem dúvida, rezar muito tempo, nem dar muita atenção a cada um; o cansaço físico intervém às vezes. Então importa manter-se unido ao Bom Deus e rogar-lhe que supra o que não podemos dar nós mesmos. A Boa Madre dizia: "Quando fazemos a obra de Deus e não podemos mais ir além, o Salvador remata de modo feliz..."

Alimentemo-nos com esse pensamento para nos confortar, mas não confessemos apenas para confessar, para nos livrar dos nossos penitentes. Não digamos: "Não posso fazer mais nada." Mas digamos: "O Salvador está comigo; ele faz o que eu não consigo; o meu insignificante serviço pessoal pára aqui, enquanto depende de minhas forças; o Salvador continua..." A confissão do penitente é sempre proporcional ao confessor. Se este está repleto de graças, ele as comunica a seu penitente. Convém explicá-lo bem aos Noviços; é importante insistir nisso junto aos jovens sacerdotes, para que se lembrem disso. A administração do Sacramento da Penitência, assim entendida, é talvez a função mais importante do nosso ministério, o mais eficiente na Igreja. Todos os pregadores afirmam isso. Um anjo, nem a própria Nossa Senhora, não podem perdoar pecados. É, pois, um grande perigo não apreciar segundo o seu valor esse ministério tão temível e tão elevado, ou administrá-lo de rotina, não preparar-se para ele ou não dedicar-se a ele com fervorosas orações. Haveria muitos pormenores a comentar quanto à maneira de atender bem a confissão. Não se confesse os homens como se atende as mulheres; nem os rapazes, como as moças. Vale para a confissão o que também, a respeito da pregação: um sermão prático não se aplica igualmente a toda a gente e nem todo o mundo o compreenderá do mesmo modo. Para confessar os homens, é preciso uma certa franqueza e naturalidade. Deve-se ver os pecados que, nas condições deles, podem ter cometido. Suspeitando-se que eles ainda fizessem algo mais além daquilo de que se acusaram, pergunta-se-lhes com discrição e prudência. Por exemplo, uma coisa de que não sabem que é pecado; digamos que muito provavelmente não terão suficiente coragem para submeter-se ao serem esclarecidos e se afastarão dos Sacramentos; é preciso, então, agir com suma reserva e deixar a gente antes na boa fé do que provocar má fé e revolta. Nos conselhos que os Senhores dão, nas considerações quepropõem, escolham

pensamentos, reflexões que combinem com eles e que possam compreender. Em geral, espiritualidade não é o lado forte dos homens. Eu me encontrava, outrora, com o Senhor Reverchon que era um engenheiro de mão cheia, ex-aluno da Escola Politécnica. Ele me fez sua profissão de fé. Havia um pregador de quem ele gostava muito; não era bem um dos melhores; faltava muito para isso; mas era um pregador que dizia as coisas de modo simples; o bom Senhor Reverchon que era um bom cristão, mas que tinha trabalhado em coisa diversa toda a sua vida, não entendia absolutamente nada de espiritualidade e não muito das coisas da religião. Ele não sabia mais disso do que uma criança de doze anos. "Olhe o que o meu confessor me disse esta manhã," disse-me ele um dia; "eu não tinha sido muito paciente e olhe o que ele me disse: - O Senhor é impaciente... O Senhor é como uma caldeira: quando uma caldeira se impacienta, espirra na cara dos que estão ali..." E o bom homem estava encantado da comparação que ele compreendia muito bem, assim como as inconveniências da impaciência. "Olhe, Padre, ele me comparou com uma caldeira! E é verdade!" Quando se pode clarear assim uma lição, uma instrução, aproveitando uma comparação de alguma coisa que está ao alcance do seu interlocutor, que está no nível da compreensão dele, é uma coisa muito boa, apesar de que isso tenha talvez nem sempre um conteúdo profundamente teológico. Isso impressiona, isso fica. Uma palavrinha, alguma coisa breve, algo simples e sempre de forma muito cordial. Pensa-se que os homens não são sensíveis, que não têm coração; no entanto, são mais sensíveis do que as mulheres no tocante ao interesse que se lhes manifesta. Envolvam um pouco o coração e os Senhores os ganharão. Falem-lhes apropriadamente, sem demora, e os Senhores erguê-los-ão. Eles guardam isso e lhes será de muito proveito. Mas, sobretudo, não os segurem por muito tempo. Com os jovens não é preciso ter medo; normalmente são mais inteligentes, mais abertos do que os homens. A gente vê, se pode dar-lhes um pouco de formação espiritual; sente-se isso. Não se deve temer tampouco esclarecê-los; é preciso que eles saibam os seus deveres, contra sextum (contra o sexto mandamento) como para todo o resto. Que as confissões deles sejam bem completas. Mas como fazer? Precisa-se deixar detalhar minuciosamente os pecados, entrar em extensas explicações? Seria tempo perdido e poderia ocasionar outras inconveniências. Procurem ir adiante assaz prontamente, fazendo com que digam bem tudo, sendo bem compreendido e os Senhores mesmos compreendendo-o bem. Sejam

breves, claros e tomem muito cuidado para não escandalizar. Não proponham muitos meios, nem dêem longas penitências. Não se deve querer dizer de uma só vez tudo o que temos para dizer; os Senhores completá-lo-ão na próxima oportunidade; dêem muito ânimo; sejam cordiais, mas não demais; os jovens são menos sensíveis a isso do que os homens; eles não dão muita importância. Enfim, tratem bem cada um segundo as disposições e conforme o que os Senhores puderem conseguir deles.

Com as crianças: é preciso tratá-las muito amavelmente, fazendo-se bem-quisto, mas não mimá-las como se os Senhores fossem a mamãe delas. Tomem cuidado, os meninos facilmente se impressionam mal; eles são propensos à sensualidade; evitem cuidadosamente as mínimas coisinhas que poderiam levar a isso. Ontem me falaram de um mau sacerdote da diocese de Lyon que saiu da cadeia; por muito tempo tinha sido um bom sacerdote; tinha fundado pequenas obras na sua paróquia, reunia as crianças, os jovens; foi um pouco familiar demais com alguns deles; perdeu-se, foi acusado, intimado diante de tribunais criminais e condenado. Evitem cautelosamente todas essas afeições mais ou menos sensuais; quando os Senhores sentem que uma criança se apega ao Senhor de um modo grudento, evitem esse laço, fujam dessa afeição nos seus aspetos apenas naturais; o Senhor corromperia essa criança. A natureza humana é a mesma em todo o lugar. Logo que se sente essa inclinação sensual, essa afeição pegajosa deve-se cortar rente. A criança não se apegará e não se agarrará mais do que o Senhor permitir. Se o Senhor deixa ela se aproximar com esses sentimentos, o Senhor estará perdido e ela também. Sejam muito cautelosos.

Com as mulheres, deve-se agir segundo a condição delas. As casadas não se confessam facilmente à procura do confessor. Às vezes elas se divertem com longas histórias; sejam caridosos, atenciosos, não grosseiros, mesmo quando elas os aborrecem. Sigam, quanto às perguntas a fazer, as normas que lhes dei. Se os Senhores têm dúvida, sejam prudentes e perguntem na medida do necessário e correto. Os conselhos que os Senhores lhes dão sempre devem ser apropriados e tender ao amor de Deus, do marido, dos filhos: "Religio munda et immaculata apud Deum et patrem haec est" (A religião pura e sem mácula aos olhos de Deus e nosso Pai é esta), diz São Tiago (1,27). Ter cuidado da sua casa, do seu marido, dos seus filhos.

Quando a religião de uma mulher se desvia desses deveres que lhe são os primeiros, ela não é nem "munda", nem "immaculata". Estimulem-nas à piedade; evitem as conversas demoradas com elas; fujam de tudo o que cheira à intimidade, por pouca que seja. Com as moças, impeçam prolongar-se; conduzam-nas à piedade. Inculquem nelas especialmente uma firme base de fé. Alimentando-lhes a fé, os Senhores comunicam uma coisa certa. Os sentimentos de devoção não são uma garantia; a fé é a verdadeira garantia. Na Itália, na Espanha, na França também, a gente tem muita devoção à Nossa Senhora, ao Santíssimo Sacramento e, às vezes, não por isso que a gente se comporta melhor. Tem-se fé talvez, mas não está viva, atuante; é o sentimento que impulsiona e não a fé. Ponham a fé em primeiro lugar, uma fé viva e esclarecida; e a devoção à Nossa Senhora, ao Santíssimo Sacramento, a Nosso Senhor, a fé nas Confissões, nas Comunhões, nas Missas, nas orações terão sérios resultados. Confessando as moças, não há muita coisa especial para observar, a não ser que se deve evitar as perguntas imprudentes. Há moças que vivem em ambientes muito maus e que não desconfiam de nada, que não têm conhecimento nem a intenção do mal; tomem cuidado para não fazer com que reflitam nisso por uma pergunta imprudente, cuidem para não escandalizá-las ou lhes ensinar o mal que desconhecem. Façam as suas perguntas, de preferência, de uma maneira um pouco geral, inicialmente. Perguntem se tiveram maus pensamentos, se disseram más palavras, se participaram em más conversas, leviandades e pouco a pouco os Senhores irão mais longe, especialmente se percebem que há motivos para isso.

* * * * *

Eu recomendo às suas orações a Irmã Maria Emanuel, do Cabo de Boa Esperança, que morreu faz pouco. Era uma pessoa muito exemplar. Ela partiu há cinco anos; tinha cinqüenta anos; foi muito bonito ir assim para as Missões, nessa idade. Ela vivera muito tempo na Inglaterra e porque conhecia os costumes é que ela pediu para trabalhar lá. O Bom Deus não deixou que ela trabalhasse por muito tempo nessa obra. Apressou-se para recompensá-la.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 1 DE JUNHO DE 1892

A MANEIRA DE ADMINISTRAR O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

Volto a falar sobre o que já disse. A primeira condição para atender bem a confissão é rezar confessando. A vida do Oblato deve ser uma comunicação contínua com o Bom Deus. Essa união com Deus não cansa a mente. Mergulha-se o coração, o espírito no Bom Deus e se deve fazer isso sobretudo ao atender confissões. A confissão que se realiza em oração, mesmo num momento de grande fadiga, é muito mais fecunda do que aquela que se atende sem orações e com todos os recursos da natureza somente. Há nesse cansaço, oferecido a Deus, um grande mérito. É muito difícil sujeitar-se assim a coisas que não são agradáveis, a exames minuciosos e penosos, a uma atenção contínua; sem dúvida, às vezes se tem consolações, mas estas nem sempre são muito sensíveis. "Meu Deus," convém dizer então, "dai-me o que eu preciso!" O Bom Deus se comunica muito na confissão. São uma condição essencial, como já vimos, a prudência, o zelo, a caridade, a discrição em aproveitar bem os meios próprios de atingir as almas; mas o recurso supremo é a oração. Reparem bem que cada vez que, ao confessarem, os Senhores rezam por esta ou aquela pessoa, obterão o que pedirem. Era esse o modo de confessar dos santos. São Bernardo, Santo Afonso de Liguori, o nosso Santo Fundador rezavam, enquanto atendiam as confissões. Não se limitavam no confessionário a ser bons teólogos. As normas teológicas são o pano de fundo, a base do que se tem a dizer, dos conselhos a dar, mas é a oração que origina a luz, a inspiração, a disposição que faz com que opere esse conhecimento teológico. Reparem atentamente que é o espírito de São Francisco de Sales e o de Santo Afonso que especialmente são chamados a fazer o bem às almas, em nosso tempo.

Os Redentoristas, os religiosos de Santo Afonso, acabam de pregar uma missão magnífica em Troyes; os resultados foram excelentes. A que se deve isso? Se os Redentoristas tivessem aplicado outros princípios de direção espiritual, teriam estragado tudo. Os sacerdotes de Picpus - eu gosto muito deles - são os nossos parentes achegados, mas - e eu posso dizer bem o que penso - eles fizeram uma grande missão na

diocese em 1825; fizeram um pouco de bem, fizeram muito... Várias regiões se revoltaram: Arcis, Bouilly...; mas se tivessem voltado agora em 1892 com os princípios que tinham naquele tempo, com a sua maneira de confessar de então, a gente os teria moído a pancadas. Eles teriam mudado certamente o método, se tivessem voltado. Teriam necessidade de uma prudência extrema para não tocar em nada que poderia ferir as opiniões, para ocupar-se exclusivamente do que é capaz de salvar as almas. Quando alguém se afoga e lhe lançam simultaneamente uma corda grossa e um barbante, será que se lhe impedirá de pegar o barbante, se ele não viu ou não pôde agarrar a corda grossa? Vale mais - não é? - salvar-se com o barbante do que se afogar. Os Redentoristas fizeram muita coisa boa, porque aplicaram os ensinamentos de Santo Afonso de Liguori na confissão, na pregação; empregaram, sobretudo, os meios sobrenaturais, a oração; as suas pregações eram piedosas, convincentes, aplicáveis aos seus ouvintes. Os nossos Padres confessores encontrarão aí uma boa lição; o mesmo digo também referente à pregação.

Eu me demoro, de passagem, neste ponto. Os Noviços, os jovens Padres, precisam escrever os seus sermões, que os saibam de cor; que estes sermões sejam bem substanciosos, apoiados na doutrina, construídos segundo todas as normas da arte oratória. É preciso isso; é necessário formar-se, acostumar-se para o futuro. Mas a grande regra, a norma máxima da pregação é que se deve pregar às pessoas que aí se encontram, e que se deve pregar-lhes o que se lhes prega. Perder-se-ia totalmente o tempo - a não ser no caso de ser um grande santo - fazendo sermões de livros sermonários, simplesmente repetindo-os; ninguém os escutaria, ninguém os entenderia, seria grego para todo o mundo. Esses esforços no começo são absolutamente necessários, como - quando a gente estuda - se deve aprender a gramática; esta, pois, é a base de todos os estudos literários. Igualmente sem esses empenhos preliminares, tudo o que se disser não terá consistência e se desfará. Falar-se-á sem ordem, sem seqüência, sem interesse; não haverá nada de substancioso no que se disser. Façam uma boa base; ponham como alicerces alguma coisa sólida; sigam uma linha lógica no seu pronunciamento; além disso, dirijam-se às pessoas que os Senhores têm diante de si e falem-lhes sobre os assuntos que convêm a elas. Suponham que os Senhores vão pregar numa festa de Padroeiro, - estou me desviando do meu assunto - será que fazem, nesta ocasião, um sermão sobre a oração? Quem é que os escutará? Os Senhores

dirão coisas fora de propósito.

Eu volto à confissão. Apliquem fielmente os ensinamentos de Santo Afonso de Liguori, a doutrina do nosso Santo Fundador: Sacramenta propter homines (Os Sacramentos existem em favor dos homens)... Lex dubia non obligat (Uma lei duvidosa não obriga). Olhem quanto bem os Redentoristas acabam de fazer na direção espiritual; não agiram segundo as suas idéias pessoais; adotaram a doutrina da sua Congregação; seguiram os preceitos tão seguros de Santo Afonso de Liguori e tiveram êxito. Façamos nós assim também. Sigamos atentamente essa direção que nos é dada. A doutrina de São Francisco de Sales está aprovada acima de todas; ela é segura e infalível. Preciso falar mal um pouco do meu próximo!... Isso me faz bem... Eu conheço em Troyes um original, um legista, cristão muito bom, por sinal, e muito piedoso. Ora, houve uma doação, feita por testamento. "Para saber se esse legado é legítimo," segundo esse homem, "é preciso consultar o Código antes de mais nada; o Evangelho só depois." Não é Nosso Senhor que é Deus e Mestre, é o Código. Uma pessoa piedosa no leito da morte destina 400 mil francos ao Papa. O nosso homem que é "doutor em Israel", ou melhor em Carnot e Grévy, é chamado para dar o seu parecer: "O legado não é conforme o Código, é nulo!" Roma é consultada e responde: "A vontade do testador deve ser cumprida; é obrigação em consciência que a importância seja paga à Santa Sé." Não se escuta essa decisão: o Código antes de mais nada. A herança cabe a um parente velho que com isso compra um castelo e se arruína esbanjando toda a herança com mulheres.

Na direção espiritual, apliquem-se a levar as pessoas à vida interior, à santificação, segundo as práticas de São Francisco de Sales e da Boa Madre. A doutrina dela até agora não encontrou opositores, pois seus escritos foram aprovados em Roma. Estamos, então, totalmente seguros ao seguir os seus princípios. Fiquemos, então firmemente apoiados sobre os princípios da direção de São Francisco de Sales. Sigamo-los cegamente, quando nos toca, como juiz, como confessor, intervir entre Deus e as pessoas. E rezemos, como rezava São Francisco de Sales, como rezavam os santos. Eu me lembro de um bom sacerdote idoso que era ecônomo, quando eu entrei no Seminário Menor; ele fora ordenado antes da Revolução. Eu o tinha escolhido como meu confessor. Quando a gente se confessava com ele, todo o mundo tinha vontade de chorar. Era assim e a gente se admirava, tão aturdidos estávamos. - O que te disse?

- Nada, mas ele me impressionou! - Mas então, o que foi que te disse? - Eu tinha roubado uma maçã... - Então é isso; e ele, como ecônomo, te fez um bom sermãozinho. - Não, ele me disse simplesmente: "Não se deverá mais roubar maçãs!
Eu tinha vontade de chorar! Sentia que era um pecado que causava desgosto ao Bom Deus. É que esse bom e santo varão sabia rezar pelos seus penitentes.

O Padre Fontaine escreveu uma vez, numa agenda, uma pequena nota sobre o Padre Martineau, pároco de Chaource; essa anotação é uma pequena obra-prima. Eu a reli nestes últimos dias, com as lágrimas nos olhos. Eu conheci o Padre Martineau; ele confessava assim. Conheci penitentes do Padre Martineau que me diziam que a impressão que ele causava, atendendo-lhes a confissão, era tal que, quando tinham uma falta um pouco mais grave, tendo lhe desobedecido, eles vinham no sábado confessar-se em Troyes: "Não é que temos medo do Padre Pároco," diziam eles, "mas ao pobre do Padre Pároco, isso lhe causaria desgosto!... Ele reza tanto por nós!" Observem os sentimentos de fé que ele sabia inculcar nas pessoas, de um modo tão profundo, tão comovedor. E olhem como essa paróquia tem ficado boa. O Padre Martineau não era um confessor severo. Ele tinha alguma coisa de original no seu exterior, mas por dentro reinava uma tal piedade, um tal amor pelas almas que atraía todos os corações. A oraçao, a santidade pessoal do ministro, sem dúvida, não é necessária para a validade do Sacramento, mas ela é muito útil para a sua eficácia completa. Certamente, não é fácil ser santo; mas não custa rezar, fazer penitência e dizer: "Meu Deus, dai-me a palavra que convém a esta pessoa. Esclarecei-me e esclarecei a ela."

"E no tocante aos conselhos que eles devem dar ao penitente em geral, eis os mais úteis para todos os tipos de pessoas: Confessar-se e comungar muito freqüentemente."

O nosso Santo Fundador recomendava a Comunhão feqüente numa época em que não era costume. Eu acrescento uma reflexão a esse conselho do nosso Santo Fundador. A Santa Comunhão é sempre boa e útil; mas quando recebida ligeiramente, sem preparação, sem ação de graças, como se faz outra coisa qualquer, eu não aconselharia jamais convidar as pessoas irrefletidamente. Sem dúvida, a Comunhão tem sempre uma certa eficácia por si mesma, quando bem recebida, mas ainda assim é preciso,

para aproveitá-la bem, que haja certas disposições. Não se deve dar a Santa Comunhão como pão comum; é, sim, o pão cotidiano, mas também o pão escondido, panis absconditus (Prov 9,17); não se o põe na mesa, ao alcance de qualquer um, mas se dev procurá-lo no mistério do tabernáculo e no íntimo do coração; não se deve descobri-lo senão àqueles que dele são dignos, que fizeram alguma coisa meritória para obtê-lo. Há regras teológicas para a freqüência da Santa Comunhão; deve-se observá-las. Exijamos sempre uma preparação, uma melhora ou outra. Quando os Senhores confessam um rapaz, uma moça, façam com que mereça de alguma forma a Santa Comunhão pela preparação; que realize alguma coisa especial para esse fim. Sob essa condição é que o jovem tirará proveito.

"...e escolher um bom confessor ordinário..."

O nosso Santo Fundador diz em outro lugar que se deve escolhê-lo entre dez mil. Não sendo fácil dispor de um confessor como se desejaria, então se deve ensinar às pessoas a contentar-se e aproveitar o confessor que têm. Durante todo o tempo em que eu era capelão da Visitação, eu não gostava de que as moças, durante as férias, fossem confessar-se com outro sacerdote a não ser com seu Pároco. Às vezes a gente tem um pouco de antipatia, há pequenas desavenças entre a família e o Pároco; eu sempre tenho combatido essas antipatias, infiltrando-se na confissão. E dizia que o Pároco tinha a graça de estado e que, à medida da necessidade, o efeito da confissão não dependia tanto da pessoa do sacerdote mesmo quanto das disposições do penitente. Eu sempre me tenho empenhado por desfazer esse preconceito que dá à direção espiritual, ao diretor um lugar desproporcional na vida, que faz sobretudo com que se enxergue e aceite no mundo só o seu diretor e a direção dele, enquanto se despreza e desdenha todo o resto. O grande Diretor é o Espírito Santo, e a sua direção é a melhor de todas. Quando os Senhores têm a ocasião de confessar-se com qualquer sacerdote, façam-no humilde e docilmente e aproveitarão graças valiosas

"... Escutar freqüentemente sermões e pregações. Ter e ler bons livros de devoção..."

Aconselhem muito as boas leituras. Não se deve aconselhar que se leia muito, por muito tempo, mas um pouco cada dia; pelo menos alguns versículos da "Imitação". Outrora se convidava muito à meditação.

Dificilmente se tem êxito com esse exercício hoje em dia. Mais vale propor o exercício mais simples da preparação ao dia: ver o que se terá para fazer durante todo o dia e preparar desde a manhã o dia com o Bom Deus. Se a gente fez uma pequena leitura devota, importa pensar como tirar alguma coisa boa daí. Deve-se considerar a leitura piedosa como uma mina, uma pedreira. Os Senhores precisam de pedras moles: aí estão; é pedra dura que o Senhor deseja: ei-la! Olhem aqui as pedras para alvenaria e ali material mais rústico. Os Senhores reunirão assim os materiais das suas leituras e as selecionarão; isso lhes servirá aos Senhores e aos outros. Farão como o arquiteto, como o fornecedor que vai na sua pedreira buscar os materiais de que precisa. Os Senhores têm os seus materiais classificados e registrados, façam em seguida o seu plano, seguindo fielmente a direção que oferece o Instituto, isso é, o espírito do nosso Santo Fundador.

* * * * *

Temos novos Padres que fazem hoje a sua estréia no Capítulo; que sejam bem-vindos. Que assumam animadamente o nosso modo de agir e de pensar, a fim de que tenhamos todos um só coração, uma só alma e uma só vontade na união com o Bom Deus.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 22 DE JUNHO DE 1892

A PREGAÇÃO

"Os Padres não deverão nunca pregar sem se lembrar do Salvador Jesus Cristo a quem recebem na Missa e o qual tem que falar pela boca deles."

Todas as vezes que se precisa falar, é necessário recorrer aos pensamentos do Diretório, como em todas as nossas ações; desse modo, um ato que teria ficado indiferente, torna-se muito meritório. E tanto mais, quando se trata de pregar, de catequizar ou de instruir, a

gente deve conformar-se fielmente ao Diretório. É preciso assentir a São João Crisóstomo, citado por nosso Santo Fundador: "É incrível como a boca que recebeu o Santíssimo Sacramento é horrível para os demônios". Nosso Senhor que veio à nossa língua e aos nossos lábios, além disso, nos comunicará o dom de persuadir, de converter, tornará as nossas palavras eficazes. Unir-nos com Nosso Senhor nesse momento, portanto, é uma prática fundamental. Quando a Boa Madre Maria de Sales falava às suas Irmãs, era sempre sem preparação literária, oratória, mas nunca sem uma séria preparação sobrenatural. Ela pedia antes e pedia durante, para que o Bom Deus esclarecesse aquelas que a escutavam. Que esse modo de agir seja também a nossa prática e o nosso sistema: "Ego sum lux mundi" (Jo 8,12) (Eu sou a luz do mundo). Unindo-se com quem é a luz do mundo, dispor-se-á de uma palavra clara, luminosa que suscitará compreensão e convicção nos ouvintes. O início deste Capítulo do Diretório estabelece a base de toda a nossa capacidade oratória: a união com Nosso Senhor, o recorrer a ele pela oração e também a mortificação: "Castigo corpus meum et in servitutem redigo..." (1 Cor 9,27) (Castigo o meu corpo e o mantenho em servidão...). Segundo o Pontifical, na véspera antes de realizar a cerimônia de consagração de uma igreja, o Bispo deve jejuar; é para nos mostrar que o sacerdócio, mesmo na sua plenitude, não consegue resultados totalmente eficazes a não ser pela oração e mortificação. Não foi o próprio Nosso Senhor que disse que o demônio da impureza só se expulsa pela oração e pelo jejum? (cf. Mc 9,28). Não nos enganemos, todas as graças de conversão das almas se obtêm por esse mesmo meio.

"Senhor Deus Pai, ofereço-vos os grandes e variados esforços da predicação de Jesus Cristo, seu zelo ardentíssimo por vossa glória e a salvação das almas, seus suores, cansaços e contrariedades que ele agüentou, a falta de boa vontade, o ódio e as perseguições que sofria dos judeus, as viagens e caminhadas que ele fez a toda a parte pela salvação dos homens, as vigílias das noites passadas em oração. Por tudo isso vos agradeço e vos bendigo de todo o coração, ao pedir-vos - pelos méritos de Jesus Cristo - um zelo ardente por vossa glória e pela salvação das pessoas, o desejo de trabalhar incessantemente para esse fim e generosidade para superar decididamente todas as dificuldades que em vosso serviço se apresentarem."

Que os nossos pregadores rezem sempre esta oraçãozinha antes das suas instruções; que a digam pelo menos de vez em quando. A nossa força está exclusivamente em Nosso Senhor.

"Pregando deve-se falar afetuosa e devotamente, com simplicidade, candura e confiança; tem que se estar bem convencido da doutrina que se ensina e a qual se propõe à adesão de fé dos ouvintes. É importante que as nossas palavras sejam inflamadas pelo ardor interior."

É essa a modalidade de nossa pregação. Que as nossas palavras sejam inflamadas pela afeição interior, tanto mais que "Pectus est quod disertos facit". O coração faz o orador. É só falando a partir do coração que se chega ao coração dos homens. Falando com convicção, leva-se a convicção; mas não devemos somente convencer, temos que arrastar. É necessário, pois, falar com amor.

Observem Nosso Senhor ao expor as parábolas; como sua palavra é sempre afetuosa e simples. Ele fala a pescadores que vivem à beira-mar; fala-lhes sobre o trabalho deles, as redes, os peixes; dirige-se à gente da roça, conversa sobre a terra deles, sobre as sementeiras e as colheitas. Em Cafarnaum ele se encontra no meio dos comerciantes; "Simile est homini negotiatori..." (Mt 13,45) (Semelhante a um negociante...). Ele aproveita os meios humanos que estão ao alcance dos seus ouvintes e que podem sensibilizá-los; ele quer bem aqueles a quem ele fala e os prende à sua palavra. Falemos nós também assim. Agora especialmente, não convém querer falar sobre a autoridade; autoridade não existe mais. Angariarão a confiança dos seus ouvintes, falando-lhes com afeição, com simplicidade, com candor, sem grandes reclamações, em termos sempre convenientes.

"... Tem que se estar bem convencido da doutrina que e ensina e a qual se propõe à adesão de fé dos ouvintes."

Devemos estar bem a par do assunto de que se trata. Tendo amor, persuade-se facilmente, pois as palavras se inflamam pela afeição interior.

"Quanto à preparação do sermão, convém fazê-la desde a véspera e que, de manhã, se medite para si sobre o que se quer dizer aos outros."

O nosso Santo Fundador fala aqui sobre a preparação imediata. Há também a preparação remota. Requer-se anteriormente disposições in-

teriores que essa santa atividade supõe e sem as quais não é permitido falar; precisa-se conhecimentos e uma longa preparação anterior. Falar sem isso seria certamente produzir frutos duvidosos e chochos. É imprescindível ter estudado a Sagrada Escritura, a Teologia, a História Eclesiástica, a vida dos santos, e também deve-se estar a par dos principais acontecimentos, as tendências mais importantes da atualidade, da época e do ambiente. Essas são as grandes fontes donde tirar o que se quer dizer. Não recorrendo a esses mananciais, não sabendo nem Teologia, nem a Sagrada Escritura, nem História, como é que os Senhores se sairão bem? A instrução cristã é essencialmente histórica. Observem a guerra que os ímpios travam contra a história, porque esta é um dos grandes fundamentos da religião. Eles preferem tratar da Bíblia como de uma fábula oriental; não se ensina mais a História Sagrada nas escolas. Qual é a conseqüência? É que ouvintes quaisquer não sabem mais da religião, nem os homens, nem as mulheres. Lanço um desafio: entre cem cristãos praticantes, não se acha quatro que são capazes de apresentar-lhes a síntese da sua fé. Eles não têm idéia nem das provas da religião, nem de uma grande parte dos ensinamentos da fé. Eles têm uma crença simples, ingênua e acrítica, mas é uma fé sem firmeza alguma. Ainda sobra um pouco de fé em certas dioceses, como no bispado de Langres, por exemplo, onde se ensina um catecismo muito bom; é essa instrução aí que é a fonte da fé.Mas fora de certas dioceses privilegiadas, muito dificilmente se encontra um cristão instruído e com boa noção de sua religião. E os alunos dos Senhores?... Pensem nos seus estudantes indistintamente; quantos os Senhores encontrarão capazes de dar-lhes conta da sua fé? São extremamente ignorantes. Preguem, então, doutrina; baseiem-na sobre fatos. Assim é que São Paulo pregava. Reparem-no na sua epístola aos Hebreus; é um grande sermão para os Judeus de Roma. Ele lhes lembra toda a história deles, desde Adão, Eva e os Patriarcas, a escravidão no Egito. Não tenham medo de fazer um pouco de catequese. Que isso não apresente a forma exterior disso, evidente; mas são essas as coisas que se deve dizer e repetir, são os primeiros elementos que se deve tratar sempre de novo e com os quais os Senhores lhes prendem a atenção. Não se sabe mais isso; achar-se-á que o que os Senhores dizem é algo fora do comum!

Convençam-se bem de que os seus ouvintes são todos muito ignorantes em assuntos religiosos, com exceção dos seminaristas que estu-

daram Teologia e só eles poderão os acompanhar. Confirmemos a eles na fé por algo bem estruturado, de outra maneira não seria o "rationabile obsequium" (cf. Rm 12,1). Para isso é preciso que o ensinamento seja baseado essencialmente na história e que seja simples. Lembrem-se muitas vezes dos grandes pontos de apoio da fé: a criação, a queda do homem, os Patriarcas e os Profetas anunciando a vinda do Messias; os sofrimentos da Igreja e o triunfo desta. Que os seus ouvintes saibam o que eles são, a qual sociedade pertencem e donde lhes provém a fé e o que esta ensina. Façam uso disso igualmente no ensino catequético. Antigamente se gostava de dar palestras sobre este ou aquele assunto; é bom, mas não é próprio para crianças, nem para o povo; eles precisam de uma alimentação mais simples e mais apropriada. Ilustrem a doutrina da Teologia e da Sagrada Escritura com fatos, raciocínios e comparações que estejam ao alcance dos seus ouvintes. Sirvam-se muito de anedotas e acontecimentos históricos. Lembrem-se que a gente não sabe mais História Sagrada; que não se deve citá-la, mas narrá-la. Outrora, com seis anos de idade, todo o mundo sabia a história de José; hoje em dia, entre mil cristãos, não há quatro que a sabem. Muitas vezes lhes recomendo que tenham ao alcance uma caixinha com folhas soltas, ordenadas por ordem alfabética. Olhem aí uma idéia que lhes chamou a atenção enquanto rezando o breviário, ou ao fazer uma leitura na Sagrada Escritura ou outro livro; anotem-na e guardem-na no lugar próprio. Eu estava falando também, há pouco, sobre a teologia. É imprescindível que se estude teologia a fundo. Vou fazer uma observação e não quero ofender ninguém; a teologia estudada em francês, não é teologia, é catequese mais ou menos detalhada. Não é possível estudar teologia seriamente, se a gente não se serve da língua teológica que é o latim, assim como não se pode aprender química, não aproveitando a terminologia da química. A teologia é escrita na língua latina por ser uma língua morta; as expressões são, por assim dizer, fixas. Uma palavra latina significa isso e não outra coisa; não se lhe pode desviar o sentido para expressar outra coisa. A língua está fixada e não mais sujeita a variar. Por isso o idioma latim é altamente conveniente para estabelecer as definições teológicas; o sentido de uma palavra não mudará. Em comparação com a teologia escrita em francês, o que ficaria, daqui a dois ou três séculos, do sentido das palavras empregadas? Quando Sao Francisco de Sales diz: "Votre très pitoyable Majesté" (Vossa Majestade mui compassiva), essa palavra "pitoy-

able" não tem mais o significado que tinha sob a pena do Santo Doutor (compassiva - lamentável - tr). Aprendam bem, portanto, a língua latina; compenetrem-se profundamente da teologia em latim.

Vejam como o Bom Deus faz convergir tudo para a glória da sua Igreja. O latim ficou de pé com toda a sua riqueza, e Deus permitiu que esse idioma empregado em toda a parte, não se fale mais em nenhum lugar. É a língua típica; ela será encarregada de conservar o sentido e os conceitos teológicos.

Importa, portanto, saber bem a teologia e entendê-la em latim. Quantas coisas encontrarão na teologia! Tomem um tratado de teologia, esta definição, aquela tese e os Senhores disporão de excelentes esquemas para seus sermões. Recorram à teologia e as suas instruções catequéticas terão todo o interesse e toda a variação possíveis. É uma fonte inesgotável. Com a teologia na mão, os Senhores não desperdiçarão nada, serão claros e nítidos. Com referência a esse assunto também, recomendo muito o trabalho teológico que cada um tem que fazer. Agora nos ocupamos com a teologia, mais tarde aplicaremos a nossa atenção à liturgia, à Sagrada Escritura, etc. Quando lêem a Bíblia, recorram a bons comentários, prestem muita atenção ao sentido que se deve dar e com que acepção se deve interpretar tal ou tal palavra, esta ou aquela passagem, o significado que se deve dar a uma certa profecia ou a um determinado fato. Façam uso da teologia para fazer os seus sermões. Eu me lembro que, quando eu estava no Seminário e nos preparavam para fazer sermões, havia um jovem vigário da catedral, o Padre Quellard, que sempre fazia suas pregações baseadas na teologia; ele saía-se muito bem; eram bem escritas, bem apresentadas, muito interessantes, bem trabalhadas, aproveitando os Santos Padres; os seminariestas estavam encantados e os cônegos idosos, assombrados. Acrescentem a isso um pouco de fatos e alguns tópicos contemporâneos; não permaneçam alheios e demasiadamente afastados de tudo o que se diz e se faz. Busquemos também nisso com discrição, prudência e reserva, mas é necessário, numa certa medida, saber os principais erros que se deve combater para destacar a verdade.

Como devem preparar as suas instruções? Escrevam; o costume de escrever faz com que se ponha ordem nas idéias. Decorem inicialmente; mas ao progredirem, não se acostumem, tanto quanto possível, a recitar os seus sermões palavra por palavra. Aproveitem o que escreveram

como pano de fundo, como base, ponto de referência; mantenham, porém, uma certa liberdade de expressão, não se amarrem; sigam a idéia que surge, que lhes salta à mente, que lhes é ocasionada pelo próprio auditório como reação ao que os Senhores dizem. Essa espontaneidade, pois, tornará o seu sermão mais vivo, mais interessante, mais prático. Obedeçam na composição às regras da retórica. Tendo uma boa base de doutrina teológica, de textos e de fatos da Sagrada Escritura, de traços históricos, de comparações, de pensamentos novos e notáveis, os Senhores poderão, então compor facilmente, falar com proveito, elegância e facilidade, prestando serviços valiosos à Igreja. É muito importante, hoje em dia, saber usar bem da palavra; os malvados abusam; é pela palavra que eles dão cabo da vida espiritual das pessoas; é pela palavra que devemos salvá-las. Precisamos pregar, instruir e edificar. Instruir, isto acabo de explicar. Edificar: os Senhores edificarão, pela preparação remota e praticando fielmente tudo o que indica o Diretório. É assim que os Senhores contribuirão para a edificação daqueles a quem se dirigem na pregação. Meditem para si sobre o que têm que dizer aos outros; façam-no diante do Santíssimo Sacramento, quando puderem. Nada traz maiores resultados. É a semente lançada em boa terra, rendendo cem por um. É essa a verdadeira preparação. Sem ela a preparação mental não representa nada: é o grão jogado em meio aos espinhos ou na terra não trabalhada.

Volto a falar sempre sobre as mesmas recomendações. Cada um tenha, sim, o seu pequeno tesouro, o seu pequeno repertório, onde os Senhores acharão facilmente o que tiverem colecionado. Escrevam as suas anotações em folhas soltas, classificadas numa caixa, por ordem alfabética: A, B, C, D. Juntarão assim tudo o que lhes chamar a atenção, guarda-lo-ão e com isso falarão de um modo interessante e frutuoso. Pede-se-lhes um sermão, uma catequese, uma palestra; os Senhores não têm nada preparado, nenhum trabalho especial feito sobre isso; os Senhores procuram entre as suas anotações e acharão idéias, e as que encontram suscitam outras.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 29 DE JUNHO DE 1892

A PREGAÇÃO

"Quanto à preparação do sermão, convém fazê-la desde a véspera e que, de manhã, se medite para si sobre o que se quer dizer aos outros."

São João, no leito da morte, só sabia redizer cem vezes num quarto de hora: "Meus filhos, amai-vos uns aos outros..." O bom São João certamente aborrecia um pouco os seus discípulos ao repetir sempre a mesma coisa. Não se deverá fazer como São João, enquanto os Senhores não tiverem a idade e a santidade dele. É preciso escrever, sobretudo enquanto iniciante, os seus sermões, segundo os ensinamentos e os métodos dos mestres. Estruturem bem a sua instrução, como fazia Bourdaloue, para seu próprio bem, para pôr ordem e clareza nas suas idéias; mas não façam como ele, expondo e voltando a explicar sempre de novo os diversos pontos do seu esquema aos ouvintes; os Senhores fariam com que eles fujam. Preparem bem essa distribuição ordenada para si; que ela lhes sirva de base e de fundamento, mas não cansem os seus ouvintes destacando e tornando a apresentar essa disposição. Bourdaloue se dirigia a um auditório diferente daquele dos Senhores. O que era muito apropriado para a gente da corte do 17º século, não convém ao povo de hoje. Realizem as suas instruções, as suas catequeses com um conjunto de idéias muito coerentes, com muita ordem e lógica, com um fundo teológico muito sério e nutrido. Quando os Senhores tiverem preparado o seu material, ponham-se na frente da sua assistência. Que modelo vão seguir, uma vez estando diante do seu público? Não aquele de Bourdaloue; ninguém os entenderia e nem escutaria, a não ser alguns párocos ou seminaristas. Escolherão os Senhores Lacordaire? Os oradores da atualidade? Estes poderão, às vezes, servir-lhes de modelo; diante de um auditório inteligente, distinto, a maneira de dizer deles terá interesse e fará com eles escutem e apreciem os Senhores. Mas acima de todos, tomem por modelo São João Crisóstomo. Este, sim, é orador que se sabia apresentar diante do seu público e sabia envolvê-lo ao interrogar, incitar e chamando-lhe a atenção, enquanto pondo-o em cena. Por exemplo, pregando sobre o tra-

balho manual, sobre as bênçãos que este acarreta, sobre as pragas da ociosidade e da vaidade, ele se dirige às damas de Constantinopla que exageravam no cuidado de belas mãos: "Mostrai-me as vossas mãos," exclamava ele. "Olhai uma mão calosa, rugosa, pretejada; o que é essa mão? É a mão de um pai de família que trabalha; é uma mão santa, é uma mão para beijar e venerar... Mostrai-me a vossa mão! Ela é branca, delgada, perfumada, enfeitada... O que faz esta mão? Ela serve à vaidade, é instrumento do inferno. Oh mão horrível, retire-se, mão de Lucifer!..." Quando ele fala sobre a oração: "Quem foi ao porto esta manhã?", pergunta ele, "e o que viram? Enxergaram os pescadores preparando os seus barcos, os marinheiros arrumando as mercadorias nos navios. A partida é a tal hora; é preciso que tudo esteja pronto para essa hora. Vós também tendes uma viagem a fazer. Preparastes bem para navegar? Vistes o que podíeis embarcar, o que devíeis deixar em terra?..." Assim é que São João Crisóstomo tornava os seus ouvintes responsáveis, dirigia-se a eles, os encorajava e alentava. Deve-se fazer assim normalmente nas palestras familiares, nas catequeses e conferências. E em toda a ocasião dirijam-se aos seus ouvintes e não a si próprios. É a observação que eu fiz um dia a um pregador, que não me quer tão bem desde então: "O Senhor deve de estar satisfeito com seu sermão, O Senhor fala bem e com acerto e especialmente para o Senhor foi interessante!"

Estudem bem, portanto, o seu tema antes de falar. Lembrem-se de que o que interessa aos Senhores não por isso interessa necessariamente aos outros. Incitem o seu auditório. Como? Essas coisas se aprendem melhor pela prática, pela experiência do que por regras e normas. Mais uma vez, eu lhes recomendo São João Crisóstomo nesse particular. Tomem o que ele disse e preguem-no a qualquer assistência, toda a gente os escutará, tão vivo e verídico é isso. Traduzam-no palavra por palavra, preguem-no e encantarão todo o mundo. Isso, sim, é a verdadeira palavra oratória.

Dominem bem o seu assunto; tenham os princípios teológicos bem nítidos diante dos olhos e dirijam-se apropriadamente à platéia. Se são rapazes, não lhes falarão como fariam a moças, a homens ou a empregadas domésticas. Há uma maneira de expressar-se que convém a cada tipo de ouvintes; há uma forma adequada à classe de pessoas a quem a gente se dirige e que se deve aplicar ao assunto que se vai tratar: "Non no-

va, sed nove" (Não coisas novas, mas de forma nova). Sempre é a mesma coisa o que se diz a toda a gente, mas não se deve dizê-lo do mesmo modo a todos indistintamente. No caso que têm que pregar a uma paróquia inteira, homens, mulheres, crianças, é mais difícil do que com uma assistência específica. Procurem dizer coisas que possam convir a todos, que possam interessar todo o mundo. Suponham que os Senhores têm que pregar numa festa de padroeiro, não vão fazer um sermão vago, geral, sobre este ou aquele ponto de dogma ou de moral. Preguem o santo, preguem o que há de prático na vida dele, o que se aplica à vida da gente que os escuta. Os Senhores se dão conta por que, em todas as eleições o grosso da gente vota para malandros? Porque estes souberam levá-los por palavras patéticas, práticas, promessas atrativas, alguma coisa que lhes tocou a compreensão e o coração. Os Senhores querem realizar a obra de Deus? Aproximem-se das pessoas através de alguma coisa que lhes diz respeito, que lhes mostre que os Senhores se interessam por elas, através de algo que condiga com o espírito e o coração deles. Pregando para meninos, narrem a eles episódios da Sagrada Escritura, histórias interessantes de santos, muitas histórias e pouca moral; ao pregarem para meninas, contem-lhes traços da vida dos santos, da idade delas especialmente; mantenham-nas atentas assim, façam com que elas compreendam bem o que os Senhores lhes pedem. Observem como o próprio Nosso Senhor prega no Evangelho; reparem como ele se dirige aos seus ouvintes, os cativa, suscitando-lhes o interesse. Quantas perguntas ele faz! Contemplem a ele junto ao poço de Jacó com a samaritana; olhem-no ao contar a história do bom samaritano; a moral é curta, uma só palavra no fim, mas esta palavrinha produz efeito. A gente lembrar-se-á da história e com ela a moral na palavra final. Ou então, a parábola do semeador e da palavra de Deus. Em nossa preparação, sirvamo-nos da teologia, dos sermonários, para encontrar os assuntos que temos que dizer; mas na maneira de apresentá-los, evitemos seriamente falar como os sermonários ou até o próprio Bourdaloue. Aproveitemos-lhe o plano, a lógica, as idéias, mas saibamos traduzir isso numa linguagem ao alcance dos nossos ouvintes; embelezemos essa fala de comparações, de anedotas, de coisas atuais, práticas e apropriadas aos que escutam. Bossuet, por exemplo: nos seus escritos há pensamentos, visões admiráveis. Tomem essas idéias, desenvolvam-nas, ponham-nas à altura dos seus ouvintes, transformem-nas até tornar-se uma coisa compreensível para todos, adequada à

maneira de pensar e falar deles. Além disso, é muito bom estudar os pregadores que a gente ouve; em geral, há alguma coisa de bom para aprender, principalmente quando se trata de um homem de certo valor. O antigo pároco da catedral, o Padre Boizard, que era um homem de alta distinção, ia a todos os sermões, mesmo aos de sacerdotes jovens e afirmava que tirava proveito disso. Ele usou um dia, para aproveitá-las na catedral, duas ou três idéias de um sermão que eu tinha feito sobre a Santíssima Trindade e as quais eu tinha retirado de algum sermonário ou livro de teologia: "Está bem," eu disse para ele, "vós me roubastes!" E todavia eu não era pregador, como falta muito ainda hoje! Entre os sermonários, eu lhes recomendo o Padre Lajeune; ele apresenta a doutrina sob pontos de vista muito interessantes, de um modo original; vê-se a maneira como se pode tratar as questões. Não é para imitá-lo em tudo, mas ele é muito interessante, prático, mesmo estando um pouco envelhecido.

Acima de tudo, eu lhes recomendo a prática deste Artigo do Diretório; rezem com fervor as orações que ali se encontram; inspirem-se amplamente nos pensamentos do nosso Santo Fundador, conservem-se muito piedosos e unidos a Deus. Que cada um anote o que acabo de dizer. Guardem bem estes ensinamentos e que seja como no caso das instruções do Seminário que perduram até a extrema velhice.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 6 DE JULHO DE 1892

A HOMILIA

Eu acho conveniente que os nossos pregadores se aproximem sempre mais dos métodos dos Santos Padres, explicando o Evangelho através de homilias. A ignorância se tornou tão profunda que, para que a gente escute e compreenda, é preciso aproveitar meios plenamente de acordo com a sua capacidade intelectual e formação religiosa. Citaram-me, nestes dias, um exemplo deplorável disso. Prepara-se crianças para a primeira Comunhão; a gente se vê obrigada a recusar a metade; elas não têm sombra de noção religiosa; confundem as virtudes teologais com os pecados capitais; não há diferença para elas; as Pessoas da Santíssima Trindade, os mistérios lhes são totalmente desconhecidos. Antigamente, quando se estudava catecismo nas escolas, as crianças já não sabiam muito, hoje são completamente ignorantes, não sobrou mais nada. Recorramos, pois, a esse método da homilia para explicar a religião. É uma forma que tem sido respeitada na Igreja, que ainda agora faz com que leiamos, no Ofício, a palavra do Santo Evangelho, seguido da homilia, a explicação dessa palavra. Esse gênero de pregação torna-se sempre mais necessário. As palavras do Evangelho que se cita, já comunicam uma graça: "Sermo Dei vivus et efficax" (cf. Hb 4,12) (A palavra de Deus é viva e eficaz). É algo que impressiona, tanto tratando-se de um fato, como de uma palavra da Sagrada Escritura. Façam com que a gente compreenda esta passagem do Evangelho; apóiem a sua instrução nela, desenvolvam essa palavra, o ensinamento que se deriva desse episódio. Desdobrem a história da cananéia e os Senhores terão feito um sermão sobre a oração que todo o mundo compreenderá muito melhor do que se os Senhores tivessem começado a abordar, em primeiro lugar, considerações sobre a oração. Eles não sabem o que é a oração; não têm a mínima noção disso. Um grande engano que cometíamos era fazer sermões que não levavam a nada. Eu me lembro de um jovem vigário de São João que pregava seu primeiro sermão no dia de São Pedro. O Padre Boulage, o antigo pároco de São Pantaleão, estava presente. Depois do sermão, como o jovem pregador tinha voltado à sacristia e parecia muito animado, muito entu-

siasmado com seu sermão e muito desejoso de receber elogios, o Padre Boulage se aproxima dele: "Diga-me, meu amigo," ele lhe disse, "o Senhor tem um tanto de pretensão de ser um orador; tem as qualidades, a capacidade para isso, sem dúvida alguma, mas quando vai querer começar de novo um sermão semelhante, uma coisa terá que fazer antes de mais nada..." - "Que coisa?" - "É gritar: Mortos, que estais descansando nos vossos túmulos, em baixo das lajes desta igreja, levantai-vos, aparecei, saí dos vossos sudários, eu tenho que falar-vos!... Então, se os mortos vierem, eles o entenderão. O que o Senhor disse, atingia a gente que vivia há duzentos anos; mas isso não podia interessar ninguém dos que o ouviram agora. Há duzentos anos os homens sabiam teologia e as mulheres também; mas quem é que sabe bem agora o que é religião?..." O Padre Boulage tinha razão e devemos evitar atentamente essa falta de tino. Os Senhores sabem que os homens, que as próprias mulheres se encontram numa ignorância absoluta em questões de religião? Há 50 mil católicos em Troyes; não me estou referindo a um certo número de pobre gente que são pagãos; eu os desafio a encontrar dez pessoas que sabem muito bem os pontos essenciais da religião, mesmo entre praticantes. Um magistrado muito piedoso, muito cristão, me perguntava, há algum tempo: "Se, no leito da morte, eu não tiver um sacerdote, será que eu não me poderia confessar a minha mulher?" Outro magistrado, muito cristão também, que era presidente do tribunal civil em A..., tinha uma irmã sua na Visitação. Uma manhã ele me encontrou no momento em que eu ia dar catequese às pensionistas: - O Senhor poderia muito bem dar catequese igualmente, ele me disse, - aos adultos e mesmo idosos. Olhe, a propósito de catequese, eu para mim acho que há na Bíblia uma quantidade de coisas inaceitáveis, estando em contradição com a ciência. - Senhor Presidente, venha à catequese; exatamente esta manhã vou explicar o contrário do que o Senhor afirma!...

Com esses sermões que se ouve por toda a parte, os a quem a gente se dirige não escutam, não compreendem; as palavras passam por cima das cabeças. Os primeiros Padres da Igreja se encontravam numa situação parecida com a que estamos vivendo. Pois se achavam no meio de pagãos e a ignorância da gente de hoje teria suscitado risadas dos próprios pagãos! O leitor, no ambão, lia o Evangelho, depois o Bispo fazia o comentário; ele ensinava a religião ao povo com os fatos, com a pala-

vra do Evangelho. Façamos como eles faziam, é o método acertado. A forma da homilia, do sermão moralizante, sendo mais familiar e mais instrutiva, mais ao alcance de todos, é nitidamente preferível àquela da pregação. Um dos meus professores de teologia que era um grande orador, o Padre Sebille, nos recomendava sempre essa maneira de pregar. "Os Senhores fazem um sermão," ele nos dizia, "se estão numa paróquia ainda um pouco cristã, está bem; mas se não é profundamente cristã, recorram a uma outra forma e o seu ensinamento terá fundamento, terá vida; será prático e interessante."

Reparem bem que a homilia não dispensa o trabalho pessoal de preparação. O desenrolar da homila também tem que ser organizado; precisa-se ordenação, plano e lógica. Fenelon que estimava muito e recomendava esse método de pregar insiste para que o pregador faça bem o esquema de sua homilia, que ele explicite as asserções a desenvolver, que as adapte à inteligência, aos costumes dos seus ouvintes; mas ele recomenda também que se evite muito deixar perceber essa estrutura, esse esqueleto do discurso; a mão não deve sentir os ossos.

Como os Senhores preparam as suas homilias? Aprofundem-se bem, de fato, das palavras do Evangelho, como primeiro passo; olhem de perto; procurem nas suas anotações ou em outro lugar o que os possa ajudar na explicação que pretendem dar do Evangelho, consultem os Padres e sobretudo São João Crisóstomo, os sermonários; tentem achar lá alguma coisa apropriada e prática. Leiam-no e reflitam; experimentem tirar daí algo que cative aqueles a quem os Senhores têm que se dirigir. Ajuntem a isso comparações, acontecimentos, uma coisa que desperte e avive a atenção. Esse modo de pregar será tanto mais escutado quanto menos se conhece o Evangelho. O que disserem parecerá aos Senhores algo repisado, mas será novo para os seus ouvintes. Até lá a gente não ouvia falar ainda sobre isso ou não o tinham compreendido. A homilia oferece uma vantagem muito grande ao pregador. Este não está ligado pelas regras rigorosas do sermão. Pode prender-se aos pensamentos mais salientes do Evangelho e desenvolvê-los; além disso, ele está apoiado na palavra viva e eficaz; esse apoio ajuda o pregador de modo singular; ele não está sozinho, isolado, entregue às suas próprias forças. Tomemos, pois, com muito gosto o Evangelho por base de nossas pregações; nas festas dos santos, aproveitemos a vida dos santos, alguns fatos isolados ou o conjunto de sua vida; o espírito, as virtudes mais destacadas

do santo, a sua generosidade para com o Bom Deus. As anotações dos Senhores lhes servirão admiravelmente para este tipo de instruções. Os Senhores têm uma liberdade maior na seleção do material. Não estão obrigados a uma unidade de conteúdo tão rigorosa. No próprio Evangelho encontram uma grande parte das idéias a desenvolver. É uma maneira de instruir mais eficaz não só, mas ela está mais ao alcance e é mais compreensível. Os Senhores pregam sobre o filho pródigo; eu ouvi o Padre Combalot fazer dois sermões sobre o filho pródigo: a saída e a volta. Toda a gente chorava. Ele mesmo dizia: "Estes dois sermões me renderam mais do que tudo o que preguei!" Homens, mulheres, crianças, todo o mundo estava impressionado, toda a gente se converteu. Os Senhores querem mostrar a misericórdia de Deus; encontrarão muitos textos na Sagrada Escritura; acharão talvez também lindas idéias; mostrem o pai esperando o filho, estendendo-lhe os braços; os Senhores comoverão ainda mais; serão talvez eloqüentes. Imitem São João Crisóstomo; evitem sobretudo seguir os autores dos 14º, 15º, e 16º séculos; é muitas vezes uma miscelânea de sinfonias que fala ao ouvido, mas que não representa grande coisa. Nessa época escrevia-se livros de espiritualidade e livros teológicos de excelente qualidade; dizia-se coisas preciosas, incomparáveis, mas se pregava de um modo intolerável, incluindo até algumas vezes São Tomás de Aquino. Os Santos Padres fizeram ótimos sermões; depois deles é preciso passar ao nosso Santo Fundador, ao Padre Lejeune e aos pregadores do tempo de Luiz XIV. Mas naquele tempo não se usava homilias, toda a gente era instruída e sabia o Evangelho. Reservava-se as homilias para a gente do interior, que não era bastante culta para compreender os belos sermões. Convém, pois, saber bem o Evangelho, compreendendo-o a fundo. Estudem para isso os melhores comentadores. Leiam e releiam o texto sagrado. Imaginem-se que os seus ouvintes não sabem nada. Não os tratem como imbecis, mas como gente que não tem noção alguma, nem de teologia, nem da Sagrada Escritura, nem de religião.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 13 DE JULHO DE 1892

PARECER SOBRE O DIRETÓRIO

Somente atraés do Diretório é que somos Oblatos. Sem Diretório, não há Oblato. Verdade é que o Diretório não pode ser considerado como uma condição exclusiva e absoluta para todos, já que não é senão um meio para chegar a uma coisa melhor, o amor de entrega, de plena confiança; e porque o nosso Santo Fundador diz que um receio demasiadamente grande de sujeitar-lhe o espírito pode ser tolerado, contanto que**"não provenha de caprichos, presunção, desprezo ou desgosto, cabe, então, ao prudente diretor conduzir as pessoas por um outro caminho, bem que normalmente o do Diretório seja útil, assim como ensina a experiência."** Nós é que avançaremos fielmente no caminho útil, traçado por nosso Santo Fundador, exercendo-nos nesses artigos múltiplos, até que, mais tarde, os nossos exercícios diversos se transformem num exercício da maior simplicidade. É essa a nossa vida. É assim que o Diretório nos conduz a uma intimidade contínua com o Bom Deus. Nós lhe perguntamos tudo, nós lhe contamos tudo; fazemos tudo com ele; pedimos-lhe a graça para cada momento; o resto do tempo nos mantemos unidos ao Bom Deus por uma adesão simples, cordial, afetuosa, tanto quanto o Bom Deus o permitir. É isso em que consiste o Oblato.

Para chegar a isso, não é tão simples. No entanto, é isso o que todos os santos se esforçaram por alcançar. São Vicente de Paulo, no meio de sua vida ocupadíssima, procurava antes de tudo a união com o Bom Deus. As maiores provações que lhe podiam ocorrer viravam consolações depois de um quarto de hora de oração; assim a sua meditação não era uma reflexão, mas uma união do coração a Deus. Temos que chegar à união com Deus, à santidade pelo Diretório, como as Ordens austeras, os Trapistas, chegam à união com Deus pela mortificação corporal, pelo trabalho manual e o jejum; como as Ordens ativas chegam aí pelas obras, a dedicação, o sacrifício. O fim de todos é a união com Deus. Os meios são diferentes. O nosso é o Diretório. Depois de sujeitar-nos perseverantemente, ele reina em nós num estado de prática costumeira. O levan-

tar de manhã, os pensamentos ao vestir-se, tudo isso se realiza sem esforço, cumprimos a Vontade atual de Deus. Efetuamos a coisa mais perfeita: a obediência; fazemos o que há de melhor. Preparamo-nos para rezar a Santa Missa, celebramo-la, é um ato excelente; sigamos o nosso Diretório e, como dizia a Boa Madre, rezaremos a Missa com Nosso Senhor; somos como uma extensão dele, agimos em seu nome, com ele. Se rezarmos muito bem a Missa, é perfeito; se cometemos alguma falha ou incorremos nalguma distração, nalguma preocupação ou idéia alheia, Nosso Senhor a suprirá, desde que a nossa vontade esteja bem do lado dele. Humilhemo-nos, então, e ele arrumará tudo. Assim por diante: no recreio, na hora das refeições, na aula. Não representa uma fadiga para nós. É, pelo contrário, um descanso de espírito. Importa muito formar o hábito disso; é o que temos que fazer, é em que consiste a nossa característica. Na meditação da manhã, preparem bem o seu dia; entreguem-se confiadamente a Nosso Senhor. O negociante, de manhã, não vai fazer considerações sobre coisas quaisquer; ele vai ao que mais importa, ele prepara a sua venda. Quando tiver tempo, pensará em outra coisa; façamos como ele. Continuem assim durante todo o dia, seguindo, passo a passo, o Diretório e Nosso Senhor. Não será um cansaço, será um descanso e os Senhores serão bons e verdadeiros religiosos. Não considerem, pois, o Diretório como um jugo insuportável, como um incômodo. É um costume a adquirir; pouco a pouco se consegue. Tenham Nosso Senhor presente em tudo o que fazem. "Temos um Salvador," dizia a Boa Madre. Ele nos salva das nossas misérias, das nossas incapacidades, das nossas faltas. Isso tornará a nossa espiritualidade extremamente simples, iremos direto a Deus, em todas as nossas atividades, em todos os nossos atos. Será que isso nos eliminará a inteligência, a energia, a iniciativa? Não. Pater meus usque modo operatur, et ego operor (Jo 5,17) (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também). A união com Deus nos ajuda a desenvolver todas as nossas faculdades. Esse meio do Diretório é bom. Ele forma em nós alguma coisa de íntegro, de simples, de ajuizado que fica bem para todo o mundo, que sustenta equilibradamente em todas as espécies de provações e nas relações com o próximo. É o pólo sobre o qual apoiar-se e em torno do qual tudo girará e se mantém no sentido verdadeiramente cristão. É essa a direção de nossa vida religiosa, é esse o caminho bem assegurado. Ninguém pode ir de encontro; nenhum obstáculo pode impedi-lo, nem a saúde debilitada, nem a falta de força. Ela se harmoniza perfeitamente com os que estão muito ocupados, igual-

mente com os que têm mais folga. Mas precisa-se a luz de cima, a graça do Bom Deus para compreendê-lo bem.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 19 DE OUTUBRO DE 1892

AS MISSÕES NO CABO - A BOA MADRE E O NOSSO ESPÍRITO

Hoje recomendo particularmente que se reze pelos nossos missionários, pelos que partiram e pelos que hão de partir. Quanto aos primeiros, já algum tempo não recebo notícias; espero que cheguem nestes dias. Na sua última carta, os Padres Riera e Portier me disseram que a primeira parte da viagem fora feliz e que o mar era como uma toalha de óleo, do início até o fim.

Deve-se rezar também pelos que vão viajar em breve para o Cabo da BoaEsperança, para que o Bom Deus os acompanhe e lhes conceda todo o auxílio espiritual e material de que precisarem. Eles necessitam de uma grande dedicação e sobretudo de santidade e espírito religioso. No Cabo deve-se sustentar a mesma luta como na França. A Maçonaria é que reina ali. Ela espreita os missionários. Um grande perigo, para o qual chamo a atenção, é a lisonja dos chefes maçônicos. Eles são muito corteses, cuidam muito dos Senhores, seduzem-nos, fazem-lhes mil pequenas gentilezas. A felicidade maior deles é enganá-los. Essa é a tática mais hábil e mais perigosa desses nossos adversários. O Padre Simon me escreveu isso. Convidam o missionário a jantar, dão-lhe presentes. Oferecem-lhe estátuas para a igreja dele, com a condição que ele aceite jantar ou tomar um traguinho. Fazem de tudo para angariar a confiança do missionário para depois destruir-lhe a influência e autoridade. Precisa-se de muita prudência e uma vigilância extrema para não se deixar prender. Mas é bem certo que, sendo um bom religioso, se evita facilmente esse perigo. A gente não se deixa atingir pelos maçons, mas se

empenha por convertê-los. Da mesma forma, só através de uma vida toda religiosa que se pode converter os Hotentotes. Eles já querem ver a conduta do missionário e, segundo esta, eles avaliam o valor da doutrina dele.

É necessário rezarmos para que a obra do Bom Deus se realize naquela diocese imensa. O Grande-Namaqualand, do outro lado do Rio Orange, me preocupa. A única maneira de arraigar lá é através de propriedade. Ofereceram aos nossos Padres uma propriedade imensa, 150 mil hectares, eu acho, a 25 vinténs, mais ou menos, por hectare. É quase de graça. Mas a Congregação não é capaz de arcar com uma despesa como esta. O melhor seria comprar um pedaço pequeno de terra. Pode-se fazer muito bem lá. Hotentotes e negros se sentem atraídos para os nossos Padres, ao ver que cuidamos de seus filhos. Em Pella, os nossos Padres fazem maravilhas. Construíram uma igreja, uma muito grande, com naves laterais, em forma de cruz latina. Em vista do calor do clima e da falta de recursos naquela região, fizeram um esforço imenso.

Faz algum tempo recebemos o texto do decreto da Sagrada Congregação dos Ritos que declara que não há nada a censurar nos escritos e a doutrina da Boa Madre, e que, por conseguinte, a comissão pode continuar os seus trabalhos. Isso é uma garantia imensa. Isso nos situa na Igreja, não somente como religiosos, pois tínhamos o nosso decreto de aprovação, mas como tendo uma doutrina própria. Isso nos dá uma aparência distinta.

É preciso que a gente seja Oblato, que se compenetre da doutrina religiosa como tal, como entendida e interpretada pela Boa Madre. Esta doutrina da Boa Madre agora está aprovada. Sejamos Oblatos antes de mais nada. Um Jesuíta nunca deixa de aprender, no noviciado, que o que há de melhor e mais perfeito no mundo é o espírito, são as obras da Companhia de Jesus. É verdade. Eles não representam nada e não fazem bem algum senão em conseqüência desta convicção. Nós também façamos o mesmo. Sabemos que os meios dos quais dispomos e que a Igreja nos põe ao alcance são muito eficazes para realizar a obra de Deus. Prova contínua disso temos em todas as pessoas com quem ela entra em contato. Este espírito, esta doutrina é o que há de melhor e de mais perfeito para nós. Só assim é que faremos algum bem.

A nossa doutrina é a união da nossa vontade com a de Deus.

Isto para nós é tudo. Não nos apoiamos numa devoção especial, exclusiva, o Sagrado Coração, o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora; todas as devoções autorizadas são aceitas por nós; mas a nossa grande devoção é a Vontade de Deus. Santo Inácio dizia: Ad maiorem Dei gloriam! (Para a maior glória de Deus.) São Francisco de Sales diz: Ad Dei Voluntatem! (Para o cumprimento da Vontade de Deus.) Há uma grande diferença entre estes dois gritos de contra-senha e os dois espíritos que daí se derivam.

O Oblato se apóia em Deus pelos meios indicados por São Francisco de Sales. O que ele fizer, seja como professor ou operário, seja como erudito ou ignorante, o que vale nele é a fidelidade em conformar-se à Vontade de Deus. Quando se tem sujeitado, a todo o momento, a vontade própria, quando a gente se tem acostumado à idéia da presença de Deus, não há muita necessidade de recorrer tantas vezes a meios especiais.

Por exemplo, um pecador, vivendo na ocasião de pecado. São Francisco de Sales não irá impor-lhe atos extraordinários para safar-se de lá. Que ele rompa simplesmente com a ocasião, que ele a corte rente a todo o momento, que ele manifeste a Deus a união da sua vontade à Vontade divina, e tudo está feito. O Senhor está encarregado de ocupar-se com literatura profana; o Senhor preferiria santificar-se em ocupações mais místicas. O Senhor cumpre a sua obrigação, que a Vontade de Deus disponha do Senhor: está nisso toda a santidade. Mais não se precisa. Assim se tem paz de consciência e toda a energia da vontade. Nós aderimos à Vontade de Deus e não andamos nem combatemos mais sozinhos. Em vez de nos esborrachar, ela nos sustenta. Foi-me dito em Roma e muitas vezes me repetem o mesmo: "Padre, jamais podereis compreender a influência que esta doutrina é chamada a ter sobre as almas!" Quantos milagres o provam, meus Amigos! Acabo de receber também uma carta que comunica a cura de um jovem sacerdote, pela intercessão da Boa Madre.

Sejamos Oblatos em tudo e antes de mais nada. De outra maneira, não seremos senão seres apagados e nulos. Só assim teremos valor e nos identificamos. Suponham um Padre que trabalha em madeira ou na terra, um professor que dá aulas, um pregador que faz sermões; muita outra gente faz isso! Façamo-lo como Oblatos, com o nosso Diretório, aplican-

do-nos por conformar a nossa vontade em tudo à Vontade divina, e então será bem outra coisa; não faremos como todos os outros. Assim a gente harmonizará com o dom da Boa Madre Maria de Sales.

Eu explico esta palavra "dom". Ela me disse muitas vezes que Deus tinha grandes graças reservadas para o mundo e que são os Oblatos que aplicariam essas graças às pessoas. Todas as cartas dela que a Igreja acaba de aprovar, se referem a isso. Em Deus há moradas que nunca foram tocadas; serão aproveitadas pelos que avançarem nesse caminho. De fato, meus Amigos, todas as pessoas que ingressaram por aí, se acham bem. Foram esclarecidas, encorajadas, assistidas poderosamente. Se nós não fizermos nada, se não correspondermos aos desejos de amor do Coração de Deus, ele levará esse dom a outra Congregação. Eu tenho muito medo disso. Os Missionários de São Francisco de Sales de Annecy têm um Superior notável, que compreende a Boa Madre, que a prega em toda a parte; não sou ciumento, pelo contrário! Mas se por insuficiência, por incapacidade, por falta de fibra, não nos mostrássemos à altura da nossa missão, por que Deus não se dirigiria a outros?

Até este momento, meus Amigos, tínhamos uma certa segurança, baseada nos fatos. Mas agora, a própria doutrina é justificada detalhadamente e aprovada. Não se encontrou defeitos a pôr. Mil vezes me foi repetido, e vejo mais do que nunca que é verdade: " O que vós quereis, isso é bom, isso vem de Deus." Os que entrarem neste caminho, obterão o efeito próprio, isto quer dizer, a união com Deus, a fidelidade a Deus. As coisas valem tanto quanto custam. Os dons de Deus são proporcionais à fidelidade dos nossos atos. Os Senhores querem receber graças especiais: Estote sancti (Sejam santos). O que Deus oferece, ele não dá de mão beijada. É como num Banco, onde não se dá senão em troca de referências respeitáveis. Fazer a Vontade de Deus, cumprir o seu dever em união com Deus, isso é extremamente fácil. A devoção à água benta, ao Sagrado Coração, aos santos, é excelente; mas a nossa grande devoção é executar a Vontade de Deus. É cem vezes mais santificante fazer seja o que for em união com a Vontade de Deus do que passar três horas em meditação sem se preocupar com a questão se isso corresponde à Vontade de Deus. A Boa Madre me disse isso várias vezes.

Vejam como isso combina com o Evangelho e está ao alcance de toda a gente! Não é necessário ler livros volumosos sobre a perfeição;

ocupar a mente com esses livros, não tendo outra coisa melhor para fazer, é uma ocupação boa, mas se pode chegar à perfeição sem isso.

O mosteiro da Visitação vivia nesse espírito durante quarenta anos. Eu via florecer aí a santidade, através deste único meio: cumprir de todo o coração a Vontade atual de Deus.

Nosso Senhor não disse que, para encontrar o caminho para o céu, a gente precisava elevar-se nos ares. Não, ele chama o caminho do céu de "via", a via, o caminho que se pisa com os pés, que se percorre todos os dias. Esse caminho não é outra coisa a não ser a Vontade atual de Deus.

Formemo-nos nesse espírito. É um espírito verídico, aceito e respeitado por todos. Nós todos compreenderemos e atrairemos os corações e as vontades.

Peçamos à Boa Madre que ela nos obtenha esse espírito. Jamais a gente se manifestou confiante nela, sem experimentar o resultado feliz. Quando os Senhores têm alguma coisa a levar a cabo, eu apreciaria muito que a invocassem, e ela lhes fará entender o seu parecer no fundo do coração. Esclarece-los-á e ela os guiará.

É uma grande alegria para mim a publicação desse decreto, impresso na gráfica do Vaticano, com as imagens de São Pedro e de São Paulo e com as armas do Papa. Quando eu via decretos parecidos afixados na porta do Vaticano, eu dizia aos meus botões: Quando, então, veremos uma coisa assim com relação à Boa Madre? Hoje, se a gente fosse a Roma, poder-se-ia ver esse decreto afixado na porta do Vaticano.

Até agora eu tinha muita confiança na Boa Madre; eu tinha motivos sobrando para não duvidar dela. A minha confiança ainda cresceu. Como se pode ter a mínima reserva no coração, quando Roma falou?

Precisamos ficar com a Boa Madre; ela tem que ficar conosco. Importa que experimentemos o efeito disso e que possamos comunicá-lo aos outros homens.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 26 DE OUTUBRO DE 1892

ENSINAMENTOS SUMAMENTE ÚTEIS

Devemos aplicar-nos a ser fiéis ao nosso Instituto, ao nosso espírito, isto é a sermos Oblatos. Tudo o que poderíamos fazer fora disso não nos seria de utilidade alguma, **"por melhor que pareça ser, e de fato o seja, para eles não o será. Isso lhes asseguro."** Tudo o que temos que fazer, de fato, está contido na doutrina de São Francisco de Sales e - mais imediatamente - nos ensinamentos e os escritos da Boa Madre Maria de Sales que acabam de ser reconhecidos pelo Santo Padre, isentos de qualquer erro doutrinário.

Além disso, para nos animar a seguir este caminho e estes ensinamentos, temos a palavra do Papa Leão XIII: "Trabalhem segundo esta orientação," ele me disse, " eu, o Papa, trabalharei convosco. Todos os que seguirem este caminho farão pessoalmente a Vontade de Deus em relação a eles." Pode haver um estímulo mais valioso? O dever de todo o homem que se quer salvar é procurar em qual caminho ele é chamado a andar e, depois de encontrá-lo, conformar-se a isso quanto mais possível. Às vezes esse encontro se dá muito tarde na vida e até por vezes não acontece nunca. Quantas hesitações, então, quanta inquietação passam, freqüentemente, pessoas muito santas. Quanto a nós, não temos nada que temer, nada que procurar. Com essa palavra do Papa estamos certos que cumprimos pessoalmente com a Vontade de Deus. Não é suficiente, no entanto, sabermos que estamos no bom caminho, devemos avançar nele. Não basta saber qual é a Vontade de Deus, importa conformar-se a ela. Ora, apresento-lhes alguns pontos da doutrina da Boa Madre, para os quais eu lhes chamo especialmente a atenção.

Tudo o que Deus nos der estará em relação com o que nós próprios lhe daremos. Ele será para nós o que formos para ele.

Quando se falava à Boa Madre sobre graças sobrenaturais, concedidas a certas pessoas, ela sempre começava, antes de formar a sua opinão, por informar-se sobre a vida e as obras dessas pessoas. Sejamos

bons, portanto, para que Deus seja bom para nós e nos dê algum presente. Os dons de Deus não são de menosprezar, não são de atirá-los para fora. Tudo o que nós fazemos deve corresponder à Vontade de Deus, quer dizer, deve ser de acordo com a obediência. Uma hora, um quarto de hora de trabalho manual, ordenado pela obediência, vale cem vezes mais do que três horas de meditação, passadas totalmente alheias à obediência. O nosso lema deve ser: Ad Dei voluntatem (Para o cumprimento da Vontade de Deus), como o dos Jesuítas é: Ad maiorem Dei gloriam (Para maior glória de Deus).

Eu lhes recomendo que cuidem muito para conservar e aplicar bem essa doutrina que é o nosso patrimônio, a nossa riqueza. Se somos infiéis, podemos ter medo que Deus venha retirar de nós a luz da verdade que primeiramente nos tinha destinado, para entregá-la a outros. Então não seríamos mais de utilidade alguma na Igreja de Deus.

* * * * *

Eu lhes recomendo com insistência que rezem sempre fervorosamente por nossos missionários e especialmente pelos que vão partir.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DIA 2 DE NOVEMBRO DE 1892

A PROMOÇÃO VOCACIONAL

Hoje lhes direi uma palavra sobre a obrigação que todos temos de trabalhar para o recrutamento da Congregação. Antes de mais nada nós mesmos devemos ser bons religiosos, dedicar-nos com ardor à obediência, praticar o Diretório; são essas as disposições que suscitarão vocações em torno de nós. A vocação é um dom de Deus, é o sopro do Espírito Santo que inspira onde e quando ele quer (cf. Jo 3,8). Se a nossa comunidade está bem unida com o Bom Deus, se reina aí determinação e boa vontade, o gosto e o carinho pela observância e pelos diversos ofícios que cada um tem que atender, certamente isso ocasionará vocações. Como re-

ligiosos, devemos pensar no recrutamento; se fôssemos eremitas, não teríamos que preocupar-nos com isso.

Rezemos, pois, sempre nessa intenção, na Santa Missa e em todos os momentos. É a tal ponto a nossa incumbência que no Evangelho - observem bem - não é Nosso Senor que quer ter a preocupação pelo angariamento de discípulos. Ele encarrega os Apóstolos: Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam (Mt 9,38) (Rogai ao Senhor da messe, que envie operários à sua messe). Cabe a nós também pedir operários ao Pai de família. Lembrem-se fielmente disso na hora do exame de consciência, pois é uma obrigação para os Senhores. Se não tiverem outra forma de ação a dispor para realizar o recrutamento da Congregação, empreguem pelo menos esse. Atraiam novos membros através dos seus exemplos e pelas suas orações.

Tanto mais estamos obrigados a isso, pois a nossa vida não é a vida de toda a gente. O que nós fazemos não é bem aquilo que todo o mundo faz. Dediquemo-nos à nossa vida, apaixonemo-nos por ela em conseqüência da nossa fidelidade à observância e à Regra. Está nisso toda nossa vida religiosa. Compreendamos bem a grande necessidade e importância disso. Leiam São Tomás de Aquino e os Senhores verão o que é a vida religiosa. A maior graça que Deus deu aos homens é a de permitir que o seu Filho assumisse a natureza humana para uni-la à natureza divina. Mas depois dessa graça, a mais bela e a maior de todas é a vocação ao estado religioso, porque esta nos une mais intimamente ao Salvador e faz com que nos assemelhemos a ele. Assim também ensina Bellarmin.

Convençamo-nos, portanto, acima de tudo, da necessidade de ser um bom religioso; acreditemos que assim atrairemos outros religiosos, ocasionaremos a outros o benefício da vida religiosa. Peçamos essa graça à Boa Madre; esse favor será dado àqueles que forem fiéis no andar neste caminho.

* * * * *

Acabo de visitar uma pessoa que veio da Inglaterra exclusivamente para me dizer isto: "Venho cumprir uma missão. Na Inglaterra há bons sacerdotes, bons religiosos; mas há um vazio enorme nas almas. Os ingleses mais do que ninguém precisam de vida interior; nós, ingleses, pensamos mais, temos um espírito ativo, laborioso, empreendedor; tanto

mais precisamos de uma vida de maior intimidade com Deus. Acredite no que vos estou dizendo. Eu conheço o Padre Isenring, eu li a vida da Boa Madre: é isso o que precisamos. Eu vim para essa finalidade em peregrinação, eu vos suplico que nos envieis Oblatos. Os nossos sacerdotes são bem edificantes e bem sérios, mas não podem dar às pessoas tudo aquilo de que necessitam. É a vossa direção, é o vosso espírito de que temos precisão, é essa maneira de ver e de agir." Isso não se aplica somente à Inglaterra, mas vale para toda a parte. Se tivéssemos uma Ordem terceira organizada para agrupar homens e mulheres, faríamos um bem imenso. Já temos um começo disso e as pessoas que fazem parte se acham sumamente bem, muito melhor do que de qualquer outra associação ou confraria. É um dom de Deus que não se pode perder, meus Amigos. Temamos que o Bom Deus transfira o candelabro e a luz para outra parte. Não tratemos essas coisas de uma maneira leviana, despreocupada, irrefletida; dediquemo-nos a isso seriamente.

O Senhor é pedreiro? Capriche para fazer uma boa argamassa e deitar os tijolos bem a prumo. O Senhor é Oblato? Aplique-se a ser um bom Oblato. Faça como os bons pedreiros. Saiba bem quais os seus compromissos. Estreitem
os laços de caridade a ponto de haver um só coração e uma só alma entre os irmãos; sejam fortes e Deus abençoará a Congregação inteira.

Esse dom de Deus, essa graça divina, só ele pode dá-la: alcança-la-emos por nossas orações e nossa fidelidade, executando com capricho o que nos é indicado, sendo realmente Oblatos e Oblatos à altura. Encarnem isso nas suas ocupações diárias, façam-no presente no seu memento. Observem o que faziam São Bernardo, São Francisco de Assis, Santa Teresa, São Francisco de Sales: é pela sua fidelidade que eles ganhavam e angariavam novos membros. São Bernardo não era um homem vivendo fora da realidade ou um espírito débil; ele se afligia profundamente e se lamentava quando não tinha conseguido as vocações que esperava. Nós temos trabalhado dura e firmemente desde que existimos; mas não temos feito bastante nesse particular, isto é, para obter vocações. É devido à nossa miséria nesse sentido que somos tão poucos. Vamos tentar, meus Amigos, mãos à obra. Eu sou o seu Fundador. Vejo que tudo o que a Boa Madre disse e prometeu, se realiza, se executa. Roma sancionou essa maneira de ver e de agir, pois os escritos da Boa Madre estão

aceitos e aprovados.

A primeira peça canônica e pública do Processo de Beatificação está agora afixada na porta do Vaticano, confirmando e aprovando de alguma forma o que a Boa Madre nos disse. Os Senhores querem executar tudo isso, ou não querem? Querendo-o, comecem logo; não o querendo, retirem-se para deixar que outros o façam. Estou firmemente convencido de que os Senhores todos optaram por essa obra. O Papa o afirmou solenemente para mim: "Todos os que trabalham convosco, fazem pessoalmente a Vontade de Deus." Quantas Congregações há que tiveram, desde a sua origem, tais seguranças? O veículo no qual estão embarcados rodará seguramente, sem grandes obstáculos e os levará seguramente ao destino. Tomem a peito, portanto, seu trabalho; considerem as coisas com seriedade, que é a única maneira certa e dediquem-se de todo o coração. Não é qualquer coisa fazer a Vontade de Deus, salvar-se a si mesmo e outras pessoas, que ele entregou à nossa direção. Quando o Papa chega a afirmar que ele está convencido de que o Bom Deus quer esta obra, então se pode meter para frente.

Como diz São Paulo (cf. Rm 13,11), não convém que sejamos gente adormecida, gente que retarda, que nunca está acordada nem disposta. Os trabalhadores da roça afiam a sua enxada, amolam-na e a limam, para que entre bem no solo e o amanhe. Esforcemo-nos por revolver bem igualmente o que Deus quer que revolvamos. Eu lhes mencionei, há pouco, essa senhora inglesa e citei o que ela me disse; mas é isso o que me dizem todos os dias, em todas as cartas que recebo. Toda a gente acha na doutrina da Boa Madre alguma coisa que não se encontra em nunhuma outra parte. É um patrimônio que foi confiado às nossas mãos e que devemos fazer produzir; é um capital, posto à nossa disposição. Os Senhores pensarão nisso, meus Amigos, avivarão as suas boas resoluções junto ao Coração de Nosso Senhor, na hora da Santa Missa. O sangue de Nosso Senhor não se esfriou; toda a pessoa que entra em contato com ele, se inflama; tanto no altar quanto no Calvário, ele acende e deixa ardente.

Meu Deus, quero pertencer-vos, mas não quero ficar sozinho. Desejo estar acompanhado por meus irmãos, pelas almas que me derdes.

Que cada um dos Senhores, meus Amigos, se aproxime do Bom Deus com os seus penitentes, com os que guia ou espiritual ou intelec-

tualmente. Experimentem, ponham-se a si mesmos sob a direção da Boa Madre, com o Papa, com São Francisco de Sales, assim faremos alguma coisa: Igitur non dormiamos (Portanto, não durmamos) (1 Tess 5,6).

Rezemos fervorosamente uns pelos outros; essas coisas o Bom Deus as dá, é só dele que podemos esperá-las.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE NOVEMBRO DE 1892

PARECER SOBRE O DIRETÓRIO

"O Diretório propõe uma quantidade de exercícios, é verdade, e até é bom e conveniente, no começo, manter o espírito ordenado e ocupado. Quando, porém, no decorrer do tempo, a alma estiver exercitada um pouco nesta multiplicidade de atos interiores e estiver desacanhada, ajeitada e acostumada, então convém que os exercícios se unam num exercício de maior simplicidade, seja de amor de complacência, seja de benevolência ou de amor de confiança, seja de união e reunião do coração à vontade de Deus, de maneira que essa multiplicidade se converta em unidade."

O Diretório não é nada mais do que um meio para chegar à perfeição cristã, sacerdotal e religiosa. Sem dúvida, há outros meios para alcançá-la. Nos outros Institutos religiosos se emprega meios diferentes, outros exercícios, longas orações, mortificações, austeridades, tudo o que pode manter subjugados o corpo e os sentidos. Nem todos seguem o mesmo caminho. Há a quem uma vida austera convém melhor. Certas pessoas de vontade não muito dócil e não muito aberta às ordens expressas dos Superiores submeter-se-ão mais facilmente a exercícios penosos para o corpo e conseguirão assim a perfeição.

Os nossos meios porém, são bem mais simples. Os meios corporais são excelentes, mas são recursos materiais para chegar ao espírito. O Diretório se dirige diretamente ao objetivo. Sem violências exte-

riores, leva a pessoa à perfeição do seu estado, seja qual for.

O nosso Santo Fundador diz que é bem bom no início sujeitar o espírito a esta multiplicidade de exercícios, mais tarde, porém, se pode mudar este grande número num exercício mais simples de união com Deus.

Mas é preciso começar pelo Diretório e ater-se ao Diretório enquanto o Bom Deus não chame manifestamente para mais alto. Não convém fazer-se ilusões a respeito, confundindo preguiça espiritual com o estado de união com Deus. O Diretório é a nossa grande obrigação: cabe a nós ver se a cumprimos.

O Diretório é um livro pequenininho que, à primeira vista, não parece encerrar muita coisa. Não vão encontrar nada aí dos Santos Padres, apenas algumas citações da Sagrada Escritura, nada de raciocínios. Não apresenta teses bem elaboradas, longe disso. No entanto, contém todo o âmago da vida religiosa. É um meio habilmente simples e seguro, "via plana ac tuta" (caminho plano e seguro). O secretário de Dom Mermillod me dizia que era o melhor exercício de santificação, o mais seguro, o mais isento de ilusões; que era uma ginástica, no sentido supremo, para formar a vontade e conduzi-la à perfeição. Que o Diretório, então, seja matéria de todos os nossos exames de consciência, da manhã e da noite.

Quanto tempo se precisa praticar o Diretório para chegar a esse estado de união habitual com Deus, ao amor de confiança, ou à união e reunião do coração com a Vontade de Deus? Deus o sabe. Uns chegam muito mais facilmente do que outros, porque a graça age neles mais sensivelmente. Eu direi somente que se a gente é bem pontual na prática do Diretório, certamente se o conseguirá, um dia ou outro. Depois de quanto tempo? Não nos preocupemos com isso. Enquanto esperando essa graça de Deus, pratiquemos fielmente o nosso Diretório, ainda que nos toque praticá-lo toda a nossa vida e encontrar-nos sempre entre os iniciantes. Deste modo, Deus estará continuamente unido conosco, e nós permaneceremos sem cessar na sua santa presença.

Exercitem-se também num grande amor de confiança na Vontade divina, pois esta é a finalidade do Diretório. Tenham confiança que cada esforço que fazem é bom e acarreta a sua vantagem. Deixem-se conduzir pela mão como uma criança: Loquere, Domine, quia audit servus tuus

(1 Sm 3,9.10) (Falai, Senhor, o vosso servo escuta). Farei, meu Deus, o que quiserdes. Esforcemo-nos a ir mais longe ainda do que obedecer simplesmente à Vontade de Deus, tenhamos o coração mais perfeitamente unido com ele. Quando alguma coisa desagradável nos acontece, empenhemo-nos para que isso nos aumente o amor pela Vontade divina, consagrando-nos a ela com carinho. Será que isso é algo muito excepcional? Não, São Francisco de Sales o fazia. Assim é que São Vicente de Paulo, Santa Joana de Chantal, Santo Afonso de Liguori e a Boa Madre se santificavam. Reparem como Santo Afonso de Liguori se aplicava a amar a Vontade de Deus, apesar das doenças, das tentações e das provações de todo o tipo.

"Cabe ao Superior reconhecer e discernir a atração interior e o estado de cada um de seus filhos em particular, para conduzi-los segundo o agrado de Deus."

Deve-se contar com a prudência e a discrição do Superior. Cabe a ele indicar o caminho a seguir. Que o Superior peça, portanto, a luz do Espírito Santo, que ele peça esta delicadeza de espírito que compreenda o que Deus deseja dele, tal sacrifício por exemplo, a desistência de tal aspiração: o Espírito de Deus inspira essas coisas. Nem todos os temperamentos são iguais. Assim também quanto à saúde espiritual de cada um, pois a alma tem uma grande semelhança com o corpo. Uma pessoa reconvalescente não pode caminhar dez léguas: Demonstra mihi, Domine, viam in qua ambulam (S 142,8) (Senhor, mostrai-me o caminho que devo seguir) e também aquele por onde eu devo fazer os outros andarem.

"Mais ainda, se houver alguma alma, mesmo no noviciado, que teme sujeitar seu espírito aos exercícios marcados, contanto que esse medo não provenha de capricho, presunção, desprezo ou melancolia, compete ao prudente diretor conduzi-la por um outro caminho, ainda que, normalmente, aquele seja útil, conforme a experiência ensina."

É bem raro que o receio que se possa ter de submeter-se ao Diretório venha de um outro sentimento, diferente dos que menciona aí o nosso Santo Fundador. Fiquemos, portanto, bem dentro desses limites, dentro desses termos. Que o Diretório seja a base da nossa conduta pessoal e da direção que damos a outros.. É muito simples, muito claro, não há necessidade de procurar outra coisa. Tenhamos, no entanto, res-

peito por cada pessoa; estudemo-la diante de Deus: Nolite extinguere flammam (Não apaguem a chama).

O Diretório é a doutrina da Boa Madre. Consideremo-nos obrigados a chegar gradativamente a essa união com o Bom Deus.

* * * * *

Tenho notícias boas dos nossos Padres que embarcaram para o Cabo da Boa Esperança, apesar de que a travessia foi bastante agitada, no início.

A viagem dos nossos missionários para o Equador foi boa; chegaram no seminário, causando grande alegria ao Padre Davi.

Os nossos Padres da Inglaterra começam a andar e desenvolver a sua obra; a sua casa aumenta.

Tenhamos todos esses assuntos presentes em nossas orações, em nossos corações e estejamos bem unidos. Que tudo o que diz respeito à Congregação nos interesse e tenhamos todos um só coração e uma só alma.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 16 DE NOVEMBRO DE 1892

ENSINAMENTOS SUMAMENTE ÚTEIS

"Todos os Oblatos devem estar muito atentos e desejosos de aperfeiçoar-se, segundo o seu Instituto, por uma observância pontual..."

Um militar deve aperfeiçoar-se no seu serviço; um artesão tem que esmerar a profissão que exerce; um pintor, apurar sua pintura, e assim por diante. Não se creia que todos os religiosos tenham o mesmo espírito e devam melhorar do mesmo modo. Todos são artífices do Evangelho, sem dúvida, mas são operários que não trabalham do mesmo modo. A nossa vida interior como a nossa vida para fora não deve ser igual à de todos os outros, senão seríamos inúteis. Devemos nos aperfeiçoar de acordo com o nosso Instituto. Quanto mais acabado se for, tanto mais

corretamente se opera. E como devemos corrigir-nos?

"... por uma observância pontual. Para isso aproveitem todas as luzes que receberem, tanto através de leituras, palestras, meditações, confissões, pregações, como de outro modo, sem jamais aceitar de tudo isso algo que seja contrário ao seu Instituto. Por melhor que pareça ser, e de fato seja, para eles não o será. Isso lhes asseguro."

Entre as diversas comunidades, cada uma tem o seu modo próprio de ver, de operar. Nisso é que consiste a força e a vitalidade de uma Congregação. As aspirações não são iguais para todos. De acordo com a necessidade de cada um, se encontra numa Congregação o que não acharia em outra. Precisamos, portanto, em nosso proceder interior, como em nossa conduta exterior, corresponder integralmente à finalidade que nos propomos, por meio da fiel observância. A primeira vista, isso parece não ser nada, mas na realidade é algo extraordinário. Reparem as Ordens que melhor se têm conservado, a Cartucha por exemplo, que já existe há quase mil anos. Por que os Cartuchos não precisaram nunca de uma reforma? É porque não modificaram nada, não innovaram nada. Canta-se ainda hoje o Ofício como o cantavam no tempo de São Bruno. Na Visitação, não se alterou nada tampouco. É isso um grande princípio de estabilidade. A nossa Congregação não tem a pretensão de ser melhor do que as outras, mas ela tem, sim, a pretensão de sair-se bem. É preciso, pois, fazermos assim e é importante que todos ajam dessa forma, de outra maneira se atuaria de forma alheia ao esforço comum. Em nossas pregações, na direção espiritual a particulares que podemos oferecer às pessoas, não devemos desviar-nos disso; devemos todos ser completamente idênticos. A gente me disse diversas vezes, e eu gostei muito de ouvir isso: "Os Oblatos são todos parecidos; é o mesmo jeito de falar, de apreciar, de julgar." É bom conservar isso.

No exercíco da função sacerdotal, nas pregações há seguramente certos métodos gerais que se podem aplicar sempre; há princípios muito amplos que são adequados em todo o momento, porque condizem com a própria natureza das coisas e com o objetivo perseguido. Mas além desses métodos gerais, temos o método particular, propriamente nosso. Tudo o que lemos, tudo o que vemos, tudo o que fazemos, devemos relacionar com esse fundo. Isso nos orienta maravilhosamente a inteligência, pois tudo isso convergirá a um mesmo ponto. Querer fazer melhor do que a

congregação no proceder interior ou na atividade externa seria uma pretensão pouco feliz. Esta fina sensibilidade ao conformar-se ao espírito da Congregação, essa pontualidade é uma graça, um dom especial de Deus que se consegue pela fiel observância. Prefere-se o próprio dever a qualquer outra coisa; a gente o atende bem e faz com que os outros se empenhem com gosto. A grande força é o amor. Deus é amor. (1 Jo 4,16). Tenham gosto em sua aula, desempenhar-se-ão acertadamente e os alunos gostarão do ensino e do professor. Queiram bem a observância, os Senhores mesmos aproveitarão e serão úteis também aos outros, que gostarão do que os Senhores fazem. A caridade suscita a caridade.

"Cada um se deve aperfeiçoar segundo a sua vocação. Visto que as prescrições para todas as virtudes e perfeições estão incluídas nas suas Constituições e Diretório Espiritual e nos demais escritos de São Fancisco de Sales, não devem temer nada mais do que o desleixo dos mesmos e, por conseguinte, o relaxamento nesta tão necessária exatidão."

É preciso prestar muita atenção a isso, examinar os pontos onde se faltou, anotá-los, confessar-se deles, fazer bons propósitos a respeito. Isso é que forma, o que faz o Oblato surgir. Com isso se pode realizar uma coisa. Observem a Boa Madre, tudo o que ela fez, o deve a esse amor pela Regra, pela observância e pelo Diretório. Sua vida não era outra coisa. Tudo na sua pessoa se concentrou nisso.

Uma outra Regra não produz bem os mesmos efeitos, porque a vida do Oblato, como me dizia ontem um homem muito inteligente, é a vida de família, e a vida que se levava em Nazaré; é a vida mais perfeita, porque é a mais parecida com aquela de Nosso Senhor.

A nossa Regra é chamada a exercer uma influência mais considerável do que as outras, porque é acessível a todos. A prova está dada. Reparem São Francisco de Sales, Santa Joana de Chantal, a Boa Madre, todos os sacerdotes que se aderiram a esse espírito, Fénelon por exemplo, que operou milagres de conversão no Ocidente da França e cujos efeitos perduram até hoje. Olhem o que fez São Francisco de Sales, isso fica. Precisam-se de centenas de anos de revolução para abalar a obra deles. Observem o que a Boa Madre produziu de efeito na vida de tantas pessoas.. É algo durável, porque está bem alicerçado, não pende nem à direita, nem à esquerda, isso permanece. O que os Oblatos fizerem, ficará firme assim. Mas não se deve modificar ou mudar nada. Todo o resto

pode ser bom para os outros, mas para nós não vale nada. Cal é uma coisa muito boa; gesso igualmente é muito bom. Misturem-nos e teraõ um cimento de muito má qualidade..

"Que o Superior de cada casa e todos os irmãos tomem muito cuidado para que não se introduza novidade alguma, eliminando todas as pretensões de fazer menos ou mais do que de costume no Instituto..."

Sejam firmes, meus Amigos; não sejam cata-ventos que giram à primeira rajada. Os Senhores têm a sua orientação, o seu astro: olhem para lá.

Fiquemos humildes ao mesmo tempo, respeitando a opinião de cada um, mas permanecendo o que somos. Não nos deixemos nunca desviar do nosso caminho por aquilo que possamos ouvir dizer ou ver fazer em torno de nós. Em nossos estudos, visemos o mesmo objetivo. Não se deve trabalhar desligado dessas idéias. Que não se introduza tampouco devoções particulares. Entre os Cartuchos não há nada disso e não lhes faz falta. Os Senhores são religiosos; os Senhores dispõem de todas as virtudes e perfeições incluídas no Diretório e nas Constituições. Os Senhores não precisam procurar outra coisa.O que encontrariam fora disso não combinaria com o resto. Minha comparação do cal e do gesso é muito acertada.

"Que o Superior mesmo não mude nem invente nada que seja contrário às determinações escritas, assim como siga e execute fielmente as coisas como marcadas, com a liberdade no entanto que a Constituição lhe permite."

"E sobretudo se requer que os irmãos continuem a manifestar-se ao Superior, com toda a simplicidade e sinceridade, recomendadas pela Constituição e que, por outro lado, os Superiores tenham muito cuidado para conservar essa confiança filial dos irmãos para com eles, por um amor muito cordial e suave, guardando fielmente o segredo deles."

Convém falar sobre o decreto recente no tocante à prestação de contas. Esse decreto foi motivado por abusos deploráveis que surgiram em certas comunidades femininas e também em determinadas comunidades de religiosos, não sendo sacerdotes. Em comunidades de mulheres,- eu conheço exemplos - Superioras faziam com que as suas religio-

sas prestassem as contas de seus pecados, das faltas de sua vida passada. Entre os homens, mestres de noviços, sendo leigos, exigiam uma verdadeira confissão das faltas atuais e das passadas. Era um abuso intolerável e contra o qual era preciso uma reação vigorosa.

A reação foi muito forte, mas não se deve exagerar nada. O decreto proíbe aos Superiores exigir, por persuasão ou à força, contrariamente à vontade dos súditos, uma manifestação de assuntos da consciência, da vida interior e do coração. Os Superiores podem e devem exigir a prestação de contas das obrigações exteriores, das coisas do encargo e do ofício, da observância da Regra; mas não devem ingerir-se autoritariamente em nada do que pertence à consciência e ao íntimo da pessoa.

Isso quanto aos Superiores. No que diz respeito aos súditos, a obrigação estrita que tinham em muitas comunidades de prestar as contas do seu interior não existe mais. Não estão mais obrigados a isso. Mas podem ainda fazê-lo. O terceiro artigo do decreto lhes dá ainda expressamente a licença; e se o fizerem simples e docilmente, aproveitarão um imenso benefício.

A gente sempre está totalmente livre para abrir a consciência a quem se quiser, para fazer um ato de humildade, para pedir conselho, para fazer-se conhecer. Bayard, em agonia, confessou-se bem ao seu estribeiro. Quem o reprovará? E quem, ao contrário, não admiraria a fé e a humildade dele?

Essa abertura de consciência, quando bem feita, pode ocasionar vantagens inauditas. Convém, portanto, facilitá-la sabia e discretamente, mas não fazer dela uma lei, porque esta a Igreja formalmente proibiu. Mas aqui também não se deve ir mais longe do que a própria Igreja e proibir ou reprovar o que ela permite formalmente. Há uma opinião contra a qual eu reclamo com toda a força e que surgiu depois do decreto, em certos lugares, na Alemanha por exemplo, conforme informações de uma carta que recebi ontem, a saber que não seria mais permitido abrir a consciência aos Superiores, ou pelo menos que seria melhor e mais conforme o espírito da Igreja não abri-la para eles. Dever-se-ia guardar para si os pecados, as dúvidas, as tentações, contando-os unicamente ao confessor: isso condiria melhor com o espírito do decreto.

Não! Essa opinião está totalmente errada. Já se chegou com essa mentalidade extrema a resultados exorbitantes. Jovens sacerdotes, sem experiência nem juízo, se fizeram diretores absolutos de comunidades, de mosteiros da Visitação: os Superiores, as tradições, os escritos sagrados não valem mais nada; o jovem sacerdote é que, de repente, se tornou o único depositário do espírito de São Francisco de Sales, de tudo que diz respeito à formação, à vocação dos noviços e à direção de uma comunidade. Vejam só qualquer vigariozinho dizer: Cabe a mim dirigir tudo isso! Não, a função do sacerdote, do capelão, do próprio Superior não consiste nisso. Resume-se em escutar os pecados, em amparar nas tentações, em dar bons conselhos, sempre conforme o espírito do Instituto e não segundo o espírito próprio; o ministério constitui-se por dar a absolvição ou por retê-la se isso for necessário; tem por base dar conselhos que se julgar úteis, ajudar a comunidade e a Superiora a avançar corretamente no caminho do espírito, das Regras e Constituições da Congregação. Mas não consiste absolutamente e não consistirá nunca em seguir apenas a idéia própria e fazer os outros seguirem o julgamento e o capricho da gente. Há necessidade de uma grande união dos corações e das vontades na vida religiosa, sobretudo tratando-se do espírito de São Francisco de Sales. A vida religiosa não existiria, se o seu resultados fosse uma simples aglomeração de indivíduos justapostos. Não, eu acho muito a propósito que os religiosos e religiosas tenham o coração aberto diante dos seus Superiores e que os confessores, com toda a discrição e prudência, facilitem essa franqueza para com a autoridade. Atrair para si a confiança dos súditos e desviá-la dos Superiores é um roubo manifesto.

Eu desejo muito que o que acabo de dizer, forme e fique a direção do Instituto. O decreto diz simplesmente que os Superiores não devem mais exigir a manifestação dos assuntos da consciência, dos pecados, das tentações, das dúvidas, etc... mas deixa ao súdito a possibilidade de fazê-lo. E eu acrescento que se o súdito é um bom religioso, ele o fará e se abrirá. Essa é a minha opinião, eu acho que me é permitido dá-la. Se, apesar das resistências que ele pode experimentar, ele manifesta a sua consciência, eu digo que ele faz um ato muito perfeito e muito meritório e que recebe as graças da prestação de contas, que nunca teria de outra forma.

O decreto veio confirmar o que a Boa Madre Maria de Sales

praticava toda a sua vida. Nunca ela exigiu a prestação de contas de nenhuma Irmã, uma vez que se tratava da mínima coisa da consciência; mas também ela compreendia e fazia compreender todas as vantagens que a pessoa humilde e dócil aproveitava da prestação de contas.

O que eu lhes disse sobre o decreto e a prestação de contas se refere às Congregações que nos podem chamar a prestar serviço, pois o decreto se aplica somente aos Institutos onde não há sacerdotes. Não se refere a nós, portanto. Quanto a nós, basta observarmos as nossas Constituições que aconselham insistentemente esse ponto da vida religiosa, enquanto fazendo constar que é para nós facultativo e de modo algum obrigatório. Mas nós, tampouco, não teremos as graças da prestação de contas, se não a praticarmos.

A conclusão de tudo isso é que, em primeiro lugar, é preciso dedicar-se à observância pontual da Regra; de outro lado, é necessário ser simples e desinteressados nas relaçoes com o próximo. Dêem sempre conselhos que só visem o maior bem espiritual. Não reservemos nada para nós. Não atraiamos nada para nós. O Padre Lejeune dizia numa palestra de retiro sacerdotal: Não sejam moageiros! Acusam-se os moleiros de reter ordinariamente uma parte do que lhes foi confiado. Não retenhamos nada. Façamos voltar o grão,a farinha e o farelo a quem pertencem.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 23 DE NOVEMBRO DE 1892

ENSINAMENTOS SUMAMENTE ÚTEIS

"Este conselho é de tão grande importância para conservar o espírito do Instituto com perfeição que, sendo desatendido, esse espírito da Congregação estará ausente, enquanto, sendo observado, enriquecerá o paraíso de almas."

Eu não volto a falar sobre o que já disse referente à prestação de contas. Repito somente, com o nosso Santo Fundador, que é um

meio excelente para avançar na perfeição. Entre homens, todavia, essa prestação não precisa ser tão detalhada e tão desenvolvida como entre mulheres. Que eles falem simplesmente e em poucas palavras sobre a disposição de sua consciência, as suas inclinações, as suas dificuldades e suas falhas; e alguns conselhos serão suficientes para repô-los e mantê-los no bom caminho.

Quanto ao noviciado, a prestação de contas é ainda muito mais útil. O diretor espiritual praticamente não pode formar espíritos sem conhecer a disposição interior. A gente não é somente noviço por estar num noviciado, mas para realizar alguma coisa no noviciado. Sem isso é somente uma permanência mais ou menos prolongada, insignificante e muitas vezes até prejudicial. É imprescindível que o noviço esteja perfeitamente decidido a fazer o que dele se pede, a aceitar a formação. Que ele se preste a isso como uma massa mole que se deixa formar.

Cada um tem sua mentalidade particular que pode ser uma coisa muito boa, um recurso precioso, uma potência; mas é preciso que todas as diversidades se transformem em unidade, convirjam a um mesmo centro. Eis o trabalho da formação.

Não pensemos, no entanto, que essa obra de formação acarrete a destruição do nosso modo de agir, das nossas faculdades, dos recursos naturais que Deus colocou à nossa disposição. O noviciado não deve ser uma deformação do indivíduo. Certos espíritos austeros, tristonhos, se imaginam que, para ser santos, a gente deve desfazer-se da sua maneira de ser, dos seus pensamentos, da sua capacidade de julgar. Sem dúvida, há uma quantidade de reformas a realizar; mas as faculdades naturais, mas a inteligência e o nosso caráter são necessários. É imprescindível que fiquemos nós mesmos. Cada um deve contribuir com sua inteligência e as suas qualidades; cabe ao prudente diretor, ao Mestre de noviços, conhecer e discernir a atração interior e o estado de cada um dos seus filhos em particular, para conduzi-los a todos segundo o agrado de Deus.

Isso me traz à memória uma pequena história. O bom pároco de Anglure - falecido há muito tempo - tinha estudado a fundo Santa Teresa. Certo dia, ele achava que essa santa tinha personalidade demais. E reunindo todos os seus coirmãos numa conferência, ele lhes apresenta o seu trabalho longo e minucioso, querendo persuadi-los de que o Papa não

tivera razão ao canonizar uma santa que tinha tanto espírito natural; o bom homem estava escandalizado por causa disso. Não concluamos com este bom pároco que as faculdades do espírito sejam um estorvo nas coisas do Bom Deus e permitamos aos próprios santos que tenham dons de um espírito vivo e rápido.

Deus nos dotou a todos com dádivas e, ao nascer, trouxemos também uma porção de defeitos. O Mestre de noviços deve aplicar-se a desenvolver e aproveitar as qualidades e a corrigir as deficiências. As nossas qualidades pessoais representam o talento que recebemos (cf. Mt 25,15), é o nosso dote, o nosso patrimônio; é uma coisa positiva; é um dom que devemos fazer produzir frutos sob a direção da obediência. Os defeitos, pelo contrário, são uma coisa negativa. A formação do noviciado deve, portanto, consistir principalmente na orientação das nossas qualidades para um mesmo centro. E a prestação de contas é o grande meio.

"Os Oblatos devem, continuamente, aspirar à verdadeira e sincera humildade de coração."

Essa é uma doutrina que devemos pôr em prática. Não é uma baixeza, mas uma honra, essa humildade. Ela consiste em reconhecer que todos os bens nos são dados só por Deus. Se ele nos deu algumas prendas naturais, sejamos agradecidos, façamos com que frutifiquem, como eu disse, isso será uma coisa muito boa; mas orgulhar-se, comprazer-se seria algo deslocado. Sejamos, pelo contrário, simples de coração e despretenciosos nas maneiras, considerando-nos sempre comprometidos. Nada agrada mais a Deus e aos homens. Mas o que é o mais difícil, não é tanto ser humilde quanto aceitar a humilhação e sentir-se desprezado. **"E quando a gente os considerar como tais** (i. é pequenos e insignificantes) **e os desprezar, que eles acolham esse menosprezo como uma coisa muito apropriada para a sua pequenez e uma prova preciosa do amor de Deus para com eles..."** Quando esses pequenos incômodos, quando esses desprezos nos sobrevierem, façamos uma boa reta intenção para acolher isso de bom grado. Esses são atos sumamente meritórios, e a maneira de os aceitarmos pode ser considerada o termômetro da virtude.

Quando alguma coisa for contrária à nossa vontade, admitamo-la com base na Constituição e executemo-la com simplicidade.

A simplicidade dá um lindo matiz à vida religiosa. Evoquemos

as nossas lembranças. Os sacerdotes, os confessores, os missionários que estimamos e dos quais guardamos a melhor recordação - estou certo disso - sobressaíram-se pela simplicidade. Esta ganha a confiança. Os Oblatos devem ser bons profissionais dessa virtude.

Prefiro a simplicidade à humildade. Sejamos humildes interiormente e no fundo do coração; mas exteriormente, antes de mais nada sejamos simples. No mundo, quase não se entende a humildade, e a prática exterior é difícil. A simplicidade é mais compreensível. Mas, repito, essa simplicidade supõe a humildade interior. Humilhemo-nos na hora da Santa Missa, na meditação, todas as vezes que pudermos. Para isso, a lembrança dos nossos pecados, de nossos vícios do passado ou presente é um meio poderoso de nos abaixar diante de Deus e uma prática muito recomendável. Observemos atentamente o que somos, o que fizemos, os nossos embaraços, as nossas misérias, a nossa indignidade e apresentemos o coração diante de Deus, humilhando-nos profundamente por tudo isso. Façamos, de vez em quando, a nossa meditação sobre as nossas faltas, para reconhecer o que somos e qual é a nossa fraqueza. Será um meio poderoso para levar o coração à verdade e à compunção. Essas lições de humildade que damos a nós mesmos ocasionam uma grande paz espiritual. Se Deus nos proporciona a graça de reconhecer lealmente diante dele o que somos, ele não recusará a graça para remediá-lo.

"Que eles sempre se empenhem zelosamente por não se desculpar, não somente na ocasião de advertências, mas também com relação a falhas leves."

Reconheçamos que, se cometemos pequenas faltas, faríamos também grandes sem a graça de Deus.

"Se acontecer que alguém diz a um outro palavras ríspidas ou apenas contrárias à humildade, deve, sem demora, pedir-lhe perdão; o outro Irmão fará o mesmo, usando de algum gesto cordial com o primeiro."

Eu recomendo realizarem essa prática com muita franqueza, estando sozinhos, num lugar isolado ou numa reunião onde há só religiosos. Não podendo fazer logo essa reparação, deve-se esperar o primeiro momento favorável, ou pelo menos usar de algum gesto cordial como para pedir desculpa.

Termino com esta recomendação. Que o cunho da Congregação seja uma grande simplicidade, uma grande retidão, algo muito despretencioso e, ao mesmo tempo, ajuizado, em nossas relações com toda a gente. O que nos facilitará isso é a humildade diante de Deus e perante nós mesmos e faremos sentir entre nós esta ponderação, esta calma que mostra que Deus está presente.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 30 DE NOVEMBRO DE 1892

ENSINAMENTOS SUMAMENTE ÚTEIS

"Os Oblatos devem manifestar muito carinho diante da prática do princípio que é de um valor inestimável: Não pedir nada, não recusar nada!"

É por esse meio que São Francisco de Sales se santificou: Não pedir nada, não recusar nada; isso exige já uma certa perfeição, pois para isso é preciso entregar-se completamente à Vontade de Deus, permanecer totalmente rendido às mãos de sua Providência.

No entanto, é evidente que, se alguém está doente, se precisa de alguma coisa ou se pode esperar dela um alívio considerável, não somente se pode pedir ao Superior ou a quem de direito, mas às vezes é um dever fazê-lo. Por exemplo, dão-lhe um encargo, um serviço; aceitem-no da mão de Deus. Se, no entanto, o Senhor reconhece, está convencido de sua incapacidade absoluta de cumpri-lo bem, diga-o simples e francamente. Mas depois, entregue isso simplesmente à obediência. O Senhor terá feito a sua obrigação, o resto não será mais de sua conta. O Senhor fará todo o empenho e não terá nada a repreender-se.

Este ensinamento é de um valor inestimável. De fato, renunciar à vontade própria é muitas vezes mais difícil do que jejuar na base de pão e água. Freqüentemente, na hora da Missa, convém fazer essas renúncias de si mesmo, da vontade própria. É isso, aliás, que deve ser

o objetivo dos nossos trabalhos. A santidade de todos os santos acaba sempre nisso. São Francisco de Assis, São Bruno, São Domingo, Santo Inácio, por caminhos diferentes, chegaram a isso e procuravam conduzir os seus religiosos ao mesmo. Os meios, sem dúvida, diferem, mas o fim, o resultado é igual.

São Francisco de Sales nos conduz a essa meta por um caminho muito curto. Empenhem-se por submeter em toda a ocasião a sua vontade à de Deus e terão alcançado o objetivo bem mais fácil e mais rapidamente do que por longas orações, por jejuns e austeridades. Não nos resta dúvida alguma sobre a segurança da doutrina de São Francisco de Sales e da Boa Madre; Roma confirmou muitas vezes a verdade desses ensinamentos.

Que essa doutrina seja a base de nossa vida espiritual. Essa disposição nos vivifica todos os atos e os torna meritórios para a vida eterna. Demos-lhe uma grande importância e ocupemo-nos com ela durante a meditação de manhã. Muitas vezes não sabemos o que dizer a Deus, pensemos então em nosso dia, oferecemos a Deus tudo o que prevemos que há de nos acontecer, tudo o que teremos para fazer, dizendo: "Meu Deus, eu vo-lo ofereço agora, pois talvez não me lembre na hora."

Falando sobre isso, eu lhes recomendo calorosamente também esta prática de São Francisco de Sales de rezar a Missa com Nosso Senhor. Digamos-lhe que momentaneamente lhe somos ministros, coração, braços, que é por nós que ele age e que em vista disso ele nos comunique a sua graça, nos supra as imperfeições e fraquezas, que nos perdoe as pequenas faltas nas cerimônias e a indignidade; eu lhes asseguro: seremos valiosamente ajudados, grandemente sustentados. Experimentaremos que não estamos entregues a nós mesmos e sozinhos. É um meio eficaz de conservar em nós o pensamento em Deus e de nos alcançar a união com ele.

"Isso nutrirá neles a paz e a tranqüilidade de coração, que tantas vezes lhes foi recomendada."

Sim, isso nos sustentará a tranqüilidade do coração e a paz espiritual. Estamos seguros de nosso caminho, certos de que somos filhos de Deus, escolhidos por ele e de que lhe agrada o que dessa forma realizamos. Avancemos assim, portanto, "in odorem suavitatis" (Lv 1,9)

(com odor agradável ao Senhor). Estaremos animados em meio às dificuldades.

Não devemos nunca queixar-nos. A esse respeito, em relação ao que disse T... na sua carta "que ele não gostava do modo de governar das mulheres", quero preveni-los contra um perigo de outra maneira dos mais sérios. Não receemos tanto ser governados por mulheres do que termos nós mesmos modos femininos. Sejamos homens. Não vamos com relação a tudo, à ordenação, à transferência, a mil pequenos detalhes, criar enredos, como fazem algumas mulheres. É humilhante para um homem. Tenhamos um coração mais generoso. Guardemos a nossa dignidade. A gente se abaixa por esses assuntinhos, essas bagatelas. Que se diga o que convém, o que é necessário. Que a gente entre mesmo nos pormenores a nível pessoal com o Superior ou com o seu Mestre de noviços; mas - permitam-me esta palavra - que não se aborde com cada um os detalhes da cozinha. Mais uma vez, antes obedecer a uma mulher do que ser uma mulher. Em nossa relações uns com os outros, evitemos atentamente os pequenos falatórios, as histórias por ninharias. Um pouco de "sursum" (ao alto)! Essa maneira de fazer desacredita e tira muito da característica do religioso.

Podemos ter força de caráter sem ter vigor de saúde. Um não é inseparável do outro. E, de resto, quando temos pequenas histórias a comentar, é a custa de coisas sérias. Não se pode dizer tudo indistintamente. Livremo-nos, portanto, do inútil para deixar lugar ao necessário. Não se pode fazer tudo ao mesmo tempo.

"Num caso especial de reconhecida calamidade pública ou particular, o Superior pode fazer realizar orações, penitências e outros exercícios, sempre consultando seus conselheiros."

Podem surgir circunstâncias particulares na comunidade para as quais o Superior pode mandar fazer penitência ou observar jejum. Mas não deve fazer isso sem pedir conselho, sem consultar o parecer e a opinião da comunidade. Ele não deve sobrecarregar os irmãos, impondo exercícios que não seriam do agrado da maioria da comunidade.

Eu termino com esta dupla recomendação que é o resumo de tudo o que eu lhes disse: Mantenhamo-nos unidos a Deus, aceitando tudo o que nos provém da obediência; e fiquemos, nas relações uns com os outros, nos limites importantes da conveniência, evitando mesquinhez e lamen-

tos.

* * * * *

O Padre Deshairs se encontra em Roma, foi levar o processo de não-culto à Boa Madre Maria de Sales. Ele me escreve que se vê obrigado, muitas vezes, a praticar a paciência religiosa. Por vezes tem que esperar duas horas à porta dos escritórios antes de ser recebido e voltar por nada. Ele está muito cansado dessa vida. Mas toda a gente que ele encontra está em favor e é simpatizante com a Causa da Boa Madre. Tenhamos, pois, a mais completa confiança num desfecho feliz.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

CAPÍTULO DO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 1892

O DIRETÓRIO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS EXTERIORES

Chegamos ao fim do comentário sobre o Diretório, que é denominado: Diretório espiritual para os atos interiores. Creio que é bom acrescentar um capítulo para o Diretório exterior. De fato, não basta praticar com perfeição o Diretório interior; importa também que essa perfeição se manifeste exteriormente. São Francisco de Sales diz que os religiosos devem fazer tudo apaixonadamente bem. Devemos, portanto, acrescentar esse toque a todas as nossas ações. Essa é uma grande e importante orientação. Essa maneira de agir não somente trará vantagens para o bem comum da comunidade, mas apresentará proveitos muito grandes também para cada um de nós em particular.

Nada cria tanto apego ao que se faz, quanto fazendo-o com capricho. O que gostamos de fazer, fazemo-lo bem; e a prova de que gostamos muito daquilo que fazemos é exatamente o fato de fazê-lo bem feito.

Gostemos, pois, de executar bem o que a obediência nos prescreve; tenhamos o cuidado de realizá-lo com carinho, toda a atenção e boa vontade e não somente empregaremos os meios naturais, recebidos da

Providência, mas dessa forma agregaremos os meios da graça. Esta agirá com tanto maior intensidade quanto mais fiéis formos em trabalhar nesse sentido.

De fato, a graça acrescenta muito às faculdades naturais. As crianças que receberam e conservaram a graça batismal têm uma inteligência mais esperta; aprendem melhor, compreendem mais facilmente. Pode-se notar quanto a inteligência decresce entre populações onde o Batismo é negligenciado. Sem dúvida, Deus recompensa sempre o trabalho, qualquer que seja, pois o trabalho em si é uma coisa boa, mesmo entre os malvados: Pater meus usque modo operatur, et ego operor (Jo 5,17) (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também). O trabalho atrai sempre favores materiais. Mas quando com essa força, que o trabalho possui em si, vem se juntar a graça de Deus, tudo se torna melhor e mais fácil; e pode-se dizer que, entre igualmente dotados de inteligência, os que receberam a graça do Batismo e a aproveitam chegam a resultados consideravelmente superiores.

Haverá uma graça ligada ao serviço que nos é indicado pela obediência, se soubermos fazer empenho de todo o coração, determinação e fervor. Sem dúvida alguma, as nossas forças serão aumentadas; às energias naturais acrescentar-se-á o vigor do alto, e nos sairemos muito melhor. Por isso é que o religioso, sendo bom religioso, é tão facilmente bem-sucedido em toda a parte.

Não importa qual o serviço que tivermos, apliquemo-nos, pois, a fazê-lo bem feito. Isso nos proporcionará uma existência feliz e tranqüila, conservar-nos-á não somente a vida sobrenatural, mas também favorecerá a vida intelectual e natural. Demos as nossas aulas com toda a perfeição possível; é a única maneira de dá-las bem. A medida do amor que aplicaremos a elas será a proporção do nosso êxito junto aos alunos. Tomando pouco a peito a nossa atividade no meio deles, pouco se interessarão por nos escutar e pouco de nós aproveitarão. Empenhando-nos de todo o coração, eles receberão muito. Demos, portanto, muita atenção para que tudo seja bem dito e bem feito. Que cada detalhe do nosso ensino, que todo o exercício do nosso ofício seja bem preparado; que seja aprontado com todo o capricho de que formos capazes. O Senhor tem uma vigilância para atender? Que esta não seja somente material; ocupem-se dos seus protegidos, ponham-nos sob o cuidado de Deus, reco-

mendem-nos aos respectivos anjos da guarda e Deus e os anjos ajudarão aos Senhores. Façamos bem todas essas coisas segundo a Vontade de Deus, conforme a vontade do Superior e de acordo com a orientação da Santa Igreja. Esta deseja que haja santos religiosos para educar e formar jovens perfeitamente cristãos.

Ajam da mesma forma, tendo uma incumbência material, um encargo no economato, etc. Um religioso que realiza apaixonadamente bem as tarefas indicadas pela obediência recebe graças muito grandes do Bom Deus. Além dos favores gerais, ele alcança outros particulares.

Isso se fazia sentir muito particularmente, quando o mundo era amplamente cristão, quando os conventos povoavam a cristandade. Deus abençoava os trabalhos dos seus religiosos e dos seus filhos; tudo estava impregnado de sua inspiração. Lembrem-se como nas antigas abadias tudo estava marcado com o cunho de santidade, desse espírito de Deus que não se encontra mais em outro lugar na mesma proporção. Também quanto à arquitetura; o que se fazia naquele tempo supera longe o que se experimenta agora. Comparem a catedral de Troyes com uma semelhante de estilo gótico moderno, a Santa Clotilde por exemplo; não se encontra mais essa característica de religiosidade e gênio que os operários cristãos deixaram gravados. Os gregos tinham o senso do belo; as suas colunas, os seus templos possuíam uma formosura característica que os próprios romanos não conseguiram imitar; eles se encontram longe do sentimento religioso, da impressão profunda que o aspecto dos nossos monumentos da Idade Média suscita na alma.

Volto ao meu assunto. É, portanto, um dever para todo o religioso trabalhar de todo o coração no que tem que fazer, realizando-o apaixonadamente bem; é o únco e infalível meio de ser bem-sucedido.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

O ADVENTO E A EXTENSÃO DO REINO

Estamos no tempo do Advento. É a época de preparar-nos à vinda do Salvador; é hora também de nos instruir sobre muitas coisas. O Advento tem sempre aumentado ao se desenrolar, enquanto explicitando mais os seus ensinamentos, desde a revelação de Adão até o canto dos anjos junto ao berço do Salvador. A luz trazida pelo Verbo, mesmo antes da sua chegada no mundo, tem sempre se ampliado e irá constantemente progredindo até o fim do mundo. Observem como, em certas ocasiões, a doutrina se consolida, se desenvolve, com os decretos dos Concílios e dos Sumos Pontífices. O dogma se estende; é mais amplamente conhecido; os missionários o levam a todos os confins da terra. Os Institutos religiosos também receberam a missão de salvar o mundo; eles próprios são, de algum modo, uma extensão real do Verbo de Deus; é a palavra de Deus que eles semeiam, donec perficiatur Christus (cf. Gl 4,19) (até que Cristo seja formado); é como o aperfeiçoamento de Jesus Cristo, o pleno acabamento da sua obra. Cada Ordem religiosa veio, a seu tempo, aperfeiçoar manifestamente a obra de Deus. Também os Oblatos têm a sua tarefa. A Boa Madre dizia muitas vezes que estes eram fundados para manifestar, para estender a aplicação dos méritos de Jesus Cristo entre as pessoas, para que o Bom Deus seja melhor compreendido e mais amado. Não somos religiosos para nós mesmos, mas para a Santa Igreja, para evidenciar mais a ação do Salvador, a sua luz, as suas graças. A Boa Madre dizia que o Salvador queria ainda patentear a sua caridade ao mundo, sob aspectos novos, mais extensos. Ele é o Salvador do mundo e quer sê-lo cada vez mais; ele quer mostrar mais intimamente ainda as graças da Redenção. Ele quer servir-se de nós para essa obra. É preciso, portanto, que nos santifiquemos, que nos aperfeiçoemos para alcançar o objetivo que nos é proposto: aplicar Nosso Senhor às almas que nos estão confiadas, de um modo bem mais amplo e mais íntimo.

Olhem as Regras das primeiras Ordens religiosas; eram muito mais gerais, as prescrições eram bem menos definidas; não se referiam a não ser, por assim dizer, aos pontos mais grosseiros, aos deveres es-

senciais, às grandes linhas. O resto é deixado à iniciativa particular. Comparem, depois, as Regras dos Padres Jesuítas, observem a nossa; são evidentemente mais completas. Cabe a nós agora observá-las, é uma missão sumamente séria para nós. Temos por obrigação fazer conhecer mais a Nosso Senhor, introduzi-lo mais na vida íntima de cada pessoa, na vida familiar e, mais tarde, se o Bom Deus o permitir, na sociedade. É uma aplicação dos méritos de Jesus Cristo, manifestamente mais vasta e nova. É preciso que tenhamos claramente noção da dignidade e da grandeza da nossa missão; é mister que respeitemos profundamente as nossas mínimas observâncias. Moisés (sic!) dizia aos sacerdotes: Mundamini qui fertis vasa Domini (Is 52,11) (Purificai-vos, vós que levais os vasos do Senhor); com mais razão ainda, nós devemos ser puros e fiéis, nós que não só tocamos os vasos e os utensílios sagrados ou o tabernáculo do Senhor, mas que devemos levar, dar e comunicar o próprio Nosso Senhor aos outros. Nós participamos assim como instrumentos atuantes na economia da Salvação. É a tal ponto verdade que - reparem - a cada momento o Evangelho, Nosso Senhor falam da vinda futura do Reino de Deus: Adveniat Regnum tuum (Mt 6,10) (Venha o vosso Reino). Ele deve chegar, então, de forma mais completa do que está atualmente; há de manifestar-se mais amplamente, por novos meios, por novas graças. É isso a que os Senhores são chamados neste momento; é essa a nossa incumbência.

Vejam também como tudo concorre para nos afirmar a missão. Apesar de todas as dificuldades que se podia sofrer, em Roma, para captar e interpretar claramente as idéias da Boa Madre, apesar do seu emprego de expressões um pouco fortes, nas quais não há grande arte literária, onde a palavra usada, às vezes, dificilmente expressava o pensamento - e a Boa Madre se lamentava freqüentemente por não achar uma expressão bastante exata para refletir a sua idéia -, apesar da pouca instrução da Boa Madre e a falta de estudos suficientes para que se pudesse dar conta adequadamente do sentido preciso das palavras, apesar de tudo isso, eis que Roma aceita as suas cartas e as aprova. Eu retomo muitas vezes os mesmos assuntos, meus Amigos, más é que são coisas boas, coisas fundamentais. A palavra que me dizia o secretário da Propaganda é bem verdade: "Vós não tendes idéia daquilo que a Madre Maria de Sales suscitará no mundo, não podeis imaginá-lo..." Sim, meus Amigos, será um grande avanço feito no "Adveniat Regnum tuum" (id.).

Apeguem-se estreitamente, então, a esse espírito em tudo o que fizerem, na sua conduta particular, na direção espiritual, na pregação, no ensino. É a nossa base e o nosso ponto de apoio. Desse modo, tudo o que dissermos, tudo o que fizermos, contribuirá a fazer chegar o Reino de Deus em nós e nos outros.

O tempo de Advento é a época de grandes graças, de grandes luzes. Era sempre um tempo muito apreciado para mim, por causa daquilo que a Boa Madre me comunicava então; eu compreendia melhor e via mais claramente o que ela era. Todo o tempo de Advento se passava na espera da vinda iminente do Salvador, na preparação do advento do seu Reino. O Natal era preparada para si e para aqueles que se aproximavam dela.

Tenham muita veneração por essa extensão do Reino de Deus nas pessoas, que consiste menos em palavras do que em atos pessoais; é bem isso a doutrina da Santa Igreja: donec formetur Christus in vobis (Gl 4,19) (até que Cristo seja formado em vós). É a obra que temos que realizar em nós e em outras pessoas: incutir a imagem e a semelhança de Nosso Senhor.

Peçam insistentemente essa luz do Bom Deus, durante o tempo de Advento, peçam-na durante as suas Missas, nas Comunhões, nas suas orações: Adveniat Regnum tuum (id.). Que possamos servir à extensão do Reino de Deus à medida de que Deus no-lo pedir. A Boa Madre me repetia muitas vezes: Esse caminho está feito para conduzir muitas pessoas, de um modo muito seguro e muito prático, a grandes graças do Salvador, à verdadeira felicidade. Assim é que o Salvador será glorificado. Ela me dizia coisas maravilhosas a respeito e sobre as comunicações íntimas entre o Pai e o Filho, referentes a essas graças. Quando essas são difundidas no coração dos homens, há como um eco em Deus, repercussão de amor e de alegria. A nossa fidelidade ao seguir o caminho, resultado da chamada íntima e da graça de Deus, suscita, então, também outros efeitos bem admiráveis, tanto em nós quanto nas almas e no coração do próprio Deus. Se o Bom Deus lhes der a luz para meditar esses grandes pensamentos, alimentem-se dos mesmos; representam panem supersubstantialem (um pão muito nutritivo).

Peçam à Boa Madre que lhes proporcione muitos desses Adventos, como aqueles que Deus fazia ela passar.

CAPÍTULO DO DIA 21 DE DEZEMBRO DE 1892

A NOSSA IDENTIFICAÇÃO COM CRISTO

Domingo próximo celebraremos a festa do Natal, e convém preparar-nos nestes dias. Que esta preparação seja assumida com muita seriedade, para que possamos participar das graças da vinda de Nosso Senhor. No tratado da Encarnação há muitos traçados. São Francisco de Sales aproveitou desse tratado um pensamento, muito de acordo com a doutrina da Igreja, ao qual ele volta com uma complacência notável. A chegada de Nosso Senhor sobre a terra, sua Encarnação, é a participação da natureza humana, é Deus conosco, é Deus feito um dos nossos irmãos, um de nós. São Francisco de Sales desenvolve muito esse pensamento consolador, que lhe ocasionou muitas considerações encantadoras, sobretudo no seu Tratado do Amor de Deus. Ele elabora especialmente este pensamento que Nosso Senhor, encarnando-se, fazendo-se homem, quis, sem dúvida, resgatar o mundo, mas quis sobretudo assumir a natureza humana, elevando-nos a Deus. Quis ser o meio-termo entre Deus e nós. Ele quis dar à natureza humana algo de divino. É a humanidade toda elevada até Deus, divinizada de alguma forma, a humanidade vivificada e divinizada pela graça, pelas virtudes sobrenaturais e assim cumprindo totalmente a Vontade de Deus.

O Cardeal Bellarmin escreveu um volumoso tratado in-fólio sobre essa idéia que Deus, fazendo-se homem, santificou a pessoa humana, tornou a natureza humana capaz de elevar-se até ele. Ego dixi: dii estis et filii Excelsi omnes. (S 81,6) (Eu disse, sois todos filhos do Altíssimo). Há uma distância infinita entre Deus e nós; mas em conseqüência da Encarnação, em virtude das graças de santificação e de perfeição, que são resultado disso e que se tornam algo próprio nosso, esse espaço é suprimido. Nós devemos retraçar a semelhança divina em nós, reproduzindo o nosso divino Modelo. Nós, religiosos, especialmente devemos realizar isso; é o ponto de partida e a finalidade da nossa vocação religiosa; e nós, Oblatos de São Francisco de Sales, de modo particular: "Através dos Oblatos, Deus quer realizar isso," dizia a Boa Madre, "eles terão o dom divinal de aproximar as pessoas dele." A nossa

vida inteira, portanto, deve ser uma vida divina; tudo em nós deve ser santificado e, por assim dizer, divinizado. É o âmago do mistério deste dia de Natal; é a sua aplicação real e teológica à humanidade. Tratemo-nos, pois, uns aos outros com respeito e deferência afetuosa; cada um de nós deve levar Nosso Senhor consigo; temos que respeitar-nos mutuamente como membros de Nosso Senhor, como outros Jesus Cristo. Devemos fazer com que este viva em nós. A ele devemos reproduzir em nós e em tudo ao redor de nós, dentro do raio da nossa atividade. Essa doutrina é a de São Paulo: Ego vivo, jam non ego, vivit vero in me Christus (Gl 2,20) (Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim); é a doutrina dos Apóstolos e dos Santos Padres; é o grande exemplo e a grande lição que o nosso Santo Fundador nos deu nestes últimos tempos, e também, num grau elevado de perfeição, a Boa Madre Maria de Sales. A Redenção de Nosso Senhor, sem dúvida alguma, é exatamente o resgate da humanidade pecadora, mas também o soerguimento para Deus da humanidade decaída: Instaurare omnia in Christo (Ef 1,10) (reunir em Cristo todas as coisas). Não é somente uma doutrina, é uma coisa para fazer, é uma orientação da vida, é reproduzir Nosso Senhor, não somente pelo pensamento, pelo sentimento, mas realmente nos atos da vida. Pelo Batismo e pela graça da Redenção que ele nos confere, nós somos feitos outros Jesus Cristo, somos, de certa forma, osso dos ossos, os ex ossibus (cf. Gn 2,23). Vejam como somos identificados com ele pela Santa Comunhão, meio e símbolo dessa união tão íntima que nos deve constituir outros ele próprio.

A festa do Natal acarreta essa graça, a graça de compreender essa doutrina, de apreciá-la e de ter em si a força e a coragem de nos consagrar a esse pensamento, a essa doutrina e realizá-la em nossos atos e de fazer com que aconteça, em âmbito maior, pelos outros.

Efetuemo-la em nossa vida interior e particular, não somente consagrando o coração, o nosso amor a Nosso Senhor mas que o nosso corpo, a nossa própria aparência tenha o mesmo estilo e renda homenagem a Deus; imitemos Nosso Senhor, vivendo a sua vida humana, ao praticar a Vontade divina; conformemos a nossa existência corporal à dele. Então entenderemos e executaremos o canto dos anjos junto ao berço do Salvador: Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis (Lc 2,14) (Glória a Deus no mais alto dos céus e na terra paz aos homens a quem Deus quer bem). A nossa vontade, sendo permanentemente boa

e constantemente perfeita, não quererá outra coisa senão o que Deus quiser, como fazia Nosso Senhor, quando vivendo na terra; e nós teremos paz no coração, enquanto Deus será glorificado.

Peçamos com fervor à Boa Madre que nos alcance a compreensão e o carinho por essas coisas que formaram toda a sua vida. Encontra-se poucas pessoas que tanto amavam a Nosso Senhor, que se esforçavam com tanto amor por reproduzir a vida e a doutrina dele, a sua existência temporal e terrestre, seu modos vivendi (modo de viver). Peçamos a graça de andar nesse caminho, e que esta seja a graça da festa de Natal: o aumento da nossa fé, da nossa delicadeza para com Deus, o acréscimo do nosso amor por ele.

Finalizando, volto a esse pensamento do nosso Santo Fundador e do Cardeal Bellarmin, que quanto mais nos empenhamos por reproduzir Nosso Senhor espiritual e corporalmente em todo o nosso ser, e quanto mais lhe pertencemos, tanto mais fazemos parte de sua família. A humanidade do Salvador torna-se a nossa; ele é nosso irmão; o mesmo sangue corre em nossas veias: Sanguis Christi in venas meas. Por isso, a Santa Igreja tem tanto cuidado e respeito por nosso corpo. Lembrem as cerimônias do Batismo de crianças; recordem aquelas que acompanham e santificam a celebração do Matrimônio; olhem com que respeito ela rodeia os defuntos e reparem sua veneração pelas relíquias dos santos. Observem atentamente a doutrina que se evidencia em tudo isso, a saber, que é um fato muito real que pela Encarnação o Filho de Deus, por unir-se à humanidade, nos tornou membros da família de Deus; somos do seu sangue, da sua raça. Em Nosso Senhor a união é consumada e tão completa quanto o desejaríamos. Repito: essa é a graça da festa de Natal. Aproveitemos a parte que se destina a cada cristão; sirvamo-nos da parte muito especial, à qual temos direito como Oblatos de São Francisco de Sales.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-